UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A bola rolou

O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol
1895 - 1916

Wilson Roberto Gambeta

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, para obtenção do título de doutor em História Social

Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Vinci de Moraes

São Paulo
2013

Resumo

Trata-se de um estudo sobre a constituição dos espetáculos esportivos na cidade de São Paulo, entre o final do século XIX e o início do XX. São investigados os espetáculos relacionados ao turfe, ao ciclismo e, particularmente, ao futebol. A tese examina a passagem histórica dos esportes individualizados, com apostas, para as disputas entre equipes de atletas, baseadas apenas no mérito. Analisa também a importância do estádio como espaço de sociabilidade, com atenção especial sobre o Velódromo Paulista, uma arena para exibições esportivas que existiu no bairro paulistano da Consolação, entre 1895 e 1916. O universo da moderna cultura urbana é relacionado às transformações ocorridas dentro das famílias da elite de origem rural, algumas das quais tiveram atuação destacada na organização dos espetáculos atléticos. O estudo chamou atenção para o papel dos esportes no processo de modernização do estilo de vida urbana. Examinou o aparecimento do clube esportivo como entidade da sociedade civil e a transformação das agremiações atléticas, originalmente constituídas por rapazes, em associações para o congraçamento familiar. As análises apontaram para a função mediadora ocupada pelo clube esportivo entre a esfera privada do lar e as organizações político-partidárias. Ao acompanhar o processo histórico de ressignificações da ética esportiva importada da Europa, o autor observou que o futebol era divulgado no meio urbano paulista como pedagogia social conservadora e os espetáculos assumiram a função de transmitir os valores morais defendidos pela elite. Notou as deficiências das relações entre a educação física escolar e os jogos informais de futebol espalhados pela cidade, bem como as características clientelistas do futebol amador da época. Revelou a emergência do profissionalismo acobertado pela moral do amadorismo. Acompanhou a tumultuada constituição dos órgãos federativos em âmbito regional e nacional, mostrou que a partir da segunda década do século XX os espetáculos de futebol ganharam grande importância nas relações políticas nacionais e na diplomacia entre os países do Cone Sul.

Palavras-chaves: espetáculos esportivos – futebol em São Paulo – famílias de elite – história do esporte – amadorismo e profissionalismo

Abstract

This is a study on the incorporation of sporting events in the city of São Paulo between the end of the 19th and the beginning of the 20th century. Performances related to turf, cycling, and particularly to soccer are reviewed. The dissertation analyzes the historical transition of the individual sports, with bets being placed on disputes among athletic teams, based solely on merit. It also examines the importance of the stadium in terms of sociability, with a special focus on the Velódromo Paulista, a stadium for sports events, which existed in the neighborhood of Consolação between the years of 1895 and 1916. The universe of modern urban culture is related to the transformations which occurred within the elite families of rural origin, some of which demonstrated prominent co-operation in the organization of athletic events. The study drew attention to the role of sports in the process of modernization of urban lifestyle. It also examined the emergence of sports clubs as a civil society organization and the transformation of athletic associations, which originally consisted of boys, into associations for family socialization. The analysis highlighted the role of sports clubs as mediators between private home environments and the political party organizations. By monitoring the historical process of reinterpreting sports ethics imported from Europe, the author notes that soccer was disclosed in urban São Paulo as a conservative social pedagogy and performances took on the role of transmitting moral values upheld by the elite. He also observed the shortcomings of the relationship between the physical education in schools and the informal soccer games which took place throughout the city as well as the patronage of amateur soccer of the time. He revealed the appearance of professionalism covered up by the morale of amateurism. He monitored the tumultuous creation of federal agencies at a regional and national level, and indicated that as of the 1920s, soccer performances gained significant importance in national political relationships as well as with regard to diplomacy among the countries of the Southern Cone of Latin America.

Key words: sport events, soccer in São Paulo, elite families, history of sports, amateurism and professionalism

Agradecimentos

Ao longo da pesquisa pude contar com as orientações do professor José Geraldo Vinci de Moraes, seu olhar crítico e suas sugestões construtivas foram de inestimável valor. Tive o privilégio de receber, também, apontamentos proveitosos dos professores Flávio de Campos e José Paulo Florenzano. Com leitores tão qualificados, os erros que escaparam são de minha inteira responsabilidade.

Devo ao Vitor o cuidado paciente com a cartografia. Agradeço à minha Zilda, companheira de todos os momentos e crítica de primeira hora, pelo apoio e incentivo.

Ao Conselho Nacional de Pesquisas pela bolsa recebida. Aos amigos do Núcleo LUDENS pela convivência estimulante. Aos arquivos e bibliotecas listados a seguir pelas autorizações de uso dos textos e imagens, bem como pelo atendimento atencioso que recebi dos seus funcionários:

Arquivo Histórico de São Paulo Washington Luís
Arquivo Público do Estado de São Paulo
Biblioteca Mário de Andrade
Centro Histórico da Universidade Mackenzie
Centro Pró-Memória do Club Athletico Paulistano
Centro Pró-Memória do Esporte Clube Pinheiros
Fundação Biblioteca Nacional
Instituto de Estudos Brasileiros
Instituto Martius-Staden
Museu da Imagem e do Som de São Paulo

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO. Sobre o pontapé inglês 8

CAPÍTULO 1. Os espetáculos esportivos 19

Fazendeiros na capital dos prazeres: Paris 27

Os espetáculos no turfe paulistano 38

A construção de um novo palco esportivo 60

O atleta moderno e os espetáculos de ciclismo 87

A incorporação do futebol nos espetáculos 109

CAPÍTULO 2. A pedagogia da bola 127

Pedagogias em jogo 138

À procura da identidade paulista 155

Futebol para se assistir e jogar 180

Os espetáculos futebolísticos 210

A ética amadora revisada 229

CAPÍTULO 3. Bandeirantes do esporte 267

O futebol nas relações diplomáticas 270

A São Paulo esportiva 289

O futebol em transformação 310

A conjuntura da guerra 341

Demolição e reconstrução 359

CONSIDERAÇÕES FINAIS. Sobre um futebol feito na raça 387

Fontes 397

Bibliografia 400

Abreviações

AAMC - Associação Athletica Mackenzie College

AAF - Asociación Argentina de Football

AAP - Associação Athletica das Palmeiras

AFA - Argentine Football Association

APSA - Associação Paulista de Sports Athleticos

CAP - Club Athletico Paulistano

CBD - Confederação Brasileira de Desportos

FA - Football Association

FAF - Federación Argentina de Football

FBF - Federação Brasileira de Football

FBS - Federação Brasileira de Sports

FGSPF - Fédération de Gymnastique Sportive des Patronages de France

FIFA - Fédération Internationale de Football Association

IFAB - International Football Association Board

LMSA - Liga Metropolitana de Sports Athleticos

LPF - Liga Paulista de Football

PRP - Partido Republicano Paulista

SCA - Sport Club Americano

SCCP - Sport Club Corinthians Paulista

SCG - Sport Club Germania

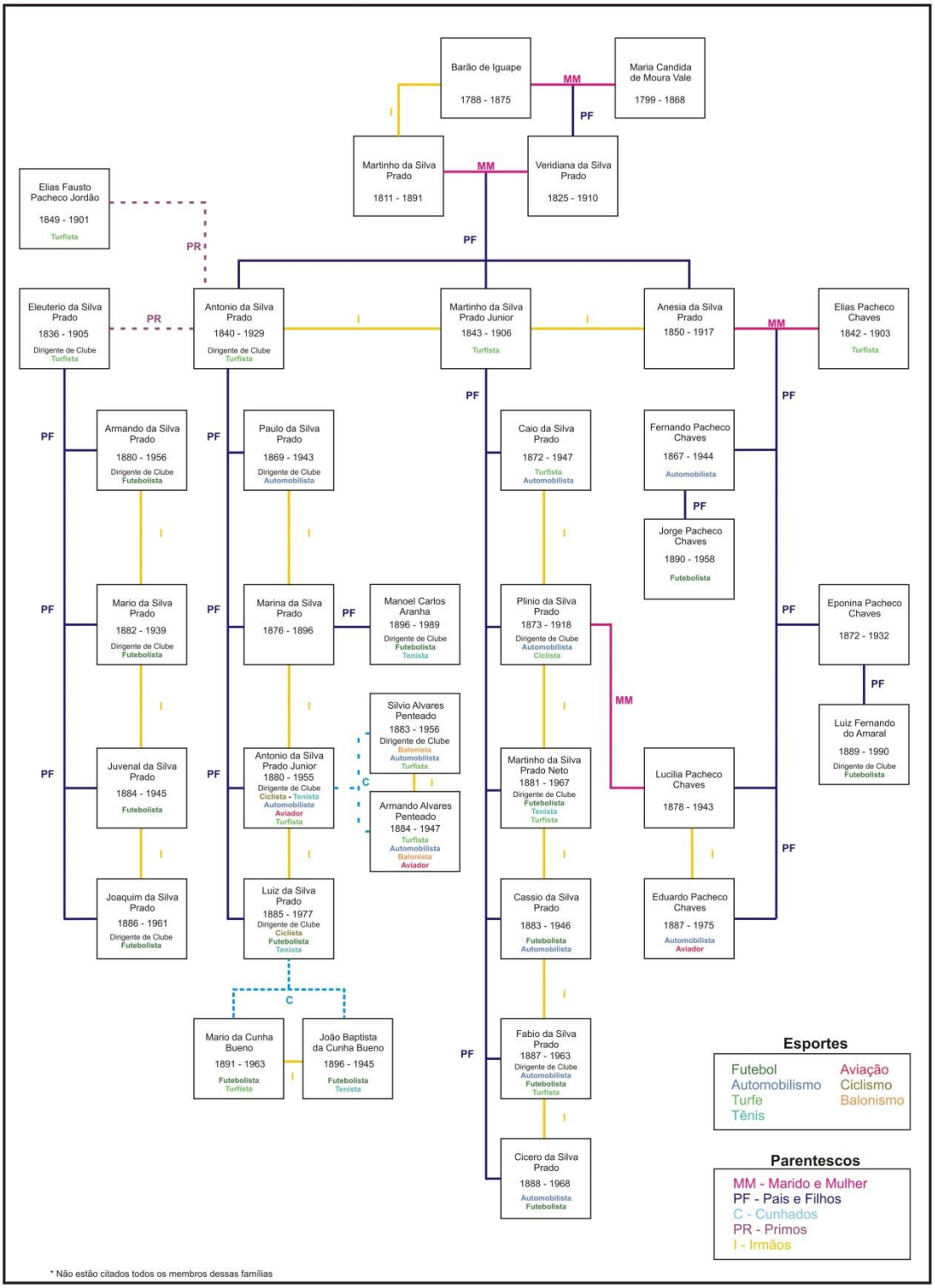
SCI - Sport Club Internacional

SPAC - São Paulo Athletic Club

SSPI - Società Sportiva Palestra Italia

USFSA - Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques

Membros da parentela Silva Prado citados neste estudo*



* Não estão citados todos os membros dessas famílias

Sobre o pontapé inglês

Os brasileiros que se interessam pelo esporte conhecem um relato, repetido infinitas vezes, sobre a chegada do futebol ao país: Charles Miller desembarcou no porto de Santos, em novembro de 1894, trazendo na bagagem duas bolas de couro, uma bomba de ar para enchê-las, um par de chuteiras, duas camisas de times que ele defendera na Inglaterra e um livro de regras do *association football*. Miller pertencia à pequena comunidade britânica radicada na cidade de São Paulo, era brasileiro de nascimento, filho de pai escocês e de mãe brasileira filha de inglês. Ele divulgou o novo jogo entre seus amigos do clube da colônia inglesa, o *São Paulo Athletic Club* (SPAC, fundado em 1888), e organizou treinos na várzea do Carmo, nas proximidades do Gasômetro, com a participação de funcionários da *São Paulo Gas Company*, do *London Bank* e da *São Paulo Railway*. O primeiro jogo foi realizado com times improvisados, em 14 de abril de 1895, com o placar final de quatro gols para *The Gas Works Team* e dois para *The São Paulo Railway Team*. Teve início assim, com pontapé inicial inglês, a história do futebol no Brasil. Essa narrativa é sempre lembrada pela imprensa esportiva e foi citada por diversos historiadores como o ato fundador do nosso esporte máximo.

Há alguns anos atrás o historiador José Moraes dos Santos Neto contestou a paternidade de Charles Miller e defendeu versão um pouco diferente. O futebol brasileiro teria raízes nas atividades educativas do colégio jesuíta São Luís, em Itu, a setenta quilômetros da capital paulista, entre os anos de 1880 e 1890. [1] Alguns dos professores jesuítas haviam visitado colégios da Europa e de lá o padre José Mantero trouxera duas bolas para a prática do futebol. Elas foram usadas no pátio da escola em jogos recreativos sem regras formais. Mais tarde, a partir de 1894, o padre Luiz Yabar, que conhecera bem o jogo em escolas europeias, adotou as regras do *association football* e organizou os alunos em quatro times para a disputa de um campeonato interno. O historiador Santos Neto defende que o futebol depois de introduzido no

[1] SANTOS NETO, José M. *Visão de jogo*: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 27-37.

colégio jesuíta foi em seguida divulgado fora da escola por antigos alunos e se popularizou, inclusive entre operários, antes mesmo que os sócios do fechado clube inglês começassem a jogá-lo em São Paulo. O autor citou ex-alunos do colégio que espalharam o futebol em outras cidades, alguns estariam entre os fundadores dos primeiros clubes a disputar o campeonato paulista: Arthur Ravache no *Sport Club Germania*; Carlos Silveira e os irmãos José e Vicente de Almeida Sampaio na *Associação Athletica Mackenzie College*. A hipótese de Santos Neto é plausível.

Porém, o biógrafo John Mills recusou de modo veemente, em publicação de 2005, as versões que questionam o pioneirismo de Charles Miller. [2] Defendeu que as atividades recreativas jogadas com os pés, ainda que tenham ocorrido mais cedo em algumas escolas, não podem ser confundidas com a institucionalização do futebol. Mostrou que não são novas na imprensa esportiva as citações sobre práticas de jogos com bolas nos colégios jesuítas de Nova Friburgo (o Anchieta) e de Itu ou entre marinheiros ingleses nos portos, mas que todos os cronistas especializados em esportes sempre concordaram que a adoção das regras oficiais inglesas e a organização de times só começaram, de fato, com o retorno de Miller ao Brasil.

Se a questão fosse apenas indicar um precursor, parece difícil negar a Miller o mérito de ter organizado o futebol dentro de um clube esportivo e de ter realizado os primeiros jogos com as regras inglesas fora das escolas. Certamente, a qualidade do futebol jogado no SPAC foi uma referência para outras associações esportivas fundadas nos anos seguintes: *A. A. Mackenzie College* (1898), *Sport Club Internacional* (1899), *Sport Club Germania* (1899) e *Club Athletico Paulistano* (1900). Pelo que se sabe, nos anos iniciais os jogos eram disputados entre os sócios, dentro de cada agremiação, e, somente em 1899 começaram a ocorrer partidas ocasionais entre os times. Em 13 de dezembro de 1901 esse movimento esportivo culminou na fundação da *Liga Paulista de Football*, idealizada por Antonio Casimiro da Costa, outro líder importante. Em maio do ano seguinte, os cinco clubes deram início ao primeiro campeonato do país. Os registros que restaram do passado não são suficientes para negar a versão tradicionalmente aceita pela crônica esportiva que atribui a Charles Miller e a Casimiro da Costa o papel de principais articuladores desse esporte em São Paulo.

Todavia, afastando um pouco o olhar da dúvida miúda que sobrevive na historiografia – entre o pioneirismo de Charles Miller ou do padre Luiz Yabar – é

[2] MILLS, John R. *Charles Miller*: o pai do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2005, p. 77-79.

possível notar que não se trata de uma oposição entre duas histórias distintas. Uma visão panorâmica pode diluir o sentido dessa questão e tornar irrelevantes os fatos pontuais. Para os dois autores citados, Santos Neto e Mills, o início regular do futebol moderno no Brasil se deu em 1894. A importação das regras é o momento decisivo, pois permite que os times disputem entre si, ou seja, que se comuniquem numa linguagem lúdica comum, independente dos clubes, escolas, cidades ou países a que pertençam.

A trajetória do jogo também coincide para os dois autores: teve início nas instituições escolares europeias que educavam os filhos de famílias ricas e de classe média. Várias das famílias britânicas radicadas em São Paulo eram de funcionários de empresas estrangeiras e, não raro, embarcavam os seus filhos para estudarem em escolas da pátria mãe. Miller, filho de um funcionário técnico da *São Paulo Railway*, tornou-se um aficionado e competente futebolista depois de cursar escolas inglesas durante dez anos e lá jogar entre 1892 e 1894. De maneira análoga, os professores jesuítas que trouxeram os jogos escolares da Europa para Itu atendiam aos anseios da sua rica clientela. O *Colegio São Luis*, fundado em 1861, era um internato de ensino fundamental que recebia garotos de famílias abastadas vindos de várias cidades, principalmente da capital paulista. No final do Império se tornou uma prática costumeira entre as famílias endinheiradas mandar os meninos para internatos afastados dos maiores centros urbanos. Ali eles receberiam uma educação com pedagogias importadas, pois os pais esperavam que os garotos tivessem uma educação básica compatível com as escolas estrangeiras. Muitos dos jovens recém-formados seguiram estudos secundários e superiores em instituições europeias, por isso mesmo o ensino de línguas era privilegiado nesses albergamentos de ensino básico.

Portanto, nas duas bagagens pelas quais a bola desembarcou no Brasil – buscada pelo professor jesuíta e trazida pelo jovem estudante anglo-brasileiro – a mesma influência cultural foi embalada. Ela proveio do modelo de educação inglesa que incluía a missão de desenvolver a capacidade física e moral dos jovens, tanto quanto a intelectual. Ao longo do século XIX, as escolas europeias compensaram a falta de atividades da vida urbana com a criação de pedagogias para o corpo. A educação física seria a melhor forma de dar vigor àqueles que no futuro assumiriam o comando das tropas, dos negócios e da nação, e também de inculcar valores morais, como companheirismo, disciplina, respeito, lealdade, liderança, combatividade, entre outros. Inúmeras modalidades inspiradas na ginástica militar ou nos jogos tradicionais foram adaptadas e submetidas às regras próprias de cada escola. A educação alemã e a

francesa preferiam a disciplina da ginástica, enquanto a inglesa incentivava as disputas lúdicas.

Em meados daquele século existiam variações do futebol sendo jogadas nas chamadas *public schools* inglesas – internatos particulares de ensino secundário, de alto preço, que educavam os filhos das elites –, em algumas era admitido segurar a bola com as mãos, agarrar o adversário e chutar as canelas. A uniformização das regras para permitir jogos entre agremiações independentes, o que originou os esportes atuais, foi feita por *old boys* (ex-secundaristas), ao ingressarem nas universidades. Em Londres, as diferenças entre estilos do jogo foram reduzidas a duas modalidades: o *rugby football* e o *association football*. O futebol sem o uso das mãos (*soccer*) passou a ser dirigido pela *Football Association*, fundada no ano de 1863, a qual organizou o primeiro campeonato nacional em 1872. A partir da Inglaterra o novo esporte foi divulgado no arquipélago e nas colônias do império britânico, depois em países do continente europeu e nas Américas, enfim, em qualquer lugar em que a pedagogia inglesa exercesse influência no ensino escolar e onde atuassem empresas de capital inglês.

Quando se compara a história do futebol em diferentes países é possível constatar as duas formas básicas de propagação no final do século XIX interagindo entre si: a) no âmbito do ensino, introduzido por professores de escolas secundárias e universidades, com a importação do jogo recreativo seguida por campeonatos colegiais e universitários; b) no cotidiano urbano, por iniciativa de *old boys* que voltavam de estudos no exterior e de funcionários graduados de empresas inglesas, com a fundação de clubes esportivos, adoção das regras inglesas e a organização de uma liga local para disputar campeonatos. Em alguns países a propagação aconteceu em etapas distintas, com a primeira desencadeando e tendo uma influência decisiva sobre a segunda, como aconteceu em Buenos Aires. Em outros as duas formas aconteceram simultaneamente, com os jogos escolares tendo um peso menor para a divulgação do esporte, como é o caso de São Paulo.

Ao levantar o olhar para descortinar o horizonte do passado, a polêmica sobre a paternidade do futebol brasileiro iniciada por Santos Neto se dilui. As iniciativas individuais a que se referem os dois historiadores foram quase concomitantes e fizeram circular informações culturais equivalentes. O jogo de bola pode ter entrado por ações semelhantes através de outras tantas portas pelo país afora. O problema dessa abordagem está em querer encontrar o ponto original da implantação e atribuí-la a um fundador paternal: o jogador/professor pioneiro. É difícil aceitar a ideia de que o futebol

chegou casualmente e que recebeu adesões espontâneas da população a partir de um lugar específico, expandindo-se em círculos concêntricos. Identificar a introdução mais remota – como se isso fosse possível – não bastaria para compreender a naturalização do jogo, nem sobre como ele ganhou o formato de espetáculos massivos. A localização de um ato fundador pouco esclarece sobre a dinâmica desse fenômeno, diversificado e plural, que mais tarde atingiu enorme magnitude no país. As ações individuais devem ser pensadas sempre nas suas inter-relações com a sociedade. É o que pretendo fazer neste estudo.

As fontes e o percurso das investigações

Não faria sentido estudar a história do esporte se isso não pudesse revelar mais do que fatos curiosos. Quando o olhar de um historiador se distancia dos acontecimentos singulares, outros contextos ficam configurados. Ao transitar constantemente entre os micro-fatos e a visão macro é possível descortinar relações sociais amplas e complexas. Aquele célebre jogo organizado por Miller e seus amigos nas proximidades da fábrica de gás, em abril de 1895, aparecerá como um pequeno ponto dentro da enorme diáspora dos esportes ingleses pelos países ocidentais. Ao examinar o mesmo objeto de diferentes maneiras podemos não só entender melhor a importância daquela partida como compreender um pouco mais sobre o valor dos esportes para a sociedade paulista da época.

É preciso reconhecer, contudo, que a dúvida lançada por Santos Neto incomodou a corrente historiográfica mais tradicional, concentrada em perfis biográficos de atletas e dirigentes, em registros estatísticos de jogos e clubes e na descrição dos sucessivos campeonatos. Além de questionar o pioneirismo de Miller, o historiador balançou a convicção de que o futebol fora ensinado aos nativos diretamente por seus inventores ingleses, sem antecedentes locais e outras influências. Mostrou que variações de jogos com os pés eram praticadas aqui, que houve uma participação ativa dos brasileiros e não um simples pontapé inglês. Até então, outros historiadores vinham repetindo a cronologia consagrada através da imprensa, sem questionar a sua validade.

No Brasil, as ciências humanas começaram a se interessar pelo estudo das festas e dos espetáculos esportivos nas décadas mais recentes. Os pesquisadores reconheceram que nos momentos de descontração e lazer a sociedade reproduz, simbolicamente, a maneira como ela identifica a si mesma. Portanto, os espetáculos são oportunidades privilegiadas para o estudo das relações sociais. A partir desse interesse, sociólogos e

historiadores passaram a analisar as fontes documentais preservadas ao longo de muitos anos por jornalistas. A crônica esportiva teve o mérito de arquivar, ordenar e classificar por temas as informações sobre o mundo dos espetáculos culturais que antes não recebiam as atenções dos cientistas. Foram também jornalistas os primeiros a relacionar os esportes aos problemas sociais. O pernambucano Mario Filho, jornalista radicado no Rio de Janeiro, foi autor do livro que em 1947 inaugurou um tema que se tornaria clássico para a sociologia esportiva no país: *O negro no futebol brasileiro*. [3]

Apesar da importância dessa memória, a tradição construída pelo jornalismo no campo dos esportes apresenta desafios aos pesquisadores. A crônica se pautou predominantemente pelos interesses dos leitores aficionados, os torcedores. É uma literatura ligeira que se preocupou mais com o registro de fatos espetaculares, as conquistas, os recordes. Nem caberia exigir dos jornalistas atenção com tipos diversificados de fontes, profundidade nas investigações e respeito aos critérios metodológicos do mundo acadêmico. Sequer esses autores puderam contar com farta documentação para consultas. Grande parte dos arquivos que pertenciam a clubes e federações desapareceu, sobretudo aqueles referentes às décadas iniciais. Quando o jornalista Antonio Figueiredo publicou o primeiro estudo historiográfico sobre o futebol de São Paulo, em 1918, se queixou amargamente da falta de registros sobre os clubes que ele conheceu de perto. [4] E muito do que se sabe hoje sobre aqueles anos se deve às opiniões, discutíveis, dele próprio, Figueiredo. Outras tantas características que frequentemente são atribuídas ao período anterior à Primeira Grande Guerra foram, na verdade, mitificadas nas décadas seguintes por novas gerações de cronistas. Por essas razões, adotei a postura metodológica de desconfiar das informações contidas em fontes de segunda mão. Sempre que possível, fui direto às fontes primárias. Consultei todo tipo de documento disponível, inclusive os iconográficos. O grosso da documentação aqui utilizada é constituído pela imprensa periódica contemporânea aos fatos. Reproduzi nos capítulos seguintes parte das imagens encontradas, elas cumprem o papel de reforçar os argumentos, não são ilustrações casuais.

As dúvidas apontadas acima já indicam o rumo que as minhas investigações tomaram. Em primeiro lugar estava o interesse pela relação entre as ações individuais e a sociedade que se modernizava. Pois os estudantes, professores e funcionários de

[3] MARIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. 4a.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
[4] FIGUEIREDO, Antonio. *Historia do football em São Paulo*. São Paulo: Seção de Obras do O Estado de São Paulo, 1918.

empresas que chegavam da Europa trazendo as novidades do esporte eram agentes de mudanças para a sociedade ruralizada da época, recém-saída do escravismo. Seria de se imaginar que a elite conservadora, composta por famílias fazendeiras, pudesse colocar obstáculos às alterações dos costumes. Não foi bem isso que se constatou. Sociedade e indivíduo agem numa relação de interdependência, se as inovações eram buscadas na Europa é porque também existiam expectativas por mudanças aqui.

Decerto havia receptividade para certas modas importadas, bem como uma seleção delas através das preferências coletivas. O fato é que diversos esportes vingaram, enquanto outros desapareceram. Os indivíduos agem em correlação uns com os outros. Ensinar aos amigos as regras de um jogo importado não seria suficiente para que ele se vulgarizasse e que ganhasse espontaneamente a forma de espetáculos. Basta citar um exemplo de esquecimento: Charles Miller trouxe o *rugby* na mesma bagagem e também o introduziu no SPAC. Esse fato sequer é lembrado hoje em dia, pois essa modalidade de futebol, jogado também com as mãos, não se firmou por aqui. Nesse caso o interesse pessoal do atleta não repercutiu com a mesma intensidade na coletividade.

Os agentes de modernização, como Miller, não eram excepcionais. O fluxo de estudantes e funcionários entre a Europa, ou a América do Norte, e o Brasil foi constante e numeroso. No caso do futebol paulista vários desses "pioneiros" são lembrados. Entre eles estava o imigrante alemão Hans Nobiling, fundador do *S. C. Germania*, que já praticava o esporte em Hamburgo antes de chegar ao Brasil, em 1897. Outros eram jovens saídos das próprias famílias ricas paulistas que aprenderam o futebol na Europa e participaram da organização de clubes aqui: Silvio Penteado, sócio fundador do *C. A. Paulistano,* estudou na Inglaterra; Casemiro da Costa, idealizador da primeira coligação de clubes e jogador do *S. C. Internacional*, acompanhou o esporte na Inglaterra, na França e na Suíça. Muitos outros jovens atletas repatriados sequer são citados pelos historiadores. Olavo Barros, que também começou a jogar em colégios da Suíça, atuou como capitão no time do *Paulistano*. Renato Miranda e Benedicto Montenegro praticaram esportes em universidades americanas e foram dirigentes de clubes aqui. Jorge Mesquita jogou em colégios da Inglaterra e Suíça, Manoel Carlos Aranha na França... Enfim, a lista poderia ser estendida a dezenas de nomes. Pouco adiantaria saber a sequência cronológica dos retornos e quais entre eles trouxeram bolas, camisas e regras. O problema seria entender como a elite fazendeira que estava em processo de urbanização incorporou o exótico esporte de chutar bola e como foi desencadeado o fenômeno de massas que hoje relaciona o futebol à identidade nacional

brasileira. Diante desse primeiro patamar de dúvidas pareceu importante aprofundar os estudos sobre o ambiente esportivo de São Paulo na passagem entre os séculos XIX e XX, fazendo a comparação entre diferentes tipos de espetáculos lúdicos.

O andamento das pesquisas chamou a minha atenção para um segundo conjunto de questões. Por que São Paulo foi tão receptiva e surgiu entre as primeiras cidades brasileiras a organizar o futebol, se a elite local parecia ao mesmo tempo querer zelar pelas tradições ligadas à cultura do campo? Como entender que tantos jovens da mesma região atuassem para modificar o panorama cultural ao qual pertenciam? É sabido que nos primeiros anos da República a capital paulista estava em intenso crescimento, alimentada pelo afluxo de imigrantes e fortalecida pela economia exportadora de café, porém que ela era menor do que várias outras capitais de estados. São Paulo fica a dezenas de quilômetros do principal porto marítimo, Santos. Ela não recebia a influência imediata das tripulações de navios ingleses em trânsito, ou de funcionários das companhias de comércio estrangeiras, como ocorria nos maiores portos do país. A cidade era comandada por um pequeno estrato social, influente e frequentemente retrógrado, que apesar de culto não estava livre dos traços provincianos, do apego a terra, dos valores interioranos. O cenário cultural paulistano estava aquém do ecletismo carioca. Até então, o Rio de Janeiro era o único centro cosmopolita do país, com vida acadêmica bem mais ativa e com as práticas esportivas disseminadas. Surpreendentemente, o primeiro clube da capital federal que adotou o futebol, o *Fluminense Football Club*, apareceu em 1902, sete anos mais tarde do que em São Paulo O campeonato carioca teve início em 1906, quatro anos depois do paulista. Haveria, pois, qualquer coisa de específico para a ligeira antecedência desse esporte em São Paulo? Para buscar respostas decidi estudar o que acontecia com as famílias fazendeiras paulistas nas suas relações com os espaços públicos da cidade, particularmente com os espetáculos esportivos.

Assim, as investigações desembocaram num terceiro patamar de questões, onde as alternativas eram bem mais complicadas. Que importância tiveram as iniciativas individuais na formação dos clubes? As instituições esportivas que passavam a integrar a sociedade civil organizada no início da República eram de fato agrupamentos de rapazes modernizadores, livres dos compromissos familiares? Ou os clubes teriam sido fundados por grupos sociais que procuravam preservar as complexas tradições de parentescos vindos da cultura rural? As coligações de clubes que organizavam campeonatos de futebol em exibições públicas eram autônomas, ou estavam presas às

políticas de Estado? De que maneira o futebol iniciado por jovens de famílias ricas contribuiu, ou não, para a fundação de associações esportivas equivalentes em outras camadas sociais? A integração de times compostos por jogadores da classe trabalhadora aos espetáculos sofreu resistências das elites? E como afinal foram admitidos, eles receberam apoios através de ações governamentais?

Do macro ao micro

Com a multiplicação das dúvidas, busquei ajuda nos estudos feitos por diversos autores sobre os esportes em outros países, principalmente Inglaterra, França e Argentina. Afinal, a expansão do futebol aconteceu antes em regiões da Europa e da América do Sul como parte do processo de modernização e de fortalecimento das respectivas sociedades civis, o que apenas se esboçava aqui naquela época. Em certos aspectos, o crescimento urbano de São Paulo guarda semelhanças com os de outras tantas cidades do Ocidente.

O aparecimento dos esportes modernos na Europa foi um fenômeno tipicamente burguês da segunda metade do século XIX. Os jogos entre equipes que se confrontavam em igualdade de condições foram incorporados ao modo de viver dessa classe. Eles ultrapassaram os muros escolares e se espalharam como manias típicas do comportamento urbano moderno. O lazer esportivo virou marca de distinção para os moços da nata burguesa, que repelia a participação de gente vinda da classe operária. Mas em pouco tempo houve a adesão das massas à moda burguesa. No futebol ela foi irresistível. Primeiro pelos times de trabalhadores que representavam fábricas e minas, depois pela inclusão indistinta de jovens nos espaços abertos. A profissionalização desse esporte aconteceu cedo na Inglaterra, foi regulamentada em 1885 pela *Football Association*. A partir daí os times formados por trabalhadores ingleses puderam disputar campeonatos próprios, paralelos aos amadores. Esse movimento fazia parte da progressiva atuação dos indivíduos nos espaços públicos, contrabalançada pelo recolhimento das famílias à esfera íntima do lar. Em linhas gerais foi isso que ocorreu nos países industrializados, com as dinâmicas próprias de cada um. E no caso de São Paulo, onde a economia agrária predominava?

Eu não tinha a intenção de tratar da história dos esportes fora do Brasil e sim de recolher elementos para ressaltar as especificidades do caso paulistano. A comparação foi interessante para remarcar os traços mais amplos, sempre considerando as diferenças de tempo e proporção. Havia, sim, algumas semelhanças. O futebol paulista também foi

dominado pelas elites nas duas primeiras décadas de existência. Elas não reconheciam os times de estratos sociais pobres como oponentes à sua altura. Apegaram-se à idealizada pureza do esporte amador para manter as disputas somente entre os seus pares, mas tiveram que ceder à progressiva democratização nos anos seguintes. Porém, as diferenças, ressaltadas nos capítulos que seguem, eram numerosas. Como se perceberá, não houve no Brasil a oposição entre uma antiga aristocracia fundiária e uma burguesia industrial urbana. As camadas dominantes se entrelaçavam nas velhas alianças entre famílias patriarcais, nos compromissos de sangue, de honra e de fé religiosa. Existiam pequenos grupos ascendentes formados por estrangeiros, com os quais fazendeiros mantinham relacionamentos de negócios, mas opunham resistências ideológicas e políticas. A classe operária estava em fase de formação, havia uma mistura heterogênea de trabalhadores rurais recém-saídos da escravidão, negros e mestiços, e imigrantes pobres de múltiplas nacionalidades. A divulgação do futebol entre os trabalhadores começou no raiar do século XX e a legalização da profissão de jogador só aconteceu bem mais tarde, em 1933.

Ao sair do cenário macro e voltar para o localizado, centralizei longamente o foco da análise sobre um pequeno espaço urbano, o Velódromo Paulista, que ficava no bairro da Consolação, e sobre o clube que ali teve a sua primeira sede, o *Club Athletico Paulistano*. A pesquisa foi balizada pela trajetória histórica desse estádio, construído em 1895 e demolido no início de 1916, local onde ocorreu a maioria dos jogos dos primeiros campeonatos de futebol disputados em São Paulo. O período corresponde à implantação do futebol de espetáculos, no qual os historiadores identificam um predomínio dos clubes de elite. Tanto o velódromo da Consolação, quanto o *C. A. Paulistano* foram organizados por um segmento social restrito e influente. Para apresentar os resultados das investigações vou narrar a história desse local, bem como do pequeno grupo de elite que o dirigiu e do clube social-esportivo ali sediado, na duração de duas décadas.

Espero não decepcionar os torcedores mais adiante, por isso aviso que não vou me dedicar a relatos sobre craques, táticas, dribles e gols. Olharei mais para as arquibancadas do que para o gramado, observarei os organizadores mais do que os jogadores, relacionarei o ambiente do estádio ao cotidiano urbano. Meu assunto central são as relações sociais e práticas culturais que envolviam um palco privilegiado da cidade, o gramado do Velódromo Paulista, mas isso vai me afastar várias vezes do futebol. Serei obrigado a cruzar com a história do turfe, do ciclismo, da ginástica, do

automobilismo, etc. Acompanharei a formação de clubes, ligas e federações como expressões da nascente sociedade civil: instituições frágeis, pressionadas entre as redes de parentelas conservadoras e a burocracia estatal.

No primeiro capítulo vou acompanhar um grupo familiar afortunado e o seu envolvimento com os espetáculos esportivos em São Paulo no limiar do século XX, mais especificamente entre 1895 e 1902. No segundo, que trata do período entre 1903 e 1906, examinarei como essa fechada elite paulistana usou o futebol para fortalecer a sua identidade social. Como ela tentava expressar a capacidade para liderar a nação com promessas de modernização e fazia uso dos espetáculos para comunicar valores morais. No último capítulo, que vai se alongar entre os anos de 1906 e 1916, mostrarei como a divulgação do futebol pelo cotidiano urbano e os compromissos assumidos nas disputas internacionais obrigou a elite a recompor a direção dos espetáculos esportivos com as forças sociais ascendentes.

CAPÍTULO 1

Os espetáculos esportivos

No dia 30 de junho de 1908 chegou à São Paulo uma equipe argentina de futebol amador. Era um combinado formado por quinze atletas de cinco clubes de Buenos Aires, acompanhados por dois dirigentes da *Argentine Football Association*. Os jogadores pertenciam aos melhores times argentinos daquela época e a maioria deles havia integrado o selecionado nacional nas partidas que, desde 1902, disputavam com os uruguaios. Entre os seus componentes estava um jogador nascido na Inglaterra, Roland Lennie, e quase todos os demais eram filhos de famílias de origem britânica radicadas na capital portenha, incluindo os cinco irmãos e um primo da família Brown que atuavam no *Alumini A. C.*, o melhor time daquele país à época. Jorge Gibson Brown era o capitão dos visitantes e Eliseo Brown o principal artilheiro. Seis dos jogadores eram estudantes e os demais empregados no comércio, nenhum era profissional do esporte. Seriam as primeiras exibições de um time argentino no Brasil e as expectativas do público paulistano eram grandes. Ouvira-se falar da boa qualidade do futebol nos países platinos, mas se confiava numa vitória dos jogadores locais. [1] Para enfrentar os visitantes na primeira partida, marcada para 2 de julho, uma quinta feira, a *Liga Paulista de Football* escalou um time de estrangeiros aqui residentes e filhos de imigrantes. Eram todos amadores, jogadores do *São Paulo A. C.*, do *S. C. Germânia*, e do *C. A. Paulistano*. A partida aconteceu no Velódromo Paulista, na rua da Consolação, e o resultado foi um suado empate, com dois gols para cada lado. [2]

No domingo, dia 5 de julho, a expectativa de uma vitória brasileira aumentou, o estádio recebeu mais de oito mil pessoas para ver o segundo jogo, um público excepcional para aquela época. Na festiva plateia estava incluído um grupo de indígenas bororo que visitava a cidade e recebeu ingressos do presidente da *Liga*, Antonio Prado

[1] *O Estado de São Paulo*, 1 jul. 1908, p. 4; 2 jul. 1908, p. 3.
[2] *O Estado de São Paulo*, 3 jul. 1908, p. 4. V. tb., FIGUEIREDO, Antonio. *História do football em São Paulo*. São Paulo: Seção de Obras do O Estado de São Paulo, 1918, p. 53-62; MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). *História do futebol no Brasil, 1894-1945*. São Paulo: Leia, 1950, p. 71-72; MILLS, John. *Charles Miller*: o pai do futebol brasileiro. São Paulo: Panda, 2005, p. 155-156.

Junior. [3] Na opinião de um jornalista da época: "aquela multidão mal continha a ansiedade de ver aparecer em campo as duas equipes, podendo poucos esconder a tensão nervosa de que se achavam possuídos a que, como um fluido elétrico, se comunicava a um por um dos espectadores". [4] Uma equipe mista de jogadores imigrantes e brasileiros, agora incluindo alguns jogadores do *S. C. Internacional*, entrou em campo para defender as cores paulistas. Ao contrário do que esperava, mas mantendo os aplausos educados, o público assistiu a uma constrangedora derrota do time local por seis gols a zero. Foi uma "rolha", como se dizia na época.

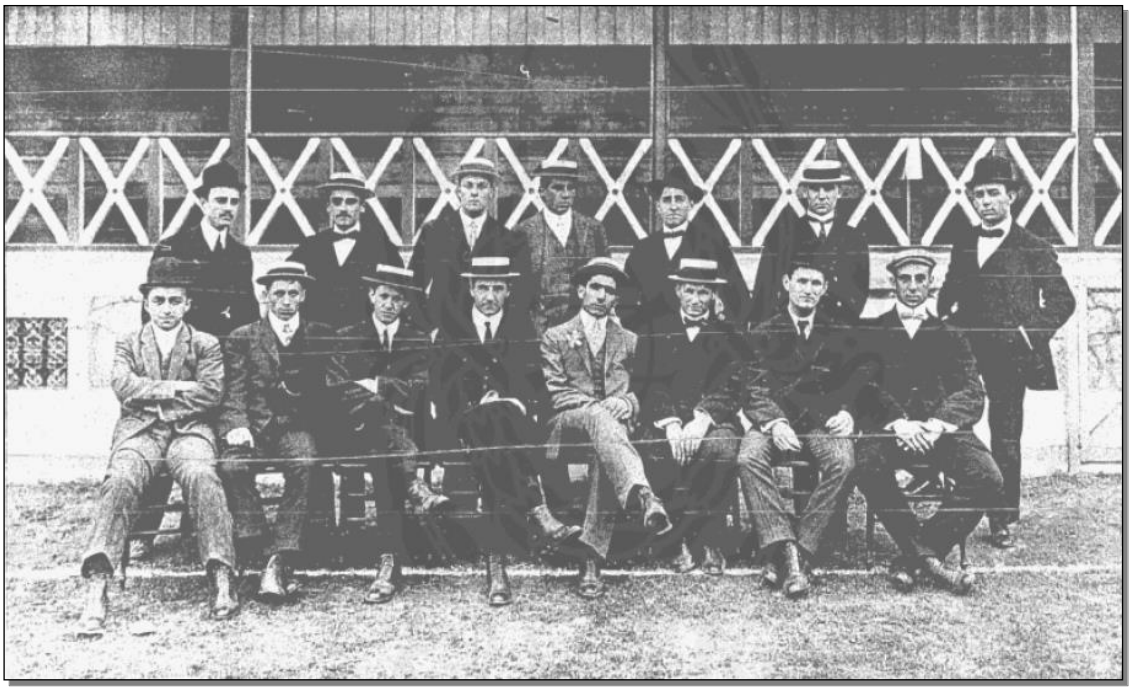


Fig. 1. A equipe argentina em foto tirada no Rio de Janeiro. Revista *Careta*, 1908.

Na terça feira, 6 de julho de 1908, aconteceu o último jogo dos visitantes em São Paulo e desta vez só brasileiros compunham a equipe que os enfrentou. Os anglo-argentinos substituíram alguns dos seus melhores jogadores para dar maior equilíbrio à partida e, mesmo assim, o resultado não foi muito diferente: quatro a zero para os visitantes. [5] Na edição do dia seguinte *O Estado de São Paulo* publicou um longo artigo do jornalista Mario Cardim, no qual não poupava elogios aos jogadores adversários e fazia pesadas críticas aos nossos:

[3] *O Estado de São Paulo*, 4 jul. 1908, p. 3.
[4] *O Estado de São Paulo*, 6 jul. 1908, p. 3.
[5] *O Estado de São Paulo*, 7 jul. 1908, p. 4; 8 jul. 1908, p. 3.

> A nossa habitual prosápia, vaidade balofa dos que se orgulham com os próprios mesquinhos feitos sem ao menos ter observado os do vizinho, fez crer a muita gente que deveríamos obter uma grande vitória nessa interessante luta.
>
> O resultado foi, por isso, uma dolorosa decepção. Depois da derrota, há os que se deixam abater por um desânimo irremediável; há os que atribuem tudo à sorte, divindade dos imbecis e preguiçosos mentais, e há ainda os que se limitam a desprezar o vencedor.
>
> [...] Os *footballers* argentinos tiveram a compreensão exata de que vinham para um país onde existe uma emulação constante com a sua pátria em todas as manifestações do progresso e sentiam o dever de erguer bem alto o pavilhão azul e branco; esses bravos e distintos jovens orgulhavam-se de representar no *sport* internacional Buenos Aires, a Magnífica, que disputa a primazia das capitais sul americanas...
>
> [...] Os *footballers* argentinos, membros das principais famílias da sua civilizada capital, não abandonam os seus interesses e o seu conforto *at home*, simplesmente para apresentar-se ao publico brasileiro como qualquer profissional; eles aqui vieram atendendo a um convite delicado, para um fim superior, quer sob o ponto de vista exclusivo do *sport*, quer em relação às consequências morais e até políticas dessa visita.
>
> [...] Da parte propriamente mundana da recepção só nos ocuparemos para elogiar os que a organizaram. O público também soube corresponder ao seu papel e não regateou os seus melhores aplausos aos valorosos jovens argentinos.
>
> Mas em relação aos *footballers*, não podemos deixar de fazer-lhes, bem a contra gosto, as nossas mais amargas censuras. Eles revelaram uma ausência de disciplina, uma falta de compreensão do dever cívico e um desleixo, que fazem realmente pasmar. Como se pode compreender que numa cidade como a nossa, onde o jogo de *football* está tão generalizado, não se conseguisse até às vésperas dos *matches* principais organizar um *team*, quando os argentinos, meses antes, já haviam organizado o seu e já se exercitavam em conjunto?
>
> Como admitir-se que esses moços não alcançassem a importância de organização de um *scratch-team* num *match* internacional dessa ordem?
>
> Pois não viam esses moços que estavam em jogo a honra e o nome da cidade de São Paulo?
>
> A sociedade distinta e numerosa que encheu o Velódromo não era apenas de aficionados do salutar *sport* inglês: era a própria alma da cidade que ali palpitava; fremente de ansiedade, vibrando aos mínimos incidentes desse jogo emocionante [...]. [6]

Não surpreende tanto a superioridade do futebol que então se praticava no país vizinho e sim que o nacionalismo do jornalista estivesse identificado à cidade de São Paulo em primeira instância. Ele não se referia à imagem do Brasil. A "honra e o nome" da capital paulista estiveram em jogo no gramado do Velódromo, frente aos representantes da "magnífica" Buenos Aires que disputava com o Rio de Janeiro a liderança no continente. No seu entendimento os times representavam as cidades. O orgulho paulistano estava ferido pelas derrotas e no momento em que o texto foi escrito o time portenho seguia em viagem para o Rio, onde jogaria com os selecionados cariocas. A comparação seria inevitável. [7]

---

[6] Cf. *O Estado de São Paulo*, 8 jul. 1908, p. 3.

[7] Só depois o jornalista saberia das três derrotas que os argentinos impuseram sobre os times cariocas, por 3x2, 7x1 e 3x0. Na viagem de retorno eles fizeram uma parada de algumas horas no porto de Santos e venceram um time local, o *Club Athletico Internacional*, por 6x1. Cf. SANTOS, Newton C. O. *Brasil x*

Surpreende também que o articulista tenha lançado as consequências "morais e até políticas" dessa derrota "cívica" sobre os ombros de jovens amadores que poderiam estar apenas se divertindo num jogo amistoso, sem nenhum outro compromisso além do prazer de jogar. Para ele a responsabilidade do atleta amador era ainda maior, o time argentino foi superior porque não veio para o palco brasileiro se apresentar como "qualquer profissional". Os portenhos eram membros das "principais famílias" de uma "civilizada capital" que aqui chegaram para jogar em defesa dos valores superiores que encontravam nos seus lares. Para ele, um jogador profissional não estaria imbuído dessa mesma moralidade, pois seu interesse imediato seria o ganho monetário e não a defesa das suas origens, das suas tradições, do seu sangue, da sua nação. O amador seria, pois, sempre superior ao profissional, sendo o oposto da qualificação que foi construída décadas depois.

Finalmente, o texto nos intriga porque atribui o valor de identidade social para um esporte que poucos anos antes sequer era conhecido na cidade e que não trouxera nenhuma conquista internacional até aquele momento. Apenas treze anos se passaram desde que o primeiro jogo ocorrera em São Paulo e seis anos do primeiro campeonato disputado no país. Não havia, pois, um passado de glórias futebolísticas que ajude a entender um sentimento tão forte. Boa parte desse curto período decorreu para que o futebol se tornasse minimamente conhecido do público. Os jogadores que enfrentaram os argentinos não tiveram contato desde a primeira infância com as regras, as malícias das jogadas e as variações de estilos, como agora acontece com os garotos nas ruas. Nem conheciam a qualidade de jogo que se praticava nos países do sul, estavam diante de um time argentino pela primeira vez. O jornalista nos informa ainda mais: em 1908 o futebol "está tão generalizado" na cidade que não poderia desculpar os futebolistas pela falta de "disciplina" para organizar um bom time. Ora, se a "alma da cidade" estava representada pela tal "sociedade distinta" que lotou o Velódromo Paulista para assistir ao "jogo emocionante", parece que a divulgação desse esporte foi rápida e intensa. As mudanças nos hábitos coletivos costumam ser lentas e ter raízes profundas. O que teria acontecido no caso do futebol?

Esse fato isolado – a primeira visita de um time de futebol vindo da Argentina – foi escolhido, entre tantos outros possíveis, como ponto de partida para mostrar que no passado o futebol podia ser encarado com outros olhos. Seria muito cômodo dizer que o

---

Argentina: histórias do maior clássico do futebol mundial (1908-2008). São Paulo: Scortecci, 2009, p. 53-54.

jogo de bola se espalhou como febre entre nós porque é uma forma de disputa apaixonante em si mesma e que ele teria conquistado a população paulistana logo que chegou. Porém é melhor não ceder às impressões espontâneas, imaginando que o futebol estava acompanhado dos mesmos sentimentos apaixonados que muitos têm por ele hoje. O texto do jornalista Mario Cardim, citado como exemplo, sugere que havia diferenças. Então convém não precipitar explicações e examinar a dinâmica social da naturalização dos esportes em São Paulo. Para começar as investigações é interessante interpretar de modo mais amplo os motivos da superioridade de jogo demonstrada pelo time argentino que nos visitou em 1908.

A institucionalização do futebol na Argentina

Na capital paulista o futebol teve início alguns anos antes de outras cidades brasileiras, porém ao comparar com as duas maiores cidades platinas, Buenos Aires e Montevidéu, a situação se inverte, o nosso atraso foi de pelo menos uma década. Os países do Prata estiveram entre os primeiros, fora do império britânico, a importar o futebol. [8] Em Buenos Aires ele começou a ser jogado em 1867 dentro de clubes formados por imigrantes ingleses, mas não saiu desses limites. Depois, em 1882, ele foi introduzido em duas escolas para filhos de famílias britânicas, na *Saint Andrew's Scottish School* e na *English High School*, por iniciativa de um professor escocês recém-chegado, Alexander (Alejandro) Watson Hutton. [9] De Buenos Aires o esporte se espalhou para outras cidades, ligadas entre si por ferrovias: Quilmes, La Plata e Rosário. Os primeiros times foram formados por estudantes e ex-alunos (*old boys*) de escolas da comunidade britânica, por funcionários de ferrovias e técnicos de indústrias. São dessa fase inicial o *Quilmes Athletic Club*, o *Caledonian's*, o *Saint Andrews School*, o *Club Atlético English High School* (depois chamado *Alumini*), entre outros. O mesmo Alejandro Hutton fundou, em 1893, a *Argentine Association Football League* – futura *Argentine Football Association* (AFA) – e organizou um campeonato nacional, o segundo mais antigo do mundo, depois do britânico.

Os jogadores de origem inglesa predominaram no futebol argentino até a primeira década do século XX, só então apareceram times incluindo argentinos natos e imigrantes

[8] MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000, p. 55-58; GOLDBLATT, David. *The Ball is round*: a global history of soccer. New York: Riverhead Books, 2008, p. 126-128.
[9] V. AGOSTINO, Gilberto. Nós e ellos, nosotros y eles. Brasil x Argentina: os inimigos fraternos. In: SILVA, Francisco C. T. e SANTOS, Ricardo P. (orgs.). *Memória social dos esportes.* Futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2006, p. 55-80; SANTOS, N. C. O. (2009). *Op. cit.*, p. 33-56.

italianos. Era um esporte da comunidade britânica, até as atas das reuniões da liga argentina eram escritas em inglês. Nessa época quatro divisões disputavam aquele que se tornara o maior campeonato fora da Grã Bretanha. Em 1913 o *Racing Club*, fundado dez anos antes por jogadores *criollos* (nativos), seria o primeiro time a ganhar o campeonato da primeira divisão sem nenhum jogador inglês. [10]

No Uruguai as proporções foram mais modestas, porém importantes e não muito distantes no tempo. O jogo começou pela iniciativa de professores no *British College* e dali partiu a ideia de se reunir ex-alunos para fundar o *Albion Football Club*, em 1891. No mesmo ano um grupo de ferroviários, ingleses na maioria, organizou o *Central Uruguay Railway Cricket Club* que, contrariando o nome escolhido, dedicou-se mais ao futebol. Esses foram os dois principais times de Montevidéu até 1900, quando se fundou a *Uruguay Association Football League* com a disputa de um campeonato. A partir daí, o *Central Uruguay* (que em 1913 foi rebatizado como *Club Atlético Peñarol*) e o *Club Nacional de Futboll*, criado em 1899 pela fusão de outros times, dominaram amplamente o esporte no país. Os dois clubes mantêm até os dias atuais uma das mais antigas rivalidades do futebol mundial. Além disso, uruguaios e argentinos estabeleceram uma acirrada disputa internacional, com jogos freqüentes entre times dos dois países, o que estimulou sobremaneira o desenvolvimento do esporte na região do Prata.

O futebol estava amadurecido nos países do sul quando o brasileiro começou. Uma das razões da antecedência deles foi a forte presença de famílias britânicas naquela região, escocesas em grande parte. Por ocasião do recenseamento nacional de 1895, viviam 21.790 britânicos na Argentina, a maioria concentrada na capital. Das empresas então existentes, 84% pertenciam a estrangeiros e cerca de 2/3 dos investimentos que entravam no país eram de origem inglesa. Com o capital chegaram os empresários, os técnicos, os administradores, com suas famílias. Eles fundaram escolas, templos, jornais, clubes sociais e esportivos. A cidade de Buenos Aires centralizava a economia do país, detinha uma parte expressiva da população total e acumulava a função político-administrativa com as de maior porto do país. A pequena expressão que o trabalho escravo tivera naquela região, a penetração intensa de mão de obra imigrante, a multiplicação de empresas estrangeiras prestadoras de serviços, o forte desenvolvimento

[10] SANTOS, Ricardo P. *Futebol e história*: uma jogada na modernidade. Uma história comparada entre o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924). Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2007, p. 41-47.

agro-pecuário voltado para a exportação, a extensa rede ferroviária de capital estrangeiro que convergia para o centro portuário, tudo isso atraiu investimentos ingleses em grande volume, desde 1860. [11]

Fatores de desenvolvimento econômico semelhantes a esses apareceram mais tarde em São Paulo, principalmente após a substituição do trabalho escravo pelo livre e o início da República. Mas com diferenças de tempo, de intensidade e de forma. Vale a pena uma breve comparação entre Buenos Aires e São Paulo, ainda que genérica. No censo de 1895 a capital argentina contava com 650 mil habitantes, então podemos estimar que a cidade de São Paulo fosse cerca de cinco vezes menor, se bem que a cidade brasileira estivesse em crescimento mais acelerado naquele momento. As atividades portuárias ficavam a oitenta quilômetros de distância da capital paulista, em Santos. As funções de centro político nacional estavam baseadas no Rio de Janeiro. Diversas outras capitais regionais rivalizavam entre si em importância e os investimentos estrangeiros eram repartidos entre todas. Esses vários pólos urbanos espalhados pelo país contavam com redes ferroviárias independentes e pouco extensas quando comparas às argentinas. Somente a malha do estado de São Paulo era a mais ramificada no interior, graças à força da economia cafeeira. A tendência à concentração de capital estrangeiro na economia paulista só começou a ficar nítida nos últimos anos do século XIX.

Em São Paulo a presença de ingleses era pequena, o censo municipal de 1886 contou apenas 255 deles, equivalentes a 2,1% dos doze mil imigrantes que então moravam na cidade. [12] Ao contrário do que acontecia em Buenos Aires, não existiam escolas de língua inglesa em São Paulo naquela época, as crianças eram alfabetizadas em casa. A família do ferroviário escocês John Miller optou, em 1884, por mandar dois filhos estudarem na *Banister Court School*, em Southampton, sul da Inglaterra, onde o mais novo, Charles Miller, conheceu o futebol. [13] A primeira escola de língua inglesa foi fundada em 1899, com 14 alunos, na Alameda dos Andradas: o *Gymnasio Anglo-Brazilian School*, depois transferido para a Avenida Paulista. [14]

---

[11] FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina*: um ensaio de história comparada (1850-2002). São Paulo: Editora 34, 2004, p. 136-183.

[12] *Memória urbana*: a grande São Paulo até 1940. v.2. São Paulo: Arquivo do Estado: Emplasa: Imprensa Oficial, 2001, p. 45.

[13] HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!* Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001, p. 3-14; MILLS, J. (2005). *Op. cit.*, p. 24.

[14] Anos mais tarde, em 1917, as instalações do *Gymnasio Anglo-Brasileiro* seriam compradas pelos jesuítas do *Colégio São Luís*, que transferiram a escola de Itu para a Capital.

Na chácara da família Dulley, no Bom Retiro, os associados do clube inglês, o *São Paulo Athletic Club* (SPAC), jogavam o críquete. Era uma associação limitada aos anglo-brasileiros que, casualmente, jogavam contra outras equipes da mesma comunidade, como as do *Santos Athletic Club* e do *São Paulo Railway Association*. [15] Quando o futebol foi iniciado no SPAC, em 1895, os jogos continuaram entre os sócios. Quatro anos se passaram até que ocorressem as primeiras partidas contra times formados por imigrantes alemães e filhos de imigrantes ou o dos estudantes brasileiros do *Mackenzie College*.

Essas referências permitem dizer que a participação inglesa no início do futebol foi muito menor em São Paulo. Ela não foi suficiente para desencadear sozinha a formação de uma liga de times anglo-nacionais como aconteceu em Buenos Aires. Aqui os ingleses foram os primeiros a jogar dentro de clubes. Entretanto, eles tiveram um peso menor para a naturalização do futebol no cotidiano urbano, quando comparados aos imigrantes alemães e principalmente aos estudantes brasileiros que voltavam da Europa. Também no Rio de Janeiro a disseminação dependeu mais do interesse despertado entre os brasileiros do que da participação inglesa. [16]

A maior experiência dos futebolistas anglo-argentinos ajuda a entender, portanto, as fáceis vitórias que alcançaram sobre os times brasileiros em 1908. Eles disputavam campeonatos com maior quantidade de participantes do que os nossos, tinham a qualidade técnica apurada pela longa experiência com o jogo e pela rivalidade com os uruguaios. Nessa época o futebol era praticado no Brasil em quatro centros regionais distanciados entre si: São Paulo, Rio, Porto Alegre e Salvador. Eles sequer conseguiam se entender para compor um selecionado nacional que pudesse enfrentar os visitantes estrangeiros.

Num texto clássico a respeito da influência inglesa no Brasil, Gilberto Freyre chamou atenção para o fato dela só ter sido sentida de modo mais intenso em São Paulo no final do Império. Justamente no momento em que a mesma influência entrava em declínio no Recife, Salvador e Rio de Janeiro, substituída pela francesa e pela americana. [17] Naquelas cidades portuárias a incorporação de novos hábitos estrangeiros – uma "reeuropeização" como dizia Freyre – era notada desde a primeira metade do

[15] HAMILTON, A. (2001). *Op. cit.*, p. 37-45; MILLS, J. (2005). *Op. cit.*, p. 59-62.
[16] SANTOS, R. P. (2007). *Op. cit.*, p. 44-45 e 77-78.
[17] FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948, p. 21.

século XIX. [18] Ao passo que o isolamento da capital paulista só começou a ser quebrado depois de 1860, principalmente com a construção da ferrovia inglesa que estabeleceu a ligação rápida com o porto de Santos em 1867. A partir daí, cidadãos ingleses começaram a ocupar posições de direção em empresas de serviços essenciais para a vida da cidade. Além do transporte ferroviário, eles ficaram responsáveis pela iluminação a gás, por filiais de dois bancos, por filiais de casas de importação/exportação e agências de transporte marítimo. Mais tarde, sempre associados à cultura britânica, chegaram os canadenses da *Light & Power Company*, companhia fundada 1899, que por várias décadas fez parte do cotidiano dos paulistanos, encarregada da geração de energia elétrica e do transporte por bondes.

Seria de supor, então, que a influência cultural dos ingleses se desse não tanto pelo número de moradores presentes, mas pelas posições privilegiadas que eles detinham e pela pujança das suas empresas? Parece que não foi bem assim. A maioria das referências culturais assimiladas pelos paulistanos chegava de um país com menor penetração econômica e poucos representantes aqui. Elas vinham da França, mais do que da Inglaterra. Sinal de que muitos dos modismos importados partiam das escolhas dos próprios brasileiros e não apenas das sugestões oferecidas por estrangeiros.

Para conhecer melhor o interesse da elite local pelas competições esportivas, um grupo social será acompanhado de perto neste capítulo: a parentela Silva Prado. Ela foi a responsável pela construção do primeiro estádio, o Velódromo Paulista. Outros esportes eram praticados antes do futebol, então será preciso conhecer um pouco mais sobre gosto esportivo dos paulistanos naquele final de século. Até então, duas modalidades concentravam as atenções do público e deram início à espetacularização dos esportes. Uma vinha com muita força e continuou a atrair boas plateias nas décadas seguintes: *o turfe*. Outra passou por um sucesso momentâneo, depois sobreviveu como forma de lazer e transporte urbano: *o ciclismo*.

Fazendeiros na capital da cultura e dos prazeres: Paris

Após visitar a cidade de São Paulo, em 1910, o político francês, Georges Clemenceau, comentou:

[18] Idem. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Global, 2004, p. 428-436.

> A cidade de São Paulo (350 mil almas) é tão curiosamente francesa em certos aspectos que ao longo de toda uma semana não me lembro de ter experimentado o sentimento de estar no estrangeiro. Que o francês aí seja falado normalmente, não é particular a São Paulo. A sociedade paulista, que tem uma personalidade provavelmente mais marcada que toda outra aglomeração similar na República do Brasil, apresenta este duplo fenômeno de se orientar resolutamente para o *espirit* francês, desenvolvendo, paralelamente, todos os traços de individualidade brasileira que determinam seu caráter. [19]

A paisagem urbana surpreendia pela quantidade de referências à cultura daquele país. O afrancesamento era mais evidente no centro comercial, as lojas reproduziam nomes de famosos magazines de Paris e chegavam a imitar os mesmos estilos arquitetônicos nas fachadas, em escala modesta. Importavam ou copiavam os artigos da moda parisiense, publicavam catálogos e anúncios em francês. [20] A francomania se iniciou no final do Império e não tinha correlação direta com a quantidade de franceses aqui residentes, pois eram de italianos, espanhóis e portugueses os maiores contingentes de imigrantes que desembarcavam. É claro que alguns cidadãos franceses eram bem conhecidos do público paulistano, sobretudo os proprietários das casas importadoras. Mas a comunidade francesa era pequena, menor do que a inglesa, e não existiam grandes empresas de capital francês envolvidas nos serviços urbanos.

As primeiras manifestações dessa influência em São Paulo datam de 1860, quando duas lojas montadas por imigrantes franceses, a *Casa Garraux* e a *Casa Levy*, abriram as suas portas aos paulistanos na rua da Imperatriz (atual rua Quinze de Novembro). [21] Pouco a pouco a moda de gosto francês, importada e reproduzida, se tornaria comum no cotidiano do paulistano. Não apenas nas roupas, também nas mobílias, nas decorações, nos materiais de construção e até mesmo nas plantas ornamentais. [22] Ao cruzar a soleira de uma loja do centro comercial o cliente era atraído para uma compra ambientada na

---

[19] Cf. CLEMENCEAU, Georges. *Notes de Voyage dans l'Amérique du Sud*: *Argentine, Uruguay, Brésil*, p. 231-234, *apud* PASSOS, Maria L. P. e EMÍDIO, Teresa. *Desenhando São Paulo*: mapas e literatura, 1877-1954. São Paulo: SENAC: Imprensa Oficial, 2009, p. 57.

[20] BARBUY, Heloisa. *A cidade-exposição*: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 172-214; _____. Comércio francês e cultura material em São Paulo na segunda metade do século XIX. In: VIDAL, Laurent e LUCA, Tânia R. (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 193-208.

[21] COSTA, Emília V. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. *Revista de História*, 142-143: 277-308, 2000 (1953); BIVAR, Vanessa S. B. *Vivre à St. Paul*: os imigrantes franceses na São Paulo oitocentista. Tese (Doutorado em História). São Paulo: FFLCH-USP, 2007, p. 260-272; BIVAR, Vanessa, S. B. e SAMARA, Eni M. Do outro lado do atlântico: imigrantes franceses na São Paulo do século XIX. In: VIDAL, Llaurent e LUCA, Tânia R. (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 209-30; BARBUY, H. (2006). *Op. cit*., p. 27 e p. 39-41.

[22] MOTTA, Heloisa A. L. *Uma menina paulista*. São Paulo, s. ed., 1992, p. 24-29; HOMEM, Maria C. N. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, *passim*.

"capital do mundo". Certamente, raros entre os seus fregueses eram imigrantes pobres, os desenraizados do campo em seus países de origem que aqui aportavam sem tostão. Muito menos os caboclos brasileiros chegados do interior, os egressos das fazendas escravistas, os despossuídos. O contraste social era brutal. Aquele comércio de estilo parisiense era dirigido para uma parte da elite e para as camadas médias que cresciam em número no último quartel do século. Só eventualmente para a porção mais rica da sociedade, porque a elite somente comprava nos magazines daqui para atender às necessidades urgentes. Preferiam importar através de comissários europeus ou ir direto às compras nas lojas de origem, em Paris.

Na *belle époque* Paris era a capital da moda, dos jogos, das artes, das inovações. Era a luz da modernidade urbana. Um fascínio não só para os paulistas, também para os cariocas, os argentinos e os uruguaios. Referências de outros tipos, naquilo que dissesse respeito aos negócios, à tecnologia e à política externa, poderiam ser trazidas de Londres, de Berlim e Nova Iorque. Mas se Londres era o grande centro financeiro internacional, Paris era a cidade da cultura e dos prazeres, a capital hedonista daqueles podiam desfrutar de tempo livre para as diversões. Quando o consumidor brasileiro com posses se vestia, bebia, lia, morava, tocava, dançava e jogava certamente a sua principal referência era Paris. O cronista Everardo Vallim registrou uma conversa que serve como um pequeno exemplo: o escritor mineiro Afonso Arinos de Melo Franco dizia ter em Paris os mesmos alfaiate, chapeleiro, sapateiro e fanqueiro (negociante de tecidos) que o seu sogro paulista, o conselheiro Antonio da Silva Prado, "dos quais semestralmente recebiam o respectivo enxoval para a estreante estação". [23]

Os capitalistas de São Paulo procuravam se desvencilhar da imagem de senhores de escravos, herdada das gerações anteriores e tornada negativa desde a campanha abolicionista. Seus avós e pais viveram em fazendas abastecidas pela força de trabalho escravo. Haviam enriquecido com a produção de açúcar, algodão e chá, assim como no comércio tropeiro. Eles foram sucedidos pela geração que usufruiu de uma fartura ainda maior, graças ao binômio café-ferrovia. Os cafeicultores do oeste paulista substituíram lentamente o trabalho escravo do africano pelo livre do imigrante europeu nas suas lavouras. Eles se transformaram em investidores nos tratos urbanos, também. Seus novos negócios incluíam as ferrovias, o comércio exterior, os serviços públicos, bancos

[23] SOUSA, Everardo V. P. Reminiscências. In: *1º. Centenário do Conselheiro Antonio da Silva Prado*. São Paulo: Gráfica Revista dos Tribunaes, 1940, p. 225. V., tb., VAZ, Maria L. A. *Mulheres da elite cafeeira em São Paulo*: conciliação e resistência, 1898-1930. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: FFLCH-USP, 1995, passim.

e, pouco tempo depois, as indústrias. Sem abandonar inteiramente as maneiras interioranas, a classe abastada redefiniu seus papéis sociais, adquiriu hábitos e comportamentos sofisticados. Construiu para si própria uma nova imagem pública. Apelou para elementos de culturas exógenas que não estivessem identificados com aqueles trazidos pelos imigrantes pobres. Foi buscar outros valores na França, à contramão desse fluxo de população trabalhadora. Para as famílias enriquecidas pela exportação do café as viagens regulares para a Europa se tornaram quase que uma obrigação sazonal. As memórias de Elias Pacheco Chaves Neto registraram esse intenso movimento do "mundo burguês", ao qual ele próprio, filho de fazendeiro, pertenceu:

> Os paulistas usufruíam daquela perfeita organização do mundo burguês que teve o seu ocaso nos anos que precederam à Primeira Guerra Mundial. Todas as terças feiras um trem especial saía da estação da Luz, com destino a Santos, levando os passageiros que embarcavam para a Europa, e encostava no cais ao lado do vapor da Mala Real Inglesa que, naquele posto, cruzava com outro que lá chegava, com destino a Buenos Aires. Não havia formalidades policiais. As partidas elegantes consistiam um acontecimento social. Acompanhar os viajantes a Santos, um divertimento. [24]

Uma família paulista na cidade Luz

Foi um verdadeiro (re)descobrimento da Europa. A aquisição de inéditas fortunas apresentara aos potentados paulistas a possibilidade de desfrutar da moderna vida urbana. A refinada Paris esteve na rota desse aprendizado. Os filhos de Martinho da Silva Prado Junior (o Martinico) comentaram assim uma viagem feita pelo pai fazendeiro: "o velho continente desfrutava, em 1891, um período magnífico de paz e progresso. Paris era um paraíso na terra, para os estrangeiros ricos, e ele era um estrangeiro rico". [25]

No ano seguinte, 1892, Martinico e a sua mulher, Albertina, fizeram nova viagem, desta vez com toda a família: o casal partiu de trem da estação do Brás rumo ao Rio de Janeiro, acompanhado por dez filhos (dois outros aguardavam na Europa), mais um genro, uma neta, e quatro "criados". No Rio as dezoito pessoas embarcaram num vapor e quinze dias depois chegaram a Gênova, onde descansaram por um mês. Mais um mês em Milão. Depois seguiram para Paris, aonde reencontram os filhos que estudavam em Wiesbaden, na Alemanha, Caio e Plinio. Ficaram todos acomodados em dois

[24] Cf. CHAVES NETO, Elias P. *Minha vida e as lutas de meu tempo*: memórias. São Paulo: Alfa Omega, 1977, p. 25. O memorialista foi militante de esquerda. Seu avô, de mesmo nome, foi um dos homens mais ricos de seu tempo, foi casado com Anesia da Silva Prado e ocupou os postos de senador, vice-presidente da província e chefe de polícia (cargo equivalente ao de secretário de segurança atual).
[25] *In Memorian*: Martinho Prado Junior, 1843-1943. São Paulo: Elvino Pocai, 1944, p. 24-25.

apartamentos alugados. Chegaram de volta a São Paulo depois de um ano e quadro meses de viagem. A família tornou a embarcar para a Europa em mais três outras oportunidades, em 1895, 1899 e 1900.

Fig 2. O casal Martinico e Albertina com seus doze filhos, 1890.

Na estadia de 1892 Martinico encontrou com o seu irmão mais velho em Paris, o conselheiro Antonio Prado e a esposa Catharina. Também com a irmã Anesia e o marido, Elias Pacheco Chaves, além dos numerosos sobrinhos, os filhos dos dois casais. Somente entre os jovens da família estavam em Paris naquele momento perto de trinta primos e primas. [26] Outra irmã tinha residência fixa lá, a Condessa Ana Brandina, viúva do diplomata Antonio Pereira Pinto, com as suas quatro filhas. Ocasionalmente poderiam somar-se aos Silva Prado e Pacheco Chaves outros casais e filhos de famílias aparentadas que frequentavam a "cidade luz": os Conceição, os Alvares Penteado, os Lacerda Franco, os Monteiro de Barros, os Pacheco Jordão, os Alves de Lima, os Machado Portella, os Souza Aranha e os Silva Ramos. Eram todos cafeicultores, ligados entre si por uma intrincada relação de parentesco e de negócios cruzados.

As viagens individuais eram mais frequentes do que as de grandes grupos familiares. Sempre havia um filho ou sobrinho de passagem, voltando ou indo para

[26] *Idem*, p. 25.

estudar numa escola da moda, fosse ela alemã, suíça, francesa ou inglesa. A princípio só os varões tinham esse privilégio, depois as moças também começaram a ser educadas em internatos europeus ou pelo menos a frequentar escolas durante as longas estadias em Paris.

Fig. 3. Irmãos e primos da família Silva Prado reunidos em Paris, em 1897. No canto esquerdo da imagem, em pé, Paulo Prado e no canto direito, sentado sobre a mesa, Antonio Prado Junior.

Lá também morou por muitos anos o irmão caçula, Eduardo da Silva Prado, católico e monarquista ferrenho, com quem Martinico, maçom e republicano histórico, tinha notórias divergências políticas. Após a proclamação da República no Brasil a família imperial esteve exilada durante alguns anos em Paris, onde D. Pedro II morreu em 1891. Muitos dos participantes do governo deposto a acompanharam, o que explica a presença de numerosas famílias brasileiras morando lá. Eduardo Prado estava motivado pela atividade política em defesa do regime recém-destronado. Ele contou com o incentivo de dois monarquistas muito próximos: seu colega de faculdade e grande amigo Affonso Celso (filho do Visconde de Ouro Preto) e Affonso Arinos (genro de Antonio Prado). O amplo apartamento de Eduardo Prado, localizado na rua de Rivoli, foi para os órfãos da Monarquia uma espécie de posto avançado para a sonhada

restauração do regime. Com o decidido apoio da sua mãe, Veridiana da Silva Prado, ele comprou o jornal *O Commercio de São Paulo* para veicular a propaganda monarquista. Também publicou, entre outros, o livro *A ilusão americana* (1893), imediatamente apreendido pela polícia. Isso lhe valeu uma ordem de prisão e o obrigou a fugir para Paris. [27]

Antonio Prado, que foi chefe do *Partido Conservador* e participou do conselho de ministros do Império – daí o título de conselheiro pelo qual era conhecido – também tinha amigos entre os exilados. Mas ele não deu apoio ao irmão mais jovem, Eduardo, se afastou da política após o golpe de 15 de novembro. Reconheceu imediatamente o novo poder constituído e não fez oposição. Foi eleito deputado constituinte, porém não tomou posse. O jornal *Correio Paulistano,* órgão oficial dos conservadores, do qual ele era o único dono desde 1882, passou a ser o órgão do *Partido Republicano Paulista*. O conselheiro Prado só voltaria à atividade pública mais tarde, em 1899, como vereador e prefeito de São Paulo. [28] Até mesmo o republicano Martinico abandonou a política, desiludido com a militarização nos primeiros governos do novo regime. [29]

A presença regular da família na Europa incluía os negócios: financiamentos bancários, comercialização de café, importação de máquinas e equipamentos para as fazendas e para a *Companhia Paulista de Estradas de Ferro* que os Silva Prado dirigiram durante décadas. Eles também eram acionistas da *Companhia Mechanica e Importadora* que na época era a principal fornecedora de equipamentos pesados para o beneficiamento de café. Para escapar dos comissários estrangeiros que intermediavam as exportações do café no porto de Santos, Martinico, Antonio, o cunhado Elias Chaves e o primo Elias Fausto Pacheco Jordão, fundaram a *Prado, Chaves & Companhia*, em 1887. Era a casa comissária que escoava toda produção das lavouras que a parentela tinha espalhadas pelo interior paulista. [30] Gradualmente, a *Prado, Chaves & Cia.* se tornou a mais importante empresa exportadora do país, com subsidiárias em Londres, Estocolmo e Hamburgo. Mais tarde ela chegaria a atuar como representante extraoficial

---

[27] V. MOTTA FILHO, Cândido. *A vida de Eduardo Prado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, *passim*; JANOTTI, Maria L. *Os subversivos da República.* São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 29-30.

[28] Sobre a vida de Antonio da Silva Prado foram publicados dois volumes comemorativos, organizados pelos seus filhos e amigos: PRADO, Maria N. (org.). *Antonio Prado no Império e na República*: seus discursos e actos colligidos e apresentados pela sua filha. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1929; *1º. Centenário do Conselheiro Antonio da Silva Prado.* São Paulo: Grafica Revista dos Tribunaes, 1946.

[29] D'AVILA, Luiz F. *Dona Veridiana*: a trajetória de uma dinastia paulista. São Paulo: A Girafa, 2004, p. 338-342.

[30] V. LEVI, Darrell E. *A família Prado.* São Paulo: Cultura 70, 1977, p. 254-257; SOUSA, Pedro L. P. *Meus cinqüenta anos na Companhia Prado Chaves*. São Paulo: Grafica Revista dos Tribunaes, 1950, *passim*.

do governo paulista para desembaraçar as vendas de café na Europa. Passada a crise econômica no início da República (1890-1891), apelidada de "encilhamento", os fazendeiros do oeste paulista puderam gozar uma fase de prosperidade que durou cerca de sete anos (1891-1897) propiciada pela sempre crescente exportação. A desvalorização da moeda brasileira favorecia a venda dos produtos agrícolas no exterior. Ao mesmo tempo, a forte inflação tornava vantajosa a compra de artigos de luxo nas lojas parisienses.

Outra preocupação constante nas viagens era a contratação de mão de obra para a lavoura. Um problema espinhoso, com o qual eles tiveram que lidar durante décadas. As constantes denúncias de maus tratos dos imigrantes, durante o transporte marítimo ou nas fazendas, provocaram sucessivas suspensões das viagens subsidiadas. Ao lado de numerosos cafeicultores do oeste paulista, os Silva Prado constituíram, em 1886, a *Sociedade Promotora da Imigração* que financiava as despesas de transporte para trabalhadores europeus dispostos a lidar com o café. A associação assumiu a posição de agente oficial do governo estadual para tratar da questão junto às autoridades migratórias de outros países e com as companhias de transporte marítimo. Daí as inevitáveis passagens pela Itália para cuidar do assunto. [31]

Tempo para o lazer

As longas permanências das famílias paulistas em Paris não serviam só para tratar de política e negócios. Se esses fossem os principais motivos para as cansativas travessias atlânticas certamente os fazendeiros iriam para Londres e dispensariam a companhia das crianças. Nas estadias parisienses as necessidades pessoais e os prazeres estavam em primeiro plano para a maioria dos viajantes. Aproveitavam o tempo livre para cuidar da saúde e dos estudos, também para as diversões nos parques, hipódromos, cassinos, teatros, museus, livrarias, cafés e restaurantes, tidos como os melhores da Europa. Antonio Prado e Elias Chaves eram amantes do canto lírico e da dramaturgia, tanto que patrocinavam as temporadas paulistanas do Teatro São José. Quando encontravam em Paris uma companhia com viagem programada para o Rio de Janeiro e Buenos Aires, contratavam apresentações extras para São Paulo.

Para um turista em primeira viagem na *belle époque* parisiense a maior atração, sem dúvida, eram os cafés no *boulevard* dos Champs Élysées e a recém-inaugurada

[31] V. LEVI, D. E. (1977). *Op. cit*., p. 172-175; *1º. Centenário do Conselheiro...* (1946). *Op. cit*., p. 211.

torre Eiffel. Para aqueles que já conheciam a cidade o lazer preferido estava mais adiante, além das antigas portas da cidade, no Bois de Boulogne. Em carta a um amigo, Eduardo Prado se referiu àquele imenso parque suburbano em tom de brincadeira: "do mundo o melhor é a Europa, da Europa a França, da França Paris, de Paris, todo o perímetro do *pavê du Bois du Boulogne*!". [32]

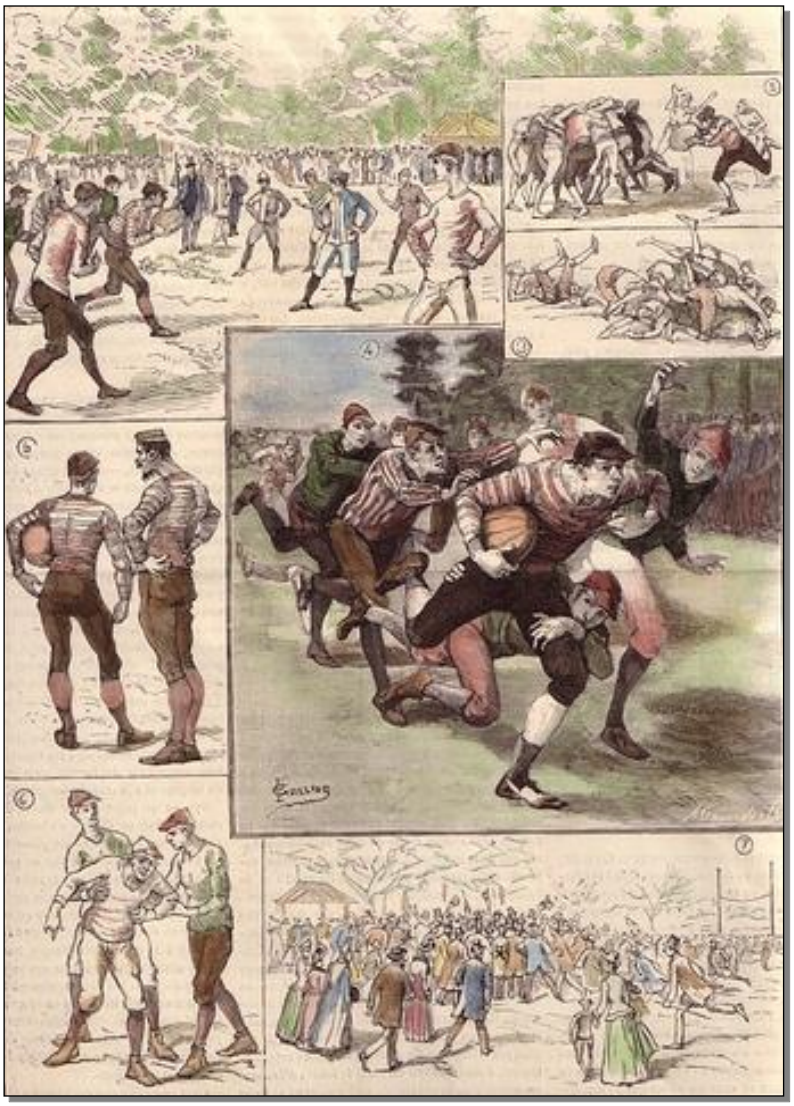


Fig. 4. O *football rugby* no Bois de Boulogne.

No parque eram feitas longas cavalgadas e torneios de equitação. Nos lagos se remava durante a estação quente e se patinava no gelo do inverno. No *Bois* eram experimentadas as grandes novidades do momento: os velocípedes (bicicletas), os triciclos e quadricículos motorizados (automóveis), os balões e mais tarde os aeroplanos. Nos caminhos pavimentados do bosque eram realizados os corsos

[32] BARRETO, Plínio. Eduardo Prado e seus amigos (cartas inéditas). *Revista do Brasil*, 1, 1916, p. 187.

carnavalescos e as batalhas de flores. Os jovens flertavam ao caminhar pelas alamedas e namoraram num *déjeuner sur l'herbe*. No Jardin d'Acclimatation as crianças poderiam conhecer plantas e animais exóticos. Ali estava localizada a sede de um famoso clube de atletismo, o *Racing*, cujos jovens sócios praticavam ginástica, corridas a pé e jogos com bola, principalmente o rúgbi.

É provável, porém, que o entusiasmo de Eduardo Prado se referisse a algo mais emocionante e que atraia multidões para o parque: as corridas de cavalos. [33] O gosto pelo turfe vinha de muitos anos, quando os fazendeiros paulistas ainda eram senhores de escravos e o fluxo de imigrantes europeus para o Brasil mal começara. Antonio Prado conhecia bem as corridas dos hipódromos parisienses desde 1861 quando, recém-graduado em direito pela faculdade do largo de São Francisco, com apenas 21 anos de idade, viajou durante dois anos pela Europa para complementação dos estudos. [34]

As corridas de cavalos eram uma tradição europeia. No passado elas fizeram parte dos festivais aristocráticos que aconteciam nas proximidades das maiores cidades, geralmente associados às comemorações religiosas. [35] Na Inglaterra, desde 1711 o hipódromo real de Ascot, um vilarejo próximo a Londres, reunia as disputas da nobreza em encontros festivos. O turfe estava entre as atividades físicas ao ar livre (caça, esgrima, pesca, equitação, arco e flecha, etc.) que os ingleses chamavam de *sport*. [36] Aquela velha diversão de origem campestre foi aburguesada no início do século XIX quando os clubes de galopes transformaram o turfe numa atividade de lazer regular nos bosques periféricos das cidades, sem se pautar mais pelas festividades religiosas. Era um divertimento bastante apreciado pela *gentry* agrária e pelas novas elites urbanas inglesas. Essa forma tradicional de lazer, com traços rurais e urbanos, atravessou o canal da Mancha e foi adotada pela nobreza francesa também. O *Jockey Club* de Paris foi fundado em 1834.

---

[33] CSERGO, Julia. Extensão e mutação do lazer citatino, Paris, século XIX – princípio do século XX. In: CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 139-202.
[34] Cf. *1º. Centenário do Conselheiro...* (1946). *Op. cit*., p. 156.
[35] ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 64-65; MANDELL, Richard D. *Historia cultural del deporte*. Barcelona: Bellaterra, 2006, p. 147-151.
[36] V. HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 256; ULMANN, Jacques. *De La gymnastique aux sports modernes*. Paris: Vrin, 1982, p. 324-326; ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, N. e DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 188. A palavra inglesa *sport* veio do francês arcaico *desport* que significava divertimento. Na França a forma *sport* foi importada como um sinônimo de *turf*, depois se generalizou para nomear o conjunto dos jogos de origem inglesa e assim ela se incorporou à língua francesa. Ela chegou ao Brasil no em meados do século XIX e só foi "abrasileirada" no século seguinte como *esporte*, enquanto em Portugal prevaleceu a antiga forma *desporto* que veio do italiano *diporto* (divertimento).

O hipódromo parisiense de Longchamp, anexo ao Bois de Boulogne, foi inaugurado em 1857. Naquela época era pouco mais do que um conjunto de pistas elípticas de diferentes metragens. Ele recebia bom público, a assistência não se restringia mais aos aristocratas. Certa vez, em 1865, uma multidão com mais de 150 mil pessoas acorreu àquele prado para assistir um páreo com a participação um cavalo famoso, Gladiateur, o primeiro animal de criação francesa a ganhar o *Derby* no hipódromo inglês de Epson. Concentrar tamanha quantidade de gente no mesmo evento foi possível porque Longchamp era um grande espaço aberto e não uma arena fechada como os hipódromos na Antiguidade romana.

Fig. 5. Postado junto à cerca, o público assiste às corridas de cavalos no Bois de Bolulogne, ao fundo se vê as arquibancadas de Longchamp. Óleo de Eugene von Guerard, 1881.

As famílias parisienses se aglomeravam nos limites da raia, na *pelouse*, e nas colinas próximas para torcer e apostar. Alguns sentados nas próprias carruagens, outros nas arquibancadas, a maioria caminhava pela relva. Longchamp cresceu aos poucos. Inicialmente as arquibancadas acomodavam uma parte pequena do público, elas foram ampliadas com o passar dos anos. Em 1873, outro hipódromo, chamado d'Auteuil, foi erguido no Bois de Boulogne para corridas com obstáculos (*steeplechase*) e mais um no parque de Vincennes para o trote. No pequeno e sofisticado balneário de Deauville, na costa da Normandia, a apenas três horas de Paris por trem, foi inaugurado um

hipódromo mais restritivo, em 1864. Por muitos anos o prado de Deauville foi frequentado quase exclusivamente pela aristocracia e a alta burguesia.

As corridas equestres viraram paixão nacional na França. Ao ser importado da Inglaterra o *turf* foi chamado de *sport* pelos franceses, ele não era entendido ainda como uma entre as muitas modalidades de esportes. [37] Os jogos coletivos originados nas escolas secundárias inglesas só chegariam a Paris bem mais tarde, no final dos anos 1880. Os esportes atléticos ficaram ignorados por muito tempo pelo público francês, eram praticados por alguns poucos estudantes e imigrantes ingleses nos parques. [38]

Assim como em outras áreas da cultura, o esporte brasileiro foi influenciado pela moda parisiense. A preponderância do turfe sobre outras competições esportivas foi reproduzida aqui pelas elites nacionais. As corridas de cavalos foram a forma de divertimento esportivo hegemônica até a última década do século XIX e a mesma confusão entre as palavras chegou pela influência francesa: *sport* era sinônimo de *turf*. Graças, principalmente, às viagens regulares e longas permanências das famílias fazendeiras paulistas em Paris, os esportes ingleses desembarcaram com certo sotaque francês. Os jogos com bola foram igualmente ignorados pela nossa juventude, até o início do século seguinte. As raras exceções ficaram por conta dos clubes formados por ingleses, dentro dos quais o críquete era o jogo predileto. A penetração da cultura britânica foi mais sentida nas maiores capitais litorâneas do país, como mostrou Gilberto Freyre, enquanto em São Paulo a francesa preponderou. [39]

Os espetáculos no turfe paulistano

No Brasil as primeiras corridas de cavalos, chamadas comumente de "parelhas", aconteceram na cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX, logo após a abertura dos portos ao comércio internacional. Eram desafios esporádicos entre comerciantes ingleses e portugueses, disputados na praia de Botafogo. As duas primeiras tentativas de se organizar um clube de corridas, em 1849 e 1854, tiveram curta duração. [40] Quando,

[37] WEBER, Eugen. *França fin du Siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 264-265.
[38] VIGARELLO, Georges. *Du jeu ancien au show sportif*. Paris: Seuil, 2002, p. 55-57.
[39] V. FREYRE, G. (1948). *Op cit*., *passim*; _____ (2004). *Op. cit.*, p. 429-464.
[40] V. COSTA, Cassio. *O turfe de outrora*. Rio de Janeiro: Revista Vida Turfista, 1961, p. 9; BUENO, Eduardo. *O turfe no Brasil*: histórias e vitórias. Rio de Janeiro: Itajara, 2006, p. 27-29; MELO, Victor A. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos na configuração do campo esportivo no

finalmente, foi fundado o *Jockey Club* do Rio de Janeiro, em 1868, o jovem Antonio da Silva Prado estava entre os primeiros sócios.

No início do turfe brasileiro os cavalos parelheiros eram de raças ibéricas. A importação de animais puro sangue inglês (raça PSI) começou em 1874 no Rio. [41] Antonio Prado organizou o seu próprio haras e importou reprodutores PSI franceses, Osman, Monarch, Gravellote e Duchese, para apurar uma linhagem de parelheiros na fazenda Santa Veridiana, em Santa Cruz das Palmeiras, interior da província paulista. [42] Ele também construiu um caprichado hipódromo na chácara do Carvalho, no bairro paulistano da Barra Funda, margem esquerda do Rio Tietê. Essas terras antes faziam parte das vastas pastagens que o seu avô, o tropeiro Barão de Iguape, tinha nos arredores da capital. [43] O hipódromo particular de Antonio Prado ocupava a área que hoje vai desde a praça Marechal Deodoro, até a rua Vitorino Carmilo. Ele era usado para treinar os animais.

Nos limites da chácara do Carvalho ficava um ponto de parada da ferrovia inglesa, o que facilitava o transporte dos animais até o haras do interior e para as corridas do Rio de Janeiro, com o transbordo na estação do Brás para a ferrovia Central. O embarque dos cavalos por trem foi um fator decisivo para a divulgação do turfe pelo país. Ele contribuiu para estabelecer uma rivalidade entre os criadores paulistas e cariocas. Antonio Prado, assim como outros criadores paulistas, levava seus melhores cavalos para as carreiras no prado do Engenho Novo, do *Jockey Club* fluminense, onde se tornou um "coudeleiro" (proprietário de escuderia de corridas) bastante conhecido. Naquela época os donos de animais vencedores eram prestigiados e Antonio Prado seria lembrado no Rio de Janeiro como o criador do célebre Pery, o primeiro animal nacional a vencer puros sangues importados. Pery, filho de Osman, foi um grande *crack*, como se dizia para os melhores cavalos, palavra que mais tarde foi atribuída aos grandes futebolistas. Com Pery, Antonio Prado conquistou em 1884 a taça de ouro "Rei da Raia Paulista" e ganhou fama. [44]

Em São Paulo as disputas de galopes em parelhas aconteciam desde 1860, sem regularidade, em raias improvisadas no largo do Campo Redondo (atual praça Princesa

---

Brasil. In: PRIORE. Mary Del e MELO, Victor A. (orgs.) *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009, p. 35-70.

[41] GAMA, Annibal. *Turf*: hipódromos, carreiras, haras. Rio de Janeiro: s. ed., 1944, p. 18; MOUTINHO, José G. N. *Jockey Club de São Paulo*: 1875-1985, 110 anos. São Paulo: JCSP, 1986, p. 10.

[42] *O Estado de São Paulo*, 8 dez. 1905, p. 3.

[43] Cf. SOUSA, Everardo V. P. A Paulicéia há sessenta anos. *Revista do Arquivo Municipal*, 111, 1946, p. 59.

[44] *O Estado de São Paulo*, 1 dez. 1899, p. 2. V., tb., SOUSA, E. V. P. (1940). *Op. cit.*, p. 196.

Isabel) e no campo da Luz (atual avenida Tiradentes). [45] Pela descrição do jornal *O Caleidoscópio* elas atraiam muitos espectadores:

> Ali pelo voltar das quatro horas da tarde a cidade toda despejava-se por aquela rua da Constituição abaixo e lá pela rua Alegre que era mesmo uma maravilha. Daí a pouco estava aquele largo imenso do jardim botânico juncado de centenares de pessoas a cavalo, a pé e de burro, umas passeando de um lado e de outro, estas sentadas, aquelas trepadas pelas árvores, pelos muros, em toda parte enfim, a esperarem ansiosas a anunciada corrida dos dois mais célebres cavalos que ainda se viu por estas alturas. Até os pretos apostaram a sua pinguinha. [46]

Na mesma época apareceu no *Correio Paulistano* a ideia de construir um hipódromo para colocar esse tipo de divertimento, já vulgarizado, sob o controle da elite governante:

> Entre nós, também é muito prezado esse divertimento, e muito mais podia ser, se a gente da classe baixa, e homens velhacos não tivessem arredado dele tanta gente boa. A populaça, em maioria toma deles conta, grita contra uns, rebaixa outros, havendo sempre dicterios e brigas, e não poucas vezes, mortes. Assacar aleives aos contrários, fazer velhacadas, purgar animais, eis aqui coisas que fazem desesperar, e desejar ardentemente que sejam nossas carreiras como as do Rio e da Europa, que haja um Hipódromo em que as condições sejam todas taxadas de antemão, as forças igualadas, e a populaça, contida pela autoridade, e em minoria não possa impunemente enxovalhar àqueles que estão em melhor posição. Entre nós ainda há homens que se gabam (vergonha!) de nunca perder carreiras. [47]

Estavam bem claros os motivos para defender a construção de um prado de corridas cercado. O espetáculo continuaria a céu aberto, mas as regras seriam impostas por um pequeno grupo, pelos sócios de um seleto *club*. Anos depois, Antonio Prado e outros coudeleiros paulistas foram procurados por Rafael Aguiar Paes de Barros, para organizarem um clube de corridas. Rafael mantinha a sua coudelaria num grande sítio localizado nos altos do bairro paulistano da Mooca. Ele voltou de uma viagem de estudos na França e na Inglaterra entusiasmado com o turfe que conhecera e propôs a fundação de um clube. Antonio Prado, Martinico Prado, seus primos, Eleuterio da Silva Prado e Elias Fausto Pacheco Jordão, e o cunhado Elias Pacheco Chaves, se uniram a Paes de Barros para fundar em 1875 o *Club Paulistano de Corridas*. [48]

---

[45] CAMPOS, Alzira L. A. Vida cotidiana e lazer em São Paulo oitocentista. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 287-8; MOUTINHO, J. G. N. (1986). *Op. cit*., p. 8.
[46] Cf. *O Caleidoscópio*, 14 abr. 1860, p. 13-14, *apud* CAMPOS, A. L. A. (2004). *Op. cit., loc. cit.*.
[47] Cf. *Correio Paulistano*, 16 out. 1862, p. 3.
[48] *Turf e fomento (edição especial)*: 1875-1975, centenário do Jockey Club de São Paulo. São Paulo: JCSP, 1975, p. 13-14.

Do grupo fizeram parte, também, representantes de várias outras famílias da elite paulista: Sousa Queiroz, Paula Sousa, Ellis, Tobias de Aguiar, Gavião Peixoto, Vieira de Moraes e Aguiar Castro. Em 1881 o nome da associação foi mudado para *Jockey Club de São Paulo*. Os setenta e três sócios fundadores arrendaram da municipalidade um terreno plano e amplo na rua Bresser, no campo da Mooca, uma antiga chácara que pertencera ao Senador Feijó. [49] Eles se cotizaram e conseguiram subsídios públicos para comprar áreas vizinhas, construir as raias, as estrebarias, arquibancadas para mil e duzentas pessoas e demais instalações. Um ramal especial da ferrovia inglesa foi estendido até o hipódromo para o transporte dos animais. Nos dias de corridas um trem especial trazia os espectadores desde a estação da Luz. A *Companhia Carris de Ferro* também oferecia bondes extras. [50]

A organização de um clube de galopes em São Paulo marcou a transição entre as disputas que aconteciam como desafios esporádicos, com dois ou mais contendores, e o esporte moderno integrado ao lazer urbano nos moldes dos hipódromos europeus. Além do prazer individual, os criadores passaram a oferecer divertimento para espectadores pagantes. As corridas foram submetidas a regras fixas, aprovadas pelos sócios e que não poderiam ser alteradas pela vontade casual dos competidores. O regulamento de corridas foi redigido por Elias Pacheco Chaves em parceria com João Tobias de Aguiar e Castro, filho da Marquesa de Santos e do ex-presidente da província, brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar. [51] O clube de corridas não fazia parte de nenhuma federação, nacional ou internacional, mas copiou os regulamentos ingleses, tal como tantos outros clubes surgidos na segunda metade daquele século. O princípio básico era o mesmo que rege todos os esportes modernos: o da isonomia entre os competidores. As provas são disputadas em igualdade de condições e prevalecem os méritos individuais, nenhuma instância pode artificializar os resultados. Como disse um dos fundadores: "no prado a vitória pertence ao cavalo mais veloz e mais forte e não ao corredor mais velhaco, como no sistema atual". [52] O mérito, no caso do turfe, não era atribuído apenas ao conjunto cavalo/jóquei, mas principalmente ao dono do animal, ao criador.

O esporte moderno nasceu da ideologia liberal britânica. Os clubes, baseados em princípios democráticos, nivelavam os sócios independentemente dos títulos, cargos políticos e posses da vida comum. Ao competirem todos eram iguais entre si. Só

[49] *A Província de São Paulo*, 22 fev. 1876, p. 2.
[50] GAMA, A. (1944). *Op. cit.*, 30.
[51] MOUTINHO, J. G. N. (1986). *Op. cit.*, p. 10.
[52] *A Província de São Paulo*, 22 fev. 1876, p. 2.

participavam nas raias os animais pertencentes àqueles que se reconheciam como pares, donos de haras. Os clubes de galopes eram elitistas e excludentes, só aceitavam homens de nível social semelhante. [53] As desigualdades sociais eram reproduzidas no público que comparecia às corridas. O hipódromo funcionava como espaço controlado: os populares eram aceitos numa parte das arquibancadas e nas gerais (*pelouse*), os sócios frequentavam as áreas restritas.

Até a última década do século XIX a palavra *sportsman* não era atribuída a um atleta, a alguém que praticasse atividades físicas, mas sim aos abastados que se envolviam com as corridas, os criadores e patrocinadores. O típico *sportsman* era um dono de cavalos parelheiros que assistia aos páreos da tribuna de honra e recebia aplausos ao desfilar ao lado da sua cria vencedora. Nesses moldes Antonio Prado era considerado um dos mais ilustres representantes dos *sportsmen* paulistas, sem nunca precisar montar e suar a sobrecasaca.

Fig. 6. O conselheiro Antonio da Silva Prado, ministro do Império, em 1888, aos 48 anos de idade.

[53] VIGARELLO, Georges. O tempo do desporto. In: CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 233-235; ELIAS, N. e DUNNING, E. (1992). *Op. cit.*, p. 64-67.

Os jóqueis tinham origens humildes, eram cavalariços a serviço dos *sportsmen*, não recebiam reconhecimento como atletas. [54] Eles eram pagos para representar as cores do *stud* do dono do cavalo, claramente identificadas nas chamativas camisas de seda, que poderiam ser as mesmas do brasão familiar. Os cavalos do conselheiro Prado corriam com as cores azul e branca. Raramente um jóquei alcançava a fama. Eles eram selecionados entre adolescentes pobres de baixo peso corporal, às vezes ainda crianças. A profissão era arriscada, mas abria chances de ascensão social. Aqueles que conseguissem resistir sem maiores sequelas às costumeiras quedas e acumular vitórias nas corridas poderiam amealhar uma boa poupança. No auge do turfe paulistano alguns cavaleiros franceses e ingleses foram especialmente contratados para correr no prado da Mooca.

Fig. 7. *O cavalo Hércules*, óleo sobre tela de Oscar Pereira da Silva, 1897. Alguns animais campeões no prado da Mooca tiveram sua imagem preservada para a memória do esporte em obras de artistas renomados. Os jóqueis, que vestiam as cores do coudeleiro, figuravam anônimos. Acervo do *Jockey Club*.

[54] V. LUCENA, Ricardo F. *O esporte na cidade*: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Tese (Doutorado em Educação Física). Campinas: FEF-UNICAMP, 2000, p. 99-108; MELO, V. A. *Cidade esportiva*: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 119-122. Originalmente, a palavra *jockey* era o diminutivo que os ingleses empregavam, no século XVII, para nomear os vendedores de cavalos. Ela veio de *Jock*, a versão escocesa para o *Jack* dos ingleses, apelido do *John*, o homem simples do povo. Enfim, o *jockey* era tido como um "Joãozinho", um "João Ninguém".

O cavalo corria, o jóquei recebia pelo trabalho, o *sportsman* patrocinava o espetáculo e se exibia no prado. [55] O animal parecia ser a estrela do espetáculo e o cavaleiro um coadjuvante, mas verdadeira disputa não se dava entre os cavaleiros e sim entre os proprietários. Nesse tipo de esporte, em que o desempenho prático ficava delegado a outro, a finalidade era o divertimento lúdico e a conquista de glórias pelos criadores. O interesse profissional ficava com o jóquei. É verdade que alguns dos sócios do *Jockey Club* conseguiam ganhar bons prêmios em dinheiro se os seus animais tivessem sucesso nas pistas e lucrar com a venda de crias, mas o clube em si não gerava lucros. Bem ao contrário, as primeiras sociedades equestres eram amadoras e passavam por sucessivos períodos de dificuldades sendo socorridas pelos sócios. Diversas delas faliram ao longo do tempo em várias cidades brasileiras, inclusive em São Paulo.

Prazer desinteressado e ganho monetário coexistiram sem conflitos no turfe. A oposição entre profissionalismo e amadorismo só apareceria mais tarde, em outros esportes. Ao levar em consideração as origens europeias das corridas de cavalos compreende-se melhor essa postura aristocrática: o animal corporificava na raia a criação de um senhor de terras. Um proprietário que repudiava fazer atividades práticas e mecânicas em público e assistia com binóculos à performance esportiva de um fruto dos seus domínios. Não foi difícil para os fazendeiros brasileiros, potentados rurais que só então começavam a se livrar dos escravos, adaptar a imagem e posar como se fossem aristocratas europeus. O turfe atendia bem ao gosto da elite fundiária nacional abastada, pouco numerosa e sem rivais a altura, que preferia um esporte associado à nobreza europeia. A criação de cavalos parelheiros era emblemática para demarcar uma posição social de destaque. Dava prestígio ao nome da família e à sua propriedade fundiária, ao haras de criação. Era uma atividade suficientemente cara para estabelecer uma inconfundível separação entre os donos dos animais e os cavaleiros que os guiavam.

O lazer apaziguador

A fundação de um clube esportivo, sem fins lucrativos e voltado para a atividade de lazer, trazia uma novidade social e política de outro tipo para a cidade. No *Jockey Club de São Paulo* se reuniram dois grandes grupos de antigas famílias paulistas, representantes das facções rivais na política regional: a liberal e a conservadora. Incluiu

[55] LANFRANCHI, Pierre. Exporting football: notes on the development of football in Europe. In: GIULIANOTTI, Richard e WILLIAMS, John (orgs.). *Game without frontiers*: football, identity and modernity. Hants: Arena, 1994, p. 25.

também os dissidentes das mesmas parentelas que haviam se aglutinado numa nova organização partidária: a republicana. Na política oligárquica o âmbito público e o privado não estavam separados. As influências políticas eram tecidas com muita paciência pelas redes familiares mais poderosas. Eram parentelas extensas, grupos de famílias nucleares ligadas entre si de geração a geração por relações complexas de sangue e tradição, por obrigações clientelistas e compromissos de compadrio, de religiosidade, de honrarias, pela concessão de cargos públicos e títulos de nobiliarquia, além dos negócios em comum. [56] As raias esportivas passaram a fazer parte desse jogo político-social de disputas e alianças. Os proprietários assistiam a uma simulação lúdica de rixas entre cavaleiros. Suas crias pelejavam pela vitória, corpo a corpo com as de outros fazendeiros, em cordial rivalidade. As diferenças políticas eram postas momentaneamente de lado nas tribunas, enquanto os méritos dos criadores entravam em confronto, teatralizado nos galopes. Um cavalo de Rafael Paes de Barros, signatário da convenção republicana de Itu de 1873, poderia correr ao lado de animais pertencentes ao ex-deputado conservador Antonio Prado e ao liberal Antonio Aguiar de Barros, futuro Marquês de Itu. No páreo que inaugurou o hipódromo da Mooca, no dia 29 de outubro de 1876, o cavalo favorito chamava-se Republicano, mas ele perdeu para o rival, o Macaco.

Nas gerações anteriores o congraçamento entre as grandes parentelas paulistas numa mesma agremiação seria impensável. O avô de Antonio da Silva Prado, o Barão de Iguape – que tinha nome idêntico ao do neto – passou por dois enfrentamentos na disputa pelo poder regional: na rebelião conservadora de 1822, que foi chamada de "Bernarda de Francisco Ignácio Sousa Queiroz", e na Revolução Liberal de 1842. [57] Em

---

[56] Neste estudo optei por empregar o termo de "parentela" conforme foi definido pela professora Maria Isaura Pereira de Queiroz e não o de "clã" ou de "família patriarcal". A ideia de parentela é abrangente e, ao mesmo tempo, mais precisa para identificar as relações de parentescos entre as elites paulistas de então, que incluíam tanto famílias nucleares como as extensas, as ancestrais ou as descendentes, que não viviam necessariamente sob o mesmo teto, mas mantinham laços de sangue e uma gama de obrigações clientelistas e de negócios entre si. V. QUEIROZ, Maria I. P. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, Boris (org.). *História geral da civilização brasileira*. v. 8, t. 3. São Paulo: Difel, 1985, p. 165-171. Sobre a multiplicidade das organizações familiares paulistas no período colonial e início do século XIX ver: CAMPOS, Alzira L. A. *Casamento e família em São Paulo colonial*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 237-292; SAMARA, Eni M. *As mulheres, o poder e a família*: São Paulo, século XIX. São Paulo: Marco Zero: Secretaria da Cultura, 1989, p. 15-21 e p. 169-174. Dei, também, preferência ao uso da palavra "elite" e não "burguesia" para nomear as classes senhoriais paulistas, com diversos perfis, que misturavam os interesses rurais oriundos da economia colonial às novas formas de investimentos capitalistas urbanos.

[57] V. HOLANDA, Sérgio B. As províncias do sul: São Paulo. In: _____ (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. v. 4, t. 2. Rio de Janeiro: Difel, 1978, p. 447-472; VIDIGAL, Geraldo. *O Marquês de Monte Alegre*: alvorecer de um estadista. São Paulo: IBRASA, *passim*; SOUSA, Pedro L. P. *Casa do Barão de Iguape*: recordações de São Paulo do século XIX. São Paulo: Grafica Revista dos Tribunaes,

ambas os Sousa Queiroz e os Tobias de Aguiar, famílias unidas entre si por laços de sangue, disputaram a poder local com os Silva Prado e a sua respectiva parentela. Outros grupos familiares eram aliados às duas facções. Além do governo regional, estava em jogo o controle do rico comércio interprovincial de gado, no qual o conservador Barão de Iguape era um dos potentados e o liberal brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar era outro. [58]

Já em 1875, no período de apaziguamento da memória pelo qual passava a província durante o Segundo Reinado, o fundador e primeiro presidente do *Jockey Club de São Paulo*, Rafael Aguiar Paes de Barros, era sobrinho do brigadeiro Tobias. Portanto. Ao incluir os irmãos Antonio e Martinico Prado e o primo Eleuterio, o clube equestre congregou descendentes das tradicionais forças antagônicas. Como foi visto acima, a redação do código de corridas foi atribuída aos representantes dos dois grupos oligárquicos, Elias Chaves e João Tobias de Aguiar, em comum acordo. Certamente a identificação de um inimigo externo, a guerra contra o Paraguai (1864-1870), contribuiu para aproximação das classes dominantes brasileiras nesse período.

Um pequeno exemplo de como a distensão política chegava à vida familiar foi o casamento, em 1868, de Antonio da Silva Prado com uma descendente da antiga parentela rival, Maria Catharina Costa Pinto. [59] A sogra de Antonio Prado (mãe de Maria Catharina) era sobrinha do coronel Francisco Ignácio de Souza Queiroz, o líder liberal da Bernarda de 1822. O sogro (pai de Maria Catharina), ao contrário, era um conservador: Antonio da Costa Pinto, conselheiro do Império e presidente da província de São Paulo em 1870. Costa Pinto era dono de vastas terras em Piracicaba e Corumbataí no interior paulista, um homem rico e influente na Corte. Ele iniciou o genro na vida política atendendo ao pedido do seu aliado, o Barão de Iguape.

Não se deve, pois, procurar coerências ideológicas extremadas nas disputas oligárquicas, nem se deixar enganar pelo verniz liberal-democrático contido no esporte que praticavam. As alianças familiares antecediam e os vínculos de sangue eram mais fortes do que as fluidas convicções partidárias. As carreiras de cavalos no prado da

---

1959, *passim*; TAUNAY, Affonso E. *História da cidade de São Paulo sob o Império (1842-1854)*. São Paulo: Arquivo Histórico: DPH, 1977, v. VI, p. 65-93; TOLEDO, Roberto P. *A capital da solidão*: uma história de São Paulo, das origens a 1900. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 287-290; CAMPOS, Alzira L. A. População e sociedade em São Paulo no século XIX. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v.2. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 21-3; LEVI, D. E. (1977). *Op. cit.*, p. 58-82.

[58] PETRONE, Maria T. S. *O Barão de Iguape*: um empresário da época da independência. São Paulo: Nacional, 1976, p. 129-144.

[59] V. *1º. Centenário do Conselheiro...* (1946). *Op. cit.*, p.19 e p. 146-147; TAUNAY, A. E. (1977). *Op. cit.*, p. 106.

Mooca mimetizavam os jogos de forças políticas, recordavam as rusgas do passado e manifestavam, simbolicamente, a crença de que as diferenças de opiniões poderiam ser resolvidas de modo cordial. Vitorioso ou derrotado, um *sportsman* deveria conviver pacificamente com o cavalheiro adversário e, sem humilhação ou reação agressiva, reconhecerem mutuamente os méritos.

O confronto esportivo só é possível quando os oponentes demonstram a crença num ideal de justiça, ainda que vago e idealizado. Precisam confiar nas regras estabelecidas e na isenção daqueles que fiscalizam o cumprimento delas. Ao colocar um animal na raia o coudeleiro se submetia ao regulamento e não deveria contestar as decisões dos juízes, considerados neutros, mesmo que o resultado fosse duvidoso. Num mesmo páreo poderiam atuar mais de dez juízes nomeados pelo clube: juiz de pesagem, de largada, de chegada, vários juízes de pista, e até mesmo juízes de arquibancada. [60]

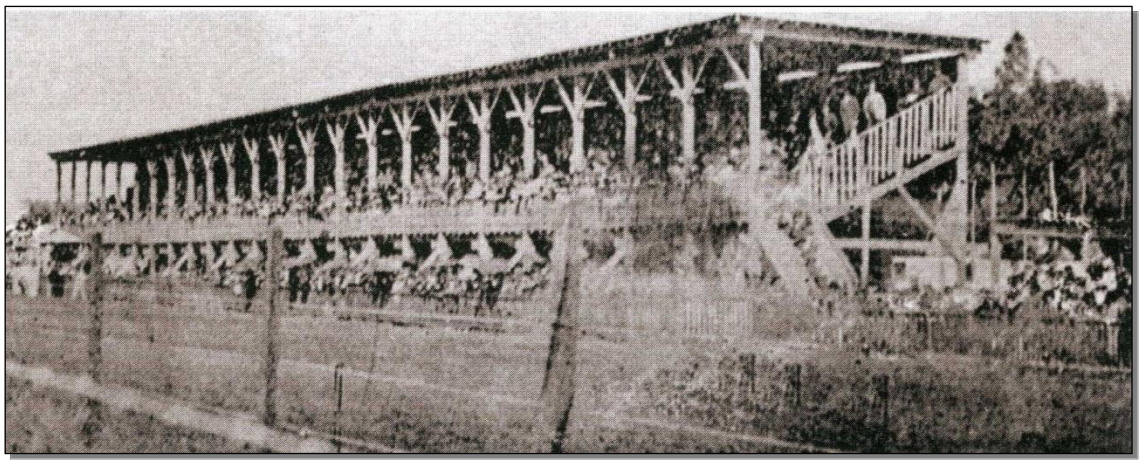


Fig. 8. Dia de corridas na Mooca. Rara foto das primeiras arquibancadas do hipódromo, construídas em madeira.

Nem sempre as atitudes seriam tão complacentes e cavalheirescas. As fraudes e os protestos só tenderiam a aumentar com o passar dos anos, acompanhando o crescimento dos interesses comerciais que foram sendo envolvidos no esporte. As punições exemplares de alguns dos desgarrados da ética esportiva serviriam, nos momentos mais oportunos, para rememorar e atualizar os princípios que fundamentavam as disputas. Para não quebrar a magia emocionante dos galopes, os entusiastas preferiam não prestar muita atenção às falcatruas que volta e meia eram reveladas. Elas só começaram afetar de fato o esporte no final do século, quando o aumento das denúncias abalou o encanto das competições.

[60] MOUTINHO, J. G. N. (1986). *Op. cit.*, p. 10; COSTA, C. (1961). *Op. cit*., p. 40-46.

As inscrições de animais para as carreiras no prado da Mooca eram abertas também a criadores não associados ao clube. Para garantir o equilíbrio entre os participantes os páreos eram divididos entre duas categorias de coudeleiros: profissionais e "amadores". Estes, os amadores, eram assim chamados não por um critério de exclusão social, mas por participarem das provas sem premiações em dinheiro, disputadas por cavalos de criadores iniciantes. Os coudeleiros amadores geralmente inscreviam animais mestiços de menor valor, chamados de "peludos". Todos os cavalos eram classificados pela origem da criação (nacionais ou importados), além de separados por faixas de peso. Na Inglaterra e na França os criadores de puro sangue de corridas (*thoroughbread*) conseguiam linhagens com qualidades muito superiores às brasileiras. Por isso a separação entre animais importados da Europa e os nacionais tinha que ser rigorosa para balancear as competições. Nos primeiros anos os parelheiros vindos da Argentina e Uruguai corriam ao lado dos nacionais, mais tarde eles também passaram a ser incluídos entre os importados, pois o turfe se desenvolveu mais nos países platinos. Vai daí a grande preocupação com o registro de nascimento dos cavalos e o estudo paciente da genealogia de cada animal que virou um passatempo de gosto aristocrático para os turfistas mais apaixonados. Um animal vencedor tinha a sua árvore de ancestrais publicada nos jornais até a terceira geração. Em 1891 foi criado o *Stud Book Brasileiro* que oficializou o registro genealógico para garantir a pureza da raça PSI de criação nacional, os animais "peludos" (sem raça definida) saíram progressivamente de cena. [61]

O jogo das pules

O princípio de justiça isonômica era indispensável, como visto, para a existência do esporte. Ele assegurava a fé dos participantes e dos espectadores na lisura da competição e só essa confiança permitiria dar vazão às emoções. De modo contraditório, o jogo de apostas, componente fundamental para atiçar as plateias ao êxtase, era fonte permanente de suspeitas. Os resultados de certos páreos poderiam ser colocados em dúvida e assim a fé estaria quebrada. O jogo das pules é a principal diferença entre a visão contemporânea do esporte e aquela que prevalecia até o final do século XIX. Hoje pode parecer estranho para alguns atribuir o conceito de esporte ao

[61] TARANTO, José Roberto. *Sangue e raça*: o cavalo de corrida brasileiro. Rio de Janeiro: Index, 1989.

turfe, há autores que sequer o incluem como parte da nossa história esportiva. [62] Para o público que pouco acompanha as corridas de cavalos elas parecem relacionadas aos jogos de azar e às atividades comerciais de entretenimento, menos ao esporte. Entretanto, nos primórdios os esportes não eram pensados sem as apostas, elas estavam presentes em várias modalidades e a palavra *sportsman* era frequentemente usada como um sinônimo de apostador.

Fig. 9. O *betting post*, ponto de encontro onde os frequentadores do hipódromo inglês de Epson faziam as apostas entre si e com os *bookmakers*, banqueiros do jogo. Óleo de James Pollard, c.1830.

As apostas em dinheiro estimularam o aparecimento dos esportes modernos na Europa, pois elas impunham como pré-condição o equilíbrio entre as forças oponentes. Entre as disputas esportivas e os jogos de azar existem paralelismos, ambos partem do princípio de equidade: sem regras isonômicas não se pode apostar. [63] Na aristocracia europeia os desafios com as apostas era um costume muito antigo. Um nobre inglês do século XVIII poderia, por exemplo, colocar dinheiro em jogo contra seus pares em competições onde ambos os lados se faziam representar por profissionais contratados:

[62] TURBINO, Manoel J. G. *O Esporte no Brasil*. São Paulo: IBRASA, 1996; WITTER, José S. Os esportes na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 583-601.
[63] CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Cotovia, 1990, p. 96; RENSON, Roland. Fair play: its origins and meanings in sport and society. *Kinesiology*, 41 (1): 5-18, 2009.

lutadores, corredores, equipes de críquete, etc. Ou então por animais: brigas de cães e galos nas rinhas e corridas de cães e cavalos nas pistas. [64] Poderiam, ainda, apostar na convicção de uma vitória pessoal, talvez num *jeu de paume*. [65] A confiança depositada tanto nas competições delegadas a profissionais e animais, como na participação direta, não se pautava apenas pelos méritos dos contendores, mas na crença do destino, na fatalidade do sucesso, dada pelo nascimento do apostador em berço nobre. [66]

Ao ser urbanizado na Europa o turfe já convivia com as apostas e elas chegaram ao Brasil como parte indissociável das disputas em páreos. Nas primeiras corridas que aconteceram em São Paulo, no campo da Luz, a Marquesa de Santos, esposa do brigadeiro Tobias, muito conhecida e respeitada na cidade e também proprietária de cavalos parelheiros, guardava na bolsa os envelopes contendo dinheiro das apostas de vários cavalheiros e damas. [67] Com a construção do hipódromo o mesmo hábito se instalou nas arquibancadas. Inicialmente as apostas aconteciam entre os assistentes de modo espontâneo, depois foram dadas concessões para que particulares bancassem o jogo dentro do hipódromo e, finalmente, o próprio clube de corridas assumiu a venda dos boletos de apostas (as chamadas *poules* ou pules). Foi em 1873 que essa "loteria de corridas" funcionou pela primeira vez no *Jockey Club* do Rio de Janeiro e depois ela foi adotada em inúmeros outros hipódromos fundados pelo país afora. Em São Paulo foi autorizada em maio de 1877. [68] Ao ser bancado pelo clube, que não tinha fins lucrativos, o jogo ganhava maior credibilidade. Entretanto, isso criava um novo polo de tensão, o clube assumia responsabilidades perante o público quanto à lisura das disputas.

O gosto pelos jogos de azar contribuiu para a popularização dos esportes no Brasil, tal como ocorreu em países europeus. [69] Os espectadores apostavam em todo tipo de competições "amadoras" que começavam a aparecer no país. Em entrevista concedida em 1915, o esportista carioca Oscar Cox recordou que o atletismo começou na comunidade britânica do Rio de Janeiro, no final do Império, com corridas a pé sob

---

[64] MANDELL, R. D. (2006). *Op. cit.*, p. 151-153; POCIELLO, Christian. Quelques indications sur les determinants historiques de la naissance des sports en Angleterre (1780-1860). In: _____. *Sports et Société*: approche socio-culturelle des partiques. Paris: Vigot, 1981. p. 42-44; HOLT, Richard. *Sport and the British*: a modern history. Oxford: Clarendon, 1989, p. 14-28; MALCOLM, Dominic. O desenvolvimento do críquete com especial referência à teoria dos processos civilizadores de Elias. In: GEBARA, Ademir e PILATTI, Luis A. (orgs.) *Ensaios sobre história e sociologia nos esportes*. Jundiaí: Fontoura, 2006, 77-102.
[65] VIGARELLO, G. (2002). *Op. cit*., p. 7 e p. 41-42.
[66] CAILLOIS, R. (1990). *Op. cit*., p. 132-134.
[67] MOUTINHO, J. G. N. (1986). *Op. cit., loc. cit.*; CAMPOS, A. L. A. (2004). *Op. cit*., p. 287.
[68] COSTA, C. (1961). *Op. cit*., p. 48; GAMA, A. (1944). *Op. cit*., p. 17-18; MELO, V. A. (2001). *Op. cit*., p. 164.
[69] MELO, V. (2001). *Op. cit*., p. 163.

apostas. No apogeu do *Club Brasileiro de Cricket*, entre 1880 e 1886, a cada programa de páreos mais de três mil pessoas compareciam para apostar nos atletas corredores. As corridas a pé eram realizadas no antigo hipódromo da rua Guanabara, às vezes com a presença da Princesa Isabel. O maior atrativo estava no jogo de azar. Os atletas eram amadores, mas o clube vendia pules e "o jogo atingia enormes proporções". [70] Da mesma forma, os clubes de ciclismo, pelota basca e remo, organizados no final do século, usaram a venda dos boletos de apostas, encarada como uma forma simpática de arrecadar contribuições para manter as atividades atléticas. [71] O mesmo acontecia em outras cidades. Em 1891 o *São Paulo Athletic Club*, da colônia britânica paulistana, promoveu uma festa beneficente a favor da entidade, no hipódromo da Mooca, com corridas a pé, de velocípede e a cavalo, com a venda de pules. [72]

As apostas eram fonte de renda importante para suportar as altas despesas dos hipódromos, mais do que a venda de ingressos. Pelos espetáculos que oferecia o *Jockey Club de São Paulo* poderia descontar uma taxa de administração que variou entre 10 e 15% do valor apostado. [73] Mais tarde, porém, com o sucesso do turfe, as bancas particulares se multiplicaram pela cidade, sem nenhum vínculo e controle do clube. Não raro os interesses comerciais de *bookmakers* e dos próprios coudeleiros, interferiam nas provas, principalmente através das propinas que eram oferecidas aos jóqueis para artificializar resultados e isso minava o divertimento esportivo. [74] Descobertas as fraudes, chamadas de "tribofes", elas poderiam causar escândalos e abalar, ainda que temporariamente, a confiança do público no clube, pois solapavam justamente o princípio de isonomia que ele deveria preservar. Jogo de azar e esporte faziam uma mistura instável, sempre a ponto de deflagrar agitações no prado.

É preciso considerar, porém, que em São Paulo as corridas de cavalos aconteciam em pequeno número até o final do Império. Entre 1877 e 1886 foram realizados apenas de dois a cinco programas por ano no prado da Mooca. [75] Era difícil imaginar que as apostas nos cavalos pudessem agravar o problema social do jogo de azar, mais do que já faziam os bilhares, roletas e carteados espalhados pela cidade. [76] O cronista Everardo

---

[70] Cf. *Correio da Manhã*, 27 jun. 1915, p. 3.
[71] V. *Gazeta de Notícias*, 14 nov. 1887, p. 2.
[72] *Correio Paulistano*, 12 jul. 1891, p. 4.
[73] *A Província de São Paulo*, 10 mai 1877, p. 3.
[74] FARIAS, Cláudia M. A introdução dos esportes no Rio de Janeiro. *Recorde: Revista de História do Esporte*, 2 (1), 2009; COSTA, C. (1961). *Op. cit.*, p. 49-51; GAMA, A. (1944). *Op. cit*., p. 27-28; MELO, V. A. (2001). *Op. cit.*, p. 168-170.
[75] MOUTINHO, J. G. N. (1986). *Op. cit.*, *loc. cit*.; GAMA, A. (1944). *Op. cit.*, p. 30.
[76] CAMPOS, A. L. A. (2004). *Op. cit*., p. 286; ____. (2003). *Op. cit*., p. 520-556, *passim.*

Vallim dizia que as corridas eram um dos poucos acontecimentos que quebravam, de vez em quando, a monotonia da vida urbana. [77] A construção do hipódromo na Mooca institucionalizou o esporte como forma de lazer, mas as carreiras ainda não tinham a periodicidade que adquiram no final do século. A longa espera pelo programa seguinte fazia com que os espetáculos de galopes fossem aguardados com muita ansiedade pelos aficionados. O treinamento dos animais e os prognósticos dos jornalistas eram acompanhados para a escolha dos favoritos, isso prolongava a tensão prazerosa do esporte. As corridas serviam para quebrar o tédio na cidade e dentro do hipódromo as apostas atrelavam ainda mais a atenção do público. Tinham o efeito de elevar a excitação a picos máximos, em êxtases sucessivos alcançados no final de cada páreo. O frisson que percorria a plateia era apimentado pelo jogo, pois cada apostador competia com aqueles que estavam ao seu redor.

Ao comprar pules o apostador dava demonstrações de fé no equilíbrio entre os competidores e no mérito do vencedor. Estabelecia elos de identidade simbólica com o conjunto cavalo/jóquei, com as cores da coudelaria a que pertencia o parelheiro, ou seja, com o proprietário do animal, um fazendeiro renomado. O jogo não era visto como um desperdício, nem como uma fonte regular de renda, e sim como forma de participação no estilo de vida moderna. O valor monetário posto em risco traduzia a crença, ilusória, de poder identificar as qualidades do animal vencedor e o desejo de demonstrar conhecimentos técnicos sobre aquele tipo sofisticado de competição. De fato, para o criador e o jóquei existiam qualidades e destrezas a serem provadas na pista. Por isso o jogo das pules era considerado lícito. Para escolher um cavalo o apostador deveria ter expertise suficiente para identificar as competências. Esse era o princípio que embasava a legalidade das apostas nas corridas de cavalos, dizia-se que era um *sport* e não uma jogatina. A prática era bem diferente disso, o que prevalecia nas escolhas do jogador era o palpite, o mero acaso. Havia ali, sem dúvida, um jogo de azar acobertado como esporte. [78] O *mérito* na pista e a *predestinação* nas arquibancadas se sobrepunham a cada espetáculo.

Para os homens elegantes o jogo era uma rotina. Saber ganhar ou perder dinheiro deveria fazer parte do comportamento do *sportsman*. O mesmo grau de indiferença ele deveria manifestar perante o resultado positivo e o negativo. As vitórias revelariam sua predestinação para o sucesso. As amargas derrotas seriam chances perfeitas para exibir

[77] SOUSA, E. V. P. (1940). *Op. cit*. p. 195.
[78] CAILLOIS, R. (1990). *Op. cit.*, p. 38 e 93.

esportividade, o desprezo pelos valores materiais. Perder não era humilhante, pois a sorte fazia parte do jogo e a excitação parecia compensar a perda. É verdade que nem sempre os resultados eram transparentes e as plateias tão condescendentes. Protestos e quebra-quebras movidos por turbas de apostadores revoltados com um resultado suspeito aconteciam. [79] O senso de justiça contido nas competições era alegórico, elas funcionavam como uma caricatura da vida social, na qual não estavam excluídas as trapaças, as arbitrariedades e os azares do dia a dia. O turfe era um divertimento mundano, aparentemente fútil e uma fonte de conflitos. Ele sempre foi criticado por religiosos e vigiado por chefes de polícia. Não faltaram iniciativas para sua proibição e restrição, vez por outra tentadas por legisladores. Mas elas sempre foram vencidas.

Periodicamente os turfistas eram obrigados a sair em defesa das corridas. Repetiam as justificativas de sempre e clamavam por mais subvenções dos cofres públicos. Diziam que o aprimoramento do plantel cavalar do país, mesmo sendo feito por iniciativa particular, tinha um valor estratégico para fins militares. [80] Não custa repetir que a memória da Guerra do Paraguai estava bem viva, ela nem havia terminado quando o primeiro clube de corridas foi fundado no Rio de Janeiro. Razões econômicas também foram lembradas: a seleção de *cracks* e aprimoramento das raças contribuiriam para melhorar a força animal nas lavouras.

Argumentos semelhantes a esses eram usados na Europa para se conceder incentivos ao turfe. Era um discurso recorrente e oco. Para a velha aristocracia francesa que, em grande parte, vivia ociosa nas cidades o turfe servia mesmo para uma exibição de *status* e de desprezo diante dos infortúnios no estilo de vida aburguesado. [81] Aqui a família imperial brasileira também foi grande incentivadora dos clubes de galopes que se formaram em muitas cidades do nosso país, mesmo quanto o regime monárquico começou a periclitar.

Os ciclos de apogeu e crise no turfe paulistano

Entre 1887 e 1890 o *Jockey Club de São Paulo* entrou em crise financeira e, pela primeira vez, esteve próximo da falência. Apesar de contar com parte do dinheiro arrecadado no jogo, a estrutura do turfe era frágil e pouco comercializada. Durante a

[79] MELO, V. A. (2001). *Op. cit.*, p. 165-166.
[80] *O Estado de São Paulo*, 1 dez. 1899, p. 2.
[81] PORTER, Roy. Os ingleses e o lazer. In: CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 27-28; VIGARELLO, Georges. O tempo do desporto. In: CORBIN, Alain (org.). (2001). *Op. cit*., p. 233.

conjuntura de instabilidades provocadas pelo fim do trabalho escravo, pela queda da monarquia e pela crise monetária no novo governo o público debandou do prado da Mooca e as atividades foram interrompidas.

A manutenção do hipódromo dependia da frequência popular e isso põe em questão um aparente paradoxo. Como visto, o alto custo do turfe impunha uma barreira de exclusão e só admitia os mais ricos entre os praticantes, justamente pelo seu elitismo esnobe, não tanto pelos possíveis ganhos financeiros. Mas esse mesmo clube exclusivo, formado para o divertimento e congraçamento de um punhado de fazendeiros, organizava eventos públicos contando com a presença de assistências numerosas e consideradas por eles como pouco polidas. Para que insistir na promoção de espetáculos populares num hipódromo de tão custosa manutenção?

Certamente os sócios do *Jockey Club* precisavam das plateias não só para angariar fundos e manter o esporte que amavam. A sobrevivência de uma agremiação de corridas dependia do prestígio social e político que as corridas propiciavam aos abonados sócios. [82] As exibições vitoriosas dos animais perante tribunas lotadas poderia trazer o reconhecimento público, a estima social, distinções e honrarias para os criadores. Por mais que procurassem justificar a existência do turfe pelo escopo patriótico de melhorar o plantel cavalar do país, os clubes de galopes só se completavam de fato com as exibições abertas. Os programas dominicais eram momentos de descontração festiva que simulavam uma grande comunidade e serviam para reforçar as hierarquias fora do hipódromo, na vida política. Desde as remotas origens dos esportes, pequenos grupos abastados sempre bancaram as competições abertas. Na segunda metade do século XVIII a *gentry* inglesa já patrocinava jogos (críquete, lutas e corridas) para comunidades camponesas, como forma de alívio para as monótonas rotinas de trabalho. [83] Esse modelo de organização aristocrática foi copiado em outros esportes e chegou aos jogos burgueses. Será visto mais adiante que a forma do patronato foi repetida nos clubes atléticos, até no futebol.

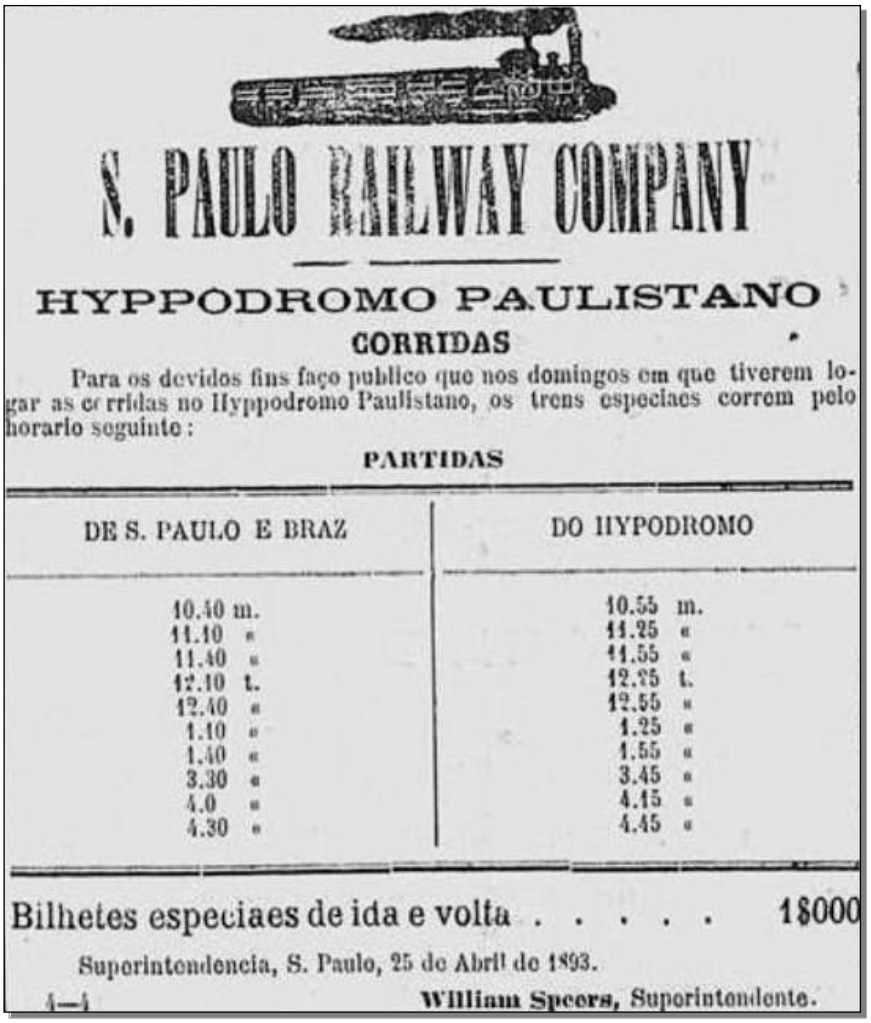
---

[82] NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 98-100; BLAY, Jean-Pierre. Les élites urbaines et le monde hippique dans le ville de Rio de Janeiro (1848-1932). *Revue D'Histoire Moderne et Contemporaine*, 46 (3): 514-531, 1999; COSTA, C. (1961). *Op. cit*., p. 47.

[83] POCIELLO, C. (1981). *Op cit*., p. 33-56; DUNNING, Eric e SHEARD, Kenneth. La séparation des deux rugbys. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, 79 (1): 92-107, 1989, p. 103; MORFORD, W. Robert e McINTOSH, Martha J. Sport and the Vitorian gentleman. In: INGHAN, Alan G. e LOY, John W. (orgs.). *Sport in social development*: traditions, transitions, and transformations. Champaign (IL): Human Kinetics, 1993, p. 51-76; BRAILSFORD, Dennis. Sporting days in eighteenth century England. *Journal of Sport History*, 9 (3): 41-54, 1982.

Nos primeiros anos da República brasileira, uma vez vencida a crise do encilhamento, a fase de penúrias parecia superada e os esportes foram beneficiados pela conjuntura de crescimento econômico. Eles entraram numa curta "idade de ouro", em 1891 foram realizadas vinte corridas no hipódromo. O afluxo de público ao prado da Mooca aumentou de modo tão repentino que se fez necessário a construção urgente de novas arquibancadas, inauguradas em 1892. [84]

> As arquibancadas recém-concluídas são vastíssimas e sobremodo cômodas prestando-se admiravelmente para o seu fim e ostentando notável elegância.
>
> Construídas sobre fortes paredes de alvenaria e colunas de ferro apresentam ao espectador um belo quadro. No centro daquele terreno esbatido, donde a vista descortina ao longe os belíssimos contrafortes da serra do mar. [85]



S. PAULO RAILWAY COMPANY

HYPPODROMO PAULISTANO

CORRIDAS

Para os devidos fins faço publico que nos domingos em que tiverem lugar as corridas no Hyppodromo Paulistano, os trens especiaes correm pelo horario seguinte:

PARTIDAS

DE S. PAULO E BRAZ	DO HYPODROMO
10.40 m.	10.55 m.
11.10 «	11.25 «
11.40 «	11.55 «
12.10 t.	12.25 t.
12.40 «	12.55 «
1.10 «	1.25 «
1.40 «	1.55 «
3.30 «	3.45 «
4.0 «	4.15 «
4.30 «	4.45 «

Bilhetes especiaes de ida e volta . . . . . 1$000

Superintendencia, S. Paulo, 25 de Abril de 1893.

4—4 William Speers, Superintendente.

Fig. 10. Nos dias de corridas a companhia inglesa colocava trens especiais para o público. Eles saíam da estação da Luz para o hipódromo da Mooca. *Correio Paulistano*, 1893.

[84] *O Estado de São Paulo*, 12 mar. 1892, p. 2.

[85] Cf. *Correio Paulistano*, 28 set. 1892, p. 1. Duas décadas mais tarde, em 1921, após serem danificadas por uma tempestade, essas arquibancadas foram substituídas por outras maiores, totalmente construídas em alvenaria.

Mesmo assim, as arquibancadas continuaram a lotar. O hipódromo chegava a receber apostadores do Rio de Janeiro, vindos pelo trem noturno, como observou um jornalista na corrida que abriu aquela temporada:

> O dia de anteontem foi de verdadeiro júbilo para os nossos *sportsmen* que sequiosos por um belo e agradável divertimento que há muito lhe faltava para encher o prado da Mooca.
>
> Alguns *sportsmen* do Rio também vieram de propósito assistir à corrida e retiraram-se satisfeitos no noturno de domingo e no expresso de ontem.
>
> Nas arquibancadas viam-se distintas e elegantes *sportswomen* que ostentavam lindíssimas *toilettes* dando extraordinário brilho e solenidade à linda festa do *Jockey Club*. [86]

No ano de 1893 foram 41 corridas, nunca antes tantas e tão grandes plateias haviam se reunido em São Paulo. Os programas do *Jockey Club* se tornaram eventos para o lazer familiar. Nascia um estilo de crônica nos jornais que, invariavelmente, citava a presença das "famílias distintas", as "formosas *sportswomen* com finas *toilettes*" e "renomadas autoridades" nas tribunas. Durante muitos anos o tom predominante do jornalismo esportivo foi de colunismo social. [87] Se para os criadores de cavalos os espetáculos de galopes traziam distinções e honrarias, para os assistentes anônimos eram momentos não menos importantes de sociabilidade. No prado o clima era festivo, as normas de comportamento ficavam descontraídas no ambiente de emoções prazerosas, as explosões emocionais eram aceitas e até incentivadas. A convivência social tornava, por outro lado, os trajes e os lugares nas arquibancadas mais valorizados. Eles serviam para sinalizar as hierarquias em meio à multidão. [88] A moda foi influenciada, as indústrias produziam tecidos com estampas que citavam símbolos do turfe. Alguns acessórios eram adaptados para os frequentadores do hipódromo: binóculos, leques, bengalas, *derby hat* (chapéu coco). [89]

Os sócios do *Jockey Club* tinham espaços exclusivos nas tribunas. O aumento da frequência no prado da Mooca não diminuiu o caráter seletivo do clube. Em 1891, passados dezesseis anos desde a sua fundação, ele contava com apenas 175 sócios e em 1910 chegou a 455. Ao longo das quatro primeiras décadas de sua existência o quadro de associados cresceu ao ritmo lento de onze cavalheiros a mais por ano, em média. A

---

[86] Cf. *O Estado de São Paulo*, 23 fev. 1892, p. 1.

[87] SILVA, Marcelino R. *Mil e uma noites de futebol*: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 44-51.

[88] BLAY, Jean-Pierre. Spectacle sportif et fête mondaine: l'éxemple des hippodromes cariocas (1868-1926). *Plural Pluriel*, 2, 2008.

[89] MOUTINHO, J. G. N. (1986). *loc. cit.*; GAMA, A. (1944). *Op. cit.*, p. 31-32; MELO, Victor A. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). *Revista Brasileira de História*, 27 (54): 127-152, 2007.

rotina na sede social do clube pouco se alterou. Era um ambiente masculino, restrito, inicialmente localizado na rua do Rosário, depois na rua São Bento, onde os iniciados na cara arte de criar parelheiros se reuniam para bebericar, fumar, jogar bilhar, ler jornais e conversar sobre cavalos e mulheres, negócios e política. Um espaço informal para encontros políticos da camada dirigente.

As plateias, essas sim, ficaram menos seletas. Nem todos os sócios lastimavam por isso, pois as arquibancadas lotadas e a mania das apostas fizeram do turfe um bom negócio. Para aproveitar as oportunidades, em 1891 um grupo de turfistas organizou outra entidade: o *São Paulo Derby Club* que construiu o seu próprio hipódromo no distrito da Penha (na atual Vila Lusitânia, Tatuapé) e atraiu público de menor poder aquisitivo. [90] No ano seguinte foi fundado o *Sportsman's Club*, uma sociedade por ações que participou da boa maré de lucros com corridas no hipódromo da Penha. Vários coudeleiros de famílias tradicionais de São Paulo entraram nessas sociedades para explorar comercialmente o esporte. Antonio Prado não era da mesma opinião, preferiu se afastar. Segundo disse, ele começou "a perder o entusiasmo pelas corridas, desde que deixaram de ser o esporte que eram e tomaram o caráter um tanto de negócio". [91] Poucos anos mais tarde, seus filhos e sobrinhos retomaram a tradição da família e também se dedicaram aos galopes no prado da Mooca, como se verá mais adiante. Em 1905, o conselheiro Prado recebeu o título de presidente honorário do *Jockey Club*, "em gratidão pelos grandes benefícios prestados ao *turf* paulista". [92]

No final do século XIX as corridas equestres estavam entrelaçadas aos negócios de entretenimento e à exploração do jogo de azar. No Rio de Janeiro, na mesma época, chegaram a coexistir quatro hipódromos concorrendo entre si para atrair os apostadores. Em São Paulo, além de dois prados com sucessivos programas, os paulistanos podiam apostar nos frontões de pelota basca, nas corridas de bicicletas, bem como nos cassinos, bilhares e carteados e nas rinhas de galos. Muitos preferiam poupar o dinheiro do ingresso e fazer as apostas com *bookmakers* no centro da cidade, fora do controle dos clubes equestres, os quais perdiam faturamento com tal concorrência. [93] As casas de apostas começavam a vender bilhetes de loterias numéricas, consideradas ilícitas quando promovidas por particulares, pois dependiam apenas da sorte e não da pretensa habilidade do jogador. Uma dessas loterias, chamada de jogo do bicho, inventada em

[90] *Turf e fomento...* (1975). *Op. cit*., p. 22; GAMA, A. (1944). *Op. cit*., p. 31.
[91] Cf. SOUSA, E. V. P. (1940). *Op. cit*., p. 222.
[92] Cf. *O Estado de São Paulo*, 8 dez. 1905, p. 3.
[93] *O Estado de São Paulo*, 12 mar. 1892, p. 2.

1892 pelo diretor de um zoológico particular do Rio de Janeiro, o Barão Drummond, ganhou popularidade fulminante e chegou a São Paulo por volta de 1899. [94] As corridas que originalmente eram divertimento para as elites se misturaram aos jogos populares a dinheiro. O prazer das apostas se sobrepôs à excitação de assistir aos galopes no prado e isso empanou os espetáculos preparados para o brilho dos *sportsmen*.

Fig. 11. Caricatura de Angelo Agostini ironiza o combate ao jogo do bicho no Rio de Janeiro. *Revista Ilustrada*, 1896.

O problema se agravou nos últimos anos daquele século. Na época em que o hipódromo da Mooca foi construído a população paulistana era muito menor e mais hierarquizada, tinha apenas 31.385 pessoas no censo de 1874. Mas com a entrada maciça de imigrantes e o alargamento do trabalho assalariado os controles não poderiam ser tão rígidos como no tempo do escravismo. A cidade chegou ao ano de 1900 com 239.820 moradores, um crescimento de 664% em um quarto de século. As apostas, que na origem eram interpessoais, combinadas nas arquibancadas, foram exploradas como negócio de maior escala. Elas se espalharam pelas ruas, longe das raias de corridas e da vigilância policial.

Passada a fartura financeira propiciada pelas exportações de café e inflada pela forte emissão de moeda, uma vez atingida a superprodução que derrubou os preços do

[94] *Gazeta de Notícias*, 16 abr. 1893, p. 3; *O Paiz*, 6 abr. 1895, p. 1; 18 abr. 1895, p. 1; 6 jun. 1895, p. 1; 26 ago. 1899, p. 2. V. DA MATTA, Roberto e SPÁREZ, Elena. *Águias, burros e borboletas*: um estudo antropológico do jogo do bicho. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 60-87.

produto a partir de 1898, a pequena "idade de ouro" das corridas equestres chegou ao fim. No turfe paulistano, só o tradicional *Jockey Club* conseguiu sobreviver e preservar o caráter de associação esnobe, mesmo assim com enormes dificuldades. Em 1900 o prado da Mooca ficou paralisado durante sete meses. Só não fechou definitivamente graças aos profundos cortes de despesas e ao socorro dos sócios. Mergulhado em dívidas, ele entrou num período de baixo volume de apostas, só se recuperaria na década seguinte em novo ciclo de prosperidade. [95] As famílias fazendeiras não abandonaram o turfe, ao contrário, a queda de popularidade prejudicou os grandes interesses comerciais e isso reforçou o elitismo do *Jockey Club*.

Apesar da crise que atravessou, o turfe havia desempenhado um papel importante para o início dos esportes: ele que introduziu as disputas como forma de entretenimento urbano espetacularizado, popularizou o gosto pelas emoções lúdicas, trouxe para o país a linguagem universal das competições em igualdade de forças. Moldou também os primeiros clubes amadores, configurou novos espaços para sociabilidade e estabeleceu relações competitivas entre o Rio de Janeiro e São Paulo. O turfe abriu as portas para que outras formas de expressão por meio de competições regradas fossem importadas e "canibalizadas" pelos brasileiros.

Foi com o turfe que nasceu um público leitor para o jornalismo esportivo. Até 1894, raramente qualquer outra modalidade era identificada sob o título *sport* nos jornais. [96] As colunas d'*O Estado de São Paulo* e do *Correio Paulistano* traziam regularmente informações sobre as corridas de cavalos, inclusive as francesas e inglesas. A imprensa especializada nasceu naquele período só para tratar do turfe. O primeiro periódico esportivo de São Paulo surgiu em 1891 quando *A Platéa* lançou um suplemento de turfe, transformado no ano seguinte no jornal *São Paulo Sportivo*. Em 1893 foi editado o *Sportsman* e o assunto principal era sempre o mesmo. Somente em 1896 apareceu uma publicação dedicada a outra modalidade, *A Bicycleta*, um semanário ilustrado de quatro páginas impresso pelo tipógrafo e ciclista Otto Huffenbacher. [97] Em 1898 foram lançados a *Gazeta Sportiva* e *O Sport*, publicações de distribuição gratuita

---

[95] V. *Correio Paulistano*, 5 fev.1892, p. 2 e 1 out. 1900, p. 2; *Turf e fomento...* (1975). *Op. cit.*, p. 22; GAMA, A. (1944). *Op. cit.*, p. 31-32. O turfe carioca também atravessou profunda crise, no mesmo período, ver COSTA, C. (1961). *Op. cit.*, p. 121-123.

[96] O historiador Victor Melo fez observações semelhantes para o jornalismo esportivo do Rio de Janeiro. V. MELO, Victor A. *História da educação física e do esporte no Brasil*: panorama e perspectivas. 2a. ed. São Paulo: IBRASA, 1999, p. 102-106; _____. (2001). *Op. cit.*, p. 185-192.

[97] MARTINS, Ana L. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001, p. 340-343.

sustentadas pela publicidade paga, que já noticiavam sobre outros esportes, além do turfe. [98]

As conversas nos cafés, bares e barbearias naquele final de século poderiam girar em torno da doença misteriosa que teria atingido certo *crack* tordilho ou sobre a compra de um poldro descendente de um *derby winer* que o coronel Fulano acabara de fazer na Europa. O assunto do turfe atravessava as camadas sociais, o fazendeiro e o seu barbeiro tinham pelo menos esse interesse em comum. Não foi a toa que o cozinheiro francês Antoine Souquière batizou o seu elegante restaurante, localizado numa das mais nobres ruas da cidade, a São Bento, com o nome eclético de *Rotisserie Sportsman* e colocou no seu logotipo uma cabeça de cavalo laureado. [99] Souquière visava atrair a fina clientela de sócios do *Jockey Club*, cuja sede social ficava bem próxima, e com isso passar uma imagem de ambiente sofisticado para os demais fregueses.

A construção de um novo palco esportivo

Quando o período republicano começou os cunhados Antonio da Silva Prado e Elias Pacheco Chaves moravam em casas vizinhas no centro de São Paulo. Ambos tinham proles numerosas, o primeiro com oito filhos e o outro com dez. As famílias habitavam dois imponentes sobrados construídos no final do Império, na rua São Bento. Outras famílias nucleares da parentela Silva Prado viviam em casarões próximos. Os seus afazeres cotidianos eram alternados entre as moradias centrais e as chácaras que tinham há poucos quilômetros de distância, perto do perímetro urbano. Em 1890 os dois cunhados aproveitaram a valorização imobiliária que animava a capital paulista e lotearam as chácaras mais próximas. Elas se tornaram parte dos bairros de Campos Elíseos e Barra Funda. Cada qual reservou para si uma grande gleba na área parcelada e construíram dois majestosos palacetes. [100] O de Elias foi erguido bem ao lado do campo Redondo (praça Princesa Isabel). O imenso palacete só ficou pronto em 1899 e Elias viveu ali durante poucos anos, morreu em 1903. Depois disso, em 1911, a família Pacheco Chaves vendeu o imóvel para o governo paulista. Durante muitos anos ele

[98] V. FREITAS, Affonso. A. A imprensa periódica de São Paulo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, 19, 1914, p. 321-1133.
[99] BARBUY, H. (2006). *Op. cit.*, p. 107-109; _____. (2009). *Op. cit.*, p. 205.
[100] HOMEM, M. C. N. (1996). *Op. cit.*, p. 134-157 e p. 163-173.

serviu como residência oficial do governador, rebatizado com o pomposo nome de Palácio dos Campos Elíseos.

A família do conselheiro Prado mudou-se para o palacete na chácara do Carvalho em 1893, próximo ao local onde ficava o seu hipódromo particular. Nessa época o filho mais velho, Paulo Prado, estava com 24 anos e o mais novo, Silvio, com apenas seis. [101] Naquelas vizinhanças, com ruas ainda pouco habitadas e estradas de terra batida, os jovens podiam cavalgar livremente. Melhor ainda, podiam trocar os animais pela coqueluche importada: as bicicletas. Em grupos de ciclistas eles excursionavam até a serra da Cantareira e disputavam corridas entre si. Além de Paulo Prado e de seu irmão, Antonio Prado Junior, fizeram parte dessa turma de amigos os irmãos Pedro e Everardo Valim Pereira de Sousa, Edgard Conceição, os irmãos Antonio e Joaquim Alves de Lima, José Paulino Nogueira Filho, entre outros. [102] Eram todos filhos de ricos cafeicultores.

É inútil especular sobre quantos daquele grupo teriam experimentado as bicicletas pela primeira vez em Paris, embora isso possa ter acontecido para a maioria deles. O fato é que aquela era mais uma moda esportiva de grande sucesso na França, os parisienses viveram a *folie de la bicyclette* nas duas últimas décadas do XIX. [103] As chamadas "*petites reines*" começaram a ser trazidas pelos viajantes brasileiros nos últimos anos do Império. Em carta de 1882, a preceptora alemã Ina von Binzer, que Martinico Prado contratou para educar seus filhos, se queixava sobre os garotos mais velhos, Caio e Plinio, que passavam o dia pedalando: "nesses veículos amaldiçoados os jovens romanos passam a vida fora das aulas, demonstrando-lhes tal apego que já chegaram a ponto de almoçar encarapitados nos tais velocípedes". [104]

As bicicletas custavam muito caro, mesmo na Europa, pois eram feitas em pequenas fábricas artesanais com materiais de tecnologia avançada para a época. Em Paris a mais barata custava, em média, o equivalente a 1.655 horas de trabalho de um típico operário francês, em 1893. Aqui o alto valor era agravado por uma alta taxa de alfândega e os custos de importação, só mesmo os mais ricos conseguiam comprá-las. Em 1892, a *Casa Levy* pôs a venda as primeiras bicicletas importadas. [105] Inicialmente

---

[101] *Idem*, p. 151.
[102] *O Estado de São Paulo*, 14 mai. 1896, p. 1. V., tb., SOUSA, P. L. P. (1950). *Op. cit., passim*; SOUSA, E. V. P. (1940). *Op. cit*., p. 216.
[103] WEBER, E. (1988). *Op. cit*., p. 238-258.
[104] Cf. BINZER, Ina von. *Os meus romanos:* alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 111.
[105] *Correio Paulistano*, 14 jan. 1892, p. 3.

chegaram as das marcas francesas *Clément*, *Lambert* e *Peugeot*. Nos anos seguintes, o aumento da produção em diferentes países e a concorrência entre muitas marcas fez com que os preços das bicicletas caíssem lentamente. Nos final do século apareciam outras marcas, em várias lojas da cidade: a inglesa *Humber*, as alemãs *Nothmann*, *Concórdia* e *Naumann*, a austríaca *Styria*, as italianas *Prinetti & Stucchi* e *Torre Pisa* as americanas *Monarch*, *Columbia*, *Cleveland*, *Wolff*, *Chicago* e *Whitworth*. A concorrência entre os importadores cresceu ano a ano. Alguns anunciaram revendas de bicicletas usadas.

Apesar dos preços em declínio no exterior, as bicicletas continuaram a ser artigo de luxo em São Paulo devido à desvalorização da moeda nacional. [106] O comerciante José Noschese percebeu o interesse popular e abriu uma loja de aluguel na praça da República, em 1896, batizando-a de "circo de velocípedes". O francês Jacques Netter, ao anunciar no ano seguinte um consórcio que chamou de "clube da bicicleta", justificava assim a sua estratégia de venda, com pagamentos em parcelas e sorteios: "permite mesmo ao mais pobre adquirir um objeto de grande utilidade, mas de preço elevado e que somente era até agora acessível aos ricos ou pelo menos aos mais favorecidos". [107] O consórcio inventado pelo comerciante francês fez sucesso, nos meses seguintes ele foi copiado por outros importadores. [108] Com os preços mais baixos, as bicicletas começaram a se popularizar.

Entre os compradores passaram a figurar as mulheres. Coisa impensável pouco tempo antes, pois montar a cavalo sempre fora uma atitude eminentemente masculina. [109] Quando a *Casa Levy* publicou anúncio das primeiras bicicletas à venda na cidade só se mencionavam tamanhos "para meninos e para homens", provavelmente porque o importador não imaginava ver moças pedalando. Os vestidos da época chegavam aos tornozelos e dificilmente uma dama paulistana se encorajaria a montar naquele veículo. Mesmo na França as ciclistas não eram numerosas, uma pesquisa feita em Paris, em 1893, contou apenas 192 mulheres entre os 5.653 ciclistas da cidade. [110] Mas logo as parisienses começaram a usar *jupes-culottes* (saias-calças) para pedalar ou as *bloomers* inglesas, trajes que se tornaram simbólicos para o movimento de liberação da mulher.

---

[106] SCHETINO, André M. *Pedalando na modernidade*: a bicicleta e o ciclismo no Rio de Janeiro e em Paris, na transição dos séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2004, p. 81.
[107] Cf. *O Estado de São Paulo*, 31 out. 1897, p. 3.
[108] V., p. ex., *O Estado de São Paulo*, 7 abr. 1898, p. 3; 19 jun. 1898, p. 4.
[109] V. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. 15a. ed. São Paulo: Global, 2004, p. 217.
[110] Cf. HOLT, Richard. Women, men and sport in France, c.1870-1914: an introductory survey. *Journal of Sport History*, 18 (1), 1991, p. 126.

Fig. 12. Ciclistas no *Chalet du Cycle*, Bois de Boulogne, Paris, final do século dezenove. Óleo sobre tela de Jean Beraud.

Para as brasileiras seriam vestimentas ousadas demais. Certa vez, em 1896, uma ciclista apareceu no prado da Penha, do *São Paulo Derby Club*, com um traje descrito pelo redator da revista *A Bicycleta* como "espécie de bombacha presa abaixo dos joelhos, e que não deixava de ter elegância". Imediatamente ela foi cercada pelos curiosos, vaiada e perseguida por garotos, obrigada "a fugir do prado a toda velocidade da elegante máquina que montava" sem receber apoio dos policiais ali presentes. [111]

Porém, a partir de 1897 as paulistanas puderam encontrar nas lojas da cidade modelos com barra rebaixada e corrente protegida, de várias marcas, próprias para as senhoras pedalarem vestidas com *culottes* sob as saias fendidas atrás. Ver moças sobre bicicletas nas ruas mais distantes do centro deixou, pouco a pouco, de ser novidade. [112] Sinal de que os costumes passavam por mudanças aceleradas. Vários historiadores chamaram atenção para os "efeitos libertadores do velocípede", saudados pelas feministas. [113] Ele trouxe sensação de independência e estimulou a troca dos espartilhos

[111] Cf. *A Bicycleta*, 8 nov. 1896, p. 72.
[112] OCTÁVIO, Laura O. R.. *Elos de uma corrente, seguidos de novos elos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994, p. 49.
[113] RITCHIE, Andrew. *King of the Road: an illustrated history of cycling*. London: Wildwood House, 1975, p. 145-163; HOLT, Richard. *Sport and the British*: a modern history. Oxford: Claredon Press, 1989, p. 122-124; MELO, Victor A. e SCHETINO, André. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na

por um estilo mais leve e esportivo de moda. Isso ajuda a entender, em parte, o interesse do público feminino que comparecia às arquibancadas dos velódromos, embora as corridas de mulheres fossem muito raras na Europa e mais ainda por aqui.

Fig. 13. Anúncio do jornal *O Estado de São Paulo*, 1897.

O ciclismo competitivo na Europa

Veículos com duas rodas existiam há várias décadas, mas a rápida divulgação da bicicleta nos países do Ocidente só foi possível no final do século XIX devido aos avanços da tecnologia industrial. O primeiro aperfeiçoamento importante ocorreu em 1861, com a instalação dos pedais de tração no eixo da roda dianteira, inovação feita por Pierre e Ernest Michaux. Com os pedais o "velocipedista" (velocípede = pés velozes) deixou de empurrar com os pés no chão, ele tracionava sentado em posição elevada. A roda dianteira era mais alta que a traseira, um veículo pouco confortável e bastante inseguro. Mesmo assim ele foi tão procurado que a família Michaux, tradicional fabricante de carruagens, passou a produzi-los em pequena escala, com a média de cento e quarenta unidades vendidas ao ano. [114] Ao contrário de tantos outros esportes desenvolvidos e exportados pelos ingleses, o ciclismo foi esportivizado a partir da França. As primeiras corridas foram organizadas em 1868 pelo *Veloce Club de Paris* e

transição dos séculos XIX e XX. *Revista Estudos Femininos*, 17 (1): 111-134, 2009; HOBSBAWM, E. *Op. cit*., p. 289; WEBER, E. (1988). *Op. cit.*, p. 128-130 e p. 245-246.

[114] RITCHIE, A. (1975). *Op. cit.*, p. 53-57; SCHETINO, A. M. (2004). *Op. cit*., p. 68-75.

nos anos seguintes a velomania atingiu a Inglaterra e os Estados Unidos. Em 1878 apareceu a inglesa *Bicycle Union* e em 1881 a *Union Vélocipédique de France*, entidades federativas que tentavam agregar os clubes desses países, ditar as diretrizes do esporte e organizar os primeiros campeonatos nacionais, nem sempre com muito sucesso. [115]

Fig. 14. Velocípede fabricado nas oficinas da família Michaux. Na imagem de propaganda o veículo da era industrial supera um cavalo em trote.

Para os espectadores as primeiras corridas de velocípedes não passavam de atração curiosa. O equilíbrio era precário, as manobras e frenagens eram difíceis e os tombos por cima da alta roda dianteira podiam causar ferimentos sérios. A transformação da bicicleta num veículo de largo uso popular para o transporte e o lazer, bem como a sua adaptação para o esporte de velocidade, dependeu de uma série de aperfeiçoamentos. Eles foram introduzidos aos poucos, principalmente por franceses e ingleses. Há inúmeras controvérsias e disputas nacionalistas sobre a origem de cada pequeno aperfeiçoamento, vale citar apenas aqueles que melhoraram sensivelmente o desempenho esportivo e permitiram o aparecimento dos estádios-velódromos, na última década do século. [116]

---

[115] RITCHIE, Andrew. The origins of bicycle racing in England: technology, entertainment, sponsorship and advertising in the early history of the sport. *Journal of Sport History*, 26 (3): 489-520, 1999; VIGARELLO, G. (2001). *Op. cit*, p. 246.

[116] V. HERLIHY, David V. *Bicycle*: the history. New Haven: Yale University Press, 2004, p. 225-250.

Em 1880 foi criado, pelo inglês Thomas Humber, o quadro montado com quatro barras tubulares, que oferecia maior estabilidade e resistência. As barras de ferro ocas (canos), bem mais leves que as estruturas de madeira ou barras sólidas usadas antes, eram produzidas a preços cada vez mais baixos graças ao desenvolvimento da metalurgia. Foi para aproveitar essa oportunidade que a pequena oficina de ferragens da família Peugeot, entre outras, se converteu numa fábrica de bicicletas e, depois, de automóveis. [117]

O inglês John Kemp Starley adotou a transmissão por correia dentada e, em 1884, passou a força motriz para o eixo da roda traseira da bicicleta. Com as rodas do mesmo tamanho e sentado em posição mais baixa e ergonômica, os ciclistas passaram a pedalar numa engrenagem fixada no quadro. Essa inovação permitiu uma revolucionária melhoria na tração e na dirigibilidade, pois estando livre dos pedais a roda dianteira podia ser esterçada facilmente. O centro de gravidade rebaixado diminuiu o risco de tombos e houve um ganho substancial de velocidade. Pelas suas características mecânicas a "bicicleta de segurança" criada por Starley começou a ser chamada de "máquina". [118]

O passo decisivo para o ciclismo esportivo foi a invenção do pneumático, pelo escocês John Dunlop, em 1887. Isso tornou obsoletas as rodas com borracha maciça. Considerando que as ruas e estradas eram calçadas com pedras e de terra batida, o conforto do ciclista e a velocidade aumentaram muito. Poucos anos depois, em 1891, os irmãos franceses Édouard e André Michelin aperfeiçoaram o pneu desmontável, com câmara de ar, que reduziu os custos de manutenção e facilitou o uso em corridas.

Todos os elementos básicos do veículo em duas rodas estavam então definidos, exceto pela ausência das engrenagens para diferentes marchas e dos freios que só apareceram mais tarde, os ciclistas ainda freavam com os pés. Em meio a tantos outros tipos de maquinismos surgidos na *belle époque*, a bicicleta e as suas variantes (triciclos, quadriciclos e tandens) foram os símbolos mais visíveis da era industrial nas ruas, pois antecederam em alguns anos ao automóvel como opções práticas de transporte urbano que poderia substituir os animais. Em 1882 existia cerca de duzentas mil bicicletas na Grã Bretanha e em 1893 elas somavam perto de meio milhão. [119] Na França eram duzentas mil em 1894 e passaram de oitocentas mil em 1899.

---

[117] WEBER, E. (1988). *Op. cit*, p. 250-251.
[118] RITCHIE, A. (1975). *Op. cit*., p. 121-136.
[119] RITCHIE, A. (1975). *Op. cit*., p. 136.

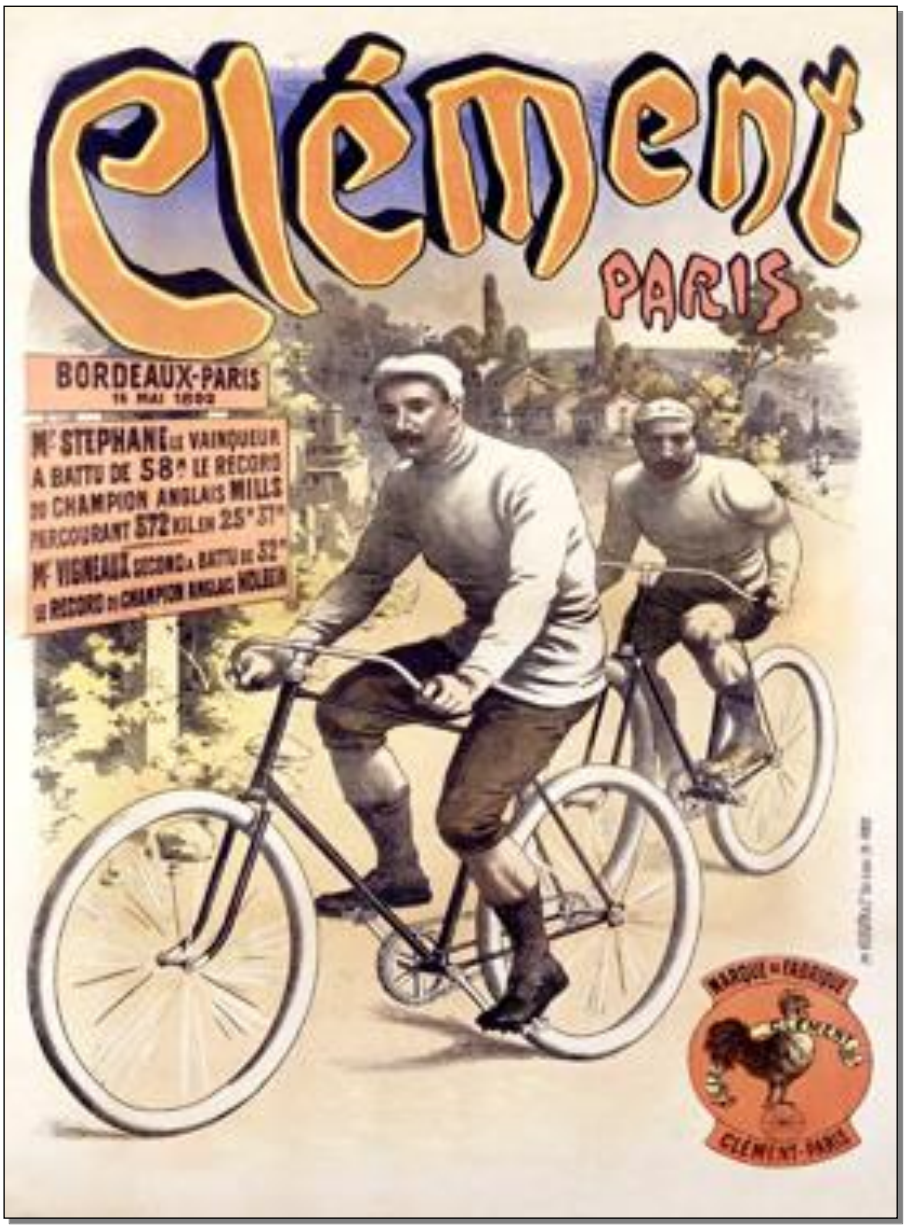


Fig. 15. Em cartaz de publicidade a fábrica francesa de bicicletas *Clément* valoriza sua conquista na corrida Bordeaux-Paris de 1892.

Ao longo da última década do século XIX o ciclismo esportivo, em expansão admirável, conquistou reconhecimento internacional. A Inglaterra, a França e os Estados Unidos desenvolveram as corridas paralelamente e logo os ciclistas dos três países se tornariam grandes rivais no cenário mundial. Em 1892, foi fundada a *International Cyclist Association* e no ano seguinte ocorreu o primeiro campeonato mundial de ciclismo amador em pista, na cidade americana de Chicago. A primeira edição dos Jogos Olímpicos modernos, em Atenas, 1896, incluiu o ciclismo nas duas versões tornadas clássicas: de estrada e de pista (contra o relógio e por distância). Nas

raias elípticas os ciclistas franceses eram, até então, imbatíveis e conquistaram medalhas de ouro nas quatro provas disputadas naqueles jogos.

Conforme aumentou o número de usuários as indústrias europeias, principalmente as de pneus, patrocinaram corridas de bicicletas para divulgar seus produtos. O ciclismo de velocidade atraia grande público. Em 1891 ocorreu a primeira edição da corrida de estrada Bordeaux-Paris (572 km de distância) vencida pelo inglês George Pilkington Mills diante das cinco mil pessoas que se aglomeraram na chegada. Ela seria repetida nos anos seguintes e se tornou o grande *derby* das estradas. A rivalidade entre Inglaterra e França nas competições de estrada se intensificou ao longo dos anos, com frequente vantagem para os atletas ingleses. O favoritismo se invertia no ciclismo em pistas fechadas, era o principal esporte francês naquele final de século. Na Inglaterra essa forma de espetáculos nunca teve grande importância.

Fig. 16. Uma largada no velódromo do Parc des Princes, em Paris, em cartão postal do final do século XIX.

Foi no ano de 1891 que se inaugurou o primeiro velódromo, em Courbevoie, nas cercanias de Paris. Quatro outros estádios-velódromos foram erguidos em sequência na cidade. Todos ficavam próximos ao Bois de Boulogne: o velódromo d'Hiver (coberto) que ficava no campo de Marte (1891), o Buffalo, em Neully (1892), o La Seine, em Levallois (1893) e o do Parc des Princes (1897). A última década do século foi o auge dos velódromos, existiam mais de trezentas dessas arenas espalhadas pela França.

As competições ciclísticas chegaram ao Brasil

No Rio de Janeiro o ciclismo esportivo começou a se desenvolver nos últimos anos do Império, quando alguns clubes da cidade incluíram as corridas de velocípedes em dias de festas, principalmente o *Club Athletico Fluminense*. [120] A primeira associação de ciclistas no Rio foi o *Veloce Club*, organizada em 1887. Mas foi só a partir de 1892 que o esporte ganhou força com a inauguração de um velódromo, chamado de Bellodromo Nacional, na rua do Lavradio. No ano seguinte foi construído o Bellodromo Guanabara e em 1897 o Frontão Velocipédico Fluminense. É surpreendente notar como a construção de pistas no Brasil foi praticamente contemporânea às francesas, sinal de que o esporte europeu era acompanhado de perto. Porém, esse indício de força é ilusório. O ciclismo nacional foi modesto, não passou de modismo estimulado pelas casas de apostas. Sem o patrocínio de indústrias, as corridas de estrada não evoluíram por aqui, os clubes se limitavam a organizar passeios, excursões e *raids*. Nem mesmo as provas em distâncias relativamente curtas, como a que aconteceu entre São Paulo e São Bernardo, no dia 31 de julho de 1898, conseguiram firmar uma tradição. Nenhuma entidade, nacional ou regional, organizou o esporte e os clubes desapareceram em poucos anos.

Por algum tempo houve empolgação nos velódromos, principalmente porque eles seguiam o modelo das competições do turfe, as corridas em páreos estavam no auge. A analogia entre o cavalo e a bicicleta – também era chamada de "cavalo de ferro" – foi estendida para o lazer e o esporte. Considerados como cavaleiros modernos os ciclistas poderiam competir entre si, tal como jóqueis. Não por acaso, as primeiras corridas francesas entre velocípedes aconteceram em hipódromos. Em São Paulo não foi diferente, elas tiveram início no prado da Mooca, no final do Império. Nas festas beneficentes, páreos de atletas a pé e em velocípedes entremeavam as parelhas de cavalos, todos com venda de boletos de apostas. [121] Depois, já em pistas especialmente desenhadas para ciclistas, as disputas mantiveram o formato de parelhas. Os *velocemen* se inscreviam sob pseudônimos, um *nom de guerre*, vestiam camisetas coloridas como os jóqueis e às vezes corriam ao som de bandas musicais. Eles também eram classificados por categorias para equilibrar as competições. Os resultados de cada páreo saia nos jornais na mesma coluna do turfe, frequentemente com os valores pagos às pules vencedoras.

[120] SCHETINO, A. M. (2004). *Op. cit.*, p. 83-87.
[121] V. *Correio Paulistano*, 21 set. 1884, p. 2.

A organização foi copiada do turfe com as mesmas qualidades e os mesmos riscos de fraudes nas apostas. Tanto na França quanto aqui existiram velódromos sem fins comerciais, mantidos por clubes ou por municipalidades para o divertimento público. Mas eles foram seguidos por empresários que, além de explorar as apostas nas corridas, ofereciam outros tipos de divertimentos, como jogos de azar e serviços de bar. [122] Velo-clubes amadores e arenas exploradas comercialmente, podiam ser encontrados em várias cidades paulistas (Santos, São Carlos, Rio Claro, Campinas, Taubaté e Jacareí) ou de outras regiões do país (Manaus, São Luís, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Porto Alegre). [123]

Na capital paulista o primeiro clube amador de passeios e corridas de bicicletas foi fundado em 1892, o *Club Olympio Paulista*, dirigido pelo engenheiro e vereador Fernando de Albuquerque, com sede na chácara do Bexiga (Bela Vista). Ele teve curta duração. [124] Dois anos depois apareceu outro com nome quase idêntico, o *Club Olympico Paulista*, que tinha entre os seus dirigentes Horácio Belfort Sabino e Alberico Galvão Bueno. O *Olympico* realizou a primeira corrida da cidade, disputada em páreos no Jardim da Aclimação, no dia 21 de junho de 1894. [125] As corridas em pista fechada foram introduzidas no ano seguinte pelo conselheiro Prado que trocou o desânimo com o turfe pela novidade da velocipedia francesa. Ele contou com o incentivo dos filhos e seus companheiros ciclistas da chácara do Carvalho. Um dos moços estava especialmente empolgado com as pistas parisienses, Antonio da Silva Prado Junior, então com apenas quinze anos de idade. O grupo se uniu aos sócios do *Club Olympico Paulista* e o rebatizaram com outro nome parecido, *Veloce Club Olympico Paulista*. A insistência com a palavra "olímpico" (ou "olímpio") é um indício de que os ideais do

[122] *Idem*, p. 88-100.
[123] V. REIS FILHO, Nestor G. *São Paulo e outras cidades*: produção social e degradação dos espaços urbanos. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 76-77; RIBEIRO, Raphael R. *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal*: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 47-50; RODRIGUES, Marilita A. A. Esporte, cidade e modernidade: Belo Horizonte. In: MELO, Victor A. (org.). *Os sports e as cidades brasileiras*: transição dos século XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri: FAPERJ, 2010, p. 108-111; GOELLNER, Silvana V. Esporte, cidade e modernidade: Porto Alegre. In: MELO, Victor A. (2010). *Op. cit*., p. 181-183; VAZ, Leopoldo G. D. e VAZ, Delzuite, D. B. A introdução do esporte (moderno) em Maranhão. *Revista Nova Atenas de Educação Tecnológica* 6 (1): 1-4, 2003; LICHT, H. (2002). *Op. cit*.; SCHETINO, A. M. (2004). *Op. cit.*
[124] *Correio Paulistano*, 6 jan. 1892, p. 2.
[125] SOUZA, Pedro L. P. Notas para o livro "História dos esportes em São Paulo". *Instituto de Estudos Brasileiros*, Fundo Caio Prado Júnior, Caixa 15, pacote 32.

movimento esportivo desencadeado na França em 1888, por Jules Simon e o Barão de Coubertin, penetravam em São Paulo. [126]

A diretoria do *Veloce Clube Olympico* foi composta não só por jovens ciclistas. Ela incluía figuras conhecidas na cidade, escolhidas pelo prestígio. O primeiro presidente, Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho, em nada se parecia com os *velocemen* do clube. Era um médico positivista, cearense, filho do ex-ministro da guerra, o Visconde de Jaguaribe, e genro de um cafeicultor paulista, o Barão de Porto Feliz. Estava radicado na cidade de São Paulo há muitos anos e clinicava na *Santa Casa de Misericórdia*. Em 1896 o cargo de presidente do clube passou para Alipio Borba, engenheiro da *Light & Power Co.*, e no ano seguinte para outro médico da *Santa Casa*, João Mauricio de Sampaio Vianna.

A construção do Velódromo Paulista

Para construir o seu velódromo o conselheiro Prado escolheu outra chácara da família, onde ele próprio morara na juventude e que ainda pertencia a sua mãe, no bairro da Consolação. Veridiana da Silva Prado e o marido Martinho, pais de Antonio Prado, haviam comprado essa chácara em 1848, ao retornarem do engenho Campo Alto, em Araras. A família havia morado quase dez anos na fazenda do interior, onde substituíram a produção de açúcar pelo café. A chácara da capital ficava próxima ao perímetro urbano, junto à Igreja de N. S. da Consolação, na saída da cidade, margeando a estrada que seguia para Sorocaba e Itu. [127] Quando o velódromo foi construído, em 1895, o arruamento urbano já avançava nas imediações e o trecho inicial da antiga estrada se convertera na rua da Consolação. A chácara abrangia uma área de tamanho considerável, se comparada aos padrões urbanos atuais. Na largura chegava até o vale do ribeirão Saracura (atual avenida Nove de Julho) e no comprimento ia até o local onde foi construído, em 1878, o reservatório de águas da *Companhia Cantareira* (situado na esquina da atual rua Dona Antonia de Queirós). A sede era um grande sobrado edificado no século XVIII, alinhado com a estrada como era costume na arquitetura colonial.

---

[126] MacALOON, John J. *This great symbol*: Pierre de Coubertin and the origins of the modern olympic games. London: Routledge, 2008., p. 109-123.
[127] HOMEM, M. C. N. (1996). *Op. cit*., p. 74-84; _____. *Higienópolis*: grandeza de um bairro paulistano. 2ª. Ed. São Paulo: EDUSP, 2011, p. 45-46.

Fig. 17. Área aproximada da chácara de Veridiana Prado na época da construção do Velódromo Paulista, em 1895.

Fig. 18. A sede da chácara de Dona Veridiana, na rua da Consolação. No canto esquerdo da imagem se vê o início da rua Martinho Prado que cortava o terreno da chácara na direção do Bexiga. Óleo sobre tela de Antonio Parreiras, 1893.

Martinho e Veridiana se separaram em 1877. Pouco tempo depois ela mandou construir um grande palacete com projeto de arquiteto francês, não muito longe dali, em Higienópolis, e mudou para lá em 1884. Martinho morreu em 1891. Veridiana cedeu cerca de vinte e cinco mil metros quadrados da chácara para o seu filho mais velho, Antonio, construir o velódromo e alugar as instalações para o *Veloce Club Olympico*. A área ficava na esquina formada pela rua da Consolação e a rua Martinho Prado (terreno hoje cortado pelas ruas Nestor Pestana e Martins Fontes). [128] O projeto foi encomendado ao engenheiro Demetrio Ricci que traçou a pista elíptica, com piso de saibro, medindo 380 metros de comprimento e largura entre 4 e 8 metros. Incluía uma arquibancada em madeira, oficina, bilheteria e um chalé para a sede do clube. [129] No chalé, além dos escritórios, havia vestiário, refeitório e dois salões, um para ginástica e outro para esgrima. Dois pequenos coretos foram erguidos para bandas de música se revezar durante os programas.

Fig. 19. Ciclistas no Velódromo Paulista, 1895. O último ciclista a direita da imagem é Pedro Luis Pereira de Sousa, ao lado dele seu irmão Everardo. O ciclista com a estrela no peito é Otto Huffenbacher, o garoto ao lado é Luiz da Silva Prado, filho do conselheiro Antonio Prado, atrás dele o seu irmão, Antonio Prado Junior, em pé de palheta e colete.

[128] *Idem* (1996), p. 77-81 e p. 97-111.

[129] JORGE, Clóvis A. *Consolação*: uma reportagem histórica. São Paulo: PMSP, s.d. (col. história dos bairros de São Paulo, 22), p. 88; HOMEM, M. C, N. (1996). *Op. cit*., p. 79. Há na bibliografia referências que localizam o velódromo, equivocadamente, na área correspondente à atual Praça Roosevelt, onde na verdade ficava o casarão/sede. Para verificar a localização original e a posterior urbanização da região ver as plantas da cidade In: PASSOS, Maria L. P. e EMÍDIO, Teresa. *Desenhando São Paulo*: mapas e literatura, 1877-1954. São Paulo: SENAC: Imprensa Oficial, p. 12, 37, 50, 58, 111, 119 e 152.

O Velódromo Paulista foi inaugurado no domingo de 15 de setembro de 1895. Vários programas aconteceram até o final daquele ano com boa afluência de público. [130] Porém ficou evidente que as instalações eram inadequadas, a pista de saibro não permitia desempenho esportivo adequado e a arquibancada foi taxada pela revista *A Bicycleta* como "monstruosa e incomoda estufa". [131] O conselheiro Prado contratou um nome de peso para melhorar as instalações, o engenheiro e arquiteto italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi que trabalhara com Luigi Pucci no projeto do edifício-memorial do Ipiranga, a maior construção da cidade naquele momento. Os dois também haviam no projetado o palacete do conselheiro na chácara do Carvalho. [132]

Bezzi planejou dois conjuntos de arquibancadas cobertas, que foram construídas em madeira pelo empreiteiro Pedro Macaggi, uma pegada à outra, posicionadas do mesmo lado da pista. Uma disposição idêntica a que se usava nos hipódromos, aqui e na Europa. O público tinha vista aberta para a mata que ficava do lado oposto da raia, ela servia como pano de fundo. Ao lado da pista o empreiteiro Giuseppe Valori – que às vezes é citado pelos historiadores como Valério José – executou obras de ampliação das oficinas, depósitos, *buffet* (bar) e cinquenta camarotes para os corredores. Um rinque para patinação foi acrescentado no centro da pista. Quatro anos mais tarde o campo de futebol seria adaptado nesse espaço interno, com medidas um pouco menores do que as recomendadas pelas regras inglesas. [133] A pista foi cimentada e as curvas receberam as imprescindíveis inclinações de até 33%, o que acelerou o ritmo das provas. Toda a área do conjunto esportivo foi ajardinada e as ruas internas calçadas, transformando o velódromo num pequeno parque suburbano, não muito distante do centro da cidade.

---

[130] Cf. *Correio Paulistano*, 17 set. 1895, p. 3; *O Estado de São Paulo*, 22 jun. 1896, p. 2. A data do projeto e a da inauguração do velódromo foram frequentemente citadas com erros pelos historiadores. Na planta da sede consta o dia 9 de março de 1895 e ela foi encaminhada para aprovação acompanhada de um ofício do dia 12 do mesmo mês. Cf. *Arquivo Municipal Washington Luis*. Obras particulares 81. São Paulo: PMSP, 1895, p. 88. V. tb. MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). *Ciclismo para todos*. São Paulo: Brasil, 1949, p. 29; NICOLINI, Henrique. *Tietê*: o rio do esporte. São Paulo: Phorte Ed., 2001, p. 162.

[131] *A Bicycleta*, 21 jun. 1896, *apud* SOUSA, Pedro L. P. Notas para o livro "História dos esportes em São Paulo", *Instituto de Estudos Brasileiros*, Acervo Caio Prado Júnior, Caixa 15, pacote 32.

[132] V. HOMEM, M. C. N. (1991) *Op. cit.*, p. 144-145; REIS FILHO, N. G. (1994). *Op. cit*., p. 69; CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*: andiamo in Merica. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 400-403; BENEDETTI, Emma e SALMONI, Anita. *Architettura italiana a San Paolo.* São Paulo: Instituto Cultural Ítalo Brasileiro, 1953, p. 24-34.

[133] A planta das novas arquibancadas foi datada em 25 de fevereiro de 1896, mas ao encaminhá-la para aprovação da Municipalidade o empreiteiro Pedro Macaggi grafou no ofício: "9 de março de 1886" (*sic*). Provavelmente, essa é a fonte de um engano repetido por alguns historiadores ao datar o projeto do velódromo em 1886. Afirmam, também, que a construção teria começado "por volta de 1892", na realidade a licença para as reformas foi concedida em 12 de março de 1896 e a construção da primeira pista foi feita em 1895. V. ANTUNES, Fátima M. R. F. Do Velódromo ao Pacaembu. *Cidade*, DPH/PMSP, 5, 1998, p. 90; REIS FILHO, N. G. (1994). *Op. cit*., p. 69-70; JORGE, C. A. (s.d.). *Op. cit*., p. 88.

Feitas as reformas, a reinauguração do velódromo aconteceu no dia 21 de junho de 1896, com "as arquibancadas repletas de distintas famílias da sociedade paulista". [134] É difícil para um historiador avaliar as reações dos espectadores ao assistirem os páreos de bicicletas, com as pules apertadas entre os dedos e os olhos fixos nas máquinas que zuniam pela raia. Mas os jornais se referem à empolgação. Parentes e amigos torciam pelos seus *velocemen* favoritos, identificados de longe pelos trajes coloridos que vestiam. Ao som ritmado da banda, o frisson aumentava com a velocidade dos audazes, volta a volta, em tensão crescente até o clímax. Uma sineta anunciava a volta derradeira, a voadora, que poderia ser decidida só na linha de chegada. Os ciclistas se acotovelavam, mantinham as cabeças abaixas e os músculos retesados, roda contra roda até a pedalada final. Nas arquibancadas as mãos erguidas identificavam as pules ganhadoras, as perdedoras voavam ao vento. Era uma festa moderna, equivalente àquelas que só alguns poderiam assistir em Paris.

Fig. 20. A reabertura do Velódromo Paulista, em 1896, com a bandeira do *Veloce Club Olympico* hasteada.

No comentário de um jornalista, as novas arquibancadas eram elegantes e "bastante confortáveis". Calcula-se que elas poderiam receber entre 800 e 1.000

[134] Cf. *O Estado de São Paulo*, 22 jun. 1896, p. 2.

espectadores. Nos dias de grande lotação, incluindo o público em pé, até quatro mil pessoas estiveram presentes no velódromo. [135] Mais tarde, nos jogos de futebol que atrairiam maior atenção – como na visita do selecionado argentino em 1908 citada antes – o público atingiu a oito mil. Para os padrões atuais o tamanho pode parecer acanhado, porém é preciso evitar julgamentos anacrônicos. Aquele era o início das grandes aglomerações, prenúncio dos espetáculos de massa. As concentrações de espectadores causavam admiração dos jornalistas, vários qualificaram as tribunas do velódromo como "vastas". [136] O inglês W. Roberts deixou as seguintes impressões, em 1898:

> O Velódromo Paulista, de recente criação, é em todo seu conjunto, uma das mais bem acabadas pistas velocipédicas, rivalizando com a que temos visto em França e na Inglaterra. Em ponto menor, pode-se comparar, sem nenhuma pretensão, ao velódromo do Parc des Princes, em Paris, e ao de Brighton, perto de Londres, quer pela disposição geral das construções, quer pelo estilo leve e gracioso das arquibancadas ou tribunas. [137]

O experiente futebolista e treinador escocês John Hamilton, que visitou São Paulo na década seguinte, disse que o velódromo da Consolação tinha "uma bela situação, com magnífica arquibancada". [138] Se comparadas aos hipódromos da época o tamanho do velódromo não deixava muito a desejar. Estimou-se que as primeiras arquibancadas do prado da Mooca recebiam, no máximo, 1.200 espectadores.

Era costume que a maior parte do público ficasse em pé, aglomerada nos limites da pista. Os primeiros estádios modernos não tomaram como referência as antigas arenas romanas, construídas em pedra, e sim as bucólicas construções campestres, em madeira. Na Europa, foi visto acima, o esporte nasceu extramuros, na intersecção entre o rural e o urbano, e só lentamente foi incorporado à vida das cidades. Nas origens aristocráticas o local mais adequado para as competições físicas era o campo aberto, onde se respirava "ar puro". A nobreza europeia manteve o hábito de assistir às corridas de cavalos em pé nos parques suburbanos, trajando finas roupas. Uma nostalgia romântica para uma classe de origem rural que passou a viver em cidades. Nos hipódromos europeus, até meados do século XIX, as cercas de madeira ou simples tiras de couro, demarcavam os limites entre os assistentes e os animais que passavam a todo galope. As primeiras arquibancadas foram construídas para abrigar uma pequena parte dos torcedores nos dias chuvosos, principalmente mulheres e crianças, a maioria

---

[135] Cf. *Arquivo Municipal Washington Luis*. Obras particulares 111. São Paulo: PMSP, 1896, p. 83. V., tb., PINTO, Alfredo M. *A cidade de São Paulo em 1900*. São Paulo: Governo do Estado, 1979, p. 176.
[136] V., p. ex., *O Estado de São Paulo*, 3 jul. 1908, p. 4.
[137] Cf. *Revista Moderna*, 2 (14): 445, 1898.
[138] Cf. *O Estado de São Paulo*, 20 set. 1907, p. 4.

continuou em pé junto às cercas. Esses espectadores caminhantes, que interagiam com os corredores tanto quanto entre si, foi mais uma influência do turfe sobre o ciclismo e ela chegou aos princípios do futebol, como será visto mais adiante.

A arquitetura da vida ao ar livre

Não foi por falta de talento do arquiteto Gaudenzio Bezzi e falta de recursos do conselheiro Prado, que as singelas tribunas em madeira foram erguidas na chácara da Consolação. Elas eram consideradas adequadas para os encontros esportivos, mesmo na Europa. A complacência dos assistentes em pé permitia que a lotação do Velódromo Paulista crescesse continuamente ao longo dos anos, sem que as arquibancadas fossem ampliadas. Não se tratava, é claro, de organizar espetáculos em ambiente rural para os moradores da cidade, aquele não era um cenário de lavoura. Longe disso, os hipódromos, velódromos e campos de futebol apenas sugeriam paisagens rupestres no perímetro urbano. Eles estavam emoldurados pela vegetação de falsa natureza, sebes de pinheiros e arbustos, eram espaços cercados para selecionar a entrada dos frequentadores. [139]

Nas construções das praças esportivas foi dada preferência aos chalés, tal como para a sede do *Veloce Club Olympico*. Os chalés se caracterizam pelas proporções relativamente pequenas em estilo rústico e com farto emprego da madeira, telhados de duas águas em ângulo acentuado, às vezes ornados com pináculos. Os seus largos beirais frequentemente traziam decorações nas laterais, chamadas lambrequins, eram réguas finas com entalhes rendados feitas em madeira ou relevos em zinco. [140] Cercadas por jardins, as construções achalezadas para a "*vie au grand air*" eram remotamente inspiradas nas cabanas das montanhas suíças ou nos *cottages* ingleses. Quando o *São Paulo Athletic Club* arrendou um terreno na outra extremidade da mesma chácara da Dona Veridiana, em 1899, construiu ali um pequeno *cottage* para a sua nova sede, todo em madeira. Mais tarde o cronista Antônio Figueiredo as qualificou como "magníficas instalações em um sítio pitoresco de onde se descortina lindo panorama". [141]

[139] MARTINS, A. L. (2001). *Op. cit.*, p. 342.
[140] CAMPOS, Eudes. Chalés paulistanos. *Anais do Museu Paulista*, 16 (1): 47-108, 2008.
[141] Cf. FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 16. A planta original dessa construção pode ser encontrada em *Arquivo Municipal Washington Luis*. Obras particulares 266 São Paulo: PMSP, 1900. V., tb., MILLS, J. (2005). *Op. cit.*, p. 85-86.

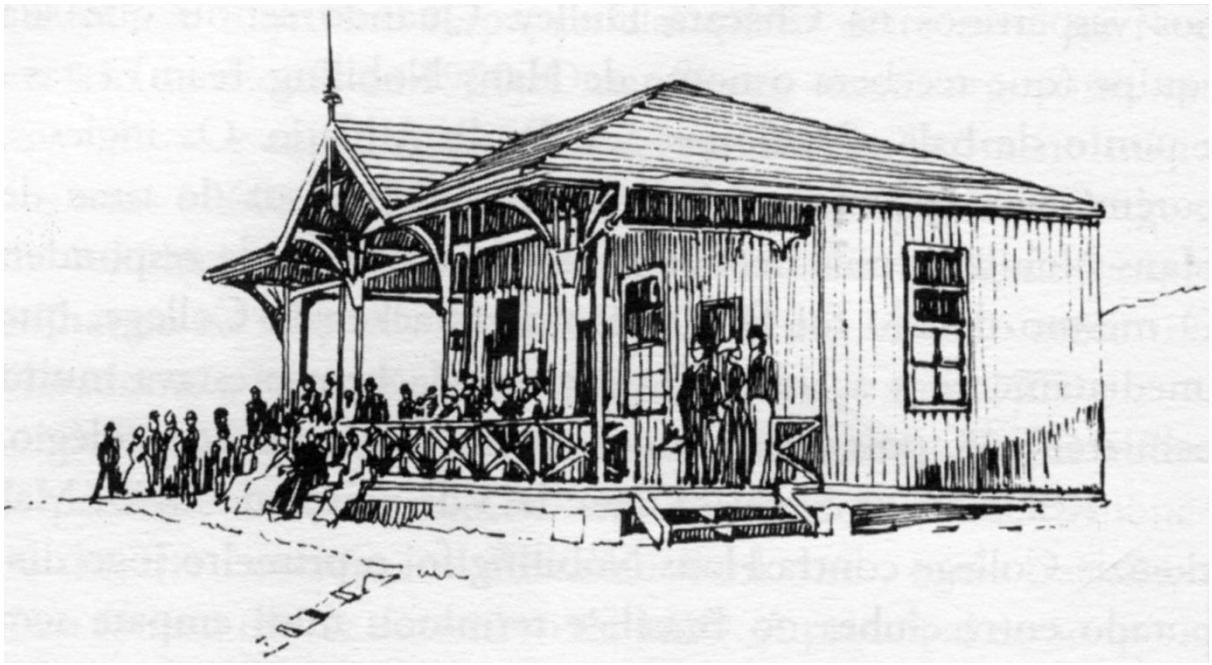


Fig. 21. A sede do *São Paulo Athletic Club*, na Consolação, em 1901.

Na Europa e nos Estados Unidos a arquitetura romântica incorporou elementos dessa estética pitoresca na edificação de estações de águas nas montanhas e de balneários à beira mar. Depois ela foi copiada nas construções esportivas dos parques suburbanos, estádios e clubes. [142] Em São Paulo os primeiros chalés residenciais foram erguidos nos subúrbios por volta de 1870. A sua rápida divulgação levou que o poder municipal os proibisse dentro o perímetro comercial, em 1889, pois eram considerados mais apropriados para os arrabaldes. [143] Chalés com os típicos telhados pontudos de duas águas e beirais lambrequinados foram construídos nos parques e clubes paulistanos até as primeiras décadas do século XX. Eles continuavam como parte dos cenários nas primeiras décadas dos jogos de futebol.

Foi esse mesmo estilo de arquitetura pitoresca que a parentela dos Silva Prado escolheu, em 1893, quando a *Prado, Chaves & Cia.* resolveu erguer um balneário de luxo no Guarujá, na praia das Pitangueiras, em terras que Elias Pacheco Chaves herdara do pai. O primo e sócio de Elias Chaves, o engenheiro ferroviário Elias Fausto Pacheco Jordão, teve o capricho de importar dos Estados Unidos um hotel com 70 quartos, um cassino, uma igreja e 46 chalés, todos em pinho da Geórgia, e os montou defronte à

[142] GUERRAND, Roger-Henri. Espaços privados. In: PERROT, Michele (org.). *História da vida privada*. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 349; CAMPOS, E. (2008). *Op. cit.*, p. 48-52.
[143] CAMPOS, Eudes. São Paulo: desenvolvimento urbano e arquitetura sob o império. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 237-240; _____ (2008). *Op. cit.*, p. 55-57 e p. 78-79.

praia para servir às famílias das elites. [144] Os paulistanos ricos desembarcavam da ferrovia inglesa no porto de Santos, atravessavam o canal em lanchas e eram levados até o hotel em pequenos trens de bitola estreita. Saíam das modernas locomotivas a vapor para um cenário tirado dos contos de fadas, montado para convivências romantizadas. As construções se assemelhavam às de um balneário da Normandia, os freqüentadores se vestiam à moda de Deauville e a mata tropical compunha o pano de fundo. Poucos anos depois, em 1897, o hotel-cassino, batizado como *Grande Hotel La Plage*, seria consumido por um incêndio e substituído por outro de alvenaria.

A arquitetura esportiva fazia parte de um modismo exótico de gosto alpino, ela misturava a nostalgia aristocrática da vida no campo com o modernismo urbano-burguês. As construções reproduziam paisagens da memória romantizada e flertavam com o futuro ao mesmo tempo. Além das corridas de cavalos e de bicicletas, outros esportes modernos foram introduzidos fora dos limites urbanos de São Paulo: no morro dos Ingleses, na chácara Dulley, na chácara Witte, na chácara da Floresta, no bosque da Saúde, no jardim da Aclimação, no parque da Antártica e nos campos do *Mackenzie College* e do SPAC localizados nos altos da Consolação. Até os anos 1920 todas as instalações esportivas existentes na cidade pertenciam a clubes particulares instalados nos arrabaldes, alguns deles nas várzeas do rio Tietê, próximo à Ponte Grande. [145] O Velódromo Paulista foi o primeiro a contar com arquibancadas e, por vários anos, foi o único estádio para esportes atléticos da cidade, embora essa palavra (*stadium*) só começasse a ser usada por aqui anos mais tarde, por volta de 1917. Ele ficava próximo ao centro, numa região que se urbanizava com rapidez. Dois outros velódromos foram construídos nos anos seguintes em locais mais distantes, um no distrito da Penha e outro na chácara da Floresta.

O deslocamento dos espetáculos a céu aberto

As chácaras que cercavam a cidade até a segunda metade do XIX eram uma antiga forma de moradia que as elites paulistanas, a exemplo da família Silva Prado,

---

[144] CATELLI, Rosana E. *A correspondência da família Pacheco e Chaves*: uma análise das práticas femininas da elite paulista, 1890-1930. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: Campinas: IFCH-UNICAMP, 2007, p. 24-25.

[145] Os clubes que margeavam o Tietê foram estudados por NICOLINI, H. (2001). *Op. cit*.. Sobre os espaços e as práticas esportivas até os anos 1930 ver, também: ANTUNES, F. M. R. F. (1998). *Op. cit, loc. cit.*; SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 43-73; _____. Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. *Estudos Históricos*, 6 (11): 78-88, 1993; NEGREIROS, Plínio J. L. C. O estádio do Pacaembu. *Educación Física y Deportos*. 3 (10), 1998.

alternavam com os casarões assobradados no centro urbano. No passado as chácaras serviam para garantir o abastecimento dos lares, para abrigo dos animais de tração e acomodar os escravos e serviçais. Os sobrados nas ruas centrais cumpriam as funções de representação social: oferecer à família uma posição de destaque para assistir às procissões e cortejos, hospedar os viajantes ilustres, receber as visitas, reuniões políticas e saraus. [146] Saia-se pouco às ruas até meados daquele século, mas os lares eram permeáveis às influências externas. A vida doméstica era compartilhada com parentelas extensas e criadagens numerosas. Entre os frequentadores das casas mais abastadas figuravam os agregados, os apadrinhados e os vizinhos.

No dia a dia as ruas não eram lugar para a permanência de pessoas consideradas descentes. Sem contar o convívio permanente com os serviçais domésticos, o encontro dos ricos com gente das camadas subalternas se limitava aos dias festivos. [147] Na época do Império os entrudos, as comemorações cívicas e as religiosas – essas últimas em franco declínio – aconteciam nas ruas do centro. São Paulo era conhecida como cidade pouco festiva, monótona e entediante, como tanto se queixavam os estudantes de direito que vinham de outras regiões do país. [148] Nas festas os espaços de uso comum poderiam se entrelaçar com os domínios residenciais, eram momentos de exceção, importantes para a descontração das relações sociais. A mistura de pessoas de vários níveis servia não para igualar e sim para reforçar as hierarquias. [149] Na sociedade escravista os congraçamentos eram apenas aparentes, a distância entre a classe senhorial e as subalternas, livres ou não, estava suficientemente demarcada para que elas se encontrassem nos espaços públicos. Todos deveriam reconhecer aqueles que pertenciam às parentelas dominantes e figuravam em posições destacadas. Na dúvida, bastaria que o nome familiar fosse mencionado para identificar alguém com poder de mando. Um

---

[146] REIS, Nestor G. *São Paulo*: vila, cidade, metrópole. São Paulo: PMSP, 2004, p. 88-91 e 122-124; BUENO, Beatriz, S. Tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo: metodologia de estudo com base na décima urbana de 1809. *Anais do Museu Paulista*, 13 (1): 59-97, 2005; CANABRAVA, Alice P. As chácaras paulistanas. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*. 4 (1): 97-104, 1953; PIRES, Mário J. *Sobrados e barões da Velha São Paulo*. Barueri (SP): Manole, 2006, p. 1-26; HOMEM, M. C. N. (1996). *Op. cit*., p. 31-47.

[147] MARTINS, José de Souza. O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v.3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 179-200.

[148] BRUNO, Ernani S. *História e tradições da cidade de São Paulo*. v. 3. São Paulo: PMSP: Secretaria de Cultura, 1984, p. 1215-1249; MONTOIA, Ana. O ideal da formação cidadã: escola, religião e trabalho. In: PORTA, Paula (org.). História da Cidade de São Paulo. v.2. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 153-185.

[149] CAMPOS, A. L. A. (2004), p. 277-279; MOURA, Denise A. S. *Sociedade movediça*: economia e relações sociais em São Paulo, 1808-1850. São Paulo: UNESP, 2005, p. 196-205; MORAES, José G. V. *Sonoridades paulistanas*: final do século XIX ao início do século XX. Rio de Janeiro: Funarte, 1995, p. 69-78.

punhado de famílias aparentadas entre si controlavam a política local. As moradias (chácaras ou sobrados) e as igrejas eram os locais de interação cotidiana entre elas.

O crescimento urbano ocorrido entre os últimos anos do Império e o início da República, alimentado pelo afluxo de estrangeiros, propiciou o aparecimento gradativo das camadas médias. A expansão do trabalho livre mobilizou a sociedade. Dos 31.385 habitantes da cidade no ano de 1874, 3.828 (12,2%) eram escravos. A partir daí a presença de recém-chegados cresceu rapidamente. Em 1886 a população era de 47.697 pessoas, entre as quais estavam 12.290 (25,8%) estrangeiros. Em 1893 o total atingiu a 130.775 moradores, incluindo 71.468 (54,6%) imigrantes. [150] A identidade da elite mandante já não parecia tão evidente. Ela se afastou do burburinho central e das festividades cada vez mais espontâneas nas ruas. Nos bairros novos, que resultavam do parcelamento das chácaras no cinturão periférico, as famílias com posses construíam casas imponentes em estilos ecléticos, com jardins fronteiriços e afastamentos laterais para sinalizar uma faixa de interdição na passagem entre o ambiente externo e o interno. [151] Assim ressaltavam o *status* dos proprietários. A parentela dos Silva Prado erigiu seus palacetes nos bairros novos de Higienópolis e Campos Elíseos. Os ricos aumentaram a privacidade do lar e, em contrapartida, assumiram papéis sociais novos e mais ativos nos lugares comuns. Especialmente para o convívio com famílias do mesmo estrato social.

São Paulo passou por uma redefinição progressiva dos usos considerados aceitáveis para as ruas e, aos poucos, as confraternizações foram realocadas. A maior restrição do acesso de estranhos ao convívio familiar foi compensada pela atividade social fora de casa. Esse modo moderno de relacionamento – do ver e ser visto por pessoas de nível semelhante nos espaços comuns – fez com que se multiplicassem no final do século os salões de bailes, casas de ópera e teatro, parques, restaurantes e cafés, para os diferentes níveis sociais. [152] Na passagem para o século XX o carnaval foi

---

[150] Cf. CAMARGO, José F. *Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos*. v. 2. São Paulo: IPE-USP, 1981, p. 10; *Memória urbana*: a Grande São Paulo até 1940. v. 3. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2001, p. 46-47.

[151] D'INCAO, Maria A. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 223-229; MARINS, Paulo C. G. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, Fernando A. e SEVCENKO, Nicolau (orgs.). *História da vida privada no Brasil*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 170-180; HOMEM, M. C. N. (1996) *Op. cit.*, p. 113-125.

[152] RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula (org.). História da Cidade de São Paulo. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 392-402; ELAZARI, Judith M. *Lazer e vida urbana*: São Paulo, 1850-1910. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: FFLCH-USP, 1979, *passim*; MATOS, Maria I. S. Na trama urbana: do público, do

reavivado através das sociedades carnavalescas, na forma de desfiles de carros alegóricos puxados por cavalos e já com os primeiros automóveis, novidade que pouquíssimos podiam exibir. A princípio o corso percorria o centro comercial, depois ele foi transferido para a distante avenida Paulista. Os esportes também foram disciplinados. Embora eles acontecessem ao ar livre, ao ganhar a forma de espetáculos os campos de jogos foram cercados e receberam programações planejadas. O hipódromo, o velódromo e o parque Antártica funcionaram como recintos controlados.

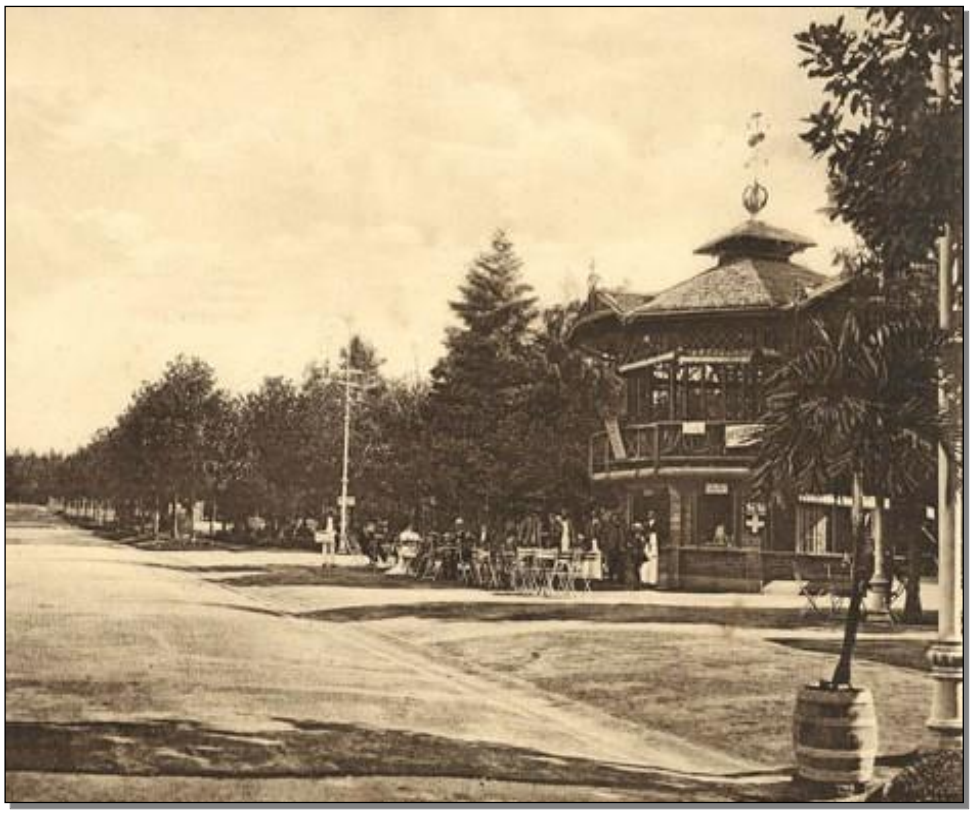


Fig. 22. O parque construído pela cervejaria *Antárctica* nos subúrbios da cidade, no início de 1901, estava entre as novas opções de lazer dos paulistanos. Na imagem aparece o quiosque achalezado do restaurante. Acervo do Instituto Martius-Staden.

As comemorações de inspiração religiosa cederam importância para as diversões laicas nesses espaços restritos, policiados, com a frequência selecionada pela cobrança de ingressos e a distribuição dos lugares. Isso disciplinou a mistura que antes acontecia nas festas de rua. Mesmo assim, os recintos seletivos sempre admitiram a permeabilidade entre pessoas de diferentes posições. Representantes das camadas subalternas podiam conviver momentaneamente com as famílias de elite. Desde que conseguissem cumprir as exigências dos trajes, vencessem a barreira do preço da

---

privado e do íntimo. *Projeto História*, 13: 129-149, 1996; CATELLI, R. E. (1997). *Op. cit*., p. 25 e p. 142-147, BRUNO, E. S. (1984). *Op. cit*., *loc. cit.*; MORAES, J. G. V. (1995). *Op. cit*., p. 78-85 e 160-73.

entrada, ocupassem lugares pré-determinados e assumissem um comportamento considerado educado para o lugar. Nesses ambientes a arquitetura era diferenciada e o cenário artificializado. Ali eram tolerados, sim, os comportamentos mais descontraídos. Eram momentos passageiros em locais planejados para a quebra de rotinas, numa fingida comunidade entre as diversas aspirações sociais. Nas escapadas do ritmo cotidiano o tempo parecia ficar suspenso.

O estádio como espaço de sociabilidade

A cidade crescia e se transformava. Várias chácaras foram loteadas nas proximidades do velódromo no final do século XIX: a que pertencera ao marechal Arouche de Toledo Rendon, a da Baronesa Maria Antonia Silva Ramos, a do Barão Joaquim Ramalho, a do senador Francisco de Sousa Queiroz e a de Mariano Antonio Vieira. [153] Para os bairros que se formaram nessa parte da cidade, Vila Buarque, Consolação e Higienópolis, vieram muitas famílias de classe média e alta que antes residiam no centro e as que chegavam do interior. [154] Os fundos da velha chácara da de Veridiana Prado davam para um vale acidentado, onde o ribeirão Saracura fazia a divisa com a antiga chácara do Bexiga (baixos da Bela Vista). Na colina da margem oposta se formou um bairro popular habitado por descendentes de escravos e por imigrantes italianos. O mato continuou a predominar por várias décadas naquela baixada.

As corridas do Velódromo Paulista aconteciam nas tardes de domingos e feriados, pois a legislação municipal não autorizava o funcionamento de casas de apostas em dias úteis, inclusive o hipódromo. O agendamento das festividades esportivas no domingo, tradicionalmente reservado aos cultos sagrados, foi uma influência do anticlericalismo francês, pois na cultura anglicana elas estavam proibidas nesse dia. Os programas do velódromo não tinham periodicidade regular, o anúncio de cada programa era feito com alguma antecedência. Eventualmente as corridas comemoravam datas cívicas, sem a venda de pules e com a bilheteria doada para alguma causa beneficente. Por exemplo, para comemorar o aniversário da Queda da Bastilha, no feriado de 14 de julho de 1896, um programa especial de corridas, sem apostas, homenageou os franceses da cidade.

[153] LEFÈVRE, José E. A. *De beco a avenida*: a história da Rua São Luiz. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 19-34; TOLEDO, Benedito L. *Álbum iconográfico da Avenida Paulista*. São Paulo: Ex Libris: João Fortes Engenharia, 1987, p. 10-16; JORGE, C. A. (s.d.). *Op. cit.*, p. 57-65.
[154] PIRES, Mário J. *Sobrados e barões da velha São Paulo*. Barueri: Manole, 2006, p. 27-62 e p. 105-149.

Compareceram o presidente do estado, Campos Salles, e o cônsul Georges Riff, saudado com a Marselhesa pela banda militar. [155]

Os jornais não costumavam fazer estimativas sobre o número de espectadores, mas repetiam que a afluência no Velódromo Paulista era "grande". Mencionavam as "arquibancadas completamente cheias", repletas de "*demoiselles* e senhoras, ostentando finas *toilettes* e dando à festa a nota viva da mais completa alegria com a sua presença", um público composto pelas "melhores famílias de nossa sociedade". [156] O público masculino predominava, mas as mulheres compareciam em quantidades expressivas, sempre em grupos familiares, nunca sozinhas. A imprensa se referia usualmente à elegância, à beleza e ao charme feminino, como se elas cumprissem uma função decorativa nas arquibancadas. [157] É verdade que, passados menos de dois anos da inauguração do estádio da Consolação, moças podiam ser vistas pedalando as suas bicicletas na raia, como relatou o jornal *Correio Paulistano*: "Quem a certas horas do dia tiver a curiosidade de ir ao Velódromo Paulista terá a agradável surpresa de encontrar ali algumas gentis *cyclowomen* fazendo diversas evoluções sobre a *petite reine* e até apostando corridas". [158] Mas mulheres nunca competiam nos espetáculos e tampouco faziam parte das diretorias dos diversos clubes ciclísticos existentes na cidade. A primeira prova feminina só aconteceu anos mais tarde, no dia 22 de março de 1903: três moças disputaram um páreo de setecentos metros durante festa recreativa. [159]

A presença de mulheres nas arquibancadas deve ser examinada com maior cuidado. Isso tinha um significado profundo, não era o simples adorno sugerido pelos jornais da época. A repetida ênfase com que os jornalistas davam essas referências indica que o comparecimento feminino em lugares públicos era relativamente recente e atraia os leitores. Nas gerações anteriores, pelo menos até meados do século XIX, as paulistanas levavam uma vida bastante doméstica e tinham nas igrejas uma das poucas opções de sociabilidade externa, principalmente as mais ricas. [160] As visitas aos parentes eram frequentes, mas aparecer em lugares abertos era coisa que só acontecia nas festas

---

[155] *O Estado de São Paulo*, 15 jul. 1896, p. 2.
[156] V., p. ex., *Correio Paulistano*, 17 set. 1895, p. 2; *A Platéa*, 16 set. 1895, p. 3; *O Estado de São Paulo*, 9 dez. 1895, p. 2.
[157] MELO, V. A. (2007). *Op. cit*., p. 133; GOELLNER, Silvana V. Imagens da mulher no esporte. In: PRIORE. Mary Del e MELO, Victor A. (orgs.) *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009, p. 272-274.
[158] Cf. *Correio Paulistano*, 11 mai. 1897, p. 3.
[159] *A Platéa*, 23 mar. 1903, p. 1.
[160] CAMPOS, A. L. A. (2004). *Op. cit*., p. 262-70. Exemplos interessantes da sociabilidade feminina podem ser encontrados nas memórias deixadas por BARROS, Maria P. *No tempo de dantes*. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998, *passim*.

religiosas. A crescente presença de moças ricas em espaços de visibilidade, no final daquele século, expôs o lado mais evidente da transformação que acontecia nos grupos familiares. [161] Desde a época da Independência as famílias paulistas perderam progressivamente o perfil de unidades corporativas voltadas para a produção autônoma, herdado da colonização portuguesa. Com o fortalecimento das relações mercantis e urbanas ao lar ficou reservada à função de núcleo de consumo e a ordem familiar tendeu ao afrouxamento, à individualização dos comportamentos e à maior circulação nos ambientes externos. [162] Sem dúvida, a metamorfose se acelerou a partir dos anos 1860, quando a navegação a vapor e as ferrovias encurtaram o tempo de viagem, trouxeram centenas de milhares de estrangeiros, apressaram o fim da escravidão e colocaram as famílias ricas em contato permanente com o modo de vida europeu.

A tradição dos casamentos arranjados pelos pais por conveniência de negócios, por aliança política ou com parentes próximos (endógamos), começou a se enfraquecer durante o Segundo Reinado. As jovens foram conquistando independência para recusar o casamento precoce e para estabelecer redes de contatos sociais fora do lar, ainda que meramente formais e em ambientes escolhidos pelos pais. Vale citar aqui dois exemplos de enlaces ocorridos no passado da família Silva Prado, em épocas distintas, para ilustrar a sensível diminuição do poder paterno, entre uma geração e outra. Em 1838 o patriarca da família, o Barão de Iguape, não encontrou nenhuma dificuldade para contratar o matrimônio da sua filha de treze anos, Veridiana, com o seu meio irmão Martinho, quatorze anos mais velho do que a sobrinha/esposa. Mas, em 1877, o próprio Martinho não conseguiu impor a sua a vontade e impedir que a sua filha Ana Blandina, então com trinta e três anos, se casasse com Antonio Pereira Pinto Neto. Esse teria sido inclusive o estopim para a separação ocorrida no mesmo ano entre Martinho e Veridiana, pois a mãe apoiou a postura independente da filha. [163]

Se o poder paterno perdia a capacidade de ditar a vida dos filhos. Perdia, ao mesmo tempo, um modo eficaz para integrar e fazer crescer a fortuna familiar, para pactuar alianças entre parentelas e ampliar as influências políticas do grupo através dos casamentos arranjados. Diante do afrouxamento dos laços de sangue que sempre

---

[161] NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote*: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 211-240.

[162] *Idem*, p. 151-188. Sobre o encolhimento da esfera privada e a transformação da esfera pública na sociedade de massas, V. HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003 p. 60-68 e 169-189; ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 31-88.

[163] Cf. D'AVILA, L. F. (2004). *Op. cit*., p. 53-55 e p. 223-224; HOMEM, M. C. N. (1996). *Op. cit*., p. 97; LEVI, D. E. (1977). *Op. cit*., p. 76-77 e p. 88-89.

assegurou a coesão da parentela, o sistema oligárquico se adaptou às formas modernas de sociabilidade e de integração entre grupos. O progressivo recolhimento das famílias nucleares à esfera íntima do lar teve correlação direta com o aumento das atividades individualizadas nos espaços urbanos e a formação das associações livres. [164] Os clubes esportivos estavam entre os canais constituídos espontaneamente para contatos na esfera pública, onde os moços procuravam se relacionar com os pares. [165] No caso das moças as associações de benemerência eram as mais comuns. Depois se fortaleceram as agremiações para a convivência mista, as sociedades carnavalescas e de bailes.

A frequência feminina ao turfe, depois ao ciclismo e ao futebol, não estava relacionada somente à liberação da mulher, mas também aos novos papéis que o homem assumia publicamente, inclusive o de esportista, sem que os jornais fizessem o mesmo alarde sobre os figurantes masculinos. A condição de classe dada pelo nascimento em berço de ouro não era mais a única garantia para o futuro dos jovens. A mobilidade social e as incertezas eram maiores na moderna vida urbana. O individualismo crescente obrigou a que o rapaz de família rica se expusesse e assumisse os riscos das decisões pessoais, não só no mundo da política e dos negócios, ele também incorporou novos personagens em público, entre os quais o do *sportsman* ou, algo um pouco mais específico, o do atleta, esse lutador dos tempos modernos.

Nas suas primeiras formas, os clubes esportivos eram instituições essencialmente masculinas. Porém, as exibições em estádios nasceram para o entretenimento familiar e os encontros entre os gêneros. Os contatos casuais entre desconhecidos de sexo oposto tinham um sabor inédito e extremamente excitante para os jovens. A conquista amorosa passou a competir e a superar os velhos arranjos de casamentos combinados em sigilo pelos os pais. O flerte agora antecedia à conversa formal entre os familiares. Era mais um forte motivo para o lazer "*au plein air*" que evoluiu em São Paulo no último quartel daquele século. Sentadas em grupos de parentes nas arquibancadas do velódromo, sempre acompanhadas pelos irmãos, as moças despertavam um interesse ainda maior do público masculino para assistir às corridas dominicais de bicicletas. Os jardins internos e a calçada perante as tribunas eram áreas de convivência para os espectadores/caminhantes e locais para muitos torcicolos. Serviam para um ir e vir

[164] SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A. e SEVCENKO, N. (1998). *Op. cit*., p. 28-30; MATOS, M. I. S. (1996). *Op. cit*., p. 129-231. V., tb., HABERMAS, J. (2003). *Op. cit*., p. 169-212.
[165] V. SZYMANSKI, Stefan. A theory of the evolution of modern sport. *Journal of Sport History*, 35 (1): 1-32, 2008; HOBSBAWM, E. (1988). *Op. cit*., p. 288-292.

vagaroso em grupos, um *footing* com trocas de olhares, cumprimentos, sorrisos, acenos, recados e convites, entre um páreo e outro. Como dizia um redator do *Correio Paulistano*, o Velódromo Paulista era lugar para encontros da "sociedade *chic*":

> É no Velódromo que a sociedade *chic* dá os seus *rendez-vous* aos domingos; é aí que se reúne o *high-life* paulistano; é aí onde a gente passa um dia alegre, de quando em vez, respirando atmosfera de um meio seleto, vendo risos em todos os lábios e prazer em todos os semblantes.
>
> E os rostos bonitos; e as bochechas rosadas dos bebes; e aquele ar saturado e os leques que se agitam e os perfumes de Victoria Regia, de Skinc e de Royal Houbrigant que se exalam, tudo isso nada vale? [166]

O atleta moderno e os espetáculos de ciclismo

As proximidades históricas entre o turfe e o ciclismo de pista parecem claras: ambos se basearam na disputa em velocidade entre ginetes, a distâncias pré-fixadas e relativamente curtas, em circuitos fechados. Mas é preciso enfatizar as diferenças também. Enquanto o simbolismo do turfe remetia à vida no campo, à propriedade rural do criador do animal, o ciclismo se reportava à tecnologia industrial do meio urbano. Foi visto que o turfe era um esporte por procuração, no qual o cavaleiro contratado representava na pista o *sportsman* proprietário do animal, um fazendeiro acomodado nas tribunas de honra. Já no ciclismo o protagonista era aquele mesmo que pedalava. O *veloceman* não era um figurante de menor importância, um condutor pago. Ao contrário, o dono da bicicleta expunha seus talentos físicos ao juízo do público apostador. Ele era considerado um *atleta*.

Na Europa a figura do atleta moderno começou a ser construída nos desdobramentos das guerras napoleônicas, portanto muito antes do ciclismo ou do futebol. Os exércitos da era industrial não podiam mais depender de tropas profissionais e em caso de conflito externo o recrutamento em massa exigia que os jovens estivessem fisicamente capacitados para lutar. [167] Diante da tensão política latente entre as nações europeias, o treinamento da juventude em tempo de paz passou a ser uma preocupação de todos os governos. Na Alemanha as exibições coletivas de exercícios ginásticos sincronizados serviram para a manifestação do fervor patriótico, da identidade

---

[166] Cf. *Correio Paulistano*, 15 jan. 1897, p. 1.

[167] DEFRANCE, Jacques. *L'Excellence corporelle*: La formation des activités physiques et sportives modernes (1770-1914). Rennes: Presses Universitaires, 1987, p. 51-64

germânica e da francofobia. Sistemas planejados de exercícios foram adotados nos quartéis, nas academias militares e, finalmente, nas escolas civis por todo o continente europeu. Influenciadas pela pedagogia iluminista, as teorias e métodos de educação física se diversificaram em estilos nacionais, cada qual com as suas justificativas científicas, elaborações técnicas e fortes preceitos cívicos. [168] Cada doutrina ginástica propalava originalidade, mas era fácil identificar influências mútuas disseminadas por vários países. Portanto, ficou impossível classificar metodologias distintas de exercícios físicos.

Na França o marquês de Sotelo, Francisco Amorós y Ondeano (1770-1848), é tido como o mentor da ginástica educativa nacional. Ele foi um militar espanhol que aderiu aos invasores franceses e, após a queda de Napoleão, viveu o resto da vida exilado em Paris. Amorós se inspirou nas obras de pedagogos suíços e alemães, criou métodos próprios de ginástica, mas que não disfarçaram as fortes influências germânicas. [169] Ele dirigiu ginásios de preparação física e esgrima, não só para aprimorar capacidades militares dos jovens franceses como para oferecer formação moral. Amorós sempre se opôs às exibições em público. Na sua opinião, o lugar adequado para exercícios era o pátio interno, coberto ou não, que ele chamou de ginásio, onde não deveriam acontecer divertimentos frívolos. A educação física começou a penetrar nas escolas francesas na metade do século graças ao trabalho de outros pedagogos, principalmente do suíço Phokion Clias (1782-1854) que adaptou métodos da ginástica sueca, a calistenia, inclusive para moças. Em 1853 a educação corporal se tornou disciplina obrigatória no ensino secundário e em 1869 no primário. Mesmo assim o alcance prático foi pequeno, pois naquela época poucas escolas contavam com espaços para a exercitação dos alunos. [170]

Na Inglaterra a trajetória da preparação física foi bem diferente. O atletismo nasceu dentro dos hipódromos ingleses com as corridas a pé, disputadas em páreos por corredores pagos e sob as apostas dos espectadores. As rotinas de exercícios ginásticos repetitivos que eram adotadas no ensino do continente não encontraram receptividade nas *public schools* frequentadas pelas elites inglesas – escolas que só mantinham essa

---

[168] MANDELL, R. D. (2006). *Op. cit*., p. 167-86; VIGARELLO, G. e HOLT, R. (2008). *Op. cit*., p. 406-419 e p. 460-466; ULMANN, J. (1982). *Op. cit.*, p. 291-308.

[169] SOARES, Carmen L. Imagens do corpo "educado": um olhar sobre a ginástica do século XIX. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). *Pesquisa histórica na Educação Física*. v.2 Vitória: UFES, 1997, p. 5-32; _____. *Imagens da educação no corpo*: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 3ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 54-79.

[170] WEBER, E. (1988). *Op. cit*., p. 259-262.

estranha designação pela sua origem histórica, pois eram instituições privadas e de altíssimo custo. Elas deram preferência às competições de salto, lançamentos e corridas que sempre faziam parte dos encontros festivos da aristocracia fundiária. A ginástica de metodologia sueca era ministrada nas escolas populares e para as moças no ensino de elite.

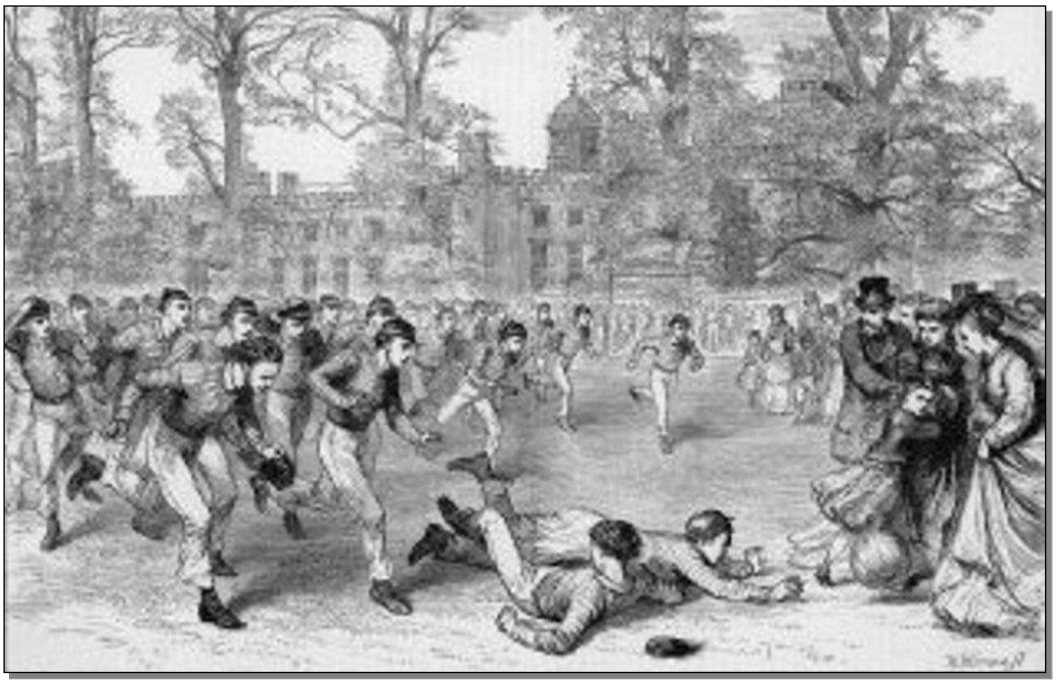


Fig. 23. O *football* na escola de Rugby.

No grau secundário inglês, o clérigo e pedagogo Thomas Arnold (1795-1842) foi precursor de um rumo totalmente novo para a educação corporal. [171] A partir de 1828, ele dirigiu a escola preparatória localizada na pequena cidade de Rugby, um internato frequentado por adolescentes de famílias ricas. Arnold não se envolveu diretamente na organização de jogos, mas percebeu o potencial disciplinador que eles tinham para conter a rebeldia dos alunos e ocupar os tempos livres de que dispunham no internato. Para tranquilizar a rotina escolar, transmitir princípios morais e desenvolver aptidões físicas, Arnold estimulou a introdução dos jogos coletivos. Eram formas de lazer adaptadas a partir dos tradicionais divertimentos camponeses. [172] Ele deu autonomia para que os jovens organizassem disputas em espaços ao ar livre e combinassem as

[171] HOLT, R. (1989). *Op. cit.*, p. 74-86; GOLDBLATT, D. (2008). *Op. cit.*, p. 24-28; HARGREAVES, John. Sport, *power and culture*: a social and historical analysis of popular sports in Britain. Cambridge: Polity Press, 1986, p. 38-41.

[172] DUNNING, Eric e CURRY, Graham. Escolas públicas, rivalidade social e o desenvolvimento do futebol. In: GEBARA, Ademir e PILATTI, Luis A. (orgs.) *Ensaios sobre história e sociologia nos esportes*. Jundiai: Fontoura, 2006, p. 45-76; DUNNING, Eric. *Sport matters*: sociological studies of sport, violence, and civilization. London: Routledge, 1999, p. 80-105.

regras entre si: era uma pedagogia de autodisciplina. A simulação de batalhas físicas entre equipes equilibradas abria oportunidades para iniciativas pessoais e fazia despontar as performances individuais, porém as lideranças só se destacavam se o grupo coeso alcançasse a vitória.

O estabelecimento de regras dentro das *public schools* transformou em *sport* tanto as competições individuais como os jogos entre equipes. Assim regrados, eles chegaram às universidades inglesas. Em 1850 foi realizado o primeiro torneio atlético no clube fundado no *Exeter College*, em Oxford. As disputas lúdicas atendiam melhor ao espírito concorrencial da burguesia inglesa e desenvolviam talentos para as novas táticas da guerra moderna.

No continente os jogos atléticos começaram a penetrar nas escolas isoladas que seguiam a pedagogia inglesa, principalmente na Suíça e nas cidades portuárias do norte, onde atuavam empresas comerciais britânicas. Na França havia uma enorme resistência aos costumes vindos dos velhos rivais do norte e as disputas atléticas nascidas nas *public schools* inglesas foram ignoradas por décadas. A anglofobia só começou a se desfazer depois da humilhante derrota sofrida pelas tropas francesas diante dos invasores prussianos na batalha de Sedan, em 1870, e da consequente perda do território da Alsácia-Lorena. O sentimento de revanche contra o inimigo alemão que se agigantara na fronteira leste reavivou a preocupação com a educação física nas escolas. Assim, em 1880 uma nova lei reafirmou a obrigatoriedade do ensino da ginástica na França. Nessa época se formaram os "batalhões escolares" que davam demonstrações cívicas de adestramento militar nas ruas. [173] A mobilização atlética também foi sentida fora das escolas. Em 1873 existiam apenas 9 clubes de ginástica na França, ao passo em 1899 eles chegaram a 809.

A germanofobia contribuiu para reavivar a memória do glorioso passado napoleônico e reforçou o tom marcial da ginástica (*ludus pro patria*). Paralelamente, trouxe uma inédita simpatia pelo espírito competitivo do novo país aliado: a Inglaterra. A introdução das competições esportivas na ginástica francesa começou depois de 1880, portanto, foi uma esportivização tardia quando comparada às origens britânicas. [174] As disputas apareceram fora dos muros escolares, nos parques públicos. Em 1882, jovens

[173] OZOUF, Mona. *L'École, l'Église et la République (1871-1914)*. 2ª. ed. Paris: Éditions Cana: Jean Offredo, 2007; SOARES, C. L. (2005). *Op. cit.*, p. 131-132; VIGARELLO, G. e HOLT, R. (2008). *Op. cit*., p. 464-466.

[174] DEFRANCE, Jacques. Se fortifier pour se soumettre? In: POCIELLO, Christian. *Sports et société*: approche socio-culturelle des partiques. Paris: Vigot, 1981, p. 75-84; _____. (1987). *Op. cit*., p. 127-145.

secundaristas de três escolas parisienses, dos *lyceés Rollin*, *Carnot* e principalmente do *Condorcet*, fundaram o *Racing Club de France* por iniciativa própria, apoiados por alguns pedagogos e jornalistas. [175] Sua sede foi instalada num chalé construído no Bois de Boulogne, aonde praticavam exercícios ginásticos e corridas a pé. Sair dos ginásios fechados para participar de corridas em parques públicos era um comportamento ousado, mesmo para os parisienses.

Fig. 24. Chalé situado no coração do Bois de Boulogne, sede do *Racing Club de France*.

Muito curiosas eram as alusões que os rapazes parisienses faziam ao turfe, o único esporte de origem inglesa que até então era bem conhecido no país. Os corredores a pé adotavam nomes de cavalos famosos como pseudônimos, se subdividiam em "coudelarias" e cada qual defendia as cores da sua equipe. Com casquetes de jóqueis e chicotes nas mãos, eles percorriam circuitos com obstáculos instalados no bosque, numa versão pedestre das *steeplechase* que aconteciam no vizinho hipódromo d'Auteuil. Os estatutos do *Racing Club*, escritos em 1885, já previam "a prática de todos os exercícios ao ar livre, próprios ao desenvolvimento das forças física, tais como o *football*, o *law*-

[175] V. POCIELLO, C. (1981). *Op. cit*., p. 39-42; WEBER, E. (1988). *Op. cit*., p. 268-269; VIGARELLO, G. e HOLT, R. (2008). *Op. cit*., p. 471-473; VIGARELLO, G. (2002), *Op. cit*., p. 56-58; GOLDBLATT, D. (2008). *Op. cit*., p. 157; MacALOON, J. J. (2008). *Op. cit*., p. 181-182. Para um relato da época, V. FOS, Fernand. Les courses à pied en France. Le Racing-Club de France. In: LEUDET, Maurice. *L'Almanach des sports, 1899*. Paris: Paul Ollendorff, 1899, p. 438-441.

tennis, o *jeu de paume*, esgrima, patinação etc.". [176] Em 1883 outro grupo de estudantes, saído do *lyceé Saint-Loui* treinava no Jardin du Luxembourg e fundou o *Stade Français Club*. Esse seria o principal rival do *Racing Club*, por anos a fio. Eram clubes atléticos poliesportivos, só mais tarde eles se notabilizaram pelo *rugby football* e pelo *association football*. Os dois clubes se tornaram símbolos da moderna juventude francesa, imagem que seria emulada por moços de diferentes cidades, em muitos países, inclusive no Brasil.

Os divertimentos competitivos ingleses foram, assim, associados à tradição francesa da ginástica marcial com finalidades pedagógicas. Em 1887 os clubes de corridas parisienses se uniram em entidade federativa. Três anos depois, sob a liderança de esportistas e pedagogos como Georges de Saint Clair, Frantz Reichel, Jules Simon, Barão Pierre de Coubertin e o padre Henri Didon, ela se tornaria a *Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques* (USFSA), federação nacional que passou a coordenar todas as modalidades atléticas e a divulgá-las no meio escolar. A USFSA englobou a natação, a esgrima, o ciclismo, o remo, o rúgbi, o hóquei, o futebol, o tênis, entre outros. A federalização foi um marco fundamental para o esporte nacional francês, apesar de ter ocorrido no interior de um diminuto círculo elitista. Nos seus primeiros anos de atuação a USFSA se opôs à democratização do movimento atlético, somente a partir no novo século os esportes deslancharam na França. Em 1890 a entidade federativa contava com apenas sete clubes afiliados em todo o país, em 1893 eram 50 e chegaram a 350 em 1903.

Os espetáculos ginásticos em São Paulo

É importante considerar que, além do ciclismo francês, outra tradição de espetáculos atléticos estava presente em São Paulo, anos antes do ciclismo e do futebol: as demonstrações de ginástica trazidas pela imigração alemã. As exibições de exercícios físicos coletivos em espaços públicos foram estimuladas pelas sociedades ginásticas (*turnvereins*) que existiram em várias regiões do país, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul. Elas apareceram onde quer que comunidades alemãs tenham se fixado, até em pequenas cidades do interior. O mesmo aconteceu nos fluxos imigratórios germânicos que se dirigiram à Argentina e aos Estados Unidos. Pois a ginástica estava arraigada nas escolas e na vida cotidiana da Alemanha, desde a metade do século XIX. Ela se difundiu por lá a partir dos métodos defendidos pelo pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi

[176] *apud* VIGARELLO, G. (2002). *Op. cit.*, p. 57.

(1746-1827). As atividades físicas incluídas na pedagogia pestalozziana estiveram tanto nas origens da ginástica escolar alemã, quanto nas da francesa. Na Alemanha o pensamento de Pestalozzi foi divulgado por Johann Guts Muths (1759-1839) que desenvolveu um estilo nacional de ginástica. Depois seus métodos foram aperfeiçoados por Friedrich Jahn (1778-1852) e Adolf Spiess (1810-1858). [177] Nessa forma mais elaborada, a chamada *turnen* chegou à cidade de São Paulo no final do Império com a imigração.

Foi Friedrich Jahn que atribuiu o nome *turnen* à ginástica do seu país, de modo a diferenciá-la de outros estilos nacionais. Para ele o ginasta (*turner*) deveria receber formação completa, se preocupar com a disciplina corporal, moral e principalmente com o seu envolvimento na comunidade. [178] A ginástica ganhou popularidade na Alemanha. As associações de *turnen* promoviam atividades de lazer e longas caminhadas em contato com a natureza para a convivência familiar. Faziam jogos de guerra simulada em grandes grupos e exercícios físicos simultâneos nas *turnplätzes*, largos espaços para exibições ao ar livre em zonas suburbanas. Adolf Spiess adaptou os princípios da *turnen* para a educação física escolar, tornou-a menos acrobática e arriscada, valorizou os exercícios coletivos e o adestramento para serviço militar. Na segunda metade do século a *turnen* se generalizou como disciplina obrigatória. Os professores prescreviam exercícios baseados em princípios científicos, com gestos disciplinados, emprego de aparelhos e cronometragem. Acima de tudo eram atividades de civismo militante e não de competição. As disputas atléticas eram raras, adotavam as corridas a pé aconteciam, porém os jogos em grupos numerosos eram tidos como recreação. Somente na última década do XIX os jogos ingleses penetraram pela região norte do país, principalmente a partir do porto de Hamburgo.

As *turnvereins* tinham fortes conotações ideológicas, pois desde a origem fizeram parte do movimento a favor da unificação nacional alemã, iniciado com a expulsão das tropas napoleônicas. As exibições massivas acompanhadas por canções tradicionais exaltavam o pangermanismo e, assim, se contrapunham à parte mais conservadora da aristocracia fundiária que naquela época mantinha o país fragmentado em pequenos estados. Periodicamente, nas praças de ginástica (*turnplätzes*) aconteciam os grandes

[177] SOARES, Carmen L. *Educação física*: raízes europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 53-57; TESCHE, Leomar. *O turnen, a educação e a educação física nas escolas do Rio Grande do Sul:* 1852-1940. Ijuí (RS): Unijuí, 2002, p. 58-73; ULMANN, J. (1982). *Op. cit*., p. 277-290; MANDELL, R. D. (2006). *Op. cit*., p. 167-182.
[178] TESCHE, L. (2002). *Op. cit*., p. 75-118.

festivais (*turnfest*) que incluíam marchas com estandartes, músicas patrióticas e cerimônias cívicas. Quando a unidade política foi finalmente conquistada essas exibições já estavam integradas à cultura nacional. Elas prenunciavam os espetáculos político-esportivos de massa do século seguinte, inclusive os nazistas. [179] A popularização desse movimento atlético em espaços abertos não respeitou as fronteiras alemãs, adentrou os países vizinhos e ganhou as tonalidades nacionalistas de cada um. Na França as sociedades patrióticas de ginástica e seus espetáculos – que adaptaram o estilo nacional da escola de Francisco Amorós – tinham clara conotação antigermânica. Eles proliferaram em sequência à derrota militar de 1871. No final do século existiam mais de 800 associações francesas de ginástica. [180]

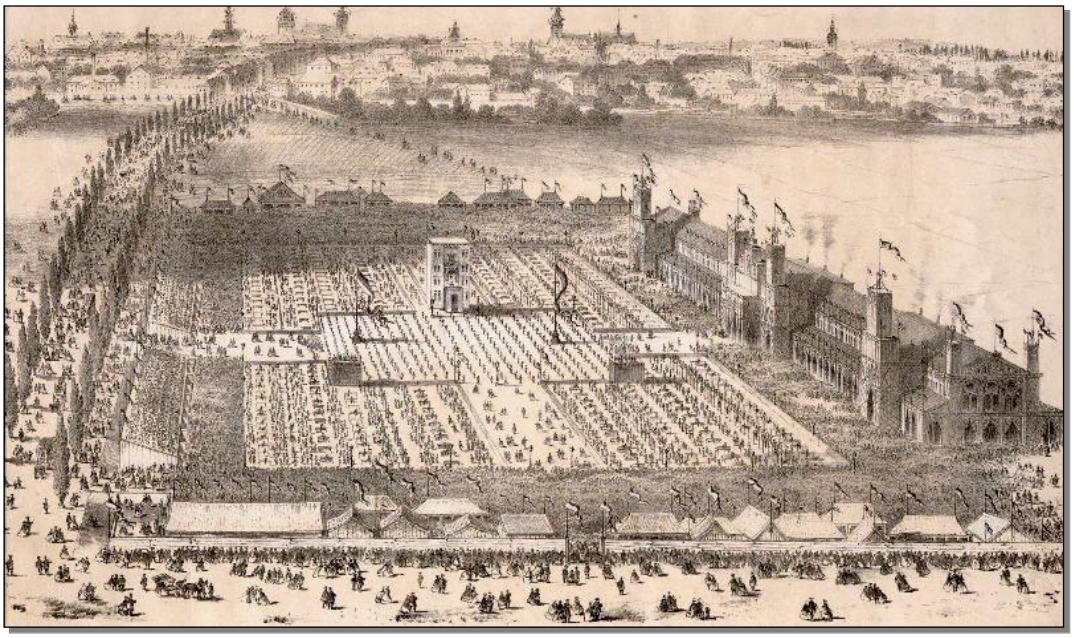


Fig. 25. O *Deutsches Turnfest* de 1863, exemplo dos periódicos festivais pan-germânicos de exaltação à nacionalidade, que reuniu cerca de vinte mil ginastas nos subúrbios de Leipzig.

Em São Paulo a imigração alemã foi relativamente pequena, quando comparada à italiana, portuguesa e espanhola, mas foi significativamente maior do que a americana, a francesa e a inglesa e teve influência sobre as atividades atléticas. O censo municipal de 1886 registrou 1.187 alemães só na Capital paulista, equivalentes a 10% do total dos estrangeiros presentes. Em 1893 eles eram 2.348 e em 1916 chegaram a 9.533. [181] A

[179] SOARES, Carmen L. Da arte e da ciência de movimentar-se: primeiros momentos da ginástica no Brasil. In: PRIORE. Mary Del e MELO, Victor A. (orgs.) *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009, p. 137-141.
[180] VIGARELLO, G. e HOLT, R. (2008). *Op. cit*., p. 461-464.
[181] Cf. *Memória urbana*: A grande São Paulo até 1940. v. 2. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2001, p. 45 e 47.

primeira agremiação *turnen* na cidade foi fundada em 1888 no bairro do Bom Retiro, a *Deutscher Turnverein* (*Sociedade de Ginástica Alemã*), que admitiu sócios de outras origens e contou com o apoio de mecenas brasileiros, fazendeiros que haviam estudado na Alemanha. Pouco tempo depois ela estabeleceu uma parceria com a *Deutsche Schule* escola localizada na rua Florêncio de Abreu (atual *Colégio Visconde de Porto Seguro*). Equipou as instalações de ginástica dos alunos e usou o mesmo pátio para os exercícios dos associados. Os ginastas ofereciam aulas avulsas a diferentes escolas. [182] Dois anos depois, sócios dissidentes fundaram uma entidade similar, a *Deutsch Turnerschaft von 1890*, que só admitia teuto-brasileiros e seguia rigorosamente a doutrina *turnen* conforme fora concebida pelo *Turnvater* (pai da ginástica) Friedrich Jahn. [183] Em 1904 a revista *A Vida Sportiva* contou nove sociedades de ginástica, de alemães e brasileiros, atuando na cidade de São Paulo, outras existiram em Campinas e Rio Claro.

Enquanto a ginástica francesa permanecia confinada em poucas escolas, feitas para os filhos da elite nacional, as *turnvereins* procuraram agregar as famílias teuto-brasileiras de todos os níveis sociais e divulgar as tradições germânicas para o público. Elas organizavam excursões em grandes grupos até os arredores da cidade. Mais tarde, três sociedades esportivas alemãs fixaram sedes às margens do Rio Tietê. [184] Periodicamente faziam exibições gímnicas com a participação de centenas, às vezes milhares de atletas anônimos vindos de diferentes cidades. Elas aconteceram inclusive no Velódromo Paulista, na passagem do século. [185] Eram espetáculos com impacto visual e apelo emotivo: desfiles uniformizados ao som de banda marcial, bandeiras coloridas e corais folclóricos, exercícios coletivos em ritmo sincronizado, performances em aparelhos e pirâmides humanas. [186] Estimulavam o sentimento de comunidade urbana, sem antagonismos aparentes, nos quais todos agiam de modo coordenado para um mesmo fim. Cultuavam valores pátrios idealizados fossem eles referentes à longínqua Germânia ou ao país adotivo, eram demonstrações politizadas de disciplina civil.

---

[182] MINCIOTTI, Alessandra N. *A prática do turnen na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). São Paulo: EEFE/USP, 2006, p. 77-81; NICOLINI, H. (2001). *Op. cit*., p. 331-333. Como mostrou Leomar Tesche, as parcerias entre escolas de educação básica e sociedades de ginástica alemãs foram comuns nas comunidades teuto-brasileiras. V. TESCHE, L. (2002). *Op. cit*., p. 143-194.
[183] NICOLINI, H. (2001). *Op. cit*., p. 333-337; MINCIOTTI, A. N. (2006). *Op. cit*., p. 82-84.
[184] NICOLINI, H. (2001). *Op. cit*., p. 337.
[185] V. *Correio Paulistano*, 6 nov. 1900, p. 2; *O Estado de São Paulo*, 6 jun. 1903, p. 2.
[186] SOARES, C. L. (2009). *Op. cit*., p. 133-160.

SOCIEDADE GYMNASTICA

Turnerschaft

VON 1890 IN SÃO PAULO

Festa do seu 10º. anniversario com baptismo da BANDEIRA

Tendo os exmos. srs. dr. presidente do Estado e ministro allemão, além de outros convidados, obsequiosamente promettido comparecerem a esta festa, obedecerá ella ao seguinte programma:

Principiando á 1 hora da tarde EM PONTO

NO

DOMINGO, 11 DO CORRENTE

VELODROMO PAULISTA

1 Entrada de gymnastas formados
2 Discurso (saudação)
3 Exercicios com barras, em 3 partes
4 Discurso
5 Baptismo da bandeira offerecida pelas exmas. sras. da sociedade, discursando o exmo. sr. consul allemão, V. Eschke

INTERVALLO DE 15 MINUTOS

6 Exercicios gymnasticos executados em diversos apparelhos por todos os grupos de adultos e meninos pertencentes á Turnerschaft, associando-se a elles dous grupos formados por socios do «Deutscher Turnverein São Paulo

7 Exercicios com massas

INTERVALLO DE 15 MINUTOS

8 Exercicios no cavallo e pyramides (parterre e mesas) executados por meninos da Turnerschaft
9 Assalto de Florete
10 Pyramides executadas por 21 socios da Turnerschaft em escadas e paraellas
11 Torneio em 5 exercicios differentes (pulo de altura, pulo de distancia, jogar o peso, levantar pesos e corrida a pé de 200 metros)
12 Exercicios livres em diversos apparelhos (barra fixa, parallelas, etc.

FIM (AS 5 HORAS DA TARDE)

(Marcha para acompanhamento das bandeiras dos differentes Clubs até á Germaniá)

N. B.--O Conselho da Sociedade Turnerschaft von 1890 in São Paulo, se reserva o direito de fazer quaesquer alterações, por ventura necessarias, deste programma.

Entradas (para os não convidados) 2$000 por pessoa

Os cartões de entrada acham-se á venda nas casas seguintes: Casa Allemã, rua Direita, 10-B; Casa Fuchs, rua de S. Bento, 83, e Casa Schulz & Nemitz, rua Victoria, 46, assim como no dia da festa, do meio-dia em deante, na bilheteria do Velodromo.

Fig. 26. Anúncio de espetáculo de ginástica *turnen* no Velódromo Paulista. *Correio Paulistano*, 1900.

Os atletas no Velódromo Paulista

As referências esportivas que os filhos de fazendeiros brasileiros trouxeram para São Paulo quando fundaram o *Veloce Club Olympico Paulista* tinham origem distinta, elas vinham da França. O clube foi organizado nos moldes dos congêneres franceses de ciclismo que alternavam os exercícios ginásticos, a esgrima e as competições. Os jovens ciclistas paulistas não se limitavam a pedalar, praticavam exercícios gímnicos como parte do treinamento e eventualmente incluíam combates com floretes, páreos de corridas a pé ou com patins, nos programas dominicais.

A mocidade atlética se diferenciava da geração anterior por atitudes que poderiam ser qualificadas como "rebeldias simpáticas". Era mais um sinal de mudança dentro das famílias. Num passado não muito distante os rapazes procuravam imitar os mais velhos, transitavam da infância para a maturidade o mais cedo possível como forma de se desvencilhar do jugo paterno. [187] No final do XIX a *juventude* se configurou como faixa etária distinta, ela ganhou personalidade e ares de independência. As famílias ricas prolongavam o tempo de educação para retardar o início da vida profissional dos filhos. Dito de outro modo: houve uma infantilização da idade adulta.

Atribuir seriedade ao divertimento lúdico e pedalar usando calças curtas fazia parte dessa nova atitude. Os jovens se exibiam em trajes sensuais, pouco comuns em público. Distinguiram-se da geração dos pais/turfistas também ao abolir o uso da barba e da casaca. Tentavam contrabalançar seus estrangeirismos pela participação cívica. Não se esquivavam de doar a arrecadação da bilheteria do clube para causas beneficentes, isso fazia parte do ar esnobe. Eles, que na infância viram de perto os rigores da escravidão nas fazendas das suas famílias, que vinham de uma velha cultura senhorial onde o trabalho era desvalorizado e se evitava fazer tarefas mecânicas em público, agora davam demonstrações de esforço físico diante de plateias.

Sair do anonimato doméstico para protagonizar espetáculos e oferecer horas lazer ao público era algo incomum para pessoas de famílias ricas. Leve-se em consideração que as profissões de cantor, músico e ator tinham baixo prestígio social. Ao ingressarem na pista os corredores estariam igualados entre si, submetidos às avaliações dos apostadores e às decisões dos juízes. No tempo de duração das provas o poder familiar não valia nada, o jovem incorporava o papel do atleta para a glória e para o fracasso. Essa talvez fosse a principal razão para adotarem pseudônimos. Os apelidos não

[187] V. FREYRE, G. (2004). *Op. cit.*, p. 176-201.

serviam para manter o anonimato, pois todos nas arquibancadas sabiam muito bem quem eram eles. Identificavam os atletas, isso sim, como personagens de espetáculos esportivos, serviam para diferenciar as performances dos *velocemen* na raia, daqueles mesmos moços na vida comum. Antonio Prado Junior adotou como *nom de guerre* o anagrama *Odarp*, Alberico Galvão Bueno usou o anagrama *Ocirebla*, Pedro Luis Pereira de Sousa era o *Fígaro*, Luiz da Silva Prado, o *Nemo*, Edgard Conceição, o *Nilo*, Joaquim Alves de Lima, o *Cid*, Bento Vianna, o *Bargossi*, Humberto Vianna, o *Ophir*, Antonio Oliveira, o *Rochet*, Edmundo Jordão, o *Gil*, João Franco, o *Tartaruga*, João Assumpção Junior, o *Brazil*, Orestes Ferreira da Souza, o *Signosse*, Mario Jordão, o *Yago*, Vilares Barbosa, o *Cacique*, assim por diante. [188] No exato tempo da corrida o fato ser um PRADO não trazia nenhuma vantagem e ODARP sinalizava isso ao inverter o seu nome de família. Mas fora da cancha o esporte trazia prestigio social e reforçava, sem dúvida, as distinções no cotidiano urbano. A personalidade pública do atleta começava a figurar ao lado do político, do artista, do intelectual, do capitalista e, claro, do *sportsman* criador de cavalos puro sangue inglês.

O velódromo como vitrine política

O velódromo recebia com relativa frequência a visita de políticos, para atos cívicos e lazer, tanto quanto o hipódromo da Mooca. Campos Salles foi um dos frequentadores da casa, às vezes acompanhado por toda a família, noutras só pelo seu *staff*. A mídia impressa tinha pouco alcance e as corridas de bicicletas eram boas oportunidades para apresentar uma imagem moderna e descontraída diante da elite eleitora. Certa vez, em 1898, o *Correio do Povo*, de Porto Alegre, assim repercutiu a presença no velódromo de São Paulo do Presidente da República recém eleito:

O Dr. Campos Salles ciclista

> Os nossos colegas da Nação de São Paulo deram-nos há dias agradável notícia de terem visto, entre as pessoas de bom gosto e de boa sociedade que se entregam a exercícios velocipédicos na pista do Velódromo Paulista, o ilustre presidente da República eleito, que aprendia a montar, e, segundo os mesmos colegas, mostrava bastante entusiástico pelo ciclismo.
>
> É que S. Ex. viu como na Europa a biciclete é utilizada pelos homens mais notáveis nas artes, nas letras, na indústria, no comércio e na política. [189]

[188] Cf. *O Estado de São Paulo*, 14 mai. 1896, p. 1; OTÁVIO, L. O. R. (1994). *Op. cit*, p. 54; *Club Atlhetico Paulistano*: um clube que cresceu com a cidade. São Paulo: CAP, 1970, p. 14; COSTA, Lauro. *O alvorecer do automóvel em Piratininga*: breves notas sobre veículos e transportes de São Paulo. São Paulo: Gráfica Biblos, 1956, p. 42.

[189] Cf. *O Correio do Povo*, 21 out. 1898, *apud* LICHT, H. (2002). *Op. cit*., p. 53.

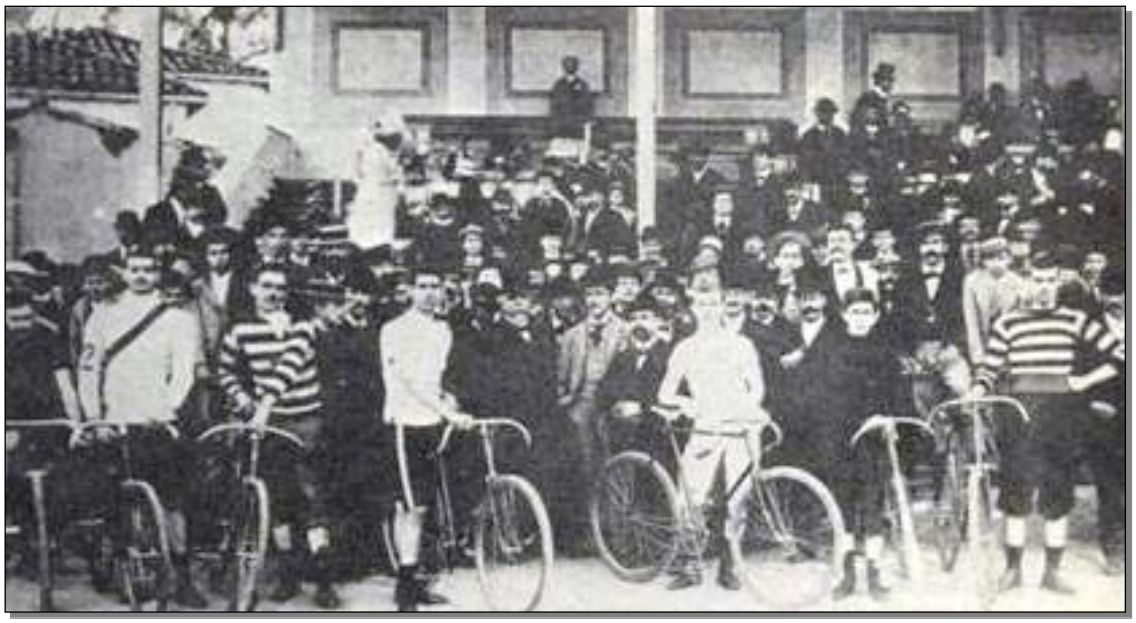


Fig. 27. Ciclistas no velódromo da Consolação, 21 de junho de 1896. Aquele com uma lista clara no calção é Antonio Prado Junior, o loiro é Otto Huffenbacher. Entre os dois, de barba e cartola, o então presidente do estado, Campos Salles, acompanhado por comitiva.

O jornal monarquista *O Commercio de São Paulo*, que pertencia ao polêmico Eduardo Prado, não perdeu a oportunidade para ironizar a atitude no novo presidente da República, a quem apelidara de "baiacu", nome de um peixe feio, pequeno e roliço, que incha e toma forma arredondada quando ameaçado, que tem espinhos na pele e carne tóxica. O jornal lançou um "concurso" para escolher a melhor resposta para a irônica pergunta: "Qual a razão por que o Sr. Campos Salles está aprendendo a montar em biciclete?". [190]

Nunca se soube de uma possível resposta premiada, mas o fato é que o velódromo construído na chácara da monarquista Veridiana de Silva Prado, onde o seu filho Eduardo nascera e se criara, agora servia para a autopromoção de um líder republicano desafeto. Dois anos antes, em 1896, quanto presidia o estado de São Paulo, Campos Salles mandara a polícia fechar os centros monarquistas e desarticulara o movimento político restaurador, do qual Eduardo Prado era um dos principais líderes. Em 1897 *O Commercio de São Paulo*, dirigido por Affonso Arinos, genro do conselheiro Prado e aliado de Eduardo, fora empastelado por uma turba que acusava os monarquistas de apoiarem o movimento de Canudos. Suspeitou-se na época que os baderneiros agiram a mando de Campos Salles, o que nunca foi negado. [191] O clima político o país ficou ainda

[190] *Idem*, p. 54.
[191] JANOTTI, M. L. (1986). *Op. cit*., p. 126 e 140; MENEZES, Raimundo de. *Vida e obra de Campos Salles.* São Paulo: Prefeitura Municipal de Campinas: Martins Fontes, 1974, p. 139-140; DEBES, Célio. *Campos Salles*: perfil de um estadista. v. 2. São Paulo: IHGSP, 1977, p. 67-70.

mais tenso no final do mesmo ano, não só pelo trágico desfecho da Guerra de Canudos, como pelo atentado contra o presidente Prudente de Moraes que vitimou o ministro da guerra, marechal Bittencourt. Foi fruto das resistências que os jacobinos moviam dentro das forças armadas contra o governo civil. O estado de sítio, então implantado por Prudente, acuou tanto os jacobinos quanto os monarquistas. A partir daí os movimentos extremados se enfraqueceram e as oligarquias civis se consolidaram no poder com o governo seguinte, de Campos Salles.

As cisões dentro da oligarquia paulista raramente se alongavam por muitos anos ou eram levadas ao extremo da violência entre facções. Campos Salles se entendia bem com os irmãos Martinico e Antonio Prado, sabia que no jogo político os partidários poderiam estar momentaneamente em campos opostos, mas os laços familiares eram mais fortes. O ambiente esportivo do velódromo servia para aliviar as tensões e tentar superar os prováveis rancores. Algumas pedaladas cambaleantes do presidente barbudo diante da plateia bem humorada poderiam compensar. Seria um pequeno preço para o congraçamento com famílias influentes e para conquistar simpatias populares. Talvez uma boa resposta para aquela pergunta do jornal seria dizer que Campos Salles usava o velódromo como espaço para descontrair as normas, era o lugar ideal para breves quebras das hierarquias. Ali, onde era permitido que as emoções viessem à tona, ele poderia se despojar da aura do poder e abrandar a seriedade do cargo. Se, por acaso, o presidente eleito demonstrasse sobre a bicicleta a mesma falta de habilidade e de coordenação motora de qualquer aprendiz, ele seria desculpado pelo público e, mesmo assim, teria angariado simpatias. O "baiacu barbudo" deixaria o palco esportivo com a aura da autoridade recuperada e fortalecida. Inflado estaria o seu ego.

A separação entre amadores e profissionais

O *Veloce Club Olympico Paulista* era uma pequena agremiação amadora, porém as corridas do Velódromo Paulista estavam franqueadas às inscrições de corredores não associados, inclusive aos profissionais. Ele reproduzia, em escala menor, a organização dos clubes equestres que ofereciam espetáculos abertos ao público pagante e admitiam competidores de diversas origens. Os profissionais disputavam os prêmios em dinheiro dados aos dois primeiros colocados. Os amadores corriam em páreos separados, podiam receber um brinde, uma medalha e os aplausos. Mas o público fazia apostas em qualquer prova. Parecia não haver nenhuma novidade nisso, afinal foi visto que no turfe

não existia oposição entre os princípios amadores e profissionais, os jóqueis eram pagos para correr.

Contudo, no ciclismo a distinção entre as categorias introduzia um tipo de tensão nova nos esportes. A aquisição de uma bicicleta importada, própria para competições, apesar de muito cara não significava um obstáculo inatingível para corredores saídos da classe média emergente. Aos poucos, a queda dos preços ampliou a quantidade de candidatos a estrelar as competições nos velódromos. O turfe não oferecia prestígio social aos jóqueis, mas no ciclismo as oportunidades de relativa fama pareciam abertas para quem conseguisse ter a sua própria "máquina" e demonstrar suficiente talento esportivo. A mistura social era inevitável.

A democratização desse esporte foi bem mais rápida na Europa e nos Estados Unidos do que no Brasil. Na França o ciclismo logo deixou de ser praticado exclusivamente pelos filhos de empresários e aristocratas para revelar campeões entre os rapazes que nos dias úteis da semana pedalavam nas ruas para entregar pães, carnes e recados. Henri Desgrange, por exemplo, foi um humilde escriturário antes de se tornar recordista e campeão de ciclismo, para depois se associar ao Marques de Dion como editor de esportes bem sucedido. [192] Não era um caso isolado, entre os "reis da bicicleta" franceses era possível encontrar campeões oriundos dos estratos modestos: Jacquelin foi um auxiliar de padaria, Cordang foi um marinheiro, Morin, um balconista e Huret, um padeiro. [193] Eles se destacaram em meio aos filhos da burguesia ascendente, como Bourrillon, cujo pai era dono de uma serraria na região da Aquitânia, ou Protin, proprietário de uma importante gráfica e papelaria na Bélgica.

A separação dos atletas em competições distintas teve início na Inglaterra a partir dos anos 1880. Ela atingiu vários esportes, quase simultaneamente: o rúgbi, o futebol, o atletismo, o remo e o ciclismo. Algumas entidades passaram a recusar qualquer assalariado ou artesão, como sócio. O movimento a favor do amadorismo era parte da reação burguesa diante do fortalecimento do proletariado no cenário urbano. [194] A inglesa *Bicycle Union* definiu que um ciclista seria considerado profissional se em algum momento, mesmo no passado, tivesse usado a bicicleta para auferir ganho monetário ou competido em público ao lado de ciclistas profissionais. A federação

[192] WEBER, E. (1988). *Op. cit*., p. 239-241.
[193] BREYER, Victor e COQUELLE, Robert. *Les rois du cycle*: comment sont devenus champions. Paris: E. Brocherioux, 1898, *passim*.
[194] DUNNING, E. e SHEARD, K. (1989). *Op. cit.*, p. 100-102; HOLT, R. (1989). *Op. cit.*, p. 104-105 e 144-146 ; HARDREAVES, J. (1986). *Op. cit.*, p. 45-50.

inglesa passou a organizar campeonatos em categorias separadas. [195] A francesa USFSA sequer aceitava atletas profissionais entre os clubes afiliados. Das centenas de associações velocipédicas formadas na França na última década do século XIX grande parte pertencia às elites amadoras. Entre elas estava a fechadíssima *L'Omniun, Sociéte d'Encouragement au Cyclisme*, composta só por nobres e dirigida pelo Duque de Luynes. Tinha como membros honorários aristocratas de diversos países, até mesmo o rei de Portugal, Carlos I. Outra, a *Cyclamen*, dedicada a passeios turísticos com bicicletas, era presidida pelo Marquês de Chevigné e limitada a sessenta sócios fixos, todos da nobreza de sangue. [196]

Porém, a *Union Vélocipédique de France*, principal federação de ciclismo do país, adotou uma posição independente da USFSA, admitiu atletas profissionais e separou as competições nas duas categorias. Ao contrário dos ingleses, muitos dos corredores amadores das classes dominantes francesas aceitavam pedalar ao lado de atletas saídos do proletariado, desde que eles não estivessem recebendo para competir. Os profissionais poderiam correr na mesma pista, porém em provas distintas. Vencer nos velódromos locais, viajar para outras cidades e países em busca de prêmios, eram sonhos realizáveis para jovens franceses com habilidades e poucas opções vida. Os ciclistas profissionais fundaram o *Syndicat des Coureurs*, era a primeira associação de trabalhadores da atividade esportiva francesa. Entidades sindicais de outras profissões formaram grupos ciclísticos para passeios e competições, apesar de alguns socialistas condenarem aquele tipo de divertimento "burguês". A democratização do esporte e a monetarização das competições acabaram por afugentar os esnobes, no início do novo século os clubes de aristocratas desapareceram.

Na pista de São Paulo, na Consolação, a separação entre amadores e profissionais foi supervisionada pelo *Veloce Club Olympico*. Tudo indica, entretanto, que esse controle nunca foi rigoroso. Os corredores circulavam pelos velódromos de diferentes cidades e no Brasil não existia federação que regulamentasse o esporte. Cada clube ou cada velódromo, estabelecia suas próprias regras. Pouco tempo depois da inauguração do Velódromo Paulista chegaram corredores estrangeiros "itinerantes". Rapazes que viajavam de país a país em busca das melhores pistas, talvez só pelo espírito de aventura, quem sabe a procura de fama ou dos prêmios mais altos. Eram profissionais e

[195] RICHIE, A. (1999). *Op. cit.*, p. 508-509.
[196] CHÉRIÉ, Maurice. Le cyclisme. In: LEUDET, M. (1899). *Op. cit.*, p. 75-76; TULLY, Baron de. *Annuaire des Grands Cercles*. Paris: A. Lahure, 1900, p. 475.

todos se apresentavam como detentores de vitórias, recordes e campeonatos conquistados em algum lugar. Alguns ficaram por várias temporadas consecutivas e houve aqueles que fixaram residência em São Paulo.

Da Argentina nos visitaram, em 1896, os corredores Plácido Dulhon, Linares, Talivar e Martin. No ano seguinte esteve o "campeão de Santa Fé", Orencio Pedróz. [197] Chegaram da Europa o corredor português José Diogo D'Orey e os franceses Buisson, Barreyre, Tonglet, Bayard, Nevers e Pefort. Nem sempre o currículo anunciado pelos estrangeiros era dos mais confiáveis, um jornal noticiou que o corredor italiano Giacino Doglio, o Spofford, após ter competido por algum tempo na pista da Consolação, deu um enorme desfalque na praça e fugiu da cidade. Depois de alguns dias ele se apresentou em Rosário, na Argentina, como "campeão paulista". [198] De vez em quando aconteciam desafios especiais entre os melhores corredores nacionais e estrangeiros. Em 1897 o brasileiro Otto Huffenbacher, filho de alemães, e o italiano Ferrucio Olivieri correram uma prova de trezentos quilômetros na pista, com a vitória do primeiro. No ano seguinte o mesmo Otto venceu um desafio de doze horas contra o corredor Mago.

A circulação de corredores entre o Rio de Janeiro e São Paulo foi freqüente e sempre estimulada pela oferta de um "grande prêmio" neste ou naquele velódromo. [199] Em dezembro de 1897 cinco representantes de São Paulo (entre os quais dois eram imigrantes italianos) foram para o Rio disputar um torneiro que recebeu o pretencioso nome de "campeonato brasileiro". Participaram cinco competidores fluminenses, um mineiro e mais três estrangeiros (um francês, um belga e um português). Na falta de uma entidade que homologasse os resultados é difícil estimar a representatividade dos campeonatos disputados naquela época, pois vários velódromos os organizavam, sempre como nomes pomposos. O fato é que os paulistas saíram derrotados da disputa no Rio e se queixaram bastante das vaias recebidas e da arbitragem. Desafiaram o campeão fluminense, Arthur do Rego Pontes, o Nelson, para correr no Velódromo Paulista na disputa de polpudos prêmios em dinheiro. Nelson era um dos melhores ciclistas da época, um ídolo da torcida fluminense com apenas dezoito anos. Ele competiu durante vários meses na temporada de 1898 do velódromo da Consolação e venceu inúmeras provas. [200]

---

[197] *A Bicycleta*, 8 nov. 1896, p. 69; *O Estado de São Paulo*, 9 jul. 1897, p. 2.
[198] Cf. *O Estado de São Paulo*, 23 nov. 1896, p. 2.
[199] V., p. ex., *O Estado de São Paulo*, 27 nov. 1897, p. 2.
[200] *Correio Paulistano*, 1 jan. 1898, p. 2; 6 Jan., 1898, p. 2; 24 mar. 1898, p. 5; 4 jun. 1898, p. 2. V. tb., SCHETINO, A. M. (2004). *Op. cit.*, p. 104.

Alguns dos ciclistas locais foram competir no exterior, a começar por Antonio da Silva Prado Junior, o Odarp, que aos quinze anos de idade batera o recorde sul americano dos mil metros no velódromo de São Paulo. Em março de 1897 Odarp embarcou para mais uma das longas estadias da família Silva Prado na França e venceu uma corrida de estrada entre Paris e Deauville. [201] O imigrante italiano radicado em São Paulo, Ferrucio Gabbi, conhecido como Rochet, foi o recordista da volta de trezentos e oitenta metros na pista da Consolação. No dia 18 de abril de 1897 ele conquistou a braçadeira (*brassard*) que o distinguia como "campeão de São Paulo". Rochet viajou pelos países platinos em 1897 e pela Europa em 1898, com vitórias em velódromos de diversas cidades. [202]

A fronteira entre amadores e profissionais ficou cada vez menos nítida e, passados os dois primeiros anos de atividades do Velódromo Paulista, a variedade de situações noticiadas pela imprensa deixa dúvidas se a separação seguia mesmo algum critério. Tudo indica que o profissionalismo tomou conta. Não eram incomuns referências a ciclistas conhecidos como amadores que aceitavam participar de desafios com premiações em algum velódromo ou de profissionais que participavam de páreos entre amadores em caráter de exceção. Os melhores amadores começaram a receber patrocínios dos importadores de bicicletas para correrem com as suas marcas, como já acontecia com os profissionais.

Pedalar para ascender

Pouco se pode saber sobre as origens sociais de dezenas de atletas que correram sob pseudônimos, além dos filhos de fazendeiros. Os raros nomes verdadeiros citados pelos jornais indicam, entretanto, a presença de imigrantes que vinham da baixa classe média, principalmente italianos, como o desenhista e gravador Ferrucio Olivieri.

Sabe-se um pouco mais sobre Otto Huffenbacher, o tipógrafo que editava a revista *A Bicycleta* na pequena gráfica do seu padrasto, Wilhelm (Guilherme) Braune. [203] Ele foi um dos melhores corredores amadores do Velódromo Paulista e assumiu a administração do estádio, em 1898. Nasceu em Campinas, filho de imigrantes alemães. Sua mãe, Wilhelmine (Guilhermina) Rehder, tinha quatros anos de idade quando chegou ao Brasil com a família, em 1852, numa leva de trabalhadores trazida pela

[201] *O Estado de São Paulo*, 29 mar. 1897, p. 1; 31 dez. 1946, p. 11.
[202] *Correio Paulistano*, 11 abr. 1897, p. 1; 20 abr. 1897, p. 2; 8 jul. 1897, p. 2; 4 nov. 1898, p. 2.
[203] *A Bicycleta*, 8 nov. 1896, p. 1-2.

companhia do senador Vergueiro para substituir, como colonos, os escravos do Barão de Sousa Queiroz. Os irmãos mais velhos de Guilhermina trabalharam na construção da ferrovia Mogiana e com a ajuda de pequena poupança trazida da Alemanha eles montaram uma hospedaria e armazém em Vinhedo. Depois conseguiram amealhar fortuna ao fornecer víveres para as tropas brasileiras que lutaram no Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai e compraram terras para plantar café na região de Campinas. Otto é, portanto, um exemplo de atleta com origens humildes, mas que pertencia à camada média urbana em ascensão quando começou a correr, como ciclista amador. Os autoelogios exibidos pela revista que ele próprio editava deixavam evidente a ânsia por notoriedade e a vontade de galgar a escala social. Talvez por isso mesmo ele não tenha adotado um pseudônimo para correr, usava simplesmente o primeiro nome.

Fig. 28. Otto Huffenbacher. Revista *A Bicycleta*, 1896.

Uma notícia isolada sugere que eram raros os ciclistas negros. No dia 13 de maio de 1900 – quando o *Veloce Club Olympico* não era mais responsável pela administração do Velódromo Paulista – foi programada uma corrida em comemoração ao aniversário da abolição do trabalho escravo e o *Correio Paulistano* anunciou a sutil novidade

daquela tarde de domingo: "uma nota característica da festa do fato que se comemora é que nas corridas tomará parte um grupo de quatorze ciclistas, *homens de cor*". [204] O tom de excepcionalidade dado à informação deixa entender que os negros tiveram poucas oportunidades para competir no velódromo. Não foram encontrados outros registros sobre corredores negros. Mas fazer generalizações apressadas a esse respeito é arriscado para o historiador, pois é sabido que mesmo nas famílias fazendeiras abastadas não foram raros os casamentos mestiços entre filhas de escravas e os senhores da terra. A imprensa da época dificilmente fazia referências à cor da pele, esse assunto era um tabu.

Também não foram encontrados registros de segregação racial explícita no ciclismo brasileiro, equivalentes às sofridas pelos atletas negros nos Estados Unidos que eram obrigados a correr em clubes e pistas totalmente separados, em vários estados daquele país. Os negros americanos foram forçados a assumir uma identidade esportiva própria. O grande ídolo entre os corredores negros lá, Marshall (Major) Taylor, um dos primeiros campeões mundiais afro-descendentes, sofreu discriminações ao longo de toda a carreira e morreu na miséria. [205] No Brasil, com certeza, não houve segregação equivalente. Em contrapartida, as chances de despontar aqui um campeão mundial entre aqueles que saíram do trabalho escravo eram nulas. O número de negros em condições de comprar uma bicicleta era inexpressivo, a concorrência da mão de obra imigrante e as escassas oportunidades de trabalho assalariado eram agravadas pelo preconceito.

O desaparecimento do *Veloce Club Olympico*

Diversos clubes de passeios, excursões e corridas foram organizados na capital paulista nos últimos anos do século: *Veloce Club Liberdade* (1895), *Touring Club Internacional* (1897), *Gafanhotos* (1897), *Club Amadores Ciclistas* (1897), *União Ciclista de São Paulo* (1897), *Grupo Sportivo Gladiadores* (1898), *União Velocipédica de São Paulo* (1898). Em abril de 1899 a municipalidade criou o primeiro regulamento para a circulação de bicicletas pelas ruas, exigiu o emplacamento e impôs regras de condução. [206] Sinal de que o número de ciclistas havia aumentado significativamente.

---

[204] Cf. *Correio Paulistano*, 13 mai. 1900, p. 2 (o grifo é meu). Os ciclistas negros correram em páreo separado naquele dia, como deixou claro *O Estado de São Paulo*, 13 mai. 1900, p. 2.

[205] MANDELL, R. D. (2006). *Op. cit*., p. 202; RITCHIE, Andrew. *Major Taylor*: the extraordinary career of a champion bicycle racer. London: Johns Hopkins, 1988; _____. The League of American Wheelmen, Major Taylor and the 'Color Question' in the United Satates in the 1890s. In: MANGAN, J. A. e RITCHIE, Andrew. *Ethnicity, Sport, identity*: struggles for status. London: Routledge. 2005, p. 13-43. Major Taylor correu em vários países da Europa e na Austrália, ele conquistou o título de campeão mundial da milha em Montreal, no Canadá, em 10 de agosto de 1899.

[206] Cf. *Correio Paulistano*, 20 abr, 1899, p. 2.

As bicicletas perderam o caráter de novidade, deixaram de ser objeto de ostentação e não estavam mais na vanguarda da tecnologia. Elas se vulgarizaram como veículo de transporte e lazer em todas as camadas sociais. Quase todos os clubes ciclísticos desapareceram em poucos anos. Uma pesquisa apresentada pela revista *A Vida Sportiva* mostrou que em 1904 apenas dois deles ainda sobreviviam na cidade. [207]

No velódromo da Consolação a dispersão dos corredores ricos teve início apenas dois anos depois da inauguração da pista. Em janeiro de 1897, o então presidente do *Veloce Club Olympico*, Alipio Borba, retirou a sua candidatura à reeleição, às vésperas da votação. O médico João Sampaio Vianna foi escolhido para ocupar o posto. Não se tem informações sobre desentendimentos ocorridos dentro do clube, mas há indícios de que Sampaio Vianna contou com o apoio da família Prado. Ele era mesário da *Santa Casa de Misericórdia* ao lado de Veridiana Prado e genro do falecido Dr. Clemente Falcão Filho, um dos sócios fundadores da *Companhia Paulista de Estradas de Ferro*, ao lado do conselheiro Prado. Fora do clube, Alipio Borba participou da organização de duas outras agremiações de ciclismo: o *Touring Club Internacional*, de excursões, e do *Club Amadores Cyclistas*, de passeios e corridas. [208] Ele começou a promover corridas sem a venda pules, na Avenida Paulista, com grande afluência de público. [209]

Além das competições de rua, dois velódromos outros foram inaugurados na cidade. O Coliseo Festa Alegre começou a funcionar na Penha em agosto de 1897. Era uma casa comercial de divertimentos com apostas, que incluía um frontão para o jogo da péla. Em junho do ano seguinte foi instalada mais uma arena na chácara da Floresta, chamado de Velódromo Bois de Boulogne, também com fins comerciais. O velódromo da Consolação, embora ainda atraísse público numeroso, perdeu a aura de ambiente para encontros da *jeunesse dorée*. Passou a ser identificado como local de passeio dos imigrantes italianos.

Para os *sportsmen* as corridas deveriam exaltar as qualidades pessoais. Entretanto, para grande parte dos frequentadores aquele era mais um emocionante jogo de azar. No Rio de Janeiro os velódromos se notabilizavam como pontos de arruaças entre os apostadores. Não raro a imprensa carioca colocava os resultados sob suspeita, denunciava a agressividade dos espectadores que tentavam derrubar ou atrasar os

---

[207] Cf. *A Vida Sportiva*, 26, 1904; *O Estado de São Paulo*, 21 ago. 1904, p. 2. V., tb., MAZZONI, T. (1949). *Op. cit*., p. 26.
[208] *Correio Paulistano*, 15 jan. 1897, p. 1; 24 jan. 1897, p. 2; 16 jan. 1898, p. 2; *O Estado de São Paulo*, 2 jun. 1897, p. 2; 7 jun. 1897, p. 2. V., tb., MAZZONI, T. (1949). *Op. cit*., p. 26.
[209] *O Estado de São Paulo*, 7 jun. 1897, p. 2.

corredores com pedras, bengalas ou guarda chuvas. [210] A etapa final do chamado "Grande Campeonato Internacional", ocorrido em dezembro de 1897, no Frontão Velocipédico Fluminense, foi um bom exemplo do clima. A casa estava lotada e Nelson era o grande favorito dos apostadores. Dada a largada, ele constatou que um dos pneus fora sabotado e foi obrigado a parar. O público, revoltado, atirou objetos na pista e até um banco foi usado para derrubar os competidores. A prova foi anulada e as pules restituídas. [211]

A motivação dos moços ricos pelo ciclismo declinou na mesma velocidade com que se vendiam bicicletas nas lojas. O número de corredores com nomes estrangeiros era cada vez maior, principalmente italianos. Antes do início da temporada de 1898 foi anunciada a extinção do *Veloce Club Olympico* e o arrendamento do estádio da Consolação para Otto Huffenbacher. É razoável supor que, além das divergências entre os diretores, foi a popularização do ciclismo, a rivalidade com os profissionais e o crescente interesse pelo jogo de azar que provocaram dissolução do clube. O gosto pelas apostas superou o interesse pelo desempenho dos atletas. Há que se considerar, também, as razões familiares para o distanciamento dos Silva Prado. Aqueles foram anos de luto em família pela morte prematura de Marina Prado, em 1896, filha do conselheiro Prado, e da esposa dele, Maria Catharina, em 1899. [212] Antonio Prado Junior continuou a participar de corridas na França. Parece que foi o único atleta brasileiro a ter algum destaque no ciclismo internacional. Ele venceu duas das séries intermediárias do campeonato mundial amador disputado em 1904 e terminou na sexta colocação. [213]

Aos poucos, os moços da parentela Silva Prado trocaram as bicicletas pelos automóveis trazidos da Europa, aonde eles já participavam de *raids*. Em 1903 eles organizaram as primeiras corridas de carros da cidade, no hipódromo da Mooca. [214] Os automóveis de Silvio Penteado, Martinho Netto, Caio, Paulo, Plinio e Antonio Prado Junior disputaram páreos na pista do *Jockey Club* com médias de velocidade próximas a 50 Km por hora. Se bem que fossem menos velozes que um cavalo puro sangue em galope, essa era uma maneira nova de procurar emoções fortes e se distinguir em público. As disputas em páreos chegavam ao apogeu, após um quarto de século: do turfe para o ciclismo e deste para o automobilismo. Era um ciclo esportivo que se

[210] SCHETINO, A. M. (2004). *Op. cit.*, p. 91-93.
[211] Cf. *O Estado de São Paulo*, 29 dez. 1897, p. 3.
[212] HOMEM, M. C. N. (1996). *Op. cit*., p. 149.
[213] Cf. *O Estado de São Paulo*, 31 dez. 1946, p. 11; 29 dez. 1951, p. 7.
[214] *O Estado de São Paulo*, 5 out. 1903, p. 2; 14 jan. 1904, p. 3; *Jornal do Brasil*, 23 dez. 1903, p. 3; 7 jan. 1904, p. 4.

completava entre duas gerações dos Silva Prado: se iniciara com os cavalos no hipódromo da Mooca, seguiu com as bicicletas dos filhos no velódromo da Consolação e voltou para o primeiro local com os carros. Paralelamente, começavam os jogos entre equipes. Sem alardes, emergia uma forma diferente de competir e oferecer espetáculos: o futebol.

A incorporação do futebol aos espetáculos

O período entre 1898 e 1901 foi difícil para os espetáculos esportivos. Em boa parte a crise se devia ao agravamento da conjuntura econômica, provocada pela queda dos preços internacionais do café. [215] Até aquele momento o declínio do valor da saca de café em libras esterlinas não havia sido sentido diretamente pelos fazendeiros porque a moeda nacional se desvalorizava e a conversão cambial minimizava as perdas sofridas no comércio externo. Os cafeicultores procuraram compensar a crescente baixa nas cotações pela expansão das lavouras. Até que o aumento da produção saturou o mercado consumidor. A oferta excessiva fez despencar o valor da saca, um problema que se repetiria nas décadas seguintes. O governo federal foi obrigado a decretar moratória da dívida pública, o presidente Campos Salles seguiu para Londres e negociou um acordo de rolagem com os banqueiros estrangeiros. O abatimento causado pela situação financeira foi sentido em todo o país. As exibições esportivas com apostas estiveram entre os setores que sofreram com maior rapidez e intensidade a queda de arrecadação. Em 1899, o corredor francês Armand Tonglet escreveu uma carta do Rio de Janeiro para a revista parisiense *Journal des Sports* onde recomendava aos seus compatriotas: "não venhais ao Brasil, os negócios vão mal, muito mal, e a febre amarela vos espera no desembarque". [216]

Portanto, quando Otto Huffenbacher arrendou o velódromo da Consolação, em 1898, a conjuntura era bastante desfavorável. [217] A partir daquele momento ele era um empresário, não um diretor de clube amador. Otto promoveu a exploração comercial do estádio. Franqueou a entrada nos dias de semana para alugar bicicletas e dar aulas de ciclismo, inclusive para mulheres. Cobrou taxas para quem quisesse treinar na raia.

[215] FAUSTO, Boris. Expansão do café e política cafeeira. In: _____. *História Geral das Civilizações*. v. 8, t. 3. São Paulo: Difel, p. 196-209.
[216] Cf. *Correio Paulistano*, 8 set. 1899, p. 2.
[217] *Correio Paulistano*, 24 mar. 1898, p. 2.

Alugou a pista para clubes ciclísticos que quisessem organizar as suas próprias corridas. Contratou mecânicos para oferecer oficina de consertos – entre eles estava o imigrante italiano Luigi Caloi, que mais tarde abriu sua própria oficina, na rua Barão de Itapetininga, semente da futura fábrica de bicicletas. [218] Atraiu alguns dos melhores corredores, brasileiros e estrangeiros, com grandes prêmios. [219]

Fig. 29. Anúncio do *Correio Paulistano*, 1898, valorizava o confronto entre brasileiros e franceses.

Embora o Velódromo Paulista ainda tivesse dias de casa cheia, a frequência tendeu ao declínio. A empresa de Otto ficou vulnerável às denúncias de fraudes, foram diversas as suspeitas levantas contra ciclistas, *bookmakers* e a própria casa. Vale citar alguns exemplos curiosos. No dia 12 de junho de 1898, com as pules vendidas e os guichês de apostas já fechados, dois corredores franceses, Tonglet e Barreyre, se declararam em greve e exigiam que o redator do jornal *O Sport* pedisse perdão pelas insinuações de fraudes lançadas contra eles. E não correram mesmo. Otto teve que devolver o dinheiro arrecadado. [220]

Ao noticiar as corridas realizadas no dia 4 de setembro de 1898, com a presença do presidente Campos Salles nas tribunas, o jornal *Correio Paulistano* lançou dúvidas sobre a transparência dos resultados e recomendou ao diretor: "que proíba terminantemente a entrada no local dos corredores às pessoas estranhas ao mesmo, evitando desta forma que se propalem cá fora boatos sobre o modo porque são disputadas as corridas". [221] Vários resultados duvidosos foram noticiados à época. [222] As colunas esportivas dos jornais aos poucos mudaram de tom, deixam de descrever as provas e fazer referências às moças bem vestidas. Limitavam-se às notas lacônicas. Quando nada de excepcional tinham a contar, repetiam: "todos os páreos disputados

[218] AMARAL, Luiz F. *Minhas reminiscências no Club Athletico Paulistano*. São Paulo: CAP, 1977, p. 5.
[219] *Correio Paulistano*, 24 mar. 1895, p. 2; 5 mai. 1898; 7 Mai. 1898, p. 4.
[220] *O Estado de São Paulo*, 13 jun. 1898, p. 2.
[221] Cf. *Correio Paulistano*, 6 set. 1898, p. 2.
[222] V., p. ex.: *O Estado de São Paulo*, 7 ago. 1899, p. 2; 14 ago. 1899, p. 2; 21 ago. 1899, p. 2; 18 set. 1899, p. 2; *Correio Paulistano*, 12 jun. 1898, p. 2; 12 jul. 1898, p. 2.

com lisura". [223] No início de 1899 o Velódromo Paulista estava em decadência e Otto abandonou a direção. [224]

O conselheiro Prado arrendou o local para o Barão Andréa Guglielmini, um deputado italiano que investia em negócios de entretenimento na Argentina e procurava oportunidades no Brasil. [225] Guglielmini fora designado pelo governo da Itália para fiscalizar a qualidade dos serviços de imigração nos países sul-americanos, portanto ele ocupava uma posição-chave para os interesses dos fazendeiros paulistas. [226] O barão italiano transformou o Velódromo Paulista num espaço de múltiplos usos, como informou um dos seus anúncios: "corridas premiadas de velocípedes, tiro ao alvo e aos pombos, ginástica panorama, teatro de variedades, música e consertos, jogos lícitos, café e restaurante, festas venezianas, em suma divertimentos elegantes à escolha". [227] Os frequentadores poderiam pagar mensalidades para assistir livremente aos vários tipos de "circos". Em junho daquele ano o velódromo recebeu a energia elétrica e, pela primeira vez, ele foi utilizado para atividades noturnas.

As corridas de bicicletas continuaram embaladas pelas apostas e a troca de comando não diminuiu a quantidade de denúncias. Exemplos dessa fase também podem ser citados. No dia 6 de agosto de 1899, com pequeno público presente, os juízes de chegada inverteram as colocações de uma das corridas em prejuízo dos apostadores e a gritaria foi geral. Logo a seguir, em outro páreo do mesmo programa, eles fizeram o rateio de um vencedor para o qual nenhuma pule fora vendida, o que também beneficiava a própria casa. No dia seguinte o jornal *O Estado de São Paulo* protestou, defendia que o correto teria sido a devolução do dinheiro, pois "quem não joga não pode ganhar". [228] No dia 10 de junho de 1900 dois delegados de polícia presentes no estádio atenderam ao clamor dos apostadores e ordenaram a anulação de três páreos com resultados duvidosos. A empresa foi obrigada a devolver o dinheiro. [229]

Os velódromos como casas de variedades

Incluir espetáculos de variedades em meio a atividades atléticas não era algo excepcional, os teatros da cidade atuavam de forma semelhante. Na passagem do

[223] Cf. *O Estado de São Paulo*, 24 jul. 1899, p. 2.
[224] *Correio Paulistano*, 31 mai. 1899, p. 2.
[225] *O Estado de São Paulo*, 22 jan. 1900, p. 2.
[226] *O Estado de São Paulo*, 11 dez. 1898, p. 1; 19 dez. 1898, p. 1-2.
[227] Cf. *Correio Paulistano*, 22 jan. 1900, p. 2; *O Estado de São Paulo*, 5 fev. 1900, p. 3.
[228] Cf. *O Estado de São Paulo*, 7 ago. 1899, p. 2.
[229] *Correio Paulistano*, 11 jun. 1900, p. 2.

século, esportes como luta romana, esgrima, patinação e pelota foram frequentemente associados a outros tipos de atrações curiosas: exibições circenses, aberrações da natureza, "maravilhas" da ciência e da tecnologia modernas, exotismos folclóricos, encenações de teatro popular e musicais. O mesmo acontecia no exterior. Um célebre exemplo foi a segunda edição dos Jogos Olímpicos, ocorridos em 1900 na cidade de Paris, onde as competições ocorreram como parte da Exposição Universal, ao longo de cinco meses. Os Jogos de Paris, dirigidos pelos mesmos organizadores da feira, incluíram provas que jamais seriam reconhecidas pelo *Comité Internacional Olympique*: a corrida de balão, a competição motonáutica, a natação subaquática e o tiro ao pombo. As competições oficiais foram disputadas nos parques e velódromos da cidade simultaneamente a shows comerciais de toda espécie, para a decepção dos defensores do esporte amador, especialmente o Barão de Coubertin. [230]

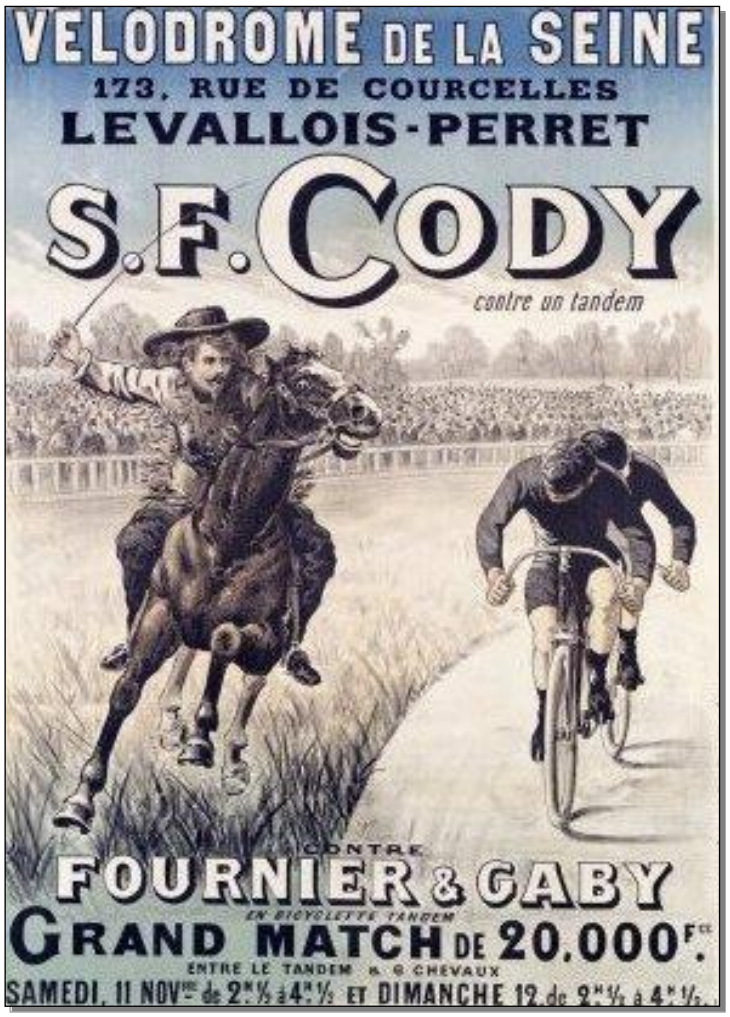


Fig. 30. Cartaz francês anuncia desafio entre o cavaleiro americano Samuel Franklin Cody, o Buffalo Bill, e dois ciclistas franceses (em bicicleta de dois lugares) no Velodrome de la Seine.

[230] VIGARELLO, G. (2002). *Op. cit*., p. 101-112; MANDELL, R. D. (2006). *Op. cit.*, p. 214.

Os esportes atléticos, que na França até então eram praticados por pequenas agremiações de estudantes e ex-alunos em espaços abertos, com a proximidade entre participantes e espectadores, foram aos poucos incorporados aos espetáculos em estádios cercados. Equipes de atletas amadores deixavam os parques abertos para atuar dentro de arenas, uma nítida separação entre os protagonistas e plateia. Duas vertentes esportivas com objetivos diversos se enfrentavam então. Para aquela oriunda das corridas em páreos os esportes pertenciam ao mercado de entretenimentos. Em oposição, para aquela que vinha das pedagogias reformadoras, as atividades físicas seriam fundamentais para a educação da juventude, para a formação de líderes e não deveriam ser comercializadas. O embate entre interesses conflitantes acabaria por dar uma nova feição para as exibições esportivas. As apostas seriam banidas dos jogos atléticos, mas durante muitos anos as tensões latentes entre amadorismo e profissionalismo permaneceriam. Entre o lazer descontraído e o comércio de consumo para milhares de espectadores, entre atletas descompromissados com os resultados e o público que exigia vitórias, entre as pequenas plateias seletas e as exibições massivas. [231]

Fig. 31. O rúgbi jogado no gramado central do velódromo do Parc des Princes, em Paris, c. 1900.

Na França o turfe e o ciclismo estavam mercantilizados, ambos embalados pela mania das apostas. Eram poucos os velódromos mantidos sob o controle de clubes amadores e municipalidades. Em 1891 o governo francês aprovou uma legislação rigorosa, a *pari mutuel*, para tentar colocar as apostas sob vigilância e dar uma finalidade social à arrecadação dos jogos. [232] A lei serviu de modelo para vários outros países. A onda moralista que pedia a extinção do profissionalismo se intensificou

[231] V. VIGARELLO, G. (2008). *Op. cit*., p. 446-450; ULMANN, J. (1982). *Op. cit*., p. 326-329.
[232] WEBER, E. (2008). *Op. cit*., p. 265; MELO, V. A. (2001). *Op. cit*., p. 173-180.

durante a preparação dos Jogos Olímpicos de 1896. Isso afugentou dos velódromos os aficionados pelo jogo de azar. A condenação moral e a vulgarização dos espetáculos monetarizados afastaram as elites francesas, especialmente do ciclismo de pista. Um aristocrata francês comentou em tom saudosista: "hoje, o ciclismo é praticado em todo lugar e por todos, milhares de pessoas saboreiam os prazeres do turismo que, há poucos anos, estavam reservados a alguns raros amigos do progresso, as corridas foram transformadas em exibição destinada ao público [...]. Para conhecer emoções novas, só nos resta o automóvel". [233] Com a queda de interesse alguns estádios-velódromos franceses foram adaptados para incluir outras modalidades: patinação, hóquei, tênis, esgrima, ginástica, corridas, equitação, rúgbi e futebol. [234] Nenhuma delas prevalecia, as preferências dos frequentadores pagantes foram testadas ao lado das atrações musicais, teatrais e circenses.

O ciclismo francês recuperou o seu prestígio graças às corridas de estradas que atraiam multidões das classes operárias e ao apoio que recebiam da imprensa e dos fabricantes. A partir de 1903 elas ganharam um impulso especial com a primeira edição da grande volta ciclista pelo país, a Tour de France, organizada por Henri Desgrange, ex-recordista do esporte e dono do jornal *L'Auto*. [235] Alguns dos velódromos franceses sobreviveram graças ao sucesso de modalidades amadoras que foram conjugadas ao ciclismo. O melhor exemplo foi o velódromo do Parc des Princes, que era dirigido por Desgrange e sediava a largada e a chegada do Tour de France. O local se manteria ativo como estádio de futebol e rúgbi, ao lado das carreiras de bicicletas, por vários anos. A partir da década de 1920 esse velódromo recebeu sucessivas reformas e ampliações para acomodar as plateias dos jogos, a raia de ciclismo perdeu importância e desapareceu numa das reconstruções. Até hoje o mesmo local é sede de um popular clube de futebol, o *Paris Saint-Germain*.

A expansão do futebol na Europa

Até aquele final de século, embora o futebol existisse havia anos na França ele era pouco conhecido. Entrou no país por volta de 1880 pelas cidades portuárias do canal da Mancha, jogado pelos marinheiros e funcionários de empresas marítimas inglesas. [236]

[233] Cf. CHÉRIÉ, Maurice. Le cyclisme. In: LEUDET, M. (1899). *Op. cit.*, p. 67.
[234] WEBER, E. (1988). *Op. cit*., p. 249-250.
[235] VIGARELLO, G. (2002). *Op. cit*., p. 113-124.
[236] GOLDBLATT, D. (2008). *Op cit.*, p. 154-158; CORBIN, Alain. O destino contrastado do futebol. In: _____. *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 267; LANFRANCHI, Pierre. Exporting

Também foi divulgado como atividade física escolar nos liceus e faculdades influenciados pela pedagogia inglesa. Partidas de futebol eram, às vezes, disputadas no Bois de Boulogne por escolares ingleses e nativos, mas dava-se preferência ao rúgbi. A resistência por parte da cultura local contra a introdução do jogo de chutar bola – que nessa época era amplamente adotado pela classe operária inglesa – continuou tão forte que somente em 1891 foi fundado uma associação dedicada ao futebol em Paris, por jovens que haviam estudado na Inglaterra. A primeira liga foi formada em 1893, com apenas quatro clubes de Paris, dois dos quais compostos por jovens ingleses: o *The White Rovers* e o *Standart Athletic Club*.[237]

Fig. 32. Partida de futebol entre França e Suíça no velódromo do Parc des Princes, Paris, 1905.

A história do futebol na Alemanha se assemelha ao caso francês, ele foi divulgado nas escolas e entre a burguesia nas cidades portuárias, enquanto a aristocracia prussiana continuava a prestigiar o turfe e a ginástica.[238] O primeiro clube alemão, *Sport Club Germania* de Hamburgo, foi fundado em 1887 e em 1890 se disputou o primeiro torneio interclubes. Em países vizinhos – Suíça, Bélgica, Países Baixos e Dinamarca – o desenvolvimento foi anterior e mais intenso.

O futebol atravessou o canal da Mancha como esporte amador, durante décadas a admissão de times profissionais ficou limitada às ilhas britânicas. O Reino Unido era, no início do século XX, o único país onde o futebol estava amplamente divulgado entre

---

football: notes on the development of football in Europe. In: GIULIANOTTI, Richard e WILLIAMS, John (orgs.). *Game without frontiers*: football, identity and modernity. Hants: Arena, 1994.

[237] SLIMANI, Hassen. *La profissionnalisation du football française*: un modèle de dénégation. Thése (Doctorat en Sociologie). Nantes: FLSH/UN, 2000. p. 21-4; HARE, Geoff. *Football in France*: a cultural history. Oxford: Berg, 2003, p. 15-19; WAHL, Alfred. Le footballeur français: de l'amateurisme au saliriat (1890-1926). *Le mouvement social*, 135 (2): 7-30, 1986.

[238] GOLDBLATT, D. (2008). *Op cit*., p. 159-162.

os trabalhadores e transformado em esporte-espetáculo. Em 1895 a média de assistentes era de sete mil e novecentos por partida e chegou a treze mil e duzentos dez anos depois. [239] A partida final da FA Cup de 1895, o principal torneio do país, foi assistida por 42.560 pessoas e a de 1905 por 101.117. Começara a era dos grandes estádios naquele país. Cerca de cinquenta clubes de futebol construíram os seus em apenas duas décadas, frequentemente em bairros operários e nas proximidades de uma estação ferroviária. [240] Enquanto os franceses procuravam ampliar e adaptar arquibancadas em torno das pistas elípticas dos velódromos, os novos estádios ingleses eram especialmente projetados para o futebol, acompanhavam o retângulo do campo de jogo e a arquitetura tendia ao formato de caixa. O arquiteto escocês Archibald Leitch planejou, entre 1889 e 1920, dezenas de estádios com estruturas de ferro e madeira por toda a Grã Bretanha, com arquibancadas em terraços cada vez mais altos. [241] Os espetáculos foram progressivamente escondidos da visão externa, dos não pagantes.

As rivalidades entre times do proletariado e da burguesia inglesa, entre equipes representantes de diferentes regiões ou mesmo entre clubes católicos e protestantes no norte da Grã Bretanha, arrastavam multidões para os campos de futebol. Maiores ainda eram as tensões entre as quatro nacionalidades-mães (inglesa, escocesa, galesa e irlandesa). Um jogo entre duas dessas seleções nacionais poderia atrair, facilmente, mais de cinquenta mil pessoas ao estádio.

Os patrocínios dados pelas empresas industriais e mineradoras do centro e no norte da Inglaterra, bem como na Escócia, aceleraram a formação de times da classe trabalhadora e criaram pressões a favor da profissionalização dos jogadores. [242] Em 1883, diante de oito mil pessoas, o *Blackburn Olympic*, time semi-profissional de uma pequena cidade operária do norte, venceu o *Old Etonians*, equipe esnobe do sul, numa final histórica da FA Cup. Foi um divisor d'águas, nunca mais um clube amador venceria o principal campeonato do país. Pouco tempo depois, em 1885, a *Football Association* cedeu às pressões e legalizou a participação de atletas remunerados, porém impondo como condição que os clubes continuassem como sociedades sem fins

[239] Cf. GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol*: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 20.
[240] GOLDBLATT, D. (2008). *Op. cit.*, p. 59-64; HOLT, R. (1989). *Op. cit.*, p. 159-179.
[241] INGLIS, Simon. *The football grounds of Great Britain*. London: Willow Books, 1987, p. 9-17.
[242] PRONI, Marcelo W. *A metamorfose do futebol*. Campinas: UNICAMP, 2000, p. 26-38; HOBSBAWM, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 6ª. ed., 2008, p. 296-299; DUNNING, E. e SHEARD, K. (1989). *Op. cit.*, p. 104-107.

lucrativos, com diretorias compostas por *gentlemen* amadores. [243] Assim, o futebol espetacularizado ficou sob o controle da burguesia, raramente jogadores oriundos da classe operária ocupavam cargos de direção nos clubes de grande porte. O primeiro campeonato com times formados somente por jogadores pagos aconteceu em 1888, chamado Football League, ele deu início à formação de grandes torcidas nos estádios. Às vésperas da Primeira Guerra, a Inglaterra já contava com mais de quatrocentos times profissionais.

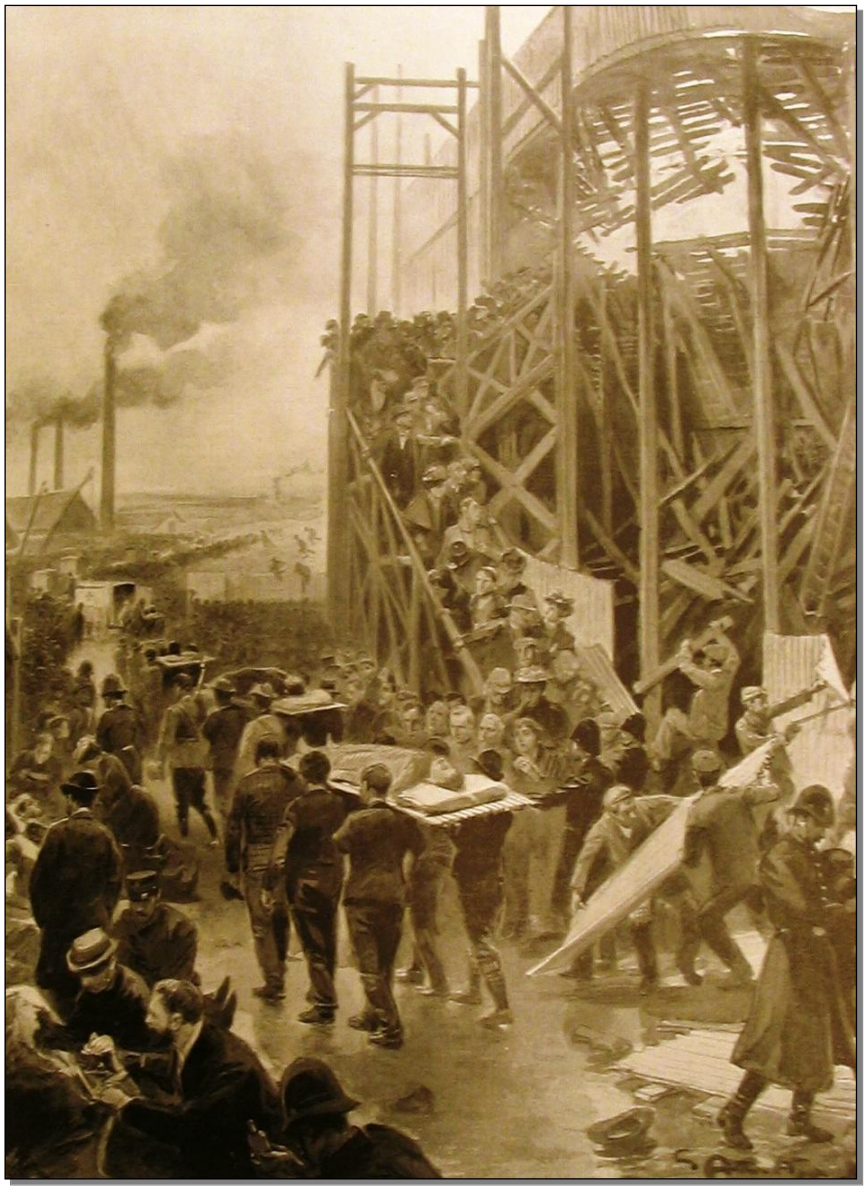


Fig. 33. No dia 5 de abril de 1902 uma arquibancada projetada por Archibald Leich, em madeira e ferro, para o estádio dos *Rangers*, em Ibrox Park, Glasgow, desabou durante uma partida entre Escócia e Inglaterra matando 25 pessoas e ferindo centenas. O jogo não foi interrompido.

[243] GOLDBLATT, D. (2008). *Op. cit.*, p. 43-49; HOLT, R. (1989). *Op. cit*., p. 282-285; HARGREAVES, J. (1989). *Op. cit*., p. 68-70.

O futebol amador continuou elitizado e concentrado no sul. Os amadores desdenhavam as multidões, preferiam se recolher em pequenos torneios universitários e ao restrito circuito de clubes burgueses. Em 1892 a FA separou os clubes amadores em campeonato a parte, eles não se preocupavam com a ausência de público. As rivalidades internas impulsionaram a qualidade técnica dos times britânicos, tinham larga superioridade de jogo em relação aos estrangeiros. Naquele período os amadores ingleses conquistaram todas as medalhas olímpicas nos jogos em que o futebol constou (Paris 1900, Londres 1908 e Estocolmo 1912).

Situação distinta ocorria no continente. O futebol era apenas uma entre muitas outras atividades atléticas amadoras que atraíam a participação da juventude aristocrática e burguesa. Elas resistiam a qualquer iniciativa de profissionalização, embora aceitassem fazer exibições perante público pagante, com renda para os clubes. A elitista USFSA – a confederação poliesportiva francesa originada pelos estudantes/corredores, em 1887 – preferia incentivar o *rugby football* por entendê-lo como a modalidade menos popular do futebol inglês. Organizou campeonatos desse esporte no país desde 1891. Só três anos mais tarde aconteceu o primeiro campeonato de *association football* dirigido pela USFSA, com alguns poucos times parisienses e fraca presença de público. [244] A partir daí aumentou o número de clubes que constituíam equipes de futebol. O jogo começou a se difundir de maneira rápida e, na passagem do século, existiam em Paris cerca de sessenta equipes de *association* para quarenta de *rugby*. [245] Outras federações se formaram e a organização do futebol francês ficou descentralizada por vários anos. Clubes dissidentes da USFSA aderiram à *Fédération de Gymnastique Sportive des Patronages de France* (FGSPF), constituída em 1898 sob a influência do movimento católico progressista.

A USFSA interpretou o aparecimento de clubes profissionais como ameaça ao esporte. Ela limitou o número de espectadores nos estádios, proibiu qualquer tipo de aposta nas arquibancadas e chegou a impedir que professores de ginástica atuassem nas equipes por serem profissionais do esporte. O impulso de profissionalização esfriou com o advento da Grande Guerra e a consequente paralisação dos jogos. Em 1919, com a criação da *Fédération Française de Football Association* as entidades representativas foram unificadas sob o controle dos amadores. Como concessão, foi legalizado o

[244] REICHEL, Frantz. Le football. In: LEUDET, Maurice. *L'Almanach des sports, 1901*. Paris: Soc. d'Éditions Littéraires et Artistiques, 1901, p. 363-380; LAFRETÉ, G. Foot-Ball. In: LEUDET. M. (1899). *Op. cit.*, p. 420-422.
[245] HARE, G. (2003). *Op. cit*., p.15-19.

reembolso pelas despesas com viagens e pelas horas de trabalho perdidas pelos atletas, o que abriu caminho para remunerações com formas disfarçadas. [246] Somente em 1932 o profissionalismo seria plenamente regulamentado naquele país. Ao longo desse período o futebol francês nunca alcançou a condição de principal esporte nacional, ele continuou a dividir as atenções do público com o ciclismo, o turfe e, principalmente, com o rúgbi.

A dinâmica histórica do futebol francês foi, portanto, bastante diferente do britânico. Os times franceses não eram tomados como referência internacional importante para qualidade técnica de jogo, eles não gozavam do mesmo prestígio dos britânicos. Nos confrontos com os amadores ingleses eram quase sempre batidos, às vezes com placares acabrunhantes. Qualidades futebolísticas a parte, os dirigentes franceses exerciam uma influência considerável na organização de todos os esportes no continente e não só através do *Comité Internacional Olympique*. [247] Partiu também da França a iniciativa de fundação da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), em 1904, dirigida inicialmente por Robert Guérin. Os franceses contaram com a adesão inicial de outros seis países europeus e foram os principais responsáveis pela estrutura internacional do futebol. Sob esse ponto de vista, os franceses teriam influência internacional bem maior do que os ingleses.

Os britânicos permaneceram envolvidos com os seus campeonatos internos, subestimavam a importância da internacionalização e nisso perderam a liderança do movimento. Só aderiram à FIFA dois anos mais tarde, mesmo assim impondo sérias resistências ao seu crescimento. Exigiram manter as regras do jogo sob o controle do seu *International Football Association Board* (IFAB) e ter as quatro nacionalidades do arquipélago (galesa, escocesa, irlandesa e inglesa) representadas de maneira autônoma nas competições internacionais. Na década de 1920 eles abandonaram a federação duas vezes e só começaram encarar com seriedade a Copa do Mundo depois de 1960. Os desentendimentos com os dirigentes franceses aconteceram desde o início em torno da definição do amadorismo. Por um lado, os futebolistas franceses impunham barreiras à expansão do jogo profissionalizado no continente e viam como sintoma de decadência a massificação do futebol britânico. [248] Por outro, os futebolistas ingleses exigiam uma separação mais rígida entre times amadores e profissionais (*gentlemen and players*), conforme a origem social dos jogadores, pois para os franceses qualquer atleta poderia

[246] WAHL, A. (1986). *Op. cit*., p. 11-19.
[247] ARNAUD, Pierre. Sport and international relations before 1918. In: ARNAUD, Pierre e RIORDAN, James (orgs.). *Sport and international politics*. London: Spon Press, 1998, p. 14-30.
[248] Para um depoimento da época, V. REICHEL, F. (1901). *Op. cit.*, p. 366-368.

ser considerado amador, ainda que pobre, desde que não ganhasse com prática do esporte. [249]

A introdução do futebol no velódromo da Consolação

Em São Paulo os espetáculos futebolísticos apareceram quando as competições de bicicleta já estavam em plena decadência. O ciclismo brasileiro nunca se aproximou das dimensões e da popularidade do francês. A quantidade de pistas distribuídas pelo nosso país, o número de atletas era incomparavelmente menor e não existiam federações. Entretanto, aqui também é possível encontrar exemplos de velódromos que foram readaptados para outras funções. Basta citar alguns casos de arenas localizadas no estado de São Paulo. Em Santos o velódromo Coliseu Santista modificado para funcionar como teatro. Os velódromos de Taubaté, Sorocaba e Rio Claro foram transformados em campos de futebol. [250] Na capital, além do estádio da Consolação, existiu o Velódromo Bois de Boulogne que funcionou durante pouco tempo na Chácara da Floresta, nas proximidades de onde seria construído o estádio da *Associação Athletica das Palmeiras*, em 1916, mais tarde assumido pelo *São Paulo Futebol Clube*. [251] O terceiro velódromo da cidade, o efêmero Coliseo Festa Alegre, na Penha, desapareceu sem deixar marcas.

No Velódromo Paulista o futebol foi introduzido aos poucos, de modo discreto em meio a outras apresentações atléticas. No dia 3 de junho de 1900 o estádio da Consolação foi cedido para uma festa beneficente a favor do Hospital Alemão, organizada pelo *Sport Club Internacional*, agremiação poliesportiva fundada no ano anterior. Pela primeira vez, nos intervalos entre as carreiras de bicicletas, foram jogados no gramado central dois "partidos de *football*", pelos jovens amadores do *S. C. Internacional* e do *S. C. Germânia*. Os "partidos" aconteceram entre o quinto e o sexto páreo e entre o sexto e o sétimo de bicicletas, cada um com vinte minutos de duração, os "dois jogos" foram vencidos pelo *Internacional* e não provocaram nenhuma manifestação especial de apreço dos espectadores. [252]

---

[249] SZYMANSKI, Stefan e ZIMBALIST, Andrew. *National pastime*: how americans play baseball and the rest of the world plays soccer. Washington: Brookings Institution Press, 2006, p. 64-65.
[250] REIS FILHO, N. G. (1994). *Op. cit*., p. 74-77; *O Estado de São Paulo*, 11 nov. 1928, p. 2; 11 out. 1945, p. 6; 28 jun. 1953, p. 31; 20 abr. 1980, p. 32.
[251] NICOLINI, H. (2001). *Op. cit.*, p. 215-220.
[252] *Correio Paulistano*, 3 jun. 1900, p. 2; 4 jun. 1900, p. 2; *25 Jare Sport Club Germânia 1899-1924*, p. 5. V., tb., HAMILTON, A. (2001). *Op. cit*., p. 47.

Foi dessa maneira muito curiosa, em jogos curtos que imitavam páreos no meio do programa de ciclismo, que o futebol foi apresentado ao público no velódromo pela primeira vez. É evidente que os futebolistas procuraram adaptar o jogo ao gosto do público. A cultura esportiva dos paulistanos estava familiarizada com as disputas segmentadas, com ritmo veloz e curta duração. Nas corridas de cavalos e de bicicletas o êxtase acontecia nas chegadas sequenciadas, com resultados imediatos, sem empates e as tensões aguçadas pelas apostas. O futebol podia parecer maçante para os espectadores, tinha seus picos de emoção (os gols) em momentos imprevisíveis e nos empates sequer despontava o júbilo pela vitória.

VELODROMO PAULISTA

HOJE **HOJE**

A' 1 hora da tarde

GRANDE FESTA DE CARIDADE EM BENEFICIO DA

MATERNIDADE

Promovida pelo

Sport Club Internacional

Em commemoração do seu 1.º anniversario, com a presença do exm. sr.

DR. RODRIGUES ALVES

D. D. Presidente do Estado, e de sua exma. familia

Abrilhantará a festa a banda de musica da Brigada Policial, dirigida pelo distincto maestro tenente Antão Fernandes

PROGRAMMA

N. 1 Jogar o peso 7 1|2 kilos.
» 2 Corrida de bycicleta (amadores) 3 v. para Juniors.
» 3 Pulo de distancia.
» 4 Football-kick.
» 5 Corrida de bycicleta 3 voltas para corredores.
» 6 » em saccos 50 metros.
» 7 » de bycicleta para amadores, 5 v. Seniors.
» 8 » a pé «Velocidade» 100 metros.
» 9 » de patins, 1 volta sobre a pista de cimento.
» 10 Gymnastica barra-fixa.
» 11 Corrida a pé «Resistencia» 3 voltas.
» 12 Esgrima.
» 13 Corrida de bycicleta «Quem perde ganha».
» 14 Pulo com vara.
» 15 Match de Football, 30 m. final.
» 16 Corrida de bycicleta, 10 v. para corredores.
» 15A Match de Football, 30 m. final.
» 17 Pulo alto de 100 centimetros para cima.
» 18 Corrida de 3 pernas.
» 19 » com obstaculos.
» 20 » «Egg and Spoon» 100 metros,
» 21 Handicap. «Fin de siécle».

Fig. 34. O futebol foi timidamente introduzido nos espetáculos esportivos. *Correio Paulistano*, 1900.

No dia 19 de agosto de 1900, para marcar o seu primeiro aniversário o *Sport Club Internacional* realizou outro evento cívico no Velódromo Paulista, em benefício da Maternidade São Paulo. Ele reproduziu uma das grandes festas que o extinto *Veloce Club Olympico* organizava. Ela contou com a presença de numerosas famílias da elite e do presidente do estado, Rodrigues Alves. Entre as várias atrações atléticas no estádio

lotado constava uma partida de futebol em dois tempos de trinta minutos, jogada só entre os sócios do clube. [253]

As exibições de futebol organizadas pelo *S. C. Internacional* entre 1900 e 1901 foram as primeiras a acontecer num estádio brasileiro, ali teve início a divulgação do jogo para as grandes plateias. Eram os primeiros ensaios de espetacularização desse esporte. [254] Mas não foi notada qualquer empolgação especial pelo divertimento de chutar bola que constou no programa em meio às demonstrações atléticas: combates de esgrima, corridas com obstáculos, com sacos e com ovo na colher, salto com vara e corridas de patins. [255]

Segundo o cronista Antonio Figueiredo: "O *football* não pegava nem a mão de Deus Padre. Só de vez em quando é que os *footballers* ingleses se resolviam a medir forças". [256] Ao que se sabe na partida organizada por Charles Miller na várzea do Carmo as regras oficiais foram adotadas pela primeira vez na cidade, em abril de 1895. [257] A partir daquela data, os jornais da época pontuavam, de quando em quando, a ocorrência de um jogo entre ingleses, na chácara Dulley, bairro do Bom Retiro (na atual Rua Três Rios). Nas memórias do alemão Hans Nobiling, um dos pioneiros do esporte, o futebol não era jogado em São Paulo quando ele desembarcou em São Paulo, em 1897. Nas suas lembranças, os sócios do *São Paulo Athletic Club* e do *São Paulo Railway Cricket Club* faziam somente duas partidas por ano, uma de *football rugby* e outra de *football association*. [258] Nobiling afirmou que os ingleses já praticavam o jogo nas escolas do seu país, não o aprenderam com Miller. Em 1899 o *SPAC* e os estudantes do *Mackenzie* fizeram a primeira partida entre ingleses e brasileiros na nova sede do clube inglês, ao lado da caixa d'água da Consolação. [259] Em setembro do mesmo ano o *Internacional* enfrentou o time do *Mackenzie* numa série de jogos na chácara Dulley. [260]

Mas há uma evidente diferença entre jogos casuais como forma de divertimento desinteressado para os praticantes e a sua transformação, anos depois, em apresentações para a satisfação de plateias pagantes. Em entrevista registrada anos mais tarde, Charles

---

[253] *Correio Paulistano*, 8 ago. 1900, p. 2; *O Estado de São Paulo*, 15 ago. 1900, p. 4; 20 ago. 1900, p. 2.
[254] MAZZONI, T. (1950), *Op. cit.*, p. 25.
[255] MARINHO, I. P. (1952). *Op. cit.*, p. 28
[256] Cf. FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 11.
[257] V. MAZZONI, T. (1950), p. 27; HAMILTON. A. (2001). *Op. cit*., p. 42-44; MILLS, J. R. (2005). *Op. cit.*, p. 77-79; FRANZINI, Fábio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, Mary Del e MELO, Victor A. (orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 113-116.
[258] Cf. NOBILING, Hans. Primórdios e dados históricos da implantação do futebol em São Paulo, p. 2. *Instituto Martius Staden*, Pasta GIVfN19/137 (datilografado), s. d.
[259] HAMILTON, A. (2001). *Op. cit.*, p. 45-47; MILLS, J. R. (2005). *Op. cit.*, p. 85-86.
[260] *Correio Paulistano*, 7 set. 1899, p. 2.

Miller recordou o desinteresse dos paulistanos na passagem do século, referindo-se à visita do primeiro time carioca à cidade, em 19 de outubro de 1901:

> Calculem os senhores que quando efetuamos o primeiro jogo interestadual solicitei dos jornais de então que dessem curso à notícia do prélio realizado. Pois a resposta do *O Estado de São Paulo*, *A Platéa* e *Diário Popular* foi uma só: "Não nos interessa semelhante assunto". [261]

Fig. 35. O combinado paulista, com camisas bicolores, em jogo contra o combinado carioca no campo do SPAC, alto da Consolação, em 1901. Ao fundo vê-se parte da cidade de São Paulo.

Atualmente o futebol é uma linguagem universalizada, pode haver entre nós a tendência anacrônica de achar que ele sempre empolgou e que foi assimilado de imediato aonde chegou ou que teria enraizamento popular. Tudo indica que não foi assim. Existia certa tradição esportiva na cidade e os espectadores do velódromo eram capazes, sem dúvida, de reconhecer no jogo com bola os princípios que fundamentam tantos outros esportes modernos. Era um combate simulado em condições isonômicas e que o árbitro detinha o poder de decisão dentro do campo, pois assim funcionavam as competições ao ar livre. Existiam regras previamente acordadas, o princípio da não violência e o respeito moral entre os adversários, isso tudo fazia parte do ideário

[261] Cf. MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 19. Os times de paulistas e cariocas, compostos com vários jogadores de famílias estrangeiras, fizeram dois jogos no campo do SPAC, que terminaram em empates por 1x1 e 2x2, diante de pequena assistência. V. *Correio da Manhã*, 27 jun. 1915, p. 3; FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 39-40; SANT'ANNA, Leopoldo. *Supremacia e decadência do futebol paulista.* São Paulo: Instituto D'Anna Rosa, 1925, p. 19-23. Uma publicação comemorativa do septuagésimo aniversário do *C. A. Paulistano* informou, equivocadamente, que essas teriam sido as partidas inaugurais do estádio do Velódromo Paulista, com a presença de três mil pessoas: V. *Club Athletico Paulistano*. (1970). *Op. cit*., p. 15. O erro tem sido repetido por alguns historiadores: MILLS, J. (2005). *Op. cit*., p. 101-102; SANTOS, N. C. O. (2009). *Op. cit*., p. 44.

esportivo conhecido. O baixo entusiasmo do público nas primeiras exibições de futebol não se deu por falta de familiaridade e sim de empatia com o jogo.

Uma atividade cultural importada só se incorpora quando a sociedade receptora decodifica e atribui sentido social a sua simbologia, para praticantes e espectadores, ainda que seja através de resignificações. É verdade que a história dos esportes está repleta de ondas de paixões populares por uma ou outra novidade, dessas que vem e passam em poucos anos. O caso do ciclismo serve bem como exemplo, o futebol também não escaparia delas nos anos seguintes. Porém, as paixões não brotam do vazio, elas expressam diferentes formas de representações, ainda que voláteis. As plateias se empolgam quando estabelecem identidades com os contendores e desenvolvem sensibilidades para os momentos de tensão vividos na disputa. São experiências emotivas que circulam de um esporte para outro e ganham novos significados entre as gerações. O ciclismo contou com as referências anteriores do turfe e, por sua vez, as corridas de cavalos passaram anos em ensaios preliminares isolados até virarem atração espetacularizadas nos hipódromos. No último quarto de século XIX os esportes modernos foram valorizados aos poucos como forma coletiva de lazer urbano, ao passo que as antigas festas religiosas e entrudos perderam importância.

A fundação do *Club Athletico Paulistano*

No final de 1900 a diretoria do *S. C. Internacional* entrou em entendimentos com os Silva Prado na tentativa de arrendar o velódromo da Consolação para espetáculos de ginástica e jogos competitivos. Porém, a família anunciou outros planos: no dia 30 de novembro um grupo de jovens se reuniu na *Rotisserie Sportsman* para organizar um novo clube. Entre eles estavam filhos, parentes e amigos dos irmãos Martinico e Antonio da Silva Prado. [262] Ao presidir a reunião o então Secretário do Interior, Bento Bueno, definiu claramente os objetivos da agremiação: "reagir contra o desprezo que até hoje há, entre os brasileiros, pela educação física". [263] Depois de discutidos e aprovados os estatutos, a data oficial de nascimento do *Club Athletico Paulistano* foi 31 de dezembro de 1900. Vários historiadores afirmaram que a motivação para a organização do *Paulistano* nasceu do futebol. [264] Esse foi um mito inventado, muito mais tarde, para

[262] *Correio Paulistano*, 2 dez. 1900, p. 2.
[263] Cf. *O Estado de São Paulo*, 2 dez. 1900, p.2
[264] A origem dessa versão mítica está, provavelmente, em Thomaz Mazzoni que relata os fatos de maneira pouco clara e não cita a sua fonte. Depois a ideia foi repetida por outros historiadores e mesmo em publicações institucionais mais recentes do próprio clube: V. MAZZONI, T. (1950) *Op. cit*., p. 26;

valorizar a memória histórica do futebol no clube. O jogo com bola não estava na origem, conforme registrou um documento da própria agremiação, em 1918:

> Do football, a agremiação, que surgia, não tratava. Não existia? Existia, sim. Havia já três sociedades que o cultivavam, senão com entusiasmo, ao menos por curiosidade: S. P. Athletico, o Sport Club Internacional e Associação Athletica do Mackenzie College. Mas, entre os rapazes fundadores, não houve a intenção de formar equipes de *football*.[265]

Ninguém também se animou no *Paulistano* quando, no início do ano seguinte, alguns sócios sugeriram adotá-lo. Aqueles moços de finas famílias pretendiam fazer todo tipo de exercícios, como fica evidente pelo nome de batismo que deram à agremiação: era um "club athletico". Entre as modalidades que começaram a praticar estavam as já conhecidas, ciclismo, pelota basca e ginástica, uma mistura de influências culturais que refletia bem os vários interesses presentes na cidade naquele momento. Eles só passaram a demonstrar motivação para o futebol meses mais tarde, em outubro de 1901 quando:

> Jorge Miranda Filho foi incumbido de comprar a bola, e, num domingo, no Velódromo, realizava-se o primeiro treino. A rapaziada gostou. Verificara que era um esplêndido exercício, e deliberou, com mais persistência, entregar-se ao novo *sport*.[266]

Não procede a ideia de que o futebol atraiu público numeroso logo após a sua chegada ou que um gosto natural pelos jogos de chutar bola tenha desencadeado a construção estádios para acomodar às plateias que se reuniam espontaneamente. O futebol só se tornou a principal atração esportiva alguns anos depois, por escolha da elite dirigente. Os clubes fundados em São Paulo entre os últimos anos do Império e a primeira década de República eram poliesportivos, mesclavam exercícios ginásticos, disputas individuais e jogos entre equipes. Naquele início do atletismo amador era comum que os jovens procurassem aprimorar habilidades na maior variedade possível de exercícios. No *Veloce Club Olympico* praticou-se a ginástica francesa, a patinação e a esgrima, além do ciclismo. Os britânicos do *São Paulo Athletic Club* e do *São Paulo Railway Association* deram preferência aos jogos com bola (inicialmente críquete e golfe, depois futebol, rúgbi e tênis), mas incluíam as corridas a pé e o ciclismo. Até

BRANDÃO, Ignácio L. *Club Athletico Paulistano*: corpo e alma de um clube centenário. São Paulo: CAP, 2000, p. 17-18. Na obra do jornalista Antonio Figueiredo e no folheto histórico do *C. A. Paulistano*, publicados em 1918, o mito contado por Mazzoni não aparece, muito menos nos jornais contemporâneos à fundação. V. FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit*., p. 24-25; *Resumo histórico do Club Athletico Paulistano*. São Paulo: Seção de Obras do Estado de São Paulo, 1918, p. 5-7.

[265] Cf. *Resumo histórico...* (1918). *Op. cit.*, p. 6.

[266] Cf. *Ibidem*, p. 7.

mesmo Charles Miller, famoso como futebolista, competiu em provas ciclísticas no velódromo. [267]

Embora o *Club Athletico Paulistano* não tenha sido um sucessor direto do *Veloce Club Olympico*, extinto três anos antes, as duas entidades tiveram diretores em comum e ocuparam as mesmas instalações na chácara da família Prado. O Velódromo Paulista deixou de ser uma casa comercial de variedades para sediar o novo clube. Banidas as apostas, o *Paulistano* retomou, dois anos depois, a forma dos espetáculos esportivos para público pagante, desta vez com jogos de futebol. O ciclismo sobreviveu durante algum tempo nas práticas internas e em dias de festividades, aos poucos ele perdeu importância. A memória das carreiras de bicicletas quase se apagou, pois a moda amadora repudiou os antigos espetáculos atléticos com apostas. Não foram encontrados depoimentos em memórias de ex-ciclistas que descrevessem as disputas acontecidas na raia da Consolação. Nas raríssimas vezes em que os antigos participantes tocaram no assunto em recordações, mesmo amadores, jamais deixaram claro que os páreos ocorriam sob os gritos e aplausos dos apostadores. Outros, surpreendentemente, chegaram a atribuir o ambiente de apostas que existiu no velódromo da Consolação "aos italianos". [268]

Será examinado no próximo capítulo como se iniciou a onda de paixão pelo jogo com os pés. Pelo que se viu até agora está claro que a naturalização do futebol em São Paulo aconteceu no entrecruzamento de diversas expressões culturais, endógenas e importadas (francesas, inglesas e alemãs), acionadas por uma incalculável quantidade de esportistas. Não foi por mera apresentação das regras pela iniciativa isolada de um recém-chegado. Um símbolo bastante representativo para o tipo de assimilação antropofágica que foi feita do futebol inglês, servido ao molho francês da *Rotisserie Sportsman*, foi o grito de guerra foi trazido por Renato Miranda da universidade americana em que estudou. [269] Um brado que fundia a palavra francesa *allez*, com uma inglesa, *go*, e uma indígena, *ack*. Era um grito tribal de incentivo para o time: *Allezgoack!*

Aleguá, guá, guá,
Aleguá, guá, guá,
Urrah! Urrah!

[267] HAMILTON, A. (2001). *Op. cit.*, p. 41.
[268] AMARAL, L. F. (1977). *Op. cit.*, p. 5.
[269] *O Estado de São Paulo*, 21 dez. 1950, p. 10.

CAPÍTULO 2

A pedagogia da bola

Um jornalista considerou extraordinária a quantidade de famílias que acorreu ao campo do clube inglês na rua da Consolação, em 29 de junho de 1902. Elas foram assistir a um *match* de futebol entre o *São Paulo Athletic Club* (SPAC) e o *Club Athletico Paulistano* (CAP). Era a nona partida do campeonato disputado desde o dia 3 de maio pelas cinco equipes que formavam a *Liga Paulista de Football* (LPF), o primeiro certame organizado no país. Os ingressos foram franqueados "às pessoas decentemente trajadas" e as senhoras vestiam belas *toillets* ao pisar no *ground* do clube, como era apropriado para os eventos esportivos. [1] A grande sensação era o time do SPAC, ele não havia sofrido nenhum gol nos três jogos que disputou e marcou dez, goleara sucessivamente o *Paulistano* (4x0), o *Mackenzie* (3x0) e o *Internacional* (3x0). Entretanto, o interesse por uma possível revanche do CAP cresceu depois que o time inglês fora vencido em partida amistosa contra um selecionado de jogadores paulistas por 3x0, no feriado de São João, cinco dias antes. O resultado levou a plateia do velódromo a "verdadeiro delírio", conforme o mesmo jornalista. [2] Afinal, os filhos de famílias inglesas não eram imbatíveis como se dizia. E foi a expectativa de uma nova vitória de um time formado só por brasileiros, agora dentro do campeonato, que atraiu tanta gente para o campo do SPAC na tarde do domingo seguinte.

Vários anos depois, um folheto publicado pela diretoria do CAP rememorou desta maneira o resultado da partida:

> E foi assim que, num célebre dia de junho, aliás belíssimo, cheio de luz, o Paulistano venceu o maior dos seus antagonistas da época. Foi apenas por um ponto marcado por Álvaro Rocha; mas o jogo revelado pelos rapazes brasileiros, segundo afirmam os jornais do tempo, foi excepcional. Não houve falhas nem fraquezas. Conhecendo perfeitamente o valor do adversário, as suas habilidades, os seus recursos, o Paulistano, não tendo uma educação esportiva ainda completa, foi forçado, logo que conquistou o gol da vitória, a cuidar exclusivamente da defesa.
>
> Nas rodas esportivas repercutiu este fato. Assegurava-se, e com certa razão, que os britânicos aqui residentes, embora não fossem tão fortes como os do seu país, eram invencíveis, porque, desde tenra idade, haviam sido educados nos esportes.

[1] Cf. *O Estado de São Paulo*, 29 jun. 1902, p. 3; 30 jun. 1902, p. 2.
[2] *O Estado de São Paulo*, 25 jun. 1902, p. 2.

> Depois, os fatos, até ali, comprovavam essa asserção: esse *team* não perdera um só *match*, o seu *goal*, aliás defendido por um jogador medíocre, não fora vazado. Coube, pois, ao Paulistano a honra de, pela primeira vez, não só vazar o *goal*, como sobrepujar o *team*.
>
> Data daí a fama do nosso *club*. Os habitantes de São Paulo, que se mostravam ainda frios e indiferentes, abandonaram os outros *sports*, já em decadência, e deram preferência ao *football*.
>
> Os cavalheiros da mais fina sociedade inscreveram-se como sócios. As famílias, cansadas das matinês, das corridas de cavalos, dos passeios, começaram a fazer ponto de reunião nos campos do Velódromo, dos Ingleses e do Parque Antártica. Os *matches*, dessa data em diante, transformaram-se em verdadeiros acontecimentos. [3]

O texto atribui àquela partida o valor de divisor d'águas para a história do clube e, talvez com o usual exagero de um torcedor, para o sucesso do próprio futebol. O clube publicou essa memória histórica em 1918, portanto dezesseis anos depois da vitória contra os ingleses e dezoito anos desde a sua fundação. O título dado ao folheto, *Resumo histórico do Club Athletico Paulistano*, indica que a forma historiográfica foi deliberadamente escolhida para exaltar a agremiação, como narrativa de glórias passadas, apesar de se referir a período relativamente curto e recente.

É preciso alguns cuidados ao lidar com os registros marcados por lembranças pessoais, eles podem estar contaminados por idealizações e interpretações subjetivas sobre o passado. As memórias e as paixões que as envolvem, são escorregadias. Um exemplo para ilustrar quando a reminiscência trai o fato: no dia seguinte à partida os jornais afirmaram que o domingo fora "sombrio e ameaçador" e de céu carregado e não "belíssimo, cheio de luz", como desejou o memorialista da radiante conquista, ainda que ele tenha se referido aos "jornais do tempo". [4]

O autor anônimo que escreveu em nome da "Diretoria" nem tentou disfarçar a sua paixão pelo futebol e pelo time que representou o clube. Na época da publicação esse tipo de entusiasta do esporte já recebia o nome pelo qual o reconhecemos hoje: era um *torcedor*, o portador de um tipo de sentimento chamado de *clubismo*. Para os torcedores, o amor pelo clube é colocado bem além da admiração temporária por um ou outro atleta e até mesmo acima da equipe inteira. O herói daquela tarde foi mencionado, o *center-forward* (centroavante) Alvaro Rocha que fez o tento da vitória. Mas o memorialista deixou claro que o jogador foi apenas uma peça do grupo que não falhou nem fraquejou diante do adversário. O próprio time é visto como um passageiro no

---

[3] Cf. *Resumo histórico do Club Athletico Paulistano*. São Paulo: Seção de Obras do Estado de São Paulo, 1918, p. 10-11. Provavelmente, o texto é de autoria de Mario Cardim, pois ele era o secretário do clube e, na mesma época, jornalista e bibliotecário d'*O Estado de São Paulo*, pelo qual a obra foi editada.

[4] Cf. *O Estado de São Paulo*, 30 jun. 1902, p. 2.

tempo e, decorridos os anos, recebeu críticas pela sua educação esportiva ainda incompleta, culpado por ter se retraído na defesa para garantir um resultado magro. Acima do jogador ou do time estava uma entidade abstrata, inatacável para os torcedores, cujo valor simbólico não poderia ser corroído pelo tempo: o *clube*.

Fig. 1. O time do *C. A. Paulistano* que disputou o campeonato de 1902. Álvaro Rocha está sentado no gramado, no centro da fila de cinco atacantes.

São opiniões nada estranhas para torcedores de qualquer época, menos ainda quando ditas por um dirigente esportivo. Acreditar que um único jogo possa ter alterado radicalmente os destinos do clube e do futebol pode ser fruto das recordações passionais. Entretanto, não é descabida a ideia de que o interesse do público pelo futebol tenha mudado a partir de 1902. Nos anos anteriores o futebol fora recebido com muita frieza na cidade. Sem dúvida, a situação se inverteu a partir do primeiro campeonato quando o fenômeno do clubismo apareceu nos espetáculos paulistanos. Mal comparando, vale lembrar que no turfe as atenções estavam voltadas para o conjunto cavalo/jóquei e, só em segundo plano, para a coudelaria do fazendeiro/proprietário. Nas corridas as representações mudavam a cada programa, o que impedia a constituição de relações de solidariedade permanentes entre expectadores e participantes. No ciclismo o público também se identificava individualmente com

cada corredor, páreo a páreo, e não com o velo-clube ao qual o atleta pudesse eventualmente pertencer.

Provavelmente essa transição das competições individuais em velocidade para os embates coletivos entre equipes colaborou para desencadear certa devoção aos clubes. Bem como para o aparecimento daquilo que inicialmente foi chamado de "partidos" e mais tarde ganhou o nome de *torcidas*, grupos de devoção solidária que aderem ao simbolismo das entidades esportivas. O autor do *Resumo histórico* de 1918 reservou um espaço quase absoluto para o futebol nas páginas que narrou. Isto é, com o passar dos anos o time se confundiu com a própria identidade do CAP e o seu passado foi contado a partir da imagem construída retrospectivamente pelos futebolistas. Os demais esportes praticados pelos sócios (ciclismo, tênis, pelota, natação, etc.) são citados só de passagem. Tudo indica que os exercícios atléticos que deram nome à associação, praticados por lazer, não pareciam tão significativos para o memorialista passados vários anos.

Os jogos entre equipes introduziram o sentimento de grupo não apenas entre os associados, mas nas arquibancadas também. Em pouco tempo o clubismo extrapolou os limites dos estádios, vazou para o ambiente urbano e se sobrepôs ao prazer das apostas do turfe. Para tanto, como acontece em outros esportes, o fortalecimento da identidade clubística dependia da rivalidade entre equipes equilibradas. Outros clubes da LPF também tinham, é claro, imagens públicas referenciadas através dos seus times de futebol e contavam com torcidas, ainda que fossem menores. O memorialista apontou com clareza qual era o oponente teatral do CAP naqueles primeiros tempos: era o SPAC. Os futebolistas de origem britânica, natos ou descendentes, eram os melhores da cidade no início do século e vistos como representantes da nação mais poderosa do mundo. Era a equipe imitada, aquela a ser igualada e batida, um signo de alteridade para os demais. Enfim, no palco esportivo os ingleses eram "os outros".

As rivalidades competitivas eram necessárias para teatralizar os confrontos entre equipes. Fora do campo esses jogadores não viviam em posições sociais antagônicas, eles se confraternizavam. Entretanto, ao levar em conta o entusiasmo do memorialista com a rápida divulgação do futebol entre os "habitantes de São Paulo", fica implícita a existência de outro tipo de relação social. A que distanciava os protagonistas dos assistentes comuns, daqueles que não eram sócios dos clubes da LPF, mas que compareciam ao estádio e contavam para o sucesso das exibições. Apesar dos "cavalheiros da mais fina sociedade" que se inscreveram no CAP, o número de

associados era muito pequeno. O time de futebol servia não só para a satisfação dos sócios, mas para as exibições públicas. Os campeonatos eram oferecidos como forma de entretenimento educativo e de distinção social dos jogadores perante plateias heterogêneas. Em meio aos assistentes, além dos familiares, estavam jovens com nível de escolaridade e riqueza bastante inferior. Desses torcedores anônimos os futebolistas esperavam aplausos, amor aos símbolos da agremiação, imitação dos exemplos dados em campo, convivência pacífica nas arquibancadas, mas não a participação direta no jogo. Não há dúvida de que a paixão pelas encenações esportivas estendeu os efeitos da solidariedade clubística entre os torcedores das camadas populares também. Neste capítulo será preciso, então, examinar de perto a dinâmica do futebol na cidade de São Paulo e para tanto a parentela dos Silva Prado e o Velódromo Paulista vão retornar ao centro das análises.

Fig. 2. Os times do SPAC (calções escuros) e do CAP em frente ao chalé-sede do velódromo. Revista *A Vida Sportiva*, 1903.

Os futebolistas da República

O citado *Resumo histórico* conta com detalhes como o futebol foi trazido para o CAP. Diz que no começo de 1901 três sócios, Renato Miranda, Clovis Glycerio e Silvio Penteado, foram assistir a uma partida na *Escola Americana*. Ali, na chácara entre as ruas Piauí, Itambé e Maria Antônia, nos altos da Consolação, funcionava, além do internato de ensino secundário para meninos, o curso de engenharia, ambos mantidos

pela Igreja Presbiteriana de origem americana. Naquele momento o time da associação formada pelos estudantes do *Mackenzie College*, jogava contra o *Sport Club Internacional* (SCI). O trio de visitantes encontrou um conhecido, Ibanez Salles, meia-direita do time da *Associação Athletica Mackenzie College* (AAMC). Foi ele quem sugeriu introduzir o jogo no CAP. A ideia foi levada para o clube, mas não progrediu pela falta de interesse dos sócios.

Fig. 3. Time do *Mackenzie College* no campo de Higienópolis. Acervo do Mackenzie.

Vários meses depois, no final de 1901, Ibanez reencontrou os mesmos amigos no campo do SPAC e insistiu na proposta. Só a partir da segunda tentativa os treinos foram iniciados no gramado do velódromo. [5] O jornalista Antonio Figueiredo também narrou esses fatos em livro com a mesma data de publicação do folheto do CAP. [6] Porém, ele trocou um dos componentes do trio inicial, teria sido Olavo de Barros no lugar de Clovis Glycerio. Seja como for, um ou outro, esses deslizes da memória não alteram o sentido da narrativa.

Os fatos em si são circunstanciais e pouco significativos, mas quando cruzados com algumas informações biográficas desse pequeno grupo de rapazes, aparecem revelações interessantes sobre o perfil social dos primeiros futebolistas do CAP. Os cinco moços citados pertenciam a famílias de cafeicultores paulistas, nas quais o

[5] *Resumo histórico...* (1918). *Op. cit.* p. 6-7.
[6] V. FIGUEIREDO, Antonio. *História do football em São Paulo*. São Paulo: Seção de Obras do Estado de São Paulo, 1918, p. 24-25.

contato com esportes era antigo. O elogio que Ibanez Salles fez do futebol para os colegas não significa que os visitantes não conhecessem o jogo e sim que ele tinha pouca importância em São Paulo até aquele momento. Os jovens estudaram no exterior e tinham suficiente familiaridade com os esportes. Sílvio Penteado e seu irmão mais jovem, Armando, fizeram a graduação média e a superior em escolas politécnicas da Inglaterra. Renato Miranda e Clovis Glycerio estudaram engenharia em universidade dos Estados Unidos e lá tiveram suas primeiras experiências com o futebol e o rúgbi. [7] Olavo de Barros aprendeu a jogar futebol em escola da Suíça. Certamente, todos eles conheciam várias modalidades de jogos entre equipes, pois naquele início de século elas eram comuns tanto nas instituições de ensino europeias como nas norte americanas, por isso mesmo foram trazidas pelos professores americanos para o *Mackenzie*.

Outro traço social importante unia os rapazes: as famílias dos cinco estavam ligadas entre si e aos Silva Prado por laços de parentesco, negócios e políticos. Não eram contatos casuais, existiam vínculos fortes desde a geração anterior. Os pais de Silvio, Antonio Alvares Penteado, monarquista, conde pela Igreja Católica, e Ana de Lacerda Franco, descendiam de antigos troncos familiares de fazendeiros paulistas. [8] Os Alvares Penteado tinham um estreito relacionamento com os Silva Prado, desde a época em que as duas famílias viveram em fazendas vizinhas, no município de Araras. As três filhas de Antonio Penteado se casaram com rapazes Silva Prado: Antonieta com Caio Prado e Stella com Martinho Prado Neto, ambos filhos de Martinico; Eglantina com Antonio Prado Junior, filho do conselheiro Prado.

Olavo Paes de Barros, treinado na Suíça, foi considerado um dos melhores futebolistas desses primeiros tempos e ocupou a função de capitão no time do CAP. Seu irmão mais novo, Cassio, jogou ao seu lado. Eles pertenciam a uma influente família de cafeicultores de Itu e tradicionais turfistas. Eram filhos do republicano Rafael Aguiar Paes de Barros que liderou a fundação do *Jockey Club* em 1875 e o dirigiu por quatorze anos. Rafael de Barros foi um dos antigos companheiros do conselheiro Prado nas corridas de cavalo, esporte com tradição nas duas parentelas.

O sucesso que o futebol ganhou no início do século XX não interrompeu o envolvimento das famílias fazendeiras com o turfe. Familiares próximos de Rafael

---

[7] V. *O Estado de São Paulo*, 7 mai. 1955, p. 14; 4 jul. 1956, p. 5.
[8] HOMEM, Maria C. N. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira*: 1867-1918. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 211-215.

dirigiram o *Jockey Club* após a sua morte: o seu cunhado, João Tobias de Aguiar e Castro (1898-1900), e o seu sobrinho, Carlos Paes de Barros (1907). O próprio jogador Olavo de Barros seria dirigente do *Jockey* mais tarde. Os filhos do conselheiro Prado e de Martinico também foram turfistas. Décadas depois, Fabio da Silva Prado e Silvio Penteado presidiram o *Jockey Club*. O cunhado de Renato Miranda, Ministro Herculano de Freitas, foi mais um membro desse restrito círculo social a dirigir o clube de corridas paulista. As redes de relacionamentos familiares se prolongaram entre os dois esportes de uma geração para outra. O turfe era preferido pelos mais velhos, aqueles que estavam no comando da política e dos negócios. Enquanto o futebol cumpria a função de apresentar os mais jovens à sociedade, os debutantes da geração sucessora, futuros dirigentes.

Os outros três participantes daquele pequeno grupo de moços esportistas que se encontraram no campo do *Mackenzie* vinham de Campinas, centro da lavoura cafeeira na época. Um deles, o estudante Ibanez Salles, era filho do coronel José Pedroso de Moraes Salles, importante fazendeiro daquela região. [9] Após deixar a equipe universitária, Ibanez jogou futebol pelo CAP e foi seguido por dois irmãos, Fernão e Rubens. Os dois aprenderam a jogar bola quando estudaram na *Escola Americana*. O caçula, Rubens Salles, foi craque do futebol paulista e da seleção brasileira.

Os demais campineiros citados eram primos entre si, Clovis Glycerio e Renato Miranda. Eles também pertenciam às famílias de cafeicultores e conheceram Ibanez Salles quando foram alunos do *Collegio Culto à Sciência*, localizado naquela cidade. Os pais desses rapazes eram correligionários na política local, Clovis era filho de Francisco Glycerio de Cerqueira Leite, que foi ministro da Agricultura (1890-1891) e Senador (1902-1916). Renato era irmão Jorge Miranda Junior, o Tutu, que fez fama como goleiro do CAP. Filhos de um líder político regional, Jorge Miranda, e sobrinhos de Francisco Glycerio.

As conexões familiares e políticas na oligarquia paulista eram extensas e intrincadas, elas cruzavam as parentelas e atravessavam as gerações. Os compromissos de compadrio político nem sempre ficavam muito visíveis. As relações dos Silva Prado com as famílias campineiras citadas eram antigas e complexas. Iam muito além dos esportes, avançavam pelo terreno da política partidária. Recordá-las aqui, ainda que superficialmente, ajuda a entender um pouco melhor como aqueles jovens se

[9] *O Estado de São Paulo*, 13 ago. 1965, p. 15.

aproximaram para fundar um clube esportivo. Pois de imediato se constata que o nascimento do CAP pouco teve a ver com uma casual descoberta do futebol por um pequeno grupo, como insinuaram alguns jornalistas ao historiar o esporte. [10]

As alianças vinham de várias décadas, remontavam à época em que o ainda jovem Martinico Prado ingressou na faculdade de direito do largo São Francisco, em 1860, e ali conviveu com o círculo formado por estudantes campineiros. [11] Como tantos bacharéis da época, eles aderiram à causa abolicionista e à maçonaria. Mais tarde, ao lado de Jorge Miranda, Francisco Glycerio, Cerqueira Cesar, Quirino dos Santos, Rangel Pestana, Americo Brasiliense, Campos Salles, Bernardino de Campos, entre outros, Martinico se converteu ao republicanismo e integrou o núcleo histórico *Partido Republicano Paulista* (PRP).

Martinico era o filho rebelde da monarquista e católica Veridiana Prado. [12] Na passagem do século, quando o *Club Athletico Paulistano* foi fundado ele já estava afastado da política e da vida pública, principalmente por motivos de doença, vindo a falecer em 1906. Os filhos de Martinico Prado, principalmente Plinio, Martinho Neto, Fabio e Cassio, tiveram participação ativa como esportistas e dirigentes do CAP, assim como alguns dos filhos dos velhos correligionários do interior. A nova geração dos Silva Prado cultivou a amizade com os rapazes campineiros cujas famílias haviam transferido residência para a capital paulista – entre outros motivos para fugir das epidemias de febre amarela que assolavam aquela região.

O conselheiro Antonio Prado, ao contrário do irmão, tinha seu passado político ligado aos conservadores e à monarquia, ele seguiu a trajetória apontada pelo avô e pela mãe. [13] Entretanto, o movimento monarquista foi vigiado e desmantelado pelo novo regime. Mesmo dentro da família Prado o sonho de restauração do trono se esvaiu, principalmente após a morte prematura do irmão caçula, Eduardo, em 1901. O jornal monarquista *O Commercio de São Paulo* foi vendido por Veridiana Prado a Francisco Glycerio e passou a ser dirigido pelo pupilo deste, Bento Pereira Bueno. Dessa forma, o principal órgão de apoio à reação monarquista em São Paulo passou, repentinamente, a defender o poder republicano. Algo semelhante já havia acontecido, convém lembrar,

---

[10] MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950, p. 25-26; NICOLINI, Henrique. *Tietê*: o rio do esporte. São Paulo: Phorte, p. 315-316.
[11] V. VAMPRE, Spencer. *Memória para a história da Academia de São Paulo*. v. 2 São Paulo: INL: CFC, 1977, p. 34 e 81-82; MARTINS, Ana L. M. e BARBUY, H. *Arcadas*: História da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, 1827-1997. São Paulo: Alternativa, 1998, p. 61-65.
[12] LEVI, Darrell E. *A família Prado*. São Paulo: Cultura 70, 1977, p. 148-151 e 279-84.
[13] *Idem*. p. 187-199.

com o jornal do conselheiro Prado, o *Correio Paulistano*, antigo veículo do *Partido Conservador* que se tornou órgão oficial do PRP a partir de 1890.

O PRP deteve por décadas o monopólio do poder regional. Houve dissidências internas – é compreensível que elas ocorressem nas disputas por candidaturas entre as parentelas – mas foram sempre de curta duração. [14] O partido era o único canal disponível para projetar as lideranças paulistas no cenário nacional. Vencida a tumultuada primeira década da República, abriu-se o período de distensão, de apaziguamento da memória e de reaproximação entre as facções das elites: monarquistas e republicanos, católicos e maçons/positivistas, militares e civis, bem como entre as oligarquias de diferentes estados. Nessa conjuntura de reatamentos entre as velhas forças regionais, o conselheiro Prado voltou à atividade pública e, logo após a morte da esposa, foi escolhido pelos seus pares vereadores para ocupar o cargo de prefeito da capital paulista (1899-1910). Embora desafeto de algumas das lideranças do PRP, principalmente de Manuel de Albuquerque Lins, o conselheiro Prado mantinha a imagem de bom administrador, além de fácil trânsito entre as correntes partidárias e grupos familiares.

Não é de estranhar, pois, que o pragmático prefeito tenha alugado o espaço do Velódromo Paulista, pouco ativo após a decadência do ciclismo, para o grupo de jovens republicanos sediar o novo clube esportivo, o CAP. Aquele era um local bastante adequado para as demonstrações públicas de congraçamento. Desde o turfe os esportes serviam para expressar conciliações na camada dominante. Os relacionamentos entre sócios do clube e os governantes paulistas não se limitaram aos casos citados. O primeiro presidente do CAP foi o jornalista Bento Pereira Bueno (1900-1902) que ocupou o cargo de secretario do interior (1900-1906) em dois governos estaduais sucessivos, o de Rodrigues Alves e o de Bernardino de Campos. Bento era um jovem político – tinha 31 anos quando o clube foi fundado – que iniciou carreira em Campinas sob a proteção de Francisco Glycerio. Os dirigentes que o sucederam no comando do clube também tinham fortes ligações familiares, políticas ou de negócios com líderes do PRP e com os Silva Prado: Renato Miranda (1902-1903), Numa de Oliveira (1903-1906 e 1911-1912) e Antonio Prado Junior (1906-1909). Durante muitos anos o CAP foi identificado como o clube da elite governante, onde as relações de parentesco se misturavam às políticas.

[14] V. LOVE, Joseph. *A locomotiva*: São Paulo na Federação Brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 158-174.

Nas origens sociais de outros tantos sócio-fundadores e diretores do clube, se repetiam as relações cruzadas: irmãos, primos e cunhados, os quais eram filhos, sobrinhos e genros de fazendeiros e políticos. Embora o sucesso do futebol tenha atraído novos associados a quantidade não se expandiu muito em termos absolutos. No ato da fundação, em 31 de novembro de 1900, estiveram reunidos apenas 59 rapazes. Por vários anos o clube foi exclusivamente masculino, as irmãs, primas, esposas e filhas frequentavam apenas as arquibancadas nos dias de jogos, não as instalações internas. Em 1903 o total de sócios cresceu para 159, depois chegou a ultrapassar a marca de 200, mas no ano em que o velódromo da Consolação foi fechado, em 1915, o clube quase desapareceu e o número de contribuintes efetivos caiu para 30.

Tal como acontecia em outros clubes, a admissão de um novo sócio dependia da indicação de um veterano e da aprovação da diretoria, norma que funcionava como um eficiente crivo de seleção. Inclusive para a prática do futebol, pois nos primeiros anos só os associados podiam disputar o campeonato, não existiam jogadores contratados e convidados. Esse modelo de organização nada tinha de novo, o *Jockey Club* e o *Veloce Club Olympico* funcionaram de maneira análoga. Eram sociedades restritivas, formadas por um número limitado de jovens ricos que, paradoxalmente, mantinham um local para oferecer espetáculos.

A inspiração mais longínqua estava, sem dúvida, nas antigas agremiações masculinas inglesas. Mas naquele momento os clubes dedicados aos espetáculos futebolísticos do futebol inglês tinham objetivos bem diferentes dos formados em São Paulo. Lá os clubes envolvidos no comércio de entretenimentos eram profissionalizados e seus jogadores vinham das classes trabalhadoras. [15] Os desentendimentos entre *gentlemen* (amadores) e *players* (profissionais) eram cada vez mais frequentes. Os amadores ingleses se afastaram das exibições públicas dominadas pelos interesses comerciais. [16] Na França a espetacularização do futebol foi restringida por muitos anos pelas federações esportivas e o profissionalismo ficou contido até 1919 [17].

---

[15] HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 296-9; CORBIN, Alain. O destino contrastado do futebol. In: _____. *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001, 263-268.

[16] GOLDBLATT, David. *The Ball is round*: a global history of soccer. New York: Riverhead Books, 2008, p. 47-49; SZYMANSKI, Stefan e ZIMBALIST, Andrew. *National pastime*: how Americans play baseball and the rest of the world plays soccer. Washington: Brookings Institution Press, 2006, p. 103; DUNNING, Eric e SHEARD, Kenneth. La separation des deux rugbys. *Actes de la recherché en sciences socials*, 79 (1): 92-107, 1989.

[17] WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 269-262; WAHL, Alfred. Le footballeur français: de l'amateurisme au saliriat (1890-1926). *Le mouvement social*, 135 (2): 7-30, 1986.

Assim sendo, o estímulo dado pelos futebolistas amadores de São Paulo às exibições abertas ao público seguia em sentido contrário ao do amadorismo europeu naquele momento. Na Inglaterra as grandes plateias eram cortejadas pelos times comerciais. Aqui foram os amadores que começaram a propagandear as exibições esportivas para atrair público, como conta aquele mesmo cronista do CAP: "a nossa pacata população ouvia, de quando em quando, a gritaria dos moços bizarros, que, em bondes especiais, anunciavam pelas ruas a existência do grupo esportivo que tinha de ocupar posição saliente no nosso meio". [18] Resta então questionar e refletir, mais uma vez, sobre as motivações sociais e culturais para o envolvimento das elites paulistas com os espetáculos esportivos. Agora com o futebol.

Pedagogias em jogo

A internacionalização das regras britânicas, ditadas pelo *International Football Association Board* (IFAB) desde 1882 e adotadas pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) em 1904, nunca foi suficiente para impor uniformidade na nativização do futebol em diferentes países. Sempre houve especificidades na forma de institucionalização e adequações às culturas de cada região e de cada cidade. No caso brasileiro, uma das peculiaridades é a ausência de um desenvolvimento preliminar nas escolas de graus médio e superior que pudesse resultar em torneios estudantis e ligas. Na Inglaterra, na França, na Argentina e no Uruguai o futebol atravessou períodos relativamente longos como um jogo de estudantes, antes de se converter num esporte de espetáculos. Foram os *old boys* que deram origem aos primeiros clubes e finalmente aos campeonatos naqueles países.

Vistos de maneira abrangente, o aumento da escolarização na população europeia e o nascimento dos esportes modernos na segunda metade do século XIX foram movimentos culturais imbricados. No ambiente das academias militares as performances acrobáticas – cuja origem histórica estava nos antigos grupos saltimbancos que perambulavam em circos e feiras – foram disciplinadas e submetidas a preceitos científicos para a educação física escolar. [19] Os jogos com origens camponesas

[18] Cf. *Resumo histórico...* (1918). *Op. cit*., p. 7-8.
[19] V. VIGARELLO, Georges e HOLT, Richard. O corpo trabalhado: ginasta e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain *et al*. (orgs.) *História do corpo*. v. 2. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008, p. 393-478;

e aristocráticas receberam regras escritas e foram abrandados da sua violência nas *public schools* inglesas. [20] As competições entre equipes apareceram primeiro nos internatos particulares e nas universidades para os filhos das elites, enquanto nas escolas públicas elementares eram oferecidos os exercícios militares. No ultimo quarto daquele século as atividades físicas, já disciplinadas, fizeram o caminho inverso: saíram das escolas. Os estudantes levaram as pedagogias corporais e as disputas lúdicas regradas para os espaços suburbanos, onde ganharam a forma de recreação popular. As atividades atléticas estavam, pois, ligadas à formação escolar. Por extensão, na vida social elas serviram para distinguir os moços com graduação elevada, até que se popularizaram. [21]

Os exercícios físicos foram entrelaçados também à educação cívica. Durante o período que vai do final da Guerra Franco-Prussiana (1871), ao início da Primeira Grande Guerra (1914), a educação física escolar foi expandida para oferecer princípios de preparação militar aos estudantes: exercícios de força, destreza e ação coordenada submetida a comando. O ensino da ginástica se disseminou pelos países ocidentais e, ao lado do ensino de história, servia para despertar patriotismos em amplas camadas sociais. Enquanto as disciplinas de história e de uma língua nacional apresentavam aos alunos traços culturais do passado para dar consistência à ideia de unidade social, a educação física ensinava a ação coletiva a favor dos valores defendidos pelo Estado. Em outras palavras, entre transmitir a história de um passado comum e idealizar o futuro da pátria, as disciplinas colaboravam entre si para cultivar a identidade nacional. As escolas públicas, com ensino leigo e gratuito, tiveram papel fundamental na massificação dos ideais patrióticos.

As relações entre a educação pública e as competições atléticas eram, portanto, profundas na Europa. Não é isso que se constata, porém, na introdução do futebol brasileiro. Surpreende que ele não tenha se disseminado dentro das organizações escolares paulistas antes mesmo do primeiro campeonato interclubes, tal como ocorreu

---

SOARES, Carmen L. *Imagens da educação no corpo*: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 3ª. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 2005.

[20] DUNNING, Eric e CURRY, Graham. Escolas públicas, rivalidade social e o desenvolvimento do futebol. In: GEBARA, Ademir e PILATTI, Luiz A. (orgs.). *Ensaios sobre história e sociologia nos esportes*. Jundiaí [SP]: Fontoura, 2006, p. 45-76.

[21] V. BORDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-153; DEFRANCE, Jacques. *L'Excellence corporelle*: La formation des activités physiques et sportives modernes (1770-1914). Rennes: Presses Universitaires, 1987; _____. Se fortifier pour se soumettre? In: POCIELLO, Christian. *Sports et société*: approche socio-culturelle des pratiques. Paris: Vigot, 1981, p. 75-84; WEBER, E. (1988). *Op. cit*., p. 259-269.

nos países platinos. Uma das razões para essa diferença foi discutida no capítulo anterior e indicou que as comunidades britânicas eram maiores em Buenos Aires e Montevidéu. Foi justamente das escolas médias de língua inglesa que saíram os primeiros times e torneios organizados naquelas cidades. Na capital paulista, entre aqueles que disputaram o primeiro campeonato houve um único caso – embora de grande importância – de equipe ligada à instituição de ensino, o *Mackenzie*, devido à iniciativa de professores norte-americanos.

Certamente o tamanho da comunidade britânica presente não foi o único motivo do atraso brasileiro. No país onde a escravidão terminara havia pouco tempo as disciplinas de moral e civismo, usadas na Europa para colocar os jovens em prontidão para o alistamento militar, não eram prioritárias. Aqui o alcance do ensino público era limitado e as práticas esportivas serviam apenas como forma de lazer espontâneo dos rapazes com educação superior. Os esportes não constavam nas políticas governamentais, dependiam da iniciativa dos clubes sociais e das escolas de nível médio mantidas por imigrantes. O início do movimento esportivo liderado por associações espontâneas, com autonomia em relação ao Estado, fazia parte da incipiente atuação civil dos jovens nas esferas públicas.

No começo do novo século os dirigentes paulistas passaram a estimular a propagação dos esportes, sempre na forma de espetáculos educativos organizados por entidades civis, fora do ambiente escolar. A liderança do secretário do interior, Bento Pereira Bueno, na fundação do CAP reforça essa interpretação. Do ponto de vista pessoal a presidência do clube era apenas uma posição de honra para Bento, ele pouco se envolveu na vida da agremiação durante os dois anos em que ocupou o cargo. Mas é preciso ressaltar que nessa época ele dirigiu a instrução pública paulista. Em 1894 Bento participou da implantação do *Gymnasio do Estado*, a primeira escola secundária organizada pelo governo em São Paulo, e depois comandou durante vários anos a secretaria do interior, responsável pelo ensino.

Outro exemplo de relações cruzadas entre os fundadores do *C. A. Paulistano* e políticos envolvidos com a educação vinha da cidade de Campinas. Jorge Miranda, pai dos futebolistas Renato e Tutu, participou em 1873 da organização do *Collegio Culto à Sciencia*, mantido pela *Loja Maçônica Independência*. [22] Ali a ginástica foi introduzida

[22] MORAES, Carmen S. V. *O ideário republicano e a educação*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2006, p. 128-129; LAPA, José R. A. *Cidade, os cantos e os antros*: Campinas, 1850-1900. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 173-175.

como atividade extracurricular e os exercícios atléticos a céu aberto sempre receberam incentivos. O colégio foi anexado pelo governo do estado em 1895, durante a gestão do presidente Bernardino de Campos (1892-1896) e Jorge Miranda voltou a dirigi-lo em 1901, com o nome mudado para *Gymnasio de Campinas*. Um dos filhos de Jorge, Renato Miranda, que na mesma época presidia o CAP, era genro de Bernardino de Campos. O sogro ilustre, Bernardino, e o pai educador, Jorge, eram companheiros na cúpula do PRP, ambos eram maçons, membros da loja *Independência* de Campinas.

A proximidade entre a diretoria do CAP e as políticas governamentais obriga, pois, que se examinem com atenção as relações entre a educação física e o início dos espetáculos de futebol em São Paulo.

A disciplina do corpo

Até o final do Império, apenas moços de famílias ricas recebiam aulas de educação física em escolas de ensino médio. Ao acompanhar a expansão dessa disciplina escolar em São Paulo encontra-se uma trajetória que lembra vagamente a das grandes cidades europeias: ela foi implantada lentamente nas escolas secundárias e depois chegou ao ensino primário; começou nas particulares e decorridos vários anos foi incorporada às públicas. Entretanto, no Brasil o processo se desenvolveu mais tarde e com alcance insuficiente. A taxa de escolarização era baixíssima em todo o país. Na província de São Paulo o analfabetismo atingia a 77% da população com seis e mais anos de idade, em 1887. Considerada apenas a capital paulista esse índice era de 55%.[23] Quando a República foi proclamada a instrução oficial na cidade de São Paulo contava com 77 escolas de educação elementar isoladas, com média de vinte alunos em cada, para uma população que beirava sessenta mil pessoas. [24]

No currículo das escolas públicas a educação física era desprestigiada. Na maioria delas a disciplina sequer constava na grade curricular, os raros professores eram contratados como prestadores de serviços temporários e recebiam salários inferiores aos demais. As limitações do ensino brasileiro são, pois, outro fator que ajuda a entender o

[23] Cf. REIS FILHO, Casemiro. *A educação e a ilusão liberal*: origens da escola pública paulista. Campinas (SP): Autores Associados, 1995, p. 132; BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. Do vazio à reforma escolar moderna: a história da educação como um fardo na Cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 532.
[24] Cf. SPOSITO, Marília P. *O povo vai à escola*: a luta popular pela expansão do ensino em São Paulo. São Paulo: Loyola, 2002, p. 31.

relativo atraso do nosso esporte. Nos países platinos os índices de escolarização eram mais elevados e a assimilação do atletismo no ensino aconteceu antes. [25]

A inclusão da educação física nos cursos elementares de São Paulo foi uma iniciativa de escolas particulares sob a influência americana ou alemã. Na capital do estado a ginástica começou a ser ensinada em 1878, para crianças de ambos os sexos, pela missionária presbiteriana Phoebe Thomas que dirigia a *Escola Americana*, então localizada na esquina das ruas Ipiranga e São João. [26] Como disciplina regular ela apareceu no internato para meninos que os missionários protestantes inauguraram no morro da Consolação em 1885.

Fig. 4. Ao fundo se veem os prédios de tijolinhos aparentes do *Mackenzie College*, típicos da arquitetura escolar americana. Eles foram construídos em ampla chácara, no morro da Consolação. Ao lado deles o campo de futebol. Acervo do Mackenzie.

No interior da província os presbiterianos adotaram a ginástica no *Collegio Internacional*, instalado na cidade de Campinas desde 1873, o qual serviu de modelo para o *Collegio Culto à Sciencia* dirigido pela maçonaria local. [27] Em 1878 a *Gazeta de*

[25] CARDIM, Mario. A educação physica na Argentina e no Uruguay. *Annuario do ensino do Estado de São Paulo*, 1918, p. 186-211.
[26] NOVAES, Garcez B. *O Mackenzie*. São Paulo: Prebiteriana, 1970, p. 144; TANURI, Leonor M. A Escola Normal no Estado de São Paulo: de seus primórdios até 1930. In: REIS, Maria C. D. (org.). *Caetano de Campos*: fragmentos da história da instrução pública no Estado de São Paulo. São Paulo: Associação dos Ex-Alunos do IECC, 1994, p. 100.
[27] MORAES, C. S. V. (2006). *Op. cit.*, p. 59; BENCOSTTA, Marcus L. A. Educação escolar norte americana no Brasil do século XIX: trajetória histórica de um colégio protestante em São Paulo (1869-

Campinas noticiava que o clube atlético formado pelos secundaristas do *Culto à Sciencia* promoveu uma exibição pública com corridas a pé. Incluídos entre os competidores estavam os estudantes Plinio e Caio da Silva Prado, filhos mais velhos de Martinico. [28] A importância que os presbiterianos e maçons deram aos exercícios corporais e às atividades em espaços abertos se relaciona com a escolha dos locais em que essas escolas foram construídas, as três estavam situadas em chácaras suburbanas, com amplos ambientes abertos.

Os colégios presbiterianos recebiam estudantes brasileiros de qualquer fé religiosa e foram frequentados por filhos de fazendeiros católicos. Evidentemente, a Igreja Católica se preocupou com o avanço dos protestantes no seu tradicional campo de atuação. As escolas católicas procuravam modernizar seus métodos pedagógicos para satisfazer a clientela de elite. O caso do *Collegio de São Luís* da cidade de Itu mostra que desde 1879 os padres jesuítas importavam metodologias de escolas religiosas francesas, inglesas e alemãs [29]. Os jesuítas montaram laboratórios para o ensino das ciências naturais considerados avançados para a época e a educação corporal foi iniciada com os tradicionais exercícios da ginástica marcial e depois incluiu jogos recreativos com bolas. Sem dúvida as mudanças se faziam necessárias e urgentes, pois nas recordações de um dos seus mais ilustres ex-alunos, Antonio de Almeida Prado, naquela época o colégio jesuíta ainda educava "através de castigos físicos, da palmatória, do pavor do inferno, da coarctação da personalidade humana...". [30]

Em todo o Ocidente o ensino baseado em castigos físicos era substituído por métodos compreensivos e participativos. Na verdade, as preocupações do clero católico em reorientar a sua pedagogia não se devia tanto à concorrência dos protestantes, cuja força política era inexpressiva no Brasil. Os padres estavam mais atentos às reformas propostas pelos republicanos, maçons positivistas, que defendiam a implantação do ensino público, gratuito e leigo em todos os graus, conforme o modelo escolar americano. Assim propunha o plano elaborado no final do Império por um deputado

---

1892). In: *Memórias da educação*: Campinas (1850-1960). Campinas (SP): UNICAMP, 1999, p.145-168; CANTUÁRIA, Ana M. F. *A Escola Pública e a Competência Escolar*: O Caso do Colégio Culto à Ciência de Campinas. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas (SP): UNICAMP, 2000, p. 22-23, 35.

[28] *Gazeta de Campinas*, 18 ago. 1878, *apud* MORAES, C. S. V. (2006). *Op. cit*., p. 191.

[29] SANTOS NETO, José M. *Visão do jogo*: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naif, 2002, p. 13-25.

[30] Cf. PRADO, Antonio A. *Crônica de outrora*. São Paulo: Brasiliense, 1963, p. 36-37.

baiano, o maçom Rui Barbosa, para o município do Rio de Janeiro em 1882. [31] Na mesma direção seguiu o projeto apresentado pelo deputado provincial Francisco Rangel Pestana para a reforma do ensino paulista, aprovado em 1887. [32]

Rangel Pestana estava integrado – pelo casamento com a educadora Damiana Quirino dos Santos – ao grupo maçom dos líderes políticos campineiros que testavam as metodologias de ensino americanas. [33] A ideia da instrução pública gratuita tinha nítido conteúdo anticlerical. Ela visava laicizar o ensino para enfraquecer a pastoral católica na formação da juventude, uma das bases ideológicas do regime monárquico. As lojas maçônicas multiplicaram a formação de escolas de educação popular pelo interior do estado. [34] Desse modo, agiam para disputar a hegemonia cultural e política na província e no país. O movimento republicano soube usar a proliferação de templos e escolas protestantes para contrapor barreiras à influência dos católicos ultramontanos, para aproveitar as experiências pedagógicas modernizadoras dos pastores americanos, para defender a liberdade de culto e o ensino público leigo.

Esse não era um conflito restrito ao contexto político brasileiro, o movimento pela laicização do ensino teve início na Europa e a Igreja procurou reagir pela renovação das escolas católicas e organização de seminários que pudessem qualificar melhor os sacerdotes. [35] Missionários transitaram entre a Europa e países da América Latina para atualizar o ensino e ampliar a ação evangelizadora. Na passagem do século, sucessivos grupos de monges beneditinos, franciscanos, salesianos, jesuítas, carmelitas e maristas vieram da Europa para São Paulo. [36] Assim, a Igreja procurava romanizar as instituições eclesiásticas, revitalizar o catolicismo e resistir também ao avanço das ideologias cientificistas (darwinismo-social, materialismo-agnóstico, positivismo e spencerianismo) que proliferavam em meio às camadas mais cultas. O *Collegio Pio Latino Americano* mantido pela ordem de Jesus, em Roma, preparava padres-

[31] V. BARBOSA, Rui. Reforma do ensino secundário e superior, 1882. In: *Obras completas*. v. 9, t.1. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1942; _____. Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública, 1883. *ibidem*. v. 10, t.1-4, 1947.
[32] HILSDORF, Maria L. S. Francisco Rangel Pestana. In: FAVERO, Maria L. A. e BRITTO, J. M. (orgs.). *Dicionário de educadores no Brasil*: da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ: MEC, 2002, p. 388-398; _____. *Francisco Rangel Pestana*: o educador esquecido. Brasília: INEP, 1988, p. 73-76; REIS FILHO, C. (1995). *Op. cit*., p. 42-74; BONTEMPI JÚNIOR, B. (2004). *Op. cit*., p. 532.
[33] MORAES, C. S. V. (2006). *Op. cit*., p. 147-216.
[34] MORAES, Carmem S. V. A maçonaria republicana e a educação: um projeto para a conformação da cidadania (1867 a 1937). In: SOUZA, Cyntia P. (org.) *História da educação*: processos, práticas e saberes. São Paulo: Escrituras, 2003, p. 5-26.
[35] V. OZOUF, Mona. *L'École, l'Église et la Republique (1871-1914)*. 2ª. ed. Paris: Cana: Jean Offredo, 2007.
[36] WERNET, Augustin. Vida religiosa em São Paulo. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 218-221.

educadores sob a ortodoxia ultramontana para dirigir instituições de ensino em nosso continente. Os pedagogos jesuítas trouxeram jogos recreativos com bolas de lá para as escolas da ordem no Brasil.

Até o final do Império nenhuma mudança significativa havia sido implementada na estrutura da educação pública brasileira. Tão logo a monarquia caiu, a modernização do ensino paulista foi desencadeada sob as diretrizes traçadas por Rangel Pestana, quais sejam: ensino elementar obrigatório, escolas públicas gratuitas e leigas, seriação anual em três graus progressivos e formação de professores em escolas normais. O próprio Rangel Pestana compôs o triunvirato provisório que assumiu o poder em São Paulo logo após o golpe militar de 15 de Novembro. Ele tinha longa experiência como educador, havia lecionado em colégios que empregavam a metodologia intuitiva de Pestalozzi, entre os quais os de Campinas, o *Internacional* e o *Culto à Sciencia*. Para dirigir a reforma ele indicou um antigo colega de ensino, o médico Caetano de Campos, e contou com a orientação pedagógica do reverendo presbiteriano Horace Manley Lane, diretor da *Escola Americana*, este também um maçom.

A ginástica foi imediatamente adotada na *Escola Normal* que então funcionava num velho casarão localizado na rua da Boa Morte (atual rua do Carmo). Para os rapazes os exercícios militares e para as moças os calistênicos da educação física sueca. Poucos anos depois a *Escola Normal* foi transferida para um imponente e moderno edifício construído na praça da República. O novo prédio tinha dimensões monumentais e, simbolicamente, foi erguido no lugar antes cogitado para a nova catedral da cidade (o antigo largo dos Curros ou largo 7 de Abril). [37] Ao visitar a escola em 1900 o cronista Alfredo Pinto descreveu os apetrechos usados para a ginástica de metodologia francesa: "escadas de cordas, argolas, barra fixa, cordas lisas, dardos, alteres, bastão de pau e de ferro, espadas, floretes, estes últimos na parte destinada a exercícios de esgrima". [38]

Em 1893 a educação física foi oficializada nos currículos do ensino elementar do estado com pressupostos cívico-militares, ela serviria para enrijecer corpos, oferecer formação moral e enaltecer valores pátrios. [39] A arquitetura dos novos edifícios escolares incorporou a orientação conservadora, eles contavam com áreas cimentadas

---

[37] REIS, Maria C. D. (1994). *Op. cit., passim*. REIS, Nestor G. *São Paulo*: vila, cidade, metrópole. São Paulo: PMSP, 2004, p. 150-151; MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da Praça*: o lado noturno das luzes. Campinas (SP): Unicamp, 1999, p. 184-200.

[38] Cf. PINTO, Alfredo M. *A cidade de São Paulo em 1900*. 2ª. ed. facsimilada. São Paulo: Governo do Estado, 1979, p. 117.

[39] V. REIS FILHO, C. (1995). *Op. cit*., *passim*; SOUZA, Rosa F. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. *Cadernos Cedes*, 20 (52): 104-121, 2000.

para exercícios, marchas e recreação, mas não com quadras, equipamentos para jogos e vestiários. [40] As construções escolares ocuparam pontos de maior visibilidade, nos bairros populosos, para materializar a nova ordem política. Localizações que não combinavam bem com as atividades lúdicas em contato com a "natureza", como pregava a pedagogia romântica. Os jogos eram considerados apropriados apenas para os estudantes de escolas particulares.

Fig. 5. O pórtico de exercícios, instalação típica da metodologia amorosiana, no ginásio da *Escola Modelo Caetano de Campos*, 1908. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

O arquiteto Ramos de Azevedo – de família campineira, maçom da *Loja Independência* e ligado por múltiplos laços de parentescos ao mesmo círculo social de poder referido antes – projetou os edifícios-modelos da *Escola Normal* (1890) e dos "grupos escolares" da Luz (1893), do Brás (1895) e vários outros nos anos seguintes. Os grupos escolares representavam a pedra angular da reforma e alguns deles foram instalados em edifícios majestosos para a época. [41] A adoção do método de ensino simultâneo – pelo qual um professor ministra itens de conteúdos perante classes numerosas, homogeneizadas pela faixa etária e pelo grau de conhecimento – permitiu

[40] SOUZA, R. F. (1998). *Op. cit.*, p. 122-155.
[41] V. WOLFF, Silvia F. S. *Escolas para a República*: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas. São Paulo: EDUSP, 2010; CORRÊA, Maria E. P. *et. al. Arquitetura escolar paulista, 1890-1920*. São Paulo: FDE, 1991.

agrupar num mesmo edifício os alunos que antes estudavam em pequenas unidades escolares de um único professor. Assim, entre quatro e dez das antigas escolas eram reunidas em cada zona urbana e a doutrina disciplinar padrão foi massificada pelo efeito multiplicador dessa centralização. [42]

Fig. 6. O *Grupo Escolar do Brás*, projetado por Ramos de Azevedo em 1895.

Os maiores grupos escolares, como o do Brás, comportavam até oitocentos alunos. Em grandes instalações, com poucos professores e muitos alunos, o ensino podia ser espetacularizado. O governo estadual não poupou dinheiro nos primeiros anos da República, pelo menos enquanto as exportações de café rendiam bem, pois nos discursos dos novos governantes a educação seria a mola propulsora do país. Até o ano de 1900 dez grupos escolares tinham sido criados na capital paulista e outra dezena deles em cidades do interior. A ideologia republicana apostava na capacidade da instrução para colocar a sociedade recém-saída da escravidão na trilha do progresso positivo.

Certamente os desafios foram subestimados. Embora do ponto de vista qualitativo as mudanças tenham sido extraordinárias, a prometida democratização do ensino ficou nas aparências. [43] Os recursos escassearam com a crise do café e o ímpeto inicial na rede de grupos escolares não acompanhou a demanda da população, cujo crescimento continuou impulsionado pelo afluxo de imigrantes. Decorridas as três primeiras décadas

[42] MARCÍLIO, Maria L. *História da escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005, p. 165-169; BONTEMPI JÚNIOR, B. (2004). *Op. cit.*, p. 536-539; HILSDORF, M. L. S. (2007). *Op. cit.*, p. 66.

[43] CARVALHO, Marta M. C. *A escola e a República e outros ensaios*. Bragança (SP): EDUSF, 2003, p. 13-33 e 69-75.

da República, o índice das crianças entre sete e quatorze anos de idade que não frequentavam escolas no estado de São Paulo estava em 51%. [44] A orientação conservadora limitou a força mobilizadora da educação. A obrigatoriedade do ensino foi estabelecida apenas para o nível elementar, que deveria cumprir o papel social de alfabetizar e disciplinar as camadas trabalhadoras. Ler e escrever, contar e calcular seriam as habilidades suficientes. A participação popular ficaria limitada ao direito de voto, se tanto, pois o exercício da política partidária cabia aos membros dos tradicionais grupos dirigentes. A simples elevação da taxa de alfabetização da população paulista significava, na prática, maior número de eleitores e a consequente ampliação do peso político da oligarquia regional nos quadros da federação. [45]

A escola secundária (ginasial e média) continuou opcional e elitizada. Ela deveria preparar uma parte pequena dos alunos para o ensino superior. Era um funil bem estreitado para selecionar os que seguiriam adiante e comporiam as novas gerações da camada dirigente. Uma única escola secundária foi criada pelo governo na cidade de São Paulo, o *Gymnasio do Estado* (1894) e outras duas em cidades do interior, Campinas (1895) e Ribeirão Preto (1906). Nelas o ensino era gratuito, mas só ínfima parcela de estudantes das classes médias e mesmo ricas, conseguia acesso. Os rígidos exames de admissão e as expulsões por motivos de reprovação e de disciplina funcionaram como barreiras de exclusão. [46] Parte do vazio deixado pelo Estado no secundário foi preenchido por escolas particulares, católicas, luteranas e laicas, de pensamento conservador, mas com metodologias suficientemente renovadas para atrair clientelas com posses. [47]

A bola rola dentro e fora das escolas

Nas primeiras décadas do século XX as ginásticas de metodologias francesa, alemã ou sueca prevaleceram no ensino público. Entre os positivistas aparecia a ideia de expandir as atividades físicas extramuros. Por exemplo, em 1905 o capitão Domingos

---

[44] Cf. THOMPSON, Oscar. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior. In: DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA. *Annuario do ensino do Estado de São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado, 1918, p. 7 e 9.

[45] LOVE, Joseph. Autonomia e interdependência: São Paulo e a Federação Brasileira, 1889-1937. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. v. 8, 4ª. ed. São Paulo: Difel, 1985 p. 55-56.

[46] V. NADAI, Elza. *O Ginásio do Estado em São Paulo*: uma preocupação republicana (1889-1896). São Paulo: FEUSP, 1987, p. 111-121; HILSDORF, Maria L. S. *História da educação brasileira*: leituras. São Paulo: Thomson Learning, 2007, p. 60-63; REIS FILHO, C. (1995). *Op. cit*., p. 173-214; BONTEMPI JÚNIOR, B. (2004). *Op. cit*., p. 538-541; MARCÍLIO, M. L. (2005). *Op. cit*., p. 137-158.

[47] MARCÍLIO, M. L. (2005). *Op. cit*., p. 221-233.

Nascimento publicou um livro para uso didático nas escolas paranaenses onde recomendava a prática diária da natação, do tiro, da esgrima, da equitação e da ginástica doméstica. [48] Ele vislumbrava a vida cotidiana como extensão da instrução pública, com exercícios brandos para o dia a dia das famílias, pois assim os jovens seriam preparados de modo mais abrangente na vida cívica. Talvez fosse a opinião isolada de um militar jacobino, mas é certo que propostas de mobilização civil circularam nos órgãos responsáveis pelo ensino público e no jornalismo, principalmente após os humilhantes revezes sofridos pelas tropas que atacaram os rebeldes de Canudos, em 1897.

Até o final do século anterior os jogos competitivos de origem inglesa vinham sendo adotados em poucos internatos particulares, sob a orientação de missionários e professores estrangeiros. As correrias, os corpos sujos e as explosões de emoção dependiam de boas áreas livres, de tempo extracurricular e de banhos. Entendia-se que os jogos seriam mais apropriados para as escolas que dispunham de vestiários e de amplos espaços abertos para ocupar o tempo de lazer dos internos. No *Collegio de São Luís* da cidade de Itu o padre-reitor Luiz Yabar Arteta introduziu as regras do futebol em 1894. [49] O padre Yabar era nascido em Cuzco, Peru, foi educado desde criança no *Collegio Pio Latino Americano* de Roma e depois no seminário jesuíta de Chateau-des-Alleux, em Laval, França. Ele conhecia a pedagogia dos jogos coletivos que então se disseminava pela Europa. Luiz Yabar foi um dos tantos padres-educadores de linha ultramontana que a ordem enviou aos países latino-americanos com objetivo de implantar ou atualizar suas escolas. Foi ele também que introduziu o futebol no *Collegio Anchieta* de Nova Friburgo (RJ). Na mesma época, jesuítas alemães implantaram jogos com bola em escolas do sul do país. [50]

Na *Escola Americana* de São Paulo o missionário presbiteriano Augustus Farnham Shaw adotou os jogos com bola a partir de 1896. [51] Shaw nasceu em Clayville, no estado de Nova Iorque, e se formou em Artes pela *Yale University*. Era um jovem educador, praticante de esportes, que envolveu alunos e companheiros de religião nos jogos atléticos. Entre eles estava seu cunhado, René Vanorden, líder das equipes de futebol. Augustus Shaw trouxe para a chácara de Higienópolis, no morro da

[48] NASCIMENTO, Domingos. *O homem forte*: gimnastica doméstica, natação, esgrima e tiro ao alvo. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1905. V. tb. LORENZETTI, Fernanda L. *Terra de lírios bravos e homens fortes*: notas acerca das atribuições de identidade ao Paraná por Domingos Nascimento (1895-1914). Dissertação (Mestrado em História). Dourados: UFGD, 2009, p. 133-154.
[49] SANTOS NETO, J. M. (2002). *Op. cit*., p. 22-23.
[50] TESCHE, Leomar. *O turnen, a educação e a educação física nas escolas do Rio Grande do Sul:* 1852-1940. Ijuí (RS): Unijuí, 2002, p. 164 e 170.
[51] FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 17; MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 20.

Consolação, o recém inventado basquetebol, o rúgbi e, pouco tempo depois, o futebol. Em 1898 o grupo formou a *Associação Athletica* que reunia estudantes da *Escola Americana* e do *Mackenzie College*. Há registros imprecisos de que outros dois colégios fundados em São Paulo na passagem do século por professores ingleses, o *Gymnasio Anglo-Brazilian School* e o *Hydecroft College* (este transferido mais tarde para Jundiaí), estiveram também entre os pioneiros na prática do futebol escolar. [52] É até possível que os jogos tenham aparecido simultaneamente em outras escolas estrangeiras, mas não se encontram referências sobre torneios interescolares anteriores a 1902.

Fig. 7. Time de basquetebol da *Escola Americana*, em 1899. Todos os rapazes que aparecem na foto se tornaram jogadores de futebol mais tarde. Acervo do Mackenzie.

As primeiras experiências de jogos em colégios particulares foram cruzadas imediatamente com a formação de clubes sociais esportivos, nos anos que antecedem à espetacularização do futebol, portanto não configuram fases separadas no tempo. No início de 1899 a chácara Dulley, antigo campo do SPAC no bairro paulistano do Bom Retiro, virou ponto de encontro dos ainda poucos futebolistas da cidade, eram principalmente imigrantes alemães, ingleses e filhos de estrangeiros. [53] Em certos casos

[52] Cf. CARDIM, Mario. *Guia de football*. 4ª. ed. São Paulo: Cardoso, 1906, p. 116.
[53] MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 21-22.

traziam experiências de seus países de origem, como o alemão Hans Nobiling que jogara no *Sport Club Germania* de Hamburgo. Alguns eram ex-alunos do *Collegio de São Luis* onde provavelmente conheceram o jogo, como Arthur Ravache e Otto Behmer. [54] Outros vinham da *Escola Americana*, como o professor Augustus Shaw e os seus cunhados René e Henrique Vanorden, filhos do reverendo holandês Emmanuel Vanorden. A prática por diversão atraiu para a chácara ex-alunos do *Mackenzie College* e logo foram incluídos também graduandos do curso de engenharia. Eram ainda tão raros os interessados no jogo que Hans Nobiling demorou vários meses para completar o seu time. [55]

Fig. 8. O time de Hans Nobiling, desfalcado de dois jogadores, e dos engravatados estudantes do Mackenzie liderados por Augustus Shaw, na chácara Dulley, em 1899. Acervo do Instituto Martius-Staden.

No dia 25 de março de 1899 os alunos do *Mackenzie*, a maioria deles brasileiros, fizeram o primeiro jogo no campo da escola contra a equipe capitaneada por Nobiling, com dois jogadores a menos, por falta de candidatos. Em 29 de junho de 1899 o encontro foi entre o time de alemães e os ingleses do SPAC, no campo recém-aplainado na Consolação. Pela primeira vez havia alguma assistência: cinquenta pessoas, segundo recordou Nobiling. [56] Foram esses os jogos iniciais de uma longa sucessão, com

[54] SANTOS NETO, J. M. (2002). *Op. cit*., p. 24.
[55] V. NOBILING, Hans. Primórdios e dados históricos da implantação do futebol em São Paulo. *Instituto Martius Staden*, Pasta GIVfN19/137 (datilografado), s. d, p. 3.
[56] Idem, p. 5. Existem pequenas divergências entre as informações registradas nas memórias de Hans Nobiling e aquelas reproduzidas por Thomaz Mazzoni e pelos autores seguiram o jornalista. V.

jogadores de diferentes nacionalidades, pois antes disso as disputas aconteciam somente entre os associados anglo-brasileiros do SPAC.

Em agosto do mesmo ano, vinte e quatro desses esportistas se reuniram para formar um novo clube. O já citado *Sport Club Internacional* (SCI) foi fundado com a proposta de integrar sócios de diversas nacionalidades, como deixa claro no nome escolhido para a agremiação. Três dos alemães presentes na reunião não concordaram com a ideia da identidade pluralista e no mês seguinte fundaram o *Sport Club Germânia* (SCG), liderado por Hans Nobiling. [57]

Dessa maneira o futebol escolar se entrelaçou com a organização de dois clubes atléticos. [58] Pelos seus estatutos o SCG tinha como objetivo "promover os esportes de todas as modalidades", bem como fazer reuniões sociais e organizar excursões. [59] O fato de escolherem a forma "*sport club*" ao invés de "*turnverein*" (sociedade de ginástica) mostra que a preferência pelos esportes ingleses já predominava em pequenos grupos estrangeiros, mesmo entre alemães. O conceito de *club* pressupunha uma organização mais igualitária e a participação espontânea em jogos, oposta às estruturas hierarquizadas e aos exercícios sob comando praticados pelas sociedades de ginastas alemães que existiam na cidade. [60]

Com começos tão modestos essas agremiações esportivas estariam entre outras tantas formas de organizações culturais constituídas espontaneamente por imigrantes naquela época. Os esportes não contavam com favores do Estado, mas o SCI recebeu o apoio imediato e decisivo de um rico mecenas, o fazendeiro Antonio de Souza Queiroz, que influiu nos destinos do clube e mesmo nas práticas esportivas da cidade. Exemplos de patronagem nos esportes não eram excepcionais, sociedades de ginásticas e clubes de ciclismo recebiam contribuições financeiras de membros da elite. Um parente de

---

MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 22-23. Preferi citar os dados originais de Nobiling, pois além de testemunha pessoal, ele afirmou se basear num "copiador de cartas" que mantinha em arquivo.

[57] V. NOBILING, H. (s. d.). *Op. cit.*, p. 5-6; FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 20-23; MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 21-24; NICOLINI, H. (2001). *Op. cit.*, p. 132-133 e 263-264; MILLS, John. *Charles Miller*: o pai do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2005, p. 88-89.

[58] *25 Jahre Sport Club Germânia, 1899-1924.* São Paulo: SCG, 1924, p. 7-8; QUITZAU, Evelise A. e SOARES, Carmen L. A força da juventude garante o futuro de um povo: a educação do corpo no Sport Club Germânia (1899-1938). *Movimento*, 16 (3): 89-108, 2010; SOARES, C. L. (2009). *Op. cit.*, p. 166-168; NICOLINI, H. (2001). *Op. cit.*, p. 265.

[59] Cf. SPORT CLUB GERMANIA, *Estatutos*, 10 de dezembro de 1904.

[60] V. VIGARELLO, G e HOLT, R. (2008). *Op. cit.*, p. 471-473; NICOLINI, H. (2001). *Op. cit.*, p. 329-340.

Antonio Queiroz, o fazendeiro Bento Xavier Paes de Barros, apoiava na mesma época uma das associações de ginástica alemã, a *Deutscher Turnverein*. [61]

A parentela dos Souza Queiroz tinha vínculos tradicionais com a cultura germânica. O pai de Antonio, o Barão de Souza Queiroz, e seu avô, o senador Vergueiro, foram os primeiros cafeicultores a introduzir colonos de língua alemã nas suas lavouras e grandes incentivadores dessa corrente imigratória. [62] Os rapazes da família eram educados em escolas da Alemanha. Na sua juventude, Antonio Queiroz fez estudos secundários em Hamburgo, depois se formou engenheiro em Zurique e trabalhou vários anos na construção de uma estrada de ferro no Tirol. [63] Quando apoiou a organização do SCI ele estava em idade madura, tinha 55 anos, mas dois dos seus jovens filhos, Antony e Edmur, eram esgrimistas e futebolistas, eles fizeram parte da direção do clube e da *Liga Paulista de Football* (LPF). O SCI logo se tornou o principal clube esportivo da cidade, outros filhos de fazendeiros se associaram. Antonio Queiroz instalou a sede na antiga residência da família, na esquina das ruas José Bonifácio e São Bento. Era um amplo sobrado no centro da cidade, construído em 1818 pelo patriarca dos Souza Queiroz, o brigadeiro Luiz Antonio. [64] O jornalista Antonio Figueiredo se referiu em memórias às instalações do clube:

> O edifício tinha vastas dependências – sala de leitura, sala de jogos, sala de esgrima, terraço para ginástica, barra-fixa, lançamento de dardos, etc. Foi ali que se aconchegaram os *sportsmen*; foi ali fundada a Liga Paulista, de saudosa memória. Foi ali que se fundou (permitam a expressão) o *foot-ball* em S. Paulo. Mas o *foot-ball* não era o atrativo primordial dos associados. A esgrima, por exemplo, levava todas as noites, para a sede, muitos moços. [65]

Mestres alemães ensinaram a ginástica e esgrimistas italianos deram aulas de florete e sabre no SCI. Em 1902 o velho casarão sediou o primeiro campeonato "brasileiro" de esgrima, com atletas vindos do Rio e de Santos. [66] Os treinamentos de futebol que inicialmente aconteceram na chácara Dulley foram transferidos um campo aplainado na rua da Consolação, próximo ao Cemitério. O prestígio político e a capacidade financeira da família facilitam entender porque o SCI, fundado singelamente

---

[61] NICOLINI, H. (2001). *Op. cit.*, p. 332.
[62] QUEIROZ, Luiz R. S. e FAGUNDES JÚNIOR, Carlos E. U. *Álbum de família*: Souza Queiroz. São Paulo: ABSQPIJ, 2007, p. 30-37; LEFÈVRE, José E. A. *De beco à avenida*: a história da Rua São Luiz. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 22-24.
[63] Cf. *O Estado de São Paulo*, 6 out. 1920, p. 4.
[64] V. CAMPOS, Eudes. São Paulo: desenvolvimento urbano e arquitetura sob o Império. In: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo*. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 194-196.
[65] Cf. FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 21.
[66] *O Estado de São Paulo*, 4 mai. 1902, p. 2; 9 mai. 1902, p. 2.

no final de 1899 por um punhado de imigrantes e brasileiros de classe média, logo foi capaz de organizar espetáculos beneficentes de ginástica e jogos no Velódromo Paulista. Em diferentes ocasiões, entre 1900 e 1901, ele conseguiu reunir nas arquibancadas a cúpula do governo estadual e as mais ricas famílias da elite paulistana. [67]

O SCI uniu a tradição alemã das exibições gímnicas com a prática de jogos ingleses e passou a divulgar as atividades físicas ao ar livre. Seus objetivos eram "a instrução e propaganda de todos os jogos e exercícios tais como: *football*, pedestrianismo, *cricket*, *lawn tennis*, *rowing*, ciclismo, ginástica, esgrima, natação etc., etc.". [68] O clube deu início a uma espécie de mobilização cívico-educativa a favor dos esportes, costumeira na cultura alemã. Poucos dias após à data de fundação, o seu time de futebol desafiou os estudantes da *Associação Ahtletica Mackenzie College* (AAMC) para uma série de partidas. [69] No ano seguinte fizeram jogos de confraternização com os antigos dissidentes: o time de alemães do SCG. [70] Partiu também da diretoria do SCI, principalmente de Antonio Casimiro da Costa, a iniciativa de fundar a LPF no final de 1901, cuja sede funcionou durante muitos anos no mesmo velho sobrado dos Souza Queiroz.

Diante da crise que as corridas de bicicleta disputadas em páreos enfrentavam naquele momento, as oportunidades para espetáculos de ginástica e jogos atléticos estavam abertas. Na época em que o CAP foi fundado, Antonio Queiroz chegou a propor ao conselheiro Prado o arrendamento do Velódromo Paulista para uso do SCI. Os dois se conheciam muito bem, eram sócios controladores do *Banco do Comércio e Indústria* havia mais de uma década. Mas Renato Miranda intercedeu e o conselheiro concordou em alugar o estádio para o CAP, clube que os rapazes Silva Prado e seus amigos campineiros preferiram formar naquele momento, sem a participação de imigrantes. [71] Nos anos seguintes a atuação do novo clube, privilegiado pelo espaço no qual se instalou, teria forte influência na propaganda dos esportes, em especial a do futebol.

---

[67] *Correio Paulistano*, 3 jun. 1900, p. 2; 4 jun. 1900, p. 2; 8 ago. 1900, p. 2; *O Estado de São Paulo*, 2 jan. 1901, p. 2. V. tb. MARINHO, Inezil P. *História da educação física e dos desportos no Brasil*. v. 2. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 28.
[68] Cf. *O Estado de São Paulo*, 20 ago. 1902, p. 2.
[69] *Correio Paulistano*, 7 set. 1899, p. 2; *O Estado de São Paulo*, 14 jul. 1899, p. 3.
[70] *Correio Paulistano*, 3 jun. 1900, p. 2; 10 jun. 1900, p. 2.
[71] V. *Resumo histórico...* (1918). *Op. cit.*, p. 6.

À procura da identidade paulista

O interesse das elites dirigentes pelos jogos atléticos cresceu na passagem do século. Ao se levar em consideração o cenário urbano da época não é difícil encontrar motivos para tal disposição. A cidade de São Paulo havia sofrido um crescimento extraordinário na primeira década republicana: aumentou de 65 mil habitantes, em 1890, para cerca de 240 mil, em 1900 (+269%). A população era predominantemente estrangeira, no censo municipal de 1893 os imigrantes somaram perto de 55% do total de habitantes. No recenseamento de 1920 esse índice ficou em 35%, portanto se manteve bastante elevado ao longo de todo o período aqui estudado. [72] Ao se ponderar que nas contagens de população grande parte dos filhos de imigrantes era registrada como brasileira nata, mas que vivia integrada às mesmas comunidades de culturas exógenas dos seus pais, pode-se ter uma ideia mais aproximada da "estrangeirização" pela qual a cidade passou desde o final do Império.

Era disso que se queixava, por exemplo, o inspetor geral do ensino, João Lourenço Rodrigues, em 1908, quando identificou cerca de cem escolas elementares particulares na cidade onde a língua oficial não era o português. Em 63 delas se falava apenas o italiano e o ensino era subsidiado pelo governo daquele país. Chamadas por ele de "escolas perniciosas", eram pequenas instituições isoladas, frequentadas ao todo por mais de seis mil crianças de famílias imigrantes que assim desejam preservar seus valores de origem ou que simplesmente não encontravam vagas nas escolas públicas, como admitia o inspetor. [73] As numerosas e heterogêneas levas de desenraizados que chegavam para se fixar na cidade procuravam criar laços de sociabilidade e de proteção mútua na terra adotada. Agrupavam-se em organizações político-culturais de diversos gêneros: de teatro, música e dança; sindicatos e montepios; religiosas, literárias, carnavalescas e esportivas. [74] São Paulo se tornara uma cidade de múltiplas identidades.

---

[72] V. SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional, 1977, p. 58; HALL, Michael. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. v. 3, p. 121-151; TOLEDO, Roberto P. *A capital da solidão*: uma história de São Paulo das origens a 1900. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 475-480; MARCÍLIO, M. L. (2005). *Op. cit*., p. 93-99.

[73] Cf. SÃO PAULO (Estado). *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Secretário dos Negócios do Interior pelo Prof. João Lourenço Rodrigues, Inspector Geral do Ensino, 1907-1908*. São Paulo: Secretaria do Interior, 1908, p. 43-47 e 397.

[74] A diversidade de instituições da cultura popular organizadas nessa época, principalmente por imigrantes, pode ser conferida em: ELAZARI, Judith M. *Lazer e vida urbana*: São Paulo, 1850-1910. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: FFCLH-USP, 1979; RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula (org.) *História*

Poucas delas estavam ligadas às tradições locais e as escolas públicas não davam conta de abrasileirar as novas gerações. A situação persistia em 1918, embora em menor escala, pois a rede pública fora expandida, dos 28 mil alunos que frequentavam os grupos escolares da capital 64% eram filhos de estrangeiros, mas outros milhares estudavam em escolas das suas comunidades ou estavam sem acesso ao ensino. [75]

As antigas famílias de fazendeiros experimentaram uma situação inusitada. Ao mesmo tempo em que conquistaram a hegemonia política e econômica do país e adotaram costumes afrancesados, poderiam se sentir como estranhos na própria terra. Em tempos não muito distantes, durante o Império, as gerações precedentes da elite paulista viviam seguras ao lado da pobreza nas áreas centrais da cidade, apesar da violência entranhada na sociedade escravista. Os escravos não podiam dispor de tempo e escolher as formas de diversão a seu critério, dependiam do beneplácito senhorial. Pelo menos até 1870, as distinções sociais dadas pelo nascimento e fortuna, eram nítidas o suficiente para oferecer aos ricos a sensação de estabilidade. [76] Entretanto, com a rápida expansão do trabalho livre e o final da escravidão, os espaços urbanos foram ocupados por populações desiguais, com culturas estranhas e movediças. Fora dos rígidos horários de trabalho, longe do controle patronal, todos ocupavam o tempo livre por opções da vontade própria.

Já no ano de 1891, Maria Catharina manifestava em carta dirigida ao seu filho mais velho, Paulo da Silva Prado, um desconforto com as novas condições de vida na cidade: "não podes imaginar como está diferente São Paulo, falta tudo, fala-se muito em voltarmos à Europa em setembro de 92 e espero em Deus que isso se realize". [77] A criminalidade e as agitações trabalhistas preocuparam cada vez mais as classes dominantes. [78] Com o desaparecimento da ordem escravista a convivência nas ruas precisava ser disciplinada de outras maneiras.

---

da Cidade de São Paulo. São Paulo: Paz e Terra, 2004, v.3, p. 387-435; MORAES, José G. V. *Sonoridades paulistanas*: final do século XIX ao início do século XX. Rio de Janeiro: Funarte: Bienal, 1997; CARNEIRO, Maria L. T. e FRANZINA, Emilio (orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração*: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX). São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2010; TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico*: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989; LUCA, Tânia R. *O sonho do futuro assegurado*: o mutualismo em São Paulo. São Paulo: Contexto, 1990; NICOLINI, H. (2001). *Op. cit*.

[75] Cf. THOMPSON, O. (1918). *Op. cit*., p. 10 e 12.

[76] CAMPOS, Alzira L. A. População e sociedade em São Paulo no século XIX. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 55.

[77] *Apud* LEVI, Darrell E. (1977). *Op. cit*., p. 105.

[78] V. FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. São Paulo: Difel, 1976; _____. *Crime e cotidiano*: a criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo: Brasiliense, 1984; SIMÃO, Azis. *Sindicato e estado*: suas relações na formação do proletariado de São Paulo. São Paulo: Dominus,

Como prefeito da capital e empresário, o conselheiro Antonio Prado conheceu bem de perto a força das recém-criadas organizações sindicais quanto enfrentou a greve eclodida em maio de 1906 numa das várias empresas que ele dirigia: a *Companhia Paulista de Estadas de Ferro*. [79] O movimento iniciado em Jundiaí logo contou com a solidariedade dos ferroviários da *Companhia Mogiana* e operários de certos setores da indústria e comércio.

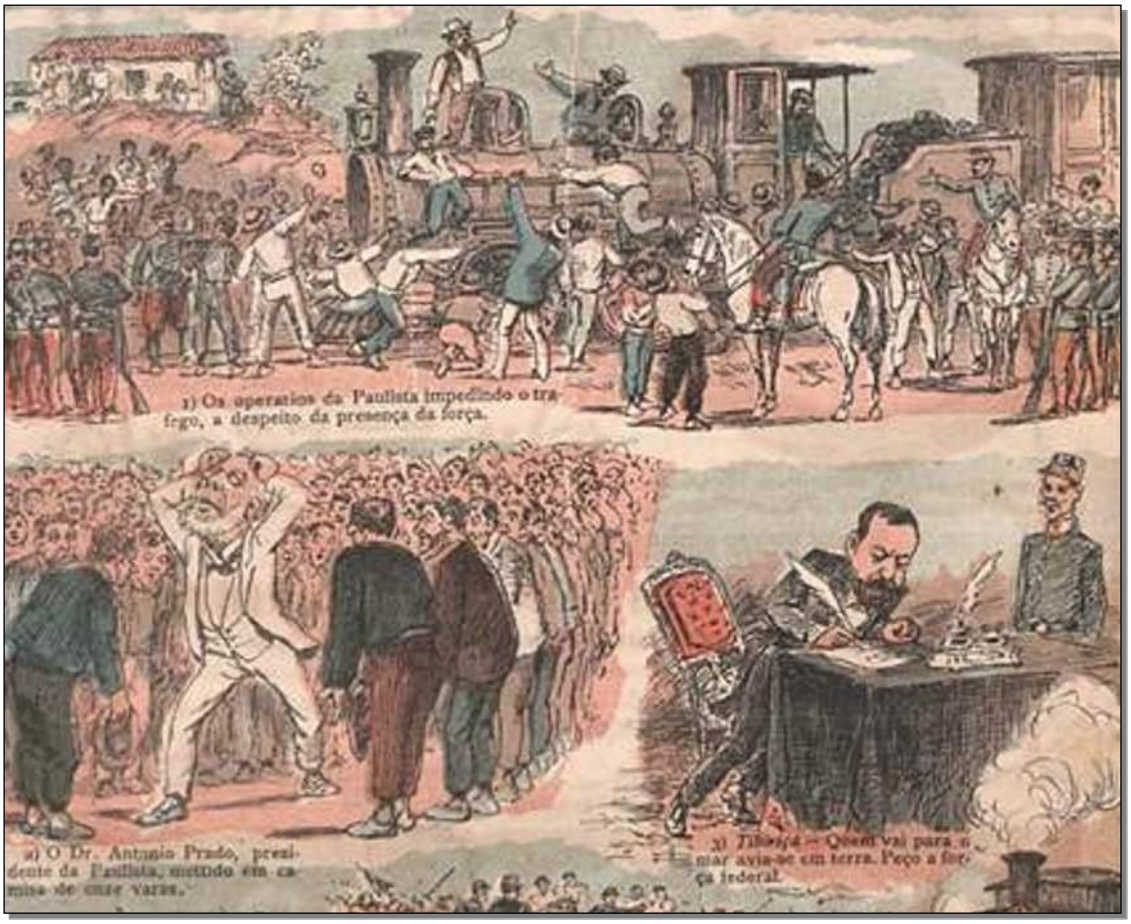


Fig. 9. *O Malho*, em maio de 1906, narrou o desespero do prefeito Antonio Prado e do presidente do estado, Jorge Tibiriçá Piratininga, diante da greve iniciada na *Companhia Paulista*.

Por atingir o principal meio de transporte da época, a paralisação se alastrou de imediato para Rio Claro, Campinas e São Paulo. Antonio Prado foi pressionado por outros empresários, alguns deles italianos, a resolver rapidamente o conflito. A tensão foi tamanha que o conselheiro lamentou não poder acompanhar o enterro do seu irmão,

---

1966; QUEIROZ, Suely R. R. Política e poder público na Cidade de São Paulo: 1889-1954. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 15-51; TOLEDO, R. P. (2003). *Op. cit*., p. 480-486.

[79] V. BEIGUELMAN, Paula. *Os companheiros de São Paulo*. São Paulo: Símbolo, 1987, p. 34-41; MARAM, Sheldon L. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 34-35; FAUSTO, Boris (1976). *Op. cit*., p. 135-146; SIMÃO, Azis (1966). *Op. cit*., p. 106.

Martinico Prado, falecido no dia 24 daquele mês. A repressão policial desencadeada pelo recém-empossado secretário da justiça, Washington Luis, foi violenta e os grevistas voltaram ao trabalho depois de duas semanas, sem nada conquistar.

Os momentos de confronto, como na greve de 1906, expunham outro pólo de convivência incômoda: os grupos ascendentes compostos por empresários imigrantes. Sobrenomes estrangeiros como Matarazzo, Gamba, Scarpa, Crespi, Puglisi Carbone, Siciliano, Falchi, Zerrenner, Bülow, Klabin, Jafet e vários outros, estavam entre os empreendedores urbanos mais ousados. [80] Não poderiam ser ignorados, eles atuavam em ramos inovadores e dinâmicos da economia.

O próprio conselheiro Prado se associou a um desses imigrantes bem sucedidos, mas de origem humilde: Alessandro (Alexandre) Siciliano. Nascido na Itália, Siciliano chegou ao Brasil com apenas nove anos de idade acompanhando um cunhado. Ganhou experiência no comércio, acumulou fortuna após criar aperfeiçoamentos mecânicos para o beneficiamento do café e se casou com uma moça da elite fazendeira de Campinas, Laura Augusta de Mello Coelho. Com o apoio financeiro da família Silva Prado e de outros cafeicultores, ele fundou a *Companhia Mechanica Importadora* que vendia equipamentos de fabricação própria e importados para a lavoura. [81] Mais tarde, em 1910, Siciliano constituiu outra sociedade com o conselheiro para investir na modernização do comércio de carnes, o mais antigo ramo de negócios dos Silva Prado. Eles importaram tecnologia americana e francesa para construir a *Companhia Frigorífica e Pastoril de Barretos*, cujos produtos eram trazidos do extremo norte do estado até a capital paulista pelos vagões-frigoríficos da *Companhia Paulista* e abasteciam o mercado regional ou entravam no circuito do comércio exterior. [82]

Mesmo na lavoura de exportação a presença de proprietários estrangeiros se fez sentir. Os Silva Prado continuavam sendo, em conjunto, os principais cafeicultores do país, pois concentravam toda a produção da parentela na maior casa exportadora da época, a *Prado, Chaves & Cia*. [83] Mas no início do século XX já aparecia, aqui ou acolá, um fazendeiro imigrante a reivindicar o título de "rei do café", proclamando-se dono

---

[80] V. MARTINS, José S. *Conde Matarazzo*: o empresário e a empresa. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1976; DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. 3ª. ed. São Paulo: Difel, s.d., p. 57-88; TEIXEIRA, Palmira P. Empreendedores na Cidade de São Paulo: dos primórdios aos grandes empresários. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 310-217; TRENTO, A. (1989). *Op. cit.*, p. 139-155.
[81] DEAN, W. (s.d.). *Op. cit*., p. 82-84; TRENTO, A. (1989). *Op. cit*., p. 145.
[82] LEVI, D. E. (1977). *Op. cit*., p. 257-258.
[83] V. SOUSA, Pedro L. P. *Meus cinquenta anos na Companhia Prado Chaves*. São Paulo: Gráfica Revista dos Tribunais, 1950, *passim*; LEVI, D. E. (1977). *Op. cit*., p. 254-257.

individual do maior número de pés plantados. Foi o caso do alemão Frans (Francisco) Schmidt, de Ribeirão Preto, originário de uma modesta família de colonos trazida da Europa pelo senador Vergueiro. A produção de café era a simbólica porta de entrada para quem sonhasse em fazer parte da elite regional. O empresariado "novo rico" de origem estrangeira, rural e urbano, estava alijado da máquina pública do país, a qual permaneceria sob o controle das antigas oligarquias até 1930. [84] Mas os "*parvenu*" conquistavam parcelas crescentes do poder econômico e, sem dúvida, passaram a influenciar as decisões políticas também.

Há que se incluir entre as novas facções das classes dominantes aqueles que chegavam a São Paulo a partir de outros estados da federação. [85] Nas fronteiras da cafeicultura, pelo norte do território paulista, penetraram famílias poderosas de pecuaristas e lavradores como os Junqueira, Arantes e Dumont. Fazendeiros mineiros e fluminenses que conquistaram forte influência política no interior e souberam projetá-la sobre o governo centralizado na capital. [86] Outro modo de entrada era a dos homens pertencentes às famílias em posições destacadas no cenário da federação que contraíam matrimônio com paulistas ricas. Nesse caso as alianças de sangue eram convenientes para os dois lados. Já foram citados exemplos desse tipo entre os amigos da família Prado: o cearense Domingos Jaguaribe e o baiano Sampaio Vianna, ambos foram presidentes do antigo *Veloce Club Olympico* e o segundo foi diretor do CAP também.

Na capital paulista persistia a antiga tradição dos estudantes de direito, forasteiros alojados provisoriamente em "repúblicas" de jovens, que se casavam com irmãs, primas ou cunhadas de colegas paulistas. [87] Um deles deve ser lembrado aqui pela importância que teve para os esportes: Washington Luis Pereira de Sousa. Ele se casou com Sophia de Oliveira Paes de Barros, cunhada do seu ex-colega de faculdade e primo, o *veloceman* Everardo Vallim Pereira de Sousa. [88] Ambos vinham da antiga parentela dos Vallim, do Vale do Paraíba. O fluminense Washington Luis – apelidado de "paulista de Macaé" – galgou carreira política meteórica com base em São Paulo e sempre procurou

[84] V. LOVE, J. (1982). *Op. cit.*, p. 215-241.
[85] MARTINS, José S. O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 179-200.
[86] PRADO, A. A. (1963). *Op. cit.*, p. 74-80 e 103-107.
[87] SOUZA, Everardo V. P. Reminiscências acadêmicas (1887-1891). In: MOURA, Carlos E. M. (org.). *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Ateliê: UNESP: Imprensa Oficial: Secretaria da Cultura, 1998, p. 213-215.
[88] V. DEBES, Célio. *Washington Luís*: primeira parte, 1869-1924. São Paulo: Imprensa Oficial: APL, 2002, p. 49.

associar a imagem esportiva à sua vida pública. [89] Ele manteve fortes laços de amizade com Antonio Prado Junior ao longo da vida, apesar da diferença de idades entre ambos.

Em resumo, a identidade social dos dirigentes não estava tão evidente quanto antes e o patriciado da terra procurou zelar pela posição hegemônica que ocupava. Era necessário parecer poderoso aos olhos do público. Qual era, afinal, a identidade dos verdadeiros comandantes paulistas? A velha moral católica dos senhores de escravos não servia mais. Precisavam criar um passado histórico glorioso que pudesse justificar sua precedência de mando e assim figurar como donos, desde sempre, do lugar. Passaram a exibir brasões, a cultivar genealogias das estirpes do planalto de Piratininga e a identificar ancestrais de sangue indígena e bandeirantes mamelucos. Alicerçaram sua legitimação na memória coletiva.

Foi em 1903 que o linhagista Luiz Gonzaga da Silva Leme, depois de onze anos de pesquisas, iniciou a publicação dos nove volumes da sua conhecida obra xenófoba: a *Genealogia paulistana*. Talvez a maior vaidade para um paulista de velha cepa não fosse a de localizar naquele complexo catálogo do gênero "quem é quem" as suas ligações ancestrais com um fidalgo europeu perdido nos trópicos. Preferia constatar ali o cruzamento entre um português qualquer do seu pressuposto sangue com a filha de um "principal da nação tupi". Os descendentes de um dos morubixabas da romantizada Piratininga do século XVI – Tibiriçá, Caiubi, Piquerobi e Araraí – equivaleriam à "nobreza" da mãe-terra paradisíaca. Ou então, encontrar num galho perdido da sua genealogia o nome de um sertanista, talvez um desbravador bandeirante. Quem sabe seria aquele o patriarca de um grande clã mestiço que no passado ajudara a conquistar os territórios pátrios e construir as fronteiras nacionais? Os antepassados atestariam que as raízes da família estavam bem fincadas no torrão paulista, documento histórico que os estrangeiros recém chegados, ainda que enriquecidos, não poderiam exibir.

Na realidade, vários entre os mais destacados nomes de famílias paulistas, como Silva Prado, Vergueiro, Souza Queiroz, Jordão, Chaves, Mesquita, Salles, Rodrigues Alves, chegaram à região entre o XVIII e início do XIX com um militar, um comerciante ou um advogado português e não nos princípios da colonização portuguesa, como alguns queriam fazer acreditar. Mas pouco importava se o nome aparecesse tardiamente na história do lugar: se a família não fosse suficientemente antiga, logo o seria. [90] Pois

[89] V. SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 54-55.
[90] V. LOVE, J. (1982). *Op. cit.*, p. 123-125; _____. (1985). *Op. cit.*, p. 60-61.

se em meio aos sucessivos cruzamentos em gerações passadas constasse uma mulher pertencente aos primeiros troncos de povoadores, como Pires, Moraes, Penteado, Leme, Paes, Barros, Cerqueira, etc., a conexão com a "nobreza" tupi seria estabelecida, de uma forma ou de outra. Bastaria encontrar entre os ramos da árvore hereditária um galho mais longo. Assim, graças aos enlaces matrilineares, no catálogo genealógico de Luiz Gonzaga é possível localizar entre as linhagens da família Silva Prado ancestrais do nome Camargo, um clã mameluco poderoso na São Paulo do século XVII, descendente do náufrago João Ramalho e da índia Bartira, filha de Tibiriçá, uma "Eva" tupiniquim. [91] Pela lógica familista, todas as antigas estirpes da terra seriam aparentadas entre si em algum grau, próximo ou remoto. A secular mestiçagem mameluca, comum no povoamento original do planalto Paulista, virou motivo de orgulho. Alguns até adotaram nomes na língua tupi, um ramo dos Almeida Prado passou a se chamar Tibiriçá Piratininga.

A crença numa grande rede de parentescos com raízes históricas atribuiu coesão ideológica à elite paulista e pesou como critério para as distinções sociais. [92] Títulos nobiliárquicos e propriedades rurais persistiam como fator de prestígio na sociedade agrária que, paradoxalmente, ansiava pela modernidade urbana. Visitar regularmente o seu chão fértil fazia parte da representação social. A família Prado contava com um vagão particular para rodar nos trilhos da *Companhia Paulista* entre a capital e as suas várias fazendas no interior. A temporada no campo, de preferência acompanhados por convidados, era um lazer tão enobrecedor quanto a estadia sazonal em Paris. As casas-sedes eram constantemente reformadas ou inteiramente substituídas para incorporar as comodidades desfrutadas na cidade. Maria Catharina, esposa do conselheiro Prado, assim se referiu à nova sede da fazenda Santa Veridiana, em carta de 1892, dirigida ao filho Paulo: "esplendida e até mesmo bem mobiliada (mesmo com luxo) e jardim na frente muito bonito e nem parece que estamos numa fazenda em São Paulo". [93] O *lar* se deslocava sazonalmente entre o interior rural e a capital paulista ou então a capital francesa.

---

[91] Cf. LEME, Luiz G. S. *Genealogia paulistana*. v. 7. São Paulo, Duprat & Comp., 1903, p. 26. V. tb. NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote*: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 72-74; CAMPOS, A. L. A. (2004). v.2. *Op. cit*., p. 21-22; LEVI, D. E. (1977). *Op. cit*., p. 71-75; TOLEDO, R. P. (2003). *Op. cit.*, p. 163-189, 357-60 e 406-408.

[92] V. TRIGO, Maria H. B. *Os paulistas de quatrocentos anos*: ser e parecer. São Paulo: Annablume, 2001, *passim*; MARTINS, J. S. (2004). *Op. cit.*, p. 189-91; PRADO, A. A. (1963). *Op. cit*., p. 38-39.

[93] *apud* LEVI, D. E. (1977). *Op. cit.*, p. 106.

As tradições precisavam ser inventadas para as representações no mundo urbano e sempre readequadas às conjunturas políticas. [94] Conforme as conveniências, as posições de destaque poderiam ser justificadas pela predestinação do sangue familiar "nobre" ou graças ao mérito pessoal, conquistadas pelo trabalho perseverante. Alguns estrangeiros endinheirados procuraram se "nobilitar" na mesma medida: compraram fazendas de café, se casaram com filhas de fazendeiros e adquiriram honrarias. Rodolfo Crespi, Francisco Matarazzo e Alexandre Siciliano, por exemplo, obtiveram o título de conde na Itália e Francisco Schmidt recebeu do governo brasileiro a patente de coronel da Guarda Nacional.

O futebol como expressão de identidades

Posições sociais dominantes não poderiam ser enaltecidas apenas por traços passadistas, pois ninguém desejaria figurar como um retrógrado aos olhos da sociedade cada vez mais estratificada e dinâmica. Era preciso demonstrar, simultaneamente, capacidade para liderar a marcha do progresso. Tradição e inovação são fenômenos paralelos e solidários da consciência histórica. [95] Assim, as lembranças do passado tiveram como contrapartida o otimismo em relação ao futuro e a adesão apressada aos novos hábitos de consumo. A nostalgia do campo foi contrabalançada pela exibição, em primeiríssima mão, da tecnologia industrial que se incorporava, pouco a pouco, ao cotidiano urbano: o relógio de pulso, a máquina de escrever, o telefone, a bicicleta, o patim, o elevador, a bola, o fonógrafo, a lâmpada, o cinematógrafo, a máquina fotográfica, o automóvel...

Os comportamentos acaipirados foram compensados pelos hábitos de lazer importados: o cinema, o passeio no parque, a ópera, o montanhismo, o cassino, o baile de máscaras, o *picnic*, o iatismo, o corso em automóveis, o balonismo, o café concerto, as corridas, o clube literário, o banho de mar, o tiro ao pombo, a estação hídrica e os jogos atléticos. A visibilidade em situações bem escolhidas, com trajes apropriados à situação, fazia parte da moderna representação. Não por acaso, os doze anos em que o conselheiro Antonio Prado esteve à frente da prefeitura paulistana (1899-1910), foram de reformas europeizadoras na fisionomia da cidade. Entre outras obras, ele decorou a praça da República, o parque da Luz e o museu do Ipiranga com jardins de estilo

[94] V. HOBSBAWM, E. e RANGER, T. (2008). *Op. cit.*, *passim*.
[95] RICOEUR, Paul. A crise da consciência histórica e a Europa. *Lua Nova*, 33: 87-95, 1994.

francês para passeios, iniciou a construção do teatro Municipal, arborizou ruas e inaugurou as primeiras linhas de bondes elétricos. [96]

Fig. 10. Um anjo paira sobre São Paulo com o retrato de Antonio Prado. A primeira edição da revista *Vida Paulista*, setembro de 1903, homenageou o "prefeito modelo" e citou o projeto do futuro teatro Municipal na capa.

Essa identidade de dupla face, que oscilava entre as tradições do passado e a expectativa da modernidade, entre o destino definido ao nascer e o mérito da conquista pelo esforço, apareceu também nos esportes. Turfe, ciclismo e futebol conviveram nessa relação simbólica. Já foi visto que o turfe recordava valores de outrora: cavalariços subalternos (jóqueis) conduziam as crias dos senhores de terras (fazendeiros). Os galopes competitivos eram reproduções ritualizadas das cargas de cavalaria militar, a arma da nobreza medieval europeia. Aludiam à "nobreza" das estirpes proprietárias de terras que domavam a natureza de homens e animais. Por isso mesmo as corridas

[96] CAMPOS, Candido M. *Os rumos da cidade*: urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: SENAC, 2002, p. 77-93; _____. Trezentos anos em trinta: a remodelação de São Paulo sob a Primeira República. In: CAMPOS, Candido M. et al. *São Paulo, metrópole em trânsito*. São Paulo: SENAC, 2004, p. 72-78.

equestres não foram abandonadas, o culto saudoso do campo continuou importante por três gerações. Após cada crise financeira o turfe renascia e assim pode conviver com os espetáculos de futebol durante décadas, alternando momentos de maior e menor prestígio. A distinção social ficou intacta nos hipódromos, pois a propriedade de um puro sangue de corridas estava fora do alcance do trabalhador comum.

O ciclismo sugeriu o sentido oposto, apontou para o futuro da sociedade industrializada. Simbolizava o domínio do homem sobre a máquina veloz e valorizava o trabalho muscular. O *veloceman* amador era um tipo de cavaleiro urbano que doava os seus talentos físicos para a satisfação do público. Ele lutava pelas vitórias com esforço pessoal, pelo amor aos esportes, aparentemente sem interesses. Mas o ciclismo foi logo dominado por aqueles que trocavam a exibição pelo ganho monetário, os corredores profissionais com origens subalternas, imigrantes com algum poder aquisitivo. Então ele deixou de servir para a distinção dos rapazes ricos, que por isso mesmo o largaram.

O futebol, por seu turno, introduziu novos ingredientes simbólicos. Na batalha lúdica onde se tenta atravessar com um tiro de bola o baluarte do adversário, os méritos individuais só se evidenciam se houver colaboração mútua, em equipe. O trabalho coletivo bem coordenado (*association*) encaminha o grupo de competidores mais aptos para a conquista. Nessa pedagogia social é a disciplina tática que leva à vitória – com *ordem* se chega ao *progresso* – e as lideranças despontam através da concorrência entre os atletas, graças às capacidades inatas. O jogo de chutar bola pode ser imitado e praticado por qualquer pessoa. Desta vez, porém, o destaque social daqueles que ofereciam espetáculos seria preservado com a criação de uma *liga*, exclusiva para poucos clubes de amadores. O bloqueio contra os atletas profissionais nos jogos da liga era uma novidade importante em relação ao turfe e ao ciclismo.

A LPF, fundada no final de 1901, organizou o primeiro campeonato no ano seguinte com apenas cinco clubes. O mote dessa competição seriada girava em torno das nacionalidades. O CAP se apresentou como o clube dos legítimos filhos da terra e, portanto seria o time dos brasileiros. No SPAC e no SCG a nacionalidade inglesa e a alemã estavam mais do que explicitadas. Na AAMC a representação estrangeira estava delegada, os jogadores eram estudantes brasileiros ou filhos de imigrantes, mas atuavam em nome da instituição americana *Mackenzie College*, subordinada à Igreja Presbiteriana e à *Universidade de Nova Iorque*. Nessa teatralização esportiva os "paulistanos" enfrentariam, pois, equipes de personagens que encarnavam as nações luteranas, as mais poderosas da época.

Fig. 11. O engravatado time da *A. A. Mackenzie College*, formado por estudantes brasileiros e filhos de estrangeiros. No centro está Ibanez Salles com a data de uma vitória conquistada: 15 de novembro de 1901. Acervo do Mackenzie.

Finalmente, o quinto clube invertia a lógica nacionalista. O SCI, socialmente heterogêneo, sob o conceito de clube "aberto", pregava a integração de atletas de todas as origens, contava com jogadores brasileiros, ingleses e alemães. Curiosamente, mas sem grande surpresa nisso, os maiores contingentes estrangeiros presentes na cidade – italianos, portugueses e espanhóis – não estavam representados por times nessa primeira liga. Por isso mesmo, o futebol abria uma oportunidade especial para os filhos do patriciado paulista protagonizarem os espetáculos contra os jogadores das "potências internacionais" e serem assistidos nessa cruzada nacionalista.

Nenhum outro clube tinha sua imagem tão estreitamente relacionada à elite governante como o CAP. Em outros clubes os esportistas com sinais mais evidentes de riqueza eram excepcionais, como o de Arthur Ravache, jogador e dirigente do SCG. Nascido em São Paulo, Ravache dirigiu por trinta anos a filial do *Banco Brasileiro Allemão* (*Brasilianische Bank fuer Deutschland*, com matriz em Hamburgo). Grande parte dos jogadores que participaram dos primeiros campeonatos não pertencia à camada abastada, vinham das classes médias ascendentes, com origens modestas: profissionais liberais, pequenos comerciantes, bancários, funcionários de empresas estrangeiras, etc.. René e Henrique Vanorden, irmãos futebolistas que circularam por

quatro clubes diferentes, se situavam no estrato urbano médio que lentamente enriquecia. Eram filhos de Emmanuel Vanorden, judeu de origem holandesa, com cidadania americana. [97] O pai deles se converteu ao protestantismo nos Estados Unidos e migrou para São Paulo como missionário presbiteriano, foi impressor de livros e periódicos religiosos na pequena tipografia que organizou no bairro do Bexiga, em 1888. Transferida depois para a Mooca, a *Casa Vanorden* cresceu e se transformou numa importante gráfica-editora dirigida pelos irmãos jogadores, nascidos no Brasil.

Exemplo semelhante era o dos irmãos Rudolph e Hermann Wahnschaffe em cuja residência, no bairro da Mooca, foi fundado o SCG. Eram filhos de um comerciante nascido em Hamburgo cuja firma, a *Rudolfo Wahnschaffe & Comp*, com sedes em São Paulo e Santos, importava e distribuía bebidas e materiais para construção civil. Outro fundador do SCG, Hans Nobiling, tinha origens mais humildes, era funcionário de uma casa exportadora no porto de Hamburgo quando imigrou para o Brasil, com dezenove anos de idade. Ao chegar a São Paulo, em 1897, se empregou durante dois anos como balconista de uma farmácia, depois iniciou a carreira de bancário. Tudo indica que imigrantes hamburgueses ligados ao comércio exterior não foram raros entre os jogadores do SCG, a lista incluiu Thomas (Tommy) Ritscher, comissário de café no porto de Santos, e o craque Hermann Friese, comerciante com escritório de representações. Parte significativa do comércio de bens de consumo importados em São Paulo estava em mãos de alemães e seus descendentes, que mantinham ligações com empresas do porto de Hamburgo. [98] Eles não tinham origens camponesas, como tantos outros alemães que chegavam à capital após trabalhar alguns anos nos cafezais do interior paulista.

Também é preciso que se evite confundir os futebolistas ingleses com a elite fazendeira paulista, como às vezes ocorreu. [99] Entre os nomes de famílias fazendeiras constavam, de fato, alguns de origem inglesa, como Whitaker, Cotching e Ellis, assimilados através de casamentos com estrangeiros em gerações passadas. O conselheiro Prado tinha, por exemplo, uma cunhada de sobrenome Rudge, descendente de um inglês que desembarcou no Brasil no início do século XIX. Porém, a fundação do SPAC não partiu desse estrato social, ainda que as relações com os imigrantes ingleses

[97] *O Estado de São Paulo*, 15 jun. 1917, p. 5.
[98] V. BARBUY, H. (2006). *Op. cit.*, p. 157-161. Para um descrição desse comércio na época, V. LLOYD, Reginald (org.). *Impressões do Brazil no século XX*. Londres: LLOYD, 1913, p. 701-711.
[99] CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial*: memória do futebol brasileiro. São Paulo: IBRASA, 1990, p. 24.

existissem e fossem amistosas. O clube foi formado por funcionários de companhias inglesas de transporte, fornecimento de gás e energia elétrica, bancos e técnicos de indústrias. Ele contava com associados oriundos das classes trabalhadoras e médias.

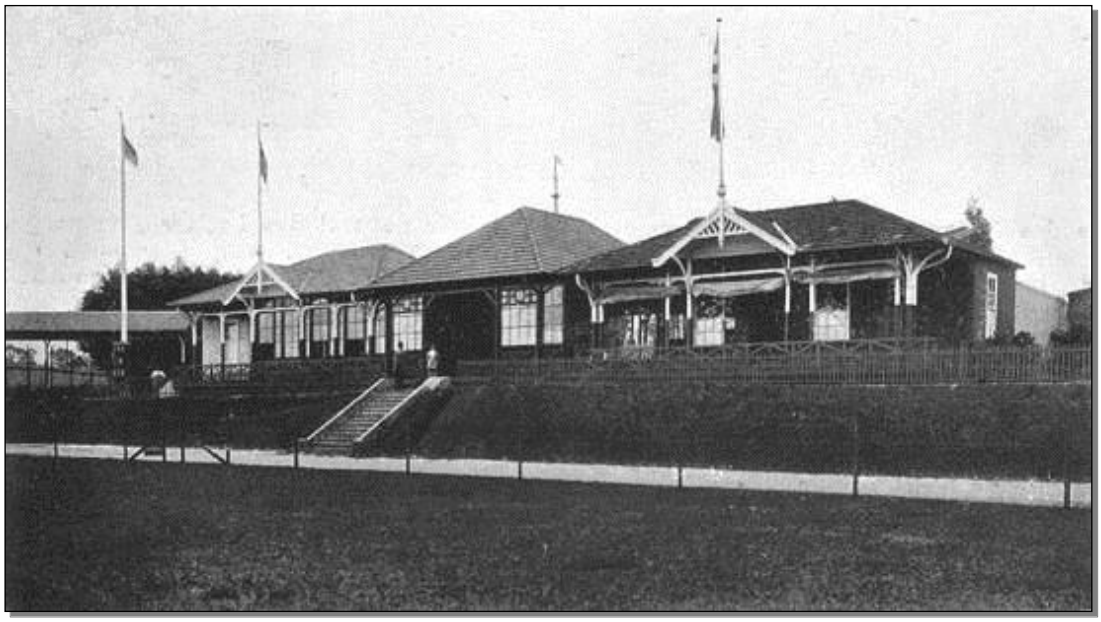


Fig. 12. Os chalés que sediavam o *São Paulo Athletic Club* nos altos da Consolação, 1913.

Entre os futebolistas ingleses há interessantes histórias de famílias relacionadas ao setor industrial. Uma das estrelas do time, Herbert Boyes, era um imigrante nascido em Manchester que aportou ainda criança, em 1884. O pai dele trabalhou muitos anos em Sorocaba como empreiteiro de obras e chefe de produção numa fábrica. Depois, em 1895, montou uma próspera produção de fios têxteis na capital, no bairro do Belemzinho, onde teve como sócio-gerente o filho, artilheiro das bolas. Os jogadores Albert e George Kenworthy eram filhos de um engenheiro mecânico que trabalhava na indústria têxtil de Yorkshire, Inglaterra, quando foi contratado para instalar teares em Minas Gerais, em 1878. Ficou no Brasil, trouxe a família e se fixou no interior paulista. Durante muitos anos foi gerente de uma fábrica em Salto de Itu, depois teve uma pequena tecelagem em Jundiaí. Mais tarde, montou com os filhos e o sócio italiano Nicolau Scarpa uma grande estamparia de panos em Sorocaba. O jogador Francis Hodgkiss trabalhava como representante comercial da *Henry Rogers & Sons Co. Ltd.*, para a importação de teares e outros equipamentos industriais.

Alguns estavam ligados aos setores de serviços. O craque Charles Miller tinha um avô tecelão e outro relojoeiro. O seu pai migrou para trabalhar como técnico ferroviário da *São Paulo Railway*, ele faleceu pouco antes de Charles completar doze anos de

idade. Quando regressou dos estudos na Inglaterra, em 1894, Charles trabalhou por quatro anos como almoxarife na mesma ferrovia, depois foi bancário e, finalmente, agente de viagens e transportes marítimos da *Royal Mail Lines*. [100] São exemplos típicos de uma classe média originada por trabalhadores qualificados, que se repetiam entre os jogadores do SPAC: Norman Biddell foi contador da companhia de gás, o engenheiro John Robottom trabalhava nos escritórios da empresa de energia elétrica e Walter Jeffery ganhava a vida como dentista.

Quando o treinador escocês John Hamilton esteve em São Paulo, em 1907, qualificou os futebolistas do SPAC como "empregados de banco". [101] Vários eram bancários de fato. O time era renovado com frequência por funcionários ingleses que se transferiam para trabalho temporário nas filiais brasileiras. Contudo, tal classificação era redutora. Talvez Hamilton quisesse apenas indicar que boa parte dos jogadores ingleses trabalhava em funções administrativas. Quanto a isso o treinador britânico não poderia manifestar grande surpresa, pois no seu próprio país a maioria dos jogadores dos espetáculos futebolísticos saía das camadas mais altas da classe trabalhadora, entre os profissionais especializados, principalmente entre os funcionários de escritórios. [102] Mesmo assim, os esportistas profissionalizados não eram considerados lá como "cavalheiros", designação que os ingleses nunca atribuíam a assalariados. Na Inglaterra a distinção entre *gentlemen* (amadores) e *players* (profissionais) era bem clara, dada não apenas pelo fato destes receberem pagamentos pela prática do esporte, mas também pela condição social. [103] O *gentleman* não pertencia às classes assalariadas, era um jovem burguês ou aristocrata, de educação refinada, que contava com rendas suficientes na família para dispor de tempo livre e praticar vários tipos de esportes por lazer. [104] A expressão *amateur sportsman* definia, a um só tempo, o tipo de praticante e o seu *status* social. [105] Esse era o teor subjacente à sutil menção feita por Hamilton aos "bancários-

[100] MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 19; MILLS, J. (2005). *Op. cit.*, p. 17-18, 57-60 e 71-72.
[101] Cf. *O Estado de São Paulo*, 20 set. 1907, p. 4.
[102] HARGREAVES, John. *Sport, power and culture*: a social and historical analysis of popular sports in Britain. Cambridge: Polity Press, p. 75-86; HOLT, Richard. The amateur body and the midle-class man: heath and style in Victorian Britain. *Sport in History*, 26 (3): 352-369, 2006.
[103] HOLT, Richard. *Sport and the British*: a modern history. Oxford: Clarendon Press, 1989, p. 98-117; BAKER, Norman. Whose hegemony? The origins of the amateur ethos in nineteenth century English society. *Sport in History*, 24 (1) 2004, p. 11.
[104] V. HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 256-9; MORFORD, W. Robert e McINTOSH, Martha J. Sport and the Vitorian gentleman. In: INGHAN, Alan G. e LOY, John W. (orgs.). *Sport in social development*: traditions, transitions, and transformations. Champaign (IL): Human Kinetics, 1993, p. 51-78.
[105] HOLT, Richard. The historical meaning of amateurism: an outline. In: DUNNING, Eric e MALCOM, Dominic (orgs.). *Sport*: critical concepts in sociology. London: Routledge, 2003, p. 270-285.

jogadores" que encontrou na comunidade britânica de São Paulo – em grande parte de origem escocesa –, para assim distinguir os nossos esportistas-amadores dos *gentlemen-amateurs* do seu país.

Enquanto as famílias de esportistas alemães radicadas em São Paulo estavam ligadas ao comércio importador, as britânicas acompanhavam a penetração da tecnologia e capitais nos setores da indústria, serviços de infra-estrutura urbana e transporte, então os mais avançados da economia. Todos se diferenciavam dos camponeses de baixa escolaridade vindos das regiões mais ao sul da Europa, que não tinham a educação técnica indispensável para ocupar posições de chefia, nem traziam a cultura esportiva daqueles. Clubes como o SPAC eram centros aglutinadores para favorecer as trocas de oportunidades, as alianças familiares e a proteção mútua das pequenas comunidades em terra estrangeira. Eles inseriam os desenraizados em novo contexto social e compensavam, em parte, o amparo que antes era dado pela família. [106] Daí a importância de preservarem seus costumes e a língua inglesa como signos de coesão, ainda que muitos dos sócios fossem brasileiros natos.

Fig. 13. Sócios do *S. C. Germania* em disputa de corrida a pé no parque Antártica, c.1905. Acervo do *Esporte Clube Pinheiros*.

[106] V. ARNAUD, P. (1997). *Op. cit.*, p. 360-361.

Outras agremiações desempenhavam o mesmo papel de identificar e cultivar um espírito de grupo com base num passado comum. Identidades essas que seriam exibidas nos gramados através dos respectivos times e contariam com as adesões dos torcedores simpatizantes. Origem real para uns e meramente desejada por outros que aderiam ao grupo. Assim foi o SCG para membros da comunidade teuto-brasileira presentes na cidade e até mesmo o CAP, para as famílias fazendeiras paulistas urbanizadas ao longo das três décadas anteriores, que tinham raízes em diversos municípios do interior. [107]

Não se pode, portanto, aplicar indistintamente o rótulo de "time de elite" para as equipes que disputaram os primeiros campeonatos da LPF. A rigor, apenas o CAP representava a elite paulista com bases fundiárias, pois raros entre os seus sócios tinham origens modestas e mesmo essas exceções eram de homens já enriquecidos e vinculados por clientelismos aos tradicionais grupos de poder. Filhos de fazendeiros poderiam ser encontrados também no SCI, mas estavam em minoria nessa associação, a mais heterogênea e democratizada entre as cinco da primeira liga.

A mobilidade social começava a se manifestar de maneira mais intensa na cidade e o futebol expressou o aparecimento de camadas médias compostas por imigrantes, que muitas vezes tinham seus interesses bem mais próximos aos da elite dominante do que dos trabalhadores subalternos e esperavam se diferenciar destes. Eram coadjuvantes perfeitos para os espetáculos da elite cafeeira: figuravam como exemplos de respeitabilidade e de comportamentos honrados a serem imitados pelas massas menos qualificadas.

A polarização identitária: CAP *versus* SPAC

Nos jogos de futebol as rivalidades entre as equipes não mimetizavam, pois, os embates entre empresários e trabalhadores presentes no cotidiano da cidade. Ao contrário, encenavam uma ficção romântica bem distante do dia a dia: eram os bravos jovens brasileiros que mediam forças contra os filhos das "nações mais poderosas do mundo". Desde os primeiros encontros se estabeleceu uma polaridade entre o CAP e o SPAC. Ambos os times contavam com jogadores treinados em colégios do exterior e conseguiram se sobressair na competição em relação aos demais. Os ingleses tinham qualidade de jogo superior, porém aquela apertada vitória conquistada no dia 29 de junho de 1902, referida no início deste capítulo, colocou as equipes em equilíbrio e o

[107] V. MARTINS, J. S. (2004). *Op. cit*., p. 179-200.

primeiro campeonato terminou empatado na contagem dos pontos. Ao final do torneio os ingleses tinham um saldo de 16 gols contra apenas 6 dos "paulistanos", mas o regulamento não previa esse critério de desempate. Um jogo extra aconteceu no velódromo no dia 26 de outubro e, com vitória por 2x1, o SPAC conquistou a taça de prata oferecida pelo presidente da LPF, Casimiro da Costa. [108] Nos dois campeonatos seguintes, de 1903 e 1904, o equilíbrio foi mantido e eles acabaram da mesma forma: o SPAC venceu dois outros jogos-desempates contra o CAP e o tri-campeonato lhe deu o direito de ficar definitivamente com a cobiçada taça.

Fig. 14. A Taça Casimiro da Costa. Acervo do *São Paulo Athletic Club*.

Um relatório publicado, então, pela diretoria do CAP tentou justificar as sucessivas frustrações da seguinte maneira:

> O nosso *club* disputou o campeonato apoiado em elementos que buscava no circuito restrito dos seus membros, todos rapazes brasileiros, que apenas agora estão nascendo para o *sport*. O *club* vitorioso, ao contrário, é composto de rapazes ingleses, de uma raça

[108] MAZZONI. T. (1950). *Op. cit.*, p. 30-2.

> de *sportsmen* tradicionais, todos na plenitude do seu desenvolvimento físico e moral, educados todos no cultivo constante de variados exercícios, tendo, além disso, a facilidade de refazer constantemente o seu pessoal pelo contingente valioso que lhe fornece os *clubs* esportivos da vizinha cidade de Santos. [109]

Nesses três anos de perseverenças, a capacidade demonstrada pelos futebolistas do CAP para quase se igualar à "raça de *sportsman* tradicionais" e a piedade gerada pelas sucessivas derrotas dos destemidos brasileiros, supostamente imerecidas, fez com que a atração pelo futebol crescesse rapidamente. Monteiro Lobato registrou em artigo escrito em 1905 a admiração popular pelos jogadores do CAP: "os *foot-ballers* que se batem são apontados a dedo, na rua, pelos transeuntes que param, a vê-los passar, ele, os regeneradores do nosso sangue". [110] Mantinha-se a expectativa de que o momento da "justa" conquista chegaria para os brasileiros. O futebol adicionou, pois, um elemento inédito aos espetáculos esportivos da cidade: inaugurou as longas séries com pontuação acumulativa (campeonatos anuais), com encontros repetidos (partidas), para cativar o interesse dos torcedores até o cobiçado desfecho (taça). Os campeonatos por pontos corridos – fórmula criada na Inglaterra em 1889 – equivaliam às tramas dos romances folhetins, tão populares na época, com sucessivos suspenses até os jogos-epílogos. Esse estilo de disputas em forma de narrativa despertou o gosto popular pelo jogo de chutar bola.

Iniciava-se, assim, a construção das tradições futebolísticas que sempre anseiam pelo futuro próximo e, ao mesmo tempo, se retroalimentam do passado recente. Inevitavelmente haverá pela frente algum poderoso adversário a ser batido, um jogo revanche a se vencer, um valioso título a decidir, um recorde a quebrar e uma copa inédita a conquistar, ano após ano. Bem como o cultivo das memórias, socialmente partilhadas, das glórias e derrotas acontecidas no teatro esportivo. Ao contrário do ciclismo, as personagens principais da trama épica que se perpetua no futebol não são os atletas, enquanto indivíduos, pois o "contingente" pode ser trocado e esquecido com o tempo sem abalar a paixão dos torcedores, mas sim as identidades associadas às agremiações. Era o que sugeria o citado relatório do CAP de 1904: o "clube dos brasileiros" novatos enfrentou com destemor o vitorioso "clube dos ingleses" na plenitude de seu desenvolvimento físico e moral. A ideia do futebol indígena que se interpõem à penetração estrangeira e nacionaliza os valores importados é repetida no artigo de Monteiro Lobato:

---

[109] Cf. *O Estado de São Paulo*, 28 nov. 1904, p. 2.
[110] Cf. LOBATO, Monteiro. Futebol. In: *Literatura do minarete*. São Paulo: Globo, 2008, p. 163.

> Pois São Paulo – a parte nacional neta dos bandeirantes –, vendo os ingleses que a habitam mesmo depois de destacados da metrópole, a enrijecer a fibra com o seu famoso esporte, tomou-se de brios e criou o futebol indígena com um furor de assustar nessa terra de bananas. Nasceram da noite para o dia mais de 250 associações esportivas com alguns milhares de jogadores. [111]

A dramatização desse enredo antropofágico, que girava em torno das identidades, deu forças para a nativização do futebol e enfraqueceu a proposta de pluralidade nacional encampada da pelo SCI. Esse clube, aberto aos esportistas de todas as origens como exemplo de integração social e cultural dos estrangeiros, tinha até então cerca de quatrocentos membros, mais que o dobro do CAP. Naquele momento era a maior associação esportiva da cidade. Ele mantinha a divulgação simultânea de diversas modalidades e, talvez, essa dispersão possa ter contribuído para o desempenho medíocre que o seu time de futebol apresentou nos dois primeiros campeonatos. Terminou o torneio de 1902 em último lugar, sem nenhuma vitória, com quatro gols marcados e quatorze sofridos nas oito partidas que disputou. Venceu seu primeiro jogo na liga só em agosto do ano seguinte – foram 4x3 sobre o SCG – sendo que nos meses anteriores tinha amargado duas goleadas por 5x0, frente ao CAP e ao SPAC. Embora contasse com muitos simpatizantes, o SCI era motivo de chacotas.

Diante dos maus resultados, o SCI estava ameaçado por uma cisão interna. Vários dos jogadores migraram para outros times da liga. Quatro foram reforçar o CAP: Mario Cardim, Geraldo Toledo, Jorge Mesquita e Guilherme Rubião. Para o SPAC foram: René Vanorden e os irmãos William e Charles Holland. A polarização entre os dois times mais fortes, "brasileiros" *versus* "ingleses", se acentuou com esses reforços. Daí para frente o SCI, debilitado, perdeu para o CAP a liderança do movimento esportivo que detinha desde a sua fundação, em 1899. Comandados pelo sócio-futebolista Armando da Silva Prado um grupo dissidente do SCI fundou o *Sport Club Olympico*. Eles disputaram uma vaga de ingresso aberta pela LPF contra outro pretendente, o *Club Athletico Internacional* da cidade de Santos. [112] Alegando uma longa viagem à Europa o capitão do SCI, Antonio Casimiro da Costa, abandonou a presidência da liga, bem como o clube e o próprio futebol. Houve uma acomodação política, os sócios do *S. C. Olympico* desistiram da vaga que chegaram a conquistar de fato ao vencerem o time de Santos por 1x0. Armando Prado e seus irmãos, Mario e Juvenal permaneceram no clube.

---

[111] Cf. *Idem, ibidem*, p. 162.
[112] *O Estado de São Paulo*, 7 mar. 1903, p. 2; 9 mar. 1903, p. 2.

Fig. 15. Uma das mais belas fotos do futebol daquela época registrou o gol marcado por de Ibanez Salles, jogador do CAP, num dos jogos de desempate contra o SPAC. Infelizmente o gol foi anulado pelo juiz, que aparece de terno branco ao lado da trave.

Mestiços em campo: a identidade velada

Após a debandada, Armando Prado assumiu a posição de capitão do SCI e iniciou uma reestruturação. [113] Convidou jogadores ingleses da cidade de Santos, Cox Murray e Thompson, e os "italianos" Fachini e Léo Bellegarde. Na disputa de 1904 a nova equipe do SCI terminou em terceiro lugar, com 22 gols marcados e 15 sofridos em dez partidas jogadas. Repetiu a mesma classificação em 1905, foi vice-campeã no ano seguinte e, finalmente, a campeã de 1907. O doutor Armando – como sempre era citado na imprensa – ganhou notoriedade como jogador, assumiu a direção do clube e foi eleito presidente da LPF (1904-1906). [114] Fãs do futebol o homenagearam com a fundação do *Club Armando Prado*. Ele arrancou elogios até da pena afiada do jovem Monteiro Lobato, seu contemporâneo na faculdade do largo São Francisco, em artigo publicado em 1905:

> O benemérito Clube Internacional, introdutor de inúmeros esportes no meio paulista, depois de muitas vicissitudes, reergueu-se com altivez no ano corrente, obtendo belíssimas vitórias.
>
> O seu presidente é o presidente da Liga Paulista do Football, o doutor Armando Prado, que tem sabido conquistar ao mesmo tempo *goals* nos campos esportivos e distinções na

[113] V. FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit*., p. 22; MAZZONI, T. (1950). *Op. cit*., p. 48.
[114] *O Estado de São Paulo*, 9 fev. 1904, p. 2.

> vida intelectual, tendo ultimamente defendido teses na Academia de Direito com raro brilhantismo. [115]

Armando Prado e seus irmãos eram mestiços, filhos da ex-escrava Benedita Maria da Conceição. Armando, Mario e Juvenal disputaram campeonatos pelo time do SCI. Um quarto irmão, o caçula Joaquim Prado, foi futebolista e membro da diretoria do CAP. O pai dos quatro rapazes, o fazendeiro e turfista Eleuterio da Silva Prado, era primo do conselheiro Antonio Prado, foram amigos desde a juventude, contemporâneos no curso de direito, companheiros em viagens de estudo pela Europa, sócios fundadores do *Jockey Club* e dirigentes da *Cia. Paulista de Estradas de Ferro*. [116] A descendência mestiça de Eleuterio foi omitida pelo linhagista Silva Leme, autor que só registrou em seus estudos genealógicos as uniões legitimadas pela Igreja Católica. [117] A sua obra informa que Eleuterio Prado morreu solteiro, quando na verdade ele teve dois casamentos informais e oito filhos.

Não existia nenhum tipo de proibição explícita para barrar a presença de afro-descendentes nos clubes filiados à LPF. No Rio de Janeiro a exclusão das "pessoas de cor" apareceu pela primeira vez na *Liga Metropolitana de Sports Athleticos* em 1907. [118] Os estatutos da liga paulista e dos clubes a ela filiados não mencionavam qualquer restrição quanto à cor, à nacionalidade, profissão ou religião. Isso sequer seria necessário, pois a seleção de sócios era feita a portas fechadas pelas respectivas diretorias, caso a caso, e o crivo de exclusão funcionava de modo informal. As ligações familiares e os clientelismos prevaleciam mesmo quando o sangue africano corria nas veias do candidato. Na época, a "raça" de uma pessoa podia ser definida por um conjunto de fatores: aparência, grau de mestiçagem, escolaridade, posição social, títulos e relacionamentos familiares, não apenas pelo tom da pele. [119] As palavras negro e mulato eram atribuídas somente aos pobres, de pele escura e "pé espalhado" (sem calçados), nunca aos ricos. Ofender um homem com a estatura política de Francisco Glycerio de Cerqueira Leite chamando-o de mulato, só acontecia no calor dos debates partidários, entre desafetos. [120]

---

[115] Cf. LOBATO, M. (2008). *Op. cit*., p. 163.
[116] LEVI, D. E. (1977). *Op. cit*., p. 129-131.
[117] LEME, L. G. S. (1903). *Op. cit*., v. 7, p. 39.
[118] PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania*: uma historia social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 66.
[119] V. COSTA. Maria E. V. O mito da democracia racial no Brasil. In: *Da Monarquia à República*: momentos decisivos. 9ª. ed. São Paulo: UNESP, 2010, p. 367-386.
[120] V. *O Estado de São Paulo*, 6 nov. 1897, p. 3.

Fig. 16. Em foto tirada em maio de 1914, Armando Prado aparece em festa esportiva do *Club Esperia*, que então presidia, segurando o texto de um discurso, ao lado do prefeito Washington Luís (de cavanhaque).

Os quatro irmãos Silva Prado não eram os únicos casos de jogadores mestiços conhecidos na LPF. Três netos de Maria Zelinda da Conceição, filha de escravos, que em 1837 se casou em Campinas com o fazendeiro Antonio Benedito de Cerqueira Leite, figuravam entre os fundadores do CAP. [121] Eram: o goleiro Tutu Miranda, que chegou a ocupar o cargo de presidente da LPF, o seu irmão Renato, que presidiu o CAP e o primo deles, Clovis Glycerio, membro da diretoria do clube. Não são exemplos excepcionais, a mestiçagem era relativamente comum na elite fundiária. Difícil mesmo seria saber em quais famílias do patriciado rural, depois de séculos de escravidão, não se contavam à boca pequena histórias de cruzamentos entre portugueses e africanos, tal como acontecera com os ancestrais indígenas que tanto valorizavam.

Nem sempre as manifestações foram muito simpáticas aos futebolistas de pele escura. No dia 10 de Julho de 1904 Armando Prado atuou como juiz na partida entre os "alemães" do SCG e os "ingleses" do SPAC. Ser convidado para arbitrar um jogo do campeonato honrava os esportistas. O juiz era escolhido em comum acordo entre os contendores, com frequência um respeitado jogador de outro clube. Os registros dão conta que aquela foi uma partida empolgante, vencida pelo SPAC por 3x2. Apesar disso o juiz e os jogadores foram vaiados, como informaram dois jornais que saíram em defesa de Armando no dia seguinte:

[121] FREITAS, Clovis G. G. *Jornada republicana de Francisco Glycerio*. São Paulo: Plexus, 2000, p. 29.

> Serviu de *referee* o dr. Armando Prado, digníssimo *footballer*, presidente da *Liga Paulista de Football*, que foi de uma imparcialidade a toda prova e de uma correção merecedora dos maiores encômios. [...] assistentes, por diversas vezes, vaiaram jogadores e juiz, quando algum fato por eles praticado não era do seu agrado e, o que mais nos dói dizer (oh! vergonha) notamos com grande sentimento, que até rapazes de outros clubes, cegamente interessados pela vitória de um ou de outro *team*, para a boa colocação daquele a que pertencem, também se excediam, fazendo protestos pouco dignos de suas posições. [122]

> O jogo foi, em conjunto, um dos melhores do corrente ano. Pois bem, ainda assim, várias vezes o juiz – um cavalheiro respeitável e íntegro – e diversos jogadores, todos rapazes muito delicados, tiveram o desprazer e o vexame de ser vaiados por uma parte do público. [123]

A participação de jogadores mestiços na LPF não significava uma democratização nos esportes. Eles estavam ligados às famílias fazendeiras e não há dúvida quanto à predominância e valorização da pele clara entre os jogadores da liga. Os casos citados não representavam a inclusão social dos descendentes de escravos. Quando muito poderiam ter um efeito simbólico de apaziguar a memória dos antigos senhores, pois para a identidade moderna que a elite construía para si a mácula da escravidão precisava ser esquecida. A inclusão de alguns mestiços era feita sem comentários abertos, a negritude ficava diluída a ponto de ser velada, branqueada. A presença deles em posições de destaque poderia ter o efeito prático de inibir o senso de identidade negra.

Não se têm notícias de times compostos exclusivamente por jogadores negros. Isso não significa que eles não estivessem dispersos pelos clubes informais. A ideia simplista, hoje vulgarizada, de que naquela época "os negros estavam proibidos de jogar bola" é um mito inventado décadas mais tarde, a partir da releitura que o jornalismo populista fez do passado. Não se deve confundir a exclusão racista para os jogos de espetáculos, anunciada em 1907 pela principal liga carioca, com uma proibição do jogo de bola para todos os negros.

Nos times de espetáculos certamente as barreiras de exclusão eram bem maiores do que nas equipes informais. Há notícias de bons jogadores negros que atuavam no futebol informal desse período, mas nenhum teve oportunidade nos espetáculos do velódromo. Deve-se considerar que, além da cor da pele, a seleção dos sócios nos clubes de espetáculos também era feita por outros critérios e, conforme o caso, as relações de parentesco contavam a favor dos candidatos mestiços. A cor não seria fator excludente quando vínculos de sangue integravam o indivíduo ao coeso grupo

[122] Cf. *Jornal do Commercio*, *apud* MAZZONI, T. (1950). *Op. cit*., p. 48.
[123] Cf. *O Estado de São Paulo*, 11 jul. 1904, p. 2.

hegemônico. Nos exemplos mencionados acima as relações de poder familiar estavam bem expostas. Por parte do pai, Armando Prado era bisneto do Barão de Antonina, um proeminente político nos tempos do Império que foi importante sócio do Barão de Iguape no comércio tropeiro. Renato Miranda era genro do presidente do estado, Bernardino de Campos, e seu primo, Clovis, era filho do senador Francisco Glycerio, líder republicano. As imagens desses futebolistas de pele morena estavam incorporadas ao estrato dirigente, eles eram reconhecidos como membros do patriciado. Todos receberam uma educação refinada que refletia a posição de *status*.

Fig. 17. O time do *S. C. Internacional*, campeão em 1907. Na posição mais alta, atrás da "Taça Penteado", está Juvenal da Silva Prado. Na vida cotidiana ele era um cirurgião-dentista.

Em 1934, ao historiar sobre a participação de negros no futebol paulista, o jornalista negro Salathiel Campos disse que "alguns elementos escuros" participavam dos primeiros espetáculos, mas "procuravam esconder essa descendência materna ou

paterna, negra, e tinham a protegê-los o prestígio tradicional de família" [124]. Em obra de 1947, o jornalista pernambucano Mário Filho, radicado no Rio de Janeiro, registrou depoimentos, provavelmente recolhidos em memórias de ex-jogadores, com referências a Joaquim da Silva Prado, o mais novo daqueles quatro irmãos, o qual atuou pelo time do CAP na primeira década do século. Em linguagem literária de estilo livre, ele o descreveu da seguinte maneira:

> Um verdadeiro *lord*. Vestia-se bem, admiravelmente bem. Nada de cores berrantes, nem mesmo o contraste do branco com preto, tão do agrado do homem de cor. O cinza, o preto, o azul-marinho. De noite sempre de preto, de *smoking*. Só jantava, só ia a um teatro, assim, de *smoking*.
>
> Mesmo quem não tivesse levado o *smoking* ficava à vontade junto de Joaquim Prado. Ele fazia tudo como se não estivesse fazendo nada. Também tinha nascido naquele meio, vivia nele. Era o meio do Paulistano. Do Paulistano em São Paulo, do Fluminense no Rio. Porque morava em São Paulo, Joaquim Prado jogava no Paulistano. Se morasse no Rio, jogaria no Fluminense. Escolheria o Fluminense naturalmente. Não só porque era um clube de gente fina, como ele, mas, também porque era um clube de homens feitos, como ele. De responsabilidade. Joaquim Prado só ficaria bem no Fluminense.
>
> A tendência natural das coisas, cada jogador procurava o seu meio, indo para onde estava a sua gente. E quando a sua gente não tinha clube, o jeito era fundar mais um. [125]

Fig. 18. Os times do *Fluminense* e do *Paulistano*, ao lado do chalé do Velódromo Paulista, em 1905. Joaquim Prado é o penúltimo sentado na segunda fileira. Acervo do Museu da Imagem e do Som/SP.

[124] Cf. *Correio Paulistano*, 6 out. 1914, p. 11.
[125] Cf. MÁRIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 37.

Hoje o esboço traçado por Mário Filho soa caricatural e preconceituoso. Deixa dúvidas quanto à verossimilhança e a qual fase da vida do retratado se refere. Porém, o registro parece ter captado em traços rápidos a representação fixada na memória daqueles que conviveram com Joaquim Prado no meio esportivo. Ele exibia roupas, comportamentos e estilo de vida típicos do grupo social ao qual pertencia. Daí o tom jocoso de Mário Filho, pois aquele sócio elegante do CAP não correspondia ao perfil popular que o jornalista compôs para os jogadores negros e mestiços de antigamente, os quais seriam sempre homens simples, discriminados e, como sugere, sem "responsabilidade". Joaquim Prado e outros esportistas mestiços do início do século XX não se enquadram no estereótipo construído, muito mais tarde, pela memória histórica populista. Eles foram esquecidos por se parecerem demais com brancos ricos.

Futebol para se assistir e jogar

O jornalista Salathiel Campos sugeriu, em 1934, uma distinção histórica para o futebol paulista, entre aquilo que chamou de "futebol oficial" e "futebol de várzea". O primeiro teria dado origem ao segundo, que ganhou rumo próprio. [126] Em 1950, outro jornalista, Thomaz Mazzoni, reforçou essa interpretação na sua *História do futebol no Brasil*. Chamou de "pequeno futebol" aquele jogado nas várzeas, em oposição ao "grande futebol" ou "futebol de elite". [127] Contudo, Mazzoni enfatizou que os dois teriam começado praticamente ao mesmo tempo e deixou no ar a ideia de que eram duas origens distintas e contemporâneas, uma de elite e outra popular. Interpretada dessa maneira, a separação foi tratada por diversos historiadores como se houvesse uma dupla concepção do futebol nacional. [128] Em linhas gerais, essa corrente entende que as

[126] V. *Correio Paulistano*, 3 out. 1934, p. 7.
[127] MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 77.
[128] V. SANTOS NETO, J. M. (2002). *Op. cit.*, p. 39-67; FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses*: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 61-69; TOLEDO, Luiz H. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas (SP): Autores Associados, 1996, p. 16-18; FRANZINI, Fábio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, Mary Del e MELO, Victor A. (orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 120-122; _____. Esporte, cidade e modernidade: São Paulo. In: MELO, Victor A. (org.). *Os sports e as cidades brasileiras*: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri: FAPERJ, 2010, p. 62-63; ANTUNES, Fátima M. R. F. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: FFLCH-USP, 1992, p. 18-20; WITER, José S. Os esportes na Cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (org.). *História da*

práticas teriam evoluído paralelamente nas primeiras décadas do século XX, em segmentos sociais diferentes: o "pequeno futebol" seria o dos imigrantes pobres, operários, negros e mestiços, o outro seria o dos brancos ricos. Ambos teriam convivido no tempo, com raros pontos de contato, e desenvolveram estilos diferentes de jogo. Até que a democratização do "grande futebol" fosse iniciada nos anos 1920, culminando com a legalização do profissionalismo em 1933.

Como foi visto acima, o chamado "futebol de elite" não era tão homogêneo como alguns autores imaginaram, uma vez que incluía gente da classe média, trabalhadores qualificados e mestiços ricos. Certamente o futebol praticado por lazer, fora da primeira liga, também não era só para pobres. Para atenuar a rigidez daquela interpretação e examinar as relações entre os círculos de praticantes é preferível identificá-los aqui de modo mais aberto: como *futebol informal* e *futebol de espetáculos*. [129] Não se trata de negar a distinção entre as duas práticas, pois como se verá a seguir que elas tinham de fato características e finalidades diferentes. Porém, é preciso ressaltar as conexões e não apenas identificar aquilo que as separava.

A organização de clubes estava liberada. A LPF não era uma entidade federativa, não tinha nenhum compromisso com as associações esportivas não coligadas, nem estava subordinada a qualquer instância superior. Nos seus estatutos constava uma abertura muito estreita para o ingresso de um novo clube: no primeiro semestre de cada ano os times candidatos à única vaga deveriam disputar entre si e o vitorioso enfrentaria o último classificado no campeonato anterior. Se o desafiante vencesse tomaria a vaga do perdedor, portanto o número de cinco coligados estaria mantido. [130] Não existiam divisões inferiores na LPF. Uma sexta vaga foi criada em 1903 e conquistada pelo *Sport Club Olympico* que depois desistiu de ocupá-la, como foi explicado antes. [131]

Para a disputa de 1904 a *Associação Athletica das Palmeiras* (AAP, fundada em 1902) venceu o *Club Atlhetico Internacional* de Santos por 1x0. [132] O time estreante da AAP terminou o campeonato em último lugar, com saldo negativo de 34 gols. Sofreu três goleadas por 5x0 e outras por placares pouco menor. Era um "saco de pancadas"

Cidade de São Paulo. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 597-599; ARAÚJO, José R. C. *Imigração e futebol*: o caso Palestra Itália. São Paulo: Sumaré: FAPESP, 2000, p. 62-66.

[129] V. NEGREIROS, Plínio J. L. C. *Resistência e rendição*: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo (1910-1916). Dissertação (Mestrado em História). São Paulo PUC, 1992, p. 30-61. O autor propôs a distinção "futebol informal" e "futebol oficial".

[130] *Estatutos da Liga Paulista de Foot-Ball para 1904*. *Op. cit.*; CARDIM, M. (1906). *Op. cit.*, p. 5-18.

[131] *O Estado de São Paulo*, 15 fev. 1903, p. 3; 7 mar. 1903, p. 2.

[132] *Correio Paulistano*, 10 abr. 1904, p. 3, *O Estado de São Paulo*, 30 mar. 1904, p. 2. V. tb. FIGUEIREDO, A. (1908). *Op. cit.*, p. 27-28; MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 34 e 52-55.

para os demais e, mesmo assim, conseguiu manter a sua vaga no campeonato seguinte, de 1905, ao derrotar novamente o time desafiante. Isso mostra que as equipes de espetáculos estavam com qualidade de jogo bem superior em relação às aspirantes naquele princípio do futebol. Passar pelo estreito gargalo da liga era algo muito difícil pelo desnível técnico dos times que vinham do aprendizado recente e não contavam com jogadores treinados em escolas do exterior.

A pequena estrutura da primeira liga era típica da visão oligárquica, que enxergava a sociedade fechada em círculos autônomos. A divulgação dos esportes pretendida pela camada dominante não se daria pela via institucional, pela federalização, nem por apoios dados aos praticantes. Seria suficiente, nesse entendimento elitista, que os *footballers* atuassem entre si diante do público para oferecer espetáculos exemplares. O jornalista Mario Cardim, ao defender a expansão dos esportes em artigo de 1903, não reivindicou do prefeito Antonio Prado a construção de campos para jogos. Disse que o incentivo material poderia se concretizar apenas no desassoreamento do rio Tietê para as competições de remo e na conservação de estradas e parques usados pelos esportistas. Ele pedia, sim, a presença exemplar das autoridades educacionais nas competições como apoio moral às iniciativas particulares:

> Esse auxílio deve ser moral e material.
>
> Moral, manifestando-se pela presença das autoridades superiores, principalmente dos que superintendem os serviços de educação, onde quer que se realizem festas cujo alvo seja o desenvolvimento da cultura física; pelo interesse e animação a tudo que se refira a este assunto, como a vulgarização das boas obras, principalmente entre os encarregados da educação; pelo aproveitamento, enfim, de todos os ensejos que se lhes ofereçam para fomentar iniciativas desse gênero. [...]
>
> O *foot-ball* já não precisa de auxílios; os *teams* sucedem-se diariamente, os campos abundam e dos melhores. [133]

Contudo, seria incorreto imaginar que o sonho de todo futebolista rico fosse participar dos espetáculos. Talvez por falta de talento, por inibição ou para evitar compromissos formais, jovens de famílias fazendeiras e das classes médias jogavam por lazer pessoal em times pouco conhecidos e que nunca se candidataram à vaga da liga. Alguns dos futebolistas mais conhecidos estavam envolvidos tanto em jogos por simples diversão, quanto para exibição. Antonio (Antony) Pompeo de Souza Queiróz, atleta e patrono do SCI, diretor da LPF, organizou outra equipe em 1903 para jogar entre amigos, o obscuro *Club White Team*. [134] Armando Prado e seus três irmãos

[133] Cf. *O Estado de São Paulo*, 25 jun. 1903, p. 2.
[134] *A Vida Sportiva*, 3 dez. 1903, p. 4.

atuaram sucessivamente pelo *S. C. Bella Vista*, *C. A. Ipiranga* e *C. A. Paraíso*. Plinio Rubião, José Rubião e Armando Pederneiras, do CAP, jogaram também pelo *S. C. Pindorama*. Os ingleses Walter Jeffery e John Robottom fizeram parte do *Concordia F. C.*. René Vanorden e Persy Corbett integraram o *C. A. Paraíso*. Os irmãos Ricardo e Alfredo Thiele pertenceram ao *C. A. Ypiranga* (não confundir este com o clube anterior de mesmo nome) e ao *C. A. Progresso*. Outros jogaram nas associações atléticas universitárias, como no caso de Alvaro Rocha que presidiu a *Associação Sportiva da Escola Polytechnica*. Armando Prado, antes de se doutorar pela academia de direito, fez parte do time de estudantes chamado de *S. C. Paulista*. Enfim, uma consulta atenta aos jornais da época pode multiplicar os exemplos.

As peregrinações de sócios entre clubes eram livres e só o crivo de admissão de cada agremiação representaria obstáculo. A única restrição imposta pela LPF aos seus associados foi a de proibir que os atletas jogassem por dois clubes no mesmo campeonato. Com seis times na disputa do torneio anual da liga, cada um deles realizava somente dez jogos ao longo de cinco meses. Era pouco para a fome de chutar bola que se vivia então. O apetite era parcialmente saciado nas partidas de treinamentos, nos jogos beneficentes, nos encontros entre selecionados, nos amistosos com clubes de Santos e do Rio de Janeiro ou atuando por divertimento em equipes não coligadas, como era muito comum.

Os sócios menos talentosos e mais jovens jogavam no segundo quadro, até no terceiro. Por iniciativa do recém-fundado *S. C. São Paulo e Minas* foi programado um campeonato de segundos times em agosto de 1903, com a fundação de uma nova entidade, chamada de *Segunda Liga de Football*. [135] Teria sido, talvez, uma oportunidade para incluir novos filiados e ampliar a estrutura do esporte na cidade, com o sistema de ascenso e descenso que já era aplicado em países da Europa. Os clubes da LPF (exceto o SPAC) concordaram que seus segundos times participassem da nova liga, porém se retiraram no ano seguinte. Organizaram para os seus quadros inferiores a disputa de outra taça, cujos jogos aconteciam como preliminares dos espetáculos principais, portanto dentro da própria liga e sem incluir times de fora.

A posição elitista da LPF se traduziu tanto pela limitação do número de clubes coligados, quanto na imposição de condições difíceis de serem cumpridas para admissão de outros. A opção de disputar a única vaga anual estava formalmente aberta a

[135] *O Estado de São Paulo*, 8 ago. 1903, p. 2. Essa liga desapareceu e outra foi formada com o mesmo nome e outros times em 1905.

todos, mas poucos clubes se candidataram na primeira década de campeonatos. As chances eram remotas, além da desigualdade técnica, os candidatos encontrariam barreiras de custos, principalmente em equipamentos e contribuições em dinheiro. Certamente a falta de tempo para treinar, a joia de ingresso e as anuidades cobradas pela entidade seriam intransponíveis para times de trabalhadores. [136] Para aqueles com salários baixos, com jornadas diárias de dez horas ou mais e que tinham apenas o domingo para se divertir com a bola, a ambição de fazer parte de espetáculos amadores era algo improvável. Na Inglaterra foi a introdução da folga aos sábados a tarde, especialmente para os funcionários de escritórios, que permitiu a popularização do futebol e o início da profissionalização do esporte. Isso seria impensável para os governantes paulistas da época.

A liga exigia também que cada afiliado tivesse um campo para treinamentos. Essa não era uma dificuldade intransponível, pois naquela época os sucessivos loteamentos de chácaras em torno da zona central deixaram grande quantidade de terrenos baldios que poderiam ser alugados ou cedidos pelos proprietários.

O futebol descentralizado

Ao contrário do que às vezes se pensou, o futebol informal não evoluiu a partir das margens dos rios Tamanduateí e Tietê. [137] Embora o primeiro jogo com as regras oficiais tenha sido disputado casualmente, em 1895, na várzea do Carmo – ou mais exatamente na várzea do Gasômetro (margem direita do rio), ao lado da fábrica da companhia inglesa de gás – só mais tarde aquela região alagadiça começou a ser utilizada com frequência para jogos. As várzeas do Tamanduateí, amplo território de mato, lama e mosquitos na época das chuvas, que separava o centro da cidade dos bairros fabris a leste, tiveram importância pequena nas duas primeiras décadas do esporte, até 1914. Desnecessário seria usar espaços sujeitos às inundações periódicas, pois existiam terrenos secos disponíveis em todas as direções. No vizinho bairro do Braz alguns clubes tinham campos de jogo, como o *S. C. Domitilla*, o *S. C. Hippodromo* e o *C. A. do Braz*. Um pouco mais próximo do rio, na margem esquerda, o *S. C. Alliança* teve um campo, localizado na rua Glycerio, onde a *Liga Internacional de*

[136] Além da taxa de inscrição dos candidatos à vaga, a LPF cobrava do clube ingressante a joia de duzentos mil réis e a anuidade de cinquenta mil réis. Cf. Art. 5º dos *Estatutos da Liga Paulista de Foot-Ball para 1904*. *Op. cit*.
[137] V. SANTOS NETO, J. M. (2002). *Op. cit*., p. 49.

Football marcou boa parte dos seus jogos em 1910. [138] O nome "internacional", tão usado na época, é um indício de que os times representavam comunidades de imigrantes das redondezas.

A partir de 1906 as colunas esportivas e policiais dos jornais pontuavam raras notas sobre as disputas de futebol acontecidas na várzea Carmo e incidentes com os jogadores que ali se reuniam esporadicamente. [139] Não existiam campos fixos nas várzeas, as disputas improvisadas aconteciam nas épocas de estiagem. Anos depois, as demoradas obras de retificação do canal, o desmonte do morro da Glória e o nivelamento das várzeas, realizados entre 1911 e 1914, transformaram a região num enorme lodaçal. [140]

Fig. 19. Obras de retificação do rio Tamanduateí, na várzea do Carmo, em 1912.

[138] Times que fizeram parte da *Liga Internacional*, em 1910: *Argentino F. C.*, *S. C. Parnayba*, *São Paulo Raiway F. C.*, *S. C. Alliança* e *C. A. Paraiso*.
[139] *O Estado de São Paulo*, 10 dez. 1906, p. 2; 1 abr. 1907, p. 2; 1 ago. 1910, p. 4; *Correio Paulistano*, 9 out. 1906, p. 4; 30 dez. 1906, p. 4; 1 jan. 1907, p. 5; 1 ago. 1910, p. 3.
[140] *O Estado de São Paulo*, 2 nov. 1913, p. 6; 25 jan. 1914, p. 8; 1 mai. 1916, p. 6; *A Cigarra*, 1 (12): 12-13, 1914.

Concluídos os trabalhos, largas áreas planas ficaram disponíveis em ambas as margens. [141] Pelo projeto de urbanização encomendado ao arquiteto francês Joseph Bouvard, elas ficaram reservadas para o lazer público. [142] Seria mais uma tentativa de reproduzir em São Paulo um parque de estilo europeu. Mais tarde ele foi ajardinado e rebatizado com o nome de parque D. Pedro II. Só a partir dos aterramentos a várzea do Carmo passou a ser usada regularmente por clubes e se tornou uma zona importante para o futebol informal da cidade. Nas reminiscências do velho Amadeu, que começou a jogar bola aos nove anos de idade na várzea do Carmo, em 1915, chegaram a existir cerca de cinquenta campos em atividade ali. [143]

As expressões "campeonato da várzea", "futebol varzeano" e "time de várzea" começaram a ser usadas a partir dessa época e só se tornam um jargão do jornalismo na década seguinte. Thomaz Mazzoni, um imigrante italiano cuja carreira na imprensa esportiva se iniciou em 1920, aos dezenove anos de idade, atribuiu de modo anacrônico os nomes "várzea" e "varzeano" ao início do futebol, cerca vinte aos antes. [144] Em sua opinião, na antiga várzea do Carmo estaria a origem geográfica do "pequeno futebol" na cidade. Na verdade ele idealizou um berço varzeano para o jogo de bola, projetando para o passado o que conheceu na juventude, quando militou nos clubes daquela região. O mito da origem varzeana é repetido até os nossos dias.

Nos primeiros anos do século os bairros mais citados para encontros informais de futebolistas estavam em zonas livres das inundações sazonais, ficavam nas regiões periféricas ainda em processo de parcelamento e ocupação: Santa Cecília, Vila Buarque, Consolação, Paraíso, Liberdade, Campos Elíseos. Por vários anos o doutor Domingos Jaguaribe manteve campos de futebol na sua chácara, em Santa Cecília, que se tornou sede do *S. C. Jaguaribe*, da *A. A. Villa Buarque* e depois do *S. C. Americano*. No bairro da Luz funcionou um campo ao lado Parada Zero – a estação terminal do tramway da Cantareira, na rua João Theodoro, próxima ao rio Tamanduateí –, muito ativo entre 1903 e 1910, onde se enfrentavam grande número de times. [145] Mas os campeonatos em

---

[141] V. *Correio Paulistano*, 9 out. 1914, p. 4; *O Estado de São Paulo*, 12 fev. 1914, p. 3; 14 fev. 1914, p. 3; 10 out., 1914, p. 6; *A Cigarra*, 31 mai. 1917, p. 24-25. Para constatar o processo de urbanização ocorrido nesse trecho do rio Tamanduateí, ver as plantas da cidade em PASSOS, Maria L. P. e EMÍDIO, Teresa. *Desenhando São Paulo*: mapas e literatura, 1877-1954. São Paulo: SENAC: Imprensa Oficial, 2009, p. 33, p. 35, p. 50-1, p. 58-59 e p. 78-79.

[142] Sobre o projeto Bouvard e o parque D. Pedro II, V. CAMPOS, Cândido M. *Os rumos da cidade*: urbanismo e modernização em São Paulo, p. 166-170 e 305-307.

[143] BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: Tao, 1979, p. 88-89.

[144] V. MAZZONI, T. (1950). *Op. cit*., p. 77-78.

[145] Times que frequentaram o campo da Parada Zero, entre 1903 e 1910: *S. C. Domitilla*, *S. C. Piratininga*, *S. C. da Luz*, *C. A. Minerva*, *S. C. Norte América*, *A. A. dos Andradas*, *A. A. da Glória*, *Bello*

ligas eram disputados em diferentes pontos da cidade. Outros locais bastante citados foram: o Hipódromo, o morro dos Ingleses (perto da avenida Paulista), o bosque da Saúde e o jardim da Aclimação. O parque Antártica, com dois campos, também foi frequentado por clubes vindos de bairros distantes, entre 1905 e 1906 ali aconteceram jogos de uma nova *Segunda Liga Paulista de Football*. [146] Aos poucos o futebol chegou às margens do Tietê, nas proximidades da Ponte Grande, onde já estavam instalados os clubes de remo e natação. [147] Pelos nomes de batismo dados a diversos times de bairros, se percebe que a difusão do futebol logo atingiu diferentes regiões da cidade, incluindo as zonas industriais da Lapa, Barra Funda, Braz e Mooca. [148]

O futebol como forma de integração social urbana

Na falta de registros, pouco se sabe sobre as centenas de equipes espalhadas por toda São Paulo. Há que se questionar se as suas aspirações teriam como meta comum participar de campeonatos em ligas. Tudo indica que, na grande maioria, eram grupos improvisados nos finais de semana para jogos casuais. É provável que os times informais tomassem os jogos de espetáculos como uma referência importante, pois alguns deles foram batizados com nomes que homenageavam os ídolos de então: *S. C. Miller*, *A. C. Olavo de Barros*, *S. C. Belfort*. Ao que se sabe, todos adotavam as regras inglesas traduzidas pela LPF.

Todavia, nada assegura que esses jovens copiassem na sua convivência os mesmos valores observados entre os jogadores do velódromo da Consolação e que sonhassem com a carreira de esportista. Impossível sondar os sentimentos que moviam os rapazes do *Formidable Team*, do *Club Europeo do Braz*, do *S. C. Zezé*, do *A. C. Black and White*, do *S. C. Beija Flor*, do *S. C. Quinta feira*, do *Club dos Destemidos*, da

---

Horizonte Team, C. A. Campineiro, S. C. Parnayba, C. A. São Paulo & Rio, D. C. São José, C. I. Força e Coragem, S. C. Marina, A. C. Ipiranga, União Team, S. C. Universal, S. C. Éden Paulistano, C. A. União, S. C. Estrella Polar, S. C. Guarany, A. A. Grêmio do Commercio, S. C. Oriental, S. C. Osório, S. C. Porto Alegre, S. C. Villa Buarque, A. A. União Paulista, São Paulo F. C., A. A. Paulistana, A. A. Acadêmica, S. C. Primavera, A. A. Botafogo, C. A. Vitória, A. A. Água Branca e *S. P. Railway Foot-Ball Club*.

[146] Times que frequentaram os campos do parque Antártica, entre 1903 e 1910: *S. C. Perdizes, Victoria A. C., S. C. Barra Funda, S. C. União, A. A. Paulistana, Destemido Team, Internacional F. C., S. C. Samaritano. A. A. da Lapa, S. P. Railway F. C., S. C. Boer, The Campos Elyseos F. C., S. C. Americano* e *S. C. São Paulo & Minas*.

[147] V. NICOLINI, H. (2001). *Op. cit., passim*.

[148] Cito apenas alguns exemplos de agremiações que aparecem nos jornais, entre 1902 e 1904, com nomes associados a bairros de São Paulo, sem a preocupação de esgotar a longa lista: *S. C. Hygienópolis, S. C. Liberdade, C. A. Bella Vista, S. C. Campos Elyseos, Villa Buarque F. C., S. C. Perdizes, A. A. Araçá, S. C. Mooca, C. A. Paraíso, S. C. Consolação, A. A. Avenida Paulista, S. C. Sant'Anna, C. A. do Braz, S. C. Hyppodromo, S. C. Jardim da Acclimação, A. A. Bom Retiro, C. A. Cambucy, Belém S. C., S. C. Arouche, S. C. da Luz, Pary A. C.*

Associação Democrata e tantos outros nomes de agremiações que não deixaram vestígios e permanecem nas sombras do passado. Não há base documental para considerá-los discriminados por não jogarem no gramado do velódromo, eles não estavam em oposição aos clubes de espetáculos. Nem se poderia entendê-los como simples imitadores dos rapazes ricos.

É preciso resistir à ideia do futebol como um valor cultural absorvido passivamente pelas massas, após a importação. Esse pensamento pode ser cômodo num primeiro momento, mas no final das contas ele seria redutor por desprezar as possibilidades de assimilação ativa. É muito provável que o jogo de bola tenha sido reapropriado nos bairros com novos significados, assim como acontecia em outros tipos de manifestações culturais. Ao lado da música, da dança, do teatro e das festas, o esporte estava entre as formas de sociabilidade de grupos mais distanciados dos valores da elite governante. Os sentimentos bairristas estavam por toda São Paulo. Não apenas nas representações das quatro ou cinco nacionalidades europeias predominantes na população, mas nas incontáveis micro-comunidades compostas por imigrantes. Com frequência as origens geográficas mais remotas uniam culturalmente esses pequenos agrupamentos, saídos de regiões rurais da Europa. Alguns compunham teias de parentescos nascidas em povoados italianos, com dialeto próprio. Ou então, após passarem pelas lavouras cafeeiras, eles chegavam do interior do estado já mesclados em novas redes de relacionamentos.

Reagrupados em vizinhanças de bairros na capital paulista, os recém-chegados recordavam seus valores de origem, se faziam representar por marcas de identidade cultural e territorial. As diferenças de origens comunitárias estavam justapostas em zonas contíguas no traçado da cidade. Várias formas de comunicação foram abraçadas para manifestar as presenças diversificadas no espaço urbano, para fincar raízes em solo novo, recompor vínculos nesse meio estranho e promover a integração mútua. Movimentos associativos informais foram próprios de cidades com fluxos imigratórios intensos, eles aconteceram em Buenos Aires, em Montevidéu e tantas cidades brasileiras na mesma época. Mesmo nas cidades industriais britânicas a difusão do futebol esteve frequentemente relacionada ao êxodo rural ocorrido dentro do arquipélago.

O futebol é um dos poucos esportes onde o mais fraco consegue, às vezes, surpreender e vencer o favorito. São sempre as mesmas regras, elas pouco mudaram ao longo do tempo, mas cada jogo é diferente e o resultado não pode ser previsto com

segurança. Isso adiciona bons graus de rivalidade, suspense e emoção às disputas, ajuda a incluir os menos aptos e anima aos não-praticantes a se integrarem como assistentes participativos (torcedores). O futebol logo se espalhou pela capital e penetrou no interior do estado, passados poucos anos já seria possível assistir a partidas entre times de colonos em certas fazendas de café.

Fig. 20. Time fundado por colonos italianos da pequena Santa Cruz das Palmeiras, zona cafeeira do estado de São Paulo, em 1908.

A teatralização de choques miméticos entre nacionalidades, promovida pelos espetáculos de futebol da LPF, estimulou a assimilação. Esse é um esporte bastante adequado para as expressões de identidades em pequenos grupos: é coletivo, não exige dotes físicos especiais dos atletas, nem aprendizagem complexa ou equipamentos caros e sofisticados. O espaço geográfico é um elemento importante nessa encenação esportiva, as partidas representam disputas e conquistas territoriais entre duas forças rivais uniformizadas (times/exércitos), o que favorece as representações bairristas/nacionalistas. [149] Isso se constatou desde as origens camponesas do jogo, no *folk football* britânico. Depois de codificado nas *public schools* inglesas ele foi abraçado pelas populações urbanas que se organizavam em torno dos locais de moradia e trabalho. Formavam times polarizados em pares antitéticos, representantes de cidades ou de bairros rivais: irlandeses x escoceses, celtas x anglo-saxões, católicos x protestantes, mineiros x doqueiros e assim por diante. [150]

[149] FRANCO JÚNIOR, H. (2007). *Op. cit*., p. 213-246.
[150] V. CORBIN, A. (2001). *Op. cit.* p. 265-266; DUNNING, E. e SHEARD, K. (1989). *Op. cit*., p. 99; HOLT, R. (1989). *Op. cit*., p. 166-168; GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 26-30; HOBSBAWM, Eric J.. *Mundos do trabalho*: novos estudos sobre a história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, p. 268, 291 e 294.

A precária organização do esporte paulistano

Clubes de diferentes bairros paulistanos também passaram a disputar campeonatos em ligas calcadas no modelo oligárquico da LPF, limitadas a cinco ou seis agremiações em cada. Em novembro de 1903 foi formada a *Segunda Liga de Football de Primeiros Teams.* [151] No ano seguinte foram fundadas a *Liga Paulistana de Football*, a *Liga Internacional de Football* e a *Liga Paulista de Football Infantil*. [152] Uma nova *Segunda Liga Paulista de Football* foi criada em 1905 e duas outras no ano seguinte, chamadas de *Terceira* e de *Quarta* que, apesar dos nomes, não estavam subordinadas entre si. [153] A *Liga Americana de Football* e a *Liga Escolar* foram organizadas em 1907. [154] Fora da capital apareceram em 1904, a *Liga Santista de Football* e a *Liga do Centro* com clubes de Campinas, Amparo, Casa Branca, Mogi Mirim e Itapira. [155] Essas entidades não se unificaram em federação e outras centenas de clubes permaneceram independentes, com campeonatos e jogos casuais entre si.

A organização em pequenas coligações se assemelhava mais à dos esportes universitários americanos do que ao sistema europeu de federações nacionais e internacionais. [156] Na Inglaterra o primeiro campeonato disputado em liga – cujo modelo inicial baseava-se em congêneres americanas – aconteceu em 1888 com a participação de doze clubes profissionais. O número de agremiações afiliadas ao campeonato da Football League inglesa cresceu sem cessar nos anos seguintes com a adesão de coligações menores. [157] Em 1892, com a inclusão de mais 16 equipes, foi estabelecida a separação em subgrupos, sob o inovador critério de promoção e rebaixamento. Em 1905 a FA contava com 40 times em duas divisões e em 1920 com 88 em quatro divisões. O modelo de competição em grupos escalonados se consolidou, ganhou forma piramidal nas décadas seguintes, com centenas de equipes, e foi copiado em outros países. [158] Na Alemanha a federação nacional, *Deutscher Fussball Bund*, foi fundada em 1900 com a

[151] *O Estado de São Paulo*, 21 nov. 1903, p. 2.
[152] *O Estado de São Paulo*, 4 jun. 1904, p. 2; 7 jun. 1904, p. 2; 21 jul. 1904, p. 2.
[153] *O Estado de São Paulo*, 6 mai. 1905, p. 2; 22 jun. 1906, p. 3; 25 nov. 1906, p. 3.
[154] *O Estado de São Paulo*, 14 fev. 1907, p. 3; 18 fev. 1907, p. 2; 4 abr. 1907, p. 4.
[155] *Correio Paulistano*, 3 nov. 1904, p. 4; *O Estado de São Paulo*, 6 jul., 1904, p. 2; 1 set. 1904, p. 2.
[156] ARNAUD, Pierre. Sport and international relations before 1918. In: ARNAUD, Pierre e RIORDAN, James (orgs.). *Sport and international politics*. London: Spon Press, 1998, p. 14-30
[157] V. DUNNING, Eric. *Sport matters*: sociological studies of sport, violence, and civilization. London: Routledge, 1999; GOLDBLATT, D. (2008). *Op. cit.*, p. 57. HILL, Jeffrey. Sport et classe ouvrière en Grande-Bretagne. In: ARNAUD, Pierre (org.). *Les origins du sport ouvrier en Europe*. Paris: L'Harmattan, 1994, p. 95.
[158] SZYMANSKI, S. e ZIMBALIST, A. (2006). *Op. cit*., p. 46-47.

participação de 86 clubes e em 1902 ela organizou o seu primeiro campeonato com quase 150 equipes, subdivididas em ligas e subligas regionais.

A poderosa federação poliesportiva francesa, a USFSA, também procurou centralizar o esporte em seu país e barrar a formação de ligas dissidentes, principalmente as profissionais. Em 1899 ela contava com 25 clubes em três divisões subordinadas. Mas na França o processo de federalização foi disputado entre diversas entidades, a principal oponente da USFSA era a católica *Fédération de Gymnastique Sportive des Patronages de France* (FGSPF). [159] A disputa entre as duas federações foi acirrada, em 1911 cada uma chegou a contabilizar cerca de 350 clubes filiados. Por imposição da própria USFSA, que tentava resistir ao avanço do movimento católico e do socialista, a federação internacional de futebol, FIFA (1904), só aceitou subordinar uma entidade por país. Entretanto, em 1908 a FGSPF conseguiu deslocar a sua rival da posição de representante oficial da França.

A partir dessa época a organização do futebol europeu foi verticalizada em todos os países membros da FIFA. As ligas independentes ficaram debilitadas, algumas foram obrigadas a aderir ao único organismo nacional reconhecido, outras desapareceram nos anos que antecederam à Primeira Grande Guerra. Enquanto isso o futebol brasileiro, até pelo seu isolamento geográfico, ficou alheio ao movimento federativo europeu. Ele permaneceu por quase duas décadas fracionado em pequenas ligas locais, extremamente voláteis e pouco democratizadas. Em São Paulo foi principalmente a postura elitizada da LPF que favoreceu a formação de coligações independentes. No Rio de Janeiro a *Liga Metropolitana de Football*, fundada em 1905, exerceu papel equivalente. [160] A rivalidade política estabelecida entre cariocas e paulistas dificultava qualquer tentativa de criar uma entidade com abrangência nacional naquele momento, como se verá no próximo capítulo.

A organização era espontânea e livre as improvisações. Contudo, é certo que a linguagem lúdica importada da Europa se espalhou conservando a sintaxe original. Ou seja, as regras ditadas pelo IFAB inglês foram preservadas por todos os clubes e ligas de São Paulo, não se criaram versões nativas de jogos com os pés. A assimilação da cultura exógena se dava em via de mão dupla. Um pequeno clube de bairro podia se apropriar

[159] SLIMANI, Hassen. *La profissionnalisation du football française*: un modèle de dénégation. Thése (Doctorat en Sociologie). Nantes: FLSH/UN, 2000, p. 23-45; DUBREUIL, Bernard. La fédération catholique et la Rèpublique (1898-1914). In: ARNAUD, Pierre (org.). *Les athlètes de la Republique*: gymnastique, sport et idéologie républicaine, 1870/1914. Paris: L'Harmattan, 1997, p. 205-221.

[160] PEREIRA, L. A. M. (2000). *Op. cit*., p. 72-73; PRONI, Marcelo W. *A metamorfose do futebol*. Campinas (SP): UNICAMP, 2000, p. 102-106.

do jogo de bola inglês para lhe atribuir novos significados na vida comum. Em contrapartida, o grupo de futebolistas se atrelava ao movimento de padronização de códigos culturais, teoricamente isso o capacitava para um diálogo universal: jogar com times de qualquer parte. Mesmo na ausência de uma organização centralizada, havia uma referência comum em São Paulo, os espetáculos apresentados pela LPF que, por sua vez, seguia rigorosamente as normas ditadas pelo órgão inglês, mesmo sem estar formalmente subordinada a ele.

Sequer sobre o estilo de jogo se pode arriscar dizer que houvesse desde então variações importantes entre os diferentes círculos de praticantes. Não são conhecidos registros suficientes para sustentar tal hipótese. Os times da época procuravam seguir a clássica distribuição inglesa das posições em campo, em três linhas (2-3-5), conforme orientavam os manuais esportivos importados: 1 *goalkeeper* (goleiro), 2 *backs* (zagueiros), 3 *half-backs* (médios) e 5 *forwards* (atacantes). [161] Os cronistas esportivos criticavam quando os jogadores de espetáculos abusavam do individualismo e elogiavam as atuações ritmadas por trocas de passes constantes. Somente nos anos 20 os jornalistas começaram a identificar certa originalidade no estilo do futebol praticado na América do Sul. Esse tema será abordado mais adiante.

Ao permitir o diálogo esportivo nessa linguagem universalizada, ao romper as barreiras étnicas e estabelecer redes de fraternidades informais, o futebol constituiu matriz de interação social que, em sentido contrário, ajudou a afrouxar velhos laços comunitários. A diáspora dos jogos ingleses fez parte da globalização que dissolvia os particularismos, ela ajudou a quebrar vínculos históricos e a lançar no esquecimento as heranças de pequenos grupos. Quanto maior o isolamento cultural das comunidades imigrantes, mais urgente era a necessidade de aderir à nacionalidade receptora e os esportes estavam entre os veículos de integração possíveis. Visto por esse ângulo, ao invés de reforçar a miríade de identidades estrangeiras que se fixaram São Paulo, ele contribuía sim para aplainá-las dentro dos moldes escolhidos pelas elites locais. Nacionalizava os comportamentos e, paralelamente, nos conectava aos costumes europeus internacionalizados.

Jamais a ginástica, o ciclismo e o jogo da péla, atingiram a mesma força e amplitude em São Paulo, só turfe e o remo tiveram momentos equivalentes. A linguagem do futebol atravessou as camadas sociais e criou uma afinidade de interesses

[161] V. WEBER, Ernest. *Sports athleticos*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1910, p. 155-156.

em torno da teatralização esportiva. Eram narrativas que pairavam sobre os temas da vida cotidiana, pregavam a harmonia e a interlocução social. A proliferação do jogo de chutar como lazer não esvaziou as plateias do futebol de exibição, ao contrário, as reforçou. O prazer de jogar não substituiu ao de assistir às partidas da LPF e as atenções dos torcedores continuaram centralizadas nos clubes de espetáculos. As fronteiras sociais eram cruzadas pelas paixões clubistas, jogadores e torcedores de diferentes matizes compartilhavam o mesmo plano de comunicação, ainda que separados pelo abismo entre classes. O fazendeiro e o seu barbeiro poderiam conversar animadamente sobre um *crack* alemão do velódromo da Consolação, tão bem quanto sobre um *crack* tordilho do hipódromo da Mooca.

O clube como entidade de livre associação

É difícil precisar, também, em que medida o futebol se espalhou pela cidade de São Paulo nos primeiros anos do século XX. As raras referências quantitativas apresentam valores desencontrados. Monteiro Lobato arriscou o número de 250 associações que praticavam o jogo na capital paulista em 1905. [162] Charles Miller estimou, em carta endereçada a amigos ingleses no início de 1904, que existissem entre 60 e 70 clubes. [163] Parece que o jogador foi mais preciso que o escritor, pois o levantamento estatístico realizado em 31 de julho desse mesmo ano pela revista *A Vida Sportiva* chegou à contagem de 72. [164] Nenhum número pode ser considerado exato, dependia do critério e do momento da contagem, tal a profusão de times que se formavam naquele momento. Das centenas de agremiações que se autodenominaram "clube atlético", "associação esportiva", "esporte clube" ou "futebol clube" grande parte era constituída por pequenos grupos de jovens cujo patrimônio, possivelmente, se limitava às camisas e bolas. Alguns adotaram nomes de ruas, sugerindo que estavam compostos por grupos de vizinhos. [165]

O conceito de *club* foi atribuído a qualquer associação livre, com fins culturais e recreativos, independente da quantidade de membros, do patrimônio e de quaisquer outros vínculos institucionais. Até a primeira do século XX, eram organizações

[162] LOBATO, M. (2008). *Op. cit*., p. 162.
[163] *Banister Court School Magazine*, 3 (31), 1904, *apud* HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!* Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001, p. XXIII-XXIV.
[164] Cf. *O Estado de São Paulo*, 21 ago. 1904, p. 3. V. tb. MARINHO, I. P. (1952). *Op. cit.*, p. 36.
[165] Alguns exemplos de times de futebol com nomes de ruas: *A. A. Avenida Paulista*, *A. A. Avenida Angélica*, *A. T. Major Sertório*, *S. C. Maria Antonia*, *A. A. Alameda Nothmann*, *A. A. da Glória*, *C. A. Monte Alegre.*

tipicamente masculinas. O fenômeno das associações civis espontâneas era muito recente no país, ele recebeu um forte impulso a partir da constituição republicana de 1891 que liberou esse direito. Poder elaborar as regras de convivência sem interferências externas tinha um sabor de liberdade para os grupos de jovens, em relação à geração dos pais. Antes isso era mais difícil, pois durante o Império a formação de um clube dependia de autorização legal. Para citar um bom exemplo, quando o *Club de Corridas Paulistano* (depois *Jockey Club*) foi fundado em 1875, os então jovens fazendeiros paulistas da geração anterior tiveram que aguardar durante dezenove meses para realizar o primeiro programa de páreos no hipódromo da Mooca. A liberação dos papéis ficou retida na Corte durante todo esse tempo, sob a suspeita de que fosse uma agremiação de políticos republicanos (em parte era mesmo, mas não só deles). [166]

A expansão das sociedades civis de direito privado – instâncias formadas para os relacionamentos econômicos e sociais, constituídas fora da esfera íntima da família, mas igualmente separadas da estrutura de poder político – teve ritmos bem diferentes em cada país. O princípio da livre associação estava consolidado na tradição jurídica britânica desde o século XVIII, mas na França ele só foi reconhecido em lei de 1901, mesmo assim com certas restrições. [167] Os clubes eram órgãos de participação voluntária, portanto estavam sujeitos ao gosto instável, aos modismos e aos apertos financeiros dos seus associados. As instituições mantidas pelas classes abastadas ou as profissionalizadas, sempre tiveram melhor estrutura para sobreviver, desse modo elas deram continuidade ao seu modelo de organização, fizeram prevalecer os seus regulamentos e perpetuaram seus valores esportivos. [168]

Nos primeiros anos da República brasileira o clube era um canal recém-aberto para a sociabilização dos rapazes fora do âmbito doméstico e com relativa distância do poder público também. Como tal, os jovens tendiam à individualização das relações. Entretanto, o peso da ordem social agrária se fazia sentir. Os parentescos foram carreados para dentro dos clubes de espetáculos e ali continuavam mais do que

---

[166] *A Provincia de São Paulo*, 22 fev. 1876, p. 2. V., tb., MOUTINHO, José G. N. *Jockey Club de São Paulo*: 1875-1985, 110 anos. São Paulo: JCSP, 1986. p. 9-10.

[167] SZYMANSKI, Stefan. A theory of the evolution os modern sport. *Journal of Sport History*, 35 (1): 1-32, 2008; HARE, Geoff. *Football in France*: a cultural history. Oxford: Berg, 2003, p. 25-26; ARNAUD, Pierre. La sociabilité sportive. Jalons pour une histoire du mouvement sportif associatif. In: _____. *Les athlètes de la Republique*: gymnastique, sport et idéologie républicaine, 1870/1914. Paris: L'Harmattan, 1997, p. 359-84 ; WAHL, Alfred. *Les archives du football*: sport et societé en France, 1880-1980. Paris: Gallimard-Julliard, 1989, p. 42-44; SLIMANI, H. (2000). *Op. cit.*, p. 33-35.

[168] VIGARELLO, Georges. *Du jeu ancient au show sportif*.: la naissance d'um mythe. Paris: Seuil, 2002, p. 59-61; HOLT, R. (2003). *Op. cit.*, p. 272.

evidentes, pois as tradições familiares tinham enorme força de controle e alcance na sociedade oligárquica. Visto por esse ângulo a associação esportiva em São Paulo pode ser corretamente considerada como extensão da família ou melhor, como um círculo expandido de parentescos, onde as relações de afinidades ficavam expostas.

Ao mesmo tempo, a conquista do direito de livre organização em círculos de camaradagem afastava os rapazes da esfera familiar restrita e abria possibilidades de livre escolha nos espaços comuns. [169] Sem dúvida isso provocava tensões dentro das famílias abastadas, pois os laços parentais se esgarçavam. Os moços se distanciavam do jugo paterno e procuravam aderir aos gostos e atividades próprios da ideia de *juventude*, uma faixa etária entre a adolescência e o casamento concebida com ares de independência, que só se delineou com maior clareza a partir daquele período histórico. A principal razão aparente para um jovem se associar – a prática de esportes – poderia encobrir uma série difusa e nem sempre revelada de outras motivações: Teste de responsabilidade e autoafirmação? Modelagem do físico e amadurecimento sexual? Convivência com seus iguais? Ampliação do círculo de relacionamentos? Confirmação de uma identidade social? Participação cívico-comunitária? Meio de promoção pessoal? Talvez um pouco de tudo isso e ainda mais. O clube preencheu algumas das funções de iniciação para a vida adulta que antigamente cabia aos pais e padrinhos de batismo oferecer. [170]

Ao contrário do turfe, os jovens não dependiam da riqueza familiar para aderir ao atletismo. Estimulados pelos valores republicanos os clubes esportivos se multiplicaram no início do novo regime para a prática da ginástica, do ciclismo, da pelota, da patinação, do tiro, do basebol, do tênis, da esgrima, do remo e especialmente a partir do futebol. Até o final de 1901 os únicos clubes mencionados nos jornais como praticantes do futebol em São Paulo eram aqueles cinco que fundaram a primeira liga. O jogo não se difundira até então. Naquele momento sequer nas colunas de notícias policiais eram encontradas referências a conflitos ou acidentes ocorridos em jogos de bola informais, como às vezes acontecia em frontões de pelota, em bilhares e em corridas de bicicletas pelas ruas.

Mas o cenário mudou a partir de 1902, quando o primeiro campeonato da LPF foi realizado. A agitação da juventude podia ser notada pelos jornais, as agremiações

[169] V. HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 180-189.
[170] ARNAUD, P. (1997). *Op. cit.*, p. 368-369 e 372-373.

apareciam e sumiam da noite para o dia, renasciam, mudavam de nome, adotavam denominações quase idênticas, se unificavam ou subdividiam sem formalidades. A revista *Vida Paulista* indicou que a expansão do futebol era muito rápida naquele momento:

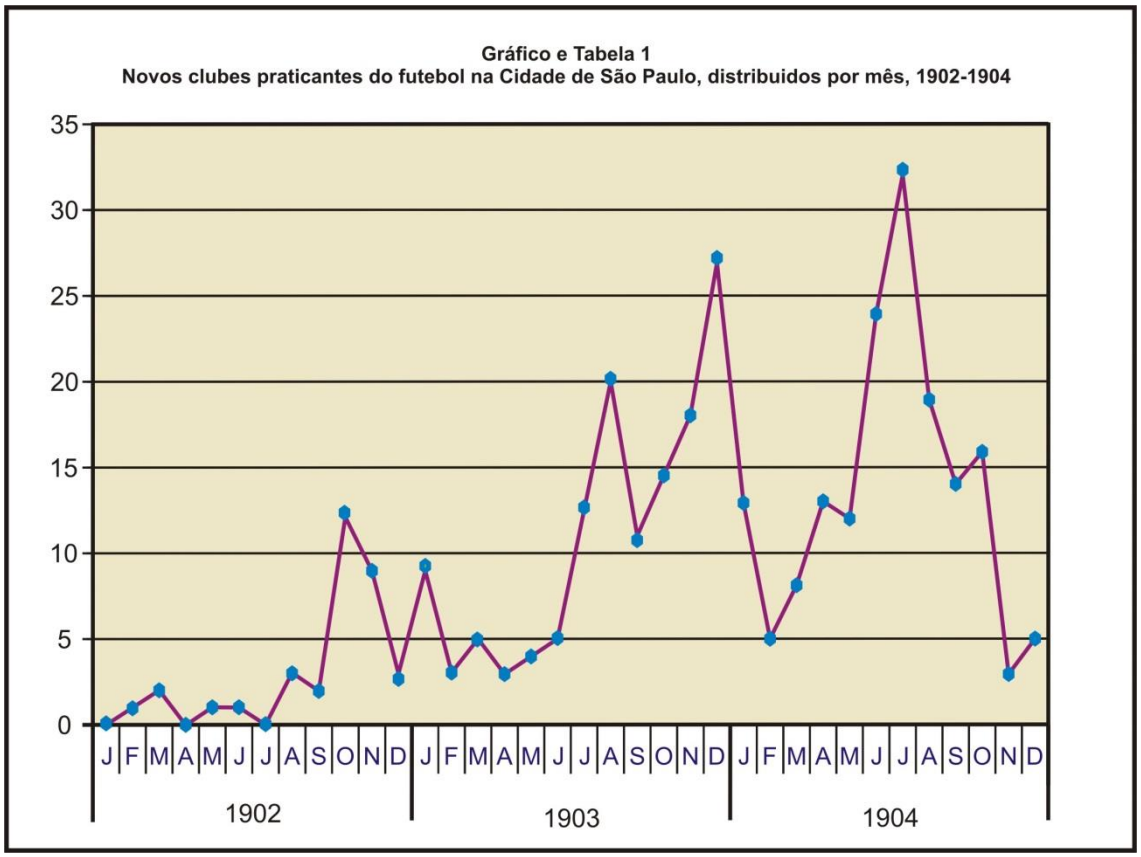
> O gosto pelos gêneros de *sport* desenvolve-se cada vez mais em S. Paulo.
> Assim é que, além das corridas de cavalo, infelizmente em declínio, depois de ter durante longos anos atravessado uma fase brilhante, cultiva-se o jogo da pelota, o remo, a peteca, o ciclismo, o tiro ao alvo e aos pombos, a esgrima e finalmente o emocionante *foot-ball* que empolgou de vez não só a mocidade, mas ainda todos quantos apreciam os exercícios atléticos. É realmente de admirar o rápido desenvolvimento que entre nós teve esse jogo, que conta uma centena de *clubs*, desde à mocidade da mais elevada classe social até a dos mais pobres *pé-rapados*, sem contar os *clubs* filiados às *Ligas*. [171]

O futebol foi identificado como principal atividade física em 61% das 118 associações esportivas encontradas na cidade quando a revista *A Vida Sportiva* fez a contagem em 1904. É muito provável que pequenos times de bairro não tenham sido registrados pela pesquisa, jamais saberemos o número exato. Ao longo de três anos (1902-1904), o jornal *O Estado de São Paulo* citou 330 nomes diferentes de clubes praticantes desse jogo, só na cidade de São Paulo. Essa quantidade é muito expressiva por si só, pois indica que milhares de jovens se envolveram com o jogo de chutar em curto período. É um levantamento sem valor estatístico devido à imprecisão do tipo de fonte utilizada, porém deixa claro que o futebol iniciou a sua primeira grande onda de divulgação naquele triênio. Ao distribuir essas agremiações em gráfico e tabela, tomando por base a data de fundação informada pelo jornal ou a primeira notícia da sua existência, outras observações interessantes podem ser feitas. [172] As curvas revelam sazonalidades no movimento associativo, ele se acentua no segundo semestre de cada ano. É uma provável influência da empolgação vivida durante as temporadas da LPF, pois as disputas começavam em maio e terminavam em outubro. Nota-se também um aumento na fundação de clubes de ano para ano, no terceiro a quantidade é quase cinco vezes maior que no primeiro. É plausível afirmar que o crescimento das expectativas, diante da rivalidade CAP *versus* SPAC, aqueceu o fenômeno das associações esportivas

[171] Cf. *Vida Paulista*, 12-13 set. 1903, p. 4.

[172] Para uniformizar a coleta das informações, todos os registros foram extraídos da mesma coleção de jornais, a d'*O Estado de São Paulo* existente no *Arquivo do Estado*. Os dados poderão sofrer pequenas variações conforme a coleção consultada, eles dependem do periódico e do arquivo escolhidos, pois existem lacunas de exemplares e páginas ilegíveis em todos os acervos. Os valores aqui indicados não estão acumulados, não indicam quanto tempo cada associação sobreviveu, nem quantas delas coexistiam num dado momento. Informam apenas quantos novos nomes de clubes de futebol foram citados a cada mês.

a cada campeonato. Em boa medida os dados corroboram com as recordações daquele torcedor apaixonado do CAP que, em 1918, escreveu o *Relatório histórico* citado no início deste capítulo. São indícios fortes de que as competições promovidas pela LPF, sete anos depois das primeiras partidas disputadas por estrangeiros na cidade, induziram a propagação do futebol para fora do círculo restrito em que se encontrava até então.



	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1902	0	1	2	0	1	1	0	3	2	12	9	3	**34**
1903	9	3	5	3	4	5	13	20	11	14	18	27	**132**
1904	13	5	8	13	12	24	32	19	14	16	3	5	**164**
Total	**22**	**9**	**15**	**16**	**17**	**30**	**45**	**42**	**27**	**42**	**30**	**35**	**330**

Fonte: jornal *O Estado de São Paulo*, jan.1902 ─ dez.1904.

Futebol para todos

Os jornais não deixam dúvidas de que nesse momento a popularização do futebol foi incentivada. Até 1901 os periódicos não davam qualquer importância para esse esporte, como se queixou Charles Miller em depoimento posterior. [173] Se limitavam a notas vagas e esporádicas. Porém após a fundação do CAP e da LPF eles passaram a noticiar até resultados de partidas entre times de garotos da esquina. Em junho de 1903 *O Estado de São Paulo* iniciou uma série de artigos em defesa das práticas esportivas,

[173] V. MAZZONI, T. (1950). *Op. cit*., p. 19.

particularmente a do futebol. [174] Vários desses textos foram assinados apenas com a letra N, de "Ninguém" como disse o próprio articulista, outros só com a letra F. Mas a autoria é conhecida, eles foram escritos por dois cronistas/futebolistas e dirigentes do CAP, Mario Cardim e Luiz Fonseca. O primeiro foi um jornalista que ao longo de toda a vida militou a favor da adoção dos jogos na educação pública. Nascido no Rio de Janeiro, filho do juiz federal Saturnino Cardim, o jornalista Mario Sergio Cardim morava em São Paulo desde a infância. Formado pela *Escola Normal* da praça da República e pela faculdade de direito do largo São Francisco, entrou ainda adolescente para a redação d'*O Estado de São Paulo* e ali atuou por mais de quarenta anos. Paralelamente, seguiu a carreira de educador, foi professor no ensino médio e superior. [175]

Pelas colunas do jornal, Cardim fez críticas à adoção da ginástica francesa nas escolas. Defendeu os exercícios da metodologia sueca, que dispensava o uso de aparelhos e dizia que "o complemento natural dessa ginástica, que deve ser feita nas escolas, é o *sport*". [176] Como ex-aluno do *Gymnasio do Estado* e da *Escola Normal*, ele conhecia bem os pesados exercícios militarizados da tradição francesa fundada por Francisco Amorós. Considerava que a ginástica com aparelhos deveria "estar limitada aos circos e feiras" e que: "unicamente os *sports*, que provocam uma ação mais intensa e viril, agem diretamente sobre a nutrição geral ao mesmo tempo que sobre a vontade e o caráter. O *sport* é o complemento indispensável da ginástica de desenvolvimento". [177]

Eram os primeiros esboços em nosso país de um debate que atravessou as décadas seguintes. De um lado estavam os pedagogos que defendiam o valor educativo dos jogos competitivos, uma forma mais espontânea, motivadora e participativa de exercícios físicos. De outro, aqueles que os consideravam como divertimentos sem fundamentos científicos, sem métodos e parâmetros mensuráveis, constantemente atrapalhados pelas emoções, indisciplinas e, por isso tudo, impróprios para a rotina escolar. [178] Uma polêmica que na Europa vinha sendo travada havia mais de uma

---

[174] V. p. ex., *O Estado de São Paulo*, 25 jun. 1903, p. 2; 28 jun. 1903, p. 2; 9 jul. 1903, p. 3; 20 jul. 1903, p. 2; 12 mar. 1904, p. 3; 5 mai. 1904, p. 2; 13 mai. 1904, p. 2; 16 mai. 1904, p. 2; 22 mai. 1904, p. 4.

[175] *O Estado de São Paulo*, 28 jun. 1945, p. 8; 31 jul. 1946, p. 8. Entre os outros cargos que ocupou no funcionalismo, Mario Cardim foi inspetor de instrução pública. Em 1914 ele fundou a *Associação Brasileira de Escotismo* e mais tarde, entre 1927 e 1930, colaborou com o pedagogo Fernando de Azevedo e o prefeito do Distrito Federal, Antonio Prado Junior, no desenvolvimento da educação física nas escolas do Rio de Janeiro.

[176] Cf. *O Estado de São Paulo*, 28 jun. 1903, p. 2.

[177] Idem.

[178] V. SOARES, Carmen L. *Educação Física*: raízes européias e Brasil. 4a. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 2007, p. 69-133; LINHALES, Melly A. *A escola e o esporte*: uma história de práticas

década. [179] No Brasil acabou por prevalecer a relação de complementariedade: o ensino das ginásticas monopolizou a educação física nas escolas públicas por muitos anos (intramuros), enquanto a pedagogia dos jogos autodisciplinados se espalhou entre poucas escolas particulares instaladas em chácaras suburbanas e principalmente nos espaços livres da cidade (extramuros). Mas não existiam vínculos formais entre as duas práticas. Essa distribuição bipolar entre modelos de atividades atléticas com origens históricas distintas, germânica e britânica, continuou na até os anos 1920, quando teve início a "escolarização" dos esportes no ensino público. Só a partir daí os jogos começaram a ser incorporados aos currículos oficiais.

Mario Cardim teve especial importância na divulgação do futebol em São Paulo e pode ser considerado o primeiro jornalista do país a discutir sobre as características e qualidades desse jogo. [180] Foi vanguardista na crônica especializada e contribuiu para a criação de um estilo narrativo que descrevia as "peripécias" das partidas. Como jogador tudo indica que lhe faltou talento: atuou pelo SCI no campeonato de 1902 e dois anos mais pelo segundo time do CAP. Teve maior importância como dirigente deste clube e de diferentes federações atléticas ao longo da vida. Com a colaboração de Charles Miller ele traduziu as regras inglesas no seu *Guia de football*, edição que inaugurou o tema na literatura esportiva do país. Era um pequeno almanaque destinado a popularizar o jogo, publicado a partir de 1903 em colaboração com seu parceiro de crônica, o major Luiz Fonseca, e reeditado com dados atualizados a cada ano. Muito divulgado, cada edição trazia informações sobre os clubes, jogadores, tabelas de jogos, táticas e regras. [181] Com o forte patrocínio da *Cia. de Calçados Clark*, a brochura atingiu a tiragem de vinte mil exemplares em 1908. [182] Embora de modo irregular, ela continuou a ser publicada até meados da década seguinte.

---

culturais. São Paulo: Cortez, 2009; _____. Esporte e escola: astúcias da "energização do caráter" dos brasileiros. In: PRIORE. Mary Del e MELO, Victor A. (orgs.) *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009, p. 331-358; VAGO, Tarcísio M. *Histórias de educação física na escola*. Belo Horizonte: Mazza, 2010, *passim*.

[179] V. COUBERTIN, Pierre de. *Pédagogie sportive*. Paris: Vrin, 1972, p. 52-56; MacALOON, John J. *This great symbol*: Pierre de Coubertin and the origins of the modern olympic games. London: Routledge, 2008, p. 109-123; VIGARELLO, G. e HOLT, R. (2008). *Op. cit*., p. 471-478; HOLT, R. (1989). *Op. cit*., p. 139-143; HARGREAVES, J. (1986). *Op. cit*., p. 62-65.

[180] SANTOS NETO, J. M. (2002). *Op. cit*., p. 82-83 e 88-90.

[181] V. CARDIM, M. (1906). *Op. cit*.. Almanaques esportivos com formatos semelhantes eram usados desde o final do Império para orientar os apostadores no turfe. Em 1888 Alcides de Almeida editou no Rio de Janeiro o *Guia dos sportsmen ou o Vademecum dos amadores de corridas*. V. TOLEDO, Luiz H. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 12.

[182] *O Estado de São Paulo*, 19 mai. 1908, p. 3.

As práticas físicas em contato com a "natureza" eram amplamente incentivadas no país por médicos, higienistas, escritores, pedagogos e militares para ativar as "forças da nação". [183] Pela coluna esportiva do jornal Cardim embarcou no tom patriótico ao exaltar o movimento esportivo que observava na cidade:

> De fato não é deveras animador para os que sonham com a grandeza da pátria ver que a mocidade, seguindo esse instinto comum aos povos e aos indivíduos, vai procurar nos exercícios do corpo as fontes de sua própria conservação, isto é, da conservação da sua nacionalidade, pois que só é forte uma nação de homens fortes? [184]

Está claro que as iniciativas para envolver a população em atividades corporais não eram novas, faziam parte das pedagogias francesas e alemãs importadas nos anos anteriores, isso foi visto no capítulo anterior. Os exercícios em ambientes abertos começaram a ser difundidos em São Paulo através das agremiações de ginástica, de ciclismo e atletismo – especialmente a *Deutsch Turnerschaft* (1890), o *Veloce Club Olympico* (1895) e o *Sport Club Internacional* (1899). Vale repetir que os modelos originais eram ainda mais remotos. Em Paris o início dos *sports en plein air* foi dado pelos secundaristas do *Racing Club de France* em 1882, seguidos imediatamente por outros clubes de estudantes. [185] Na Alemanha o hábito era bem mais antigo. O primeiro festival pan-germânico de ginástica ao ar livre (*turnfest*), para citar outro marco significativo, aconteceu em 1860 em Coburg e reuniu cerca de mil atletas de diferentes associações.

É importante, porém, assinalar que houve uma mudança de orientação a partir dos espetáculos da LPF, devido ao privilégio que se deu ao futebol nas apresentações. Os programas dominicais foram concentrados em apenas uma ou, no máximo, duas partidas jogadas. Era uma atração forte o suficiente para a oligarquia paulista recuperar as atenções que vinha perdendo para as associações atléticas de imigrantes e ocupar o vazio deixado pela decadência das corridas de bicicletas. As divertidas partidas de futebol enfraqueceram o interesse pelas festas gímnicas de modelo alemão. [186]

---

[183] V. MELO, Victor A. *Cidade esportiva*: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001, p. 185-192; LUCENA, Ricardo F. *O esporte na cidade*: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Tese (Doutorado em Educação Física). Campinas: FEF-UNICAMP, 2000, p. 75-87; SOARES, C. L. (2007). *Op. cit*., p. 83-118.

[184] Cf. *O Estado de São Paulo*, 25 jun. 1903, p. 2.

[185] V. ANDRIEU, Gilbert. *L'éducation physique au XXe siècle*: une histoire des pratiques. Paris: Actio, 1993, p. 19-20; POCIELLO, Christian. Quelques indications sur les determinants historiques de la naissance des sports en Angleterre (1780-1869). In: _____. *Sports et société*: approche socio-culturelle des pratiques. Paris: Vigot, 1981, p. 39-42; WEBER, E. (1988). *Op. cit*., p. 268-269.

[186] V. MINCIOTTI, Alessandra N. *A prática do turnen na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). São Paulo: EEFE/USP, 2006, p. 79.

O jogo coletivo de gosto popular, ao mesmo tempo em que rompia com a monotonia dos exercícios atléticos repetitivos, afastava o costume das apostas tão presente em outros espetáculos. Serviria tanto para a demonstração de condutas sociais, como para distinguir os craques da bola, uma nova geração de líderes. As atenções do público podiam ser cativadas pelo simples embate entre duas pequenas equipes, assim dispensavam a participação de centenas de ginastas anônimos. Em amplos espaços, com economia de meios, o futebol podia ser espetacularizado. O Velódromo Paulista deixou de ser uma casa de variedades. Ganhou a função principal de *estádio de futebol*, ainda que não recebesse tal nome. Os *footballers* mais habilidosos ganharam evidência, tal como acontecia nos anos anteriores com os melhores *velocemen*. Para esses atletas amadores os espetáculos superaram o papel de lazer descompromissado. Nas exibições eles assumiam a obrigação de estrelar o movimento a favor da cultura física. A diretoria do CAP encarou os sucessos do seu time como um sinal para empreender tal missão. No relatório anual de 1904 ela orientou os seus sócios esportistas desse modo:

> Convém não perder de vista que, num país em que é tão fraco o esforço dos poderes públicos pela educação física do povo, os clubs sportivos têm a desempenhar uma missão da mais alta importância.
>
> E este movimento animador que se nota em São Paulo pelo culto dos exercícios físicos, já vai apresentando resultados visíveis, que nos devem encher de resolução, para prosseguir na tarefa que nos impusemos a princípio, com o único fito de procurar um divertimento, mas que hoje todos reconhecemos que deve ter um móvel superior.
>
> [...]
>
> Todo esforço que nós e as associações congêneres fizermos para manter e desenvolver o culto dos exercícios físicos é um serviço patriótico e credor da benemerência pública como os que mais o sejam. [187]

É oportuno reforçar a comparação feita no início do capítulo. Os futebolistas da elite paulistana iam à contramão dos esnobes amadores ingleses, para os quais os jogos deveriam servir ao prazer dos praticantes e só casualmente para a satisfação dos assistentes. [188] Para os *sportsmen* daquele país a ética amadora fazia parte da formação escolar elevada, da posição social superior, e isso afastava os *gentlemen* dos jogadores profissionais saídos das classes trabalhadoras, estes sim se exibiam para o público pagante.

---

[187] Cf. *O Estado de São Paulo*, 28 nov. 1904, p. 2.

[188] V. HOLT, R. (1989). *Op. cit.*, p. 104-106; DUNNING, E. e SHEARD, K. (1989). *Op. cit*. p. 100-102; BAKER, Norman. Whose hegemony? The origins of the amateur ethos in nineteenth century english society. *Sport in History*, 24 (1): 1-16, 2004; RENSON, Roland. Fair play: its origins and meanings in sport and society. *Kinesiology*, 41 (1): 5-18, 2009.

A pedagogia da bola a céu aberto

Essa forma descontraída, emocionante e popular de educação do corpo poderia ser reproduzida informalmente em espaços abertos com os mesmos exemplos de comportamento edificante ditados no estádio. Entre os times formados a partir de 1902 diversos eram de estudantes das escolas públicas. [189] Alguns receberam o nome da própria instituição de ensino, outros foram rebatizados, mas todos jogavam em áreas externas, fora dos horários letivos. Segundo Mario Cardim – que lecionou inglês no ensino médio do *Hydecroft College* e do *Gymnasio Macedo Soares* –, o futebol era estimulado pelas escolas: "tanto particulares como do governo, os professores em exata quanto louvável compreensão de seus deveres como educadores, tem dele feito assídua propaganda". [190]

É difícil saber se os alunos sempre seguiam orientações de professores ou se em certos casos a iniciativa partia somente deles. O estimulo ao *self-government* fazia parte da pedagogia importada: os estudantes deveriam desenvolver o autocontrole e o espírito de equipe sem a interferência direta dos mais velhos, professores ou pais. [191] Ao que tudo indica, existia disposição de ambos os lados, de alunos e professores, pois nesse momento aumentou significativamente a participação das escolas na divulgação dos jogos ao ar livre em São Paulo, corroborando com a divulgação promovida pelos espetáculos no velódromo. Jorge Americano lembrou as experiências dos alunos da escola modelo da praça da República em jogos disputados não muito distante dali, no campo de futebol da antiga chácara das Palmeiras, onde treinava a equipe da AAP. Nas suas recordações a liderança de um professor foi decisiva:

> Não sei quem instituiu o futebol em São Paulo, nem quando começou.
>
> Mas ali por 1900 ou 1902, seu Carvalho, professor de quinto ano da Escola-Modelo Caetano de Campos, levava, depois da aula, grupos de meninos que iam jogar num campo aberto, pertencente à dona Maria Angélica, que havia na Alameda Barros, entre as ruas Martim Francisco e Barão de Tatuí.
>
> Essas ruas existiam, então, apenas pelo traçado do mapa, pois praticamente eram caminhos. Eu tinha assistido, por esse tempo, a uma ou duas corridas de bicicletas, no velódromo à Rua da Consolação, onde mais tarde foi aberta a Rua Nestor Pestana.
>
> Não sabia se já se jogava futebol ali ou não. Nas ruas toda gente jogava. [192]

---

[189] Alguns exemplos de times de escolas públicas surgidos então: *A. A. Prudente de Moraes, S. C. Sul da Sé F. C.*, *Liberdade Team, S. C. Maria José, Triumpho Team, S. C. Caetano de Campos, Team do Arouche, S. C. Tymbiras.*

[190] Cf. CARDIM, M. (1906). *Op. cit*., p. 116.

[191] COUBERTIN, Pierre. *Pédagogie esportive*. Paris: Vrin, 1972 (1921), p. 52-56; RENSON, R. (2009). *Op. cit*., p. 9 ; VIGARELLO, G. (2002). *Op. cit*, p. 59-61.

[192] Cf. AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo: Carrenho: Narrativa Um: Carbono 14, 2004, p. 298.

Nas memórias do socialista Antonio Figueiredo, a imagem esportiva transmitida pelas escolas começava a influenciar a escolha das famílias de classe média na hora de matricular os filhos. Aos mantenedores interessava que os alunos formassem seus "clubes" para divulgar a imagem da instituição. Figueiredo frequentou o externato da *Escola Americana*, na chácara da Consolação, pois a sua família não podia pagar o alto preço do colégio interno mantido no mesmo local pelos missionários presbiterianos para jovens de origem rica. O futebol ocupou os tempos livres da vida escolar de Figueiredo, mas no seu caso as iniciativas couberam aos próprios estudantes, que se espelhavam nos alunos internos e na equipe da AAMC:

> Propagou-se muito, por aquela época, a excelência dos exercícios físicos, sendo os colégios estrangeiros, que os ministravam, apontados como modelos. O estabelecimento, que cursava, estava em primeiro lugar. O futebol absorveu toda a rapaziada, e nós o praticávamos sem regras, de manhã à noite, em qualquer ponto do recreio. Não havia sapato que chegasse, pois vivíamos a chutar tudo, as bolas de couro, as pedrinhas das ruas e as ideias benfazejas...
> [...]
> Os juvenis do clube também possuíam os seus quadros, e aos sábados entravam em peleja. Participei dessas pelejas, e não me sai mal, não obstante a fragilidade do meu físico. As vitórias das turmas serviam de ótimo reclame para o colégio. E todos os anos as famílias tratavam de arranjar um "lugarzinho" para os seus filhos, a que reservavam missões elevadas: eles seriam os futuros capatazes e dirigentes desta vasta colônia.
> Enraizara-se em S. Paulo esta opinião: a superioridade dos colégios ingleses e norte americanos sobre os demais, visto como cuidavam mais da cultura física do que do intelecto. Pois essa opinião não passava de uma fantasia. Nunca tivemos um professor de ginástica, e desconhecemos sempre os mais elementares preceitos de higiene. [193]

Nos países anglo-saxões, havia pelo menos três décadas, a educação estava associada aos esportes e à religião como forma de atrair alunos e combater a descrença que se alastrava no meio operário. As congregações dos *nonconformists*, ligados à Igreja Anglicana, e os movimentos evangélicos de caráter filantrópico, chamados de *muscular Christianity*, disseminavam o futebol para educar a classe trabalhadora. [194] Diversos clubes profissionais daquele país tiveram origens em escolas paroquiais e em entidades religiosas beneficentes que congregavam, através dos jogos, os estudantes das vizinhanças. [195] Um exemplo bem interessante para a nossa história foi o time pelo qual o então jovem estudante brasileiro Charles Miller jogou, entre 1892 e 1894, em

[193] Cf. FIGUEIREDO, Antônio. *Memórias de um jornalista*. São Paulo: UNITA, 1933, p. 47-48.
[194] DUNNING, Eric e SHEARD, Kenneth. *Barbarians, gentlemen and players, second edition*: a sociological study of the development of rugby football. London: Routledge, 1979, p. 120-121; WATSON, Nick J. et. al. The development of Muscular Christianity in Victorian Britain an beyond. *Journal of Religion & Society*, 7, 2005; HOLT, R. (1989). *Op. cit*., p. 136-139; HARGREAVES, J. (1986). *Op. cit*., p. 48-50 e p. 58-65.
[195] GOLDBLATT, D. (2008). *Op. cit*., p. 40; BAKER, William J. The making of a working-class football culture in Victorian England. *Journal of Social History*, 13 (2): 241-251, 1979.

Southampton, no sul da Inglaterra. O *St. Mary's Y. M. A. Football Club* foi fundado em 1885 por membros da paróquia St. Mary's Church. [196] Na época em que o jovem Miller atuou lá, como amador, a equipe mista já incluía atletas pagos. Em 1894 o *St. Mary's F. C.* passou a disputar a Southern League, dois anos depois adotou o nome de *Southampton Football Club*, se profissionalizou de vez, se distanciando das origens missionárias. A organização internacional que fundou aquela igreja paroquial e o clube, a *Young Men's Christian Association*, expandia o seu missionarismo em diversos países ocidentais, principalmente nos Estados Unidos, graças à hábil triangulação que fazia entre espiritualidade, atividades físicas e ensino (alma, corpo e mente). [197] Dos Estados Unidos vieram para os países latino-americanos, inclusive o Brasil, onde a *Associação Christã de Moços* foi instalada pelos presbiterianos no Rio de Janeiro (1893), em Porto Alegre (1901) e em São Paulo (1902). [198]

Os católicos despertaram para o futebol nos últimos anos daquele século, principalmente na França, na Bélgica e na Itália. As razões dessa mobilização são conhecidas. Depois de duas décadas de tumultuados embates políticos, a luta pela laicização do ensino francês culminou na separação formal entre a Igreja romana e o Estado, em 1905, com grande repercussão no mundo católico. [199] A Igreja resistia à expansão do ensino público gratuito promovido pelos movimentos políticos anticlericais, especialmente os maçônicos. Na passagem do século a concorrência para atrair alunos/fiéis estava acirrada e os bastidores da febre futebolística que se espalhava pelas escolas eram bem mais complexos do que os estudantes poderiam notar à primeira vista. Os católicos franceses apoiaram a fundação da FGSPF (1898) e escolheram o futebol como a sua principal modalidade de atuação. [200] O jogo de chutar bola foi encampado justamente porque ele era pouco considerado pela USFSA – a federação laica e anticlerical que dominava os esportes amadores e favorecia o rúgbi – e porque

[196] HAMILTON, A. (2001). *Op. cit.*, p. 6 e 19-24; MILLS, J. (2005). *Op. cit.*, p. 33-35.
[197] BAKER, William J. *Playing with God*: religion and modern sport. Cambridge (MA): Harvard University Press, 2007, p. 46-63.
[198] V. HIDAKA, Milton K. e SEGUI, Ary C. Associação Cristã de Moços no Brasil – ACM. In: DA COSTA, Lamartine (Org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 3.3-3.13; GUEDES, Claudia. Changing the cultural landscape: English engineers, American missionaries, and the YMCA bring sports to Brazil: the 1870s to the 1930. *The International Journal of the Sport*. 25 (17): 2594-2608, 2001; *O Estado de São Paulo*, 25 out. 1952, p. 7.
[199] V. OZOUF, M. (1982). *Op. cit*., *passim*; TEJA, Angela. Sports and catholics in Italy from the mid-nineteenth century to the early twentieth century. *Recorde: Revista de História do Esporte*. 4 (1): 1-37, 2011.
[200] DUBREUIL, B. (1997). *Op. cit*., p. 215-8; SLIMANI, H. (2000). *Op. cit.*, p. 30-9; WAHL, A. (1989). *Op. cit*., 49-54; WEBER, Eugen. La gymnastique et le sport en France à la fin du siècle dernier. *Revue Olympique*, 55: 156-158, 1972; DINE, Philip. *French rugby football*: a cultural history. New York: Berg, 2001, p. 43-44.

era a alternativa de gosto popular que melhor podiam contrapor aos exercícios militarizados das escolas públicas. A escolha do futebol pelo clero foi, ao mesmo tempo, uma atitude política conservadora em relação ao avanço dos socialistas no cotidiano operário e uma reação antiautoritária contra o ensino laico implantado pelos republicanos. [201] Assim agindo, os católicos foram os principais propagadores do futebol na França. A partir de 1904, a FGSPF organizou o seu próprio campeonato nacional e, em 1908, liderou a formação do *Comité Français Interfédéral* para representar oficialmente o país perante a FIFA, ocupando o lugar que antes pertencia à USFSA. [202] Militantes do catolicismo progressista, como Paul Michaux, Charles Simon, Armand Thibaudeau, Henri Delaunay e Jules Rimet, assumiram o controle do futebol francês e exerceram forte influência internacional através da FIFA.

Em São Paulo, os inocentes jogos de bola entre adolescentes eram corolários da competição ideológica que o clero ultramontano travava com os educadores positivistas defensores do ensino público gratuito e, ao mesmo tempo, com os missionários luteranos. Pois a crescente simpatia do público pelos times de futebol mantidos por imigrantes ingleses e alemães, bem como pelos educadores americanos, amoleceu a resistência que a população católica tinha contra a presença das instituições protestantes no ensino. Em reação, várias escolas paulistanas de confissão católica organizaram suas equipes de futebol. [203]

Aos olhos de hoje a modernidade dos padres esportistas de outrora pode causar alguma estranheza. Convém lembrar que o clero do Brasil passava por forte europeização sob a orientação da política eclesiástica romana. [204] A postura esportiva não era uma iniciativa isolada de poucos progressistas, pois ela fazia parte do movimento internacional de renovação doutrinária. Afora o já citado *Collegio de São Luís*, de Itu, um exemplo importante para a capital paulista foi o do *Gymnasio de São Bento*, fundado em 1903 por beneditinos belgas e alemães, sediado no velho mosteiro da ordem religiosa no centro da cidade. Ele teve importante papel para o futebol da cidade. O ginásio era frequentado por crianças de famílias abastadas. Formou levas de

---

[201] ARNAUD, Pierre. Le sport des ouvriers avant le sport ouvrier (1830-1908): le cas français. In: _____. *Les origins du sport ouvrier en Europe*. Paris: L'Harmattan, 1994, p. 45-85

[202] SLIMANI, H. (2000). *Op. cit*., p. 39-40.

[203] Exemplos de times de futebol formados por alunos de escolas católicas nesse mesmo período: *A. A. Gymnasio São Bento, S. C. Progresso, S. C. São José, Gymnasio do Carmo, Collegian Club, A. A. Carmelita, F. C. Santo Agostinho, S. C. Franciscano, S. C. Salesiano, S. C. Liceo*. V. tb. ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: EDUSP: Perspectiva, 1993, p. 78-79.

[204] WERNET, A. (2004). *Op. cit*., p. 226-227.

jogadores nos torneiros escolares, em rivalidade com o time da *Escola Americana*. [205] Pouco mais tarde, em 1914, por iniciativa do Padre Katon, os beneditinos organizaram a *Associação Athletica São Bento*, equipe de ex-alunos que disputou campeonatos em ligas.

Além de concorrerem entre si e com o ensino oficial secularizado, as igrejas de diferentes confissões, mesmo a católica, enfrentavam outras formas de religiosidade arraigadas na fé popular, inclusive os sincretismos africanizados. Combatiam expressões do catolicismo originárias na velha tradição ibérica que tinham seus divertimentos lúdicos nas festas religiosas, nas romarias, procissões, folguedos e quermesses. [206] Visto de maneira ampla, o patrocínio dado aos clubes esportivos estudantis por várias correntes políticas modernizadoras, leigas ou religiosas, serviu para divulgar valores e defender doutrinas.

O futebol informal invadiu as ruas

Graças às cruzadas pedagógicas a favor dos jogos recreativos a céu aberto, mesmo os garotos que não frequentavam os espetáculos da LPF podiam se familiarizar com o futebol nas ruas. Jorge Americano gravou na memória o exato momento em que viu o jogo de chutar bola pela primeira vez:

> Meu avô dava-me lições de inglês. Uma tarde eu cheguei mais cedo para a lição e fiquei vendo uns meninos maiores jogar bola com os pés.
>
> Não percebi quando chegou meu avô, tão entretido eu estava. De repente, senti suas mãos nos meus ombros e ouvi: "*footbal*l". [207]

Charles Miller informou, na carta que mandou para os amigos ingleses em 1904, que duas mil bolas foram vendias na cidade de São Paulo em apenas um ano. [208] Lobato comentou na mesma época que havia "casas especiais em artigos de futebol que não são muitas, entretanto, constando de bolas, botinas adequadas, meias especiais, camisas, calções, caneleiras, luvas, bombas, etc.". [209] As bolas rolavam para todo lado e não apenas em terrenos suburbanos. Cardim dizia: "onde haja meia dúzia de crianças e um jornal velho que se reduza a uma bola improvisada logo se forma um ruidoso e desordenado *match*". [210]

---

[205] FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 93-95.
[206] V. WERNET, A. (2004). *Op. cit*., p. 228; MORAES, J. G. V. (1995). *Op. cit*., p. 90-104.
[207] Cf. AMERICANO, J. (2004). *Op. cit*., *loc. cit.*
[208] HAMILTON, A. (2001). *Op. cit.*, p. XXIV.
[209] Cf. LOBATO, M. (2008). *Op. cit*., p. 163.
[210] Cf. *O Estado de São Paulo*, 25 jun. 1903, p. 2.

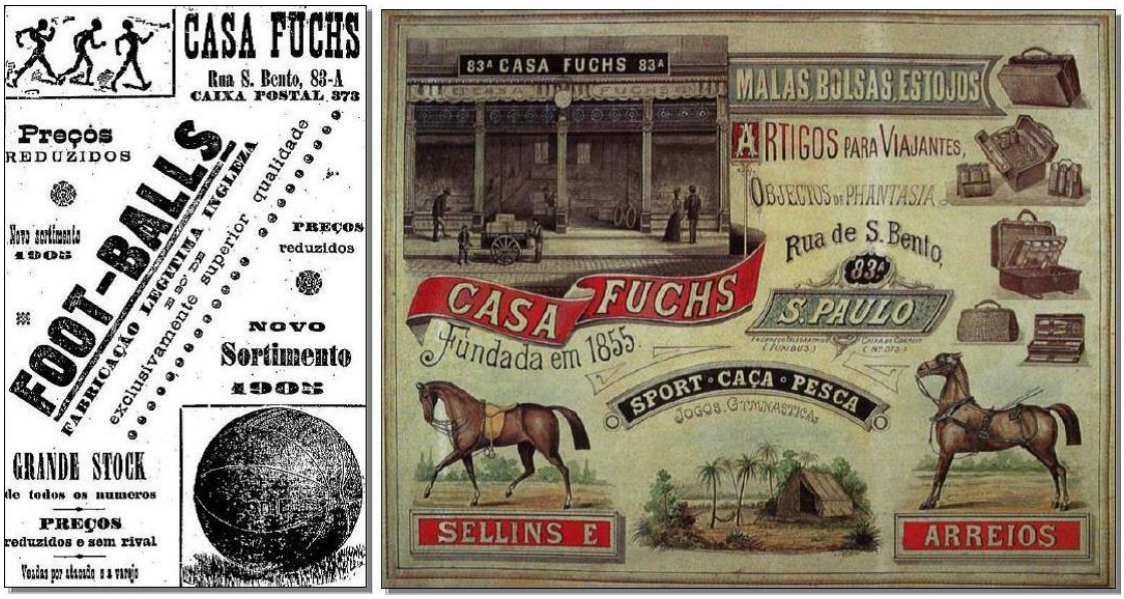


Fig. 21. A loja de Jorge Fuchs vendia artigos em couro para o moderno estilo de vida ao ar livre, inclusive para o futebol. Foi a primeira a importar bolas em São Paulo, no final de 1899. Depois, sua principal concorrente seria a *Cia. de Calçados Clark*.

Começaram então os atritos entre vizinhos, Jorge Americano nos deixou um exemplo digno de comédia do cinema mudo:

> Aconteceu que, recebendo a bola num "corner", um "back" direita deu um "shoot off-side" que entrou pela janela aberta do Barão Brasílio Machado e lhe quebrou o lustre da sala de visitas.
>
> O Barão Brasílio Machado tinha sobrancelhas muito espessas e escuras, e olhos verdes; parecia um olhar de aço. Os meninos que se aventuravam a sair dos esconderijos para ver as consequências estremeciam e retornavam até escurecer.
>
> Na tarde seguinte, apareceu no Diário Popular uma reclamação de "um morador da rua Conselheiro Nébias".
>
> Ninguém se aventurou a jogar futebol.
>
> Na outra tarde, apareceu um guarda em cada esquina. Isso durou uma semana. Depois desapareceram os guardas. Passaram três dias, os "teams" ressurgiram, embora desfalcados. Apareceram correndo, dos dois lados, os dois guardas, que estavam escondidos ao dobrar da esquina. Todos entramos em qualquer portão, e nos escondemos como foi possível [211]

O Vereador Pereira da Rocha propôs "resguardar as pessoas e propriedades de quaisquer ofensas ou danos" causados pelos *shoots* perdidos. Em novembro de 1903 ele apresentou na câmara municipal de São Paulo um projeto para regulamentar o "divertimento de *football*", logo transformado na primeira legislação a abordar o tema. [212] A lei tinha apenas dois artigos que determinavam a colocação de telas de arame em torno dos campos e o afastamento mínimo de vinte metros em relação às propriedades vizinhas. Mario Cardim reagiu imediatamente, escreveu um longo e veemente ataque

[211] Cf. AMERICANO, J. (2004). *Op. cit*., p. 297.
[212] CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Lei número 702, de 5 de janeiro de 1904.

contra os vereadores que, ao aprovarem aquele singelo regulamento, teriam se colocado contra o altruístico movimento do futebol, "o mais favorável ao progresso da pátria". [213] Pediu ao prefeito Antonio Prado que prestasse "seu auxílio ao progresso moral da população e ao seu desenvolvimento físico" e sustasse a decisão da câmara. Protesto até desnecessário, pois a nova lei foi ignorada pelos jogadores, assim como pelas autoridades simpatizantes do bate bola.

Nas brincadeiras improvisadas em terrenos baldios e ruas as regras inglesas podiam ser facilmente reproduzidas em suas linhas básicas. Porém, as diversões sem compromissos davam suficiente liberdade para quebras dos regulamentos e adaptações de espaços. Na carta já citada, Charles Miller disse que havia apitado uma partida com vinte garotos em cada time e mesmo assim, em respeito ao ilustre juiz do encontro, eles mantiveram a disciplina típica das exibições formais, "não abriram a boca durante o jogo". [214] As barreiras sociais e de gênero poderiam ser excepcionalmente violadas nessas trocas lúdicas de camaradagens. Jorge Americano contou que a sua turma amigos, com sobrenomes de famílias conhecidas, moradores dos Campos Elíseos, completavam os times com filhos de empregados, meninos anônimos e uma menina:

> Éramos vinte entre a rua Conselheiro Nébias e adjacências. Maneco Lacerda, Luís Felipe de Queirós Lacerda, os dois irmãos Vallim, Schimiella, filho do carpinteiro, Zico Sales, José, filho da cozinheira de D. Joana de Morais Sales, Orlando e Alberto Rosa, Totó Pinto, Carlos Norberto Aranha, Anatole e Joaquim Sales, Kant e Hermes Alves Lima, Gastão e Oduvaldo Moreira, Amaro Ribeiro, Jaime e eu.
>
> Para completar dois "teams" de futebol contávamos ora com João Minervino, que vinha lá da rua Brigadeiro Tobias, ora com algum menino que passava, ora com a irmã de Hermes e Kant, Nenê Alves de Lima. [215]

A informalidade do jogo envolvia garotos de diferentes origens, mas com o passar dos anos as representações se encarregavam de apontar direções sociais distintas. Luiz Fernando do Amaral, sobrinho-neto do conselheiro Prado, nos ofereceu em suas reminiscências um exemplo bem interessante de como as trajetórias de uns e de outros divergiam com a idade. Ao transitar do futebol informal para o de espetáculos eles se separavam conforme a origem nacional, a condição social de cada um e as relações de parentesco:

> Da chácara do Carvalho, o team da Chácara como nós o chamávamos, eram seus componentes: Luizinho e Carlito Aranha, Antonio Augusto Monteiro de Barros Neto, netos do nosso tio avô Conselheiro Antonio Prado, os dois irmãos Oscar e Augusto

[213] *O Estado de São Paulo*, 12 mar. 1904, p. 2-3.
[214] *apud* HAMILTON, A. (2001). *Op. cit*., p. XXIV.
[215] Cf. AMERICANO, J. (2004). *Op. cit.*, p. 296-297.

Frederico, filhos do administrador da chácara, que mais tarde fizeram parte do Palestra Itália, hoje Palmeiras, o Tomazini, gordo mas muito ágil, chaufer do pai de Antonio Augusto, e o "minelique" o pretinho endiabrado, mascote de todos nós.

Começou a brincadeira em fins de 1912 e foram batalhas sucedidas de uma guerra terrível, até o começo de 1914, dividindo-se as vitórias. Aí Carlito, com pinta de campeão, achou que deveríamos entrar para um *team* de verdade. Da ideia, a realização foi rápida, pois o *team* só podia ser o do CAP onde já figuravam os primos do Tio Jorge, Fábio (Fábio Prado) que mais tarde foi prefeito de São Paulo, Martinho e Cícero (irmãos de Fábio) todos filhos de Martinho Prado, como jogadores de *football* e Antonio Prado, grande campeão de bicicleta, que com seu irmão Luiz, formavam uma grande dupla. [216]

Fig. 22. Os futebolistas mais jovens da parentela Silva Prado ingressavam no segundo time do CAP. Nessa foto de 1903 aparece Fabio Prado, filho de Martinico, Luiz Prado, filho do conselheiro Prado e Joaquim Prado, filho de Eleuterio.

Ou seja: o memorialista informou que Oscar e Augusto Frederico, filhos de Fernando Lucchesi, o imigrante que administrava a chácara do Carvalho, foram para o clube dos italianos, o *Palestra*, e que os descendentes do conselheiro Prado encontraram o seu lugar natural no CAP. Sobre o paradeiro da "mascote", o "pretinho endiabrado", ele nada diz. Nos bastidores da cidade o entrelaçamento social podia acontecer na informalidade, em jogos ocasionais que relaxavam os contatos do dia a dia. Nos jogos do cotidiano a mistura era tolerada, até bem vinda, mas nas representações públicas se impunha o dever de assumir a identidade do grupo de pertencimento, quando então se vestia a camisa do "*team* de verdade". Pois nos espetáculos o breve congraçamento

[216] Cf. AMARAL, L. F. (1977). *Op. cit.*, p. 4.

entre classes que acontecia nas arquibancadas servia para distinguir os atores principais, aqueles que se apresentavam no gramado.

Os espetáculos futebolísticos

Concentrados no futebol, os espetáculos da LPF ganharam um formato rotineiro, bem semelhante ao que se conhece hoje. Nenhum tipo de exibição esportiva atraía tanto o público naquele momento. As festas cívicas com demonstrações de ginastas, esgrimistas e ciclistas ainda aconteciam, mas em dias distintos, sem regularidade e na maioria das vezes para fins beneficentes. Nas margens do rio Tietê o remo e a natação ganharam impulso, promovidos por dois clubes que nasceram na chácara da Floresta, sucessivamente: em 1899 o *Club Canottieri Esperia*, da colônia italiana, e em 1903 o *Club de Regatas São Paulo*, dirigido por membros da elite fazendeira. A primeira regata paulistana foi disputada em 13 de outubro de 1903, nos anos anteriores elas já ocorriam no litoral de Santos. [217]

Fig. 23. Foto-postal de Guilherme Gaensly, tomada da Ponte Grande, em 1905. Na margem esquerda do rio Tietê estava o *Clube de Regatas São Paulo*, na direita o *Club Esperia*.

[217] V. NICOLINI, H. (2001). *Op. cit*., p. 41-42, 61-62, 223-4, 233-234; VIEIRA, Marina T. B. P. Esporte, cidade e modernidade: Santos. In: MELO, Victor A. (org.) *Os sports e as cidades brasileiras*: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri: FAPERJ, 2010, p. 70-95.

O tênis começou a ser jogado em algumas associações na mesma época, inclusive no velódromo da Consolação, mas as exibições abertas eram raras. Conforme a economia paulista entrou em recuperação, principalmente após a política oficial de valorização do café (1906), os esportes com apostas normalizaram as suas atividades: o turfe no hipódromo da Mooca e a pelota basca no frontão da rua Boa Vista.

Além do campo do Velódromo Paulista, as partidas da LPF foram disputadas no gramado do SPAC e no parque suburbano que pertencia à cervejaria *Companhia Antarctica Paulista*, inaugurado em fevereiro de 1901, cujos principais acionistas eram alemães. O velódromo da Consolação continuava sendo o único estádio da cidade com arquibancadas para centenas de pessoas. Persistia o hábito que vinha desde os primeiros tempos do turfe de se assistir aos eventos esportivos em pé ou sentado nas laterais do gramado. Informavam os jornalistas em 1902 que no campo dos ingleses "a elegante, mas acanhada arquibancada, regurgitava de distintas famílias da nossa melhor sociedade, e toda a orla do campo estava apinhada de espectadores" e que eles "se alojaram como permitiram as condições do terreno". [218] No parque da *Cia. Antarctica* existiam dois campos de futebol, sem acomodação para os assistentes. Em meados de 1903 os primeiros assentos foram improvisados:

> A diretoria do parque mandou colocar dominando o campo, nos pontos mais altos, bancos e cadeiras, afim de que os espectadores pudessem assistir comodamente ao jogo.
>
> Aplaudimos essa providência que há muito se fazia sentir, pois as exmas. senhoras, principalmente, quase nunca assistem ao *match* de *football* aí realizado exatamente por falta dessa comodidade. Achamos porém insignificante o número de bancos e cadeiras. [219]

Arquibancadas foram sendo erguidas e ampliadas no parque Antártica com o passar dos anos. Pode-se dizer, entretanto, que nos primeiros tempos o futebol de espetáculos estava centralizado no morro da Consolação. O Velódromo Paulista se tornou o campo oficial da LPF, a liga pagava ao CAP pelo uso nos dias de jogos do campeonato. Quatro outros clubes da liga tinham os seus campos de treinamentos a curtas distâncias dali: o SCI e o SPAC na própria rua da Consolação, a AAMC na rua Itambé e a AAP na rua Martim Francisco. Só os alemães do SCG tiveram sedes afastadas dessa área. [220]

---

[218] Cf. *O Estado de São Paulo*, 21 set. 1902, p. 2 e *Correio Paulistano*, 30 jun. 1902, p. 2.
[219] Cf. *Correio Paulistano*, 12 jun. 1903, p. 2.
[220] CARDIM, M. (1906). *Op. cit*., p. 85.

Fig. 24A. O reservatório de água no morro da Consolação, ao lado do qual fica até hoje a sede do SPAC, ao fundo se vê parte da cidade. **Fig. 24B.** A antiga igreja da Consolação, principal ponto de referência do bairro, há poucos metros do Velódromo Paulista. Ela foi demolida em 1909 para a construção de uma nova igreja no mesmo local.

Fig. 25. Clubes da LPF com campos de treinamento próximos ao Velódromo Paulista, em 1905.

Na maioria dos jogos do primeiro campeonato a entrada foi franqueada ao público "decentemente trajado" e quando houve venda de ingressos a renda estava destinada a fins beneficentes. Em maio de 1903, às vésperas de iniciar o segundo torneio anual, o CAP anunciou que cobraria entradas no velódromo, inclusive dos familiares de sócios, para cobrir as despesas do estádio. [494] Ao justificar a não isenção para parentes dos sócios a diretoria afirmou que a entidade não era "recreativa" e sim para a "educação física". [495] Na reunião entre os cinco clubes coligados realizada em 12 de maio na sede da LPF, o representante da AAMC apresentou, em defesa do amadorismo puro, a proposta de se proibir cobranças nos jogos do campeonato, exceto quando ambos os times concordassem. Com os apoios do SCI e do SCG a ideia foi aprovada, somente o SPAC endossou a iniciativa do CAP de vender ingressos. [496]

Na prática, a decisão significava que a venda só poderia acontecer nas partidas entre os dois únicos clubes favoráveis. A diretoria do CAP considerou que a iniciativa fora "acintosa e premeditada" e, em protesto, soltou um comunicado da sua imediata retirada da entidade, dizendo que formaria outra coligação. A desavença durou apenas duas semanas. Charles Miller, que substituíra Casimiro da Costa na presidência da LPF, propôs como solução a fórmula sempre adotada nos campeonatos profissionais ingleses e que se consagraria aqui também: a renda da bilheteria, descontadas as despesas com a organização do evento, seria igualmente repartida entre os dois contendores. O objetivo não era comercial, as arrecadações deveriam ser revertidas para a manutenção dos clubes, pois conforme o estatuto da liga as vantagens comerciais e os ganhos pessoais permaneciam proibidos. [497] A nova fórmula foi acatada e satisfez a vontade dos dirigentes do CAP. [498]

Era uma solução aparentemente simples e óbvia, afinal no hipódromo nas corridas de bicicletas o amadorismo sempre foi ambíguo e a cobrança de ingressos constante. Mas a decisão tem importância histórica, porque deu contornos claros aos jogos de exibição como eventos programados para o entretenimento do público. Com preços relativamente baixos, a cobrança de entradas não tinha por finalidade selecionar os espectadores pelo poder aquisitivo, mas dar suporte financeiro e rotinizar as exibições abertas ao público. Com isso, em aparente contradição, as apresentações de

[494] *Correio Paulistano*, 8 mai. 1903, p. 3 e 11 mai. 1903, p. 2.
[495] *A Platéa*, 11 mai. 1903, p. 1; *Correio Paulistano*, 11 mai. 1903, p. 2.
[496] *O Estado de São Paulo*, 13 mai. 1903, p. 2; *Correio Paulistano*, 11 mai. 1903, p. 2.
[497] Estatutos da Liga Paulista de Foot-Ball para 1904. In: *O Estado de São Paulo*, 30 mar. 1904, p. 2; CARDIM, Mario. *Guia de football*. 4a. ed. São Paulo: Cardoso, 1906, p. 12.
[498] *A Platea*, 16 mai. 1903, p. 2; *O Estado de São Paulo*, 24 mai. 1903, p. 3.

futebol em São Paulo penderam para o modelo de organização dos espetáculos profissionais ingleses e, apesar delas não visarem lucros, ficava entreaberta a possibilidade de remunerações disfarçadas dadas aos jogadores, o que mais tarde se tornou um problema.

Fig. 26. Anúncio de corridas em páreos no parque Antártica, *O Estado de São Paulo*, 1904. No parque os esportes com apostas conviveram por algum tempo com os jogos de futebol, depois as corridas foram deixadas só para o hipódromo da Mooca.

As exibições públicas foram afastadas do jogo de azar bancado pela venda de pules, inspiradas no ciclismo francês. Diferenciaram-se também das festas cívicas de ginástica alemã, onde a colaboração de muitos voluntários anônimos era indispensável e a preparação era bem mais complexa. As corridas com apostas foram excluídas do velódromo e do parque Antártica. Elas ficaram restritas ao hipódromo da Mooca, formalizando sua separação dos jogos atléticos.

Monetarizado pela cobrança das entradas, o futebol de espetáculos se diferenciou claramente dos jogos por lazer. A existência das duas práticas paralelas, em diferentes espaços de cidade, completava a cultura do futebol. Os encontros diante de plateias numerosas tinha a capacidade de identificar publicamente as forças da sociedade

dispostas a dialogar entre si. Graças à repetição seriada (campeonatos), os espetáculos construíam memórias coletivas de distinção e apaziguamento social. Ao mesmo tempo os jogos informais – não espetacularizados – multiplicavam infinitamente essas representações de congraçamentos lúdicos em situações localizadas. Por esse ponto de vista eram práticas compromissadas e complementares, ainda que elas não estivessem interligadas entre si por organizações federativas. Não há dúvida de que houve uma deliberada escolha do futebol para as exibições no velódromo da Consolação. Certamente pesou o seu apelo popular e o baixo custo, pois outras formas de disputas esportivas foram mantidas longe das plateias, nas diversões informais dos associados, principalmente o tênis. O CAP era um *clube atlético* poliesportivo para os seus sócios, porém aos olhos daqueles que se contentavam em observar, sem participar, era um *time de futebol*.

Na LPF estavam reunidos os poucos clubes que poderiam dispor de instalações para o público, daí em diante eles buscaram atrair a frequência, contar com torcidas e rendas regulares. Os inúmeros times que não pertenciam à primeira liga jogavam por divertimento em campos abertos, com ou sem assistentes, reunidos em outras coligações ou em atuações independentes. Nesse primeiro período, não se têm notícias de espetáculos massivos, com cobrança de ingressos, fora da LPF. A arrecadação obtida com os encontros futebolísticos deixou os clubes da liga, sem dúvida, em posição financeira mais confortável e isso permitia bancar excursões de times para amistosos em outras cidades, principalmente para o Rio.

A cobrança das entradas foi fator fundamental para diferenciar o futebol de espetáculos do informal, mas isso não significa que os clubes assumiram interesses comerciais de imediato, eles sequer exploravam anúncios publicitários. Os interesses financeiros cresceram com o passar do tempo e ficaram mais evidentes na década seguinte. Nos primeiros anos as rendas eram insuficientes para manter as associações e, se comparado aos padrões de hoje, os jogos com venda de ingressos aconteciam em número bem reduzido, a temporada durava só seis meses (maio/outubro). Para sobreviver os clubes continuaram a depender das mensalidades e socorro dos patronos. [499] Ademais, a primeira onda de paixão futebolística passaria logo. Levas de sócios debandavam a qualquer sinal de crise econômica e por cisões políticas internas, o que de fato levou ao desaparecimento de inúmeros clubes.

[499] A instabilidade financeira do principal clube da época pode ser constatada pelos dados apresentados em *Club Athletico Paulistano*: um clube que cresceu. São Paulo: CAP, 1970, p. 32.

Fig. 27. A chácara Witte, no Bom Retiro, onde o *Sport Club Germania* teve o seu campo de jogo nos primeiros anos.

Daquele surpreendente impulso associativo inicial, pouquíssimos clubes restam hoje e esses só conseguiram acumular patrimônios lentamente. Os ingleses do SPAC adquiriram, em 1906, o terreno que desde 1899 arrendavam da Dona Veridiana Prado. [500] Os alemães do SCG passaram por campos alugados no Bom Retiro e na Mooca, depois arrendaram o parque da *Cia. Antarctica* e somente em 1920 compraram um lote da antiga chácara Itaim, às margens do Rio Pinheiros. [501] A sede própria do CAP, no Jardim América, foi construída muitos anos depois da fundação e inaugurada em 1917 com doações dos sócios abonados. [502] O crescimento patrimonial aconteceu conforme a primeira geração de atletas amadureceu.

A reforma do velódromo da Consolação

Nos anos iniciais, em meio à euforia vivida com o futebol, todos trataram de melhorar os espaços que alugavam. Contando com um saldo de nove contos de réis em caixa, graças às bilheterias e aos empréstimos dos sócios, o CAP iniciou reformas no

[500] MILLS, J. (2005). *Op. cit*., p. 85-86 e p. 135-138.
[501] RIBAS, M. G. *História do Esporte Clube Pinheiros*. São Paulo: ECP, 1968, p. 20-23 e 28-30; VIANNA, Alceu M. *Germania, Pinheiros*: IX décadas. São Paulo: Alameda, 1992, p. 23-25.
[502] AMARAL, L. F. (1977). *Op. cit*., p. 29-30.

Velódromo Paulista em 1905, as maiores após uma década de funcionamento. [503] O estádio foi reinaugurado no dia 30 de abril com novos vestiários, construídos sob as arquibancadas, "iluminados cada um com uma lâmpada elétrica de oito velas". O chalé que antes servia para exercícios e vestiário foi transformado em espaço de socialização para os associados. Foram inaugurados um frontão para o jogo de pelota, quatro novas quadras de tênis e um "tanque de natação". [504] A piscina era a primeira da cidade, antes dela somente nos rios era possível nadar. Tinha formato oval, com 28 por 20 metros nas distâncias máximas e profundidade entre um e dois metros. A prática dos esportes continuava exclusivamente masculina, mesmo assim a visão da piscina foi devidamente ocultada pela vegetação dos jardins e a diretoria anunciou a importação da Europa de "roupa própria para os nadadores".

As arquibancadas receberam pintura nas cores do clube (branco e vermelho). O gramado e os jardins foram replantados sob a direção do austríaco Antonio Etzel, o administrador das praças municipais que o prefeito Antonio Prado liberou para esse trabalho. [505] Uma cerca de madeira com 1,30m de altura separou o campo de jogo da assistência. O obstáculo parecia sinalizar fisicamente a norma que proibia o público de pisar o gramado, o tamanho era insignificante para deter qualquer invasão. Representava bem mais do que isso. A singela cerquinha de ripas reforçou a distinção social entre os assistentes das arquibancadas e os que ficavam em pé sobre a raia de ciclismo, em torno do campo. A separação do público formalizou a existência da "geral": espaço aberto a todos. Desde o turfe e o ciclismo a palavra *gerais* designava os assistentes não associados ao clube.

A imprensa também chamava as laterais do campo de *pelouse*, seguindo a velha designação do turfe francês, numa referência ao gramado em torno da pista, sobre o qual originalmente estacionavam carruagens e automóveis. *Geral* tornou-se sinônimo de *pelouse*. Nessas noções difusas de lugares estavam incluídos os assistentes postados sobre a pista de corridas. Por associação de ideias, os dois nomes foram usados para identificar o conjunto de homens e rapazes em pé, geralmente um público com menor escolaridade e poder aquisitivo: a massa. Eram palavras com conotação pejorativa: o populacho. Inicialmente, em jogos com grande frequência, o clube ofereceu ingressos a preços reduzidos para estudantes na geral, com 50% de abatimento. Depois, o desconto

[503] *O Estado de São Paulo*, 27 nov. 1904, p. 2-3.
[504] *O Estado de São Paulo*, 19 dez. 1904, p. 2; 30 abr. 1905, p. 3.
[505] *O Estado de São Paulo*, 27 nov. 1904, p. 2.

foi estendido para todos os ingressos e virou padrão, em alguns jogos a entrada a preço de Rs 1$000 era um terço do ingresso pago nas arquibancadas. [506] Um valor acessível aos assalariados. Para simples comparação: na época o preço de um jornal era Rs $100 e se podia comprar um par de sapatos comum por Rs 15$000.

Fig. 28. O Velódromo Paulista em cartão postal. Nas arquibancadas predominava o público familiar, com larga presença feminina (com roupas claras), na pista de ciclismo os rapazes da "geral". A cerca de madeira sinalizava a separação.

A assistência integrada ao espetáculo

Se o futebol ganhou popularidade, então o que continuava atraindo público pagante aos jogos da LPF? Como entender o comparecimento massivo aos espetáculos da primeira liga, já que era possível assistir a partidas de graça em qualquer campo informal da cidade ou jogar bola sem a presença de assistentes?

Foi visto que, em grande parte, a assiduidade das plateias se devia às novidades introduzidas nos espetáculos de futebol. A encenação de lutas entre brasileiros, ingleses e alemães desencadeou a identificação dos paulistanos com aqueles poucos clubes. As atenções foram cativadas através das disputas novelescas em séries pontuadas (campeonatos) e o fenômeno do clubismo assegurou a fidelidade das torcidas. Pode-se argumentar ainda que naquela fase de assimilação e aprendizado do jogo os times da LPF eram os melhores que se tinha na cidade, os novos amantes da bola certamente procuravam assistir a esses torneios como referência. Alguns jogadores mais habilidosos faziam fama, o que atraía novos observadores. É possível também que muitos comparecessem para ver o desempenho dos filhos de gente conhecida, de

[506] *O Estado de São Paulo*, 28 jul. 1906, p. 3; 7 jul. 1908, p. 1; 8 ago. 1908, p. 4.

políticos e empresários ou dos estrangeiros. [507] A imprensa diária selecionava os acontecimentos ao seu critério, moldava o gosto do público, ela narrava com detalhes os jogos da LPF e apenas citava os resultados de outros. Assim, os cronistas acumulavam memórias sobre os espetáculos e alimentavam expectativas para as próximas disputas, ao passo que os jogos informais caiam no esquecimento pela falta de registros. Tudo isso deve ter pesado para a espetacularização, mas outros fatores podem ser identificados fora das quatro linhas do campo, nas arquibancadas.

O próprio local de jogo era convidativo, os esportes a céu aberto estavam incluídos na moda dos passeios em parques suburbanos e eram espaços de sociabilidade. Foi comentado no capítulo anterior que esse era um costume de lazer elegante surgido no final do século XIX. Tal como já acontecera no turfe e no ciclismo, a frequência feminina era chamariz para o público masculino. Quando a diretoria do CAP anunciou a cobrança de ingressos no velódromo o jornal *Correio Paulistano* defendeu, sem sucesso, a isenção para as mulheres parentes dos associados, pois "elas constituem o principal atrativo em que pese a vaidade dos consagrados jogadores de *football*". [508] Em depoimento concedido anos mais tarde, o jogador Mario Macedo recordou a preocupação dos jogadores em agradar o público feminino:

> Antigamente, os clubes que se batiam faziam timbre em ser os mais gentis possíveis, afim de não dar ocasião aos seus torcedores de cometerem atos reprováveis, mesmo porque lhes era agradável ver as graciosas senhoritas satisfeitas, a lhes acenar com seus lencinhos perfumados e a os encorajar com seus gritinhos fascinadores... [509]

Os jornalistas insistiam no elogio galante e não economizavam os chavões:

> O Velódromo alindou-se ontem como raramente o temos visto. As suas arquibancadas matizaram-se de *toilettes* magníficas e iluminarem-se com o cintilar fulgurante de milhares de olhos formosos, tudo quanto São Paulo possui atualmente de bonito e de *chic* – e que opulento tesouro! – lá esteve.
>
> O encontro do Paulistano com o Athletic, dos brasileiros com os ingleses, como geralmente de diz, com sofrível desacerto, foi que motivou esse esplendido concurso. Por maneira que, lá já para o meio do *match* já não se sabia mais onde pousar os olhos, se no campo, se nas arquibancadas...
>
> Para o fim não havia vacilações: era incomparavelmente mais encantador o espetáculo das arquibancadas que o do campo.... [510]

---

[507] DAVIS, Darién J. British football with a Brazilian beat: the early history of national pastime (1894-1933). In: MARSHALL, Oliver (org.). *English-speaking communities in Latin America*. London: MacMillan, 2000, p. 269-270.
[508] Cf. *Correio Paulistano*, 11 mai. 1903, p. 2.
[509] Cf. SANT'ANNA, Leopoldo. *Veteranos e campeões*. São Paulo: Idar, p. 176.
[510] Cf. *O Estado de São Paulo*, 20 jun. 1904, p. 2.

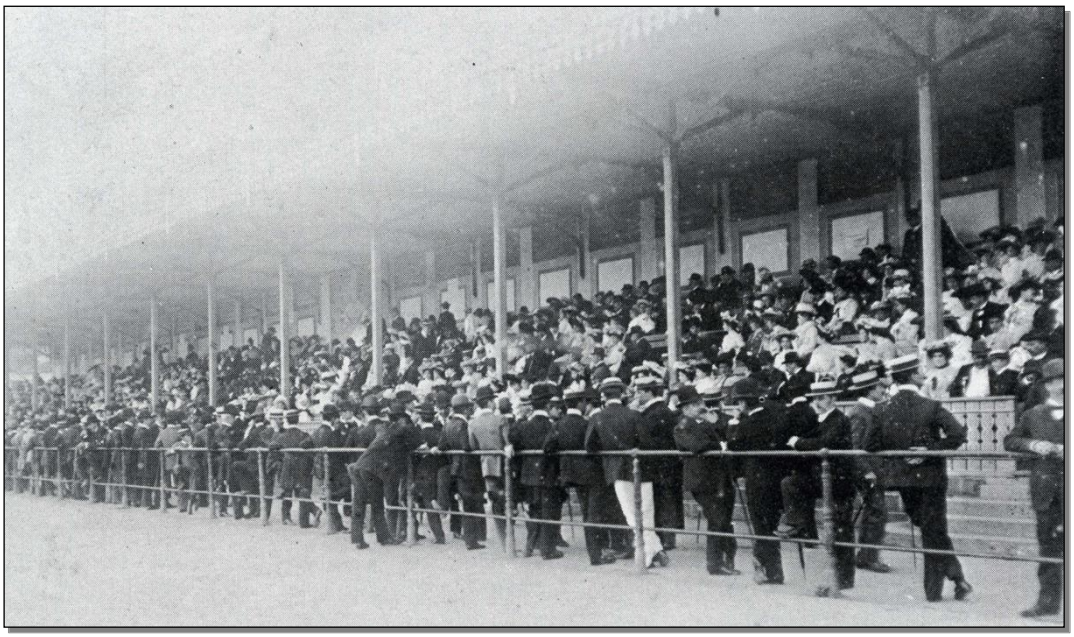


Fig. 29. Pausa para ver e ser visto. Observar os frequentadores fazia parte do espetáculo social.

A novidade que não se podia confessar – embora ela estivesse implícita nos insistentes comentários sobre a presença feminina – é que as emocionantes disputas corpo a corpo, entre equipes masculinas trajando roupas leves com partes do corpo descobertas, deixavam o clima do estádio bem mais carregado de erotismo que nos esportes anteriores. A mocinha Laura Oliveira guardou na memória o perfil másculo de um craque do CAP:

> ...o Alvaro Rocha, *center-forward*, um tipo Apolo, cabelos crespos, perfil grego, a camisa aberta e a jogar magistralmente. Imagino as paixonites que despertou! Eu era criança, mas quando um dia ele me apertou a mão, senti-me honradíssima. [511]

Nas apresentações lúdicas eram testados os limites do comportamento em público. As exclamações em uníssono das recatadas moças diante das performances atléticas e dos embates viris fazia com que os olhares masculinos transitassem incessantemente entre o campo e as arquibancadas. Em pé, ao lado do gramado, os *voyeurs* podiam delegar a prática muscular aos atletas, substituindo-a pelo prazer da observação, e mesmo assim posavam como *sportsmen* assíduos. Ver e ser visto, ser ou parecer ser. A troca de olhares que acontecia à margem do campo era rotina importante nos encontros esportivos. Esse era o jogo da moda, como disse um jornalista:

> O elegante velódromo achava-se repleto de famílias da nossa melhor sociedade, que com suas elegantes e *chics toilletes* davam a esta festa um belo realce.

[511] Cf. OCTÁVIO, Laura O. R. *Elos de uma corrente*: seguidos de novos elos. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994, p. 55.

> O entusiasmo dos espectadores era delirante, pois ao verem a bola aproximar-se da linha de 12 *jards* em frente a um *goal*, as senhoritas levantavam-se e aplaudiam o club que a tinha trazido; se, porém, era bem defendida, o delírio das palmas e bravos aumentava.
>
> Enfim, o *foot-ball* é o jogo da moda. [512]

O relaxamento de valores morais era sinalizado no ambiente condescendente do Velódromo Paulista, antes de plenamente aceitos no cotidiano. A liberação da mulher avançava aos poucos e o desempenho dos atletas foi incluído entre os assuntos de interesse feminino. Em 1906 a revista *Sportsman* propôs o atrevido concurso "beleza máscula" para as leitoras elegerem seus futebolistas preferidos em três categorias: o mais simpático, o melhor jogador e o mais elegante. [513] Pelas centenas de votos recebidos se constata que as qualidades dos jogadores eram bem conhecidas das fãs, elas não eram visitantes apenas casuais do velódromo da Consolação. O treinador escocês Jack Hamilton, após passar dez semanas em São Paulo a convite do CAP, comentou sobre as torcedoras paulistanas em entrevista concedida à edição de setembro de 1907 da revista inglesa *Sporting News*. Ele declarou: "é extraordinário admirar o número de moças que assistem aos *matches*, o modo como conhecem as regras mais gerais do jogo e o interesse que tomam por esse ou aquele *team*". [514] Um exemplo curioso disso: a paixão pelo CAP foi um dos motivos para a moça Marietta Pederneiras desfazer o seu noivado com um simpatizante de um clube adversário, o SCI. [515]

Nem sempre, porém, o foco das frequentadoras estava no desempenho dos atletas e sim nos encontros laterais e nas exibições do luxo. A jovem Laura Oliveira gostava de observar a parte da tribuna reservada à família Silva Prado para ver as últimas novidades da moda parisiense e, após o término da partida, acompanhar o desfile das carruagens saindo do estádio:

> A saída depois do jogo era longa, pois o campo era retirado da rua, no interior do terreno, e nós vínhamos a pé por um caminho mais alto e o pessoal rico, em suas carruagens, com lindos cavalos, na parte mais baixa e larga que conduzia à rua. [516]

A quantidade de assistentes do Velódromo Paulista continuava ser estimada entre três e quatro mil pessoas, como no auge das corridas de bicicletas. Com a ocupação da pista de ciclismo a lotação poderia atingir a seis mil ou até oito mil nos jogos de grande

---

[512] Cf. *O Estado de São Paulo*, 30 mai. 1902, p. 2.
[513] Cf. *Correio Paulistano*, 2 jul. 1906, p. 2.
[514] Cf. *O Estado de São Paulo*, 20 set. 1907, p. 4.
[515] OCTÁVIO, L. O. R. (1994). *Op. cit.*, p. 45.
[516] Idem, p. 55.

repercussão. Comparados com os jogos de hoje, esses números podem parecer muito baixos, levando em conta que a população paulistana beirava os trezentos mil habitantes em 1905. De fato, o tamanho da assistência era pequeno se a referência for o campeonato profissional inglês da época, no qual a média era de dez mil pessoas. Porém, as plateias paulistanas eram equivalentes às do futebol amador de Paris.

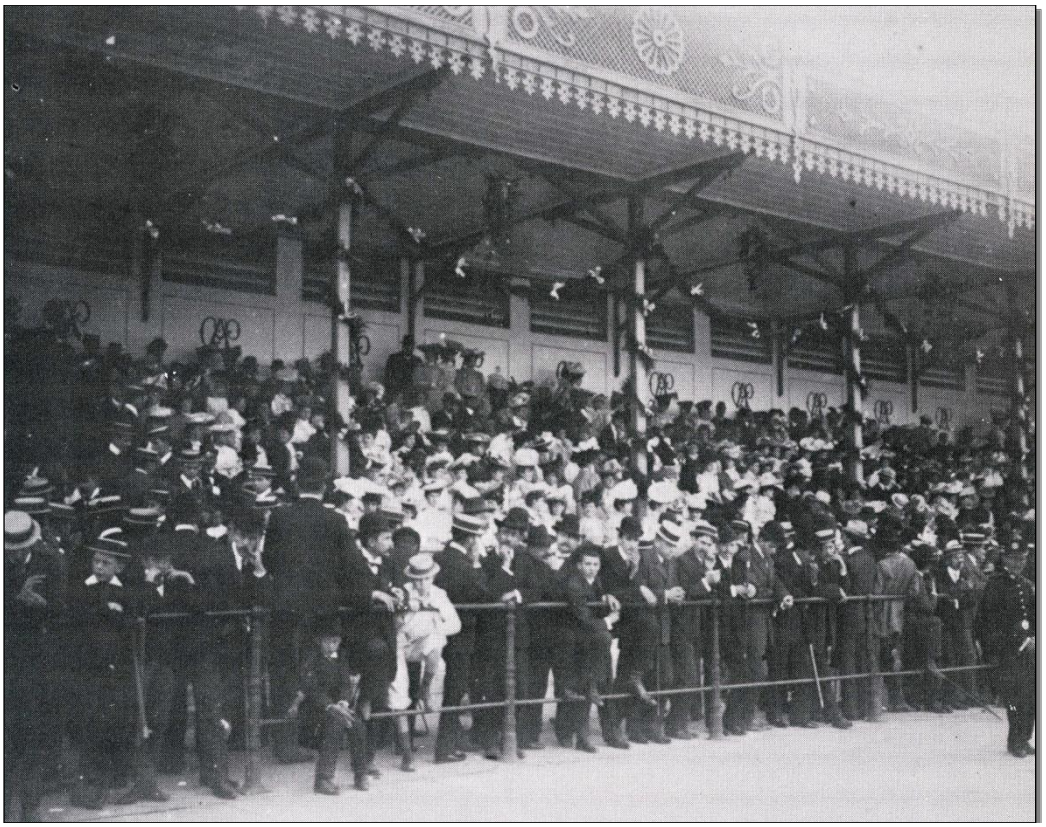


Fig. 30. Arquibancadas do Velódromo Paulista em dia de casa cheia.

A reunião das "multidões" no velódromo da Consolação recebia registros admirados e elogiosos dos jornais paulistanos, pois só então os eventos de massa começavam a se tornar corriqueiros na cidade. Os espetáculos de futebol ganharam periodicidade bem maior do que na melhor fase do ciclismo e do turfe. As partidas programadas pelo campeonato foram disputadas também aos sábados e feriados, assim, de maio a outubro, podia chegar a trinta os dias com jogos. Além dessa programação, os amistosos com times do Rio e de Santos não eram raros.

A cobrança de mil réis por ingresso e a exigência de trajes formais continuavam a representar, sem dúvida, um modo para restringir a presença popular e criar um clima disciplinar no estádio. Isso não significa, contudo, que as plateias fossem compostas exclusivamente por gente das camadas ricas e médias, o preço era acessível, mesmo para assalariados, e as gerais chegavam a lotar. A permeabilidade social existia e era de

grande importância, pois os encontros esportivos cumpriram justamente a função de quebrar a rotina urbana, eram momentos de congraçamentos entre classes em local e hora escolhidos. A entrada cobrada no Velódromo Paulista continha o valor simbólico de saída da vida comum por um breve intervalo de tempo: o cenário imitava a natureza e a duração do encontro esportivo era devidamente cronometrada pelo juiz. Os espetáculos faziam sentido pela oportunidade de interação, de distinção para os mais ricos e de encurtamento, provisório e fingido, das distâncias sociais. A partilha de emoções em concentrações massivas rememora os fundamentos da vida em sociedade, presentifica uma igualdade mítica, ritualiza as origens naturais da convivência humana. [517] Com frequência, o clima "mágico" de um corpo social harmônico aparecia citado no noticiário dos jornais em linguagem metafórica:

> Que aquilo de que foi ontem teatro o Velódromo é um desses pedaços da vida que contam por meses. Viveu-se ontem, no curto espaço de oitenta minutos, o que em longos meses raramente se vive.
>
> Todas as paixões, desde a cólera ao entusiasmo delirante, estiveram tumultuosamente nas artérias da multidão toda.
>
> E quem poderia conservar-se indiferente diante daquele bizarro oceano humano a agitar-se como se fosse sacudido por sucessivas rajadas de uma impetuosidade vertiginosa? Fugisse-se embora à sugestão poderosa do entusiasmo geral! Lá estava, no campo, faiscante e arrebatadora, a mágica do espetáculo incomparável a empolgar a todos que tivessem olhos para ver... [518]

A "magia" teatral estava relacionada a uma novidade importante: a proibição das apostas mudou substancialmente o caráter dos espetáculos no Velódromo Paulista, quando comparados às antigas corridas de bicicletas. Antes, os assistentes das carreiras em páreos competiam entre si, lado a lado, nas arquibancadas. A manifestação do apostador era individualista por definição. Nas provas ciclísticas dos anos anteriores qualquer frequentador gostaria de comprar a pule vencedora de um *veloceman* azarão e ser um dos poucos, senão o único, a agitá-la no ar perante a horda de perdedores invejosos que estariam observando a sua sorte. No jogo de azar o participante testava o destino pessoal com a atitude egoísta da aposta. Um prêmio alcançado demonstraria a sua competência inata para escolher as chances ideais e, assim, a ilusória capacidade para distinguir e aproveitar as oportunidades de fortuna. [519] Ele vibrava pela própria sorte, não na dos outros. O teste para um cavalheiro, o "verdadeiro" *sportsman*, seria o

---

[517] MAFFESOLI, Michel. *O mistério da conjunção*: ensaios sobre comunicação, corpo e sociedade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 53-54; SANTOS, Tarcyanie C. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas*: paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004, p. 130-140;
[518] Cf. *O Estado de São Paulo*, 23 mai. 1904, p. 3.
[519] V. CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Cotovia, 1990, p. 132-134.

de conseguir controlar as suas emoções e exibir uma indiferença blasé diante de qualquer resultado, tanto na sorte, quanto no azar. As comemorações pessoais deveriam ser comedidas.

Nos jogos de futebol a figura do *apostador* foi substituída pela do *torcedor*, aquele que confraternizava de modo efusivo em grandes grupos para apoiar uma das equipes, sem interesses materiais. Nem que seja para rivalizar de modo lúdico com o "partido" do time adversário. Os espectadores transferiam a sua lealdade, ainda que momentaneamente, para os símbolos dessa paixão: o grito de guerra, as cores e o escudo do clube. O forte sentimento de solidariedade em multidão era a grande inovação introduzida pelos jogos competitivos e o público comparecia para fazer parte desse cerimonial leigo. Nas manhãs de domingos se celebrava a comunhão religiosa na igreja, à tarde a comunhão civil acontecia no velódromo. Havia certo tom de solenidade cívica nos divertidos jogos de bola. Na devoção clubística, um popular "pé-rapado" podia aderir à mesma convicção do político "perrepista", eles estariam irmanados nesse sentimento momentâneo. Os símbolos de *status* apresentados no velódromo da Consolação pareciam perder seus significados durante o exato tempo de jogo, quando todos estavam congraçados na vontade de vencer e as personalidades ficavam eclipsadas. Certamente os espetáculos não apagavam as hierarquias. Pelo contrário, a exibição despudorada dos sinais de poder e de luxo identificava com clareza aqueles que exerciam papeis de comando no dia a dia e, terminada a encenação igualitária, as posições hierárquicas voltavam reforçadas para o cotidiano. Permanecia, sim, a ilusão de simpatia e de proximidade com os poderosos.

Os jovens que se enfrentavam no gramado teatralizavam uma condição de equilíbrio perfeito. Ao contrário dos assistentes, eles vestiam uniformes despojados, sem qualquer sinal de riqueza, identificados apenas pelas cores e o escudo do clube. Quando os brasileiros do *Paulistano* eram desafiados a demonstrar talentos pessoais e coesão de grupo diante dos "temidos" jogadores ingleses e alemães, o *time* representava o *clube*. Através da identidade clubística, os torcedores transferiam as suas expectativas para os atletas em campo, jovens fisicamente capazes. Os sobrenomes ilustres, o poder político e a fortuna das famílias, de nada valiam durante a encenação lúdica. Um craque só se distinguia quando as suas qualidades pessoais favorecessem à equipe e, por extensão, ao clube, à torcida. Ao mesmo tempo em que a personalidade do espectador se apagava em meio à multidão, a de um jogador poderia se sobressair no gramado ao liderar a equipe.

Em resumo, a noção de coletividade estava mais evidente no futebol do que nas antigas competições de ciclismo. Com a exclusão das apostas a adesão à multidão ficou moralmente "purificada", expurgada do interesse material. Era pela associação da nacionalidade à agremiação que os jogadores recebiam os incentivos vindos da plateia, não pela expectativa de um prêmio em dinheiro. Daí o clima cívico dos espetáculos.

É proibido vaiar, assobiar e pisar no campo sagrado

Durante o tempo de jogo a vida real parecia suplantada pela catarse emocional. O sentimento de pertencimento voluntário se instaurava na plateia e os simpatizantes anônimos aderiam às ilustres famílias de sócios para incentivar os jovens que os representavam no campo de luta. O torcedor se congregava no corpo coletivo e as emoções vinham à tona em êxtase compacto, quer na compaixão por uma derrota crucificadora, quer numa vitória estrepitosa:

> Foi um verdadeiro delírio. As arquibancadas vergaram ao peso das aclamações; as senhoras, de pé, agitavam os lenços; os cavalheiros atiravam os chapéus, vivas estrepitosos ecoaram por longo tempo e o hino do Paulistano rompeu vibrante e entusiástico, celebrando o triunfo do seu *team*. [520]

Na silenciosa cidade, o alarido dominical do velódromo da Consolação podia ser ouvido por aqueles que passavam sobre o viaduto do Chá. Gritado por milhares de pessoas nos picos de excitação, o famoso canto tribal ganhava tons de hino patriótico: "Aleguá, guá, guá. Aleguá, guá, guá. Urrah! Urrah!" Exaltava-se o exemplo de cidadania demonstrado pelos jogadores do CAP, afinal eles doavam voluntariamente os seus esforços a favor da cultura física e na defesa do sentimento nacional. Nos eventos ao ar livre as manifestações efusivas estavam liberadas, ao contrário dos longos momentos de passividade e silêncio constrito que aconteciam na ópera, no *ballet*, no teatro, na igreja e na escola. Explosões de satisfação com o time eram encaradas como expressões de civismo e o lugar servia mesmo para as celebrações festivas. Ao abandonar os gramados, o ex-jogador Mário de Macedo se tornou um líder de torcida. Em depoimento de memórias ele se orgulhou disso:

> Perfeitamente. De batuta na mão, passei a reger a "orquestra", a mais formidável "torcida" de que há memória. A ela deve o *Paulistano* muitos triunfos. Executamos verdadeiras óperas wagnerianas de gritos, alleguás, rugidos, berros, tudo de ensurdecer e

[520] Cf. *O Estado de São Paulo*, 8 set. 1905, p. 2.

> deixar em tremuras o adversário... Valeu-me isso a oferta de uma batuta de prata por intermédio do sr. Washington Luis, então prefeito da capital. [521]

O Velódromo Paulista era espaço para a transmissão de valores morais, para ensinar normas de conduta por meios lúdicos. Quando um selecionado de futebolistas cariocas ali se apresentou, nas comemorações do 7 de setembro de 1903, o jornal *O Estado de São Paulo* pediu que o policiamento fosse dispensado naquela tarde para não ferir a susceptibilidade dos presentes no velódromo. A exibição da força não combinava com o ambiente educado, frequentado por gente cordial:

> ...pedimos encarecidamente aos diretores do jogo de hoje que dispensem o serviço dos soldados que ontem estiveram no Velódromo.
>
> A simples presença de força num lugar frequentado por gente fina, habituada apenas a brigar a cortesias, já é por si só um vexame. [522]

O desaparecimento das apostas havia eliminado a necessidade de fiscalização policial. Os comportamentos desviantes, sempre atribuídos às minorias, seriam reprimidos de outra maneira, sutil e poderosa: pela desaprovação exemplar em público. O clima festivo era oportuno para sinalizar os limites e ensinar regras de convívio educado. Os aplausos incentivadores eram apreciados, a crítica das vaias era condenada. As atitudes com as quais "alguns torcedores mal educados" poderiam estar acostumados em outros lugares, nos circos ou nos campos informais, não deveriam ser repetidas no velódromo, pois ali o jogo assumia ares cerimoniais. A oportunidade de congraçamento, aberta a pessoas de diferentes categorias, exigia respeito às normas de etiqueta e ao poder instituído, representado de forma metafórica pelo árbitro da partida. O *referee*, a autoridade máxima em campo, um "juiz" armado apenas de apito e que se responsabilizava por aplicar as "leis" do jogo, não poderia ser contestado por manifestações agressivas. Mesmo que cometesse erros, ele era o único investido de poder para interpretar as jogadas conforme as regras e suas decisões eram inapeláveis. [523] Assim defendia um jornalista:

> Consideramos um direito dos espectadores o aplaudir ou reprovar uma decisão do juiz, mas por processos dignos, próprios de quem tem princípios de educação. Manifestar, porém, desagrado por um ato do juiz por meio de vaias e assobios, é um processo próprio para circo de cavalinhos e para ser usado por moleques e garotos.
>
> É preciso que esse grupo de mal educados, pequeno felizmente, que assim procede, se convença de que, quando assiste a um *match* de campeonato, tem diante de si um

[521] Cf. SANT'ANNA, L. (1924). *Op. cit*., p. 174-175.
[522] Cf. O *Estado de São Paulo*, 7 set. 1903, p. 2.
[523] *O Estado de São Paulo*, 22 mai. 1904, p. 4; *Correio Paulistano*, 27 jun. 1910, p. 4.

> espetáculo distinto, em que tomam parte moços dos mais dignos sob todos os pontos de vista. [524]

Os jogadores eram homens dignos porque pertenciam às principais famílias e, apesar da formação profissional qualificada, atuavam como amadores, isto é, pelo amor ao esporte. O ato de pagar para assistir aos jogos no velódromo dava ao torcedor o direito de aderir à multidão, era o valor imposto para quem quisesse entrar em comunhão mágica com a distinta plateia. Com o ingresso comprado ele podia se congregar, torcer sem ser sócio, mas nem por isso estava autorizado a manifestar o seu descontentamento contra os atores em campo:

> Destas colunas não nos temos cansado de censurar o procedimento de certos indivíduos que frequentam os *matchs* da Liga e que, por comprarem o ingresso, se julgam com o direito de vaiar, assobiar os jogadores e o *referee*.
>
> Mais de uma vez verberamos acremente os que assim procedem fazendo-lhes ver que os jogadores de *foot-ball* dos *clubs* da Liga não são profissionais, são moços dignos entre os mais dignos, filhos das principais famílias de São Paulo, advogados, comerciantes, jornalistas, estudantes, empregados comerciais, em banco, etc.
>
> Alguma coisa temos conseguido mas não tanto quanto desejáramos. Esses lamentáveis fatos repetem-se sempre, conquanto a espaços maiores.
>
> A Liga deliberando, como deliberou, oficiar a todos os jornais de São Paulo solicitando o concurso de cada um no sentido de auxiliar na repressão dessa condenável prática, faz jus aos nossos sinceros aplausos, e de antemão asseguramos o nosso apoio.
> Ficou também resolvida a impressão de cartazes que serão colocados no local em que se realizarem os *matches* solicitando aos espectadores acatarem as decisões do juiz, e não vaiarem os jogadores [525].

Estava pressuposto que ninguém "bem nascido" erraria por má fé ao representar um clube diante do público. Os erros cometidos nas encenações lúdicas deveriam ser perdoados, pois certamente seriam involuntários. A derrota, o lance desafortunado de um jogador, desencadeavam sentimentos piedosos e aglutinavam ainda mais as simpatias dos assistentes. Por exemplo, o jogador Fabio da Silva Prado – sobrinho do prefeito, com 16 anos de idade, que no futuro ocuparia o mesmo cargo do tio – recebeu apoios da plateia condoída diante da "grave falha" que cometeu no dia 7 de setembro de 1903. Justamente no dia da Pátria, com a casa lotada, diante do time carioca do *Fluminense*, Fabio Prado marcou um gol contra as próprias redes. Um jornalista recomendou no dia seguinte que, por justiça, o erro fosse relevado:

> Foi um desses acasos que desesperam um jogador mas que, absolutamente, com rigorosa justiça, não podem ser levados à sua conta.

---

[524] Cf. *O Estado de São Paulo*, 8 mai. 1905, p. 2.
[525] Cf. *O Estado de São Paulo*, 24 mai. 1905, p. 2.

> Foi um desastre que se deu com o Sr. Fabio como se poderia ter dado com qualquer outro *foot-baller*. [526]

Fig. 31. A qualidade da foto não permite ler os dois cartazes fixados no fundo da arquibancada, mas sabe-se bem o que eles diziam: "É expressamente proibido vaiar".

As vaias, atitudes individualizadas de torcedores-críticos, desmanchavam o élan da multidão, quebravam o cerimonial mágico, enfim, impediam a catarse coletiva. O campo de jogo precisava ser respeitado, pois ali eram ritualizadas batalhas entre forças republicanas, entre os "nossos" e os "outros". Vaiar os participantes e pisar no gramado – "altar da pátria" – equivalia a sacrilégios e exigia providências enérgicas:

> Outro dia, devem os leitores estar lembrados, censuramos no final da notícia de um dos *matchs* do campeonato o procedimento incorreto de alguns indivíduos que, transformando um divertimento distinguido pelo escol da sociedade paulistana, faziam do *football* um espetáculo de feira.
>
> Não valiam discretos pedidos afixados nas balaustradas das arquibancadas do Velódromo; não valiam sensatos conselhos de espectadores educados; não valiam os protestos gerais do público...
>
> Era indispensável uma providência qualquer que viesse a coibir tamanho abuso. Não podíamos apelar para o bispo, apelamos então para a Liga de *Football*. Pareceu-nos assim melhor. E não nos enganamos.
>
> A Liga não desmentiu o seu nome nem as nossas esperanças; ligou toda importância à nossa queixa e, fazendo como a polícia, abriu inquérito. [...]
>
> Mas não ficou aqui a energia da Liga. Foi além. Lançou ao público um apelo que vale por uma lição de bom tom. Ei-lo, o apelo:
>
> A Liga Paulista de Football
> Roga ao público que costuma concorrer nos *matchs* de *football* a abster-se das manifestações de desagrado no correr desses mesmos *matchs*, como também pede de não invadir o campo de jogo, mesmo no intervalo, sendo o ingresso nesse lugar só permitido aos jogadores e juízes. [527]

[526] Cf. *O Estado de São Paulo*, 8 set. 1903, p. 2.
[527] Cf. *O Estado de São Paulo*, 6 set. 1903, p. 3.

A ética amadora revisada

Em maio de 1905, com o quarto campeonato já iniciado, os ingleses do SPAC se reuniram em assembleia geral na *Rotisserie Sportsman*. Corria o boato de que o clube tricampeão, vencedor da Taça Casimiro da Costa, abandonaria a liga por ser vítima constante das vaias. Após longa discussão, 18 sócios votaram contra a permanência do clube na disputa e 38 pela continuidade. O SPAC permaneceu sob condição: exigiu em oficio dirigido à LPF "que não se repetissem as vaias". [528] O descontentamento existia e naquele ano o time "inglês" não conseguiu repetir o desempenho dos campeonatos anteriores, sofreu duas derrotas frente ao CAP e foi goleado por 6x0 pelo SCG. O CAP foi o campeão invicto de 1905, com apenas dois pontos perdidos em empates com o time "alemão", e o SPAC ficou em quarto lugar. Assim, o clube dos "brasileiros" conquistou pela primeira vez a Taça Penteado, encomendada a um ourives de Paris pelo Conde Alvares Penteado, sogro de Antonio Prado Junior. [529]

Finalmente o CAP chegava à ambicionada vitória, porém o desfecho do campeonato de 1905 foi tão surpreendente que inibiu qualquer comemoração. A conquista foi definida antes da partida final. Um empate conseguido no dia 1º de outubro frente ao SCG tirou os alemães da parada pelo título, eles não poderiam mais alcançar o CAP em número de pontos. Na partida seguinte, em 22 de outubro, a vitória do CAP por 2x0 anulou também as chances, meramente matemáticas, do SCI, faltando apenas um jogo para cumprir a tabela programada. Pela primeira vez não haveria um grande epílogo em partida-desempate. Então os jogadores do time campeão escolheram Jorge de Almeida Campos Mesquita como novo capitão, ele substituiria a Guilherme Vallim Alvares Rubião. Caberia, pois, ao novo líder, Mesquita, a grande honra receber a taça em nome do grupo no jogo final que aconteceria no dia 1º de novembro contra a AAMC. Era uma homenagem àquele que consideravam o melhor atleta da equipe.

O presidente do CAP, Numa de Oliveira, não concordou com a troca de liderança decidida pelo time e, através de oficio, nomeou como capitão a José Rubião, irmão mais novo de Guilherme. Entretanto, José Rubião recusou a nomeação e isso criou um impasse. Jorge Mesquita se apresentou na reunião em que a diretoria discutia o assunto, para tentar defender a escolha feita pelos jogadores, mas foi expulso da sala pelo

[528] Cf. *O Estado de São Paulo*, 30 mai. 1905, p. 3.
[529] Cf. *O Estado de São Paulo*, 28 fev. 1905, p. 3. V. tb. FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit*., p. 97-99; MAZZONI, T. (1950). *Op. cit*., p. 56-58.

presidente. Em protesto contra a interferência autoritária da diretoria, Mesquita, José Rubião e mais seis companheiros de jogo abandonaram o clube e se transferiram imediatamente para a AAP, o time mais fraco da liga. A equipe campeã foi desmantelada desse modo abrupto às vésperas de receber a taça no jogo final. Guilherme Rubião permaneceu, Tutu Miranda assumiu o posto de capitão e ex-jogadores, como Alvaro Rocha e Olavo Barros, foram reunidos às pressas para a última partida. Salvaram a honra da diretoria ao vencer o time da AAMC por 2x0. [530]

Fig. 32. O time do CAP, campeão de 1905. No meio da última fila está o goleiro Tutu Miranda (de boné), tem ao seu lado Guilherme Rubião (de bigode) e José Rubião (sem bigode). Jorge Mesquita está com a bola entre as mãos.

A ética *inter pares*

Os desdobramentos dessa crise interna, iniciada por um fato aparentemente banal, afetaram profundamente os espetáculos de futebol em São Paulo nos anos seguintes, como se verá mais adiante. Aos olhos de hoje o episódio pode parecer bizarro e a reação da equipe radical. A diretoria do clube atribuiu a rebelião do elenco apenas à vaidade pessoal de Jorge Mesquita. Alguns autores repetiram essa versão "oficial", em obras publicadas muitos anos depois. [531] O caso requer, entretanto, que se leve em conta a ética esportiva da época. A longa descrição das funções do capitão publicadas um ano

[530] V. *Resumo histórico...* (1918). *Op. cit.*, p. 16-18; FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 26, 29 e 98.
[531] V. MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 58; MILLS, J. (2005). *Op. cit.*, p. 140.

antes por um diretor do próprio clube, o major Luiz Fonseca, cronista do jornal *O Estado de São Paulo*, amigo pessoal e sócio de Numa de Oliveira, ajuda a esclarecer a importância que aquela posição tinha nos primeiros tempos do futebol:

> As numerosas qualidades que deve possuir um jogador para desempenhar convenientemente as funções de capitão de um *team* são as mesmas exigidas de um general; seu *team*, que precisa ter uma confiança ilimitada no seu chefe, é um pequeno exército que ele deve saber comandar, instruir e dirigir.
>
> Um *team* que tem confiança ilimitada na capacidade do seu capitão possui já um dos elementos que deve conduzi-lo à vitória, mas a força dos seus onze jogadores depende em grande parte da habilidade do seu chefe em manobrá-los e fazer-se obedecer. Se ele não gozar da confiança dos seus homens não conseguirá que eles obedeçam, e, para que possa manter a disciplina deve ter a maior autoridade sobre os seus subordinados, pois o sucesso depende da obediência passiva destes. Um *team* que discute as ordens e o modo porque o seu chefe dirige o jogo não fará nada que preste, e como este é responsável pela boa conduta dos seus subordinados, sua autoridade deve ser absoluta.
>
> O capitão de um *team* deve ter qualidades especiais, inatas.
>
> Ninguém se transforma em um general, pois a ciência do comando não está ao alcance de todos, nasce com o indivíduo.
>
> Em tais condições, a escolha de um capitão deve ser feita com cautela e não tendo em vista simplesmente o jogo pessoal de um jogador ou as suas relações de camaradagem. Uma vez escolhido, porém, sua autoridade deve ser reconhecida e suas ordens executadas sem recriminações.
>
> O primeiro dever de um capitão, desde o momento em que formou o seu *team* e colocou os jogadores segundo as aptidões de cada um, será combinar os elementos, por ventura heterogêneos, de que disponha, a fim de tirar deles o melhor partido. Estudará depois as mudanças a fazer no ataque e na defesa, tendo em vista as qualidades dos jogadores, o estado do terreno e a força dos adversários. [...]. [532]

Esse texto era muito conhecido, ele foi reproduzido em milhares de cópias no *Guia do Football*. A concepção militarizada do esporte não era criação literária do major Fonseca, ele apenas traduziu parte do folheto *Football Association*, publicado em francês em 1897 por Maurice Eugène Fraysse, capitão da seleção da França, em co-autoria com Neville Tunmer, jogador inglês radicado naquele país. [533] A fonte original era, portanto, um dos mais conhecidos manuais franceses de práticas atléticas, reeditado até os anos 1920 e frequentemente incluído na bagagem dos estudantes brasileiros que voltavam da Europa. Outra obra bastante consultada por aqui, do jornalista e futebolista francês Ernest Weber, definia de forma bem semelhante as funções do capitão: "um terreno de *football* deve realmente ser um campo de batalha em que os mortos e os feridos são as ideias vencidas pelas ideias contrárias. O homem que dirige os seus companheiros, é o capitão" [534].

---

[532] Cf. *O Estado de São Paulo*, 13 mai. 1904, p. 2 e CARDIM, M. (1906). *Op. cit.*, p. 70.
[533] SLIMANI, H. (2000). *Op. cit*., p. 22.
[534] Cf. WEBER, E. (1910). *Op. cit*., p. 202.

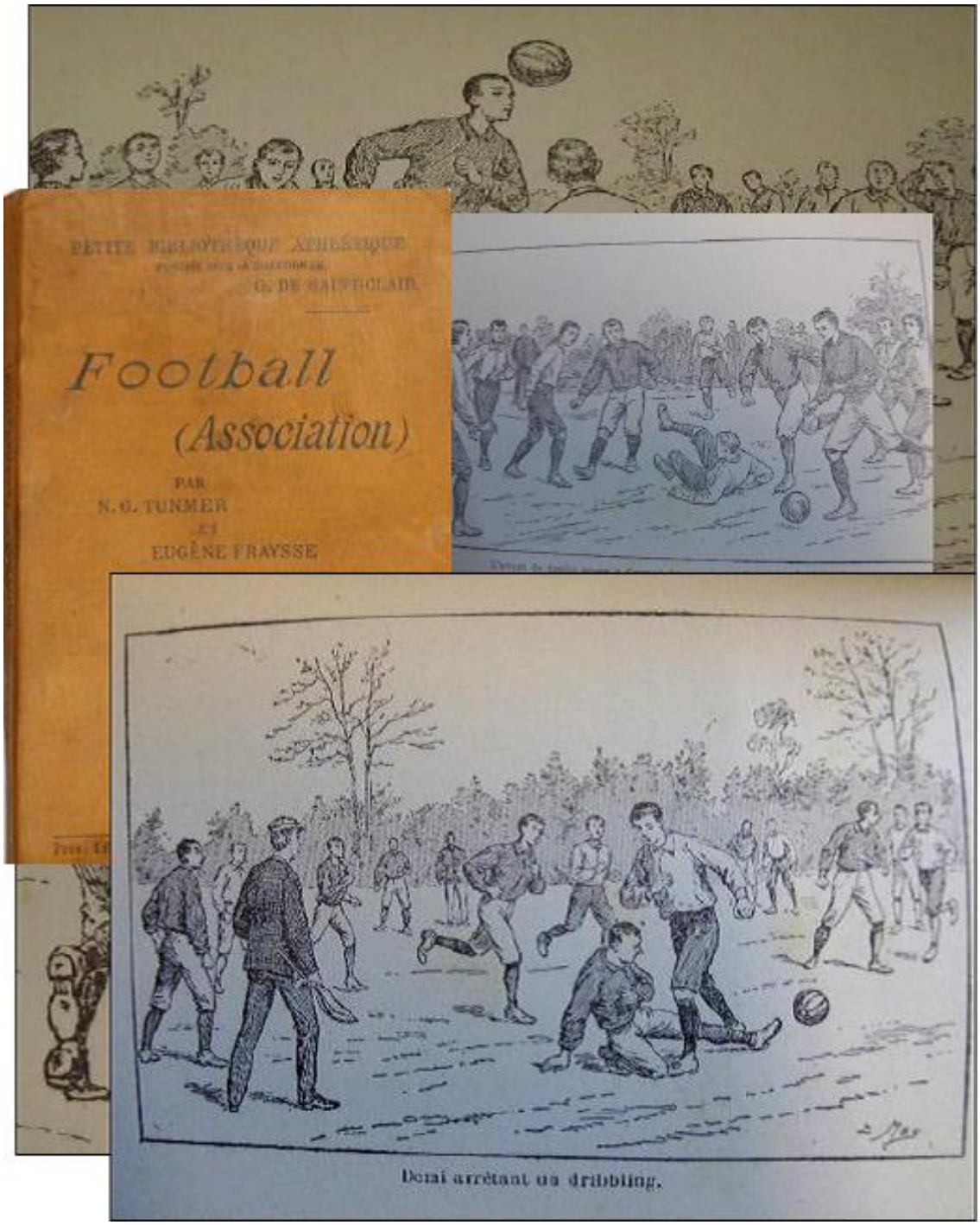


Fig. 33. Os manuais didáticos franceses, principalmente o de Tunmer e Fraysse, foram divulgados pelos estudantes repatriados e traduzidos para o português. Eles influenciaram a interpretação dada ao jogo no Brasil.

Na visão francesa os esportes, de modo geral, eram tratados como guerras lúdicas e os *footballers* brasileiros procuravam interpretar ao pé da letra os papeis de obediência e disciplina, conforme o roteiro prescrito nos manuais didáticos importados. A encenação bélica fazia parte dos divertimentos pedagógicos e os atores em campo deveriam ser suficientemente educados na arte de jogá-la, ordenando ou acatando comandos, mas sempre entre aqueles que se consideravam iguais (*inter pares*). A figura do *trainer* (treinador/técnico) ainda não existia no futebol amador, embora já fosse comum nos campeonatos profissionais britânicos. Cabia ao capitão escolher os jogadores, definir suas posições, planejar as táticas e liderar a equipe no gramado. Ele era o único comandante do time e poderia redefinir as funções dos parceiros em plena partida. Prevalecia o espírito do autogoverno: as relações de autoridade emanavam do grupo e as interferências extra-campo eram qualificadas como anti-esportivas. A equipe representava o clube tal qual um pelotão militar na frente de batalha, com liberdade para agir durante a campanha e apontar o líder. O capitão deveria emergir naturalmente, ser escolhido pelas suas "qualidades especiais, inatas", reconhecido e acatado pelos demais. Nessa ideologia social-darwinista, as forças em competição selecionariam o comandante (*primus inter pares*) no desenrolar dos combates.

Nos clubes que então surgiam pela cidade de São Paulo a escolha do capitão era feita pelos sócios praticantes ou então um jogador de reconhecido talento selecionava a equipe que ele comandaria. Provavelmente, muitos times informais foram organizados de maneira semelhante, pois alguns até se identificavam pelo nome do seu capitão-fundador. Para o público torcedor a personalidade mais conhecida e prestigiada do clube era o comandante da equipe de futebol. O capitão era o jogador símbolo e diziam que Jorge Mesquita tinha as qualidades de um *crack* com liderança "natural" para exercer o comando. Esse era o principal argumento apresentado pelo time, o que foi taxado de "dogma esportivo" pela diretoria do clube, apesar dela reconhecer os talentos do jogador. [535] Para a equipe a autonomia deveria permanecer intocada. Muitos anos mais tarde, um dos jogadores rebeldes, Raphael Salles Sampaio – que fez o seu aprendizado atlético em escola da Suíça –, recordou: "saímos do clube unicamente por solidariedade ao nosso *captain*". [536] Numa de Oliveira preferiu reinterpretar a sua maneira o "dogma" importado e agiu como se fosse dirigente de um clube profissional britânico: enalteceu a

[535] V. *Resumo histórico...* (1918). *Op. cit.*, p. 16.
[536] Cf. *Club Atlhetico Paulistano*: um clube que cresceu com a cidade. São Paulo: CAP, 1970, p. 153.

imagem da entidade, colocando-a acima da personalidade do atleta. Para ele, privilegiar a identidade do clube foi mais importante que a do ídolo da torcida.

Há outras questões de honra subjacentes ao conflito, cuja influência é de difícil ponderação hoje, mas que ajudam a entender a postura inflexível dos jogadores e da diretoria. É um caso interessante para examinar a importância que as relações de parentescos tinham dentro de um clube voltado para os espetáculos. O time do CAP, como foi apontado acima, era formado por filhos do patriciado paulista de origem rural. A família do jogador Jorge Mesquita tinha laços com a poderosa parentela dos Souza Queiroz e Souza Barros, possuía fazendas em Jaú e Itupeva e uma corretora de café no porto de Santos. Ele foi educado na Suíça e na Inglaterra, onde aprendeu a jogar o futebol. Os irmãos Guilherme e José Rubião pertenciam a uma tradicional família de cafeicultores do Vale do Paraíba. Tal como seus primos ciclistas citados antes, os Pereira de Souza, eles estavam ligados à parentela dos Vallim, influente nos tempos do Império. Eram filhos do fazendeiro e banqueiro João Alvares Rubião Junior, que foi secretário da fazenda (1892-1896), deputado em vários mandatos e líder do PRP no legislativo estadual (1903-1906), velho correligionário do conselheiro Prado no antigo Partido Conservador e sócio dele no *Banco do Comercio e Industria* e na *Cia. Paulista de Estradas de Ferro*.[537]

O presidente do clube, Numa de Oliveira, ao contrário, era um carioca "novo rico". Conforme apontou o historiador Joseph Love, ele foi um dos raríssimos homens de família pobre a fazer parte da elite política paulista, ao longo de toda a Primeira República.[538] Numa de Oliveira nasceu no Rio de Janeiro, neto de um português, ilhéu da Madeira.[539] Trabalhou como entregador de cartas da ferrovia *Central do Brasil*, enquanto estudava. O título dado pela sua filha, Laura Oliveira, às memórias que ela publicou na velhice, *Elos de uma corrente, seguidos de novos elos*, expressa bem a trajetória da sua família. Uma extensa cadeia de relações sociais que pode ser resumida a seguir pela citação de apenas alguns "elos" decisivos.

Em 1891, aos 21 anos de idade, Numa de Oliveira casou-se no Rio com a viúva Amelia Sabino. O irmão mais novo dela, Horacio Belfort Sabino, era taquígrafo do Congresso Nacional, este ensinou a profissão ao cunhado e os dois constituíram

[537] *O Estado de São Paulo*, 18 out. 1915, p. 2; 17 jul. 1955, p. 8.
[538] LOVE, J. (1982). *Op. cit*., p. 239-240.
[539] V. OCTÁVIO, L. O. R. (1994). *Op. cit*., p. 27-32; HOMEM, M. C. N. (1996). *Op. cit*., p. 233-234.

sociedade para prestar serviços ao legislativo federal. [540] Através de amizades contraídas por Horacio com políticos do PRP, principalmente com José Alves de Cerqueira César e o genro deste, o deputado e jornalista Julio de Mesquita – que não tinha parentesco com o jogador de futebol Mesquita –, os cunhados taquígrafos assumiram também os serviços do legislativo estadual paulista. A firma de taquigrafia, reforçada com muitos funcionários, no Rio e em São Paulo, deu início ao enriquecimento dos cunhados. Em alguns anos Numa acumulou capital suficiente para formar uma sociedade corretora de café em Santos e, em 1906, comprou uma fazenda no interior. Foi também o cunhado que o levou para o clube esportivo, pois Horacio Sabino era um antigo ciclista, companheiro dos jovens Silva Prado desde os tempos do *Veloce Club Olympico*. Numa de Oliveira tinha 33 anos de idade quando foi escolhido para a presidência do CAP, em 1903. Tempos depois ele foi convidado pela família Prado para um cargo de direção no *Banco do Comércio e Indústria*. Mais tarde chegou à presidência do banco e foi secretario da fazenda estadual, em 1931. [541]

O exemplo de Numa de Oliveira mostra que as trajetórias de ascensão social por dentro da coesa elite cafeeira não eram impossíveis. Elas podiam figurar até mesmo num clube esportivo seletivo como o CAP. Mas as chances eram raras e dependiam dos parentescos, das alianças, dos apadrinhamentos, das fidelidades. No caso de Numa, além de ter o indispensável talento pessoal, as portas foram abertas pelo casamento com a viúva Amelia Sabino, a qual cultivou através do irmão taquígrafo estreitas relações de amizade as com as esposas e filhas das famílias Cerqueira César e Mesquita. [542] A mulher de José de Cerqueira César era irmã do presidente da República, Campos Salles.

Longe dos gabinetes oficiais a participação feminina era de fundamental importância para soldar os "elos". Vida pública e vida privada estavam em processo de distanciamento, mas as duas esferas ainda se confundiam sob a força dos compromissos familiares. Entidades recém-criadas na sociedade civil ocupavam a função de mediação entre o público e o privado. Esse foi um dos papéis assumidos pelos clubes esportivos na sociedade que se urbanizava, como espaço de representação a meio caminho entre o lar e o escritório político.

---

[540] V. OCTÁVIO, L. O. R. (1994). *Op. cit.*, p. 31-32 e *Horácio Sabino*: urbanização e histórias de São Paulo. São Paulo: A&A Comunicação, 2009, p. 65-66;
[541] V. LOVE, J. (1982). *Op. cit.*, p. 239-240;
[542] V. OCTÁVIO, L. O. R. (1994). *Op. cit.*, p. 63-64.

Fig. 34. O time do CAP no Rio de Janeiro, antes da cisão. Numa de Oliveira está com chapéu, à direita da imagem (o mais baixo). Jorge Mesquita aparece na última fileira (com a bola na mão esquerda), entre os irmãos Guilherme (o mais alto) e José Rubião (sem bigode). Posar segurando a bola era um indício de liderança.

O próprio Horacio Sabino é outro exemplo interessante de sócio do CAP. Ele nasceu em Florianópolis, mas provinha de família da elite maranhense, em trajetória financeira decadente quando se mudou para São Paulo, no final do Império. Horacio cursou a faculdade do largo São Francisco, se formou em 1889. Foi no curso de direito que desenvolveu um método para taquigrafar as aulas, ele vendia as suas anotações para outros estudantes na forma de apostilas impressas. Assim pode bancar parte dos estudos e constituir duradouras amizades com os professores e colegas que apreciavam o trabalho precioso que fazia. [543] Logo depois de formado, os amigos conquistados na academia o encaminharam para os serviços taquigráficos da Assembleia Constituinte no Rio de Janeiro, foi quando conheceu Numa de Oliveira, como professor particular dos seus sobrinhos, filhos da viúva Amelia. Em 1894, Horacio Sabino se casou com uma rica moça da elite paulista, America Milliet, alguns anos depois ele se tornou sócio de Numa na fazenda de café e grande empreendedor do ramo imobiliário. [544]

[543] SOUZA, Everardo V. P. Reminiscências acadêmicas, 1887-1891. In: MOURA, Carlos E. M. (org.) *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Ateliê: UNESP: Imprensa Oficial: Secret. Cultura, 1998, p. 213.
[544] *Horácio Sábio*... (2009). *Op. cit.*, p. 61-5; *O Estado de São Paulo*, 9 mar. 1969, p. 29.

Como se constata, os "elos" familiares se consolidavam nas correntes do tempo. Difícil saber o quanto as origens simples de Numa de Oliveira tiveram influência para a rebeldia dos futebolistas do CAP. Mas o histórico familiar contribui para se entender a resistência dos rapazes em aceitar as determinações de alguém que não possuía escolaridade europeia e não respeitava o princípio do *self-government* adotado entre os *footballers*. Ele não pertencia ao grupo de camaradagem, nem partilhava vínculos com o tradicional sangue paulista. Afinal, quem não integrava o *team* não poderia escolher o capitão. Pode-se entender o constrangimento do jovem José Rubião ao ser nomeado capitão por alguém externo ao círculo de jovens jogadores (*extra pares*) e que, além disso, tinha obrigações profissionais com a geração mais velha. Numa de Oliveira era um homem da confiança de seu pai, o deputado João Rubião Junior, que na época ocupava a liderança política do PRP e a presidência do legislativo estadual.

Os compromissos de honra e fidelidade eram de fundamental importância nas relações de poder. Conforme o próprio deputado Rubião Junior bem explicou certa vez, a um sobrinho, o valor de um homem era medido pelas obrigações que ele contraía com outros e sabia respeitar:

> Ouça bem e tome nota: o homem só tem valor por três coisas – 1º. Quando ocupa importante posição e pode dar bons empregos; 2º. Quando tem recursos financeiros; 3º. Quando, em boa posição pode dar ou emprestar dinheiro. Fora disso, ninguém vale coisa alguma! Se o presidente, o senador, o deputado não satisfizer aos pedidos, cria inimigos! Se negar a importância pedida, as relações ficarão rotas, perde o amigo ou o correligionário. [545]

O filho dele, José Rubião, então com 23 anos, preferiu acompanhar o grupo de futebolistas rebeldes e nessa atitude independente colocou em segundo plano os laços afetivos de sangue. Pois seu irmão mais velho, Guilherme, permaneceu como jogador do CAP, depois foi diretor do clube e da liga. O nascente individualismo competitivo permitia aos jovens fazer as suas escolhas na vida, estabelecer novos compromissos de honra, aderir aos códigos normativos modernos e assim escapar da restrita órbita familiar. Em contrapartida, perdiam a confortável proteção da rede de parentescos e suas clientelas, assim ficavam vulneráveis em meio aos embates políticos, como se verá logo a seguir. O clube era um tipo de instituição recém-criado na sociedade civil e, como tantos outros que surgiam no processo de urbanização, vulnerável diante dos poderes tradicionais, da família e do estado. As atitudes de rebeldia eram castigadas.

[545] Cf. SOUZA, Pedro L. P. "Rubião Junior". In: *O Estado de São Paulo*, 17 jul. 1955, p. 8-9.

A primeira grande crise dos espetáculos futebolísticos

O presidente Numa de Oliveira foi apoiado de modo inequívoco pela diretoria do clube, inclusive pelo vice, Antonio da Silva Prado Junior. As relações de fidelidade exigiam dupla mão de direção. No dia 17 de fevereiro de 1906 Prado Junior, então com 26 anos, foi eleito para ocupar o lugar de Numa de Oliveira, o qual ficou com o honroso posto de tesoureiro e recebeu, como era de praxe, um voto de louvor pela gestão concluída. [546]

O entrevero do ano anterior não poderia acabar com a simples debandada dos jogadores. A diretoria do clube continuava ofendida com a rebelião e atribuía somente a Jorge Mesquita a responsabilidade pelo desonroso desmonte do time campeão. Em março, na primeira reunião da LPF, o CAP submeteu um pedido de expulsão definitiva de Mesquita. A punição foi aprovada num primeiro momento e, pouco depois, reduzida para um ano de suspensão. [547] A LPF – na época presidida por Armando da Silva Prado, que tinha a mesma idade do seu parente, Prado Junior – fez a revisão dos seus estatutos para incluir dispositivos mais rígidos no controle dos clubes associados e criou um conselho de representantes para julgar as futuras transgressões. [548]

Já reforçada pelos jogadores dissidentes do CAP, a AAP havia mudado sua sede, em janeiro de 1906, para a chácara da Floresta, às margens do rio Tietê. Desde o ano anterior os sócios estavam decididos a se incorporar ao *Club de Regatas São Paulo*, fundado havia pouco mais de dois anos por membros da elite fazendeira e, dessa forma, a AAP desapareceria como associação independente. [549] Com a fusão, Jorge Mesquita foi nomeado diretor esportivo. Dentro da liga a transferência daqueles jogadores do CAP parecia caso superado, mas os ressentimentos logo brotaram. Quando os representantes do *Clube de Regatas* se apresentaram na LPF como entidade sucessora direta da AAP, sua admissão não foi aceita, numa clara demonstração de má vontade. A solução foi figurar o nome da *Associação Atlhetica das Palmeiras* na liga e manter sua aliança com o *Clube de Regatas*, compartilhando os espaços na chácara da Floresta.

O time da AAP, que havia terminado na última colocação nos dois campeonatos anteriores, passou a contar com a estrutura de um clube maior e se converteu em adversário poderoso a partir da adesão dos jogadores habilidosos que saíram do CAP. Na disputa anual pela vaga de acesso à liga ele bateu a equipe candidata do *C. A.*

[546] *O Estado de São Paulo*, 18 fev. 1906, p. 3.
[547] *O Estado de São Paulo*, 2 e 14 mar. 1906, p. 3; *Resumo histórico... Op. cit.*, p. 18.
[548] V. CARDIM, M. (1906). *Op. cit*., p. 6-9.
[549] *O Estado de São Paulo*, 16 jul. 1905, p. 3. V. tb. NICOLINI, H. (2001). *Op. cit.*, p. 260-261.

Internacional de Santos por 4x1. [550] No primeiro confronto que teve no torneio venceu o enfraquecido time do CAP por 3x2 e no segundo por 5x2. Portanto, um novo protagonista havia emergido e a antiga polaridade entre o CAP e o SPAC não existia mais. O SPAC fez uma campanha irreconhecível em 1906, não venceu nenhum jogo e sofreu duas goleadas desconcertantes, do SCG por 6x0 e do SCI por 9x1. [551] Essa última derrota, acontecida no dia 5 de agosto, agravou a cisão entre os jogadores ingleses que já se prenunciava desde o ano anterior. O SPAC decidiu abandonar a disputa, atitude pouco comum para a ética esportiva da época, e Charles Miller deixou a vice-presidência da LPF em pleno campeonato. [552] Um grupo dissidente formado por Jeffery, Robottom, Viotti, Butler e Rowlands fundou outra agremiação, fora da liga: o *Concordia Football Club*. [553]

O único time capaz de fazer frente ao clube "da Floresta" seria o SCG, segundo colocado no torneiro, mas a AAP bateu a equipe alemã no dia 12 de agosto e assim ficou bem próxima do título. O campeonato caminhava para o seu final quando estourou um escândalo: o SCI denunciou a AAP por desviar parte do dinheiro da arrecadação do jogo que os dois times disputaram no dia 30 de setembro. A acusação foi rebatida pela diretoria da AAP que em sua defesa alegou ser vítima calúnia porque um funcionário do clube havia vendido ingressos com desconto de 50% para os sócios do *Club de Regatas* e que estaria disposta a ressarcir as perdas do SCI. [554] *O Commercio de São Paulo* alertou que, por trás da denúncia, existiria um pacto entre três clubes (CAP, SCG e AAMC) para eliminar a equipe rival do campeonato. [555] A crise se agravou com a renúncia de Armando Prado à presidência da liga, substituído imediatamente por Antonio Prado. O *Mackenzie College* determinou que a associação atlética dos seus alunos (AAMC) fosse extinta, por "questões disciplinares". [556]

Os debates seguiram aquecidos até o dia 22 de outubro, quando o conselho da LPF finalmente confirmou a decisão de desclassificar a AAP e anular todos os pontos das partidas que ela disputara. [557] A AAP preferiu abandonar a liga e pediu para o secretário de segurança pública, Washington Luis, que abrisse inquérito policial para

[550] FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 29.
[551] HAMILTON, A. (2001). *Op. cit.*, p. 77-79.
[552] *O Estado de São Paulo*, 27 set. 1906, p. 3.
[553] *Correio Paulistano*, 14 ago. 1906, p. 2.
[554] FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 29-30.
[555] *Commercio de São Paulo*, 6 out., 1906, p. 1 e 20 out. 1906, p. 3.
[556] *O Estado de São Paulo*, 22 out. 1906, p. 2. FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p.19.
[557] *O Estado de São Paulo*, 23 out. 1906, p. 4; *Correio Paulistano*, 23 out., 1906, p. 4.

esclarecer o caso. [558] Nenhuma ilegalidade ficou comprovada, o que não alterou a decisão da liga, pois a punição tinha como base a interpretação dos estatutos de uma entidade civil. Eles estipulavam que a arrecadação deveria ser dividida igualmente entre os dois participantes e que os jogos nunca poderiam "constituir objeto de exploração por parte de qualquer indivíduo, empresa ou associação". [559]

Em abril de 1907 os futebolistas e simpatizantes da AAP publicaram um protesto com dezenas de assinaturas onde acusavam a LPF de ter se desvencilhado do time campeão por meio ilícito e exigiam uma reparação pública, com a devolução do título ou anulação do campeonato. [560] O desagravo não foi concedido e, com a honra atingida, os futebolistas "da Floresta" se distanciaram durante dois anos, numa forma de protesto ético. Os jogadores se mantiveram ativos em jogos amistosos contra outros times. Um longo processo de reconciliação foi iniciado em março de 1908, quando o CAP apresentou à LPF um pedido de anulação, rapidamente aprovado, das penas impostas à Jorge Mesquita e à AAP. [561] Em julho do mesmo ano Prado Junior se demitiu da presidência da liga e a nova diretoria, comandada por Jorge Tutu Miranda, fez a reaproximação através de jogos amistosos. [562] O campeonato de 1906 foi anulado dos registros históricos da LPF e a AAP convidada a disputar o campeonato de 1909, sem ter que lutar por uma vaga. Outra vez a bola rolou em paz. [563] Fluxos e refluxos típicos da política oligárquica: o rompimento teve apenas aparência rubra, pois, uma vez cicatrizadas as feridas, se percebe que a forma nunca deixou de ser polida. O perdão, como atitude magnânima concedida entre os iguais, era tão importante quanto a punição pública.

Entretanto, as consequências do desastrado campeonato de 1906 foram sérias para as exibições de futebol. O público perdeu as referências identitárias, tão claras antes. A saga nacionalista havia sido rompida bruscamente por fatores externos ao campo de jogo e a magia do espetáculo se desfez. Por muitos anos, os saudosistas chamariam aqueles quatro primeiros campeonatos como "tempos áureos do futebol". A partir da

---

[558] *Commercio de São Paulo*, 7 out. 1906, p. 5 e 16 out. 1906, p. 4; *O Estado de São Paulo*, 10 out. 1906, p. 3 e 23 out. 1906, p. 4. V. tb. MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 61.
[559] Cf. CARDIM, M. (1906). *Op. cit*., p. 11.
[560] *Correio Paulistano*, 5 abr. 1907, p. 3; *O Estado de São Paulo*, 6 abr. 1907, p. 3; 7 abr. 1907, p. 3.
[561] *O Estado de São Paulo*, 12 mar. 1908, p. 3; 22 mar. 1908, p. 3; *Resumo histórico*... (1918). *Op. cit*., p. 18.
[562] *O Estado de São Paulo*, 14 jul. 1908, p. 4; 6 ago. 1908, p. 3.
[563] *O Estado de São Paulo*, 5 dez. 1908, p. 3; 24 dez. 1908, p. 3. O jornalista Thomaz Mazzoni, atribuiu o título de 1906 ao *S. C. Germania*, porém nos registros da *Liga Paulista de Football* não houve vencedor e sequer o clube alemão reivindicou a taça, naquele momento. V. *O Estado de São Paulo*, 18 dez. 1909, p. 7; MAZZONI, T. (1950). *Op. cit*., p. 61.

cisão ocorrida dentro do CAP, em 1905, as preferências dos espectadores ficaram divididas. Depois, o interesse caiu ainda mais com a atuação patética do SPAC e as subseqüentes retiradas da AAP e da AAMC. Esses três clubes retornariam à liga em momentos posteriores, cada uma ao seu tempo, mas o desânimo instalado permaneceu por vários anos.

A prática informal do futebol estava bastante divulgada pela cidade, mas nenhuma outra liga ocupou a função de espetáculo. As atenções do público então se repartiram entre as regatas da ponte Grande, o hipódromo da Mooca e o Frontão Boa Vista. A retomada das exportações de café e a consequente melhoria da situação financeira favoreceram para que os esportes com apostas entrassem em novo ciclo de prosperidade. Outras competições atléticas chamavam atenção naquele momento, entre elas o remo e o basebol. Depois de passar cerca de três meses em São Paulo, em meados de 1907, John Hamilton registrou que "o jogo mais popular no Brasil é o tênis". [564] Talvez fosse uma opinião impressionista do viajante escocês, mas ela reflete o quanto o entusiasmo com o futebol decaíra. De fato, a arrecadação desabou nas bilheterias do Velódromo Paulista e a diretoria do CAP interrompeu os entendimentos que vinha mantendo com a família Silva Prado para comprar as instalações. [565] Os saldos de caixa baixaram e as dívidas contraídas com as reformas feitas em 1905 continuavam a pesar nas finanças do clube durante anos. [566]

O *fair play* abrasileirado

Os fatos que originaram a crise de 1905-1906 eram aparentemente irrelevantes e a intensidade das paixões envolvidas estavam, em grande parte, relacionadas às questões de honra pessoal e não tanto às regras esportivas importadas e à ética amadora. Não foi a primeira vez – e será visto no próximo capítulo que nem foi a última – que disputas por posições de prestígio, ressentimentos por orgulho ferido, decisões casuístas, reações intempestivas e desmedidas ou arguições sobre a legalidade das regras, interferiam nos espetáculos de futebol.

Outro caso polêmico, embora com desdobramentos de menor alcance, havia acontecido três anos antes no jogo que desempatou o campeonato de 1903, disputado no dia 25 de outubro daquele ano. O juiz Egidio de Souza Aranha não teria marcado

[564] Cf. *O Estado de São Paulo*, 20 set. 1907, p. 4.
[565] V. *Resumo histórico...* (1918). *Op. cit.*, p. 19-22.
[566] *O Estado de São Paulo*, 27 fev, 1907, p. 2.

penalidade num toque de mão cometido pelo inglês Walter Jeffery e, além disso, encerrou a partida seis minutos antes do tempo. [567] Após o jogo o capitão do CAP, na época Olavo de Barros, e o presidente do clube, Renato Miranda, enviaram um ofício de apelação à LPF. [568] Na assembleia de representantes realizada na liga para resolver o caso, presidida por Charles Miller, a queixa foi arquivada com base no regulamento do IFAB inglês, adotado pela liga paulista: o árbitro é soberano para decidir dentro do jogo e suas decisões são irrevogáveis. [569] Renato e Olavo não se conformaram, consideravam que Charles Miller não poderia participar da decisão por representar os interesses do SPAC. Convocaram uma assembleia interna para a tomada de posição do CAP contra o veredicto. A maioria dos sócios, porém, não concordou com os dois líderes e preferiu acatar a decisão da liga. Desapontados, Olavo e Renato imediatamente renunciaram aos cargos que ocupavam. [570]

Episódios como esses e inúmeras outras demonstrações de vontade férrea de vencer em conflito com a honra individual, revelam diferenças na interpretação dos valores éticos quando cotejados ao esporte europeu. Uma comparação com o contexto inglês pode ser bastante útil para compreender as especificidades do nascente amadorismo paulista. Pois o código de condutas esportivas, genericamente chamado de *fair play* (jogo limpo ou jogo leal), foi cultivado pelas elites dominantes inglesas dentro das *public schools*, universidades e federações daquele país, com normas escritas e não escritas, às vezes contraditórias. [571] Esse ideário foi exportado no bojo das regras competitivas. Embora os jogos contenham certos valores universais que atravessam os tempos e os povos, as normas de comportamento esportivo daquela época estavam profundamente relacionadas ao contexto social inglês que as produziu. Ao serem nativizadas em outros países elas passaram por inevitáveis processos de resignificações, ainda que as regras do jogo estivessem preservadas.

A noção inglesa de *fair play*, apesar de pouco sistematizada, impunha aos competidores o respeito a certos princípios morais: ser leal com o adversário acatando voluntariamente as regras estabelecidas e evitando jogadas violentas; valorizar o oponente vencedor e ser generoso com o derrotado; praticar esportes do modo constante e diversificado apenas pelo prazer e amor às disputas, sem paixão pela vitória, sem

[567] *Idem*, p. 13. Na época cada tempo de jogo tinha a duração de 35 minutos. A primeira partida jogada no Velódromo Paulista com dois tempos de 45 minutos aconteceu no dia 29 de junho de 1905.
[568] *O Estado de São Paulo*, 29 out. 1903, p. 2.
[569] *O Estado de São Paulo*, 1 nov. 1903, p. 2.
[570] *O Estado de São Paulo*, 9 nov. 1903, p. 2. V. tb., HAMILTON, A. *Op. cit.*, p. 67-68.
[571] V. HOLT, R. (1989). *Op. cit.*, p. 74-86.

interesses monetários, nem exibicionismos. [572] Esse *ethos* nasceu em íntima correlação com normas de comportamento usuais, cujas origens inglesas podiam ser bem mais antigas e remontar aos divertimentos campestres da nobreza fundiária do século XVIII. Ou então eram meras imitações de honoráveis preceitos cavalheirescos dos tempos medievais, idealizados através da literatura romântica. [573] Tratava-se de um difuso código de etiqueta e representação das elites sociais que incluía: o autocontrole das emoções, com manifestações dissimuladas ao se conquistar uma vitória ou diante da derrota; a demonstração de virilidade, coragem, perseverança e dignidade, mesmo em situações adversas de jogo; a ideia de doar o melhor dos seus esforços físicos e talentos em favor do grupo, sem jamais esperar reconhecimento e pagamento em troca; a sujeição às lideranças e às condutas pactuadas em camaradagem; o gosto pela sociabilidade esportiva entre pares; o tratamento respeitoso e galante dado às mulheres da mesma categoria social.

Sportsmen ingleses eram educados nas escolas de elite para ocupar posições de comando e davam nos campos de jogos demonstrações balanceadas de valentia e cortesia, de tenacidade e frieza. Os atributos normativos do *fair play* foram amadurecidos nas *public schools* a partir de meados do século XIX, onde os filhos da aristocracia inglesa conviviam com os da burguesia ascendente, sob orientação de pedagogias imbuídas da ética religiosa protestante. [574] A oposição entre os setores das classes dominantes diminuía progressivamente. Os antigos critérios de distinção social baseados no nascimento e na propriedade da terra perderam seu efeito diante do luxo exibido pelas fortunas acumuladas na indústria e no comércio. [575] Os títulos de nobreza e as honrarias ainda davam prestígio, entretanto, agora poderiam ser comprados pelos grandes capitalistas. Os méritos pessoais ganharam importância maior do que as relações hereditárias. A educação superior passou a ser o principal fator de distinção e o

[572] Idem. p. 98-99; HOLT, R. (2003). *Op. cit*., p. 272-273; DUNNING, E. e SHEARD, K. (1989). *Op. cit*., p. 101.
[573] MORFORD, W. R. e McINTOSH, M. J. (1993). *Op. cit*., p. 52-58; BAKER, N. (2004). *Op. cit*., p. 6-11; RENSON, R. (2009). *Op. cit*., p. 6-9; ULMANN, Jacques. *De la gymnastique aux eports modernes*. Paris: Vrin, 1982, p. 325-328.
[574] GUTTMANN, Allen. *From ritual to record*: the nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 2004, p. 80-89 e 127-129; DEFRANCE, Jacques. *Sociologie du sport*. Paris: La Découverte, 1995, p. 15-16; MORFORD, W. R. e McINTOSH, M. J. (1993). *Op. cit*., p. 71-74; BAKER, W. J. (2007). *Op. cit*., p. 31-36.
[575] V. HOBSBAWM, E. (1988). *Op. cit*. p. 239-53; MORFORD, W. R. e McINTOSH, M. J. (1993). *Op. cit*., p. 60-62.

esporte era a expressão simbólica mais visível da elevada escolaridade de um cavalheiro. [576]

A figura do *gentleman-amateur* podia corresponder tanto a um esportista de origem nobre quanto a de um burguês. A constante prática esportiva por divertimento – não para o agrado das massas – aglutinava os filhos das classes governantes e funcionava como demonstração entre pares do enorme tempo livre que todos tinham para o lazer e o ócio. Buscavam sensações excitantes pela competição entre grupos de iguais, a vitória em si mesma não era imprescindível. No último quartel do século XIX nobres e burgueses colocaram de lado as suas rivalidades históricas e se aproximaram diante das ameaças recém-surgidas: as agitações proletárias, a ascensão das camadas médias urbanas e os inimigos externos do Império Britânico.

Pelo menos até a década de 1870 não havia oposição radical entre amadores (*gentlemen*) e profissionais (*players*), eles conviviam em diferentes esportes. Ganhar dinheiro com o esporte não era algo moralmente condenado, até então. A própria democratização do futebol foi induzida pelas classes dominantes através dos patrocínios oferecidos aos trabalhadores por empresários da indústria e da mineração. Os clubes mistos (*open clubs*) eram dirigidos por empresários, às vezes com times compostos só por trabalhadores. O movimento evangélico-filantrópico, *muscular Christianity*, também propagou o futebol entre as classes trabalhadoras como forma de promoção social. [577]

O distanciamento da elite esportista só teve início na década de 1880, quando os times operários se fortaleceram e as exibições foram massificadas. Barreiras que tomavam como critério de seleção a ocupação profissional dos candidatos a sócios começaram a ser impostas por diversos clubes. [578] Para justificar a exclusão dos assalariados, os esnobes diziam não existir controle eficiente para os ganhos indiretos recebidos pelos "falsos amadores". A polêmica começou desde os primeiros esboços de profissionalização, quando parte dos atletas passou a receber os *broken-times*, reembolsos oferecidos pelas horas de trabalho perdidas e despesas de viagens. Rapidamente isso se converteu em remuneração disfarçada e as federações esportivas tentaram combater os ganhos dissimulados, sem sucesso. Vários clubes do norte da eram ligados a empresas e podiam oferecer falsos postos de trabalho a jogadores para

[576] HOLT, R. (1989). *Op. cit.*, p. 113-117 e 136-139; HARGREAVES, J. (1986). *Op. cit*., p. 45-50.
[577] DUNNING, E. e SHEARD, K. (1979). *Op. cit.* p. 120-121.
[578] HOLT, R. (1989). *Op. cit.*, p. 103-138.

encobrir o assalariamento. O futebol era, de longe, o esporte mais democratizado e a FA acabou por oficializar a profissionalização em 1885. Alguns anos depois a federação tentou limitar as remunerações e as taxas de transferência de jogadores entre clubes, com pouco efeito prático.

Fig. 35. *Aston Villa* x *Sunderland*, óleo sobre tela de Thomas Henry, 1893. No final do século XIX, os jogos do campeonato de futebol profissional inglês tinham média de público próxima a seis mil pessoas. Na primeira década do novo século a média subiu para cerca de dez mil.

O profissionalismo predominou no futebol inglês. [579] Diversos clubes amadores, de futebol, remo, ciclismo, atletismo, rúgbi e natação e passaram a só admitir profissionais liberais e capitalistas como sócios, sob o argumento de que esses teriam renda e tempo suficientes para praticar esportes por puro prazer, a qualquer momento. Alguns chegaram a proibir seus atletas de competir ao lado de trabalhadores manuais. A distinção entre *gentlemen* e *players* ganhou, portanto, um forte significado político-social no final do século XIX.

Só então a palavra *amateur* passou a ser usada com frequência para adjetivar a posição dos cavalheiros. Os *gentlemen* alegavam que nas apresentações preocupadas com a satisfação do público, a pressão exercida pelas torcidas, a cobrança de ingressos e a remuneração de jogadores tiravam a liberdade dos praticantes, afetavam o divertimento desinteressado, transformavam o prazer em trabalho, quebravam o justo equilíbrio entre contendores, alimentavam um desejo desmesurado pela vitória e o consequente aumento da violência. Tudo isso feria o *ethos* amador. Os espetáculos monetarizados tornavam o jogador um "servo" do dirigente e da multidão, e a

[579] V. *O Estado de São Paulo*, 24 jul. 1914, p. 9.

observação passiva do público nas arquibancadas era a antítese da educação esportiva.[580]

Fig. 36. Cartum inglês ironiza a distinção social entre dois astros do críquete, o "gigante" W. G. Grace (*gentleman*) e o "baixinho" Bobby Abel (*player*).

Com a difusão do profissionalismo o *fair play*, até então um ideário vago e desarticulado, se cristalizou na ideologia assumida pelos *gentlemen-amateurs* para defender sua posição de classe dominante. Na prática, usavam o arsenal de argumentos morais para justificar a exclusão social dos trabalhadores. Os conflitos foram complexos e prolongados, agravados pela conjuntura política tensa, pelas agitações sindicais e o aparecimento dos primeiros partidos trabalhistas. É desnecessário descrever o processo aqui. Importante é fazer a ressalva de que a disputa não se resumia a uma queda de braço entre burguesia e proletariado. Estiveram também em campos opostos os representantes de diferentes cidades e regiões da Grã Bretanha (norte x sul), clubes formados por universitários contra os de trabalhadores especializados, os filhos da alta

[580] DUNNING, E. e SHEARD, K. (1989). *Op. cit.*, p. 101-101; HOLT, R. (1989). *Op. cit.*, p. 104-105 e 144-146.

burguesia financeira contra empresários de entretenimentos, entre outros grupos de interesses. O futebol já atingira a condição de ramo de negócios nada desprezível no norte do país, controlado por capitalistas.

Jamais existiu consenso sobre o que seria exatamente um amadorismo pleno, a evolução dos debates levou a resultados diferentes em cada esporte. [581] No ciclismo a *Bicycle Union* separou formalmente as competições nas duas categorias, amadores e profissionais. No rúgbi o desfecho foi extremado, a amadora *Rugby Football Union* sofreu uma profunda cisão que levou à fundação da rival profissionalizada, a *Northen Rugby Football Union*. No críquete, o esporte símbolo da nação e melhor distribuído pelas regiões interiores, *gentlemen* e *players* continuaram a atuar em times mistos, como já acontecia havia um século, porém os amadores passaram a receber tratamento diferenciado, ocupavam as funções superiores e vestiários separados, o *Marylebone Cricket Club* centralizou o gerenciamento normativo desse esporte. [582] A *Football Association* separou o campeonato amador do profissional em 1893, mas os atritos aumentaram na passagem de século e atingiram seu ponto máximo quando clubes dissidentes fundaram a *Amateur Football Association*, em 1907.

O esporte amador inglês, grosso modo, refluiu para as suas origens, foi recolhido ao âmbito dos torneios escolares e universitários ou das competições de confraternização entre clubes seletivos no sul do país. Os *amateurs sportsmen* privilegiaram as modalidades menos democratizadas e as praticavam em ambientes exclusivos, com pequenas plateias de convidados. Preferiam o *rugby football* ao *association football*. Tendo consolidado um *ethos* moralista, para eles não fazia mais sentido a participação em ligas e campeonatos, principalmente do já massificado futebol, até para evitar as concentrações operárias. Nem por isso se deve entender que os esnobes esportistas da elite inglesa estivessem acuados, seu distanciamento dos espaços públicos foi uma atitude deliberada para o cenário nacional. Eles se voltaram para os interesses externos: divulgar a cultura do Império nas colônias, se engajar no

[581] Duas enquetes elaboradas entre instituições esportivas de vários países da Europa e América do Norte, em 1902 e 1910, mostraram as enormes divergências que existia sobre o conceito de atleta amador: COUBERTIN, Pierre de. L'amaterisme. *Revue Olympique*, 116-117: 412-415, 1977; COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE. La question de l'amateurisme. *Revue Olympique*, 54: 89-95, 1910.
[582] RITCHIE, Andrew. The Origins of bicycle racing in England. *Journal of Sport History*, 26 (3): 489-520, 1999; DUNNING, E. e SHEARD, K. (1989). *Op. cit*., p. 92-107.

movimento olímpico internacional e exportar seus valores esportivos através de equipes que excursionavam para países aonde o capital britânico penetrava. [583]

Fig. 37. Charge inglesa ironiza o desligamento do fraco futebol amador da *Football Association*.

O contexto político-social de São Paulo no início do século XX tinha, sem dúvida, pouca similitude com o inglês. Era inevitável que o simbolismo carreado pelas regras esportivas importadas sofresse ajustes aqui. Uma das adaptações que mais chama atenção é o fato da elite fazendeira paulista ter organizado espetáculos de futebol amador com cobrança de ingressos, mesmo sem ter objetivos comerciais. Ou seja, ela estruturou séries de disputas – em campeonatos semelhantes aos dos clubes profissionais britânicos – cujas arrecadações de bilheterias serviam justamente para custear as exibições abertas ao público. O objetivo eram as apresentações em si mesmas. Os altos custos das excussões de equipes feitas entre São Paulo e o Rio de Janeiro passaram a ser bancados pelos clubes e ligas. [584] Prática repudiada no amadorismo inglês.

[583] MORFORD, W. R. e McINTOSH, M. J. (1993). *Op. cit*., p. 73-74; GOLDBLATT, D. (2008). *Op. cit*., p. 112-170; HOLT, R. (1989). *Op. cit*. p. 203-236; LANFRANCHI, Pierre. Exporting football: notes on the development of football in Europe. In: GIULIANOTTI, Richard e WILLIAMS, John (orgs.). *Game without frontiers*: football, identity and modernity. Hants: Arena, 1994, p. 24-28.
[584] *O Estado de São Paulo*, 2 jun. 1907, p. 3.

Para os puristas da Inglaterra o recolhimento dos jogos por lazer em ambientes exclusivos tinha o sentido de congregar rivais históricos, aristocratas e burgueses, de identificar os "iguais" longe do olhar das classes trabalhadoras. Os fazendeiros paulistas, ao contrário, sentiram a necessidade de mostrar o desempenho atlético dos seus filhos em público. Foram discutidos ao longo deste capítulo dois fatores que motivavam a opção dos *footballers* paulistas pelas apresentações diante de grandes plateias. Não será demais resumi-los agora.

Por um lado, os espetáculos contribuíam para a formação da identidade social dos donos do poder, distinguindo-os perante a população majoritariamente composta por recém-chegados. Para a elite agrária era importante recordar os seus vínculos hereditários com a terra, suas históricas ligações familiares e as posições de honra, se mostrar como classe coesa no comando. Nesse sentido, os jogadores ingleses e alemães das camadas médias ascendentes foram parceiros ideais de jogo, pois eles simbolizavam a presença estrangeira, assumiam nas encenações lúdicas o conveniente papel de rivais talentosos, educados e bem comportados. Ao mesmo tempo estavam suficientemente distanciados dos imigrantes pobres. Na vida comum esses jogadores não pertenciam a classes antagônicas, mas nos espetáculos metafóricos eles representavam os grandes poderes internacionais que os futebolistas paulistanos "autênticos" simulavam ser capazes de enfrentar e vencer.

Por outro, as exibições massivas divulgavam o modelo inglês de educação física por autodisciplina. A prática esportiva cumpriria a função de atividade educativa complementar e espontânea ao ar livre, já que a estrutura escolar não dava conta de integrar as levas estrangeiras de culturas heterogêneas. A expansão do trabalho livre e o crescimento abrupto das cidades haviam introduzido novos problemas para os ex-senhores de escravos: era preciso disciplinar os espaços urbanos, canalizar as energias dos jovens de classes pobres e ocupar o tempo que eles tinham fora da escola e do trabalho. O futebol foi oportuno, pois ele foi espetacularizado com baixo custo e criou um canal de apresentações lúdicas diante das camadas populares. Transmitiu para as ruas os valores morais e cívicos ensinados no Velódromo Paulista. Nessa pedagogia social os jovens receberam incentivos para formar clubes por livre associação e assim incorporar regras básicas de convivência esportiva, sem as quais a prática do jogo é impossível. Esse era o sonho utópico dos pedagogos, mais adiante se verá que a prática do futebol nas ruas escapou de tal controle.

Outro motivo para a espetacularização será examinado em detalhe no próximo capítulo, mas pode ser anunciado brevemente aqui: o futebol de espetáculos nasceu em 1902 numa relação polarizada entre São Paulo e o Rio de Janeiro. As excursões de clubes e selecionados entre as duas cidades foi frequente e sempre atraiu grandes plateias, foi o início de uma rivalidade que atravessou décadas. A elite fazendeira paulista não tinha fortes oponentes na política estadual, pois as disputas entre grupos familiares estavam minimizadas, o emergente empresariado de origem estrangeira e as camadas trabalhadoras ainda não representavam ameaças sérias ao poder instalado, o que só aconteceria a partir da segunda década do século XX. Entretanto, os paulistas tinham ambições nacionais e a implantação do regime republicano-federalista aguçou o confronto com oligarquias de outros estados. A elite paulista estava em movimento de ascensão no cenário político nacional e isso se refletiu nos esportes. No turfe, no remo e no ciclismo os cariocas sempre tiveram clara vantagem. O futebol era o primeiro esporte em situação de equilíbrio entre as duas cidades, com leve predominância paulista. O entusiasmo do público com o jogo de bola valorizou a imagem de modernidade e liderança dos clubes de São Paulo, inclusive na capital federal, a grande vitrine nacional da época, caixa de ressonância da política brasileira.

O amadorismo afrancesado

O fato do futebol de espetáculos ter sido implementado em São Paulo por grupos de esportistas que vinham do turfe e do ciclismo deixou marcas na interpretação que deram à ideologia amadora importada. No Velódromo Paulista, organizado nos moldes dos espetáculos do ciclismo francês, a cobrança de entradas e as apostas em apresentações de atletas amadores nunca foram vistas como incoerentes. Dentro da LPF os amadores "puros" foram vencidos na questão da venda de ingressos, prevaleceu a vontade dos dirigentes do CAP ao determinar a cobrança no único estádio da cidade.

Outra herança deixada pelos esportes de influência francesa foi a admissão de assalariados do comércio e da indústria como atletas. Futebolistas empregados em cargos técnicos e administrativos jogavam sem qualquer questionamento. Mario Cardim considerava o futebol benéfico para a saúde dos estudantes e trabalhadores:

> Não é intenção dos que se dedicam ao *foot-ball* formar profissionais desse *sport*. Entre os nossos amadores encontram-se estudantes das escolas superiores, empregados do comércio, moços que aspiram elevar-se no meio em que vivem e para os quais o exercício físico é uma necessidade para corrigir a nutrição geral desequilibrada pelo excessivo

> trabalho de alguns órgãos em detrimento de outros e, ao mesmo tempo, um prazer elegante. [585]

A participação nos jogos da LPF não seria para qualquer tipo de trabalhador. Circulava pelos clubes de elite do país a ideia de se excluir trabalhadores "braçais" dos quadros associativos. Ela apareceu abertamente no Rio de Janeiro, em 1906, quando a *Federação Brasileira das Sociedades de Remo* vetou a admissão de barbeiros e, a partir daí, alguns clubes cariocas passaram a banir profissionais manuais de todo tipo. [586] Medidas desse tipo só foram tentadas em São Paulo mais tarde, em 1913, mas sofreram dura oposição e foram barradas, como se verá adiante. Nos primeiros tempos, os clubes coligados na LPF não fizeram restrições ao tipo de ocupação profissional dos atletas na vida comum, embora isso certamente fosse levado em consideração nos crivos velados, no momento da seleção silenciosa dos candidatos a sócio, à portas fechadas. O tipo de organização em liga restritiva, com pouquíssimos clubes, foi suficiente para impedir a participação de equipes formadas por operários naqueles anos iniciais dos espetáculos de futebol, isso mudaria a partir da segunda década.

As exibições públicas encenavam um equilíbrio equidistante entre a elite e as camadas médias e disfarçavam a estrutura oligárquica. Bancários, comerciários e técnicos industriais apareciam no gramado em condições de igualdade, frente a frente com os filhos de fazendeiros, políticos e empresários. A distinção dos jogadores do CAP estava preservada, eles enfrentavam simbolicamente os "estrangeiros" e não times representantes de trabalhadores. Para os clubes compostos por "braçais" restaria a alternativa, meramente formal, de tentar conquistar a vaga aberta anualmente pela LPF ou fundar suas próprias ligas. De qualquer modo, um canal de representações lúdicas foi criado com os espetáculos. Os esportes, de modo geral, foram usados como política de cooptação, o que em parte poderia contrabalançar a dura repressão policial movida contra anarquistas e sindicalistas.

Era mais um viés afrancesado dos esportes praticados aqui. Ao fazer alusão às ideias do olimpismo, corrente de pensamento que os jovens paulistas educados na Europa conheceram de perto, desde os clubes ciclistas, o jornalista Mario Cardim dizia: "O exemplo a que nos referimos é a França. Tem sido esse país o nosso orientador mental; vivemos intelectualmente por seu intermédio. Ainda uma vez, pois devemos

---

[585] *O Estado de São Paulo*, 9 jul. 1903, p. 3.
[586] PEREIRA, L. A. M. (2000). *Op. cit.*, p. 61-63.

imitá-lo". [587] Quando iniciou a sua campanha a favor da cultura física em São Paulo Cardim confessou-se influenciado particularmente pelo ideário olímpico da USFSA, a principal federação atlética francesa:

> Esse punhado de homens de boa vontade e de patriotismo, constituiu-se em *União das Sociedades Francesas de Sports Athleticos*, destinada a cuidar não só dos interesses propriamente esportivos mas também dos problemas de educação e de higiene que se lhes relacionam e, por uma propaganda sábia e perseverante, conseguiu mudar a orientação dos espíritos. [588]

É oportuno proceder à comparação com a ideologia esportiva francesa também, pois a questão da democratização do esporte foi conduzida naquele país de maneira bem distinta dos *gentlemen-amateurs* ingleses. No panorama francês as atividades físicas ganharam importância como canal de interlocução político-cultural com as camadas subalternas, elas foram enaltecidas pelo clima de preparação militar para a sempre eminente revanche contra os alemães. Os setores dominantes da sociedade francesa estavam fracionados, em disputa permanente pelo poder. As iniciativas, tanto dos republicanos quanto dos monarquistas, para conquistar apoios das classes trabalhadoras e, ao mesmo tempo, se contrapor ao avanço dos socialistas, contrastavam com a trajetória de afastamento esnobe das elites inglesas examinado acima. [589] O futebol esteve no centro da política francesa de cooptação dos trabalhadores.

Na opinião de Frantz Reichel, secretário da federação francesa (USFSA) e jogador do *Racing Club* de Paris, o *association football* era uma forma degenerada do *rugby football*. Segundo ele, a longa experiência desenvolvida nas décadas anteriores pelos ingleses havia demonstrado que a modalidade jogada só com os pés, onde se proibia agarrar o adversário, tendia à popularização. Na sua visão, o *rugby* era "um esporte duro, muito duro, que exige dos seus adeptos qualidades de vitalidade moral e física consideráveis". Somente cavalheiros educados e fisicamente treinados seriam capazes de jogar o *rugby*, com contatos corporais viris, sem entrar em combate real entre si. Ao passo que o *association*, por restringir os choques físicos ao máximo e requerer "mais velocidade do que coragem e vigor", não passava de um "higiênico e astucioso

---

[587] Cf. *O Estado de São Paulo*, 28 jun. 1903, p. 3.
[588] *O Estado de São Paulo*, 20 jul. 1903, p. 2.
[589] DELETANG, Bernard. Le mouvement sportif ouvrier: La République à l'épreuve du socialisme. In: ARNAUD, Pierre (org.). *Les athlètes de la République*: gymnastique, sport et idéologie républicaine, 1870-1914. Paris: L'Harmattan, 1997, p. 341-357 ; ARNAUD, P. (1994). *Op. cit.*, p. 75-85.

divertimento" para o povo. [590] Assim Reichel explicava o fato de existirem, no início do século XX, cinquenta jogadores de *association* para cada praticante de *rugby* na França. Para ele, o *rugby* era o verdadeiro futebol dos cavalheiros. O jogo onde a bola é apenas chutada, versão corrompida de atletismo, qualquer um podia praticar, portanto era mais adequada para as massas.

O Barão Pierre de Coubertin – um dos fundadores e principal ideólogo da USFSA – iniciou a sua campanha pela a introdução dos esportes nas escolas secundárias francesas no final dos anos 1880. [591] Ele propunha que as novas gerações dirigentes fossem formadas nos moldes elitistas das *public schools* inglesas. Imaginava poder "forjar" nos *lycées* jovens com sólida constituição moral e física, "fundir" uma nova aristocracia pelo mérito atlético e, a partir dessas lideranças renovadas, "refundir" a sociedade francesa. [592] Discípulo do sociólogo Fédéric Le Play (1806-1882), Pierre de Coubertin era um conservador, um tradicionalista que defendia reformas a favor da paz social, o relacionamento cordial entre classes e da estabilidade política. [593]

Porém, a sua concepção de reforma para o ensino enfrentou a oposição de pelo menos três outras doutrinas de educação física presentes na França, naquele final de século. A dos "higienistas", inspirados principalmente nas ideias do fisiologista Georges Demenÿ, que defendiam a adoção de exercícios planejados, em particular os da ginástica sueca, dosados para cada corpo e cada situação, sem disputas, evitando as sobrecargas musculares e os esperdícios de energia. [594] A dos "patriotas", liderados por Philippe Tissié e Paschal Grousset, que criticavam a influência da cultura competitiva inglesa e propunham jogos inspirados nas tradições lúdicas do próprio país, sem as premiações que glorificam os vencedores. E a dos "militaristas", como o general François Thomassin, que esperavam manter nas escolas a preparação disciplinadora de origem napoleônica, com a esgrima, o tiro, as marchas em batalhões e a ginástica

---

[590] Cf. REICHEL, Frantz. Le football. In: LEUDET, Maurice (org.). *L'Almanach des sports*, 1901. Paris: Soc. d'Éditions Littéraires et Artistiques, 1901, p. 367-369.
[591] MacALOON, J. J. (2008). *Op. cit.*, p. 179-201; WEBER, Eugen. Pierre de Coubertin et les débouts de l'organisation du sport em France. *Revue Olympique*, 34-35: 355-363, 1970.
[592] V. COUBERTIN, Pierre de. L'Education Anglaise. *La Réforme Sociale*, 13: 632-652, 1887; _____. *L'Education en Angleterre*: collèges et universités. Paris: Hachette, 1888; _____. *L'Education Anglaise en France*. Paris: Hachette, 1889.
[593] MacALOON, J. J. (2008). *Op. cit.*, p. 97-105; WEBER, Eugen. Coubertin et le sport en France. *Revue Olympique*, 36: 461-469, 1970; 40-41: 64-69; 42: 149-55, 1971; LOLAND, Sigmund. Pierre de Coubertin's ideology of olympism from the perspective of the history of ideas. In: *Second International Symposium for Olympic Research*. London (WO): University of Western Ontario, p. 26-45, 1994.
[594] V. SOARES, Carmen L. *Imagens da educação no corpo*: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas (SP): Autores Associados, 2005, p. 81-138.

amorosiana com aparelhos. [595] Todos divergiam nos métodos e nos objetivos políticos, mas tinham em comum o pensamento de que a ampla divulgação das atividades físicas era indispensável para enrijecer a população masculina e uma obrigação cívica para todos os jovens.

Quer pela resistência dos educadores contrários a concessão de autonomia aos alunos, quer pela falta de instalações adequadas, a pedagogia de jogos competitivos defendida por Coubertin só encontrou adesões em poucas escolas particulares de referência, como na católica *École Dominicaine Albert le Grand* e nas laicas *École Monge* e *École Alsacienne*. Nas suas *Notas sobre a educação publica*, de 1901, Coubertin fez concessões à opinião dos "higienistas". Propôs conciliar o que chamou de "ginástica científica", ministrada dentro das escolas públicas, especialmente para alunos em idade infantil, e os esportes praticados a céu aberto pelos adolescentes. Higiene corporal e cooperação seriam as bases complementares dessa pedagogia social. [596] Coubertin confiava na propagação espontânea dos esportes fora das escolas, ainda que por iniciativas isoladas de professores e dos próprios estudantes. Apesar das limitações encontradas, cerca de cem associações esportivas livres congregavam, no início do novo século, em torno de quatro mil estudantes secundaristas pelo país. [597]

Ao escrever sobre as qualidades do rúgbi, ele enalteceu o valor que o jogo entre equipes tinha para a pedagogia esportiva, ele dizia: "a emulação é a essência do *football*". [598] Pois enquanto outros esportes ingleses encontravam resistências para serem assimilados na França e não prendiam o interesse por muito tempo, o futebol continuava a conquistar adesões graças aos desafios entre equipes de diferentes origens, com identidades distintas. A ideia social-darwinista de *emulação* era corrente no pensamento burguês da época, diversos filósofos, pedagogos e sociólogos acreditavam que os seres humanos tivessem uma propensão natural para competir entre si, para tentar igualar e superar uns aos outros. Coubertin confiava que os sentimentos nacionalistas contribuiriam para as emulações esportivas sem abandonar o relacionamento pacífico, cortês, bem humorado e cavalheiresco. [599]

---

[595] COUBERTIN, P. (1972). *Op. cit.*, p. 54-56; MacALLON, J. J. (2008). *Op. cit.*, p. 115-116.
[596] COUBERTIN, Pierre de. *Notes sur l'éducation publique*. Paris: Hachette, 1901, p. 212-218.
[597] Idem, p. 229-230.
[598] Cf. COUBERTIN, Pierre de. Notes sur le football. *La Nature*. 25 (1): 362-366, 1897.
[599] COUBERTIN, P. (1901). *Op. cit.*, p. 200-201.

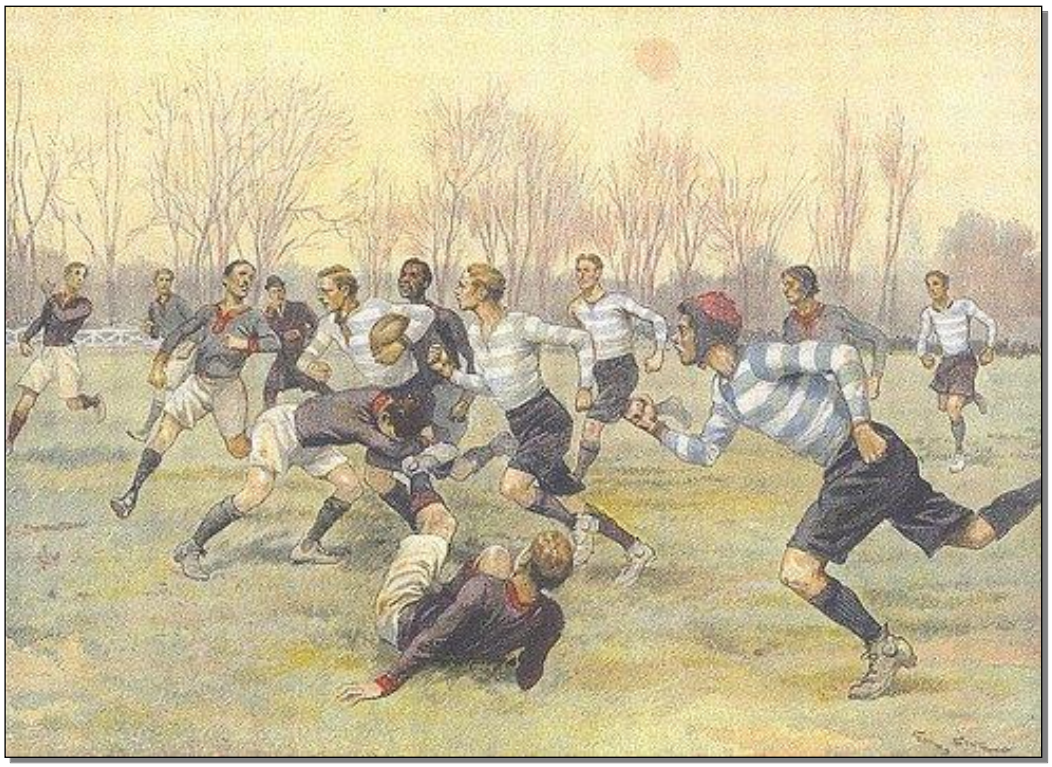


Fig. 38. O Barão Pierre de Coubertin era aficionado pelo *rugby football*. Nessa ilustração ele aparece ao fundo (com casaco e chapéu) como árbitro da grande final entre o *Racing Club* e *Stade Français* jogada no dia 20 de março de 1892, no Bois de Boulogne.

O Barão enxergou no futebol (*rugby* e *association*) qualidades para elevar o instinto de emulação e assim divulgar espontaneamente das competições atléticas. [600] Considerava que "o *football* é, por excelência, a imagem da vida, uma lição de vida, um instrumento pedagógico de primeira ordem". [601] Sempre entusiasmado com o rúgbi, ao longo da sua vida ele se referiu com frequência ao tema. [602] Em texto escrito na maturidade, publicado em 1921, ele atribuiu ao futebol a responsabilidade por grande parte da democratização internacional que os esportes atingiram: "jamais seremos suficientemente gratos a este jogo magnífico, de desenvolvimento não apenas muscular e moral, mas também social, dívida que um dia será reconhecida". [603]

Ele percebeu claramente a importância que os espetáculos esportivos teriam para a reforma social que pretendia. Assim disse: "o espetáculo atlético é o primeiro a chamar atenção da criança e o último a fixar a do idoso, para aquele simboliza as promessas da vida, para o outro a garantia de continuidade da raça". [604] A presença de espectadores em quantidades moderadas seria importante para consagrar o esportista e despertar

[600] COUBERTIN, Pierre de. La superiorité du football. *Revue Olympique*, 101: 67-69, 1914 (1872).
[601] Cf. COUBERTIN, P. (1897). *Op. cit.*, p. 365.
[602] DINE, P. (2001). *Op. cit*., p. 23-34.
[603] Cf. COUBERTIN, P. (1972). *Op. cit.*, p. 59.
[604] Cf. COUBERTIN, P. (1901). *Op. cit.*, p. 133.

emulações. [605] Porém, Coubertin condenava as grandes concentrações, entendia que as multidões afetavam as performances dos atletas e a edificação moral, geravam o profissionalismo e atiçavam paixões imprevisíveis. Ele gostaria que os espectadores fossem sempre esportistas em momento de repouso. Acreditava que as aglomerações teriam sido as responsáveis históricas por uma degeneração transcorrida entre o atleta grego e o gladiador romano. [606] Como observou o historiador Georges Vigarello, o barão lidou com a questão dos espetáculos de modo ambíguo, criticava as plateias numerosas, ao mesmo tempo cultivava cerimônias aparatosas. [607] Inspirado nas teorias estéticas do inglês John Ruskin, em 1911 ele escreveu uma série de artigos com orientações didáticas para o refinamento artístico dos espetáculos esportivos a céu aberto. [608]

Coubertin procurou chamar atenção dos responsáveis pela educação pública para o fato dos esportes se propagarem sem a necessidade de acompanhamento por professores, com economia de meios. [609] As associações voluntárias eram homogêneas e independentes, elas escapavam das doutrinas centralizadoras das sociedades ginásticas e educavam os jovens esportistas para a vida cooperativa. [610] Ele ensinou os passos para se disparar um movimento associativo entre escolares: "O primeiro e mais simples é o da Liga. Fundada originalmente por um homem político, amigo da democracia, ela recruta seus sócios entre aqueles que pertencem ao mesmo matiz político". [611] Clubes de todas as origens buscariam interagir uns com os outros, eles comporiam ligas sem perder a autonomia, respeitariam os oponentes e as regras para manter as disputas: "Os jogos fornecem também um terreno perfeito de educação social, sua organização repousa inteiramente sobre os alunos que formam associações, se cotizam, elegem seus chefes e os obedecem com notável espírito de disciplina". [612]

---

[605] COUBERTIN, Pierre de. Une Olympie moderne: V. Les spectateurs. *Revue Olympique*, 50: 26-28, 1910 ; _____. Le sport a-t-il besoin de spectateurs? *Revue Olympique*, 225: 382-384, 1986.
[606] COUBERTIN, P. (1901). *Op. cit.*, p. 133; _____. (1972). *Op. cit.*, p. 22-24.
[607] VIGARELLO, Georges. *Du jeu ancien au show sportif*. Paris: Seuil, 2002, p. 96; WEBER, E. (1971). *Op. cit.*, p. 65.
[608] COUBERTIN, Pierre de. Décoration, pyrotechnie, harmonies, cortèges : essai de ruskinianisme esportif. *Revue Olympique*, 11 (64): 54-9, (65): 71-76, (67): 106-110, (68): 122-4, (70) : 149-153, 1911. Ver, tb., SEAGRAVE, Jeffrey O. e CHATZIEFSTAHIOU, Dikaia. The aesthetic olympic visions of Baron Pierre de Coubertin. *Esporte e Sociedade*, 4 (12): 1-28, 2009; BROWN, Douglas A. *Theories of beauty and modern sport*: Pierre de Coubertin's aesthetic imperative for the modern olympic movement, 1894-1914. Tese (Doutorado em Filosofia). London (WO): University of Western Ontario, 1997.
[609] COUBERTIN, P. (1901). *Op. cit.*, p. 189-90 e 213-214 ; WEBER, E. (1970). *Op. cit.*, p. 360-363.
[610] COUBERTIN, P. (1901). *Op. cit.*, p. 229-235.
[611] Idem, p. 274.
[612] Cf. COUBERTIN, P. (1887). *Op. cit.*, p. 645.

Fig. 39. O *association football* foi incluído pela primeira vez nos Jogos Olímpicos em 1900, em Paris, com três países participantes (Reino Unido, França e Bélgica). O time francês, organizado pela USFSA, foi goleado por 4x0 pela equipe inglesa, diante de apenas quinhentos espectadores presentes no velódromo de Vincennes. Ficou com a medalha de prata.

No futebol estava o melhor exemplo de cooperação social para a educação dos adolescentes:

> O esporte é o único campo que permite uma aprendizagem rápida e homogênea, ao mesmo tempo gradual pela introdução sucessiva de elementos novos. Assim progridem no esporte até a equipe de *football*, esse agrupamento que, uma vez capacitado, constitui provavelmente o mais perfeito protótipo da cooperação humana: cooperação voluntária, sem imposição, desinteressada – e no entanto sólida e sabiamente "articulada" em todas as partes. [613]

Ao responder às críticas feitas por socialistas suíços, em 1913, Coubertin disse que o progresso dos esportes irritava aos partidários da guerra entre classes, mas interessava àqueles que desejavam mudanças sociais por meios suaves. Para ele, no esporte se busca permanentemente o meio termo entre a concorrência e a colaboração, entre a emulação e a camaradagem. Coubertin foi um dos primeiros a alimentar o mito de que o esporte contribuiria para relações estáveis entre classes e reduziria as desigualdades: "ele diminui as distâncias, às vezes às anula, às vezes até inverte o gargalo social ao colocar um modesto artesão mais alto que um príncipe". [614] O barão acreditou ter

[613] Cf. COUBERTIN, P. (1972). *Op. cit*., p. 141-142.
[614] Cf. COUBERTIN, Pierre de. Le sport et la question sociale. *Revue Olympique*, 92 :120-123, 1913.

encontrado nas competições inglesas um caminho moderado para a reforma social, a *via media* entre o liberalismo e o socialismo, entre a religião e a política. [615]

Parece que ele se desencantou ao se aproximar da velhice. Pois em carta dirigida ao seu velho amigo Franz Reichel, publicada pelo jornal *Le Figaro* em 1927, lamentou que após quatro décadas de olimpismo as multidões enchessem os estádios e os jogos coletivos fizessem sucesso através da imprensa, iludindo a opinião pública. [616] Enquanto isso, a proporção da população em atividade física era mínima. Achou então que seria necessário iniciar uma nova e urgente cruzada para transformar os métodos de ensino, a favor das disputas individuais mais simples.

Não há dúvida sobre a forte influência que o olimpismo francês exerceu sobre o pensamento dos esportistas paulistas desde o aparecimento dos clubes de corridas de bicicletas, até os campeonatos da primeira liga de futebol. Aqui também o futebol foi recebido sob a crença da pedagogia social autodisciplinadora. Os artigos que Mario Cardim e Luiz Fonseca publicaram nos jornais repercutiam a ideologia olímpica da USFSA e do Barão Pierre de Coubertin:

> É esse porventura um dos mais lindos aspectos desse emocionante *sport*, pois dá-nos o exemplo da verdadeira disciplina como ela é modernamente compreendida; da disciplina que nasce da convicção formada em cada um do cumprimento do dever, da certeza que lhe fica no espírito de que o afastamento da sua posição pode prejudicar todos os outros, e, portanto, dela não se retira, não porque a ordem venha de um superior absoluto, mas porque a sua consciência manda que não prejudique a coletividade por um movimento que lhe seria agradável mas inútil e até perigoso para a maioria. É a verdadeira disciplina: a que estabelece a ordem, sem prejuízo do indivíduo que conserva toda a sua autonomia.
>
> Essa é a razão, digamos de passagem, pela qual os governos de algumas nações da Europa adotaram o *football* nos seus exércitos, e o Chile acaba de introduzi-lo nas suas escolas públicas. Foi por esse mesmo motivo que pedimos ao nosso governo a adoção desse *sport* nos estabelecimentos de educação militar e o recomendamos calorosamente à mocidade.
>
> Cremos também que essas ideias inspiraram os membros do *Sport Club Internacional*, ao iniciarem o movimento em favor de tão salutar *sport*, glória que ninguém poderá lhe contestar. [617]

É preciso, contudo, desconfiar dos discursos de propaganda e compará-los com seu alcance prático. Por esse ângulo o amadorismo abrasileirado destoou também da

---

[615] SULLIVAN, Sean P. e MECHIKOFF, Robert A. A man of this time: Pierre de Coubertin's Olympic ideology and the via media. *Olympia: The International Journal of Olympic Studies*. 13: 27-52, 2004; TAVARES, Otávio. Tocqueville e as origens do conceito de igualdade no esporte. *Teoria e Pesquisa*, 42-43: 5-23, 2003; LUCAS, John A. Le Baron Pierre de Coubertin et la philosophie de la pédagogie esportive, *Revue Olympique*, 30-31: 193-202, 1970 ; JANTZEN, René. *Sport et sacré*. Bordeaux: Presses Universitaires, 1992. Ver, tb., COUBERTIN, P. (1972), *Op. cit.*, p. 139-140.

[616] COUBERTIN, Pierre de. Carta a Franz Reichel. In: _____. *Ideario Olimpico*: Discursos y Ensayos. Madrid : Instituto Nacional de Educacion Fisica, 1973, p. 165-168.

[617] Cf. *O Estado de São Paulo*, 9 jul. 1903, p. 3.

influência francesa, não só da inglesa. Na França o confronto entre vários segmentos das classes dominantes fazia com que todos dessem grande atenção para o fortalecimento das federações esportivas, cada qual com a sua aliada. Principalmente no início do novo século, quando a competição entre o ensino laico e o confessional-católico se acirrou. Nesse proselitismo, buscaram conquistar afiliações nas províncias, trataram de fixar bases atléticas em cada cidade, vila e paróquia, quer fossem elas agremiações elitistas, quer fossem populares. [618] Paralelamente, procuraram apoios no plano externo que lhes trouxessem prestígio para a política interna. Os franceses lideraram a fundação do *Comité International Olympique* (1894), da *Union Cycliste Internationale* (1900) e da *Fédération Internationale de Football Association* (1904). Embora os esportes tenham sido divulgados em muitos países e colônias por viajantes britânicos (funcionários de empresas, militares, marinheiros, professores e estudantes), os esportistas franceses estiveram no comando das confederações internacionais, que naquele período agregaram entidades europeias e norte-americanas. [619]

O tom patriótico e militarizado que os franceses deram à preparação física, com o ideal de regenerar as forças da nação e incentivar o engajamento cívico voluntário (*ludus pro pátria*), refreou a espetacularização e a profissionalização de todos os esportes naquele país. Isso contribuiu, entre outros exemplos, para o declínio do ciclismo de pista com apostas e a valorização das competições de estrada. Quando a seleção francesa de futebol fazia apresentações, no máximo quatro ou cinco mil espectadores parisienses compareciam. Plateias pequenas, considerando que nessa época Paris tinha perto de três milhões e meio de habitantes, incluídos os suburbanos. Eram assistências equivalentes em tamanho àquelas vistas no velódromo da Consolação, numa São Paulo onze vezes menor do que a capital francesa. A população de Londres era o dobro da parisiense, mas ao comparar a quantidade de espectadores em jogos de futebol, a desproporção entre as duas cidades era gritante. Um encontro entre selecionados nacionais britânicos, com jogadores profissionais, poderia receber facilmente várias dezenas de milhares de espectadores e até ultrapassar os cem mil. [620] A França não acompanhou a onda de construção de grandes estádios que acontecia do outro lado do canal da Mancha, as disputas continuaram nos antigos velódromos e em parques. Apesar dos franceses enfatizarem a prática do futebol entre escolares, só depois

[618] V. ARNAUD, Pierre (org.). *Les athlètes de la République*: gymnastique, sport et idéologie républicaine, 1870-1914. Paris: L'Harmattan, 1997, passim.
[619] SLIMANI, H. (2000). *Op. cit*., p. 38-42.
[620] HOLT, R. (1989). *Op. cit.*, p. 159-179.

da Primeira Guerra o jogo foi dirigido para as exibições de massa, acelerando o processo de profissionalização. [621] A partir de 1919 a assistência nas partidas do selecionado nacional francês subiu para a faixa entre vinte e trinta mil pessoas.

No Brasil, recém-saído da escravidão e com grande número de estrangeiros, talvez não agradasse muito a ideia de colocar a população civil masculina em prontidão física, através da ginástica militarizada. Porém, foi visto que as atividades esportivas cumpririam funções educativas no meio urbano: elas ensinavam atitudes de autocontrole e cooperação, integravam os recém-imigrados e ajudavam a padronizar os costumes; comunicavam formas de relacionamento cortês e respeito à autoridade constituída; cultivavam valores pátrios e laicizavam as simbologias de devoção, canalizando-as a favor da representação política. Apareciam como promessa de igualdade social e cativavam adesões a favor dos dirigentes afinados com a modernização.

Naquele início dos esportes a elite paulista se contentou em oferecer exibições por meio de um círculo fechado de clubes amadores. Optou pela prática do futebol, esporte de baixo custo e fácil assimilação. Colocou em plano de menor importância o *football rugby*, modalidade preferida pelos amadores europeus e que era jogada em São Paulo apenas por equipes do SPAC. Preferiu a educação social através dos espetáculos exemplares de *football association*, mas não deflagrou um movimento de filiações para organizar o esporte nacionalmente. Estranha essa omissão, em meio à retórica republicana que dizia valorizar os princípios federalistas. A questão será analisada em maior detalhe no próximo capítulo, que tratará da segunda década dos espetáculos futebolísticos.

Entre o mérito e a predestinação

Outro contraste em relação ao amadorismo estrangeiro estava na tolerância dos paulistas com os jogos de azar. Na Inglaterra os *gentlemen-amateurs* repudiaram o velho hábito das apostas usando argumentos da moral religiosa puritana. Na realidade, o principal alvo da burguesia eram os jogos arraigados entre os costumes "viciosos" da classe operária nas últimas décadas do século XIX. [622] Na França os motivos para coibir as apostas eram diferentes. Na origem elas estavam associadas aos hábitos da velha nobreza, identificados com uma classe a ser vencida. Depois, foram apontadas pelos chauvinistas como uma influência danosa da cultura inglesa sobre a classe operária. A

[621] WAHL, A. (1986). *Op. cit.*, p. 14-19; SLIMANI, H. (2000). *Op. cit.*, p. 67-69.
[622] HOLT, R. (1989). *Op. cit.*, p. 179-194.

figura do esportista-amador francês frequentemente coincidia com a de um militante moralista contrário aos jogos de azar. Em discurso proferido em Londres, Coubertin disse:

> Sim, não tenho porque esconder, o *fair play* está em perigo; sobretudo por causa desse cancro que permitimos imprudentemente se desenvolver: o vício do jogo, o vício da aposta, do *gambling*. Então, se é necessária uma cruzada contra o *gambling*, estamos prontos a empreendê-la e estou seguro que neste país a opinião nos apoiará – a opinião daqueles que amam o esporte em si, pelo seu alto valor educativo, pelo aperfeiçoamento humano do qual ele pode ser um dos agentes mais fortes. [623]

O governo republicano-burguês da França desencadeou um controle sistemático sobre os jogos de azar a partir de 1891. Proibiu os banqueiros independentes (*bookmakers*), colocou os hipódromos franceses sob vigilância e deu finalidade social às arrecadações obtidas com a venda de pules e nas loterias controladas pelo Estado.

Fig. 40. O jogo era criticado como vício importado na França. No cartum chauvinista de 1891, o policial francês expulsa um *bookmaker* inglês do hipódromo.

[623] Cf. COUBERTIN, Pierre de. Les "trustees" de l'idée olympique. *Revue Olympique*, 31: 108-110, 1908.

Na Argentina, os jogos de azar estavam regidos pela Lei de Loteria Nacional, de 1895, que destinava todos os lucros obtidos nos sorteios lotéricos, monopolizados pelo Estado, aos serviços de assistência pública. [624] Como a polícia não era capaz para coibir os jogos clandestinos, três projetos sucessivos foram apresentados no parlamento argentino prevendo medidas repressivas. As iniciativas dos deputados, que representavam os interesses dos setores urbanos, receberam o decisivo apoio dos sindicatos operários numa grande manifestação, na praça de Maio, que resultou na promulgação da Lei de Repressão ao Jogo, em 1902.

No Brasil foi diferente. Os interesses da elite agrária se entrelaçaram aos novos negócios urbanos. As apostas não expressavam o costume de uma classe antagônica a ser combatida. [625] Os legisladores e o policiamento sempre foram condescendentes com os jogos de azar. Os *bookmakers* eram legalizados, eles publicavam anúncios nos jornais e atuavam dentro dos hipódromos. [626] Alguns poucos chefes de polícia clamavam pelo cancelamento das licenças dadas às casas de apostas, denunciavam a venda clandestina do jogo do bicho, sempre proibido por decretos municipais, mas que se espalhava sob vistas grossas. [627] As ações pontuais do poder público, ineficientes e lenientes, serviram para fortalecer a estrutura do jogo clandestino. [628] Somente em 1946 ele foi criminalizado em lei, quando estava consolidado em todo o país.

O fato dos esportistas reproduzirem aqui e usarem a seu modo o discurso amador importado nunca foi suficiente para sedimentar uma convicção avessa ao jogo de azar. Descontadas as ondas moralizadoras passageiras e as críticas isoladas, não havia correntes contrárias dentro do parlamento. O combate ao jogo não apareceu como bandeira ideológica de nenhum partido. As famílias dos *sportsmen* paulistas eram as mesmas que nos anos anteriores compravam pules nas corridas de bicicletas e que com igual entusiasmo voltaram a frequentar a pelota basca na rua Boa Vista e os galopes na Mooca.

---

[624] CECCHI, Ana. *La Timba como rito de passaje*: la narrativa del juego em la construcción de la modernidade porteña. (Buenos Aires, 1900-1935). Buenos Aires: Biblioteca Nacional: Teseo, 2012, p. 59-81; _____. Esfera pública y juegos de azar: del meeting contra el juego al allanamiento de domicilio privado. Prensa, parlamento y politicía en Buenos Aires (1901-1902). *Cuadernos de Antropologia Social*, 32: 169-194, 2010.

[625] BLAY, Jean-Pierre. Les élites urbaines et le monde hippique dans le ville de Rio de Janeiro (1848-1932). *Revue D'Histoire Moderne et Contemporaine*, 46 (3): 514-531, 1999.

[626] V., p. ex., *O Estado de São Paulo*, 21 jan. 1903, p. 4; 11 out. 1907, p. 5; 06 fev. 1916, p. 7; *Correio Paulistano*, 29 set., 1917, p. 6.

[627] *O Estado de São Paulo*, 14 jan. 1916, p. 6; *O Imparcial*, 7 fev. 1917, p. 8.

[628] DA MATTA, Roberto e SOÁREZ, Elena. *Águias, burros e borboletas*: um estudo antropológico do jogo do bicho. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 80-83.

Fig. 41. Anúncio de um *bookmaker*, 1917.

Havia, sim, um discurso diferente para cada faixa etária. O amadorismo era uma paixão jovial, trazida pelos estudantes que voltavam da Europa. Aderindo ao futebol os jovens abandonaram as lembranças dos tempos em que, alguns deles, pedalavam no velódromo sob os gritos dos apostadores. Nem por isso deixariam de frequentar cassinos e hipódromos ao amadurecerem. Diversos esportistas ligados ao CAP foram turfistas: Antonio Prado Junior, Martinho Prado Netto, Caio Prado, Plinio Prado, Silvio Penteado, Mario da Cunha Bueno, Guilherme Rubião, Sampaio Vianna, entre muitos outros. [629] Não surpreende, pois, que Olavo Paes de Barros, educado na Suíça, ex-capitão do time do CAP, viesse mais tarde a ocupar, por muitos anos, o cargo de diretor de corridas do *Jockey Club*. [630] Ou que Fabio da Silva Prado, educado na Bélgica, jogador de futebol na juventude, fosse na maturidade tesoureiro, secretário e, depois, presidente do mesmo clube de corridas. [631] Alguns atuavam, paralelamente, como profissionais num clube e amadores em outro. Ao mesmo tempo em que noticiava, a escolha de Prado Junior para dirigir – mais uma vez – a liga amadora de futebol (LPF),

[629] *O Estado de São Paulo*, 5 jul. 1908, p. 4; 6 jan. 1914, p. 6.; *O Paiz*, 5 nov. 1908, p. 6.
[630] *O Estado de São Paulo*, 28 jan. 1910, p. 11.
[631] *O Estado de São Paulo*, 12 ago. 1914, p. 4; 26 jun. 1914, p. 8.

o jornal *O Estado de São Paulo* de dezembro de 1908 informava sobre o prêmio de Rs800$000 que ele recebeu como turfista, dono do cavalo Calibar. [632] No Rio de Janeiro, Prado Junior foi sócio benemérito e presidente honorário do *Jockey Club Brasileiro*.

Fig. O hipódromo da Mooca em 1913. Os cavalos desfilavam antes das provas diante do público apostador.

O velho e o novo se juntavam. Turfe e futebol conviveram em ciclos alternados de popularidade, às vezes sobrepostos. As duas faces da retórica elitista, complementares e solidárias, transpareciam nos esportes. Vale a pena resumir e comparar o que foi examinado até agora.

As corridas de cavalos eram praticadas por "bem nascidos", ricos de berço, grandes proprietários rurais. A condição de criador de animais puro sangue inglês era posição social herdada dentro das famílias de tradição fazendeira. Somente os afortunados pelo destino mediam forças nas pistas, nas disputas igualitárias das suas criações. Competição entre pares que legitimava, simbolicamente, a desigualdade fora do hipódromo. Os animais puro sangue de melhor linhagem eram os grandes vencedores, daí a importância de dar atenção ao *pedigree* do animal. Tanto quanto à genealogia do dono. Na crença aristocrática a sorte favoreceria aos predestinados por

[632] *O Estado de São Paulo*, 22 dez. 1908, p. 3; 24 dez. 1908, p. 3; *O Paiz*, 5 nov. 1908, p. 6

natureza, às origens de sangue, e pelo mesmo motivo os líderes natos mereceriam ocupar posições de mando. O conselheiro Antonio da Silva Prado não foi turfista pelas suas qualidades de hábil cavaleiro, mas sim para que seus animais representassem em público uma estirpe de senhores de terras férteis e de dirigentes políticos capazes. Ao apostador comum, sentado nas arquibancadas, era concedida a chance de testar o próprio destino, de sonhar com um atalho na escalada social, com a ilusão de que a passagem seria repentinamente aberta por um grande prêmio em dinheiro. As apostas funcionam, no dia a dia, como pequenas válvulas de escape que aliviam o sentimento individual de injustiça. [633]

O futebol exibia a face oposta da mesma moeda, encenava o jogo igualitário, como se a injustiça social fosse coisa do passado monárquico, do poder hereditário deposto em 1889, dos tempos já superados dos senhores e seus escravos. No teatro esportivo inaugurado pelos jovens republicanos, ricos e pobres teriam condições físicas e materiais idênticas para competir. A introdução do jogo de bola sugeria uma sociedade em vias de mudança, apontava para um futuro sem data definida: em algum momento a livre escolha e os esforços cooperativos possibilitariam o reconhecimento dos méritos individuais. A taça seria conquistada pelos mais cooperativos, mais esforçados e capazes. Era uma simbólica promessa de reforma social que não se concretizava na vida real, mas que foi incessantemente representada ao longo do tempo nos palcos de jogos atléticos. Os raros casos de superação pessoal precisavam ser enaltecidos: doutor Armando da Silva Prado conseguiu vencer o estigma social da cor numa sociedade racista. Em reconhecimento dos seus talentos ele foi escolhido pelos camaradas futebolistas para ocupar a posição mais honrosa e destacada da liga. As conquistas pelo valor pessoal eram excepcionais, por isso mesmo recebiam grande visibilidade, elas corroboravam para conservar a estrutura vigente.

Afinal, qual mensagem deveria prevalecer para o público: a busca da vitória com fé na sorte ou através do esforço competitivo? A memória do passado que honrava líderes natos ou a expectativa de um futuro igualitário? Eram falsas opções de escolha: pois as duas simbologias esportivas mantiveram compromissos de alternância e complementaridade nos espetáculos. Ambas se mostravam frustrantes com o tempo e precisavam ser recicladas, recebiam novos figurinos e montagens a cada conjuntura política.

---

[633] V. CAILLOIS, R. (1990). *Op. cit*., p. 132-143.

Dessa oscilação insegura entre os dois modelos esportivos emanavam as contradições da ética amadora abrasileirada. A divulgação do futebol foi até certo limite, o CAP não jogava contra qualquer time amador, seus adversários estavam pré-selecionados dentro de um pequeno círculo. As querelas de honra entre jogadores e dirigentes feriam o orgulho da posição familiar e, nessas ocasiões, o espírito do *fair play* (jogo leal) era posto de lado. O campeonato por pontos corridos, a disputa de taças e a cobrança de ingressos eram semelhantes às dos espetáculos comerciais ingleses, práticas repudiadas pela ideologia amadora lá. Os *footballers* bradavam constantemente a favor do espírito amador, mas seus espetáculos já apontavam na direção da progressiva profissionalização.

Em 1907 Antonio da Silva Prado Junior, como presidente do CAP, contratou na Inglaterra um treinador para orientar o time de futebol durante dez semanas. [634] Uma iniciativa que dificilmente seria tolerada por amadores europeus, pois, além de introduzir um elemento profissional, rebaixava a autonomia da equipe e a autoridade do capitão. Ele trouxe para São Paulo o já citado escocês John (Jock) Hamilton, jogador e *trainer* do *Fulham Football Club*, a primeira associação a se profissionalizar na cidade de Londres, desde 1898. Estranha contratação para um clube amador que já ocupava posição dominante no modesto campeonato paulistano de seis equipes. Sem dúvida, Prado Junior queria melhorar o desempenho do CAP nos espetáculos e deveria ter objetivos maiores em mente, para além do cenário municipal. Na mesma época, a diretoria da LPF colocou entre os seus objetivos trazer clubes profissionais ingleses para se exibirem em São Paulo. [635] Isso dá uma boa medida do quanto o amadorismo tropicalizado dos paulistas estava distante do inglês. Pois na Inglaterra até mesmo o *Corinthian Football Club*, formado só por universitários de *Cambridge* e *Oxford*, foi expulso da *Amateur Football Association* por ter se exibido em jogos contra times profissionais. Tais contradições provocariam, inevitavelmente, conflitos na organização do futebol paulista e também do nacional. Elas serão examinadas no capítulo seguinte.

[634] *O Estado de São Paulo*, 28 fev. 1907, p. 3; HAMILTON, A. (2001). *Op. cit.*, p. 79-80.
[635] *O Estado de São Paulo*, 26 nov. 1908, p. 4.

CAPÍTULO 3

Bandeirantes do esporte

O vapor inglês Alcântara, vindo de Santos, atracou no porto de Buenos Aires na manhã chuvosa do dia 20 de setembro de 1914 com uma equipe de jogadores brasileiros de futebol a bordo. Na tarde daquele mesmo domingo, em um único jogo, o selecionado composto por atletas do Rio de Janeiro e de São Paulo deveria decidir o primeiro título internacional do país: a Copa Julio Roca. [1] Eles estavam cansados e mareados da viagem que durara um dia além do previsto, já que o mau tempo obrigara o navio a atracar em Montevidéu no sábado. [2] Os próprios anfitriões argentinos insistiram no adiamento da decisão por uma semana. Porém, para contentar a ansiosa plateia que esgotara os ingressos no estádio do *Club Gimnasia y Esgrima*, as duas seleções se apresentaram no gramado encharcado, às 15 horas do mesmo dia, para um jogo-treino. Foi uma fácil vitória argentina por 3x0. Os brasileiros não estavam habituados a jogar em campos pesados, suas botinas não tinham travas nas solas e escorregavam constantemente. Só não sofreram mais gols porque Marcos Mendonça, goleiro de 19 anos que vinha do *Fluminense F. C.*, teve uma atuação excepcional. Depois de descansarem por quatro dias, os brasileiros fizeram novo treino contra um time de universitários, o *Columbia Football Club.* [3] Logo no início da partida desabou intensa chuvarada, mas dessa vez nossos jogadores usavam botinas argentinas e conseguiram vencer por 3x1.

Mais de quinze mil portenhos compareceram ao mesmo estádio no ensolarado domingo seguinte, dia 27 de setembro, para assistir à disputa da taça. Aos treze minutos do primeiro tempo Rubens Salles, o craque do *C. A. Paulistano*, aproveitou uma bola rebatida pela zaga argentina e marcou o único gol do jogo. [4] Por pouco a vitória não escapou ao time do Brasil, pois aos vinte minutos do segundo tempo o atacante

[1] V. SANTOS, Newton C. O. *Brasil x Argentina*: histórias do maior clássico do futebol mundial (1908-2008). São Paulo: Scotecci, 2009, p. 57-69; AGOSTINHO, Gilberto. Nós e Ellos, Nosotros y Eles. Brasil X Argentina: os inimigos fraternos. In: SILVA, Francisco C. T. e SANTOS, Ricardo P. (orgs.). *Memória social dos esportes*: futebol e política. A construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro. Mauad: FAPERJ: Tempo, 2006, p. 55-80.
[2] *O Estado de São Paulo*, 29 set. 1914, p. 5; 1º. out. 1914, p. 6; *O Paiz*, 8 out. 1914, p. 19.
[3] *Correio da Manhã*, 1º. out. 1914, p. 4.
[4] *Correio da Manhã*, 28 set. 1914, p. 3; 5 out. 1914, p. 3; *O Paiz*, 12 out. 1914, p. 6; *Correio Paulistano*, 28 set. 1914, p. 3; *O Estado de São Paulo*, 5 out. 1914, p. 4.

argentino Roberto Leonardi disputou a bola com o goleiro Marcos e a empurrou com a mão para dentro do gol. O juiz, o carioca Alberto Borgerth, jogador do *C. R. Flamengo*, não percebeu o toque e validou o lance. Era praxe os anfitriões oferecerem a função de árbitro a um membro da delegação visitante e confiar numa atuação neutra. Imediatamente alguns argentinos cercaram Borgerth para alertá-lo da falta cometida pelo companheiro Leonardi e pedir a anulação do gol. Foi um "rasgo cavalheiresco" nas palavras de um jornalista, uma exibição explícita de honradez que foi ovacionada pela torcida. [5] Ao final da partida o público saldou com aplausos entusiasmados a conquista brasileira.

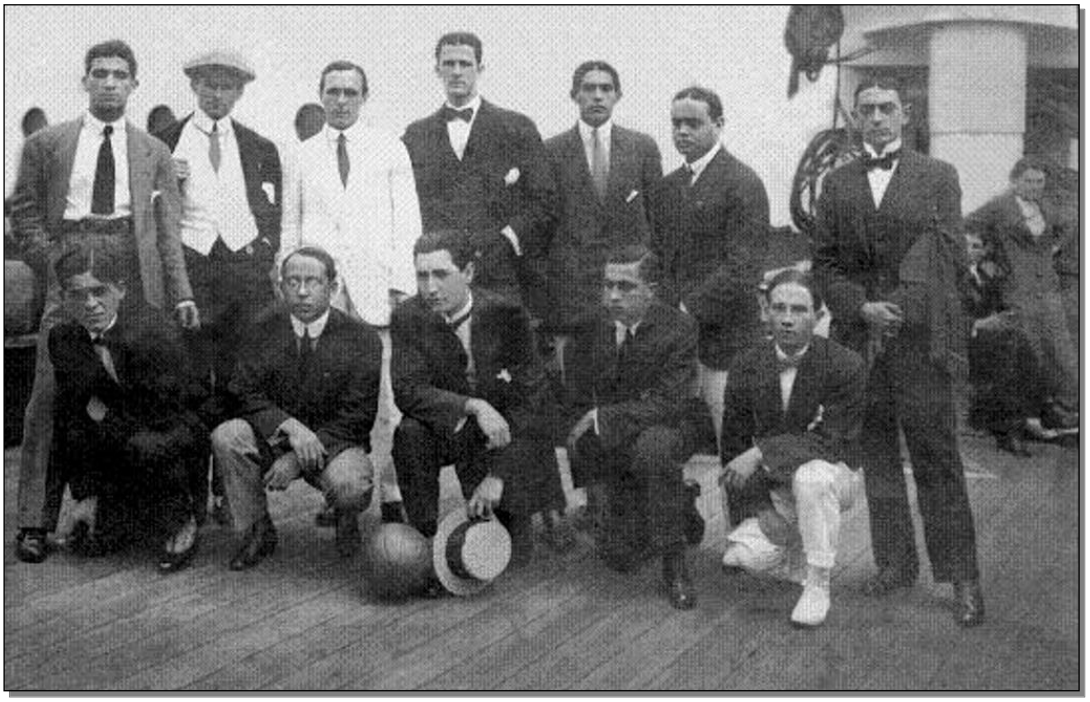


Fig. 1. A bordo do vapor Darro, o time vencedor retorna ao Rio de Janeiro. Rubens Salles é o de terno branco, ao lado dele Marcos Mendonça de gravata borboleta.

No dia 4 de outubro, vindo diretamente de Buenos Aires, o paquete inglês Darro cruzou a barra da baía de Guanabara com o time que retornava com a Copa Roca. Os jogadores foram recebidos com festas nas ruas, desde o desembarque no cais Mauá, até a Lapa. [6] O inédito resultado obtido no estrangeiro enfraquecia as críticas que a *Liga Metropolitana de Sports Athleticos* (LMSA) recebia dos jornais desde a convocação do

[5] *Correio da Manhã*, 12 out. 1914, p. 6.
[6] *O Paiz*, 8 out. 1914, p. 19; *Correio da Manhã*, 5 out. 1914, p. 5.

time pela precipitação na escolha dos componentes, completa falta de treinos e má organização da viagem. [7]

Na edição de 8 de outubro d'*O Estado de São Paulo* o jornalista Julio de Mesquita Filho, então com 22 anos de idade, resumiu a excursão à Argentina na posição de representante da imprensa paulista na delegação.

> Hoje, na Argentina, leva-se muito sério o *sport*. Consideram-no, como nos mais adiantados países da Europa, uma necessidade social. Compreenderam que, não só é o meio mais eficaz para o combate do alcoolismo e outros vícios, como para retemperar o físico e o moral das sociedades modernas, tão abatidas pelas condições atuais da vida. Para isso não poupam esforços. Os seus homens mais eminentes não hesitam tomar a direção dos clubes esportivos. Entregam-se com amor às suas funções, empregando todos os meios para levar a cabo a sua missão. A esses clubes são admitidos pessoas de todas as condições sociais, desde que, contra elas, não existam suspeitas de ordem moral. Nessa luta patriótica muito têm conseguido os *sportsmen* argentinos. O espírito sportivo não é lá o apanágio da alta sociedade, mas sim de todo o povo. Tivemos várias ocasiões de observá-lo.
>
> Eis o que nos foi dado assistir ao finalizar o nosso primeiro encontro com os argentinos: Marcos, o nosso *goal-keeper*, tinha-se portado admiravelmente, defendendo dezenas de *shoots* dificílimos.
>
> Quando terminou o jogo, o povo que enchia as gerais, invade o campo, levantando em triunfo o nosso valoroso companheiro. Muitos pequenos, visivelmente filhos de operários, não podendo concorrer com as suas forças para ajudar a carregá-lo, acariciavam-lhe as mãos, concorrendo assim para provar-lhe a sua admiração. [...]
>
> Se compararmos, pois, o que lá se pratica em *sport*, e o que aqui se tem feito, somos forçados a reconhecer a nossa inferioridade.
>
> Cumpre, pois, às sociedades sportivas do Brasil ganhar o tempo perdido, trabalhando com afinco nessa obra tão altamente patriótica. [8]

Eram questões importantes para aquele delicado momento em que a grande guerra começava na Europa. Na segunda década do século XX o futebol estava divulgado em diversos países europeus e sul americanos. Nas maiores cidades ele havia penetrado fundo na cultura das camadas trabalhadoras, capaz de arregimentar multidões, transmitir valores cívicos e construir ídolos. Na opinião do jornalista, era uma "necessidade social" que as lideranças políticas não podiam negligenciar. A exemplo dos argentinos, os "homens mais eminentes" do nosso país deveriam "tomar a direção dos clubes esportivos" e não deixar o movimento popular à mercê de quem quer que fosse. Os clubes de espetáculos não poderiam dar as costas à ascensão dos times formados por trabalhadores.

A organização do futebol em federações e os primeiros indícios de profissionalização são os principais temas desenvolvidos neste capítulo. O período pré-

[7] *Correio da Manhã*, 13 set. 1914, p. 4; 29 set. 1914, p. 4; *O Estado de São Paulo*, 15 set. 1914, p. 5; 3 out. 1914, p. 6-7;
[8] Cf. *O Estado de São Paulo*, 8 out. 1914, p. 7.

guerra foi conturbado, com constantes divergências entre as coligações do Rio de Janeiro e de São Paulo. Coincidiu, não por acaso, com o engajamento de clubes formados por trabalhadores nos espetáculos de futebol. Nessa época a importância dos esportes ultrapassou o âmbito das representações cotidianas, eles foram inseridos nos relacionamentos políticos interestaduais e internacionais.

O futebol nas relações diplomáticas

Desde a instauração do Estado leigo boa parte dos cerimoniais religiosos perdeu importância nas relações diplomáticas. Foram progressivamente substituídos por rituais militares ou civis, entre os quais se incluíram os jogos esportivos. Um exemplo representativo dessa mudança ocorreu em 4 de agosto de 1906. O moderno cruzador Charleston da marinha de guerra norte-americana ancorou no cais de Santos, vindo do Rio de Janeiro, trazendo a bordo o secretário de estado Elihu Root, o mais elevado representante daquele país a nos visitar, até então. [9] Era a primeira vez que um secretário de estado saía dos Estados Unidos em missão oficial. Ele veio ao Brasil para participar da Terceira Conferência Panamericana, que aconteceu na capital federal. Root foi recebido em Santos com pompas dignas de um grande chefe de estado. Subiu por trem para o planalto paulista e foi hospedado em São Paulo na residência da família Pacheco Chaves, nos Campos Elíseos. Na tarde do mesmo dia, o secretário americano foi levado ao velódromo da Consolação para assistir à partida de futebol entre cariocas e paulistas. As famílias da elite paulistana lotaram o estádio, que estava caprichosamente ornado com guirlandas e bandeiras. Uma "tribuna gótica" foi erguida alguns dias antes entre os dois lances de arquibancadas para acomodar o ilustre visitante, seus familiares e a comitiva americana. Ao final da partida Root entregou uma taça de bronze com o seu nome gravado para o capitão do time vencedor, o carioca Octavio Werneck, e declarou em discurso estar admirado com a "dedicação dos brasileiros à causa da educação fisica". [10]

A crescente tensão internacional nos anos que antecederam à Primeira Guerra multiplicou as trocas de missões amistosas, as embaixadas de boa vontade que cruzavam fronteiras para conquistar simpatias e consolidar parcerias. Graças aos

[9] *Correio Paulistano*, 4 ago. 1906, p. 1; 5 ago. 1906, p. 1-2; *O Estado de São Paulo*, 4 ago. 1906, p. 3.
[10] Cf. *O Estado de São Paulo*, 5 ago. 1906, p. 3.

avanços obtidos nas comunicações telegráficas, nos transportes ferroviários e na navegação a vapor, as viagens de equipes de atletas foram facilitadas, embora os custos continuassem elevados. As missões esportivas não ficavam limitadas aos jogos em si, pois as delegações eram cercadas de amabilidades que poderiam durar uma ou até duas semanas. Abrangia a intensa troca de telegramas com saudações e agradecimentos, as lacrimosas cerimônias de recepção e despedida, emolduradas por flores e bandas de música, as carreatas dos times pelas ruas da cidade, os grandes banquetes, com inevitáveis discursos para mútua bajulação, visitas aos pontos turísticos, aos clubes e às mais modernas unidades da produção industrial local. Os paulistas não deixariam de colocar no roteiro dos futebolistas visitantes uma excursão ao centro da produção cafeeira e escolheriam a dedo uma fazenda do interior para mostrar. O grosso das despesas costumava ser pago pelos anfitriões, daí a importância das arrecadações acumuladas durante os campeonatos regionais.

Tal como pregavam os ideais olímpicos do Barão de Coubertin, eram as pequenas sociedades esportivas, os clubes e as ligas, que preenchiam momentos importantes do cerimonial diplomático, de modo simpático e bem humorado, substituindo as austeras missas de outrora. Aos poucos o futebol foi incorporado às rotinas das relações internacionais. Ainda que de modo meramente retórico, ele sinalizava cordialidade e amizade, a vontade de dialogar em posição de igualdade, de estreitar as relações pacíficas. O reconhecimento simbólico do oponente como interlocutor acatado.

Ao mesmo tempo, ele abria oportunidades para a exposição de sentimentos patrióticos, de superioridade física, cultural e moral frente às nações vizinhas. Um poder brando, com o qual o lado mais experiente e habilidoso nos esportes conseguia abater lentamente a autoconfiança do adversário, minar a autoestima nacional do país vizinho pela imposição de derrotas consecutivas em jogos públicos e assim influenciar a aceitação passiva da liderança política. Esse sentimento poderia se reproduzir entre os jogadores derrotados. Sucessivamente, eles entrariam em campo conformados em perder com honra na disputa com times estrangeiros e sairiam tecendo elogios à superioridade dos adversários. Um abatimento psicológico sucedia às humilhações sofridas nos espetáculos esportivos e podia levar à suposição de inferioridade cultural ou inata do povo inteiro.

No início do século XX, deslocar times de futebol bem treinados para colher vitórias no exterior podia ser mais barato, sutil e convincente do que exibir a força bruta dos vasos de guerra. Se bem que, às vezes, as duas formas de representações, militar e

esportiva, estivessem associadas: ocasionalmente a bola e o obus chegavam no mesmo barco. Por exemplo, no dia 4 de setembro de 1909 os marinheiros do cruzador britânico Amethyst, ancorado em Santos, jogaram futebol contra time do *São Paulo Athletic Club* (SPAC) na sede da Consolação. [11] As visitas de navios de guerra estrangeiros eram grandes acontecimentos e quanto maiores mais chamavam atenção popular. Dois meses antes de eclodir a guerra na Europa, os marinheiros alemães da esquadra capitaneada pelo encouraçado Kaiser, ancorada em Santos em maio de 1914, jogaram contra o *Sport Club Germânia* (SCG) no parque Antártica. [12] As ameaças de guerra pairavam no ar. Isoladas nesta terra distante, as colônias de imigrantes não perdiam oportunidades para prestigiar as suas respectivas nações-mães e acenar apoio à desejada aliança entre governos. No mínimo isso lhes traria maior sensação de segurança, pois o horizonte internacional parecia sombrio.

O futebol na diplomacia do Cone Sul

Dirigida pelo Barão do Rio Branco entre 1902 e 1912, a diplomacia brasileira passava por um delicado realinhamento. O aumento da influência americana sobre o país foi aceito como forma de contrabalançar a pesada presença britânica que prevalecia desde os tempos do Império. Se, por um lado, o Brasil dependia fortemente dos financiamentos, da tecnologia e dos produtos ingleses, por outro, encontrou nos Estados Unidos seu maior comprador de café, borracha e cacau. Em 1912 os americanos absorveram 36% das exportações brasileiras, enquanto os britânicos apenas 15%. [13] O chanceler Rio Branco aproveitou o equilíbrio entre as duas potências aliadas para tentar, senão a liderança do seu país na América do Sul, ao menos estabelecer uma política de conciliação com a Argentina. [14]

O deslocamento do eixo diplomático brasileiro da Europa para a América do Norte foi percebido com desconfianças pelo governo britânico que via o Atlântico Sul como zona sob sua influência. E ainda mais pelo argentino que tinha no Reino Unido o seu grande parceiro econômico, tanto no comércio importador, quanto no exportador. Os argentinos temiam que o aumento da presença americana os deixassem mais

[11] *O Estado de São Paulo*, 5 set. 1909, p. 5.
[12] *O Estado de São Paulo*, 11 mai. 1914, p. 8; *Correio Paulistano*, 11 mai. 1914, p. 3.
[13] V. BURNS, E. Bradford. As relações internacionais do Brasil durante a Primeira República. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*, v. 9. São Paulo: Difel, 1978, p. 377-378.
[14] DORATIOTO, Francisco F. M. A política platina do Barão do Rio Branco. *Revista Brasileira de Política Internacional.* 43 (2): 130-149, 2000.

vulneráveis às interferências do Brasil. [15] Essa suspeita era alimentada desde 1895, quando o presidente americano Grover Cleveland deu ganho de causa ao Brasil ao arbitrar o contencioso de fronteiras existente entre os dois países sul-americanos no território das Missões. Suspeita reforçada depois pelo avanço brasileiro sobre o território boliviano, incentivado pela extração da borracha que abastecia as indústrias americanas, e que culminou na aquisição do território do Acre (1899-1903).

Fig. 2. O Barão do Rio Branco em caricatura de J. Carlos. Revista *Careta*, 1908.

Foi nessa conjuntura política que São Paulo começou a receber visitas de times estrangeiros de futebol. O primeiro jogo foi contra um selecionado sul-africano, formado por colonos ingleses da Cidade do Cabo. A visita dessa equipe foi decidida à última hora, quando ela jogava uma série amistosa em Montevidéu, Rosário e Buenos Aires, patrocinada pelos argentinos. [16] O comunicado da escala em São Paulo para uma

[15] FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina*: um ensaio de história comparada (1850-2002). São Paulo: Editora 34, 2004, p. 227-235.
[16] V. BOLSMANN, Chris. South African Football Tours at the Turn of the Twentieth Century: Amateurs, Pioneers and Profits. *African Historical Review*, 42 (1): 91-112, 2010.

partida não programada chegou à LPF por telegrama no dia 20 de julho de 1906 e a liga não teve tempo suficiente para treinar o selecionado local. Os jogadores da *Associação Athletica das Palmeiras* (AAP), rompida naquele momento com a LPF, se recusaram a participar. Os sul-africanos desembarcaram do vapor inglês Thames, em Santos, na manhã do dia 31 de julho, uma terça feira, dia útil. Jogaram à tarde no Velódromo Paulista, completamente lotado, e depois de jantarem na *Rotisserie Sportsman* seguiram pelo trem noturno para do Rio de Janeiro, onde o Thames os aguardava para seguir viajem rumo à Inglaterra. [17] O presidente do estado de São Paulo, Jorge Tibiriçá, e o recém-eleito presidente da república, Affonso Penna, assistiram à constrangedora derrota do *scratch-team* paulista por 6x0. [18] No intervalo Affonso Penna fez questão de cumprimentar o goleiro brasileiro, Jorge Tutu Miranda, "por sua bravura".

Fig. 3. O time sul-africano entra em campo no Velódromo Paulista, em 1906.

Essa foi a primeira aula do genuíno futebol britânico dada no Brasil, graças ao incentivo argentino ou mais exatamente da comunidade anglo-portenha que financiou a excursão dos sul-africanos. Apenas sete dos quinze atletas visitantes eram nascidos na Colônia do Cabo, os demais eram ingleses e escoceses. Todos experientes futebolistas,

[17] *O Estado de São Paulo*, 21 jul. 1906, p. 2; 26 jul. 1906, p. 3.
[18] *O Estado de São Paulo*, 1 ago. 1906, p. 3.

eles tinham média de idade mais alta do que os nossos e encararam a excursão ao continente sul-americano com muita seriedade. [19] No total os sul-africanos marcaram 60 gols e venceram 11 jogos, só perderam um para os argentinos do *Alumini A. C.*, no qual atuavam os conhecidos irmãos Brown, citados no primeiro capítulo deste estudo. O talento esportivo dos sul-africanos tinha raízes políticas. O império britânico, depois de enfrentar duas difíceis guerras (1880-1881 e 1899-1902) contra os colonos de origem holandesa, alemã e francesa que povoavam Transvaal e Orange, chamados bôeres, incentivou o futebol (*association* e *rugby*) no sul daquele continente, como forma pacífica de estreitar os vínculos coloniais e desencadear sentimentos de fidelidade. Entre outras iniciativas inglesas, o time do *Corinthian Football Club* foi mandado para o sul da África em três longas expedições esportivas: em 1897 ele disputou 23 partidas, em 1903 mais 25 e em 1907 outras 24. Times da colônia austral retribuíram a visita com excursões pela Grã Bretanha. A *South África Football Association* se filiou à *Football Association* inglesa em 1897 e foi a primeira federação não europeia a ser admitida pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), em 1909. [20]

Portanto, ao patrocinar a visita de um time sul-africano, em 1906, os argentinos homenageavam o poder britânico no Atlântico Sul – o que incluía o arquipélago oceânico das Malvinas que dava suporte à marinha de Sua Majestade. A Argentina esperava contar com apoio recíproco na política continental sul-americana e assim atrair os países do Cone Sul para a sua esfera de influência. Os elos entre os dois parceiros políticos e comerciais eram fortíssimos. [21] A Argentina era uma grande fornecedora de carne, trigo, milho, couro e lã para os ingleses. Um importante celeiro para o abastecimento da expansão britânica.

A primeira visita dos futebolistas argentinos

A temperatura política esquentou na chancelaria argentina no final de 1906, quando o Brasil contratou a construção de três modernos barcos de guerra aos estaleiros ingleses: o encouraçado Minas Gerais, o São Paulo e o, jamais incorporado, Rio de Janeiro. Os navios seriam entregues a partir de 1909 com poder de fogo suficiente, no momento da encomenda, para desequilibrar qualquer confronto militar com os países vizinhos. O chanceler argentino Estanisláo Zeballos – desafeto do Barão do Rio Branco

[19] *O Estado de São Paulo*, 31 jul. 1906, p. 3.
[20] V. BOLSMANN, C. (2010). *Op. cit.*, *loc. cit*.
[21] LENZ, Maria H. As intensas e conflituosas relações econômicas e financeiras entre a Grã-Bretanha e a Argentina: do final do século XIX até a Primeira Guerra Mundial. *Econômica*, 10 (1): 55-78, 2008.

desde as negociações das fronteiras do território Missões – passou alimentar secretamente planos de um ataque preventivo contra a capital brasileira. Em meados de 1908 as tensões diplomáticas atingiram seu ponto máximo, quando os devaneios militares de Zeballos vazaram para a imprensa argentina. Para se justificar, ele apresentou aos parlamentares um telegrama da diplomacia brasileira, interceptado pelo serviço de inteligência do seu ministério, onde Rio Branco parecia conspirar com chilenos e americanos contra a Argentina. [22] Em lance de ousadia, o ministro brasileiro ofereceu aos jornais o texto cifrado e o código que permitia a sua correta leitura, provando que os violadores do despacho diplomático haviam falsificado grosseiramente a mensagem. [23] Acuado pelos partidos de oposição no congresso do seu país, o chanceler argentino foi forçado a pedir demissão.

Esse era o clima político quando a primeira equipe argentina de futebol – mencionada no início deste estudo – excursionou por São Paulo e Rio de Janeiro, em julho de 1908. [24] Os preparativos para a visita estavam em andamento no momento em que a polêmica com Zeballos chegou ao ápice. Assim sendo, os alegres encontros entre os diplomatas da bola dos dois países ganharam conotação de atos de distensão. O desagravo foi encenado ao longo de quatro dias em cerimonial detalhado e bem estudado. Na manhã do dia 9 de julho, quinta feira, os *footballers* argentinos e brasileiros visitaram o representante da legação diplomática argentina, Luis Fernandez, e juntos foram passear no morro Corcovado. [25] À tarde o Barão do Rio Branco chegou ao estádio do *Fluminense F. C.* acompanhado de Fernandez, "sendo ambos recebidos com frenéticos aplausos pelo grande número de espectadores, que se levantaram". [26] Eles assistiram à vitória argentina por 3x2 sobre o selecionado carioca. No dia seguinte, depois de passearem em Petrópolis, a comitiva argentina foi à residência de Rio Branco prestar suas homenagens. [27] No sábado, dia 11, o chanceler brasileiro e o diplomata argentino voltaram às arquibancadas das Laranjeiras para o segundo jogo, eles presenciaram à fragorosa derrota, por 7x1, sofrida pelo time composto pelos jogadores

[22] BURNS, E. B. (1978). *Op. cit*., p. 393; DORATIOTO, F. F. M. (2000). *Op. cit*., p. 140; CANDEAS, Alessandro. *A integração Brasil-Argentina*: historia de uma ideia na "visão do outro". Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2010, p. 158-164; BANDEIRA, Luiz A. M.. *Brasil, Argentina e Estados Unidos*: conflitos e integração na América do Sul, 1870-2003. Rio de Janeiro: Revan, 2003, p. 103-105.
[23] *O Estado de São Paulo*, 1 nov. 1908, p. 3; 19 nov. 1908, p. 2.
[24] V. PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 103-108; SANTOS, N. C. O. (2009). *Op. cit*., p. 53-54.
[25] *Gazeta de Noticias*, 10 jul. 1908, p. 1.
[26] Cf. *Correio da Manhã*, 10 jul. 1908, p. 2.
[27] *Gazeta de Noticias*, 11 jul. 1908, p. 2.

estrangeiros residentes no Rio. [28] No domingo, o Barão recebeu a delegação visitante no palácio do Itamaraty para um almoço, com troca de brindes elogiosos e agradecimentos comovidos. [29] À tarde do mesmo dia os dois diplomatas assistiram à última partida: nova vitória argentina sobre o time carioca, por 3x0. Completada a missão, à noite a Liga Metropolitana ofereceu um banquete de despedida no restaurante Madrid, ao som de orquestra, com sucessão de cinco discursos e incontáveis brindes fraternos.

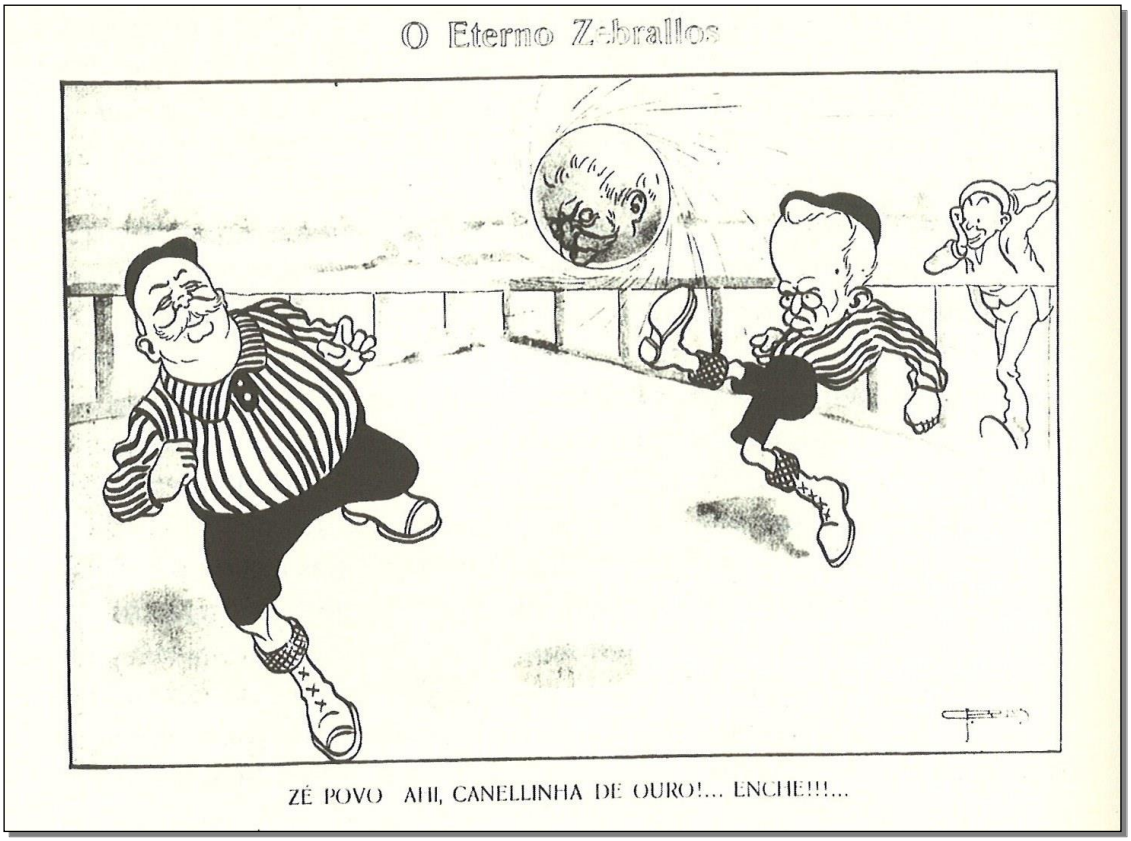


Fig. 4. Na charge nacionalista de J. Carlos, o presidente Affonso Penna chuta a bola-cabeça de Zeballos, ministro das relações exteriores da Argentina, para o ministro Rio Branco, apoiado pelo povo. Revista *Careta*, 1908.

Quando embarcou no transatlântico inglês Araguaya de volta à Buenos Aires o time argentino acumulava 6 vitórias e 1 empate contra diferentes equipes brasileiras, em doze dias de cansativas viagens. [30] Somados os jogos acontecidos em três cidades, São Paulo, Rio e Santos, os portenhos marcaram 31 gols e sofreram 6. Aproveitaram, pois, a visita amistosa para dar demonstrações aos brasileiros daquilo que então se entendia como *educação física*: a educação corporificada num povo.

[28] *Correio da Manhã*, 12 jul. 1908, p. 7; *Gazeta de Notícias*, 12 jul. 1908, p. 6; *O Paiz*, 12 jul. 1908, p. 5.
[29] *Correio da Manhã*, 13 jul. 1908, p. 2; *O Paiz*, 13 jul. 1908, p. 2.
[30] V. SANTOS, N. C. O. (2009). *Op. cit*., p. 53-54.

As rivalidades regionais no futebol: paulistas *versus* cariocas

As visitas de times estrangeiros ao Brasil despertavam enorme interesse, os estádios lotavam com facilidade. Contudo, as sucessivas derrotas abatiam ainda mais o ânimo do público para os jogos caseiros. Depois da euforia dos primeiros anos, os espetáculos de futebol atravessavam um período de desorganização e intermináveis conflitos, o que facilitava o sucesso dos times estrangeiros. São Paulo e Rio de Janeiro eram os principais núcleos do esporte e formavam um par antitético. O futebol foi nativizado com alguns anos de antecedência em São Paulo, mas foi a competitividade contra clubes cariocas que o impulsionou ainda mais. O rápido deslocamento de times entre as duas capitais pelos trens noturnos facilitou essa rivalidade, mais do que acontecia no turfe, no remo e no ciclismo. Os sentimentos regionalistas eram muito fortes no início do século XX e isso estimulou as competições esportivas em diversas cidades do eixo geográfico sudeste. Em contrapartida, o regionalismo bipolar dificultou a organização federativa e fragilizou o desempenho do futebol brasileiro em relação aos visitantes platinos. Os contatos com centros mais distantes, como Porto Alegre e Salvador, nos quais o futebol também emergia, eram quase inexistentes. Não havia organização em âmbito nacional.

Fig. 5. Futebolistas cariocas e paulistas se despedem na estação após a primeira partida interestadual, em 1901.

Até 1914 os jogos entre cariocas e paulistas foram amistosos, sem disputas de taças. Em julho de 1907 a liga carioca (LMSA) chegou a propor à paulista (LPF) a realização de um campeonato interestadual entre seleções para a conquista de certa "Taça Brasil", que teria sido oferecida pelo presidente da República, Rodrigues Alves, com o nobre objetivo de "desenvolver a educação física da nossa raça". [31] Como se sabe, as taças sempre eram doadas por personalidades de destaque em gesto que fundava uma longa disputa seriada, até que um dos contendores vencesse três campeonatos em anos diferentes. Os dois primeiros jogos foram realizados naquele mesmo ano, com vitórias paulistas por 4x1 e 1x0. Porém, a taça jamais foi entregue pelo presidente sucessor, Afonso Penna, ao que parece ela nunca existiu de fato. [32] Então a ideia foi abandonada por mais sete anos.

Os jogos amistosos, esses sim, eram frequentes. No período que vai de 1901 a 1914 aconteceram 74 partidas entre diferentes clubes e seleções dos dois estados, com 33 vitórias paulistas, 25 cariocas e 16 empates. [33] Quantidade bastante expressiva para a época. A média de cinco encontros interestaduais por ano é considerável, tendo em conta que cada campeonato municipal era decidido em cerca de trinta partidas. Ademais, os jogos de cariocas *versus* paulistas estiveram sempre cercados de grande expectativa, em alguns deles o time visitante era recebido com amabilidades equivalentes às oferecidas aos *footballers* estrangeiros. O relacionamento Rio-São Paulo foi constante, não há duvida, ainda que ele dependesse mais das iniciativas dos clubes, não tanto das ligas. [34] A ligeira vantagem demonstrada pelos futebolistas da capital paulista – centro urbano emergente no cenário político/econômico nacional – deu o tom de desafio perante a capital federal, o que não acontecia na mesma medida nos demais esportes. O regionalismo paulista tentou marcar posição de independência e liderança no futebol brasileiro.

Rivalidades esportivas entre grandes cidades, acentuadas pela proximidade geográfica, eram comuns em países europeus. Um exemplo mais próximo era encontrado no rio da Prata, entre Buenos Aires e Montevidéu. O intercâmbio entre as capitais platinas era mais antigo e acirrado do que o das cidades brasileiras. Havia

---

[31] *O Estado de São Paulo*, 19 jul. 1907, p. 3; 23 jul. 1907, p. 3. V. MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). *História do futebol no Brasil, 1894-1950*. São Paulo: Leia, 1950, p. 66-67.
[32] *O Estado de São Paulo*, 26 ago, 1907, p. 3; 15 out. 1907, p. 3; *Correio Paulistano*, 26 ago. 1907, p. 3; *O Paiz*, 29 ago. 1907, p. 5.
[33] V. *O Imparcial*, 4 mai. 1914, p. 8.
[34] V. FIGUEIREDO, Antonio. *História do football em São Paulo*. São Paulo: Seção de Obra d'O Estado de São Paulo, 1918, p. 41-45; SANT'ANNA, Leopoldo. *Supremacia e decadência do futebol paulista*. São Paulo: Instituto D'Anna Rosa, 1925, *passim*.

muitos anos que portenhos e montevideanos alternavam as demonstrações de hospitalidade e chauvinismos no futebol. O primeiro registro de jogo entre times das duas cidades remonta a 1889. A organização deles tinha uma diferença fundamental em relação à nossa: para fortalecer suas posições, as capitais platinas unificaram seus esportes nacionais em grandes federações, com abrangência facilitada pelas características geográficas daqueles países. O confronto inicial de selecionados representando as duas nacionalidades aconteceu em 1901 e desde 1905 seus times disputavam anualmente a Taça Lipton. É o mais antigo *derby* nacional fora da Grã Bretanha. Quando o time argentino chegou pela primeira vez a São Paulo, em 1908, a *Argentine Football Association* contava com cerca de 150 clubes filiados. Ao passo que as duas ligas elitistas brasileiras tinham, cada uma, apenas seis clubes e sequer manifestaram interesse em formar um selecionado conjunto para enfrentar o poderoso visitante.

A indisposição entre os futebolistas cariocas e paulistas para se submeterem às lideranças, uns dos outros, voltou a se manifestar dois anos mais tarde. Em abril de 1910, os argentinos telegrafaram um convite à liga carioca, logo repassado aos paulistas, para que um time brasileiro participasse do importante torneio internacional que comemoraria o centenário da independência daquele país. [35] Teria sido a primeira oportunidade para formar um selecionado nacional e disputar um título contra países do Cone Sul. A princípio, as duas ligas se dispuseram a comandar a excursão e convidar alguns jogadores da outra cidade. Ao mesmo tempo ambas se eximiam de qualquer responsabilidade pelo resultado da competição, pois temiam por uma atuação vergonhosa da representação brasileira nos gramados portenhos. [36]

Afinal, não houve entendimento entre elas. O ambiente político entre os países também não era muito propício para a viagem. Ele havia se deteriorado em 1909, após à fracassada tentativa do "tratado de cordial inteligência política" entre Argentina, Brasil e Chile para por fim à corrida armamentista, que só beneficiava às indústrias estrangeiras. [37] O segundo encouraçado encomendado pelo Brasil aos estaleiros britânicos estava prestes a ser incorporado à marinha, em agosto daquele mesmo ano. O terceiro estava em construção e uma ampla subscrição popular, conduzida por nacionalistas extremados, arrecadava dinheiro naquele momento para a aquisição de um

[35] *O Estado de São Paulo*, 28 abr. 1910, p. 6; 30 abr. 1910, p. 5; *Correio Paulistano*, 28 abr. 1910, p. 5; 29 abr. 1910, p. 5.
[36] *O Estado de São Paulo*, 30 abr. 1910, p. 5.
[37] DORATIOTO, F. F. M. (2000). *Op. cit.*, p. 141; CANDEAS, A. (2010). *Op. cit.*, p. 163-164.

quarto navio de grande porte, que substituiria o velho e recém-desativado encouraçado Riachuelo. [38] Diante das patriotadas e desconfianças mútuas, o governo brasileiro preferiu evitar as provocações e não mandou qualquer embarcação para o grande desfile naval do dia 25 de maio, no Rio da Prata, com a participação de belonaves de outros oito países. [39] Isso foi entendido como um insulto pelos portenhos. Da mesma forma, nenhum time de futebol brasileiro compareceu às festividades. O selecionado da Argentina foi campeão do torneio de Buenos Aires, ao vencer as representações do Chile e do Uruguai. O esporte avançava nos países do sul e permanecia fragmentado no Brasil, com as duas principais cidades em disputa no cenário nacional, não só no futebol.

Futebol para inglês ganhar e carioca ver

O futebol ganhava destaque, temporário, quando chegava um time estrangeiro ao país. Essas eram as melhores oportunidades para o Rio de Janeiro e São Paulo compararem entre si os resultados alcançados frente ao visitante mais forte. Assim foi em agosto de 1910 quando, a convite do *Fluminense F. C.*, o primeiro time inglês visitou o país. [40] Precedido de grande fama, o *Corinthian F. C.*, de Londres, foi chamado de "imbatível" e "campeão universal de *football*" pelos jornais brasileiros. [41] O *Corinthian* não era um clube qualquer, ele não atuava de forma regular e espontânea. O time se reunia para exibições, convocando jogadores entre os universitários de *Cambridge* e *Oxford* que treinavam em outros clubes amadores. [42] Fina flor da elite inglesa, eram moços habilitados para vencer com simpatia, elegância e fleuma. No período pré-guerra os "corinthians" – como eram chamados os jogadores – foram enviados a diversos países onde o império britânico tinha interesse de divulgar o seu lado amigável e a imagem de "raça superior", para usar uma expressão corrente na época. Ofereciam espetáculos para servir à nação, onde e como fosse necessário: na Europa, na África e nas Américas; contra adversários amadores ou profissionais; com cobrança de ingressos ou sem.

---

[38] *O Estado de São Paulo*, 4 mai. 1910, p. 1-2; 22 mai. 1910, p. 4.
[39] MENEZES, Gerson G. L. As relações internacionais no Cone Sul à época do primeiro centenário da Independência Argentina. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 49 (1): 159-178, 2006.
[40] HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente! Futebol*: a maestria brasileira de um legado britânico. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001, p. 85-101.
[41] *Correio da Manhã*, 12 ago. 1910, p. 5; 23 ago. 1910, p. 3; *O Estado de São Paulo*, 30 ago. 1910, p. 5.
[42] *O Estado de São Paulo*, 11 ago. 1910, p. 5; 26 ago. 1910, p. 6.

Apesar do expressivo currículo do time visitante, os anfitriões brasileiros preferiam dividir suas forças entre cariocas e paulistas e aceitar as previsíveis derrotas. Os ingleses ganharam com tranquilidade as três partidas que disputaram no Rio. Em 24 de agosto, quarta feira, eles bateram ao *Fluminense* por 10x1 e dois dias depois ao combinado carioca formado por jogadores brasileiros e estrangeiros, por 8x1. [43] Para assistir à última partida, no domingo, compareceram ao estádio das Laranjeiras o presidente Nilo Peçanha, ao lado do diplomata inglês, William Haggard e do chanceler Rio Branco. O *Corinthian* venceu à seleção formada só por cariocas por 5x2. [44] Ao final da partida Haggard brindou com uma taça de champanhe em homenagem à Peçanha, que respondeu agradecido.

Fig. 6. A delegação inglesa do *Corinthian F. C.* recebida no Velódromo Paulista pela diretoria da LPF, no dia 30 de agosto de 1910. Sentado ao centro o major Luis Fonseca, presidente da liga.

Na segunda feira os corinthians tomaram o trem noturno para São Paulo. No dia 31 de agosto, quarta feira, venceram ao time da AAP por 2x0, no Velódromo Paulista. [45]

[43] *O Paiz*, 25 ago. 1910, p. 12; 27 ago. 1910, p. 7; *O Estado de São Paulo*, 26 ago. 1910, p. 6; 28 ago. 1910, p. 6.
[44] *O Paiz*, 29 ago. 1910, p. 8; *Correio da Manhã*, 29 ago. 1910, p. 2; *O Estado de São Paulo*, 29 ago. 1910, p. 1; 30 ago. 1910, p. 5.
[45] *Correio Paulistano*, 1 set. 1910, p. 5.

Diante desse placar mais apertado, no dia seguinte o jornal *O Estado de São Paulo* comparou as qualidades dos jogadores ingleses e paulistas assim:

> No campo dos ingleses há dois ou três exemplares de homens que dão na vista. Um é alto e forte como uma montanha e tem um sangue rico que lhe desce da raiz do cabelo aos primeiros contornos do peito. Outro, de menos altura, é entanto um magnífico peito de largos pulmões e tem como o seu patrício uma coloração sadia que faz inveja a muita gente.
>
> O terceiro, míope, de pince-nez, porém ágil e atento, lembra um desses vermelhos peixes de aquário que vão de um lado para o outro, nervosamente.
>
> Quanto aos nossos, a mediania da altura fal-os todos parecidos uns com os outros. Há, não há dúvida, corpos de rapazes que o *sport* desenvolveu e tornou fortes. Mas a disparidade é flagrantíssima e dos espectadores muitos não acreditam que eles possam medir forças com esses titãs que ali estão, vindos do mar do Norte...
>
> [...]
>
> E diga-se desde já que se o *team* inglês dispõe de fortes recursos para juntar mais uma às suas muitas vitórias, o *team* paulista revelou ontem um admirável espírito de raça audaz e forte, gente que estirou os músculos no labor constante das justas, e se preparou senão para abater os adversários, ao menos para lhes resistir com vantagem, contendo-lhes a ânsia de fazer *goals*.
>
> Ontem, no Velódromo, jogaram rapazes rebeldes ao *training* contra homens escravos da disciplina e cuidadosos da sua fama esportiva; discípulos contra mestres consumados; vencedores aclamados universalmente contra modestos desconhecidos. [46]

A palavra "raça" era frequentemente usada como sinônimo de povo ou nação. Num país de população heterogênea e miscigenada tentava-se identificar aquela que seria a genuína "raça" nacional para liderar o país. Na opinião do jornalista faltava ao "admirável espírito de raça audaz e forte" dos paulistas apenas a "disciplina" exemplar dos mestres, os "titãs" do mar do Norte. Talvez a rebeldia paulista pudesse ser dosada e moldada pela Educação. Entretanto, o otimismo da primeira partida não durou muito: na sexta feira os ingleses venceram ao CAP por 5x0. [47] De qualquer modo, os paulistas podiam se comparar em vantagem aos cariocas pelo saldo de gols. Afinal, o time campeão daquela cidade, o *Fluminense F. C.*, apanhou por 10x1 dos ingleses e o campeão paulista, a *A. A. das Palmeiras*, só por 2x0. Como os dois lados se observavam, o resultado teve repercussão imediata num jornal do Rio:

> Vejam assim, os cariocas, o quanto podem a união e boa vontade, enquanto os *footballers* paulistas, que sempre têm sido derrotados pelos cariocas, obtêm o magnífico resultado contra os ingleses; os cariocas deixaram-se derrotar vergonhosamente (em relação aos paulistas), pelo mesmo *team* dos corinthians. Lá vale mais o nome dos *footballers* paulistas que a vaidade de *club* de cada *footballer*.

[46] Cf. *O Estado de São Paulo*, 1 set. 1910, p. 7;
[47] *O Estado de São Paulo*, 3 set. 1910, p. 5; *Correio Paulistano*, 3 set. 1910, p. 4.

> Sabemos perfeitamente que aqui, como lá, existem *footballers* dignos desse título, pela sua habilidade na arte dos *shoots*, porém, sabemos mais que os de lá não se deixam dominar por paixões fúteis, nada dignas de *sportsmen*... [48]

As qualidades da audaz "raça paulista" podiam ser cotejadas também às dos ingleses imigrados, pois o último jogo, no dia 4 de setembro, foi contra os "estrangeiros" residentes em São Paulo. No time organizado por Charles Miller só jogaram os de origem inglesa, os alemães não foram chamados, nem mesmo o craque Hermann Friese, pois a antipatia entre as duas nacionalidades crescia. Os imigrados ingleses foram vencidos pelos corinthians por 8x2. [49]

O futebol no Cone Sul às vésperas da Grande Guerra

As relações do futebol brasileiro com outros países se intensificaram entre 1910 e 1914. Equipes da Inglaterra, Uruguai, Argentina, Chile, Portugal e Itália visitaram o Brasil. Nos anos que antecederam à Primeira Guerra as embaixadas esportivas ampliaram esforços pelas alianças políticas. Os contatos diplomáticos com nossos vizinhos do Prata melhoram significativamente a partir da visita que o presidente Roque Sáenz Peña fez ao Rio de Janeiro, em 1910. [50] O líder argentino defendeu a reaproximação entre os países do Cone Sul. Diante do tenso cenário internacional, o principal ponto de atrito continuava sendo o desequilíbrio entre as forças militares no subcontinente. Sáenz Peña promoveu discretas negociações com o governo brasileiro para a suspensão das obras do último navio encomendado aos estaleiros ingleses, a belonave Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, ele aguardava a construção de dois modernos encouraçados, o Rivadavia e o Moreno. Assim, com alguns anos de atraso, o almirantado argentino esperava superar o poder de fogo dos navios Minas Gerais e São Paulo, recém-incorporados à Marinha brasileira.

O chanceler Rio Branco, principal articulador do rearmamento brasileiro, resistiu o quanto pode à proposta do governo argentino de limitar cada marinha a dois encouraçados. Ele relutava em suspender a construção do terceiro, ponderando sobre a maior extensão do litoral brasileiro. Porém, com a morte do Barão, no início de 1912, assumiu a pasta das relações exteriores o coronel Lauro Muller (1912-1917) e nova

---

[48] Cf. *O Paiz*, 2 set. 1910, p. 11.
[49] *O Estado de São Paulo*, 5 set. 1910, p. 4; *Correio Paulistano*, 5 set. 1910, p. 3.
[50] BANDEIRA, L. A. M. (2003). *Op. cit*., p. 124-127; DORADIOTO, F. F. M. (2000). *Op. cit*., p. 141; BURNS, E. B. (1978). *Op. cit*., p. 393-394; DORADIOTO, Francisco F. M. O Brasil no mundo. In: SCHWARCZ, Lilia M. *História do Brasil Nação:* 1808-2010. v. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 1912, p. 159-160.

rodada de negociações foi aberta. Os governos elevaram as conversas ao mais alto escalão político e nomearam dois ex-presidentes como negociadores diretos. Para atuar em Buenos Aires seguiu Campos Salles e veio para o Rio de Janeiro o general Julio Roca. Como ministro plenipotenciário junto ao governo brasileiro, o general Roca desembarcou no dia 2 de julho de 1912 e permaneceu em missão durante quase três meses. Foi nesse momento que reapareceram por aqui os "diplomatas da bola" argentinos, para novos jogos amistosos em São Paulo e no Rio. Não foi mera coincidência, Roca era um entusiasta do futebol desde que a época em que chefiara o governo argentino. Ele conhecia bem a eficiência do esporte para relaxar os contatos com os adversários políticos.

Na edição de 20 de agosto, ao anunciar a segunda visita do selecionado daquele país, o jornal *O Estado de São Paulo* já advertia a LPF sobre a importância de treinar os futebolistas da cidade para os encontros que aconteceriam no início do mês seguinte:

> A *Liga Paulista de Football* precisa ver que, nas lutas esportivas internacionais, se joga alguma coisa mais do que o jogo material que faz dela objeto, nelas nós temos que dar provas da nossa educação de povo que se pretende civilizado, da nossa capacidade de direção, da nossa compreensão da disciplina, que é a qualidade por excelência dos fortes e, portanto, dos vencedores. [51]

A equipe portenha que desembarcou do transatlântico inglês Avon, em 3 de setembro de 1912, uma terça feira, era muito semelhante àquela que nos visitara quatro anos antes. Ela mantinha a base formada pelos já citados irmãos Brown, dos quais o general Roca era um *hincha* (torcedor) confesso. [52] A família de craques anglo-argentinos havia se transferido naquele ano do *Alumini A. C.* para o *Quilmes A. C.*, clube que poucos dias antes da viagem vencera o principal campeonato do país. Outros jogadores vinham do *C. A. San Isidro*, do *C. Estudiantes de La Plata*, do *C. A. Belgrano*, do *C. A. Rosário Central*, e do *C. A. River Plate.* [53] Ou seja, tal como na primeira vez, era o melhor conjunto que a liga do país vizinho podia escolher para a excursão, incluía tanto jogadores de Buenos Aires como de cidades do interior. O roteiro da viagem tampouco foi alterado, com os times das duas principais cidades brasileiras comparando-se entre si diante do poderoso estrangeiro. Na quarta feira, dia 4 de setembro, reforçado por quatro jogadores de outros clubes, o CAP surpreendeu o time argentino no Velódromo Paulista com uma vitória de virada, por 4x3, muito

[51] Cf. *O Estado de São Paulo*, 20 ago. 1912, p. 6.
[52] V. SANTOS, N. C. O. (2009). *Op. cit.*, p. 54-55.
[53] *O Estado de São Paulo*, 31 ago. 1912, p. 7.

comemorada. [54] Passado o impacto da chegada, a hegemonia argentina se impôs: no dia seguinte os visitantes venceram o segundo match por 3x0 contra o *S. C. Americano*; no sábado, dia da Pátria, derrotaram o time dos estrangeiros residentes em São Paulo por 6x3; no domingo bateram a seleção dos paulistas, também por 6x3. [55]

Depois de visitarem uma fazenda de café no interior do estado, em Rio Claro, os *footballers* argentinos embarcaram na noite da terça feira, dia 10 de setembro, rumo ao Rio de Janeiro. Na quinta feira as lições de educação física foram retomadas, eles venceram o selecionado carioca por 4x0, sob as vistas do general Roca e do embaixador americano, Edwin Morgan. [56] No sábado derrotaram o selecionado de ingleses residentes no Rio, por 9x1. [57] Para assistir à apoteose contra o *scratch* carioca, no domingo, compareceram ao estádio das Laranjeiras o presidente Hermes da Fonseca, o general Roca, o chanceler Lauro Muller, o embaixador Morgan e o representante do Reino Unido, William Haggard. [58] Eles assistiram à vitória por 5x0 do time alvi-celeste. A *Revista da Semana* ironizou assim sobre o que se viu no gramado:

> Os guapos *footballers* pisaram firmes o magnífico *ground* da rua Guanabara e defrontaram os inexperientes brasileiros de uma maneira que admirou a muita gente.
>
> A maioria dos torcedores propôs um dilema que até hoje não foi respondido: ou os argentinos estavam em dia de azar, ou estavam a dar ao *scratch* de brasileiros uma lição de *football*.
>
> Um dos assistentes exclamou:
>
> – Mas eu paguei para assistir a um *match* internacional e não a uma lição.
>
> Outro murmurou:
>
> ...é boa: se os argentinos jogassem deveras!... que sova!... [59]

Insinuava-se, certamente com boa dose de exagero e ironia, que o time dos irmãos Brown moderou os ataques para não marcar mais gols, pois talvez isso causasse maior constrangimento diplomático. Uma anedota da época – que mais recentemente foi confundida como registro de valor histórico sério por argentinos ufanistas [60] – dizia que Julio Roca mandara um recado durante o intervalo aos jogadores patrícios, pedindo para que aliviassem o jogo, por isso eles só marcaram dois gols no segundo tempo. No extremo oposto, a interpretação d'*O Paiz* preferiu o tom patriótico e elogiou a bravura

---

[54] *O Estado de São Paulo*, 5 set. 1912, p. 5.
[55] *O Estado de São Paulo*, 6 set. 1912, p. 8; 8 set. 1912, p. 5; 9 set. p. 10.
[56] *A Época*, 13 set. 1912, p. 3; *Correio da Manhã*, 13 set. 1912, p. 3; *O Paiz* 13 set. 1912, p. 6.
[57] *O Paiz*, 15 set. 1912, p. 6; *O Estado de São Paulo*, 16 set. 1912, p. 6.
[58] *Correio da Manhã*, 16 set. 1912, p. 5; *Correio Paulistano*, 17 set. 1912, p. 6.
[59] Cf. *Revista da Semana*, 21 set. 1912, p. 17.
[60] V. BALMACEDA, Daniel. *Historias inesperadas de la historia argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2011.

dos nossos: "espantou e entusiasmou a resistência do *scratch* carioca". [61] Já o *Correio da Manhã*, envergonhado perante os estrangeiros, preferiu atacar a má organização dos futebolistas da cidade e comparar com o melhor desempenho paulista:

> Em considerações que antecipadamente aduzimos, no dia do primeiro match, deixamos patente os vergonhosos (porque não cabe outra expressão) insucessos que nos esperavam, dizendo mais que os nossos amáveis visitantes não levariam daqui a mesma impressão trazida de S. Paulo, onde houve regular equilíbrio de forças. [62]

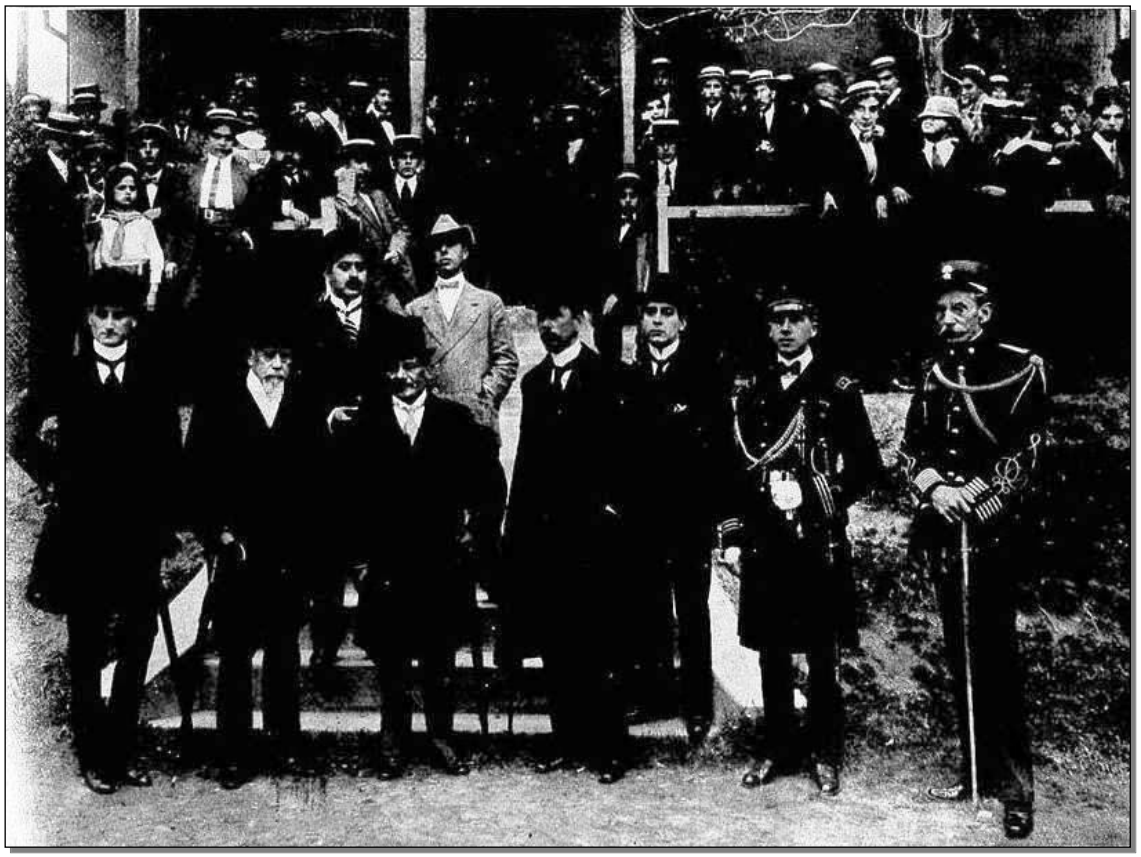


Fig. 7. O general Julio Roca (de cavanhaque grisalho), o presidente general Hermes da Fonseca (ao centro) e o chanceler Lauro Muller (cavanhaque escuro), ladeados pelo diplomata britânico, o americano e militares brasileiros, no intervalo da partida de futebol. *Revista da Semana*, 1912.

O jornal *A Epoca* examinou a atuação brasileira de outra perspectiva, criticou a passividade e a submissão dos jogadores.

> ...a docilidade dos nossos jogadores, o caráter pacífico que eles apresentaram em campo, pode ser o resultado de uma bem estudada manifestação de cortesia e hospitalidade para com os argentinos, mas não será recomendável a homens que, como *sportsmen*, precisam ser fortes, voluntariosos, autoritários, sinceros e que saibam tirar do *sport* o próprio segredo da cordialidade.

[61] Cf. *O Paiz*, 16 set. 1912, p. 6.
[62] Cf. *Correio da Manhã*, 16 set. 1912, p. 5.

> Porque *sportsman* que renega esses direitos, obedecendo cegamente às ordens que lhe parecem absurdas vai perdendo a sua autoridade e, sem ela, não terá mais o essencial fator de sua vitória no *sport* escolhido, isto é, perderá toda essa força de vontade com que precisa precaver-se contra determinados fracassos que todos têm na vida.
>
> E o que era o nosso *team*?
>
> Um conjunto de jogadores muito dóceis que obedeciam cegamente ao juiz, às arquibancadas e, muito antes disso, ao organizador do *scratch*... [63]

Na semana seguinte terminou a missão diplomática de Julio Roca no Rio de Janeiro, ele embarcou para Buenos Aires em 25 de setembro. O ex-presidente Campos Salles também deu por concluída a missão equivalente que desempenhou em Buenos Aires em julho. Os países estavam reaproximados, convergiram para um modelo de co-gestão da política continental, hoje chamado por alguns historiadores como "hegemonia dual", sem preponderância permanente de nenhum dos lados. [64] Com as forças equilibradas no subsistema sul-americano e diálogos mais francos, acreditavam poder resistir melhor às ingerências americanas e britânicas.

Antes de voltar a tratar de futebol, vale a pena registrar que no jogo diplomático a visita de Julio Roca foi bem sucedida. Em médio prazo o governo brasileiro cedeu às pressões na questão do rearmamento naval, embora não fosse esse o único ponto negociado. Em outubro do ano seguinte foi finalmente autorizada a venda do encouraçado Rio de Janeiro, prestes a ser entregue pelos estaleiros britânicos. O negócio foi concretizado com o império otomano no final de 1913. Para conter os protestos nacionalistas, se noticiou por aqui que o navio tinha graves erros de projeto e que o dinheiro da venda seria revertido para a construção de outro, maior e mais poderoso. [65] A nova encomenda jamais aconteceu, a Argentina manteve a supremacia militar no continente por décadas, graças à vantagem alcançada no poder naval. [66]

A segunda visita do selecionado argentino deixou claro que o futebol brasileiro não havia avançado, o resultado foi muito semelhante ao de quatro anos antes. Nossa qualidade de jogo estava muito aquém dos vizinhos do sul e mal servia para cumprir os rituais exigidos pelo cerimonial diplomático moderno. As pressões argentinas aumentaram ainda mais nos anos seguintes. O governo de Buenos Aires atribuiu aos espetáculos de futebol um importante papel nas relações entre todos os países do Cone Sul, associando-o frequentemente aos eventos políticos e cobrando a participação

---

[63] *A Epoca*, 16 set. 1912, p. 2.
[64] Para uma revisão crítica dessa interpretação V. CONDURU, Guilherme F. O sub-sistema americano, Rio Branco e o ABC. *Revista Brasileira de Política Internacional*. 41 (2): 59-82, 1998.
[65] *Correio da Manhã*, 10 set. 1913, p. 3; 17 out. 1913, p. 1; 18 out. 1913, p. 2; *A Época*, 30 out. 1913, p. 1-2; 7 nov. 1913, p. 3; *O Imparcial*, 16 set. 1913, p. 3; *A Noite*, 3 set. 1913, p. 1; 29 dez. 1913, p. 1.
[66] BANDEIRA, L. A. M. (2003). *Op. cit*., p. 153-154.

brasileira em tom desafiador. Enquanto isso, o nosso futebol mergulhou na sua pior crise, que durou vários anos. Para entendê-la, é preciso examinar o que aconteceu no cenário esportivo interno ao longo dos anos que precederam à Grande Guerra.

A São Paulo esportiva

Em 1910 a população de São Paulo beirava os quatrocentos mil habitantes. A cidade havia mudado bastante desde a época em que o futebol chegou, crescia sem planejamento adequado, retalhada às pressas pelos interesses imobiliários. Próximo ao centro as áreas disponíveis para jogos informais escasseavam e novos campos foram arranjados a distâncias cada vez maiores. O futebol se espalhava no ritmo do crescimento urbano e iniciou um movimento de periferizacão. Conforme os bairros centrais se adensavam, os terrenos remanescentes eram cada vez mais disputados por times. A várzea do Carmo, liberada pela municipalidade para a prática de esportes no final de 1914, foi intensamente ocupada. [67] Um jornalista carioca relatou, muito admirado, que conforme o trem em que viajava passou pelas proximidades da Mooca, numa manhã de domingo, ele conseguiu contar doze campos de futebol em plena atividade, "com crianças de todos os tamanhos e todas as graduações sociais" jogando em equipes improvisadas. [68] A cada domingo, *O Estado de São Paulo* publicava uma longa lista com os jogos, comunicados apenas pelos clubes mais organizados, e estimava o número total de participantes. Em 29 de agosto de 1915, por exemplo, o jornal calculou que 2.068 atletas entrariam em campo durante o dia. [69]

É preciso não perder de vista a intensidade desse fenômeno cultural. Basta recordar que em 1899, quando as primeiras equipes formadas por ingleses, alemães e alguns estudantes brasileiros começaram a jogar na chácara Dulley, Hans Nobiling não conseguia completar o seu time, por falta de interessados. O objetivo originalmente proposto pelo SCI, o CAP e a LPF de divulgar as atividades físicas para a população, foi atingido em pouco mais de uma década, graças principalmente aos espetáculos de futebol e não tanto à educação física escolar.

[67] *Correio Paulistano*, 9 mar. 1917, p. 1.
[68] Cf. *Correio da Manhã*, 1 set. 1914, p. 3.
[69] Cf. *O Estado de São Paulo*, 29 ago. 1915, p. 5.

Os jogos informais estavam difundidos, mas o futebol de espetáculos se enfraquecia. Nem o Velódromo Paulista escapou da especulação imobiliária. Pouco meses depois da morte de Veridiana da Silva Prado, ocorrida em 11 de junho de 1910, seus herdeiros anunciaram a venda do estádio, um dos últimos pedaços que restava da antiga chácara. O terreno do velódromo foi comprado pelo *Banco Italiano* que manifestou a intenção de abrir uma rua e loteá-lo, o que só se consumou cinco anos mais tarde. [70] Ninguém lamentou o anúncio, só um discreto protesto apareceu como matéria paga nos jornais, quando a destruição dos antigos jardins era eminente:

> Consta que os proprietários dos terrenos do Velódromo resolveram dividi-los em lotes para venda em prestações.
>
> É pena que essa bela área de terreno seja assim retalhada e não aproveitada para um só estabelecimento, que reservasse uma parte dela para parque ou jardim. Desse modo, pela ganância dos proprietários, vão desaparecendo, nas proximidades do centro, os poucos espaços livres em que existem esses pulmões da cidade, quando, na Europa, particulares e municipalidade porfiam em dotar os centros populosos com praças ajardinadas e parques, mesmo a custo de pesadas desapropriações.
>
> É profundamente lastimável que o governo, a municipalidade ou mesmo um sindicato particular não o tivesse comprado, aproveitando a facilidade de pagamento a longo prazo que os proprietários, de bom grado, naturalmente fariam, para ali construir uma escola, um estádio, um hotel ou então, simplesmente, um jardim. Talvez ainda seja tempo de evitar-se a reprodução do que se deu com a chácara Veridiana Prado, transformada hoje num banal canto da cidade. [71]

Os proprietários gananciosos a que se referia o reclamante anônimo seriam, possivelmente, do banco e da *Cia. Brasileira de Immoveis e Construção*, que conduziu o loteamento. Convém lembrar, entretanto, que o conselheiro Prado ainda estava à frente da prefeitura quando a venda foi decidida por sua família e ele também preferiu lucrar com a forte valorização dos terrenos urbanos. Nem mesmo a LPF esboçou a intenção de lutar pela preservação do estádio. Pelo contrário, sondou os governos municipal e estadual sobre uma possível concessão de outro local, na várzea do Carmo, onde imaginava construir uma nova arena esportiva com o apoio dos cofres públicos. [72] O pedido não foi atendido de imediato, mas logo apareceram planos para a constituição de um novo parque suburbano com planos para um estádio no bairro da Ponte Grande, como se verá mais adiante.

O CAP manteve o arrendamento do velódromo com o novo proprietário até o final de 1915 e, mesmo durante esses anos de incertezas e ameaças de despejo, preservou a aura de clube da elite governante. A segunda geração de jovens de famílias fazendeiras

---

[70] *O Estado de São Paulo*, 9 mai. 1911, p. 8; 4 set. 1911, p. 9.
[71] Cf. *O Estado de São Paulo*, 12 dez. 1915, p. 12.
[72] *Correio Paulistano*, 9 mai. 1911, p. 6.

chegou aos espetáculos de futebol nesse período e deu continuidade à tradição. Entre eles estavam novos jogadores da parentela Silva Prado. Ainda nas arquibancadas do velódromo, o conselheiro Prado pode torcer pelo seu neto, Manoel Carlos (Carlito) Aranha, pelo sobrinho, Jorge Pacheco Chaves e pelo sobrinho-neto, Luiz Fernando (Zonzo) do Amaral.

Fig. 8. O fotógrafo Gaensly posicionou a sua máquina no alto do edifício do *Mackenzie College*, em 1912. Vê-se parte do bairro da Consolação, inteiramente urbanizado. Ao fundo o Velódromo Paulista cercado por arvoredos. A velha igreja da Consolação não aparece, demolida em 1909 para a construção de outra.

Contudo, os espetáculos da LPF atravessavam momentos de instabilidade e somente a visita de times estrangeiros e cariocas, mobilizavam grandes plateias. Quanto mais o futebol se expandia, divulgado em todas as camadas sociais, mais ele perdia importância como fator de distinção para a elite. Na visão comum, o jogo de bola ganhou sentido oposto ao das origens escolares, da disciplina europeia. No dia a dia das ruas ele era encarado, também, como brincadeira de "moleques vadios". Aumentava o número de cartas publicadas pelos jornais contendo reclamações de moradores contra as partidas improvisadas:

> A polícia precisa lançar as suas vistas para uma numerosa malta de crianças desocupadas que trazem em constante polvorosa a rua Oriente, no trecho compreendido entre as ruas Maria Marcolina e Monsenhor Anacleto.

> Todas as tardes quem por ali passa observa um espetáculo pouco edificante: um batalhão de moleques, ente os quais alguns já bem taludos, a disputarem renhidos *matches* de *football* e a trocarem os mais obscenos insultos. [73]

À época, a palavra "moleque" tinha conotação bem pejorativa. Moleque era sinônimo de menino desocupado, sem família, sem escolaridade, desordeiro. Esse era o nome usado antigamente nas fazendas para chamar os filhos de escravos ou então no tráfico negreiro para identificar as "peças" de pouca idade e baixo valor comercial. É curioso como os protestos dos vizinhos incomodados pelas bolas iam à contramão do discurso pedagógico importado, pois o senso comum considerava que o futebol podia deseducar. Dizia que "garotos viciados" tiravam "meninos de famílias" das escolas para jogar:

> Diversas reclamações temos recebido de famílias residentes nesse bairro [do Braz] e no da Mooca com referência à malta de meninos desocupados, que atraem os alunos dos grupos escolares para o jogo de *football*, em muitos campos e terrenos em aberto.
>
> Realmente as famílias queixosas têm toda razão de protestar sobre essa jogatina, pois si se tratasse de um jogo organizado por pessoas entendidas e em dias determinados, como aos domingos e feriados, seria até louvável para o desenvolvimento dos moços, mas o jogo que mencionamos, de *football*, só tem o nome, pois trata-se de grupos de garotos viciados, que arrastam para as suas fileiras meninos de famílias, os quais abandonam as aulas para se exporem ao sol, sujeitos a adquirirem febres e outras enfermidades próprias da estação calmosa. [74]

Sem correlação com um sistema escolar eficiente, o futebol não se prestava como sonharam alguns educadores para disciplinar os espaços abertos. Não funcionava como prática autônoma de moral e civismo para a pedagogia nos horários livres. Os espetáculos de futebol, por si só, não seriam suficientes para induzir os jogos informais à forma "ordeira". Os moradores queixosos, entretanto, não punham em questão a falta de escolas, a má qualidade do ensino ou a proliferação do trabalho infantil nas famílias de baixa renda. Cobravam medidas repressivas imediatas contra a diversão espontânea, para manter a ordem urbana:

> O abuso de se fazer da via pública campo de *football* ainda não cessou, a despeito de um sem numero de reclamações que tem aparecido na imprensa.
>
> Agora escreve-nos um morador da rua Bráulio Gomes, dizendo que naquele local a garotada é senhoria de tudo: do trânsito, das vidraças, das janelas fechadas para não ouvirem as obscenidades da molecagem vadia.
>
> Quanto a providências policiais, nenhumas foram dadas até agora para por termo a tão inqualificável abuso. [75]

---

[73] Cf. *O Estado de São Paulo*, 19 abr. 1915, p. 4.
[74] Cf. *Correio Paulistano*, 20 out. 1914, p. 5.
[75] Cf. *O Estado de São Paulo*, 10 out. 1914, p. 6.

No cotidiano das ruas, esse futebol rebelde escapava dos planos da pedagogia social e do urbanismo. Os garotos contradiziam a pregação higienista a favor da educação física em contato com a "natureza", praticada em parques suburbanos. Afrontavam as normas para o uso dos espaços públicos e, na falta de terrenos livres, ocupavam as vias de trânsito para diversões não previstas pelos legisladores. De forma independente, eles redefiniam as funções sociais das brincadeiras com bola. Quais seriam elas? Formar círculos de camaradagem entre vizinhos? Criar uma identidade bairrista? Disputar e confraternizar com grupos rivais? Quebrar a monotonia das zonas fabris, sem outras opções de lazer? Compensar a rotina e o rigor do trabalho precoce? Afirmar a masculinidade adolescente? Por falta de registros, é difícil para o historiador sondar as vontades daqueles jogadores anônimos.

O remo, o tênis e a liberação feminina

Famílias das classes médias e altas procuravam outras formas de diversão. No bairro da Ponte Grande as atividades femininas, esportivas e recreativas, se expandiram. Aquele trecho ribeirinho era considerado um recanto pitoresco da cidade, preferido para passeios em família. No Tietê o remo chegou ao máximo de prestígio na segunda década do século XX. Além das associações pioneiras, o *Club Canottieri Esperia* (1899) e o *Club de Regatas São Paulo* (1903), duas outras se fixaram nas vizinhanças da chácara da Floresta: o *Club de Regatas Tietê* (1907) e a *Associação Athletica São Paulo* (1914). [76] Um *sportsman* português, Mário Duarte, encarregado pelo governo do seu país de estudar os progressos da educação física no Brasil, nas visitas que fez em 1913 a São Paulo e Rio de Janeiro, relatou que as preferências esportivas dos brasileiros recaíam sobre o turfe, o remo e o futebol, nessa ordem. Ressaltou que "o remo é, sem contestação, o *sport* que mais profundas raízes tem criado em todas as cidades...". [77] Os sócios que compareciam às regatas encontravam opções de lazer para as crianças, ou para as mulheres: passeios de barcos, danças, jogos de tênis e basquetebol, corridas a pé e natação.

[76] V. NICOLINI, Henrique. *Tietê, o rio do esporte*. São Paulo: Phorte, 2001, p. 241-257.
[77] Cf. *O Estado de São Paulo*, 7 nov. 1913, p. 8.

Fig. 9. O remo nas águas do Tietê, em frente à chácara da Floresta.

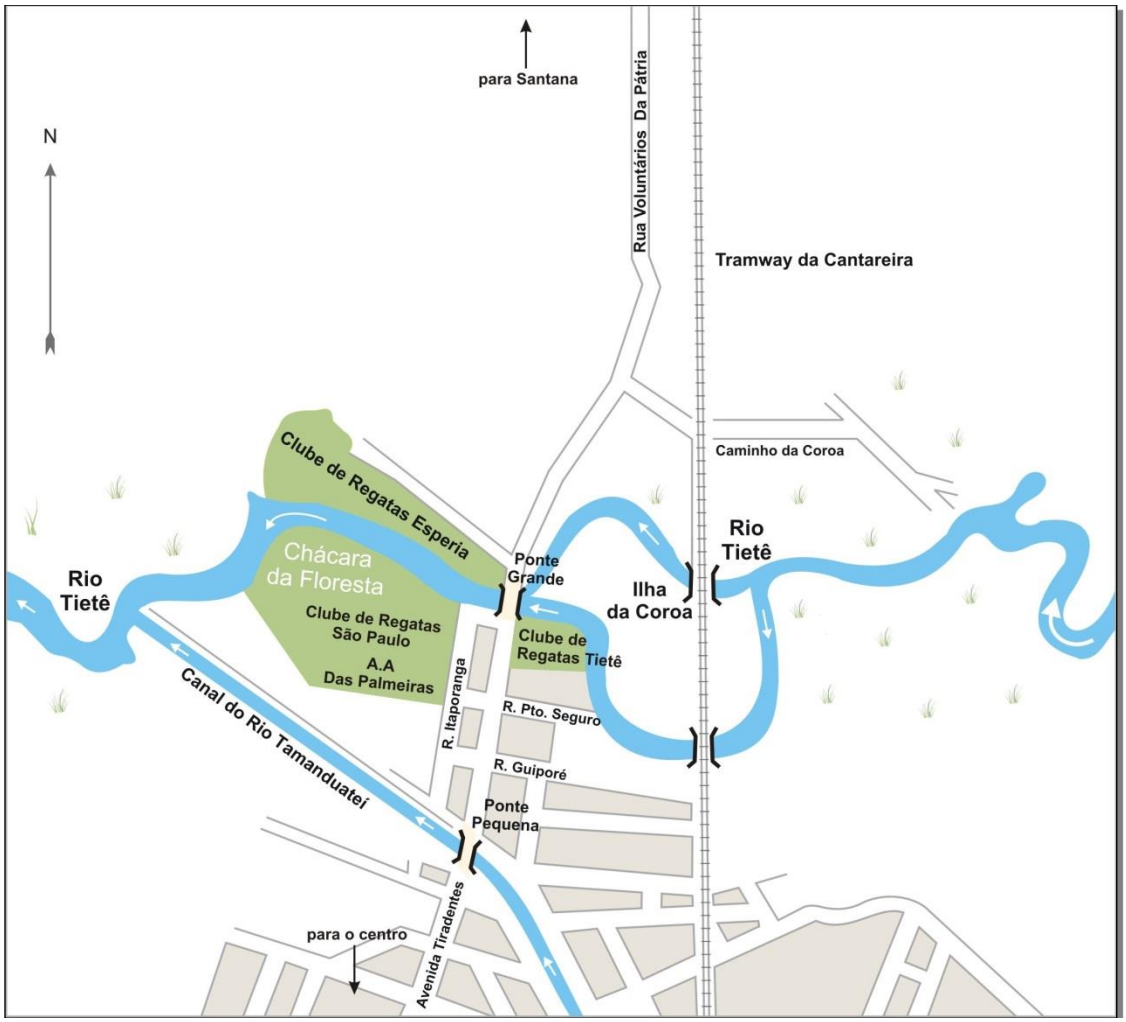


Fig. 10. No bairro da Ponte Grande ficava o trecho do rio Tietê onde aconteciam as regatas.

Desde 1907, o *Club de Regatas* promoveu encontros esportivos semanais para as esposas, irmãs e filhas dos atletas e foi seguido pelo CAP no velódromo da Consolação. [78] Chamadas de *garden party*, ou de *five o'clock tea*, essas reuniões para familiares de sócios e convidados deram inicio à inclusão feminina na convivência dos clubes, através dos jogos mistos. [79] Moças e rapazes jogaram diavolo, pelota, malha, ping-pong, peteca e croquete para o afrouxamento das convenções. Aos poucos, o remo feminino foi admitido nas competições. Em junho de 1907, sob a orientação de Maercio Munhoz, mulheres começaram a treinar o *lawn-tennis* nas quadras do Velódromo Paulista, conforme registrou um jornalista:

> As senhoras que ontem fizeram ao *Club Athletico Paulistano* a honra da sua visita estiveram algo tímidas. É natural.
>
> Os exercícios físicos das senhoras tais como o compreende a educação moderna ainda não estão completamente difundidos em nossa sociedade. Por enquanto isso parece apenas privilégio de alguns povos da Europa, notadamente do povo inglês.
>
> Não é, pois, sem alguma dificuldade que as nossas moças se desfazem de seus *devant droit* para tomarem de uma *racket* e ao ar livre, pisando com agilidade o *court*, disputarem um *mix-double.* [80]

Progressivamente, o SPAC, o CAP, o SCG, a AAP e o *Santos Athletic Club* incluíram moças como praticantes regulares do tênis. Tal como havia acontecido no ciclismo, o remo e o tênis impuseram para as *sportswomen* o uso de roupas folgadas, que soltavam e delineavam os movimentos do corpo. A moda acompanhou a mudança dos costumes para vestir as jovens que desejavam sinalizar um estilo de comportamento mais liberal. Ainda que os trajes da época nos pareçam austeros e quentes para atividades físicas, eles substituíam modelos bem mais pesados. Tornaram *démodés* as rendas, os corpetes, as cintas, as barbatanas, os coletes, os espartilhos, as crinolinas (armações) e as *tournures* (anquinhas) que outrora abundavam nas arquibancadas do hipódromo da Mooca.

O tênis foi uma modalidade importante para o relacionamento entre gêneros, como o que floresceu nas quadras localizadas atrás das sebes de pinheiros do velódromo da Consolação, fora do burburinho das arquibancadas. Antes disso, aquele era um espaço masculino. Foi o primeiro esporte claramente aceito para a prática conjunta entre sexos

---

[78] *O Estado de São Paulo*, 14 jun. 1907, p. 3; 31 jan. 1908, p. 4; 2 fev. 1908, p. 3; 14 fev. 1908 p. 4; 13 jun. 1908, p. 3; 3 out. 1908, p. 3; 20 nov. 1908, p. 4; 3 fev. 1909, p. 5.

[79] V. *Club Atlhetico Paulistano*: um clube que cresceu com a cidade. São Paulo: CAP, 1970, p. 30-31; BRANDÃO, Ignácio L. *Club Athletico Paulistano*: corpo e alma de um clube centenário, 1900-2000. São Paulo: CAP, 2000, p. 26-27.

[80] Cf. *O Estado de São Paulo*, 14 jun. 1907, p. 3; 23 set. 1908, p. 4; 20 mar. 1914, p. 7.

e, como tal, favoreceu o início de namoros entre filhos e filhas de famílias ricas. [81] Pois ampliava o círculo de jovens conhecidos na pequena camada dominante que se autodenominava como "a melhor sociedade", incluindo parceiros escolhidos em outros clubes. Permitia encontros em ocasiões programadas, em ambientes exclusivos e sem a intermediação dos pais.

Fig. 11. Jogos mistos de tênis no Velódromo Paulista. Revista *A Vida Moderna*, 1914.

[81] V. HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 257, 288-289.

O clube como recinto de convívio ganhou tanta importância quanto a de local para atividades físicas. Com o tênis o sentido social-recreativo ficou acentuado. Ao contrário do futebol, as partidas eram assistidas apenas por associados, familiares e convidados. Os jogos mistos motivavam extensas reuniões de amigos, não só de praticantes. Somente em 1914 o tênis feminino foi admitido no campeonato interclubes – que existia para o masculino desde 1906 – para a disputa da Taça Antonio Prado Junior. [82] Certa vez, para justificar a exclusão do público comum, Maercio Munhoz disse que "o tênis não está ao alcance das arquibancadas", pois só os poucos que estão à altura de praticá-lo podem entender suas sutilezas, enquanto aos profanos dá sono, como o xadrez ou a música clássica. [83]

Sem alarde, o CAP extrapolou o modesto objetivo anunciado nas suas origens: o de se dedicar à educação física dos rapazes. Era uma mudança expressiva para o caráter da agremiação. Muito além dos exercícios masculinos, ele contribuiu para dar coesão social de um diminuto estrato de elite, contrabalançando em parte o esgarçamento dos laços familiares. Alargava o tempo de lazer misto dos jovens fora do estrito âmbito doméstico e os protegia contra assédios indesejados. Em dias comuns, a distração nos discretos jardins internos do Velódromo Paulista contrastava com a visão dos torcedores apaixonados pelos símbolos do clube que ocupavam as arquibancadas e gerais nos finais de semana. O time de futebol se encarregava de manter a torcida cativada. Era a dupla face do clube, com funções complementares: dar identidade ao grupo de convivência restrita e cultuar seus símbolos em espetáculos abertos ao público.

O esporte sobre rodas

Além das competições atléticas, outros tipos de esporte chamavam atenção daqueles que podiam dispor de muito dinheiro: o automobilismo e o motociclismo. Quem viajava regularmente para a Europa estava familiarizado com o turismo motorizado, uma forma de diversão esportiva que lá havia evoluído a partir do ciclismo, frequentemente associada ao *picnic* a céu aberto, ao montanhismo ou ao banho de mar, para revisitar a natureza. [84] Em São Paulo aconteciam as corridas de veículos em páreos, de vez em quando, no hipódromo da Mooca e no parque Antártica. O esporte a motor era pouco praticado fora das cidades, pois raros eram os trechos de estradas que

[82] *O Estado de São Paulo*, 23 set. 1908, p. 4.
[83] Cf. *O Estado de São Paulo*, 9 fev. 1919, p. 7.
[84] RAUCH, André. As férias e a natureza revisitada (1830-1939). In: CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 93-135.

suportavam o trânsito de veículos, também porque não existiam postos de abastecimento e auxílio mecânico a distâncias maiores. A gasolina chegava em latas da França e dos Estados Unidos, o motorista era obrigado a transportar algumas de reserva. Em todo o país havia pouco mais de setecentos automóveis, a maioria deles era exibida pelos felizardos proprietários como brinquedos urbanos de alto luxo.

Uma sequência de fatos ocorridos em 1908 foi decisiva para o desenvolvimento do automobilismo. [85] Em 7 de março o Conde Jacques Bouly de Lesdain partiu em viagem de automóvel do Rio de Janeiro para São Paulo. [86] Lesdain era um diplomata francês de 27 anos, apaixonado pelas viagens exóticas. Ele havia feito *raids* no deserto de Gobi, no Himalaia, na China, na Índia, na Austrália, no norte da África e na América do Norte. [87] Gabava-se por ter visitado o Dalai Lama de carro. Sua família era sócia da fábrica de automóveis Brasier, marca que ele promovia com essas viagens de resistência. No Rio conseguiu a façanha de subir o morro Corcovado, conduziu seu automóvel pelo único caminho então possível: a pequena linha do trenzinho turístico. [88]

As antigas estradas usadas por tropeiros entre São Paulo e o Rio estavam semi-abandonadas desde que a ligação ferroviária ficara estabelecida. Por trem o percurso entre as duas cidades tinha 496 Km, mas foi estimado que Lesdain rodou mais de 700 Km nos 35 dias da viagem que fez. [89] É impossível confirmar hoje o percurso do Brasier 16CV do francês. Para contornar barreiras ele seguiu por trechos de leito ferroviário, se perdeu algumas vezes e atolou outras tantas em caminhos secundários. Precisou contar com as orientações dos moradores locais, nem sempre corretas, e o apoio de três motoristas de praça franceses que contratou no Rio, como *chauffers*, mecânicos e interpretes: Henri Trotel, Gaston Conte e Albert Vivès. Uma proeza que os automobilistas de São Paulo acompanharam pelos telegramas que chegavam às redações dos jornais. Em 11 de abril, vários paulistanos seguiram em caravana para receber o viajante aventureiro na entrada da cidade, na Penha. No dia seguinte ele recebeu homenagens em banquete oferecido na casa do Conde Alvares Penteado.

---

[85] GONÇALVES, Vergniaud C. *A primeira corrida na América do Sul*. São Paulo: Empresa das Artes, 1988, p. 38-46; *O Estado de São Paulo*, 28 nov. 1952, p. 7

[86] *Correio da Manhã*, 11 mar. 1908, p. 2; *Gazeta de Notícias*, 7 mar. 1908, p. 2; 14 mar. 1908, p. 2; *O Estado de São Paulo*, 27 mar. 1908, p. 3.

[87] V. LESDAIN, Comte de. *En Mongolie*. Paris: Challamel, 1903; Idem. *Voyage au Thibet par la Mongolie, de Pékin aux Indes*. Paris: Plon, 1908.

[88] *Correio da Manhã*, 19 fev. 1908, p. 2; *Correio Paulistano*, 20 fev. 1908, p. 3.

[89] *O Estado de São Paulo*, 12 abr. 1908, p. 2; 13 abr. 1908, p. 2; *Correio Paulistano*, 12 abr. 1908, p. 5.

Fig. 12. O Conde de Lesdain e seus companheiros de viagem na cidade de Cruzeiro. Ao lado dele (de botas), está o major Barbosa da Silva, um fazendeiro da região.

O feito épico e inesperado do nobre estrangeiro desencadeou reações nacionalistas imediatas. Os Silva Prado fizeram um convite à Lesdain, em tom de desafio, para um *raid* até Santos. [90] O conde preferiu não participar e os *sportsmen* paulistanos partiram por conta própria no dia 16 de abril. Eram dois automóveis, Paulo Prado dirigia o seu Sizaire-Naudin 12CV e Antonio Prado Junior o Motobloc 30CV que pertencia ao seu companheiro de viagem, Clovis Glycerio, representante comercial dessa marca de carros franceses. O jornalista Mario Cardim, o sertanista Bento Canabarro e dois mecânicos contratados completavam o grupo. O itinerário pela velha estrada do Vergueiro estava bem descrito por ciclistas que nos anos anteriores fizeram excursões ao litoral. Construído para o trânsito de mulas, o caminho era estreito e mal conservado. [91] Os automobilistas avançaram lentamente e foram obrigados a pernoitar no alto da serra. Paulo Prado desistiu da aventura na manhã seguinte, alegando compromisso de negócios. A remoção de rochas do caminho atrasou ainda mais a viagem no arriscado percurso de descida, com oitocentos metros de desnível total entre a borda do planalto e a baixada litorânea. Enfim, da capital ao porto, a distância de 66 Km foi completada em 37 horas. [92]

[90] *O Estado de São Paulo*, 16 abr. 1908, p. 4.
[91] *O Estado de São Paulo*, 19 abr. 1908, p. 2; 22 abr. 1908, p. 4; 12 jul. 1936, p. 16; 17 abr. 1938, p. 14.
[92] GONÇALVES, V. C. (1988). *Op. cit.*, p. 50-55; COSTA, Lauro. *O alvorecer do automóvel em Piratininga*: breves notas sobre veículos e transportes de São Paulo. São Paulo: Gráfica Biblos, 1956, p.

A glória obtida no *raid* pioneiro à Santos não foi suficiente para acalmar os automobilistas paulistanos, exaltados pela presença do conde francês. Em poucos dias uma campanha entre eles arrecadou a elevada quantia de dezesseis contos de réis para formar um novo clube. [93] Parecia coisa importante a se fazer, pois os cariocas tinham uma experiência frustrada na organização do esporte a motor e podiam ser superados naquele momento. No ano anterior havia sido fundado no Rio de Janeiro o *Automóvel Club do Brasil* e os automobilistas cariocas tentaram realizar uma corrida comemorativa no bairro de Botafogo, marcada para o dia 17 de março de 1907. Dois dos cinco pilotos então inscritos eram paulistas convidados: Silvio Alvares Penteado e Cassio da Silva Prado. [94] Foi um grande fiasco. A polícia cancelou a competição na véspera, por ser "contrária à postura municipal que restringe a velocidade dos automóveis dentro do perímetro da cidade". [95] Os esportistas de São Paulo desejavam, pois, aproveitar a visita do Conde de Lesdain para exibir a sua competência política e o adiantamento da cidade. O *Automóvel Club de São Paulo* foi fundado às pressas, em 11 de junho de 1908, sob a presidência do conselheiro Antonio Prado, com um patrimônio arrecadado que já chegava a cinquenta contos de réis. Tinha como objetivo mais imediato organizar uma grande corrida, com a participação do nobre francês e de pilotos cariocas. [96]

A prova, batizada como Circuito de Itapecerica, seguiria por antigos caminhos que Washington Luis – então secretário de justiça e segurança pública do governo estadual – havia explorado nos arredores da cidade no mês de março. [97] Tudo indica que ele começou a planejar a corrida enquanto o ilustre piloto francês ainda sofria nas estradas lamacentas do vale do Paraíba para chegar à São Paulo. No itinerário pitoresco proposto por Washington Luis, os corredores sairiam do parque Antártica, um a um, passariam por Pinheiros, Embu, Itapecerica, Santo Amaro, voltando ao ponto de partida pela avenida Paulista. Correriam contra o relógio, ou seja, sairia vencedor o piloto com menor tempo, em uma única volta de 75 Km. O consulado da França, que defendia os interesses dos fabricantes de veículos daquele país, propôs que a competição fosse realizada no dia 14 de julho, em comemoração à data nacional da "pátria do automobilismo". Mas a pedido dos cariocas ela foi adiada por duas semanas.

32-35; MELO, Victor A. O automóvel, o automobilismo e a modernidade no Brasil (1891-1908). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 30 (1): 187-203, 2008.

[93] *O Estado de São Paulo*, 19 mai. 1908, p. 3; 27 mai. 1908, p. 4; 29 mai. 1908, p. 3.

[94] *O Paiz*, 10 mar. 1907, p. 2; *O Estado de São Paulo*, 11 mar. 1907, p. 2; *Correio Paulistano*, 14 mar. 1907, p. 4; *Revista da Semana*, 7 abr. 1907, p. 4568-4569.

[95] Cf. *O Paiz*, 15 mar. 1907, p. 3.

[96] *O Estado de São Paulo*, 12 jun. 1908, p. 4.

[97] *O Estado de São Paulo*, 20 mar. 1908, p. 3; 29 mai. 1908, p. 3; 12 jul. 1908, p. 3; 19 ago. 1912, p. 6.

Reprogramada para 26 de julho de 1908, a corrida agitou a cidade. Exigiu a preparação detalhada do trajeto, quase todo em terra batida, o policiamento de 450 soldados e uma equipe médica de prontidão. Incontáveis vistorias foram feitas para a sinalização do percurso e o reconhecimento dos competidores. Dezenove concorrentes estavam inscritos em cinco categorias de veículos, três deles eram motociclistas. [98] Estavam proibidos de participar os profissionais, isto é, "mecânicos assalariados". Cinco pilotos cariocas trouxeram suas máquinas por trem. Entre os carros paulistas, quatro eram da parentela Silva Prado: dos irmãos Paulo, Luis e Antonio Junior e do cunhado deste, Silvio Penteado.

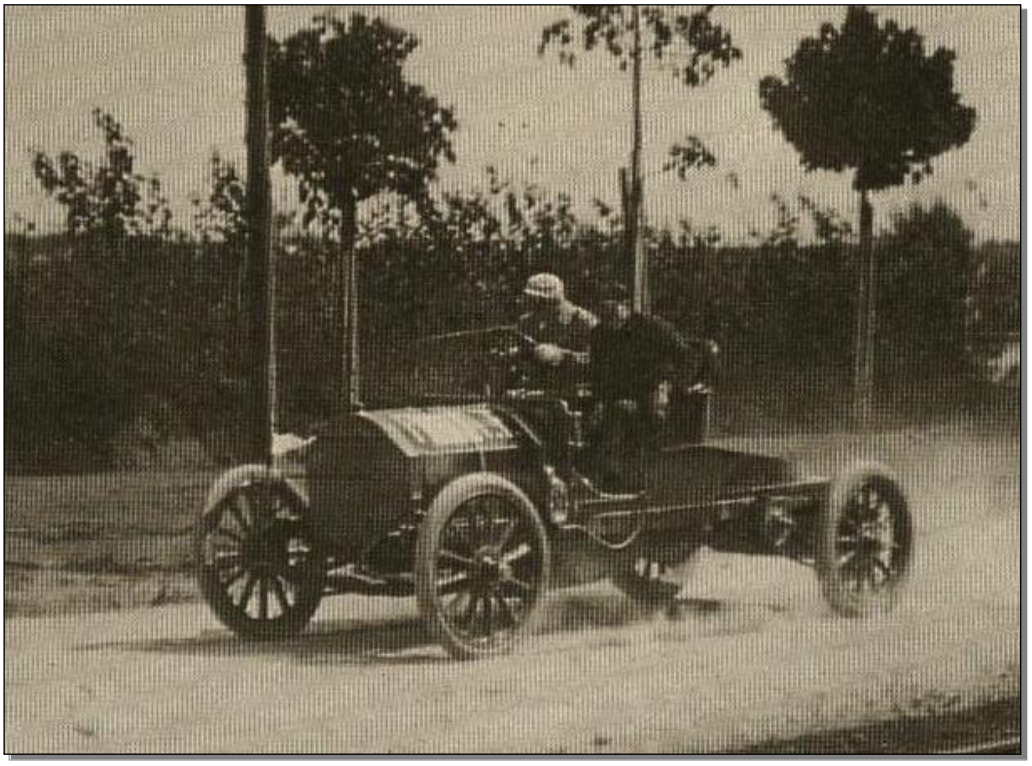


Fig. **13.** O FIAT 40CV pilotado por Silvio Penteado no circuito de Itapecerica. Revista *O Malho*, 1908.

Não conseguiram largar os automóveis de Luis Prado e do Conde de Lesdain, por terem se acidentado antes mesmo de entrar no parque Antártica. Isso frustrou a expectativa de muitos apostadores, pois segundo um *bookmaker* da galeria Cruzeiro o movimento das pules indicava o francês como um dos favoritos. Doze carros e duas motocicletas terminaram a prova e Silvio Penteado foi declarado campeão com o tempo de 1h 30' 05" (média de 50 Km/h), ao volante de um FIAT 40CV de fabricação italiana.

[98] *O Estado de São Paulo*, 14 jun. 1908, p. 3; 22 jun. 1908, p. 4; 13 jul. 1908, p. 5; 19 jul. 1908, p. 3; 22 jul. 1908, p. 4; 24 jul. 1908, p. 3; 25 jul. 1908, p. 3; 26 jul. 1908, p. 4; 27 jul. 1908, p. 3; *Correio Paulistano*, 12 jun. 1908, p. 4; 25 jul. 1908, p. 4; 26 jul. 1908, p. 1; 27 jul. 1908, p. 2.

[99] Antonio Prado Junior foi o melhor na categoria das *voiturettes*, a sua Delage 8-9CV completou o trajeto em 2h 00' 48".

A era dos grandes *raids*

Havia planos para repetir anualmente o Circuito de Itapecerica, o que não aconteceu de fato. O interesse dos automobilistas "bandeirantes" se concentrou nos *raids* e no turismo rodoviário. Eles assumiram o papel de desbravadores dos sertões em versão modernista. Eduardo (Edu) Pacheco Chaves e amigos conseguiram chegar de carro a Jundiaí em maio 1908. [100] O Conde de Lesdain atingiu a cidade de Campinas por automóvel em fevereiro de 1909. [101] Em agosto de 1912 três carros, dirigidos por Cassio Prado, Elias Pacheco Chaves Junior e Antonio Prado Junior chegaram a Bragança Paulista. [102] Em setembro de 1912, Prado Junior, Washington Luís e amigos foram em carros até a fazenda Santa Veridiana, em Santa Cruz das Palmeiras. [103] Noutra viagem do mesmo grupo, com a inclusão do aviador Santos-Dumont, a cidade de Ribeirão Preto foi atingida em junho de 1913. [104] A dupla Prado Junior e Washington Luís fez também uma longa e complicada excursão automobilística à Curitiba, em outubro de 1913. [105] A moda do *raid* rodoviário se alastrou pelo interior paulista. A todo o momento fazendeiros anunciavam viagens pioneiras para lugares remotos e pitorescos *picnics* motorizados.

O conselheiro Antonio Prado presidiu o *Automóvel Club de São Paulo* durante quinze anos (1908-1923) e foi sucedido pelo filho mais velho, Paulo Prado (1924-1926). Em janeiro de 1909, sete meses após a fundação, a luxuosa sede do clube foi inaugurada à rua São Bento. [106] Poucos anos depois, em 1913, ela foi transferida para um dos imponentes palacetes Prates, edifícios gêmeos, debruçados sobre o recém-ajardinado parque do Anhangabaú. O prédio do clube fazia par perfeito com o da prefeitura, símbolos da riqueza paulista. Assim como acontecia no *Jockey Club*, a sede social do *Automóvel Club* abriu seus salões – ambientes exclusivamente masculinos – para contatos informais entre os membros do estrato governante. Os estatutos do clube identificavam como primeira finalidade "conseguir dos poderes públicos a conservação

[99] *O Estado de São Paulo*, 28 jul. 1908, p. 4. V. GONÇALVES, V. C. (1988). *Op. cit*., p. 58-77.
[100] *O Estado de São Paulo*, 2 mai. 1908, p. 4;
[101] *O Estado de São Paulo*, 11 fev. 1909, p. 8.
[102] *O Estado de São Paulo*, 27 ago. 1912, p. 5.
[103] *O Estado de São Paulo*, 15 set. 1912, p. 4-5.
[104] *O Estado de São Paulo*, 30 jun. 1913, p. 6.
[105] *O Estado de São Paulo*, 8 out. 1913, p. 8; 11 set. 1913, p. 6; 25 set. 1913, p. 6.
[106] *O Estado de São Paulo*, 17 jan. 1909, p. 4-5.

das antigas estradas e abertura de novas estradas de rodagem e de regularização do tráfego nas mesmas". [107] Poderes públicos com os quais os próprios sócios estavam entrelaçados através das intrincadas relações de cargos, compromissos e parentescos. A dotação de verbas para a construção de estradas e a supervisão de todo o sistema viário paulista, fundamental para o comércio exportador de café, cabia à secretaria da agricultura. Mais tarde, um dos ilustres fundadores do clube, Washington Luis, transformou esse objetivo em lema de programa político: "governar é abrir estradas". Meta com pleno sentido para a pequena e poderosa elite fazendeira que queria usar seus automóveis em passeios confortáveis e esperava melhorar o transporte para as lavouras mais distantes das linhas ferroviárias.

Como se nota, a diversidade de escolhas para a vida esportiva, o alto custo das novas modalidades, a sofisticação das regras de etiqueta e a condição social para ser aceito nessas agremiações, ofereciam aos jovens ricos opções de lazer cada vez mais restritivas. Eram novidades particularmente atraentes para o gosto esportivo daqueles que tinham idade um pouco mais elevada e, ao completarem os estudos superiores, se afastavam dos jogos atléticos. Quanto mais as competições entre equipes eram divulgadas pela cidade, maior era, em sentido oposto, o refinamento dos esportes individualizados. Quanto mais rápida era a ascensão econômica dos capitalistas de origem imigrante, sobretudo italianos e árabes, mais requintadas e esnobes eram as normas de representação social nos círculos freqüentados pelo patriciado da terra.

Outro clube equestre se juntou ao grupo de associações altamente seletivas, a *Sociedade Hípica Paulista*, fundada em 1911 para promover concursos de saltos e caça à raposa nos arrabaldes da cidade [108]. O impulso foi dado pela chegada de uma missão miliar francesa, contratada para modernizar a Força Pública estadual, que contava entre seus oficiais com exímios cavaleiros formados pela escola de equitação de Saumur. A *Hípica* foi instalada no jardim da Aclimação e em 1917 inaugurou sede social no palacete Prates, vizinha do *Automóvel Club.* [109] Moças foram imediatamente incluídas no hipismo, pois algumas já o praticavam na Europa. Elas começaram a cavalgar por ruas e estradas da periferia São Paulo usando saias, sentadas em selas laterais (*sidesaddle*) que evitavam o modo masculino de montar (*califourchon*), sempre

[107] Cf. *O Estado de São Paulo*, 12 jun. 1908, p. 4; 12 jan. 1913, p. 8; 5 mar. 1918, p. 6; *Correio Paulistano*, 12 jun. 1908, p. 2-3.
[108] *O Estado de São Paulo*, 4 ago. 1913, p. 6; 23 out. 1913, p. 7; 4 set. 1916, p. 5. Um dos cavaleiros fazia o papel de raposa e não se usavam cães de caça.
[109] V. GORDINHO, Margarida C. (coord.). *Sociedade Hípica Paulista*: 75 anos. São Paulo: Marca D'Água, 1987, p. 15-57.

acompanhadas por familiares. Era mais um esporte ao ar livre para prática conjunta entre gêneros. Mesmo assim, os salões do clube no centro da cidade não eram considerados locais adequados para a presença das amazonas, só os cavaleiros frequentavam.

Fig. 14. Em setembro de 1916 coube a Antonio Prado Junior e a sua filha adolescente, Maria Helena, organizar uma *chasse au renard* (caça à raposa), que partiu do parque Antártica em direção à Freguesia do Ó.

O contraste entre os patrimônios desses novos clubes e os de futebol, adequados ao prestígio político que cada modalidade tinha, eram indícios de que o interesse dos esportistas ricos em participar dos jogos de espetáculos diminuía. Nessa mesma época a LPF passava por penúrias. Além do velódromo da Consolação, o campo oficial para os jogos de campeonato, estar ameaçado de loteamento, a família Souza Queiroz se desfez do antigo casarão onde a liga de futebol e o SCI funcionavam, havia muitos anos, na esquina das ruas São Bento e José Bonifácio. A LPF permaneceu desalojada, as esporádicas reuniões da diretoria eram marcadas em escritórios emprestados. Por algum tempo elas aconteceram no edifício Martinico Prado, em sala cedida pelos serviços de taquigrafia do legislativo paulista, fora do horário de expediente e graças à autorização dada pelo major Luiz Fonseca e por Numa de Oliveira.

Asas para alguns

Se o tênis, o automobilismo e o hipismo eram, sem dúvida, lazeres para uma minoria endinheirada, outro esporte emergente foi ainda mais exclusivo. A aviação exigia, além de grande dose de arrojo pessoal, uma condição de vida abastada. Os filhos de fazendeiros paulistas acompanharam eufóricos as notícias sobre um moço que cresceu entre as lavouras de café do interior e alcançou fama nos céus de Paris. Alberto Santos-Dumont tinha 28 anos de idade, em 1901, quando conquistou o prêmio Deutsch, por ter contornado a torre Eiffel com seu balão dirigível e voltado ao ponto de partida no tempo de meia hora. Em 1906, aos 33 anos, ele venceu os prêmios Archdeacon e Aeroclube da França por levantar vôo com um veículo auto-propelido mais pesado que o ar: o avião 14Bis.

Le Petit Journal

Le Petit Journal 5 Centimes SUPPLÉMENT ILLUSTRÉ 5 Centimes ABONNEMENTS

Le Supplément illustré

DIMANCHE 25 NOVEMBRE 1900

UNE SENSATIONNELLE EXPÉRIENCE D'AVIATION AU BOIS DE BOULOGNE

M. Santos-Dumont à bord de son aéroplane

Fig. 15. Jornal francês comemora o feito de Santos-Dumont no Bois de Boulogne, em 1906. Acervo da Bibliothèque Nationale de France.

Os doze anos de ócio criativo que Santos-Dumont dedicou ao desenvolvimento das suas máquinas voadoras (1898-1910) consumiram boa parte da imensa fortuna deixada pelo pai, Henrique Dumont, um "rei do café" de Ribeirão Preto, falecido prematuramente. [110] Santos-Dumont tinha um talento excepcional para os maquinismos, mas não era um exemplo isolado de coragem e voluntarismo, pois Paris fervilhava com as experiências de jovens ousados, vindos de diferentes partes do mundo. Eles chegavam com os bolsos suficientemente cheios para viver o sonho de voar em balões ou testar os primeiros aviões. Principalmente a partir de 1909, quando os aparelhos "mais pesados que o ar" adquiriram maior autonomia e segurança.

Diversos rapazes brasileiros acompanharam esse movimento de perto. Entre eles estavam Antonio Prado Junior, seu primo Edu Chaves, e seus cunhados Silvio e Armando Penteado, que cultivaram profunda amizade com Santos-Dumont. [111] Eles aprenderam a voar nas sucessivas temporadas parisienses e lá montaram, ou compraram, seus próprios aparelhos. Os avanços da aviação eram impressionantes. Em poucos anos de evolução técnica, aviões razoavelmente confiáveis começaram a ser fabricados em série e a ostentar as marcas comerciais dos seus criadores. Uma breve sequência de exemplos, envolvendo esse pequeno grupo de aviadores paulistas, deixa perceber as mudanças na tecnologia que trouxeram para o Brasil.

Silvio Penteado tinha 22 anos quando trouxe à São Paulo um balão alaranjado, construído com seda chinesa encerada. Batizou-o com o nome desta cidade e fez um vôo pioneiro até Mogi Mirim, no final de 1905. [112] Seu irmão, Armando Penteado, foi além do balonismo. Aos 23 anos, formado engenheiro na Inglaterra e com experiência adquirida na aviação francesa, ele projetou e construiu seu próprio avião na chácara que a família possuía em São Paulo, no vale do riacho Pacaembu. As figuras do inventor e do piloto ainda se confundiam na mesma pessoa. Armando pretendia ser o primeiro a voar na cidade sem o auxilio de balão, em julho de 1908. Contudo, um acidente na oficina destruiu o motor do aparelho e frustrou a tentativa programada para o parque Antártica. [113] Então ele abandonou o projeto. Edu Chaves tinha 24 anos, no início de

---

[110] V. COHEN, Marleine. *Santos-Dumont*: sim, sou eu, Alberto. São Paulo: Globo, 2006, p. 11-59; HOFFMAN, Paul. *Asas da loucura*: a extraordinária vida de Santos-Dumont. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 29-65; BARROS, Henrique L. *Santos-Dumont e a invenção do vôo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 34-65.

[111] HOMEM, Maria C. *Higienópolis*: grandeza de um bairro paulistano. 2ª. ed. São Paulo: EDUSP, 2011, p. 98.

[112] *O Estado de São Paulo*, 3 dez. 1905, p. 3; 29 jul. 1907, p. 4; *O Paiz*, 2 ago. 1907, p. 8.

[113] *O Estado de São Paulo*, 20 jun. 1908, p. 2; *Correio Paulistano*, 20 jun. 1908, p. 3; *Gazeta de Notícias*, 21 jun. 1908, p. 8; *O Pharol*, 3 jul. 1908, p. 1; *A Vida Moderna*, jul. 1908.

1912, quando desembarcou no cais de Santos caixotes contendo as partes de um Blériot 50HP, avião produzido em série nas oficinas de Louis Blériot, astro da aviação francesa. Edu fez a montagem na praia de José Menino e logo alçou voo. [114] Em meia dúzia de anos a aviação dera saltos tecnológicos e estava ao alcance dos ricaços.

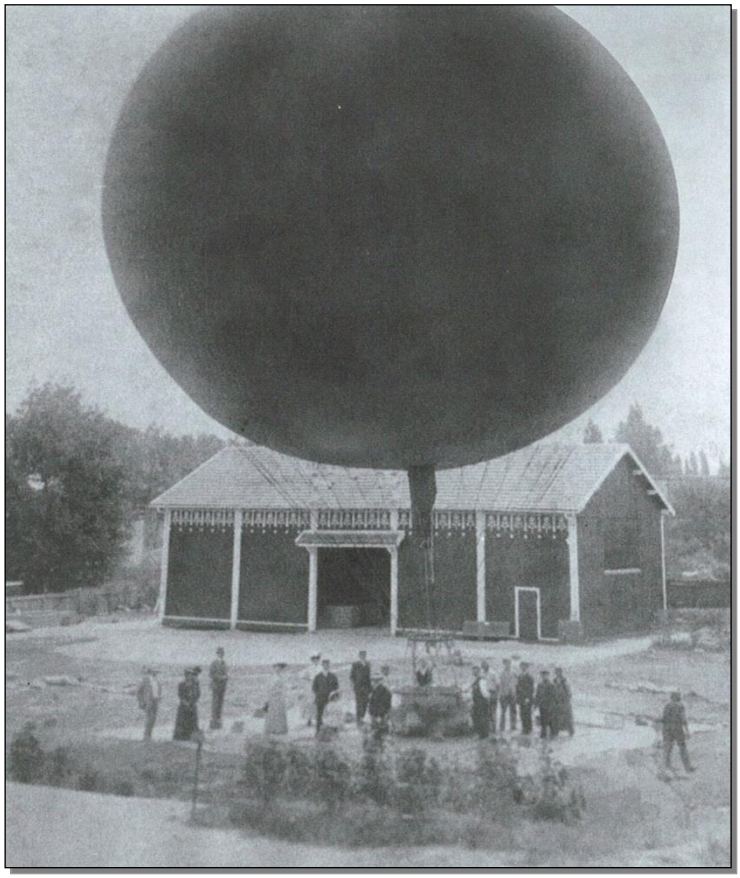


Fig. 16. O balão de Antonio Prado Junior em Paris.

Assim como o automobilismo, a aviação esportiva visava estabelecer fatos inéditos: os *records*. As viagens em *raids* pioneiros adotavam o princípio oposto ao dos jogos coletivos, destacavam os valores individuais, a habilidade e o destemor do piloto. Entre os "bandeirantes do ar" Edu Chaves, filho de Anesia da Silva Prado e do falecido Elias Pacheco Chaves, foi aquele que alcançou maior prestígio no país, tendo em conta que Santos-Dumont abandonou cedo a aviação e jamais voou no Brasil. Edu Chaves conseguiu o *brevet* da *Federation Aeronautique Internacionale* em 1911 e pouco tempo depois venceu uma disputa, o Prêmio das Escalas, entre Paris e Orleans. Ao voltar para São Paulo, no ano seguinte, acompanhou em seu aparelho o vôo do francês Roland

[114] *O Estado de São Paulo*, 27 dez. 1970, p. 22.

Garros na primeira viagem entre Santos e a capital paulista. [115] Em abril de 1912 ele arriscou voar de São Paulo à capital federal. A gasolina acabou antes do objetivo e Edu foi obrigado a pousar nas águas da baia de Mangaratiba. Salvou-se a nado e perdeu o avião. [116] Em julho de 1914, em nova tentativa, ele chegou ao Rio de Janeiro depois de quatro horas e vinte e cinco minutos de viagem. [117]

Feitos extraordinários, suficientes para tornar Edu Chaves o mais celebrado *sportsman* de sua época. Anos mais tarde ele conseguiu proeza ainda maior: a primeira ligação aérea entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires [118]. Em meio aos elogios sem fim dirigidos ao piloto aparecia, aqui, ali e acolá, a ideia do heroísmo inato. Para a ideologia da época, as qualidades do "*recordman*" teriam sido herdadas dos antigos desbravadores paulistas. Edu foi comemorado como filho exemplar de uma raça civilizadora. Seu destino glorioso fora traçado pelas gerações ancestrais, relembradas a cada o momento:

> Eduardo Pacheco Chaves tem 24 anos e é um digno exemplar da nossa raça. Alto, musculoso, o "Edu" nas rodas esportivas de São Paulo reúne à beleza viril muita simpatia. Um *gentleman*, em absoluto, como, de resto, são todos os membros da família Prado-Chaves... [119]

> Não se pode evidenciar melhor quanto há de audácia e de temeridade no ato desse moço que, desamparado de qualquer socorro oficial, sem contar com socorro algum em caso de acidente, se arrojou aos ares, com a mesma fé e o mesmo ardor com que os seus antigos patrícios, os Bandeirantes, investiram os sertões do sul à devassa do desconhecido e do ignoto na ânsia de conduzir as bandeiras da civilização ao mais longo possível. [120]

> A terra fecunda em individualidades que se manifestam nas mais variadas modalidades do humano saber, o povo que produziu o vulto lendário do padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o infeliz visionário da "Passarola", e a figura nobilíssima de Santos-Dumont, o audaz conquistador dos ares, estava virtualmente destinada a ser a pátria de quem devia realizar a brilhante travessia de trás-ante-ontem. [121]

> ...acabaes de afirmar ainda uma vez a vossa indômita bravura, a vossa coragem tranquila, a vossa inflexível perseverança, a vossa rara energia, a vossa impávida serenidade, o vosso voluntário e soberbo sacrifício, desprezando os perigos mais instantes, síntese representativa da beleza moral da raça paulista, expressão do seu valor, do seu arrojo, do

---

[115] *A Vanguarda* (Santos, SP), 9 mar. 1912, p. 1; *Correio Paulistano*, 9 mar, 1912, p. 5; 10 mar. 1912, p. 4; *O Estado de São Paulo*, 9 mar. 1912, p. 3 e 5.
[116] *O Estado de São Paulo*, 29 abr. 1912, p. 3 e 5; 30 abr. 1912, p. 4-5; 1 mai. 1912, p. 1; 2 mai. 1912, p. 2; 7 mai. 1912, p. 2; 8 mai. 1912, p. 2; *O Paiz*, 29 abr. 1912, p. 1; 30 abr. 1912, p. 3; 1 mai. 1912, p. 3; 2 mai. 1912, p. 1.
[117] *Correio Paulistano*, 6 jul. 1914, p. 1; *O Estado de São Paulo*, 6 jul. 1914, p. 3; 7 jul. 1914, p. 5.
[118] *O Estado de São Paulo*, 30 dez. 1920, p. 3; 2 jan. 1921, p. 3; 3 jan. 1921, p. 3. V. SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 79-81.
[119] Cf. *Correio Paulistano*, 23 mar. 1912, p. 4.
[120] Cf. *O Estado de São Paulo*, 2 mai. 1912, p. 2.
[121] Cf. *O Paiz*, 1 mai. 1912, p. 3.

> seu heroísmo, personificação desse intangível patrimônio que é a fortuna de S. Paulo e a força propulsora de suas aspirações e dos seus destinos imortais. [122]

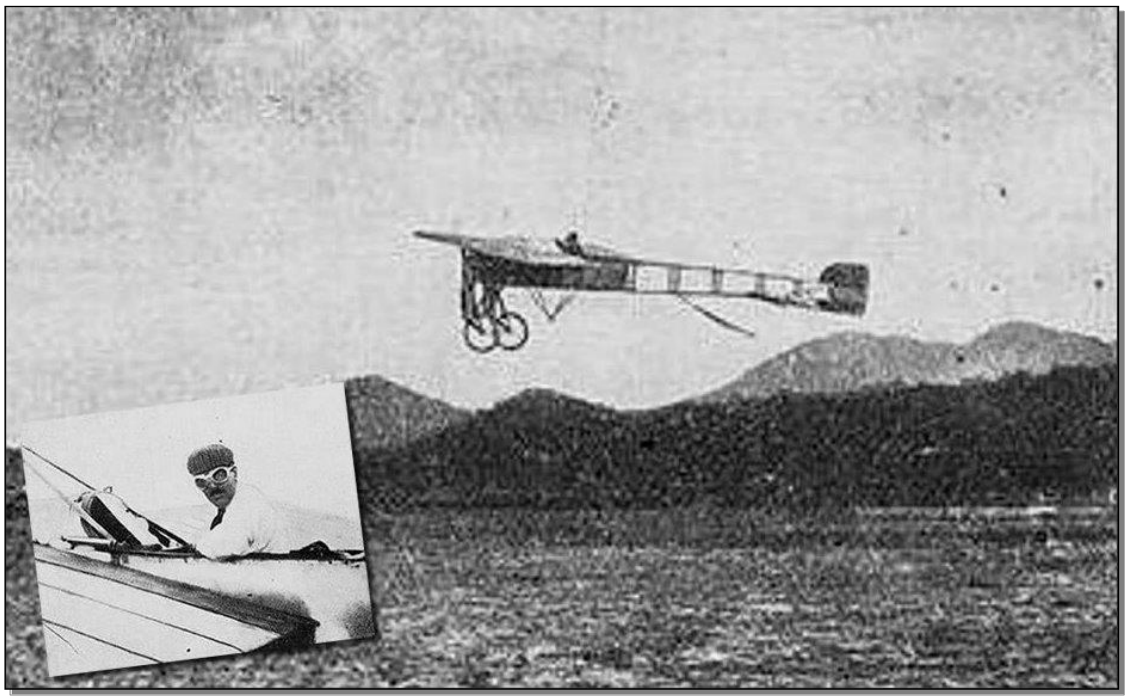


Fig. 17. Edu Chaves a bordo do seu Blériot no *raid* São Paulo - Rio de Janeiro. *Revista da Semana*, 1914.

A aviação esportiva não se limitou às travessias em longas distâncias. Ela foi imediatamente associada aos espetáculos esportivos, através das exibições acrobáticas que atraíam as multidões. As performances aéreas aconteciam especialmente sobre o parque Antártica e o hipódromo da Mooca. O velódromo da Consolação não servia como aeródromo, por falta de espaço para decolagem. A primeira e única tentativa feita lá acabou em morte trágica. Na véspera do natal de 1910, visando conquistar o prêmio oferecido ao primeiro que voasse na cidade, o italiano Giulio Picollo arriscou alçar vôo do campo de futebol. O tamanho do terreno gramado só foi suficiente para o aparelho subir meio metro. Ele tombou sobre a pista de ciclismo esmagando o piloto. Outro, Germano Ruggerone, conterrâneo e amigo de Picollo, decolou no mesmo dia do prado da Mooca e se consagrou como ídolo da colônia italiana. [123]

Nos anos anteriores à Primeira Guerra o hipódromo funcionou como aeródromo improvisado e a diretoria do *Jockey Club* soube aproveitar a grande atração. As acrobacias aéreas eram intercaladas entre os páreos de cavalos, fazendo o prado lotar de curiosos e apostadores. Além das apresentações de pilotos brasileiros, Gastão de Almeida (1910), Cicero Marques (1913) e Edu Chaves (1912-1914), a cada temporada

[122] Cf. *Correio Paulistano*, 24 jul. 1914, p. 3.
[123] *O Estado de São Paulo*, 25 dez. 1910, p. 4-5.

de corridas o hipódromo recebia estrangeiros contratados, franceses e italianos: Edmond Plauchut (1911), Roland Garros (1912), Gino Felice e Napoleone Rapini (1913) e Bartolomé Cattaneo (1914). [124]

O futebol em transformação

O declínio do interesse pelos espetáculos de futebol entre os mais ricos coincidiu também, não por acaso, com o aumento dos conflitos nos campos de jogo. Uma das principais causas de atritos era a má qualidade das arbitragens. Questão de difícil administração para a LPF, pois ela nunca conseguiu conciliar o ideal do *fair play* com o fenômeno do clubismo, intenso nos espetáculos. A liga insistiu em manter o princípio amador na escolha dos árbitros: dias antes da partida os times contendores, de comum acordo, indicavam um esportista "neutro" para apitar. Essa norma vinha do ideal liberal-elitista inglês. Ela pressupunha que *gentlemen* sabem manter o respeito entre si, bem como ao *referee* e, sobretudo, às regras estabelecidas. O próprio juiz deveria ser um *sportsman*. Vivia-se na ilusão de que os rapazes educados, jogadores e árbitro, resolveriam as dúvidas cordialmente, dentro de campo e no tempo regulamentar de jogo. Esse cavalheirismo romântico até funcionou, mal ou bem, nas primeiras experiências do futebol paulista e nos jogos amistosos, quando times considerados importantes visitavam a cidade e o cerimonial polido era retirado do armário.

A complacência acabava nos espetáculos corriqueiros, no campeonato municipal por pontos corridos, com os sentimentos clubistas à tona, exaltados pelas torcidas. Não raro, os erros de arbitragem e as ofensas em campo arranhavam a honra familiar e o prestígio do clube. Fora de campo transformavam as questões miúdas em polêmicas. Na posse do apito até os melhores futebolistas se revelavam, às vezes, maus intérpretes das regras. Na opinião de alguns, elas admitiriam mesmo leituras divergentes, subjetivas. A liga se comprometeu a selecionar os apitadores a partir de nomes indicados pelos clubes. Eles receberiam a interpretação adequada para cada regra, orientações sobre os tipos de lances que poderiam gerar dúvidas e seriam submetidos a teste de conhecimentos. Ao que tudo indica esse treinamento nunca foi rigoroso, se é que existiu mesmo.

[124] V. *O Estado de São Paulo*, 16 jan. 1910, p. 9; 7 jan. 1911, p. 6; 9 mar. 1911, p. 7; 15 fev. 1912, p. 5; 7 jan. 1913, p. 5; 11 mai. 1913, p. 9; 24 jan. 1913, p. 6; 13 mai. 1914, p. 8.

Desde o primeiro campeonato, além dos "juízes de linha" indicados para as laterais do campo, foi criada a função dos "juízes de gol", que não existia nas normas inglesas. Eles ficavam postados ao lado da trave para auxiliar o árbitro nos lances decisivos. É provável que essa invenção paulistana tenha sido adotada por influência dos esportes mais antigos, pois no turfe e no ciclismo sempre existiu a figura do "juiz de chegada". Foi uma boa inovação, apesar das controvérsias atiçadas por jogadores, vez ou outra, para confrontar a opinião dos auxiliares com a do árbitro da partida. [125]

Em 1908 os árbitros passaram a ser indicados pela liga, jogo a jogo, a partir da relação de nomes aprovada antes do início do campeonato, os clubes deixaram dar a palavra final. [126] Mesmo assim, as dificuldades persistiram, pois não existia de fato um quadro de árbitros. A lista era renovada de ano para ano e a pouca experiência prevalecia. Às vezes um juiz renunciava à função no meio do campeonato por ter sido vaiado ou então se recusava a apitar jogos de certo clube. Apesar das multas estipuladas pela liga, sequer surpreendia quando o árbitro escalado atrasava ou faltava. Nesses casos alguém assumia o apito de improviso para dar início à partida. Noutras ocasiões, só um dos juízes de gol aparecia em campo e o jogo seguia em frente assim mesmo. A cronometragem foi mais uma fonte de descuidos. Ela dependia inteiramente de um relógio (nem sempre confiável) no bolso do juiz (nem sempre atento). Os protestos contra minutos a mais e a menos, eram inevitáveis. A pressão dos torcedores poderia antecipar o apito final. Enfim, os critérios amadores não conviviam bem com o futebol de espetáculos, esse foi um problema recorrente ao longo dos anos. [127]

Na reforma estatutária de 1906, a LPF atribuiu ao conselho de representantes o poder de decidir sobre os desentendimentos gerados em campo. [128] No ano seguinte, o conselho deu ganho de causa ao protesto movido pelo SCG contra os erros cometidos pelo juiz, José Fernando de Macedo Soares, em jogo contra o SCI, ocorrido no dia 20 de outubro. O empate por 3x3 foi transformado, dez dias depois, em vitória do time alemão pelo surpreendente placar de 3x0. [129] Após o julgamento, a diretoria do SCG fez questão de tornar pública uma nota de esclarecimento em que manifestava a sua "confiança ilimitada" no árbitro, um jogador experiente do CAP e de família ilustre. A decisão não alterou o resultado do campeonato de 1907, vencido pelo SCI, mas abriu um sério

[125] V., p. ex., *O Estado de São Paulo*, 31 ago. 1908, p. 5; 17 jul. 1909, p. 4.
[126] *O Estado de São Paulo*, 12 mai. 1908, p. 4.
[127] V. *O Estado de São Paulo*, 12 mai. 1908, p. 4; 5 jul. 1909, p. 4; 26 jul. 1910, p. 5; 2 fev. 1916, p. 8; *Correio Paulistano*, 21 abr. 1914, p. 2; MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 107.
[128] V. CARDIM, Mário. *Guia do football*. 4ª. ed. São Paulo: Cardoso, 1906, p. 13.
[129] *Correio Paulistano*, 21 out., 1907, p. 3; *O Estado de São Paulo*, 30 out. 1907, p. 4.

precedente. Ela contrariou a conduta adotada nos anos anteriores, que entendia os erros de arbitragem como parte do jogo e, portanto, que as decisões tomadas dentro de campo seriam inapeláveis. Aberto um canal para recursos, nos campeonatos subsequentes cresceu o número de apelações dirigidas ao conselho da liga, pedindo a alteração do resultado ou a anulação do jogo.

O campeonato de 1909 foi particularmente tumultuado. Disputado por seis clubes, ele foi marcado pelo retorno triunfante da AAP após os dois anos de afastamento, conseqüentes à crise de 1906, discutida no capítulo anterior. O clube voltou com a imagem de time esnobe fortalecida. Em 1902 a AAP havia sido fundada na região de Santa Cecília por filhos de famílias comerciantes. [130] Porém, no seu retorno à coligação ela já representava setores importantes da elite cafeeira, perante o público ocupava posição equivalente à do CAP. O time de futebol sediado a chácara da Floresta – espaço que compartilhava com o *Clube de Regatas São Paulo* – continuava como um dos melhores da cidade. O CAP, time campeão do ano anterior, e a AAP, principal desafiante, voltaram a se confrontar como protagonistas. A equipe dos estudantes da AAMC estava desligada da LPF por determinação da diretoria do *Mackenzie College*. No seu lugar figurou o *Sport Club Americano*, da cidade de Santos. [131]

Uma sucessão de discussões em campo, de arbitragens desastradas, apelações ao conselho de representantes, resultados alterados após os jogos e recursos dirigidos à assembleia geral da entidade pelos clubes prejudicados, fez com que o presidente em exercício da LPF, major Luiz Fonseca, ameaçasse renunciar ao cargo em agosto de 1909. [132] A situação de quase descontrole obrigou à reforma dos estatutos em pleno andamento do campeonato. Foi revogada a possibilidade de recurso contra os erros dos juízes, ou seja, voltavam a valer apenas as decisões tomadas no tempo de jogo. Ficou, também, prevista uma comissão de sindicância para julgar o comportamento dos atletas. Ela deveria impedir a participação de quem não reunisse "qualidades de educação e honorabilidade pessoal". [133]

Para tentar reverter o rumo tomado nas exibições de futebol, com encontros cada vez mais agressivos, a liga marcou uma partida de confraternização. Um desafio cordial entre os times da elite, o CAP e a AAP, para dar exemplo ao público e aos demais

[130] *O Estado de São Paulo*, 9 nov. 1909, p. 8; FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit*., 27-30.
[131] FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 84-85.
[132] *O Estado de São Paulo*, 3 set. 1908, p. 4; 2 jul. 1909 p. 4; 5 jul. 1909, p. 4; 17 jul. 1909, p. 4; 21 ago. 1909, p. 5; 23 ago. 1909, p. 5; 25 ago. 1909, p. 5.
[133] Cf. *O Estado de São Paulo*, 3 set. 1909, p. 4.

clubes do "espírito nobre e elevado do *sport*, tal qual ele deve ser encarado pelos que o querem praticar verdadeiramente". [134] Os times demonstrariam, assim, que as magoas podiam ser superadas mesmo entre velhos rivais. Era um evento beneficente, parte da renda teve como destino a construção da nova igreja da Consolação e, por isso mesmo, ele foi bastante divulgado pelas moças que vendiam os ingressos às famílias. As arquibancadas do velódromo lotaram, como há muito não se via, incluindo a visita de um príncipe chinês, Liou She-Shun. [135] Na volta do vestiário, após o intervalo, o capitão do CAP surpreendeu ao oferecer uma *corbeille* de flores para o capitão adversário. Um gesto amplamente aplaudido e apoiado: "É um exemplo que necessita ser seguido pelos que querem a vitalidade do *football* entre nós e para que, de todo, desapareça esse acanhado modo de se considerarem os adversários como inimigos". [136]

Ainda assim, o campeonato seguiu tenso até a partida final, quando três times mantinham chances de conquistar a taça: SCI, CAP e AAP. No dia 21 de novembro de 1909 aconteceu um confronto decisivo no Velódromo Paulista. Para chegar ao título bastaria ao SCI uma vitória sobre o quarto colocado, o *S. C. Americano*. [137] Se empatasse o SCI ficaria igualado em pontos ao CAP e à AAP e eles teriam que disputar um triangular decisivo. O juiz escalado pela liga, o futebolista Octavio Bicudo, se recusou a apitar quando percebeu a tensão que envolvia a partida. No último momento, ele foi substituído por J. E. Stewart, capitão do time do SPAC e professor do *Mackenzie*. Em campo, os atletas do SCI abusaram das jogadas violentas e, após dois gols anulados por marcações de impedimentos (*offsides*), insultaram o juiz com o apoio de torcedores. A partida terminou empatada em 1x1 e Stewart foi ameaçado, quase agredido, nos vestiários. [138] A diretoria da liga se reuniu no dia seguinte e decretou a imediata suspensão, por seis meses, de dois jogadores do SCI, Juvenal da Silva Prado e João Facchini, bem como a advertência dos demais. [139] Em resposta, o presidente do SCI, Mario Prado, irmão de Juvenal e seu companheiro na equipe, recusou a punição, declarou que o clube estava solidário com seus atletas e pediu que o caso fosse encaminhado para a assembléia geral da entidade. No dia 25 de novembro a assembléia

[134] *O Estado de São Paulo*, 24 out. 1909, p. 5.
[135] *Correio Paulistano*, 23 out. 1909, p. 7; 25 out. 1909, p. 4.
[136] *O Estado de São Paulo*, 25 out. 1909, p. 4.
[137] *O Estado de São Paulo*, 20 nov. 1909, p. 6.
[138] *Correio Paulistano*, 22 nov. 1909, p. 5; *O Estado de São Paulo*, 22 nov. 1909, p. 5.
[139] *Correio Paulistano*, 23 nov. 1909, p. 5; *O Estado de São Paulo*, 23 nov. 1909, p. 5.

da LPF votou pela expulsão do SCI da coligação, por não ter acatado imediatamente a decisão da diretoria. [140]

Com isso, o CAP e a AAP ficaram sós na disputa do campeonato, empatados em quatorze pontos. O desempate aconteceu no campo neutro do parque Antártica, no dia 5 de dezembro. A AAP venceu por 2x1 e chegou ao seu primeiro título oficial, já que o de 1906 nunca foi confirmado [141]. Pela primeira vez a Taça Penteado foi transladada para chácara da Floresta, entregue em dia de grande festa no *Clube de Regatas*, pelo major Luiz Fonseca ao diretor esportivo da AAP, José Rubião – que três anos antes estava entre os dissidentes da liga. Em retribuição, o major recebeu uma *corbeille* de flores. [142] Parecia que a memória estava apaziguada nessas idas e vindas teatrais dos espetáculos de futebol.

Fig. 18. Time da *Associação Athletica das Palmeiras*, vencedor da Taça Penteado em 1909. José Rubião está sentado ao centro, com a mão na bola.

Os times mistos

Uma novidade importante surgida nos espetáculos futebol desse período foi a circulação provisória de jogadores entre os times da capital paulista ou vindos de outras cidades, até mesmo do exterior. A passagem de associados de um clube para outro já existia, era comum, desde as origens do esporte em São Paulo. A inovação estava com

[140] *Correio Paulistano*, 26 nov. 1909, p. 9; *O Estado de São Paulo*, 26 nov. 1909, p. 6.
[141] *O Estado de São Paulo*, 6 dez. 1909, p. 5.
[142] *O Estado de São Paulo*, 20 dez. 1909, p. 9.

aqueles que chegavam apenas para reforçar o time de futebol por uma ou duas temporadas, sem antes pertencer ao quadro de sócios. Ao contrário do acontecia nos primeiros anos do futebol, esses participantes especiais não precisavam pagar a joia de admissão e mensalidades para jogar, apenas assinavam a ficha de filiação. Figuravam nas exibições com os símbolos da agremiação, mesmo sem frequentar o seu espaço social no dia a dia. Naquela época não existia uma categoria específica para identificar os atletas nessa situação, eles não eram contratados. Para todos os efeitos continuavam amadores. Então, eles podem ser chamados aqui de "convidados", apenas como forma de diferenciá-los dos sócios regulares.

A LPF não questionava o tipo de vínculo mantido entre clubes e jogadores, nem fazia restrições aos temporários. Bastava que a relação dos componentes do time fosse apresentada um mês antes do início do campeonato, pois nenhum nome poderia constar por dois clubes ou trocar de equipe na mesma temporada. Os recém-chegados de outros estados e do exterior estavam autorizados a jogar desde que tivessem residência fixa no estado de São Paulo há mais de trinta dias, contados a partir do ato de inscrição. [143] Ou seja, as regras eram suficientemente elásticas para que novos jogadores fossem incluídos com o campeonato em andamento. Terminada a temporada, qualquer um poderia comunicar sua transferência para outro clube, com uma breve justificativa.

Pressionadas pela competitividade, estimuladas pelo clubismo, as equipes de espetáculos aproveitavam a omissão dos estatutos para convidar jogadores talentosos que estivessem disponíveis no início de cada ano e mesmo os que desembarcassem na cidade ao longo do campeonato. Houve, em consequência das rivalidades, um progressivo distanciamento entre o perfil do quadro de associados e o da equipe de futebol encarregada de representar a identidade do clube nas exibições. Os times se tornavam mistos, compostos por sócios regulares e convidados. Era uma mudança sutil, quase imperceptível nos momentos iniciais. Com o passar do tempo ela estimulou formas de remuneração dos jogadores, ainda que de modo disfarçado e indireto.

A participação de convidados aconteceu em todos os times de exibições, inclusive naqueles formados por filhos de famílias fazendeiras. No início eram inclusões excepcionais, só em jogos amistosos contra equipes de fora. Depois, alguns deles foram inscritos nos campeonatos regulares. No CAP isso começou com a entrada de jogadores ligados às colônias alemã e inglesa: Walter Jeffery, Banks, Colston, John Robottom,

[143] CARDIM. M. (1906). *Op. cit*., p. 12.

Tommy Ritscher, Jack Astbury e Bradshaw. As transferências temporárias ficaram mais evidentes em 1911, quando o CAP incluiu jogadores do SCI, o clube que havia sido expulso da liga no final de 1909. [144] Na prática, aqueles que pertenciam ao time punido pela LPF puderam retornar ao campeonato atuando pelo CAP: Léo Bellegarde, Thomaz de Aquino, Orlando Leite, João Facchini, Mario e Juvenal Prado. Dois outros foram acolhidos pelo SCG, os irmãos Francisco e José Vaz Porto. [145] Essa foi mais uma das tortuosas formas de reconciliação no teatro esportivo.

Vários dos atletas convidados pertenciam às camadas sociais medianas, eram assalariados de colarinho branco, trabalhadores do comércio, empregados em empresas de serviços e funcionários públicos. Vale a pena citar alguns exemplos entre aqueles que passaram pelo CAP. Leonidas (Léo) Bellegarde era filho de militar e foi professor de uma escola estadual. Joaquim Thomaz de Aquino era escriturário, foi funcionário da *Light* no Rio de Janeiro, depois se formou pela *Escola Normal* em São Paulo e passou a lecionar no ensino público. Alfredo Rodrigues Gullo fez carreira no funcionalismo estadual como escriturário e, mais tarde, inspetor do trabalho. Adolpho Millon Junior também era funcionário público, escriturário de uma repartição fiscal no porto de Santos.

Os convidados do CAP jogavam ao lado de sócios regulares, pertencentes às tradicionais famílias de fazendeiros e empresários: Armando Pederneiras, os irmãos Mario e João Baptista (Zuzu) da Cunha Bueno, os irmãos Fernão e Rubens de Moraes Salles, Manoel (Carlito) Aranha, Jorge (Tutu) Miranda, Fernando Macedo Soares, Jorge Pacheco Chaves, Joaquim da Silva Prado (irmão de Mario e Juvenal), Mario Procopio de Araujo Carvalho, Eduardo (Linguiça) Ramos, Mario Vespasiano de Macedo, entre outros. Diante do público, o CAP preservava a imagem de clube da elite governante, porém o time que o representava nos espetáculos era reforçado por rapazes, bons de bola, com origens sociais bem diferentes.

O tipo de acolhida aos jogadores convidados variou, caso a caso. Alguns deles permaneceram no CAP. O inglês Walter Jeffery, um dentista com consultório instalado na rua São Bento, foi admitido como sócio, depois de ter passado pelos times da AAMC e do SPAC. Também o alemão Thomas (Tommy) Ritscher, que tinha sociedade numa exportadora de café em Santos, se vinculou ao CAP após ter jogado pelo SCG. De

[144] V. *Resumo histórico do Club Athletico Paulistano*. São Paulo: Seção de Obras do Estado de São Paulo, 1918, p. 26-27.
[145] *O Estado de São Paulo*, 7 set. 1926, p. 7.

modo geral a rotatividade dos convidados era alta e na condição de participação provisória. O escriturário Thomaz de Aquino pode ser citado como exemplo das curtas passagens: jogou na AAP (1905), no SCI (1906), no *S. C. Americano* (Santos, 1907), no *America F. C.* (Rio de Janeiro,1909), de novo no SCI (1910), no CAP (1911), na *A. A. Amparense* (Amparo, 1913) e no SCI (1913).

Os convidados poderiam ser estrangeiros recém-desembarcados, com experiência de jogo acumulada no país de origem. A LPF registrou diversos atletas vindos do Uruguai, da Itália, da Alemanha, da Escócia e da Inglaterra. Embora estivessem em menor número do que os brasileiros, eles contribuíam para o desenvolvimento dos espetáculos no futebol paulista com a transferência de técnicas mais avançadas e novos estilos de jogadas, assim como faziam os estudantes que voltavam da Europa. Contudo, os atletas que chegavam de fora causavam desconfianças, pois o ingresso repentino de futebolistas tarimbados e de grande habilidade – quem sabe atraídos por vantagens financeiras não confessadas – podia desequilibrar um campeonato em andamento.

Um desses surpreendentes estreantes, o alemão Wilhelm (Guilherme) Baumgartner, esteve no centro de outro bate-boca no futebol paulista. No dia 16 de julho de 1911, com o campeonato já na metade, o SCG e a AAP se enfrentaram no Velódromo Paulista. Em teoria, o time da Floresta era o grande favorito, pois havia conquistado os dois títulos anteriores (1909 e 1910) e buscava o tricampeonato para ficar com a Taça Penteado em definitivo. Ao passo que o SCG estava em último lugar, com quatro derrotas seguidas e nenhum ponto conquistado. [146] Porém, naquele domingo o time alemão surpreendeu ao entrar em campo com dois jogadores recém-chegados da Europa. Atuando na extrema esquerda, o alemão Baumgartner compôs uma excelente dupla de ataque com um jovem talento local, Arthur Friedenreich. [147] Com a AAP em desvantagem no placar, os princípios cavalheirescos foram esquecidos, a violência cresceu até se concretizar em grossa pancadaria. Um jogador abandonou o campo com um ferimento na cabeça e dois foram expulsos. Incitados pelo espetáculo de sopapos entre *sportsmen*, os torcedores invadiram o gramado e o time alemão foi obrigado a se refugiar por algum tempo.

Inconformada com a derrota por 4x3, a AAP entrou com recurso no conselho da liga para anular a partida. Como não adiantaria fundamentar o pedido apontando os

[146] FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit*., p. 30; MAZZONI, T. (1950). *Op. cit*., p. 81; NEGREIROS, Plínio J. L. C. *Resistência e rendição*: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: PUC-SP, 1992, p. 47.
[147] *Correio Paulistano*, 16 jun. 1911, p. 5; 17 jul. 1911, p. 4; *O Estado de São Paulo*, 17 jul. 1911, p. 8.

possíveis erros cometidos pelo árbitro, Hugo de Moraes, ela acusou o SCG de atuar com um jogador em condição irregular. Baumgartner não teria completado o período mínimo de trinta dias de inscrição na liga, por diferença de algumas horas. [148] Ao defender a anulação perante o conselho, os representantes do clube da Floresta argumentaram, também, que Hugo de Moraes não estava registrado no quadro de árbitros, que o campo fora invadido e o juiz intimidado, que o time do SCG chegou a se retirar do jogo, motivo suficiente para a sua desclassificação. [149] Atacaram a diretoria da LPF, particularmente o major Luiz Fonseca (ligado ao CAP), por não fazer cumprir rigorosamente os estatutos.

De nada adiantou, pois os votos dos conselheiros deram como válida a partida. Então, a AAP repetiu o gesto cênico de cinco anos antes: abandonou repentinamente a liga. O campeão daquele ano foi o SPAC, mas os ingleses não receberam a Taça Penteado. O clube da Floresta jamais a devolveu. Alegava que o troféu era seu por justiça, porque conquistara dois títulos recentes e o terceiro seria aquele de 1906, que lhe fora roubado. A velha mágoa, aparentemente superada, voltou à tona e as *corbeilles* apaziguadoras das vésperas foram esquecidas. Voltas e revoltas que construíam as tradições no cenário do futebol.

O futebol remunerado

Tratar sobre as remunerações de jogadores, quando o amadorismo deveria prevalecer, ainda é um terreno minado para a historiografia. Na Inglaterra esse era um tema candente, debatido às claras, pois o atletismo amador se apartou e se opôs abertamente ao avanço do profissionalismo. Os valores pagos aos atletas dos espetáculos ingleses eram amplamente conhecidos, até nos mínimos detalhes. [150] Por aqui o assunto virou tabu. A expressão "jogador profissional" era pejorativa, usada para identificar aqueles que ganhavam dinheiro com jogos de azar, nunca assumida por atletas. Todos os esportistas se declaravam amadores e, ao mesmo tempo, sabiam sobre a existência de pagamentos subterrâneos. Alguns se beneficiavam diretamente deles, outros toleravam tais práticas em silêncio, sem participar. Era preciso manter as aparências. Não há registros contábeis que possam comprovar e dar a extensão aproximada desse fenômeno. As informações são esparsas, fruto de descuidos e de

[148] *Correio Paulistano*, 20 jul. 1911, p. 5; *O Estado de São Paulo*, 20 jul. 1911, p. 10.
[149] *Correio Paulistano*, 23 jul. 1911, p. 4; *O Estado de São Paulo*, 23 jul. 1911, p. 5.
[150] V. *O Estado de São Paulo*, 24 jul. 1914, p. 9.

delações mal intencionadas, às vezes por evidências indiretas ou nas reminiscências dos antigos atletas, com jeito de confissão tardia. Ao menos as referências são fortes o suficiente para uma afirmação incisiva: a partir da segunda década, o futebol de espetáculos passou a remunerar parcialmente os atletas, especialmente os "convidados".

Havia diferentes disfarces para recompensar jogadores. O mais conhecido, porque usado amplamente, era o dos reembolsos pagos por despesas de viagens e hospedagens, ou por horas de trabalho perdidas com treinos e jogos. Pois esse tipo de compensação monetária era aceito nos esportes de vários países do continente europeu, estava autorizado pela FIFA e pelo *Comité International Olympique*. Foi um dos constantes pontos de atrito entre os dirigentes das federações internacionais e os amadores ingleses que não toleravam o procedimento. Ao oferecer reembolsos engordados artificialmente, alguns clubes usavam esse meio de difícil fiscalização para atrair bons futebolistas.

Outra prática comum era a oferta de empregos. [151] Alguém até poderia pensar que fossem oportunidades efetivas de trabalho, um início de carreira profissional para rapazes que, além de tudo, sabiam bater bem na bola nos finais de semana. Na realidade o futebol de espetáculos funcionava de maneira diferente do informal. Não era simples opção de lazer dominical. O compromisso com as exibições públicas, para satisfazer as torcidas, exigia dedicação em treinamentos, jogos regulares e viagens. Moços de famílias abastadas, se quisessem, disporiam de tempo ocioso suficiente para se entregar ao esporte com tamanha paixão. Muitos fizeram isso. Por exemplo, Carlito Aranha, neto do conselheiro Antonio Prado e do Barão de Anhumas, se iniciou no futebol quando estudou na França, jogou vários anos pelo CAP e chegou à seleção brasileira. Mas os assalariados não conseguiriam sustentar a dupla ocupação, exceto se o tempo de trabalho e o ganho financeiro fossem compatibilizados. Quem sabe por uma colocação no funcionalismo com jornada reduzida? Talvez no magistério, com maior flexibilidade de horários? Ou ainda numa pequena empresa familiar? O importante era que os rendimentos fossem justificados por uma atividade intelectiva. Por estranho que pareça, um atleta não deveria ganhar dinheiro exercendo trabalho físico. Ter um "bom emprego" era condição básica para o assalariado se manter como "amador", como relembrou Arnaldo Patusca da Silveira, que estreou no futebol em 1911 atuando pelo *Sport Club Americano*:

[151] V. NEGREIROS, P. J. L. C. (1992). *Op. cit.*, p. 46-48.

> O futebol era puramente amador, mas a verdade é que os jogadores necessitavam de, pelo menos, bons empregos para se manterem. Muitos eram casados e tinham que sustentar suas famílias. Então, com os chamados times grandes disputando os melhores jogadores, atraindo-os com propostas de bons empregos, coitados dos times pequenos. [152]

Repudiavam a pecha de "profissionais", ainda que o emprego dependesse do desempenho esportivo nos gramados, numa obrigação clientelista. Eventualmente, as vantagens pessoais e o amor pelo clube de adoção conviviam em relações contraditórias, entre a harmonia e o conflito. Arnaldo Silveira, por exemplo, foi convidado a disputar o campeonato de 1914 pelo CAP. [153] Na época ele ocupava a função de caixeiro viajante na firma de despachos da família, no porto de Santos. Durante a temporada, Arnaldo viajava para jogar as partidas na capital paulista. Vinha acompanhado por outro futebolista santista, convidado pelo mesmo clube, Adolpho Millon Junior, funcionário público, escriturário da Recebedoria de Rendas no porto. Ambos ficavam hospedados no hotel da *Rotisserie Sportsman*, um dos mais refinados e caros de São Paulo. Por razões sentimentais, Arnaldo preferiu abandonar o CAP no campeonato seguinte para voltar a atuar pelo novato time do *Santos Football Club*, fundado em abril de 1912 por membros da sua família. Ele foi seguido pelo amigo Millon.

Não era o caso, certamente, daqueles que chegavam de fora atraídos por oportunidade financeira. Ao se referir sobre a preparação do SCG para o campeonato de 1911, *O Commercio de São Paulo* deixou claro que os três reforços aguardados para a "figuração" do clube alemão tinham empregos assegurados em empresas ligadas à comunidade germânica, num banco e na importadora da cervejaria *Antarctica*:

> ... os alemães, é bom que se saiba, têm trabalhado para fazer figuração e, segundo consta, contam com três novos elementos, trazidos especialmente da Alemanha: e que se acham colocados dois no *Banco Alemão* e outro na *Casa Zerrenner, Bülow e Comp*. [154].

O empregador de um atleta de espetáculos, por sua vez, precisava ser bem tolerante com as faltas e licenças médicas do funcionário. Resta até mesmo a dúvida se de fato existia a jornada de trabalho cumprida na empresa em todos os casos. Ou se o emprego de fachada servia para respaldar a imagem de amador, pois ter uma profissão nominal afastada do esporte salvaguardava a imagem de atleta desinteressado. Por

---

[152] Cf. *O Estado de São Paulo*, 29 jun. 1980, p. 50.
[153] SANT'ANNA, Leopoldo. *O football em São Paulo*. São Paulo: Piratininga, 1918, p. 16; _____. *Veteranos e campeões*. São Paulo: Idar, 1924, p. 197-198; AMARAL, Luiz F. *Minhas reminiscências no Club Athletico Paulistano*. São Paulo: Paulistano, 1977, p. 40-41.
[154] Cf. *O Comércio de São Paulo*, 8 abr. 1911, *apud* NEGREIROS, P. J. L. C. (1992). *Op. cit*., p. 48.

algum motivo, o chefe/patrão estaria conivente com a situação do funcionário/futebolista. Seria por simples paixão pelo clube? Talvez, o envolvimento com os espetáculos de futebol lhe trouxesse compensações comerciais e prestígio político? Essas relações não ficavam expostas e delas hoje ficaram apenas alguns indícios. No caso da cervejaria os interesses na exploração da imagem comercial do parque Antártica, arrendado ao SCG, estavam mais evidentes.

Fig. 19. Vista interior do parque arrendado pela *Companhia Antarctica Paulista* ao *S. C. Germania* à. Ali a cervejaria manteve a exclusividade na venda de bebidas durante décadas e associou a sua marca ao futebol.

Já existiam times de futebol informal organizados por operários de fábricas com apoio material, estabilidade no emprego e incentivos financeiros dos patrões [155] Os exemplos mais antigos no estado de São Paulo foram o *C. A. Votorantim* e do *S. C. Savoia*, ambos fundados em 1900 por trabalhadores da fábrica de tecidos de Sorocaba, sob a liderança de técnicos ingleses e com a inclusão de operários italianos. Ao patrocinar essas equipes gêmeas o interesse dos patrões, a família Lacerda Franco, estava na política de bons relacionamentos trabalhistas e não nos espetáculos. Mais tarde, porém, os jogadores do *Votorantim* se transferiram para o *Savoia* e essa equipe,

[155] V. ANTUNES, Fátima M. R. F. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: FFLCH-USP, 1992; _____. O futebol nas fábricas. *Revista USP*, 22: 102-109, 1994.

reforçada pela combinação entre os melhores jogadores ingleses e italianos, passou a disputar campeonatos com outros times no Velódromo Sorocabano. Em 1909 o time do CAP atendeu a convite do *Savoia* e foi a Sorocaba para um jogo amistoso. [156] Sinal de que uma eventual confraternização com jogadores operários era possível, os Silva Prado tinham profundas ligações com a família Lacerda Franco, dona da tecelagem sorocabana. No ano seguinte o time fabril chegou a se candidatar a uma vaga na LPF, mas não a conquistou, foi derrotado pelo *C. A. Ypiranga*. No Rio de Janeiro, *The Bangu Athletic Club* (1904) teve origem bem semelhante e ingressou nos espetáculos da *Liga Metropolitana*. O futebol jogado por trabalhadores com o patrocínio de fábricas e ferrovias também servia para formar atletas, depois "convidados" para atuar em times de exibição pública.

Outra forma de remuneração nos espetáculos futebolísticos, a menos visível de todas, eram os prêmios pagos em dinheiro. Poderia ser um valor adiantado (luvas) para o jogador se transferir de outro clube ou então pelos resultados obtidos. Pagamentos discretos eram feitos em nome de torcedores independentes, como doação voluntária, de modo a isentar o clube de qualquer responsabilidade direta. A moral amadorista condenava ganhos desse tipo, só se tem notícias deles através de vazamentos escandalosos. Inclusive boatos nunca comprovados sobre a divisão de uma parte do dinheiro arrecadado nas bilheterias entre os jogadores.

A ascensão do *Sport Club Americano*

As remunerações disfarçadas cresceram especialmente a partir da postura mais aguerrida do *Sport Club Americano* (SCA). Fundado em Santos no ano de 1903, por antigos alunos da *Escola Americana* e do *Mackenzie College*, o SCA foi convidado a ingressar na LPF no campeonato de 1907, juntamente com o *Club Athletico Internacional*, da mesma cidade. Os dois cobriram as vagas abertas pelas desistências ocorridas no ano anterior, sem disputar com outros clubes. O time do SCA foi sensivelmente reforçado pela adesão de jogadores transferidos da AAMC, equipe que havia abandonado a LPF. Entre eles estavam atletas experientes, liderados por João Belfort Duarte, um dos pioneiros da liga e importante futebolista da época. Logo no primeiro ano de disputa o SCA terminou o campeonato na vice-liderança, atrás do SCI e

[156] *O Estado de São Paulo*, 16 dez. 1912, p. 2.

empatado em pontos com CAP, sobre o qual havia imposto uma surpreendente goleada por 5x1. [157]

O clube santista foi dos primeiros a atrair jogadores com a oferta de empregos. Thomaz de Aquino deixou breve testemunho sobre isso, registrado anos mais tarde. Ele jogava no SCI, em 1906, quando foi convidado a trabalhar num escritório de despachos em Santos. Nas suas reminiscências revelou qual era o principal interesse do proprietário: "o meu trabalho era menos necessário ao patrão que meu jogo ao *S. C. Americano*, do qual o coronel Benedicto Ernesto Guimarães era um dos diretores mais influentes..." [158] Em 1909 o SCA contratou o goleiro Alex P. Hutchinson, com experiência na primeira divisão do campeonato profissional inglês. [159]

A partir de 1911 os primeiros indícios de gestão empresarial no futebol paulista apareceram no SCA. A sede foi transferida para a capital paulista, instalada na antiga chácara Jaguaribe, convenientemente próxima ao Velódromo Paulista. Não se tratava da mudança de um clube social. Não era um novo espaço de convívio para comunidades de imigrantes, nem para grupos das vizinhanças. O SCA se tornou um time autônomo, focado nos espetáculos, que destoava dos clubes familiares da coligação. Ele ficou sob a direção dos irmãos René e Henrique Vanorden, dois dos fundadores do futebol em São Paulo, cunhados de Augustus Schaw, o professor americano do *Mackenzie College*. Como empresários de sucesso no ramo gráfico/editorial e bem relacionados nos negócios de importação, os irmãos Vanorden tinham melhores condições para atrair jogadores. Nas palavras de Arnaldo Silveira, eles "podiam facilmente conseguir boas colocações para os rapazes". [160] No campeonato daquele ano o SCA bateu o CAP nos dois encontros que tiveram e terminou novamente na vice-liderança, atrás apenas do SPAC. Seu time apresentou três novos integrantes trazidos de fora: Decio Viccari, um paulista que jogava pelo *Botafogo F. C.* do Rio de Janeiro e dois ingleses recém-desembarcados, San Jones e Seddon.

Nesse mesmo ano o clube conseguiu um feito extraordinário para a época. Por intermediação de Henrique Vanorden, o SCA trouxe a seleção do Uruguai em sua primeira visita ao Brasil. [161] O time uruguaio desembarcou no porto de Santos no dia 8 de agosto de 1911 precedido pela fama de ter goleado o selecionado argentino por 6x2,

[157] *O Estado de São Paulo*, 15 jul., 1907, p. 4.
[158] Cf. *O Estado de São Paulo*, 7 set., 1926, p. 7.
[159] *O Estado de São Paulo*, 13 set. 1909, p. 5.
[160] Cf. *O Estado de São Paulo*, 29 jun. 1980, p. 50.
[161] *O Estado de São Paulo*, 14 jul. 1911, p. 6; 1 ago. 1911, p. 7.

em Buenos Aires. [162] Fama que não se confirmou em campo. Empatou o primeiro jogo em 3x3, com o CAP, e o segundo em 2x2, com o SPAC. [163] No terceiro, o SCA venceu aos uruguaios por 3x0. [164] Foi a primeira vitória de um time brasileiro sobre um estrangeiro, depois de quatorze tentativas fracassadas ao longo dos cinco anos anteriores. O resultado deu grande destaque para o time dos Vanorden. No último jogo o selecionado de jogadores paulistas empatou com os uruguaios em 2x2. [165] Concluída a excursão, a diretoria do SCA "convidou" dois dos melhores jogadores uruguaios para integrar o time: os irmãos Juan Carlos e Augusto Bertone.

Fig. 20. Os jogadores do *S. C. Americano* imitam uma *garden party* no Velódromo Paulista, com vários deles travestidos de mulheres. Era uma chacota com os sócios do *C. A. Paulistano*. Revista *O Pirralho*, 1913.

Nada se sabe sobre o tipo de acerto feito pelo clube com os irmãos Bertone, mas o caso chamou muita atenção. Pois o "convite" não foi dissimulado como acontecia com os desconhecidos jogadores europeus que chegavam discretamente em meio às levas de imigrantes e podiam alegar motivos familiares ou compromissos de trabalho para se mudarem para São Paulo. O interesse dos irmãos uruguaios, jogadores de alto desempenho e em evidência no meio esportivo de Montevidéu, estava bem aparente. [166] Eles não adotaram o SCA por afeto, o interesse profissional ficou claro. Tempos depois, no início de 1914, os dois se transferiam para o *Botafogo F. C.* e, logo a seguir, para o *America F. C.*, ambos do Rio de Janeiro. Passados poucos meses, em maio daquele ano, quando mal começava o campeonato carioca, eles foram repentinamente demitidos pela diretoria do *America*, sem explicações. Voltaram para São Paulo e passaram a jogar pelo SCI. O fato causou grande repercussão na imprensa carioca, pois *O Imparcial*

[162] *O Estado de São Paulo*, 7 ago. 1911, p. 6.
[163] *O Estado de São Paulo*, 11 ago. 1911, p. 10; 13 ago. 1911, p. 6; FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit*., p. 67-68.
[164] *O Estado de São Paulo*, 14 ago. 1911, p. 4; 13 ago. 1929, p. 11.
[165] *O Estado de São Paulo*, 16 ago. 1911, p. 5.
[166] SANT'ANNA, L. (1924). *Op. cit*., p. 111-117.

levantou a suspeita de que o motivo da demissão teria sido um suborno pago para que os dois "amolecessem" um jogo amistoso vencido pelo CAP, em São Paulo. [167] A denúncia foi amplamente refutada pelos clubes e os jogadores inocentados. De qualquer modo, a falta de questionamentos sobre os tipos de vínculos deles com os sucessivos clubes, reforça a interpretação de que as relações de trabalho temporário se divulgavam no futebol dos dois estados. Elas estavam sendo incorporadas ao esporte ainda considerado amador, incentivadas por alguns clubes e toleradas por outros.

O início da grande crise

As transformações pelas quais passavam os espetáculos em São Paulo, principalmente pelo viés empresarial adotado pelo SCA, estiveram na base da maior cisão ocorrida nos esportes até então, que se desdobrou em três fases sucessivas. A primeira delas foi uma ruptura elitista. Ela começou a se esboçar em 1911 e se deflagrou de fato em 1913 com a criação de uma nova liga, a *Associação Paulista de Sports Athleticos*. Desta vez o rompimento foi profundo, não se limitou às costumeiras rusgas dentro da oligarquia regional. Nos seus desdobramentos a crise envolveu as relações com o futebol carioca, aguçou a rivalidade entre os dois estados pela hegemonia no esporte no país, a ponto de repercutir nas relações diplomáticas com a Argentina.

No Rio de Janeiro a *Liga Metropolitana de Sports Athleticos* (LMSA) passava por atritos parecidos aos que ocorriam em São Paulo. Em junho de 1911 houve uma dissidência no futebol carioca bem semelhante àquela que aconteceu no mesmo ano entre a AAP e a LPF. Por causa de uma briga acontecida em campo, o *Botafogo F. C.* desafiou a autoridade da liga, recusou a punição dada aos seus jogadores e abandonou a coligação. [168] A partir daí o clube rebelde, campeão carioca no ano anterior, passou a organizar jogos independentes para concorrer com os da LMSA. Convidou para partidas amistosas os times paulistas que atraíam maior público, entre eles o da AAP. Isso incomodou as duas ligas. Elas estabeleceram entre si um pacto para que nenhum dos filiados pudesse jogar contra aqueles que não pertencessem a uma das coligações. [169] O critério visava isolar os dois dissidentes, *Botafogo*/RJ e AAP/SP. O *Botafogo* reagiu com a formação de outra liga: a efêmera *Associação de Football do Rio de*

[167] *O Paiz*, 31 mai. 1914, p. 10; 3 jun. 1914, p. 8-9; 6 jun. 1914, p. 10; *O Estado de São Paulo*, 8 jun. 1914, p. 9; 11 jun. 1914, p. 8, 12 jun. 1914, p. 8; *O Imparcial*, 10 jun. 1914, p. 8; *Correio Paulistano*, 12 jun. 1914, p. 2.
[168] *O Paiz*, 26 jun. 1911, p. 7-8; 28 jun. 1911, p. 7; 2 jul. 1911, p. 9; MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 81.
[169] *O Paiz*, 1 set. 1911, p. 9; 10 set. 1911, p.10; *O Estado de São Paulo*, 4 set. 1911, p. 9.

Janeiro contou com a adesão de seis pequenos clubes daquela cidade e disputou seu único campeonato em 1912. [170] Começou, assim, um período de pactos e confrontos entre ligas nos dois estados, o qual se prolongaria por cinco anos, com a progressiva admissão de novos clubes nos espetáculos para reforçar a posição dos contendores.

Em atitude independente, o SCA ignorou a proibição passada pela liga paulista. Em 5 de novembro de 1911 o time liderado pelos irmãos Bertone foi ao Rio e obteve uma expressiva vitória sobre o *Botafogo*, por 3x0. [171] O major Luiz Fonseca, presidente da LPF, pretendia impor uma punição severa contra a rebeldia da agremiação dirigida por Henrique Vanorden, mas não foi apoiado pelos demais membros da diretoria que preferiram uma simples advertência. Diante da medida branda, o major e o secretário da liga, João Didier, renunciaram aos cargos que ocupavam, como representantes do CAP. [172] No dia 29 de fevereiro de 1912, a assembleia geral da LPF se reuniu para eleger a nova diretoria. Desta vez o encontro se deu nos escritórios cedidos pela *Casa Vanorden* e não mais na sala do edifício Martinico Prado, que nos anos anteriores era emprestada pelo major Fonseca. [173] Nove pessoas compareceram e entre elas não havia representantes do CAP, numa clara trajetória de distanciamento. Embora continuasse na coligação o clube do velódromo, depois de ditar os rumos por uma década, perdeu a autoridade política. Na presidência ficou o americano William Edward Lee, um empresário do comércio importador e agente consular dos Estados Unidos em São Paulo, que não tinha vivência anterior como esportista. Era um aliado dos Vanorden, família que possuía profundos laços com os Estados Unidos e a Igreja Presbiteriana.

A mudança na direção, pela primeira vez fora do controle da elite fazendeira, logo se evidenciou. Em 1912 o campeonato passou a contar com a participação de sete clubes, com o retorno da AAMC, recriada cinco anos após ter sido extinta pela direção do *Mackenzie College*, e do SCI, perdoado da expulsão que sofrera três anos antes. [174] Tendo um time a mais e com 42 jogos programados, o início do torneio foi antecipado para abril. Naquele ano o SCA ganhou o título sem sofrer nenhuma derrota. Venceu com tanta facilidade que quatro das últimas partidas que completariam o calendário foram canceladas, por desinteresse dos contendores. O resultado deixava claro que os demais clubes teriam que se adaptar ao estilo de gestão mais profissionalizada

[170] *Gazeta de Notícias*, 25 fev. 1912, p. 10.
[171] *O Estado de São Paulo*, 8 nov. 1911, p. 5.
[172] *O Estado de São Paulo*, 10 nov. 1911, p. 9; 15 nov. 1911, p. 9.
[173] *O Estado de São Paulo*, 1 mar. 1912, p. 6.
[174] *O Estado de São Paulo*, 16 mar. 1912, p. 8.

introduzido pelos Vanorden, sem vínculos com grupos fazendeiros e comunidades de imigrantes. Ou então abandonar de vez a liga, como fez o SPAC, após amargar a penúltima colocação entre os sete participantes. Uma perda carregada de simbologia, pois o SPAC foi membro fundador da liga e protagonista dos "tempos áureos".

No início do ano seguinte William Lee abriu inscrições para a disputa da vaga deixada pelos ingleses e quatro clubes que vinham do futebol informal se apresentaram: *Minas Geraes F. C., S. C. Corinthians Paulista*, *São Paulo Railway F. C.* e *F. C. São Paulo*. [175] Em dois jogos eliminatórios o *Corinthians Paulista* (SCCP) conquistou a posição para a surpresa de muitos, porque era um time de desconhecidos, enquanto as equipes derrotadas tinham vários jogadores com experiência em outros clubes da liga. [176] O SCCP existia havia apenas dois anos, fundado no bairro do Bom Retiro por um grupo de trabalhadores, a maioria de origem italiana, liderados por dois barbeiros, os irmãos Miguel e Salvatore Bataglia, e pelo motorista de praça Alexandre Magnani. [177] Nesse caso o time que substituiria os ingleses não era formado por assalariados de colarinho branco, mas sim por italianos "braçais", fato que despertou maior atenção.

Por coincidência, naquele exato momento, se discutia entre os clubes de remo a eliminação de operários do campeonato de regatas e o assunto dividia as opiniões dos esportistas da elite. [178] No remo o principal reduto conservador era o *Club de Regatas São Paulo*, dirigido por parentelas fazendeiras. Na margem oposta do rio Tietê, em frente à chácara da Floresta, estava a sede do seu principal adversário, o *Esperia*. O clube da colônia italiana foi obrigado a comprovar perante uma comissão de sindicância, estabelecida pela *Federação Paulista das Sociedades de Remo*, a ocupação profissional de 189 remadores. A federação ameaçou excluir 45 deles, por serem operários. O mesmo procedimento de investigação vinha sendo adotado há mais tempo no Rio de Janeiro pela *Federação Brasileira de Remo*, cuja diretoria era controlada por altos oficiais da Marinha. Muitos dos remadores cariocas eram jovens oficiais e eles se recusavam a competir contra os "praças de pré", principalmente os marinheiros. A mesma orientação foi passada às federações estaduais.

Em sua defesa o *Esperia* argumentou que "apesar de trabalhadores simples" poucos dos seus atletas seriam de fato operários e que, mesmos estes, eram

[175] *O Estado de São Paulo*, 17 mar. 1913, p. 8; 23 mar. 1913, p. 4.
[176] V. NEGREIROS, P. J. L. C. (1992). *Op. cit.*, p. 79-87.
[177] NEGREIROS, Plinio L. A cidade excludente e o clube do povo. *Revista de História*, 163: 207-242, 2010.
[178] V. NICOLINI, H. (2001). *Op. cit.*, p. 207-210.

"disciplinados". Conclamada pelo *Esperia*, a imprensa se envolveu profundamente na celeuma. A federação paulista de remo retrucou suspendendo o clube por se rebelar contra as suas decisões e depois exigiu que ele devolvesse todos os prêmios recebidos. [179] O caso foi parar nos tribunais e se arrastou por anos. [180] A federação foi duramente criticada por aplicar um código de ética preconceituoso, copiado das ligas amadoras do remo inglês e endossado pela entidade do esporte carioca, com o objetivo enfraquecer o clube náutico dos imigrantes, o mais competitivo de São Paulo.

Uma inédita reação elitista se erguia, portanto, contra a tendência de democratização dos espetáculos esportivos. A mesma turbulência se apresentou pela primeira vez diante da LPF e a diretoria foi impelida a seguir a corrente dos remadores esnobes: também submeteu o time de futebol do SCCP à sindicância. Um tipo de devassa que se tornou procedimento de rotina a partir daí. Independente do mérito esportivo demonstrado pelos corinthianos nas duas vitórias obtidas em campo, as suas qualidades "morais" foram examinadas numa investigação discriminatória sobre a posição social e a conduta pessoal dos atletas. Esse modelo de inquérito nunca havia sido cogitado antes, nem mesmo quando os operários do *S. C. Savóia*, de Sorocaba, se candidataram à vaga da liga, havia três anos. As conclusões da comissão ficaram em sigilo, mas sabe-se que elas precipitaram a cisão que vinha se delineando desde os anos anteriores. O grupo majoritário, ligado a setores do comércio importador e liderado por William Lee, aceitou o SCCP na coligação. Na imprensa paulista apenas jornal *O Commercio de São Paulo* declarou apoio à decisão, ao passo que *O Estado de São Paulo* e o *Correio Paulistano* silenciaram sobre o assunto, sintomaticamente.

A voz da oposição fazendeira se manifestou através do jornal carioca *O Imparcial*, em matérias remetidas por um correspondente de São Paulo, sob o pseudônimo Gavroche. [181] Não há certeza sobre o nome verdadeiro do autor, mas a origem das suas opiniões pode ser rastreada: o jornal era de propriedade da família Macedo Soares, cujos filhos eram esportistas e diretores do CAP e um dos seus principais redatores era o professor Antonio de Sampaio Dória, antigo companheiro de magistério de Mario Cardim no *Gymnasio Macedo Soares*, situado na capital paulista. Dizia Gravoche que William Lee cometera um grave erro, deveria ter conservado a coligação com os seis

[179] *O Estado de São Paulo*, 21 abr. 1913, p. 8-9; 13 out. 1913, p. 8; 14 dez. 1913, p. 15; *Correio Paulistano*, 21 abr. 1913, p. 2; 26 abr. 1913, p. 2; 9 mai. 1913, p. 2; 17 jun. 1913, p. 2; *O Imparcial*, 24 abr. 1913, p. 8-9; 25 abr. 1913, p. 7; 26 abr. 1913, p. 9; 16 mai. 1913, p. 6, 10 out. 1913, p. 12.
[180] *O Estado de São Paulo*, 3 mai. 1917, p. 6.
[181] *O Imparcial*, 15 abr. 1913, p. 7; 18 abr. 1913, p. 7.

membros remanescentes do ano anterior, pois essa teria sido a "opinião geral" dos filiados. Considerava também que o presidente contrariou o parecer da comissão sindicante ao decidir pela admissão do SCCP, já que faltava qualidade moral ao o clube de operários para se exibir em público:

> Se por um lado lhe faltava a devida colocação social, outros lhe apontavam a falta de imputabilidade moral. Na primeira hipótese, entendemos que pelo fato de serem operários, nada os impede de galgar a escala social, figurando, quem sabe, como um modelo de disciplina.
>
> Entretanto se tem fundamento que lhe falta a reputação moral, requisito indispensável para aqueles que se exibem ao público, repetimos que só uma diretoria inepta poderia optar a favor de um elemento inútil, pernicioso e desmoralizador!
>
> [...]
>
> Se, outrora, o entusiasmo pelo *football* nos empolgava, dadas as qualidades dos jogadores, mais ordem e mais disciplina, não pense o sr. Lee que um *team* de quarta classe, ordem e número, vá atrair ao "campo" oficial uma reunião *chic*, com o auxílio do sexo belo. [182]

Ao que parece, Gavroche estava bem informado sobre os bastidores da crise que então se deflagrou. No dia 13 de abril de 1913 o CAP deveria estrear no campeonato em jogo contra o SCA, no parque Antártica. O time dos irmãos Bertone e cerca de três mil espectadores aguardavam os jogadores do CAP para iniciar a partida, mas estes estavam em seu próprio campo, no vazio estádio da Consolação, fingindo também esperar pelos adversários. As duas entidades soltaram comunicados à imprensa para explicar o desentendimento sobre o local designado e atribuir culpa à outra. [183] O clube havia exigido um reajuste elevado pelo aluguel do Velódromo Paulista e a LPF preferiu pagar quatro vezes menos ao SCG para usar o parque Antártica como campo oficial naquele ano. A discórdia armada em torno do preço do aluguel e a troca de campo mal comunicada, decidida às vésperas da partida, serviram apenas para justificar o rompimento prenunciado a tempos, sem expor ao público as causas profundas da retaliação. [184] O racha estava armado. Apenas onze dias depois foram aprovados os estatutos da nova coligação liderada pelo CAP, a *Associação Paulista de Sports Athleticos* (APSA), com a participação da AAMC e a volta da velha adversária da chácara da Floresta, a AAP. [185] Depois de afastado vários anos do futebol, Antonio Prado Junior foi eleito presidente da nova liga. A fundação da APSA, com acentuado

---

[182] Cf. *O Imparcial*, 18 abr., 1913, p. 7.
[183] *Correio Paulistano*, 15 abr. 1913, p. 2; *O Estado de São Paulo*, 15 abr. 1913, p. 7; 16 abr. 1913, p. 7.
[184] V. *Resumo histórico*... (1918). *Op. cit*., p.35-36; FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit*., p. 129-132; MAZZONI, T. (1950). *Op. cit*., p. 85-6.
[185] *Correio Paulistano*, 25 abr. 1913, p. 2; *O Imparcial*, 3 mai. 1913, p. 9.

discurso moralizador, foi o modo encontrado pelas parentelas fazendeiras para recuperar o controle sobre os espetáculos de futebol.

A liga conservadora

O interesse de participação dos clubes que disputavam campeonatos no futebol informal era crescente. Quatro deles apresentaram pedidos de inscrição imaginando poder participar da liga que então se formava: *São Paulo Railway F. C.*, *S. C. Allianç*a, *Minas Geraes F. C.* e *Concordia F. C.*. [186] Os candidatos foram submetidos às sindicâncias e recusados de pronto, sem ao menos passarem por jogos eliminatórios. Ao mesmo tempo, a APSA anunciou um convite ao *Santos F. C.*, fundado no mês anterior por dissidentes do SCA. Sem dúvida a escolha não se deu pela experiência de jogo e sim pelo perfil social dos componentes, pois os rapazes santistas eram liderados pela família Patusca e tinham escolaridade elevada. Ainda assim, o clube de Santos recusou o convite e preferiu se filiar à LPF. [187] O primeiro campeonato da APSA só contou mesmo com os três fundadores: CAP, AAMC e AAP. Eles jogaram três vezes entre si e o CAP foi o primeiro vencedor da Taça Jockey Club, oferecida pelo presidente do clube de galopes.

A reação contra profissionalismo mascarado e a preocupação de barrar os clubes de futebol informal que tentavam ingressar nas exibições públicas acentuou o tom esnobe do discurso. A investigação prévia do perfil social dos candidatos, que sempre funcionou de modo discreto dentro dos clubes, virou norma explícita para admissão nas ligas, tanto em São Paulo quanto no Rio. No ano seguinte os critérios da APSA foram anunciados:

> ...a comissão de sindicância está disposta a proceder de acordo com as disposições dos estatutos que não permitem a inscrição de jogadores profissionais ou jogadores que não tenham boa educação ou profissão honesta, bem como os de reputação duvidosa. Incorrem na hipótese dessas disposições os jogadores que em *matches* de anos anteriores tenham tido mau comportamento, desrespeitado os juízes e os diretores da Associação, praticado qualquer ato indigno ou insultado os seus colegas no campo, tudo a juízo da comissão de sindicância. [188]

De certo modo, os dirigentes da APSA pareciam querer voltar ao esporte praticado por estudantes da elite fazendeira. No restrito campeonato de futebol que ela organizou em 1913 os universitários predominaram. O principal goleador foi um aluno de 21 anos

[186] *Correio Paulistano*, 30 abr. 1913, p. 2; *O Estado de São Paulo*, 10 mai. 1913, p. 5.
[187] *O Estado de São Paulo*, 13 mai. 1913, p. 6.
[188] *O Estado de São Paulo*, 19 mar. 1914, p. 5.

da faculdade de direito, Francisco Mesquita, filho do líder político e jornalista Julio de Mesquita. [189] Pretendiam retomar o desenvolvimento do atletismo em bases conservadoras, numa coligação poliesportiva com poucos clubes e para espectadores selecionados com maior rigor. Investiram imediatamente em campeonatos de tênis e pelota basca, disputados nos ambientes restritos do velódromo da Consolação, ou na floresta da Ponte Grande. [190] Ao divulgar a primeira partida de futebol aberta ao público, a atitude moralista foi definitivamente assumida. A diretoria informou que selecionaria as pessoas no portão de entrada e que o velódromo seria policiado "a fim de evitar vaias que, em geral, partem das gerais". [191] Logo, os cartazes de advertência contra as vaias voltaram a ser afixados nas paredes e colunas do estádio:

> Aviso ao público
>
> Tanto os jogadores como os juízes que tomam parte nos jogos disputados neste campo são "amadores". A Associação Paulista de Sports Athleticos encarecidamente roga ao respeitável público a bondade de não se manifestar a respeito do comportamento dos jogadores ou das decisões do juiz. Toda pessoa cujo procedimento for julgado prejudicial à boa ordem dos jogos, será convidada a retirar-se. [192]

A revista *O Pirralho* pedia para a liga expulsar "moleques e maltrapilhos" que eram levados pelas mãos de "cafajestes da geral". Dizia que os intrusos ficavam "na *pelouse* vaiando os jogadores, atirando-lhes insultos pesados e em certas ocasiões até pedradas". [193] Os dirigentes tinham amparo legal para controlar as plateias. Um regulamento do governo estadual, publicado quatro anos antes para normatizar as diversas formas de espetáculos públicos, deu aos organizadores de espetáculos o direito de barrar pessoas embriagadas e sem asseio, as que não observassem os "preceitos da decência" e aquelas que incomodassem outros espectadores. [194] Aos policiais era atribuída a função de ajuizar sobre os comportamentos apontados como inconvenientes e fazer a exclusão dos indesejados. [195] A APSA acreditava que a moralização traria o público de volta. Estava tranquila quando rompeu com a LPF, porque o seu campo representava uma grande vantagem. O Velódromo Paulista estava a curta distância do centro da cidade, em região já adensada, com facilidades de transporte e sempre foi

[189] *O Estado de São Paulo*, 4 jan. 1975, p. 65 (Suplemento do Centenário, p. 5).
[190] *O Estado de São Paulo*, 17 mai. 1913, p. 6.
[191] *O Estado de São Paulo*, 11 mai. 1913, p. 10.
[192] Cf. *O Estado de São Paulo*, 16 ago. 1914, p. 4.
[193] Cf. *O Pirralho*, 24 out. 1915.
[194] *O Estado de São Paulo*, 21 mar. 1909, p. 4-5.
[195] *O Estado de São Paulo*, 7 fev. 1916, p. 6-7.

frequentado por moças da elite paulistana. Era o ponto de encontro preferido pelo público *chic*, como lembrou um jornalista:

> A nova Liga terá a lucrar com o Velódromo. Já é um lugar tradicional, "rendez-vous" da elite paulistana, ponto preferido dos *flirts*, lugar onde as lindas herdeiras são invejadas pelos caçadores de dotes, ao passo que o Parque, continuará com a sua concorrência de *sportsmen* e de famílias que lá vão espairecer as mágoas da semana. [196]

O parque Antártica era visto como ambiente pouco familiar, pois estava localizado numa zona fabril da periferia. A concorrência costumava ser predominantemente masculina e popular. Além disso, o parque era servido apenas por uma linha de bondes, sempre criticada por ser insuficiente nos dias de jogos e deixar os torcedores longe da entrada. O problema do transporte só foi solucionado três anos mais tarde. [197]

Fig. 21. Assistência das gerais no parque Antártica. Revista *A Cigarra*, 1917.

Gavroche desdenhou sobre o público presente na partida de estreia do SCCP, contra o time alemão do SCG:

> A concorrência, tirando as famílias alemãs, era simplesmente péssima. Nenhuma família brasileira...
>
> O nosso consolo é que lá estava o sr. Lee, vendo em pessoa essa decadência, que certamente não lhe teria agradado.
>
> Uma grande maioria dos presentes invadiu o *field*; outros ficaram dependurados na grade das arquibancadas, prejudicando assim os que haviam comprado entradas para as arquibancadas. Isso sem contar uma centena de "penetras" que vararam por todos os lados.
>
> O que não podemos deixar de registrar é o palavreado dos "torcedores" de um *club* novo que a cada passo semcerimoniosamente explodiam, ou porque o juiz havia punido um corinthiano ou porque eles faziam uma boa avançada.

[196] *O Imparcial*, 2 mai. 1913, p. 7.
[197] *O Estado de São Paulo*, 1º. mar. 1916, p. 7.

Pêsames à Liga Paulista. [198]

A rivalidade com a LPF se acirrou, pois a velha coligação também tinha seus trunfos. Era reconhecida por ser a mais antiga do país, contava com dois dos mais tradicionais clubes de São Paulo, o SCI e o SCG, e com times de melhor qualidade técnica, especialmente o SCA. William Lee agiu rapidamente para tentar isolar os dissidentes, em maio de 1913 pediu que a carioca LMSA mantivesse o acordo estabelecido com a diretoria anterior e não autorizasse jogos com os clubes filiados à APSA, nem mesmo dos visitantes estrangeiros. [199]

A princípio a coligação do Rio de Janeiro foi simpática à LPF, depois ela convenientemente se declarou neutra. Seus dirigentes preferiam aguardar a evolução dos acontecimentos antes de reconhecer a legitimidade de uma das ligas. Afinal, os clubes líderes da reação conservadora, o CAP e a AAP, representavam a elite fazendeira paulista, com Antonio Prado Junior a frente. Nem haveria motivo de pressa, pois diante da fragilidade paulista a liga da capital federal ficou em posição confortável para assumir o comando do movimento esportivo nacional. Em janeiro daquele mesmo ano ela havia resolvido o problema da dissidência iniciada em 1911 pelo *Botafogo F. C.* Um acordo permitiu que a *Asssociação de Football do Rio de Janeiro* fosse absorvida pela LMSA. [200] Para tanto, ela aceitou a inclusão dos times que saíram do futebol informal carioca. A concorrência entre as ligas havia desencadeado o processo de federalização no Rio. Antes da crise a coligação era formada por apenas seis clubes e com a fusão o campeonato carioca de 1913 começou com uma quantidade inédita de participantes: foram 20 clubes distribuídos em duas divisões. [201] No ano seguinte foram 22, em três divisões. [202]

Sendo a principal organização esportiva da capital do país, a LMSA estava fortalecida para representar o futebol brasileiro perante as organizações estrangeiras e soube tirar proveito disso. Em meados daquele ano ela promoveu a vinda de um selecionado de Portugal e a segunda visita do inglês *Corinthian F. C.*. [203] Negociou a extensão da viagem desses dois times até São Paulo para jogarem apenas com os filiados à APSA. [204] Em setembro trouxe um selecionado do Chile e, desta vez, a

[198] Cf. *O Imparcial*, 26 abr. 1913, p. 9-10. V. tb., *O Estado de São Paulo*, 20 mai. 1913, p. 6.
[199] *O Estado de São Paulo*, 16 out. 1913, p. 6; *O Imparcial*, 15 out. 1913, p. 9.
[200] *Correio da Manhã*, 22 jan. 1913, p. 5;
[201] *Correio da Manhã*, 12 fev. 1914, p. 7.
[202] *Gazeta de Notícias*, 18 mar. 1914, p. 4.
[203] FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p.135-47; MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 87-89.
[204] *O Estado de São Paulo*, 20 jun. 1913, p. 7; 27 jun. 1913, p. 5; 23 ago. 1913, p. 6, 26 ago. 1913, p. 6.

exclusividade foi dada à LPF. [205] Os entendimentos nos três casos foram feitos em nome de clubes filiados (*Botafogo*, *Fluminense* e *América*) de modo a preservar a anunciada neutralidade da LMSA.

A segunda fase da crise: a cisão regionalista

O confronto entre as coligações paulistas se ampliou a seguir por uma inesperada influência argentina. Em maio de 1913 LPF recebeu um convite da *Asociación Argentina de Football* (AAF) para jogos em Buenos Aires. [206] A mais antiga federação argentina, originalmente fundada com o nome *Argentine Football Association* (1893), também enfrentava uma dissidência, com a recente organização da concorrente *Federación Argentina de Football*. Naquele delicado momento, o convite para partidas amistosas que a AAF dirigiu especificamente à LPF, a mais antiga do Brasil, era oportuno para fortalecer o prestígio de ambas. A liga paulista organizou um time misto, com brasileiros e estrangeiros, que tinha o SCA como base, reforçado jogadores de outros clubes, mas sem convidar atletas da rival APSA.

Fig. 22. Time da *Liga Paulista* que excursionou pelos países do Prata, em 1913. Ele tinha como base o *S. C. Americano*. Ajoelhados na fila do centro estão os dois irmãos Bertone (sem bigode). Sentado no canto direito está o escocês Archie McLean.

[205] *O Estado de São Paulo*, 22 set. 1913, p. 7; 23 set. 1913, p. 8; 25 set. 1913, p. 6.
[206] *O Estado de São Paulo*, 17 mai. 1913, p. 6.

No dia 10 de agosto de 1913 a equipe brasileira, integrada pelos irmãos Bertone, venceu a da argentina por 2x0 em Buenos Aires. [207] Foi a primeira vitória de um time nacional fora do país. [208] Apesar das derrotas sofridas em outros três jogos, uma na Argentina e duas no Uruguai, os desdobramentos da primeira conquista no estrangeiro foram enormes. Como consequência mais imediata da excursão brasileira, o general Julio Roca ofereceu ao embaixador brasileiro em Buenos Aires, Luiz de Souza Dantas, uma taça de prata que ele havia recebido como homenagem dos jogadores argentinos após assistir aos jogos. [209] Em carta, ele pedia à diplomacia brasileira que a taça fosse disputada anualmente entre times representativos dos dois países. O general Roca sabia aproveitar a popularidade do futebol com habilidade política. Um correspondente brasileiro em Buenos Aires dizia que o interesse e a constante presença dele nos estádios, onde sempre era muito aplaudido, deveria ser imitada: "o seu exemplo merece bem a atenção dos nossos homens públicos, muito dos quais só vêm nas lutas esportivas um divertimento brutal para desocupados..." [210]

A oferta da "Copa Julio Roca" envolveu, dessa maneira, o ministério das relações exteriores (Itamaraty) na tarefa de estimular um acordo entre as ligas para a formação de um *scratch team* brasileiro. Os brasileiros estavam pressionados a agir, pois governo argentino atribuía importância aos espetáculos futebolísticos no relacionamento diplomático com os vizinhos. Em outubro do mesmo ano o ministro do exterior argentino, Ernesto Bosch, anunciou a intenção de organizar um campeonato sul americano. Através da AAF o convite foi imediatamente oficializado à liga carioca (LMSA) e à paulista (LPF). [211]

O sucesso obtido na excursão do time da LPF ao Prata foi decisivo, também, para que a liga fosse convidada pela LMSA para representar o futebol paulista na primeira disputa entre seleções da Taça Rio-São Paulo. [212] Segundo o jornal carioca *Correio da Manhã*, que doou a taça, o comando do futebol no país estaria em questão a partir daquele momento. [213] O sentimento regionalista estava aguçado, os paulistas se orgulhavam da vitória conquistada na casa dos argentinos e os cariocas se vangloriavam

---

[207] *Correio da Manhã*, 11 ago. 1913, p. 6; *O Paiz*, 12 ago. 1913, p. 3.
[208] MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 87; SANTOS, N. C. O. (2009). *Op. cit.*, p. 55.
[209] *O Paiz*, 15 set. 1913, p. 6; *O Estado de São Paulo*, 17 set. 1913, p. 8.
[210] Cf. *O Estado de São Paulo*, 25 ago. 1913, p. 7.
[211] *O Estado de São Paulo*, 31 out. 1913, p. 7.
[212] *Correio da Manhã*, 1 nov. 1913, p. 6; 4 nov. 1913, p. 4; *Jornal do Brasil*, 28 mai. 1914, p. 11; *O Imparcial*, 22 abr. 1915, p. 8.
[213] *Correio da Manhã*, 2 out. 1913, p. 4.

por terem batido os ingleses do *Corinthian F. C.*, por 2x1, com poucos dias de diferença. [214]

Em 16 de novembro de 1913 aconteceu no Rio de Janeiro um jogo amistoso entre as seleções paulista e carioca. O encontro serviu apenas para definir o mando de campo do torneio que começaria de fato a partir do ano seguinte. A APSA, dirigida por Antonio Prado Junior, foi convidada e enviou um representante, mas prontamente se recusou a entrar na disputa da taça compondo um time junto com a LPF. Ela reivindicou para si o direito exclusivo de representar São Paulo. [215] Naquele momento a LMSA tinha em mãos o poder de reconhecer uma das coligações do estado vizinho e, consequentemente, de debilitar a outra. Ela esperava poder impor as condições a uma das duas. Uma vez superado o grande obstáculo paulista, poderia centralizar a direção do esporte nacional.

No dia 5 de abril de 1914 foi assinado um surpreendente acordo entre a paulista APSA e a carioca LMSA. [216] Em troca do reconhecimento exclusivo, a liga chefiada por Prado Junior aceitava se subordinar à outra em todas as relações que fossem mantidas com o governo federal e com quaisquer instituições esportivas estrangeiras. Isso incluía a organização das delegações nacionais para representar o país no estrangeiro. Concordava que os seus afiliados só poderiam participar de jogos interestaduais e internacionais se autorizados pela carioca e que eles não manteriam nenhum tipo de atividade com clubes não reconhecidos por ela. Admitia o direito da LMSA de prescrever as regras e regulamentos esportivos a serem adotados também em São Paulo, inclusive a própria definição do termo "amador". Acataria as penalidades que fossem impostas aos atletas e clubes, atribuindo àquela o poder de decidir em última instância sobre todos os impasses surgidos, sem ao menos preservar para si o direito de apelar aos tribunais da República.

Segundo justificativa então divulgada pela LMSA, a escolha dessa liga se deu porque ela "condensa em seu seio os principais clubes da capital paulista, sendo assim a sociedade que mais fielmente define as condições de esporte, do seu meio". [217] Mero discurso retórico. Não foi um simples ato de reconhecimento mútuo, o acordo

[214] *O Estado de São Paulo*, 23 ago. 1913, p. 6; *Correio da Manhã*, 16 nov. 1913, p. 5.
[215] *Correio da Manhã*, 14 nov. 1913, p. 6; 16 nov. 1913, p. 6; *O Estado de São Paulo*, 30 out. 1913, p. 7; 18 nov. 1913, p. 6.
[216] *O Estado de São Paulo*, 14 abr. 1914, p. 9; *Correio Paulistano*, 14 abr. 1914, p. 2; *Gazeta de Notícias*, 10 abr., p. 4; 17 abr. 1914, p. 4; *O Imparcial* 19 abr., p. 10; *Jornal do Brasil*, 9 abr. 1914, p. 12.
[217] Cf. *O Estado de São Paulo*, 10 abr. 1914, p. 6; *Correio Paulistano*, 10 abr. 1914, p.3

estabeleceu uma relação de filiação. [218] O fato é que a APSA aceitou ocupar posição secundária numa estrutura federativa que seria dirigida a partir do Rio de Janeiro, mas cujo funcionamento sequer estava definido. Na ânsia de vencer a rival paulistana, na hora mais crítica, ela não se importou em abrir mão da autonomia regional, sem prever e exigir a participação dos estados na organização do futebol nacional. Os desdobramentos políticos dessa decisão só ficariam evidentes a partir do ano seguinte, como se verá mais adiante.

Estava deflagrada a segunda fase da crise, ela opôs uma das ligas paulista à carioca. Sentindo-se traídos, os dirigentes da LPF prometeram "pisar nos destroços daqueles que tentam desviá-la da sua rota". Cumprimentaram com ironia a LMSA "pelo fácil meio que julgou achar para vencer São Paulo, mas nem assim o conseguirá porque a Liga Paulista saberá conservar com o maior carinho a supremacia do *football* que de fato e de direito lhe pertence". [219] Num primeiro instante, talvez fosse pura bravata de alguém com o orgulho abatido. O golpe foi muito duro, a notícia significava a queda das arrecadações nas bilheterias do parque Antártica, que já não eram altas. Os coligados ficavam impedidos, também, de combinar jogos com os times cariocas. Diante das previsíveis perdas o *C. A. Ypiranga*, um dos filiados da LPF, se bandeou imediatamente para a liga rival. O clube semiprofissionalizado de Henrique Vanorden, o SCA, depois de ter vencido dois campeonatos seguidos (1912 e 1913), sofreu uma debandada de jogadores que migraram para a AAMC e a *A. A. São Bento*. Vanorden se indispôs com outros membros da liga, seu clube deixou o campeonato e caiu no ostracismo, até se dissolver em 1916. [220]

Por outro lado, à medida que as principais decisões sobre o futebol brasileiro começaram a ser ditadas pela capital federal, o acordo de submissão firmado por Antonio Prado Junior casou um mal estar entre os esportistas da oligarquia paulista. Alguns dos que inicialmente o haviam apoiado, como Mario Cardim, começaram a contestar as bases acertadas e, mais tarde, foram reforçar o regionalismo da LPF contra a centralização imposta através aliança APSA/LMSA. [221]

A cisão deflagrada no ano anterior em torno da posição elitista para barrar a democratização dos espetáculos em São Paulo, tomou outro rumo. O conflito

[218] V. MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 90-93; SARMENTO, Carlos E. *A regra do jogo*: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2006, p. 4-8.
[219] Cf. *O Estado de São Paulo*, 12 abr. 1914, p. 10.
[220] *O Estado de São Paulo*, 29 mar. 1914, p. 7; 15 abr. 1914, p. 7; *Mundo Esportivo*, 29 jun. 1950, p. 6; FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit*., p. 84-85.
[221] V. *O Estado de São Paulo*, 5 ago. 1915, p. 7; 4 fev. 1916, p. 8.

ultrapassou o cenário municipal com impulso redobrado. Uma nova polarização política se configurou no desenrolar dos acontecimentos, com cariocas e paulistas disputando o comando dos esportes no contexto nacional. Ambos os lados procuraram adesões, envolveram membros dos governos estadual e federal, atraíram um número crescente de clubes e ligas informais para os espetáculos esportivos, inclusive em outros estados. A competição interestadual acentuou os processos de federalização do futebol, deixando a defesa do amadorismo elitista para segundo plano.

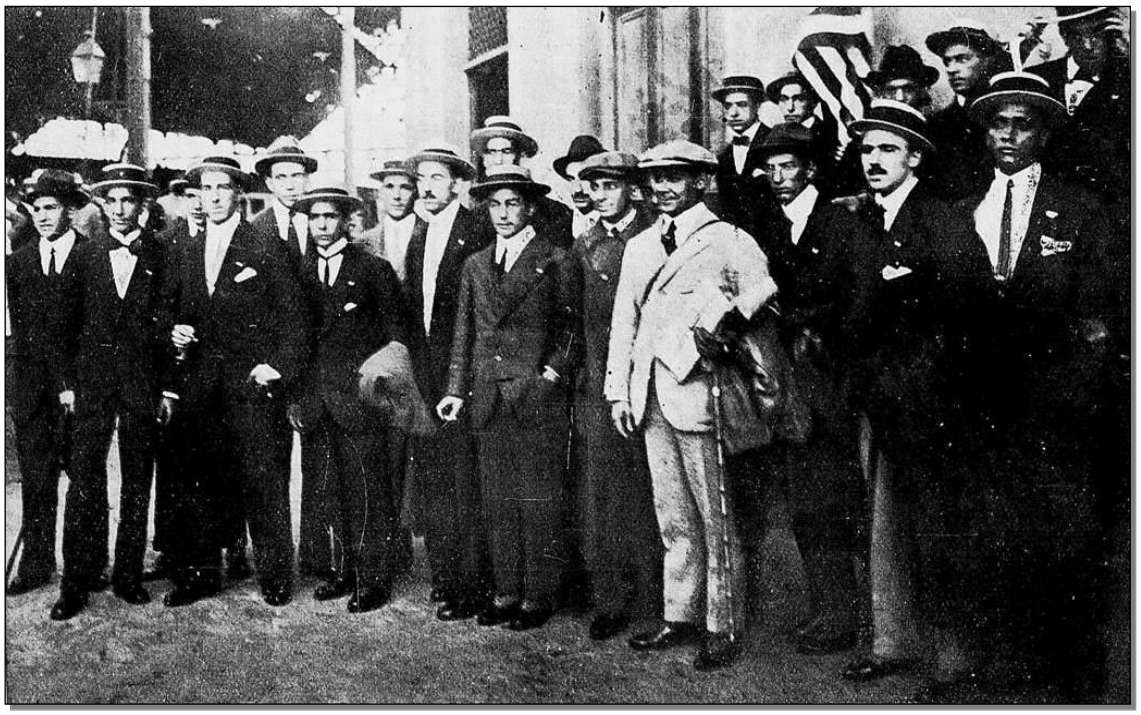


Fig. 23. Delegação da *Associação Paulista de Sports Athleticos* ao desembarcar no Rio de Janeiro para a disputa da taça entre as duas seleções estaduais. Mario Cardim liderava a excursão, ele aparece de terno claro, alguns meses depois ele rompeu com a nova liga. *Revista da Semana*, 1914.

O envolvimento argentino

Somente depois de estabelecido o convênio com a liga paulista é que se propôs a criação da primeira organização federativa nacional. [222] Dois meses mais tarde, em 8 de junho de 1914, as diretorias da LMSA, da *Federação Brasileira das Sociedades de Remo* e de seis outras instituições cariocas de menor peso se reuniram no Rio de Janeiro para formar o *Comitê Olympico Nacional* e a *Federação Brasileira de Sports* (FBS). A federação foi planejada para ser um elo entre os esportes do país e o governo central. Havia urgência no assunto, mas nada a ver com o futebol. Tratava-se de obter o reconhecimento do *Comité International Olympique*, que estava para se reunir em Paris

[222] V. SARMENTO, C. E; (2006). *Op. cit.*, p. 5; MAZZONI. T. (1950). *Op. cit.*, p. 93.

dali alguns dias, e assim adquirir o direito de enviar atletas aos jogos programados para Berlim, em 1916. [223] Nenhum dos presentes no congresso do Rio de Janeiro recebeu procuração para representar entidades de outros estados brasileiros. A APSA nem mesmo foi ouvida. Ficou decidido que a estrutura nacional do *Comitê Olympico* seria ditada a partir do alto, com a futura nomeação de delegados para outras regiões. Os estatutos foram adaptados às pressas a partir do órgão congênere português. [224] A direção de todas as modalidades esportivas dentro do país ficaria subordinada à futura FBS, cujos estatutos foram deixados para serem redigidos e discutidos em outra oportunidade. Nos planos, apoiados pelo *Jornal do Brasil*, os estados teriam que se submeter à organização do Distrito Federal, sob a tutela do governo:

> Se os Estados não quiserem reconhecer, terão de o fazer pela força das circunstâncias.
> Como? Perguntará o leitor.
> Muito facilmente respondemos nós, passando à explicação:
> Criada a Federação Brasileira de Sports, por acordo ou fusão da Federação do remo e da Liga Metropolitana, terá a nova Federação o seu presidente nomeado pelo Governo, receberá dele os favores e auxílios de caráter geral, será reconhecida instituição de utilidade pública e poderá com alguma rapidez, fazer-se reconhecer pelas congêneres estrangeiras como a suprema autoridade representante dos sports do Brasil e única intermediária portanto das relações dos grêmios, clubs e sportsmen de países estrangeiros.
> Firmadas as convenções dessa ordem, sob os auspícios do Governo, as Federações ou Ligas estaduais que não reconhecerem a supremacia da Federação, ficarão isoladas e terão uma vida sedentária e apagada, porque não tomarão parte dos certames nacionais e não poderão realizar provas ou festas internacionais com qualquer dos países amigos, que o Brasil mantenha relações oficiais sportivas. [225]

A assembleia de representantes não tratou sobre a organização do futebol, embora estivesse implícito que essa modalidade também passaria a ser dirigida pela FBS, em futuro ainda incerto. A entidade ainda não existia de fato, foi fundada por formalidade burocrática para credenciar a ação da LMSA no país e no exterior. Desse modo, quando foi montada a delegação para disputar a Copa Roca, em setembro de 1914, a APSA continuava vinculada tão somente à liga municipal do Rio de Janeiro, a qual dizia responder pelo futebol brasileiro. Os cariocas selecionaram o time para a excursão, incluindo cinco jogadores paulistas. [226] O governo argentino havia escolhido, por decreto, a *Federación Argentina de Football* (FAF) como a responsável pelo torneio e também por coordenar a formação da *Confederação Sul-Americana de Football*, ao lado

[223] *Jornal do Brasil*, 28 mai. 1914, p. 11; *Gazeta de Notícias* 3 jun. 1914, p. 1; *O Paiz*, 5 jul. 1914, p. 6.
[224] *Gazeta de Notícias*, 9 jun. 1914, p. 4; *Correio da Manhã*, 10 jun. 1914, p. 4; *O Paiz*, 16 jun. 1914, p. 11; *Jornal do Brasil*, 10 jun. 1914, p. 14.
[225] Cf. *Jornal do Brasil*, 15 mar. 1914, p. 17.
[226] *Correio da Manhã*, 13 set. 1914, p. 4; *O Imparcial*, 16 set. 1914, p. 8; *O Estado de São Paulo*, 15 set. 1914, p. 5; 17 set. 1914, p. 5.

de representantes dos países do Cone Sul. [227] O congresso de fundação aconteceu em Buenos Aires, paralelo à disputa da Copa Roca, e incluiu as delegações chilena, paraguaia e uruguaia. Os quatro delegados brasileiros presentes representavam a LMSA. Um deles pertencia à diretoria da APSA, Raul Guimarães de Oliveira, mas a coligação paulista não constava como participante oficial. [228]

Ao final do encontro, ficou acertado que o primeiro campeonato sul-americano aconteceria um ano depois, no Rio de Janeiro. Até lá, os países membros da nova confederação tratariam de unificar as suas respectivas entidades nacionais e buscariam, conforme a situação de cada um, o reconhecimento da FIFA, com sede em Amsterdam. A Argentina e o Chile eram membros da federação internacional desde 1912 e estavam interessados na oficialização da entidade que nascia na América do Sul e do campeonato continental. Assim sendo, todos os delegados assumiram o compromisso formal de pacificar as divergências em seus respectivos países e consolidar uma entidade com abrangência nacional até o final de 1914.

No caso do futebol argentino, a AAF aceitou entrar em negociações com a federação dissidente, a FAF, e quatro meses depois a unificação foi concretizada naquele país. [229] Os compromissos que ambas haviam contraído no passado foram preservados na fusão e a associação argentina (AAF) já reconhecia oficialmente a liga paulista LPF. [230] Havia anos que a mais antiga liga de São Paulo mantinha relações amistosas com os argentinos. Os vínculos entre as duas jamais foi abalado ao longo do tempo e eram respeitados pelos argentinos, principalmente após o prestígio alcançado pela excursão promovida por Henrique Vanorden no ano anterior. Ademais, parte dos dirigentes argentinos guardavam ressentimentos contra LMSA devido ao apoio que a coligação carioca havia oferecido à facção separatista, à FAF, durante a crise do futebol daquele país. A posição da LMSA no episódio foi interpretada como uma intervenção estrangeira inoportuna. Em resumo: a paulista APSA não existia nas relações da federação argentina recém-unificada, mas sim a sua rival, a LPF. A partir daí, a LMSA não poderia mais falar pelo futebol de São Paulo com os vizinhos do sul, isso caberia apenas à LPF.

---

[227] *Correio da Manhã*, 7 jul. 1914, p. 6; 29 jun. 1914, p. 5; *O Paiz*, 8 jul. 1914, p. 7; *O Estado de São Paulo*, 8 jul. 1914, p. 7; ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE SPORTS ATHLETICOS. Relatório de 1914. In: *Correio Paulistano*, 11 nov. 1914, p. 8.
[228] *O Estado de São Paulo*, 1 out. 1914, p .6; *Correio da Manhã*, 5 out. 1914, p. 5.
[229] *O Estado de São Paulo*, 12 jan. 1915, p. 6; *Correio da Manhã*, 11 jan. 1915, p. 4.
[230] *O Imparcial*, 17 abr. 1915, p. 9; 22 abr. 1915, p. 8; *O Estado de São Paulo*, 17 abr. 1915, p. 5.

A situação política se complicou e o racha paulistano voltou à tona com força. O conflito que havia eclodido no cenário municipal e se ampliado para o interestadual, chegava ao plano internacional. As peças se embaralharam num grande quebra cabeças ao envolver também instituições estrangeiras na disputa doméstica brasileira. Na guerra de reconhecimentos mútuos, a realização do primeiro campeonato sul-americano e da segunda edição da Copa Roca, em 1915, passou a depender dos entendimentos que a aliança APSA/LMSA promoveria para a unificação em São Paulo. Sem dúvida, uma difícil batalha de trincheiras se iniciava. A má vontade era grande de parte a parte e o início das conversas foi sendo adiado.

No primeiro contato, feito em caráter informal seis meses depois do congresso de Buenos Aires, os dirigentes da oponente, a *Liga Paulista de Football*, exigiram que na coligação resultante da fusão fosse mantido o nome mais antigo e que os seus sete clubes afiliados fossem automaticamente aceitos, sendo três deles na primeira divisão. [231] Pareciam pedidos mínimos, mas APSA os considerou inaceitáveis, pois alguns dos novos membros da LPF eram recém-egressos do futebol informal. Além do mais, a APSA e a liga a carioca agora se consideravam poliesportivas. Estavam preocupadas em desenvolver as modalidades olímpicas, e não admitiriam a restrição indicada no nome pela palavra "futebol", até por questão de orgulho esnobe. Dessa maneira, as negociações ficaram paralisadas.

A conjuntura da guerra

Desenvolver relações externas fortalecia as posições internas. O apoio dado pelos argentinos foi decisivo para a LPF sustentar um prolongado confronto. Era importante conseguir mais jogos internacionais e a LPF tratou de trazer um time da Itália para exibir no parque Antártica. Em maio de 1914 ela anunciou que o *F. C. Torino* faria uma série de partidas no mês de agosto. [232] A escolha parecia oportuna, pois o time do SCCP estava empolgando os torcedores da comunidade italiana, naquele ano o clube do Bom Retiro conquistou o seu primeiro campeonato na liga.

---

[231] *Gazeta de Notícias*, 13 mar. 1915, p. 4; *O Imparcial*, 22 abr. 1915, p. 7; 23 abr. 1915, p. 12; *O Estado de São Paulo*, 5 abr. 1915, p. 4-5; 20 abr. 1915, p. 6; *Correio Paulistano*, 27 abr. 1915, p. 3.
[232] *O Estado de São Paulo*, 28 mai. 1914, p. 7.

Faltavam três dias para o embarque do *Torino* no porto de Gênova, quando a aliança APSA/LMSA anunciou que outra equipe italiana já rumava para o Brasil. [233] Essa viagem-surpresa foi acertada sigilosamente na Itália e o time batizado com o estranho nome de "Squadra Representativa", dando a entender tratar-se do selecionado oficial daquele país. Depois se soube que era um clube dissidente, o *U. S. Pro-Verselli Calcio*. [234] Ele aportaria no Brasil poucos dias antes do *Torino* e, portanto, se apresentaria no Velódromo Paulista nas mesmas semanas. Era evidente a intenção de tirar público do parque Antártica. O ex-futebolista Armando da Silva Prado fez um apelo à APSA para que o período de jogos não coincidisse. Naquele momento Armando presidia o clube náutico italiano, o *Esperia*, responsável pela recepção oficial à equipe do *Torino*. Ele pediu que o roteiro da "Squadra Representativa" fosse invertido e os primeiros encontros acontecessem com times do Rio de Janeiro, aonde a atracagem do navio italiano era aguardada. A APSA respondeu com grossa ironia: sugeriu que o *Torino* fosse jogar antes em Buenos Aires. [235]

O convite sorrateiro feito ao *Pro-Verselli* para fazer a visita bater de frente com a do *Torino* foi um dos momentos mais degradantes da política esportiva, nas primeiras décadas do futebol. A ânsia de estrear outro time italiano antes do concorrente foi tanta, que as despesas para a antecipação da viagem ficaram mais elevadas do que o normal e, apesar das boas arrecadações de bilheteria, o balanço da liga apontou prejuízo naquele ano. Ao final, os times da APSA puderam se vangloriar por terem conquistado três vitórias e dois empates – comemoradas como se fossem cinco vitórias – sobre a falsa "Squadra" italiana. Ao passo que os da LPF haviam perdido todos os seis que jogos que disputaram contra o *Torino*, vários deles por goleadas. [236] A comparação era indevida, pois as equipes visitantes tinham níveis de qualidade diferentes, mas ela servia ao propósito da APSA: o de reivindicar superioridade sobre a outra liga, a qual parecia fadada ao desaparecimento. Em seu relatório anual, a diretoria tripudiou assim ao se referir sobre as vitórias: "Para contrabalançar porém o déficit monetário, tivemos a acrescentar no nosso ativo moral, nada menos de cinco brilhantes vitórias, que vieram demonstrar que a hegemonia esportiva de São Paulo reside na APSA". [237]

---

[233] *O Estado de São Paulo*, 19 jul. 1914, p. 8; *Correio Paulistano*, 19 jul. 1914, p. 3.
[234] *O Estado de São Paulo*, 22 jul. 1914, p. 9.
[235] *O Estado de São Paulo*, 23 jul. 1914, p. 8.
[236] V. FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit*., p. 155-156.
[237] Apud MAZZONI, T. (1950). *Op. cit.*, p. 96.

Apesar da atitude mesquinha, o episódio pode ser identificado como um ponto de inflexão histórica. As duas ligas promoveram um clima festivo na cidade, com grandes homenagens aos visitantes e uma forte promoção dos jogos. Foi uma sucessão de onze partidas intercaladas que aconteceram entre os dias 2 e 23 de agosto, a maior parte delas com boas plateias. As exibições valorizaram as comunidades de imigrantes que, pela primeira vez, estiveram bem representadas entre os times que se exibiram. Não apenas a maioria de torcedores italianos, também os portugueses.

Fig. 24. Foto montagem da equipe italiana do *Pro-Verselli* no Velódromo Paulista. *A Cigarra*, 1914.

As visitas das duas equipes estrangeiras, assim como as primeiras partidas entre as seleções paulista e a carioca pela disputa da Taça Rio-São Paulo, além de dez jogos travados nesse mesmo ano entre clubes dos dois estados, tudo isso contribuiu para tirar os espetáculos de futebol do marasmo em que se encontravam a tempos e, sobretudo,

aceleraram a democratização. [238] Essa sucessão de jogos coincidiu com o início da guerra europeia, deflagrada no mês de julho. A partir daí, o clima de apreensão e de comoção nacionalista aumentou entre os imigrantes. À medida que mais e mais países se envolviam no conflito, por aqui a simpatia dos brasileiros pendia a favor da colônia italiana, ao passo que os alemães perdiam prestígio. O SCG abandonou pela primeira vez o campeonato da LPF em agosto de 1914, em respeito à entrada da Alemanha na guerra. Nas polarizações entre os protagonistas dos espetáculos, os times formados por jogadores ingleses ou alemães começaram a ceder lugar para novos personagens, principalmente pela ascensão dos times de italianos que passaram a contracenar com os brasileiros.

A estreita abertura da APSA

A democratização das exibições públicas avançou na LPF e até mesmo na esnobe coligação adversária. Mais do que conseguir adesões de novos clubes, a APSA esperava subjugar a rival. Ao término do campeonato de 1913, com três participantes, a APSA abriu inscrições para o ano seguinte e incluiu mais três membros: o *C. A. Ypiranga*, o *Scottish Wanderers F. C.* e a *A. A. São Bento*. [239] Os critérios de ingresso não ficaram muito claros. Os dois primeiros clubes foram simplesmente convidados e a *A. A. São Bento* conquistou a sua vaga ao vencer um jogo contra a *A. A. Villa Buarque*. A comissão de sindicância também funcionou e o *Concórdia F. C.* teve sua inscrição negada, sem que a diretoria se preocupasse em disfarçar o caráter discricionário das decisões tomadas. Para preservar o comando da entidade nas mãos do mesmo grupo, a extensão do mandato da diretoria passou de anual para trienal. Assim, os clubes ingressantes não teriam influência imediata na condução da liga. [240]

A coligação conservadora sentia as pressões pela democratização, ela aceitou a inclusão de atletas vindos da classe operária e desistiu de dar destaque aos jovens estudantes. Entre os três ingressantes o único clube com perfil estudantil era a *A. A. São Bento*, associação dos alunos do colégio beneditino que antes disputava os torneios colegiais, mesmo assim ele contou com reforços de "convidados" para entrar no campeonato da liga. [241] A trajetória do *C. A. Ypiranga* era distinta, com jogadores mais

[238] V. MAZZONI, T. (1950). *Op. cit*., p. 94-98.
[239] *O Estado de São Paulo*, 30 out. 1913, p. 7, 12 nov. 1913, p. 8; 14 nov. 1913, p. 7; 1 abr. 1914, p. 8; 14 mar. 1914, p. 7.
[240] *O Estado de São Paulo*, 14 nov. 1913, p. 7.
[241] FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 93-95.

experientes. Ele surgiu de uma cisão do clube alemão, o SCG, liderada pelos irmãos Thiele em 1906, e era formado por empregados do comércio. [242] Sua transferência significou uma grande perda para a LPF, pela qual competia desde 1910.

Fig. 25. O *Scottish Wanderers*, time da *J&P Coats*, fábrica localizada no bairro do Ipiranga, 1912.

A maior novidade, porém, foi o convite feito ao *Scottish Wanderers F. C.*, formado dois anos antes por trabalhadores escoceses da fiação *J&P Coats* (Linhas Corrente). [243] A empresa, com matriz em Paisley, na Escócia, trazia técnicos para trabalhar na sua filial paulistana e vários desses operários qualificados chegavam com experiência no futebol. Alguns deles jogaram pelo SPAC e a liga tentou compensar a desistência do tradicional time inglês ao incluir alguns dos seus antigos jogadores no recém-criado time escocês. [244]

A abertura foi timidamente ampliada no ano subsequente. Em 1915 a APSA modificou ligeiramente seus estatutos – apenas o artigo 14 – e passou a aceitar a filiação

[242] Idem, p. 85-87.
[243] HAMILTON, A. (2001). *Op. cit.*, 135-136.
[244] *O Estado de São Paulo*, 13 out. 1913, p. 8.

de qualquer clube interessado, desde que aprovado pela comissão de sindicância. [245] Os ingressantes, entretanto, ficaram incluídos numa categoria clientelista, chamada de "extraordinária". Não podiam disputar o campeonato da coligação, não tinham assento no conselho, nem direito a voto na assembleia e sequer foi implantado um mecanismo de ascensão ao grupo principal. Não se tratava, portanto, da criação de um campeonato de segunda divisão, como aquele que existia no Rio de Janeiro e já admitia a disputa de vaga entre o vencedor da divisão inferior e o último colocado da primeira. A APSA anunciou apenas a intenção de organizar uma nova divisão em futuro incerto, como explicou a diretoria: "em época oportuna serão então votados os regulamentos para esse fim". [246] A única vantagem oferecida de imediato aos ingressantes era a da filiação federativa, que daria o direito de jogar eventuais amistosos com os principais times da liga, inclusive no Velódromo Paulista, e com as equipes cariocas.

Talvez essa pequena concessão não fosse lá muito atraente, nem para clubes pequenos. Provavelmente, as arrecadações obtidas em amistosos seriam baixas demais para atraí-los. Entretanto, o chamariz estava dirigido para os jogadores, de modo individual. Pela reforma ficou estabelecida uma regra de exceção muito sutil: mediante autorização, os atletas filiados na categoria "extraordinária" poderiam aceitar convites e disputar o campeonato pelos times principais, sem se desligarem dos clubes de origem. [247] Assim, eles estariam liberados para participar dos espetáculos da liga. Poderiam jogar por um dos seis clubes "ordinários" e fazer amistosos pelo "extraordinário". Isso, sem dúvida, era atraente para jogadores de times que não tinham outra forma para se apresentar diante das maiores plateias, no velódromo da Consolação, nem mesmo nos campos cariocas.

A estratégia da filiação clientelista visou arrancar outros membros da LPF e dificultar que ela recebesse mais times saídos do futebol informal, sem para tanto abrir acesso ao grupo principal da APSA. O artifício estatutário foi suficiente atrair o campeão da liga rival: o SCCP, pivô da cisão moralista acontecida dois anos antes. Ele aceitou a condição de "extraordinário", em março de 1915, sem direito a disputar o campeonato que começaria no mês seguinte. [248] Haveria tempo suficiente para inscrever aqueles rapazes que vinham de famílias trabalhadoras, mas não o interesse da liga

[245] *Correio Paulistano*, 4 dez. 1914, p. 3; *O Estado de São Paulo*, 16 mar. 1915, p. 6.
[246] Associação Paulista de Sports Athleticos. Relatório de 1914. In: *Correio Paulistano*, 11 nov. 1914, p. 8.
[247] *O Estado de São Paulo*, 20 mar. 1915, p. 5; 7 mai. 1915, p. 6; *Correio Paulistano*, 20, mar. 1915, p. 3.
[248] *O Estado de São Paulo*, 21 mar. 1915, p. 5; *Correio Paulistano*, 21 mar. 1915, p. 3; V. NEGREIROS, P. L. (2010). *Op. cit.*, p. 226-227; Idem (1992). *Op. cit.*, p. 88-90.

esnobe em incluir o clube do Bom Retiro na primeira categoria, como aconteceu no ano anterior com o *Ypiranga*. O campeonato permaneceu limitado a seis agremiações e nelas figuravam os jogadores "convidados", cedidos pelos times "extraordinários".

Todos os titulares do SCCP atuaram nos espetáculos de 1915 por outros times, até mesmo por aqueles vinculados às instituições escolares: Casemiro do Amaral, Casemiro Gonzalez, Manuel (Neco) Nunes, Cesar Nunes e Bianco Gambini passaram a jogar pela AAMC; Francisco Pollice pelo *Scottish Wanderers F. C.*; Americo Fiaschi pela *A. A. São Bento*; Amilcar Barbuy, Antonio Peres, Bororó, José Apparicio Delgado e Fulvio Benti pelo *C. A. Ypiranga*. [249] Logo nas primeiras partidas do campeonato eles já se apresentaram pelos times adotivos, um forte indício de que as condições para a troca de liga foram negociadas em sigilo entre os clubes, antes do anúncio. [250] Naquele ano Casemiro do Amaral e Bianco jogaram também pela seleção paulista que disputou a Taça Rio-São Paulo. [251] Eles continuaram a se apresentar pelo SCCP em amistosos. Em nota publicada n'*O Commercio de São Paulo* os corinthianos comunicaram, aos possíveis interessados pelos seus serviços esportivos, sobre a condição ambígua de "fiéis" ao clube de origem e, ao mesmo tempo, já compromissados com outros da própria liga:

> Os abaixo assinados, sócios e jogadores do Sport Clube Corinthians Paulista vêm declarar publicamente para evitar futuros pedidos inúteis, que não jogarão mais por clube algum, senão para o acima citado ao qual darão sempre preferência e para os clubes da Apea, com os quais já tenham compromisso. São Paulo, 25 de maio de 1915 [...]. [252]

A propalada fidelidade era duvidosa. Os memorialistas registraram, por exemplo, que os jogadores Americo, Pollice, Fulvio, Bianco e Amilcar atuaram por outro time de trabalhadores italianos que se filiou à APSA na categoria de "extraordinário": a *Sociedade Sportiva Palestra Itália*. [253] Teoricamente eles só estavam proibidos de participar por clubes que não fossem filiados à aliança APSA/LMSA e mesmo nesses casos haveria um jeitinho. O *Santos F. C.* também optou por abandonar a LPF e entrar na categoria dos "extraordinários" da outra liga. Enquanto ele aguardava melhores oportunidades nessa, passou a disputar o campeonato de uma terceira, a recém-formada *Liga Paulista de Sports Athleticos*, com o nome do time trocado para *União F. C.*, de

---

[249] CITADINI, Antonio R. *Neco*: o primeiro ídolo. São Paulo: Geração Editorial, 2001, p. 58.
[250] V., p. ex., *O Estado de São Paulo*, 21 abr. 1915, p.7.
[251] FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 89.
[252] Cf. *O Comércio de São Paulo*, 30 mai. 1915, apud NEGREIROS, P. J. L. C. (1992). *Op. cit.*, p. 88.
[253] V. *Correio Paulistano*, 3 out. 1915, p. 4.

modo a escapar da restrição imposta pela APSA. [254] Era um segredo de polichinelo, mas no "faz de conta" dos espetáculos era importante manter as aparências perante as plateias, nem que fosse através de um nome de fantasia. Ao jogar pelo time dos "estudantes" do *Mackenzie*, o craque corinthiano conhecido como Néco preferiu ser identificado pelo seu sobrenome. Nas colunas esportivas dos jornais ele aparecia como duas personagens, atuando em dias diferentes: jogando pelo SCCP era o Neco e pela AAMC era o Nunes. [255]

Com as sucessivas transferências, a LPF ficou muito enfraquecida. Nesse momento ela só contava com o persistente apoio da federação argentina, visto pelos adversários como interferência estrangeira indevida. A APSA se deu por satisfeita com as adesões conquistadas. Em abril de 1915 ela congelou o processo de federalização que, mal e mal, havia esboçado através do "artigo 14" dos seus estatutos, sem ao menos estabelecer o funcionamento de uma segunda divisão:

> A Associação Paulista de Sports Athleticos não pretende tomar a si o encargo de fazer a unificação de todas as ligas, (que são muitas as existentes em nosso Estado) julgando ter feito o possível, modificando os seus Estatutos, que ora permitem a realização do seu intuito, que é o de reunir sob sua direção todos os clubs do estado que desejarem e estiverem nas condições exigidas pelo artigo 14 e seu parágrafo. Além dos seis clubs que formam a primeira divisão, tem já a APSA filiados mais os seguintes: Santos F. Club, Sport C. Corinthians Paulista, campeão de 1914 da Liga Paulista de Football, Sport Club Alumny, Italo F. Club, A. A. São Bernardo e Palestra Itália, além de outros que estão em vias de se filiarem. [256]

Apogeu e declínio dos profissionais britânicos

No relatório que publicou ao final de 1914, a diretoria da APSA se orgulhava ao dizer que, em dois anos de atividades, apenas duas suspenções disciplinares foram impostas a jogadores da liga. [257] Talvez a quantidade tenha caído mesmo, porém o tratamento dado aos problemas era bem semelhante ao dos anos anteriores. No dia 6 de junho daquele ano, um sábado, o escocês Archibald (Archie) McLean agrediu um adversário em campo e, logo após a partida, foi punido com a suspensão por seis meses. [258] Era um dos melhores jogadores da época e tinha a sua escalação assegurada na seleção paulista que enfrentaria a carioca no final daquele mesmo mês, na primeira disputa pela Taça Rio-São Paulo. Então, no domingo o *Scottish Wanderers F. C.*

[254] FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 92.
[255] V. *O Estado de São Paulo*, 2 mai. 1915, p. 6.
[256] Cf. *O Estado de São Paulo*, 20 de abril de 1915, p. 6. V. tb., *O Imparcial*, 22 abr. 1914, p. 7-8.
[257] *Correio Paulistano*, 11 nov. 1914, p. 8.
[258] *O Estado de São Paulo*, 7 jun. 1914, p. 7.

apresentou à diretoria da liga um pedido formal de desculpas pelo mau comportamento do seu jogador. Na segunda feira os jornais já comunicaram o cancelamento da severa pena, ou seja, o jogador foi plenamente perdoado no dia seguinte à partida. Mesmo assim, o *Correio Paulistano* aplaudiu a medida de combate à violência adotada pelo vice-presidente da APSA, o jornalista Edgard Nobre de Campos, não por coincidência gerente editorial do mesmo jornal. A condução dada por ele ao caso foi considerada moralizadora:

> ...louvamos os seus intuitos de manter nas pugnas do seu campeonato uma linha de cortesia e sobranceira dignidade, consoante com a posição social dos seus associados e da distinta e culta assistência que a tem distinguido com insofismável preferência e interesse. [259]

Archie McLean ocupava a função de mecânico na fiação *J&P Coats* e havia jogado por um time profissional na Escócia, o *Ayr F. C.*, antes de se transferir para o Brasil. [260] Mais tarde, em ele foi envolvido numa rumorosa denúncia de profissionalismo que também atingiu a APSA. O SCA, clube não filiado, tentava se reerguer e organizar um novo time. Ele contratou os serviços de McLean e de William (Bill) Hopkins, que até então formavam uma boa dupla de ataque no *Scottish Wanderers F. C.* e na seleção paulista. Depois dos primeiros treinos os dois romperam o acordo assinado e aceitaram uma proposta melhor para voltar à APSA, feita através da *A. A. São Bento*. O jornal carioca *O Imparcial* denunciou o acerto profissional, prontamente negado pela liga paulista. [261] Mas os representantes do SCA não só confirmaram o caso revelado, como apresentaram aos jornalistas cariocas uma foto dos jogadores em treinamento pelo seu clube e cópia do contrato que eles haviam firmado em cartório, com valores fixados. No momento da assinatura os atletas escoceses embolsaram um adiantamento em dinheiro, pago em nome de um "torcedor" simpatizante do clube. O SCA entendia que: "os referidos jogadores receberam maior quantia para jogarem para o S. Bento, mesmo porque o sr. McLean não joga *football* para simples passa tempo, ou por *sport*". [262] Os atletas alegaram inocência, disseram que as assinaturas eram falsas. [263] Entretanto, o próprio Bill Hopkins forneceu uma contraprova involuntária. Tentou devolver o dinheiro através de um emissário, o qual

[259] Cf. *Correio Paulistano*, 8 jun. 1914, p. 3.
[260] HAMILTON, A. (2001). *Op. cit.*, p. 133-135.
[261] *O Imparcial*, 3 abr. 1916, p. 9.
[262] Cf. *A Época*, 13 abr. 1916, p. 4.
[263] *O Imparcial*, 21 abr. 1916, p. 10.

entregou o envelope em mãos erradas e, assim, aumentou o número de testemunhas da transação abortada. [264]

Jornalistas das duas cidades cobraram a abertura de inquérito, mas nem mesmo a LMSA estava interessada em apurar o caso, pois continuava pressionada pela resistência da LPF em São Paulo e não queria que a aliada APSA perdesse jogadores importantes para a rival. McLean e Hopkins continuaram a jogar pelo time dos "estudantes" da *A. A. São Bento* e como titulares absolutos da seleção paulista na luta pela Taça Rio-São Paulo, torneio anual que fazia enorme sucesso. [265] Ademais os clubes do Rio de Janeiro também contratavam jogadores britânicos.

Fig. 26. Time do *Fluminense F. C.*. O "*tank* inglês", Harry Welfare, está ajoelhado no centro da linha de ataque. *Revista da Semana*, 1914.

O grande astro da seleção carioca naquele momento era Henry (Harry) Welfare, centroavante do *Fluminense F. C.*, que antes havia jogado na liga profissional inglesa pelo *Liverpool F. C.*. Sua condição de atleta amador também foi questionada e o clube obrigado a declarar que ele sempre jogou como amador na liga inglesa, que tinha uma profissão digna e era "rapaz de boa família". [266] Para todos os efeitos, o jogador havia optado por deixar a Inglaterra para ingressar na carreira de professor secundário no

[264] *O Estado de São Paulo*, 16 abr. 1916, p. 7.
[265] *Correio da Manhã*, 25 set. 1916, p. 3.
[266] Cf. *Correio da Manhã*, 6 abr. 1914, p. 6. V tb. HAMILTON, A. (2001). *Op. cit*., p. 159-163.

Brasil, contratado em 1913 pelo *Gymnasio Anglo-Brasileiro*. Realmente, Welfare era obrigado a se deslocar até a longínqua praia do Vidigal para lecionar inglês e, depois de três anos nesse trabalho, ameaçou desistir do futebol brasileiro. Então o clube conseguiu colocação melhor numa firma do comércio importador. [267]

O fato é que o profissionalismo crescia encoberto nos clubes de espetáculos. Por isso mesmo os puristas defendiam o amadorismo de maneira intolerante, em contraste com a situação vivida. [268] A própria APSA revelou em sindicância moralizadora que o *Scottish Wanderers F. C.*, após fraca atuação em dois campeonatos sucessivos, não tinha sequer campo de treinamento como exigiam os estatutos. O time só se reunia nos dias de jogos e, segundo boatos nunca discutidos abertamente, as arrecadações que caberiam à manutenção do clube eram divididas entre os jogadores. [269] Essa sindicância tardia e arbitrária foi disparada por motivos óbvios: circulavam as notícias de que eles estavam em negociações com clubes não filiados à APSA. [270] Em fevereiro de 1916 a liga soltou um comunicado polido anunciando o desligamento do clube escocês, imediatamente substituído no campeonato por um dos "extraordinários", a *S. S. Palestra Itália*, apoiada pelas *Indústrias Matarazzo*. Esse clube italiano foi convidado, sem precisar disputar a vaga com outros. As críticas contra o profissionalismo eram recorrentes, no entanto as medidas para coibi-lo eram arbitrárias e só ficavam nas aparências. [271]

Os jogadores do *Scottish Wanderers F. C.* logo se dispersaram por outros times, inclusive entre os da mesma liga, a exemplo do que aconteceu com a dupla McLean-Hopkins. O desaparecimento do clube escocês coincidiu com o afastamento do *Rio Cricket A. A.* do campeonato carioca e marcou o declínio da participação britânica no futebol brasileiro, a qual jamais chegou a ser comparável a dos países platinos. O fluxo de jogadores ingleses, escoceses e alemães entre a Europa e o Brasil estancou devido ao serviço militar dos jovens que regressaram para a Europa em guerra. Quando o jornalista Leopoldo Sant'Anna publicou, em 1918, informações biográficas sobre 132 dos jogadores que atuavam nos espetáculos do futebol paulistano, apenas dezesseis eram estrangeiros de nascimento (12%), dos quais um único era britânico, Archie MacLean, e nenhum alemão. Dois dos "estrangeiros" eram filhos de fazendeiros

[267] MARIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 105-110; HAMILTON, A. (2001). *Op. cit*., p. 168-169.
[268] V. *Correio da Manhã*, 6 abr. 1914, p. 6; *O Imparcial*, 17 fev. 1916, p. 8.
[269] MAZZONI, T. (1950). *Op. cit*., p. 108; HAMILTON, A. (2001). *Op. cit*., p. 164-166.
[270] *O Estado de São Paulo*, 30 out. 1915, p. 8.
[271] *O Estado de São Paulo*, 23 fev. 1916, p. 6; 27 fev. 1916, p. 7.

nascidos na França e os demais vieram da Itália, Portugal, Espanha e Uruguai. [272] O alemão SCG, campeão pela LPF em 1915, perdeu jogadores e também torcedores, principalmente após a Itália romper a aliança militar que tinha com a Alemanha e entrar na luta ao lado da França e do Reino Unido. Embora o governo brasileiro tenha assumido posição inicial de neutralidade em relação ao conflito europeu, a germanofobia crescia. Setores da oligarquia paulista, liderados por Julio de Mesquita e *O Estado de São Paulo* defendiam o alinhamento brasileiro ao lado dos países da Tríplice Entente.

A terceira fase da crise: a cisão fazendeira

No início de 1915 a LPF estava bastante enfraquecida. Após a saída do SCCP, o único clube que empolgava a torcida, a coligação não diferia muito de outras existentes na cidade. A maioria dos coligados havia chegado recentemente do futebol informal: *A. A. Maranhão*, *S. C. Luzitano*, *A. A. Campos Elíseos*, *Minas Geraes F. C.* e *G. A. Vicentino*. Apesar da debilidade, a LPF resistiu às pressões graças a inesperados apoios e adesões. Em abril a federação argentina comunicou oficialmente à LMSA que não agendaria as disputas internacionais enquanto não fosse resolvida a questão da cisão brasileira. [273] Como filiada à FIFA, a Argentina ficou impedida de organizar campeonatos oficiais com países não reconhecidos pela federação de Amsterdam. Era o caso do Brasil, que sequer havia encaminhado sua solicitação de registro, contrariando o que ficara acordado no congresso de Buenos Aires no ano anterior.

Diante da imobilidade da aliança APSA/LMSA, o jornalista Mario Cardim fez uma tentativa pessoal de conciliação em São Paulo e reuniu representantes das duas partes para uma conversa informal em sua casa. [274] Porém, as negociações não evoluíram. Em maio de 1915, a LPF tomou a iniciativa de apresentar uma proposta aberta de pacificação: seria feita através da fundação de uma nova entidade, a *Federação Brasileira de Football* (FBF) à qual estaria subordinada uma liga estadual abrangendo todos os clubes. O convite de adesão à nova federação foi apresentado à APSA, à LMSA e franqueado, indistintamente, a qualquer clube do país. [275] O plano tinha o objetivo explícito "de fazer de São Paulo, em matéria esportiva, no seio da

[272] SANT'ANNA, Leopoldo. *O football em São Paulo*. São Paulo: Piratininga, 1918.
[273] *O Imparcial*, 17 abr. 1915, p. 9; *O Estado de São Paulo*, 17 abr. 1915, p. 5; *Correio da Manhã*, 18 abr. 1915, p. 5.
[274] *O Imparcial*, 22 abr. 1915, p. 7; 23 abr. 1915, p. 12; *Correio Paulistano*, 27 abr. 1915, p. 3.
[275] *O Estado de São Paulo*, 15 mai. 1915, p. 5; 28 mai. 1915, p. 6.

união, o que ela já é em todos os ramos da atividade brasileira". [276] Ou seja, a LPF ousava defender a unificação de todas as ligas do estado em torno de um objetivo comum, muito mais ambicioso: organizar uma entidade representativa do futebol nacional, liderada por paulistas.

A pacificação regional assim idealizada seria, ao mesmo tempo, um desafio contra as intenções de hegemonia dos esportistas da capital federal. A pregação rebelde, típica do regionalismo paulista, não vinha dos dirigentes ligados ao comércio importador, muito menos das camadas trabalhadoras que agora estavam representadas por vários times na LPF. Logo ficou claro que Mario Cardim, um dos fundadores da APSA e ex-membro da sua diretoria, era o verdadeiro mentor do documento insurgente apresentado. Ele trocou novamente de lado para assumir a defesa da coligação mais antiga. Deflagrava-se assim uma nova cisão, desta vez no seio da elite fazendeira, e a crise entrou na terceira e mais aguda fase. Mario Cardim não estava só, ele representava um movimento articulado entre os sócios do CAP, em torno das posições de renovação cívica defendidas pelo jornal *O Estado de São Paulo*, núcleo do pensamento republicano-histórico. Ao lado de Cardim se posicionaram lideranças importantes daquele clube esportivo: o major Luis Fonseca, Paulo de Moraes Barros, José Carlos de Macedo Soares, Julio de Mesquita Filho e seu irmão Francisco. Todos pertenciam ao círculo de amizades e parentescos que frequentava os jogos de tênis no velódromo da Consolação, ou eram antigos companheiros nos *raids* automobilísticos.

A conjuntura internacional de guerra estimulou esse rearranjo de posições. Através do seu jornal a família Mesquita encampou o movimento cívico iniciado pelo poeta Olavo Bilac a favor da preparação física e militar dos jovens. Em outubro de 1915, Julio de Mesquita Filho organizou com outros estudantes universitários o Centro Nacionalista, a favor do alistamento militar obrigatório. Esse foi o embrião da Liga Nacionalista de São Paulo, fundada em dezembro de 1916, que tinha entre os seus objetivos "a educação física do cidadão, o escotismo, as linhas de tiro e o preparo militar". Em mais uma iniciativa de mobilização cívica dos adolescentes, Mario Cardim havia introduzido em novembro de 1914 o movimento escoteiro no Brasil. Após ter se encontrado com o general Baden-Powell na Inglaterra ele fundou a *Associação Brasileira de Escoteiros* para a educação complementar, corporal e moral, em contato com a natureza.

[276] Cf. *O Estado de São Paulo*, 6 mai. 1915, p. 6.

Fig. 27A. À esquerda propaganda para alistamento de escoteiros. *Revista da Semana*, 1917. **Fig. 27B.** Mario Cardim em seu uniforme de chefe escoteiro. Revista *Fon Fon*, 1917.

As temáticas da pedagogia social, da educação física extraescolar, que andavam adormecidas havia anos, foram reavivadas e a organização do futebol incluída nesse esforço. Elas vinham misturadas às aspirações da política regionalista. *O Estado de São Paulo* assumiu a posição de órgão de comunicação da LPF, passou a defender a proposta da nova federação (FBF) e a publicar uma sequência de artigos assinados por Mario Cardim com veementes ataques contra a aliança APSA/LMSA. [277] Cardim acusava a liga dirigida pelo seu velho amigo, Antonio Prado Junior, de imobilista e de submissão à vontade da coligação municipal do Rio de Janeiro. Defendia que a unificação estadual fosse resolvida entre os esportistas paulistas, sem interferências daquilo que chamou de "cangalha fluminense". [278] O acordo assinado em 5 de abril de 1914, que havia subordinado a associação paulista à LMSA, foi finalmente contestado:

> ...a Associação reconheceu numa instituição regional como ela, pertencente a um centro sportivo muito menos adiantado do que o nosso, a suprema autoridade em todo Brasil e

[277] *O Estado de São Paulo*, 3 jul. 1915, p. 5; 4 jul. 1915, p. 4; 6 jul. 1915, p. 5; 8 jul. 1915, p. 6; 10 jul. 1915, p. 5; 11 jul. 1915, p. 5-6; 13 jul. 1915, p. 5; 15 jul. 1915, p. 6.
[278] *O Estado de São Paulo*, 4 ago. 1915, p. 8; 5 ago. 1915, p. 7.

> em toda a espécie de relações quer nacionais quer internacionais. Em matéria de organização esportiva é tudo quanto há de mais anormal e cômico. Felizmente, esse edifício não podia se manter em pé. Era necessário que se fundasse a Federação Brasileira, perante a qual o Distrito Federal, com a Metropolitana, se apresentasse em igualdade de condições; federação perante a qual não houvesse o monopólio esquisito de uma só liga regional, mas a representação igual de todos os Estados. [...]
>
> Agora, nas suas bases para a fusão da Liga Paulista propôs à Associação Paulista que S. Paulo reivindique o papel que lhe cabe no seio dos Estados brasileiros e que concorra para a organização do *football* dentro do Estado, nos limites do Brasil e nas suas relações externas, conforme fazem todas as nações civilizadas.
>
> A Associação está entre esses dois dilemas: ou aceita as propostas da Liga para defender os interesses de São Paulo nas suas relações com outros Estados, reclamando a posição que lhe é devida, ou colabora com ela na regulamentação do *football* no nosso Estado chamando em seu seio os clubes do interior e da capital; ou presta auxílio à Liga para a organização geral do *football* em todo Brasil, ou então não faz nada disso e atira-se de novo nos baços da Metropolitana, com as suas ideias arrevesadas.
>
> No primeiro caso a Associação defenderá os interesses de São Paulo, no segundo combatê-los-á. [279]

O principal signatário da aliança estabelecida no ano anterior, Antonio Prado Junior, de personalidade discreta e avessa a polêmicas, não respondeu pelos jornais aos ataques do antigo companheiro. Os sócios do seu clube, o CAP, oscilavam entre as duas correntes. João Didier e Fernão Salles permaneceram como representantes na APSA, porém defenderam a ideia de constituir outra federação nacional, ao lado da LMSA. [280] Tudo indica que a posição de Prado Junior na liga tenha se tornado decorativa, pois ele se afastou por longos períodos do comando. As críticas de Mario Cardim tinham outros alvos. Os mais importantes interlocutores da APSA durante toda a crise vinham do clube da Floresta (AAP): Antonio José de Vasconcelos de Almeida Prado Junior, Edgard Nobre de Campos. Outro liderava a atlética do *Mackenzie College* (AAMC): Benedicto Augusto de Freitas Montenegro. Os três ocuparam interinamente a presidência da coligação e ditaram de fato o seu rumo.

Havia entre os sócios da AAP um forte sentimento de grupo, cultivado desde a dissidência que abandonou o CAP em 1905 e reforçado pelos dois rompimentos com a LPF, em 1906 e 1911. Nas três oportunidades eles consideravam defender posições de honra e enfrentaram as decisões tomadas por dirigentes ligados ao CAP. Ao se examinar as lideranças do clube da Floresta se constata a presença que vários defensores da ala mais conservadora no futebol, todos integrados às extensas parentelas da elite fazendeira: Alfredo Egydio de Souza Aranha, Agostinho de Almeida Prado, Augusto Brant de Carvalho, Luiz de Toledo Piza Sobrinho, Urbano de Moraes Bueno Junior,

---

[279] Cf. *O Estado de São Paulo*, 5 ago. 1915, p. 7.
[280] *Correio Paulistano*, 15 ago. 1915, p. 4.

Orlando Penteado, Gastão Rachou, Fritz de Souza Queiroz, Pedro Paulo de Almeida Lima, os irmãos Olavo, Octavio e Mario Egydio de Oliveira Camargo, Raphael de Salles Sampaio, Godinho Cerqueira Leite, Arthur Rangel Christoffel, Alberto de Oliveira Caldas, Gabriel José de Rezende Filho e Raul Guimarães de Oliveira. Portanto, ter o major Luis Fonseca e o jornalista Mario Cardim em confronto político não era novidade e nem intimidava os *sportsmen* da AAP.

O principal veículo de comunicação da APSA passou a ser o *Correio Paulistano*. O jornal oficial do PRP tinha Edgar Nobre de Campos como redator, mas nunca reservou grandes espaços às polêmicas dos esportes. As respostas mais contundentes contra a corrente liberal, apoiada por *O Estado de São Paulo*, foram emitidas pelos jornais cariocas: *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil* e *O Paiz*. Eles denunciavam os rebeldes paulistas por se aproveitarem das ingerências argentinas e se apoiarem na frágil LPF para tentar assumir o controle do futebol nacional.

A corrida pela federalização

No final de julho de 1915 a LPF apresentou as suas condições básicas para dar inicio à fusão paulista. [281] Propunha a criação de uma terceira entidade estadual resultante da unificação. Ela estaria subordinada à federação nacional anunciada dois meses antes (FBF), ambas com sede na capital paulista. Os times das duas ligas disputariam um campeonato para decidir os componentes da primeira divisão e de uma intermediária. Outras divisões subalternas seriam criadas em estrutura vertical, conforme o número de clubes interessados em participar de campeonatos municipais, intermunicipais e estaduais. A cada ano, estariam abertas as oportunidades de ascenso entre todas as divisões, pela disputa do último colocado da superior com o campeão da inferior. Enfim, procuravam implantar o modelo de organização que funcionava havia décadas em países europeus e fora apenas iniciado no Rio de Janeiro. Descontada a paixão regionalista que envolvia a disputa pelo comando nacional, a novidade estava na quebra das barreiras sociais, na abertura do processo federativo para incluir o maior número possível de clubes e dar uma organização centralizada à difusão do esporte, por todas as regiões e camadas. Seria uma abertura democrática, mas com o intuito de colocar a expansão social do futebol sob o controle centralizado pelos paulistas, pois as comissões sindicantes e a defesa do amadorismo permaneciam nos planos. A referência

[281] *O Estado de São Paulo*, 31 jul. 1915, p. 7-8; 1 ago. 1915, p. 6; 3 ago. 1915, p. 5; *Correio da Manhã*, 2 ago. 1915, p. 2; *Gazeta de Notícias*, 4 ago. 1915, p. 6.

citada para a reforma era o código esportivo da USFSA, a tradicional federação francesa.

O conselho da APSA recusou em bloco as condições oferecidas pela rival, após discussão sumária e sem oferecer contrapropostas. [282] Almeida Prado argumentou que a filiação à FIFA e as ligações com a Argentina eram dispensáveis. Repudiada outra vez, a LPF abriu inscrições para qualquer clube paulista que possuísse um campo de jogo e quisesse disputar campeonatos numa das divisões que ela criou. Tratou de arregimentar adesões de ligas de outros estados e reuniu em São Paulo a assembleia geral de fundação da FBF, em 25 de setembro de 1915. [283] A federação argentina telegrafou à LMSA, alertando sobre a importância da sua participação nesse encontro, o que foi tomado no Rio de Janeiro como mais uma intromissão ofensiva nos assuntos nacionais. [284] Sem contar com a colaboração da coligação carioca, os organizadores da FBF se vangloriavam de ter conquistado inscrições de ligas e clubes de mais três estados: Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, além de São Paulo. Os números impressionavam, foram recebidos 270 delegados, representantes de 180 associações, que contavam com mais de 11.000 jogadores filiados. Eram clubes com origens bem heterogêneas, de diferentes localidades e classes sociais. Parecia o início de uma grande descentralização geográfica e democratização do futebol.

Ou seria encenação política? Escolhida a primeira diretoria, ficou evidente o fosso de representatividade em relação à diversificada assembleia que a elegeu: todos os dirigentes pertenciam a São Paulo. A presidência coube a Paulo de Moraes Barros, então secretário da agricultura no governo estadual de Rodrigues Alves. Ligado à corrente dos republicanos históricos, Paulo integrava a cúpula do PRP. Era herdeiro de dois ilustres políticos falecidos: sobrinho do presidente Prudente de Moraes e filho do Senador Manoel de Moraes Barros. Sua presença era simbólica para o movimento liberal iniciado dentro do CAP. Paulo de Moraes era sócio do clube e parceiro do seu cunhado, Mario Cardim, nos jogos de tênis do velódromo. Também estavam entre os dirigentes da FBF o deputado José Pereira de Mattos, o major Luis Fonseca, o jornalista

[282] *Correio da Manhã*, 10 ago. 1915, p. 3; *O Estado de São Paulo*, 7 ago. 1915, p. 8; 8 ago. 1915, p. 7.
[283] *O Estado de São Paulo*, 11 ago. 1915, p. 7; 13 ago. 1915, p. 6; 14 ago. 1915, p. 7; 14 set. 1915, p. 6; 16 set. 1915, p. 7; 26 set. 1915, p. 6; 29 set. 1915, p. 7; 30 set. 1915, p. 6.
[284] *Correio da Manhã*, 26 ago. 1915, p. 5; *O Estado de São Paulo*, 27 ago. 1915, p. 6; 28 ago. 1915, p. 7; *A Noite*, 26 ago. 1915, p. 5; *Jornal do Brasil* 28 ago. 1915, p. 10; *O Século*, 3 set. 1915, p. 3; *O Paiz*, 8 set. 1915, p. 5; 9 set. 1915, p. 8.

Julio de Mesquita Filho e o próprio Mario Cardim, principal articulador do movimento. [285]

Apesar do peso político da diretoria, a representatividade da nova federação foi contestada pelo *Jornal do Brasil*: "não está longe o dia de ser transformada na mais engraçada palhaçada que já se tem visto em *sports* no Brasil". [286] O jornal carioca dizia que as ligas afiliadas eram novatas e instáveis, compostas por clubes sem expressão, e que a coligação do Rio conseguiria um número bem maior de adesões se baixasse as suas exigências e o valor da taxa de inscrição. Menosprezou a qualidade dos filiados sob a ótica elitista de sempre:

> A exceção de pouco mais de meia dúzia, que pode merecer o nome de clubs, alguns assim mesmo por generosidade, todos os outros são clubs que nada valem, porque não têm realmente os característicos de grêmios e não representam os requisitos nem para a última divisão da Associação Argentina. [287]

Mesmo assim, a criação da FBF deixou os dirigentes da LMSA sob pressão. Eles foram acusados de incompetentes pela imprensa argentina – e mesmo pela carioca – por terem abandonado os compromissos assumidos em Buenos Aires e perdido o controle do processo de unificação. [288] Até os aliados paulistas da APSA passaram a exigir a organização de outra federação nacional, onde tivessem participação mais equitativa.

Mais uma ameaça pairou: a recém-fundada FBF enviou pedido de filiação à FIFA que, se atendido, deixaria seus adversários sem acesso às disputas internacionais. Os líderes cariocas foram obrigados a desenterrar às pressas a ideia da FBS, a federação poliesportiva fundada ao lado do *Comitê Olympico Nacional*. [289] Bem mais de um ano já havia se passado sem que ela fosse instalada de fato, a planejada federação poliesportiva ficou completamente esquecida desde o cancelamento dos jogos olímpicos que deveriam ocorrer em Berlim. [290] No dia 15 de novembro de 1915 foram reunidos delegados de associações de remo, aviação, tênis, iatismo, futebol, ginástica e hipismo. Eles finalmente votaram os estatutos da FBS, dezessete meses depois da fundação ensaiada. [291] Os chamados "esportes terrestres", onde se incluía o futebol, continuaram

---

[285] *Correio Paulistano*, 26 set. 1915, p. 4; *O Estado de São Paulo*, 26 set. p. 7.
[286] Cf. *Jornal do Brasil*, 27 set. 1915, p. 9.
[287] Idem. V., tb., *Correio da Manhã*, 19 nov. 1915, p. 6.
[288] *O Estado de São Paulo*, 21 set. 1915, p. 6; *A Noite*, 16 jun. 1916, p. 1.
[289] *Jornal do Brasil*, 29 out. 1915, p. 10.
[290] SARMENTO, C. E. (2006). *Op. cit.*, p. 7-9.
[291] *Correio da Manhã*, 15 nov. 1915, p. 4; 17 nov. 1915, p. 5; 21 nov. 1915, p. 5; *O Imparcial*, 18 nov. 1915, p. 9; 22 nov. 1915, p. 7-8; *Jornal do Brasil*, 18 nov. 1915, p. 10; 21 nov. 1915, p. 13; *Gazeta de Notícias*, 17 nov. 1915, p. 5; 22 nov. 1915, p. 4; *Correio Paulistano*, 21 nov. 1915, p. 5.

sob o controle da LMSA. Ou seja, o controle político não mudou de mãos. No final da mesma semana, a diretoria foi eleita por uma assembleia formada por vinte representantes de quatro estados: São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Alegaram que outros não puderam comparecer devido ao curto prazo oferecido.

A *Gazeta de Notícias* estimou que a nova entidade pudesse agregar cerca de vinte mil atletas filiados, somadas todas as modalidades. [292] Pura especulação, não ficou discutida a organização nacional de nenhum esporte específico, todos começariam a ser geridos a partir dali por comissões recém-eleitas. Apesar dessa grave falta de estrutura e lacunas de informação, logo após o encerramento dos trabalhos a FBS enviou à FIFA um pedido de reconhecimento urgente. Contavam com a intermediação do chanceler Lauro Muller na esperança de conseguir a filiação antes do final do ano e assim poder participar das disputas sul americanas em 1916. O comando político ficou com o carioca Alvaro Zamith e os estatutos diziam que a sede permaneceria na capital da República por tempo ilimitado. Mesmo assim, ao voltar para São Paulo, um dos três representantes enviados pela APSA, Benedicto Montenegro, explicou em entrevista ao *Correio Paulistano* que a falada supremacia da LMSA era uma fantasia:

> A Metropolitana acha-se em igualdade de condições com as outras agremiações congêneres. É verdade que o presidente da Federação o é também da Metropolitana, mas, se ele foi escolhido para aquele cargo, não foi devido a ocupar este, porém, simples e unicamente, devido ao seu merecimento pessoal. [293]

Demolição e reconstrução

O campeonato da APSA de 1915, vencido pelo clube da Floresta, foi o último disputado no Velódromo Paulista. A *Cia. Brasileira de Immoveis e Construção* moveu ação de despejo contra o CAP e anunciou o loteamento do terreno. A demolição complicou a situação do clube. Além de perder a liderança dentro da APSA para a AAP, ele ficou temporariamente sem campo de treinamento e sem as quadras de tênis para os encontros sociais. Houve uma debandada de sócios enquanto não se definia outro local, no momento mais crítico apenas trinta deles mantinham suas mensalidades em dia. [294]

---

[292] *Gazeta de Notícias*, 24 nov. 1915, p. 5-6.
[293] Cf. *Correio Paulistano*, 23 nov. 1915, p. 3
[294] *Resumo histórico...* (1918). *Op. cit*., p. 38-39.

As arquibancadas de madeira, projetadas vinte anos antes por Tommaso Bezzi, foram desmontadas e reconstruídas na chácara da Floresta, onde continuaram em uso por várias décadas.

Fig. 28. Em primeiro plano os trilhos da rua da Consolação. Em frente, operários trabalham na abertura da rua Florisbella (atual Nestor Pestana). Ao fundo se vê os últimos pinheiros remanescentes do antigo estádio.

O novo campo foi inaugurado com um jogo comemorativo no dia 7 de maio de 1916. Um jornalista então lamentou a baixa presença de moças: "A concorrência foi grande, mas ressentiu-se da falta do elemento feminino, que é indispensável para o brilho dessas reuniões e constituiu sempre o maior encanto das festas esportivas do glorioso Velódromo". [295] Foi uma observação perspicaz, pois a partir daí as plateias do futebol tenderam à masculinização.[296]

[295] Cf. *Correio Paulistano*, 8 mai. 1916, p. 4.
[296] V. SANT'ANNA, L. (1924). *Op. cit*., p. 10, 84 e 100.

Fig. 29. As antigas arquibancadas do velódromo, remontadas na chácara da Floresta. *A Vida Moderna*, 1916.

O terreno do novo estádio pertencia à municipalidade e foi arrendado para uso da AAP pelo prazo de dez anos, renovável. O envolvimento direto do poder público com os esportes aumentou nos anos que antecederam à entrada do Brasil na Primeira Guerra. Em 1911 o vereador Armando da Silva Prado propôs a implantação de um grande parque no bairro da Ponte Grande, na faixa ribeirinha que desde o final do Império era usada para o lazer paulistano. Segundo o plano original do vereador, na área seria implantado "o necessário a exercícios sportivos, para educação física da mocidade, com uma seção de natação, composta de um grande lago". [297] A iniciativa resultou na lei municipal número 1.486, aprovada em 11 de dezembro, que previa a desapropriação da chácara da Floresta e terrenos adjacentes. [298] A chácara pertencia a Alberto de Menezes Borba e Frederico Vergueiro Steidel que ali mantinham o *Club de Regatas São Paulo*. Comprado originalmente por 60 contos de reis, em 1903, o terreno de 35.505 metros quadrados e suas benfeitorias foram adquiridas pela prefeitura por 350 contos de réis, em 1912. Somadas às desapropriações de áreas vizinhas o parque poderia abranger cerca de 150 mil metros quadrados. O prefeito Raymundo Duprat justificou dessa forma o gasto total de 1.636 contos de réis feitos com as indenizações dos diversos proprietários:

[297] Cf. DUPRAT, Raymundo. Relatório do Prefeito de São Paulo, de 1912 e 1913. In: *Correio Paulistano*, 15 jan. 1914, p. 5.
[298] NICOLINI, H. (2001). *Op. cit*., p. 215-220 e 237-238.

> Apesar de ser um melhoramento esse de não pequena monta, para os cofres do Município, a administração não hesitou em inicia-lo, fazendo essas aquisições de terrenos, convencida como está de que é preciso adotar S. Paulo de reservatórios de ar, principalmente numa zona como essa, entre os bairros do Bom Retiro e da Luz, de grande aglomeração de habitantes... [299]

A proposta do parque jamais foi concretizada. [300] Cerca de 50 mil metros quadrados foram cedidos em comodato ao próprio *Club de Regatas* e, um ano depois de terem consumado o negócio, os dirigentes se desentenderam com um grupo de sócios e extinguiram o clube repentinamente. A concessão da antiga chácara da Floresta foi então transferida para o *Club de Regatas Tiete*, que ali permaneceu por um século, até falir. À AAP foi entregue um terreno adjacente, o local do novo estádio oficial da APSA. [301] Na mesma época, o *Club Esperia*, presidido por Armando Prado, obteve a renovação do aforamento do terreno público que ocupava na outra margem do rio, no qual está até os dias atuais. [302]

O interesse dos vereadores pelos esportes não era exatamente uma novidade: desde as origens do turfe em São Paulo a câmara foi um reduto de dirigentes de clubes, a popularização do remo e do futebol apenas reforçou essa tendência. Nem assim a educação esportiva foi incluída nas políticas escolares do município, nem mesmo como atividade física extramuros. Preferiram oferecer concessões paternalistas, dar vantagens aos clubes de espetáculos que fortaleciam suas bases eleitorais. Por isso mesmo, os liberais do CAP que ofereceram apoio à PFL e à criação da FBF tinham na edilidade paulistana uma forte aliada.

Outros nomes podem ser lembrados. Em 1914 o vereador Antonio de Alcantara Machado recebeu o título de presidente honorário do SCCP por conseguir da prefeitura o arrendamento de uma área de 13.506 metros quadrados, onde o clube instalou sua sede e campo de treinamentos, em 1916. Assim foi sacrificado outro pedaço do imaginado parque da Ponte Grande. Alcantara Machado esteve também entre os fundadores e principais dirigentes da *Associação Brasileira de Escoteiros*, ao lado de Mario Cardim. Outro parlamentar teve ligações com o escotismo, o vereador João Mauricio de Sampaio Vianna, antigo presidente *Veloce Club Olympico* e diretor do CAP, cujo irmão, Carlos Americo, era um dos líderes do movimento. Na mesma legislatura da câmara estava o major Luis Fonseca e Washington Luis, ambos com

---

[299] Idem.
[300] CAMPOS, Candido M. *Os rumos da cidade*: urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: SENAC, 2002, p. 307-308.
[301] NICOLINI, H. (2001). *Op. cit*., p. 237, 244 e 260.
[302] *Correio Paulistano*, 24 fev. 1915, p. 5, 28 fev. 1915, p. 6.

notórias ligações com os esportes, suficientemente apontadas acima. O vereador Oscar Porto assumiu a presidência da LPF em 1914, no lugar do americano William Lee.

O fortalecimento político da antiga coligação, a demolição do velódromo da Consolação e os esforços oferecidos pelos parlamentares para a conquista de nova sede, tudo isso certamente pesou na decisão do SCCP de voltar para a antiga liga, no início de 1916. Ele abandonou a condição de clube "extraordinário" na APSA quando a sua situação financeira ficou difícil, sem ter perspectiva de fazer parte da divisão principal. Estava endividado, porque os jogos amistosos que disputou no ano anterior foram poucos e com menor renda. [303] Provavelmente, a concessão do terreno público foi usada como moeda de troca pelos vereadores Alcantara Machado e Oscar Porto para reforçar a LPF com um time bastante popular.

A reorganização do CAP

O CAP tomou outro rumo. Antonio Prado Junior se desligou da APSA e assumiu novamente a presidência do clube, cargo que continuaria a ocupar por mais 38 anos. Compôs a diretoria com o primo Martinho Prado Netto, o sobrinho Carlito Aranha, o futuro genro Eduardo Mario da Silva Ramos. Chamaram os amigos Fernão de Moraes Salles, João de Oliveira Barros, José Paulino Nogueira Filho, Alfredo Ellis Junior e Mariano Procopio de Araújo Carvalho. O grupo deu início ao movimento de ampliação do quadro de associados. Eles permaneceram uma década na direção e incluíram àqueles que faziam oposição à ala conservadora da APSA: Mario Cardim e o major Luis Fonseca. [304] Conseguiram doações e empréstimos suficientes para adquirir dois terrenos contíguos, com área total 27 mil metros quadrados – tamanho semelhante ao do antigo velódromo – num loteamento que estava sendo implantado pelo empresário Horácio Sabino. [305] Era o Jardim América, bairro com projeto de urbanização inglês, encomendado à *Cia. City of São Paulo*. Em dezembro de 1916 o número de sócios cresceu para 398. No final do ano seguinte, quando foram inauguradas as novas instalações, eram 760 sócios e em 1920 o total chegou a 1.476. O perfil do quadro associativo mudou radicalmente. Nomes de 24 mulheres figuravam na relação de titulares em 1918. Embora a proporção delas fosse ainda pequena (2,6%), é mais um

[303] V. NEGREIROS, P. L. (2010). *Op. cit.*, p. 227-231; Idem (1992). *Op. cit.*, p. 90-96.
[304] *O Estado de São Paulo*, 24 nov. 1950, p. 17.
[305] *Resumo histórico...* (1918). *Op. cit.*, p. 38-39; *Club Atlhetico Paulistano*: um clube que cresceu com a cidade. São Paulo: CAP, 1970, p. 33-35; BRANDÃO, I. L. (2000). *Op. cit.*, p. 31.

indicativo da transformação nos valores sociais. [306] A partir daí, familiares de todas as idades passaram a frequentar o clube, porque a reorganização não tratou apenas da mudança de bairro, incluiu novos objetivos:

> O conforto dos sócios será igualmente procurado com o desenvolvimento de um ambiente social o mais agradável, de maneira que o Club Athletico Paulistano seja não somente o club de um sportsman de todos os sports e ainda não só de sports, como também de uma vida social que, por sua natureza, ofereça regalias aos membros de qualquer idade ou sexo.
>
> Assim, para os menores, filhos ou parentes dos srs. sócios pensa a diretoria organizar o ensino metódico e racional de ginastica sueca, dança, efetivos de escoteiros, festas, conferências, jogos, etc.
>
> Para os sócios maiores, é nosso intento, além dos sports mencionados, organizar a instrução militar e os exercícios de tiro.
>
> Enfim, para os nossos associados não incluídos nessas categorias, procuraremos, além das comodidades existentes na sede social, realizar bailes, concertos, conferências, etc., esperando por esse modo contemplar os aspectos da nossa vida intima, com um ambiente que reúna ao conforto das instalações e das regalias nelas proporcionadas, a vantagem de se tornar o Club Athletico Paulistano um centro de cultura e aperfeiçoamento dos costumes. [307]

O modelo de organização social-esportiva incorporou, definitivamente, papeis que desde o final do Império vinham sendo preenchidos por tipos dispersos de associações recreativas, muito comuns nas primeiras décadas do século XX: carnavalescas, literárias, musicais, de bailes e jogos de salão. [308] O projeto das novas instalações, elaborado pelo arquiteto Ricardo Severo, incluía um salão de festas, que aos domingos começou a ser usado para as matinês dançantes. Era mais um ambiente seletivo para encontros e início de namoros, como foi o da adolescente Heloisa Alves de Lima com o goleiro Arnaldo Alves da Motta. [309] As matines do clube ficaram gravadas nas memórias cor-de-rosa de Yolanda Penteado. Ela compreendeu que os bailes e corsos carnavalescos eram importantes para liberalizar os costumes: "Pouco a pouco, a cidade estava mudando. Aquela sociedade tão hermética começava apenas a se abrir". [310]

---

[306] CLUB ATHLETICO PAULISTANO. *Relatório dos trabalhos sociaes correspondendo ao biênio 1917-1918*. São Paulo: CAP, 1918, p. 61-86; AMARAL, Luiz F. *Minhas reminiscências no Club Athletico Paulistano*. São Paulo: CAP, 1977, p. 29-31.

[307] Cf. CLUB ATHLETICO PAULISTANO. *Memorial sobre a reorganização do Club Athletico Paulistano, apresentado pela Directoria à assembleia geral extraordinária, dia 3 de abril de 1917*. São Paulo: CAP, 1917, p. 15-16.

[308] V. ELAZARI, Judith M. *Lazer e vida urbana*: São Paulo, 1850-1910. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: FFCLH-USP, 1979; RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 392-402.

[309] MOTTA, Heloisa A. L. *Uma menina paulista*. São Paulo: Totalidade, 1992, p. 68.

[310] PENTEADO, Yolanda. *Tudo em cor-de-rosa*. São Paulo: Aurora, 1976, p. 56.

Outra novidade foi a inclusão entre os associados de famílias de imigrantes enriquecidos. Destacados representantes da burguesia industrial ascendente apareceram nos registros: comendador Rodolpho Crespi, Menotti Falchi, comendador Egydio Pinotti Gamba, conde Alexandre Siciliano e coronel Nicolau Matarazzo. Eles eram pequena minoria e certamente não foram admitidos pelos seus dotes atléticos. A presença dos capitalistas estrangeiros e seus filhos tinha outra importância: o patriciado paulista começou a integrar os emergentes ao círculo de convivências.

Prado Junior comentou com um repórter: "Nós temos nos esforçado para convencer os sócios de que o Paulistano não é apenas um *club* de *football*. E que é pequeníssima a parte de sócios que se aproveitam do *football*". [311] De fato, os jogos de futebol não tinha mais importância entre as atividades físicas praticadas, muito menos para a sociabilidade cotidiana. Ainda assim, o futebol recebeu um espaço privilegiado no projeto, com altíssimo custo, apenas para destacar a identidade dessa elite nos espetáculos públicos de finais de semana e exibir os novos congraçamentos sociais na tribuna principal.

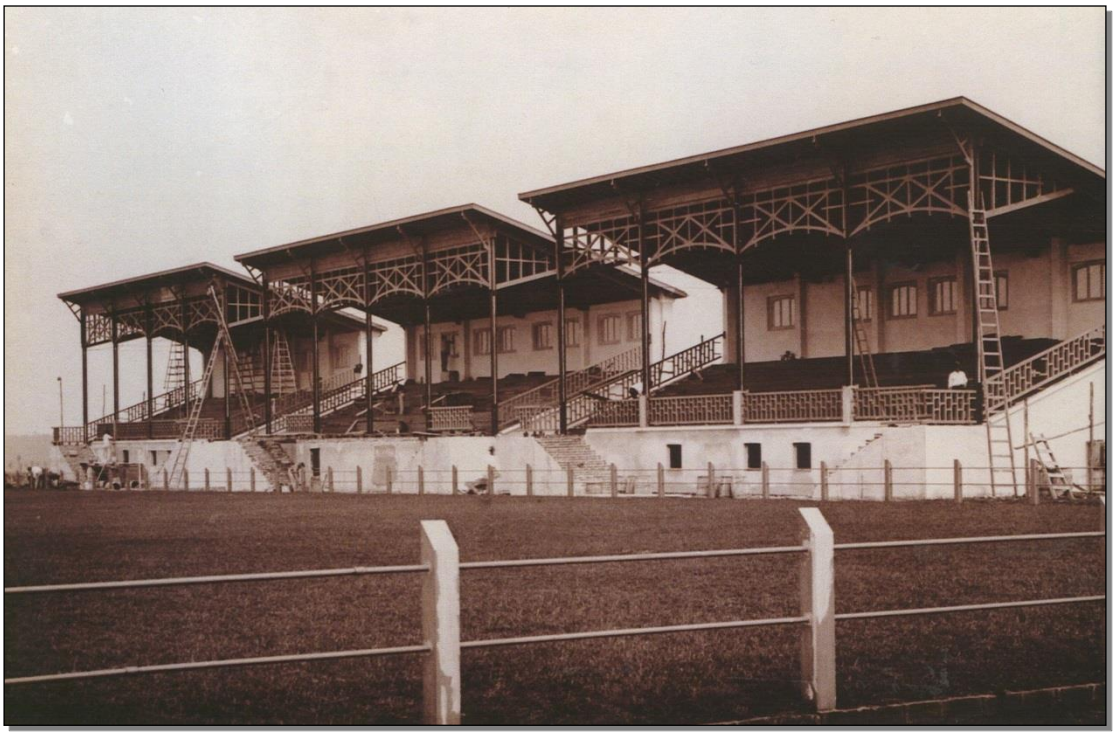


Fig. 30. As arquibancadas do novo estádio do *Club Athletico Paulistano*, no Jardim América, 1917.

Um estádio foi erguido com três lances de arquibancadas em nível elevado, suficientes para acomodar um total de dois mil espectadores em posição de destaque,

[311] *O Estado de São Paulo*, 25 dez. 1917, p. 8.

sendo bloco central só para os sócios, familiares e convidados. Eram mais amplas e vistosas do que as da chácara da Floresta e as do parque Antártica. Contando as áreas deixadas em torno do campo para o público em pé – que observava as tribunas tanto quanto ao jogo no gramado – quinze mil pessoas poderiam assistir às partidas de futebol nas maiores instalações já construídas para esse fim na cidade. [312] Ele foi inaugurado no final de 1917.

A assimilação dos italianos

Em 1914 o ex-futebolista do CAP, Fabio da Silva Prado, filho do falecido Martinico, casou-se com Renata, filha do industrial de origem italiana Rodolpho Crespi. A miscigenação entre famílias imigrantes e fazendeiras não era exatamente uma novidade. Desde a segunda metade do século anterior aconteciam algumas uniões de forasteiros enriquecidos com filhas de fazendeiros paulistas. Esse tipo de aliança matrimonial foi tolerado e aceito com o passar do tempo, não chegava a constranger a noiva e trazia novos ramos de negócios para o pai fazendeiro. Em 1906, por exemplo, Amalia Cintra Ferreira, cuja mãe vinha de tradicional cepa paulista e o pai era um jurista renomado, casou-se com Andrea, filho do industrial italiano Francisco Matarazzo.

Porém, os noivados com a posição social dos gêneros invertida, como o do fazendeiro Fabio com a filha de um *parvenu*, raramente aconteciam. Porque nos velhos costumes do patriciado da terra era o genro que se agregava à família do sogro e se submetia à sua liderança, ainda que de modo meramente simbólico. Vale citar um caso que ilustra bem a resistência dessa tradição de origem rural em famílias que haviam se fixado no meio urbano. Quando Antonio Prado Junior se casou com Eglantina Penteado, em 1901, o casal foi morar no palacete do pai da noiva, o Conde Alvares Penteado. [313] Só então a irmã mais velha, Antonieta, pode se mudar com o marido, Caio da Silva Prado, para um palacete construído em terreno vizinho. Esse era um dos tantos costumes do interior que sobrevivia na cidade grande.

Nas gerações ancestrais, até meados do século XIX, os pais preferiam contratar casamentos endogâmicos para os mancebos, com primas ou sobrinhas, como forma de preservar a fortuna dentro da parentela. Para expandir as influências para fora da

[312] *Correio Paulistano*, 6 ago. 1917, p. 2.
[313] HOMEM, Maria C. N. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 215; Idem (2011). *Op. cit*., p. 70.

parentela, apresentavam suas donzelas para os "bons partidos" de outras famílias poderosas. O genro rico poderia ser atraído por um dote de bom valor. Assim, o patriarca podia reproduzir e espalhar o sangue da parentela em novas regiões do interior e firmar novas alianças políticas. Foi visto no primeiro capítulo deste estudo que o velho costume de contratar casamentos para os filhos entrou em decadência na época do Segundo Reinado e estava em desuso nas primeiras décadas da República. [314] Mas no início do século XX a memória simbólica ainda estava bem viva para aqueles gostavam de cultuar as estirpes do passado. [315] Quando acontecia uma união com papeis invertidos, sendo o noivo de tradicional família vinculada à terra paulista, com maior prestígio político, e a noiva estranha ao círculo conservador, o fato provocava maledicências.

Fabio, contudo, pertencia ao ramo rebelde da poderosa parentela Silva Prado. Ele preferiu quebrar as convenções e aderir aos negócios do sogro italiano, um magnata do ramo têxtil. Em contrapartida, a família Crespi foi incluída no rol social da velha elite fundiária, com igualdade de tratamento. As alianças abriam portas nos dois sentidos. Na década seguinte Rodolpho Crespi comprou a fazenda de café Santa Cruz, em Araras, e paralelamente recebeu do governo italiano o título de conde. Aquela fazenda-modelo, onde o turfista Fábio Prado passou a criar cavalos puro sangue inglês, pertencera aos seus falecidos tios: Anesia da Silva Prado e Elias Pacheco Chaves. Os herdeiros do casal, primos de Fabio Prado, entre eles o aviador Edu Chaves, só se desfizeram do precioso latifúndio familiar, seu amado chão de origem, porque estavam em aperto financeiro. [316] O café deixou de sustentar a vida sofisticada que levavam.

Para a elite tradicional o apego à propriedade da terra continuava forte, um fator de identidade histórica e status, ainda que muitos cafeicultores tenham diversificado seus investimentos em indústrias, serviços urbanos, bancos e ferrovias, como no caso das parentelas Silva Prado e Penteado. [317] Para os imigrantes abastados a compra de um latifúndio poderia abrir o caminho da "fidalguia", mas isso deixou de ser prioridade à

---

[314] V. NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote*: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 211-240; SETUBAL, Maria A. Famílias paulistas, famílias plurais. In: *Terra Paulista*: histórias, arte, costumes. v. 2. São Paulo: CENPEC: Imprensa Oficial, 2004, p. 55-62 e 81-85.

[315] V. TRIGO, Maria H. B. *Os paulistas de quatrocentos anos*: ser e parecer. São Paulo: Annablume, 2001, p. 67-83.

[316] CATELLI, Rosana E. *A correspondência da família Pacheco e Chaves*: uma análise das práticas femininas da elite paulista, 1890-1930. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Campinas: IFCH-UNICAMP, 1997, p. 20-21 e 30-33.

[317] PERISSINOTTO, Renato. *Classes dominantes e hegemonia na República Velha*. Campinas (SP): UNICAMP, 1994, p. 158-163.

medida que os negócios urbanos se dinamizaram e a cafeicultura sofria crises cíclicas. A conjuntura da guerra europeia acelerou a reacomodação na camada dominante, com a inclusão de italianos. [318] As exportações de café foram imediatamente afetadas por quedas nas vendas aos países beligerantes e pelos bloqueios navais. A crise econômica se abateu mais uma vez sobre São Paulo, particularmente sobre a cafeicultura. Os setores menos dependentes da lavoura, ao contrário, foram beneficiados pela diminuição nas importações de manufaturados. [319] Houve um surto de crescimento industrial para substituir bens de consumo primário, a produção local de artigos básicos foi favorecida, controlada em boa parte pela burguesia de origem imigrante. Manter bons relacionamentos com os capitalistas forasteiros era, pois, uma estratégia de segurança naqueles tempos de incertezas. O casamento era a velha e mais segura maneira de conservar a posição dominante e, ao mesmo tempo, de assimilar as forças ascendentes.

A política de aproximações e os novos pactos sociais logo transpareceram nos espetáculos esportivos, tanto nas arquibancadas quanto nos gramados. Dois jogadores ligados à recém-formada *S. S. Palestra Itália* (SSPI) atuaram pelo CAP em 1915, o goleiro José Stillitano e o ponta Dante Vescovini. Eles foram "convidados" quando o clube italiano entrou para a APSA na condição de "extraordinário". O apoio dado por industriais das famílias Matarazzo e Falchi à SSPI foi decisivo para que no ano seguinte a agremiação italiana fosse admitida na primeira divisão da liga, em substituição aos escoceses do *Scottish Wanderers F. C.* Naquele momento existia uma infinidade de times de futebol informal compostos por imigrantes italianos que poderiam ser escolhidos, inclusive o SCCP. Porém, a SSPI tinha, além do apoio patronal, duas características que a favoreceram. Por um lado, seus atletas eram da classe média e não operários manuais. Alguns deles trabalhavam em funções administrativas nas *Indústrias Matarazzo*: Ezequiel Simone, Luigi Cervo, Vincenzo Ragognetti e Luigi Marzo. Por outro, ela assumiu a identidade étnica desde o nome, o time era composto só por italianos, ao contrário do misto SCCP. [320] Esses fatores somados fizeram da SSPI uma nova protagonista dos espetáculos de futebol, a partir de 1917, contracenando com o CAP. Em certa medida, era uma reedição das exibições nacionalistas dos "tempos

[318] DEAN, Warren. *A industrialização em São Paulo*. São Paulo, DIFEL, s.d., p. 75-88.
[319] SUZIGAN, Wilson. *Indústria brasileira*: origem e desenvolvimento. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 48-58; SAES, Flávio A. M. O estado de São Paulo no século XX: café, indústria e finanças na dinâmica da economia paulista. In: ODALIA, Nilo e CALDEIRA, João R. C. (orgs.). *História do Estado de São Paulo*: a formação da unidade paulista. v. 2 República. São Paulo: UNESP: Imprensa Oficial: Arquivo Público, 2010, p. 20-21.
[320] ARAÚJO, José R. C. *Imigração e futebol*: o caso Palestra Itália. São Paulo: Sumaré: FAPESP, 2000, p. 83-87.

áureos", quando os primeiros jogos CAP X SPAC empolgaram as plateias no antigo Velódromo Paulista. O time de italiano encarnou um papel semelhante ao que antes pertencera aos britânicos e aos alemães, mas com diferenças fundamentais.

Fig. 31. *Palestra Itália* x *Paulistano*, no parque Antarctica. Revista *A Cigarra*, 1917.

Em primeiro lugar, a imagem da SSPI não simbolizava uma potência internacional hegemônica, não estava ligada a empresas estrangeiras ou ao comércio de importação. Representava sim a parcela majoritária da própria população paulistana, composta por italianos e seus descendentes, incluindo os industriais imigrantes. Naquele momento delicado isso teve enorme importância. O time dos alemães (SCG) foi impedido de participar dos espetáculos de futebol depois que o cargueiro brasileiro Paraná foi torpedeado por um submarino alemão, em 5 de abril de 1917. O Brasil declarou guerra à aliança germânica em 26 de outubro. Uma onda nacionalista varreu o país e os espetáculos de futebol, protagonizados por brasileiros e italianos, alcançaram enorme sucesso. Eles serviam para mimetizar um tratamento igualitário da população imigrada e a confraternização entre as nacionalidades enraizadas em São Paulo, encenação que não existia nos anos iniciais. Passaram a simular a unidade brasileira contra o inimigo estrangeiro.

Logo após o término da guerra, por pressões feitas em 1919 pelos empresários Menotti Falchi – que então presidia a SSPI – e o conde Francisco Matarazzo, a *Cia. Antarctica* foi forçada a romper subitamente o contrato de arrendamento do parque onde o clube alemão tinha sede havia muitos anos. [321] Na época o Conde Matarazzo negociava com a cervejaria a compra dos vastos terrenos industriais que ficavam em frente ao parque e isso lhe deu poder de barganha para favorecer o clube da sua comunidade. A sede do SCG foi transferida para a margem direita do rio Pinheiros. O parque Antártica foi arrendado e, logo depois, vendido ao clube italiano. Com o empurrão dado pelos capitalistas patrícios, inclusive financeiro, a SSPI foi vice-campeã em 1917 e 1919, ganhou seu primeiro título em 1920.

Em segundo lugar, os jogos entre CAP e SSPI, ritualizavam uma nova rivalidade no palco gramado: personificavam as disputas entre fazendeiros, industriais e trabalhadores urbanos. Personagens que enalteciam perante o público o respeito mútuo e combatiam o uso de violência física. Não era à toa. No período da guerra o movimento operário recrudesceu em São Paulo sob a liderança de anarquistas, anarco-sindicalistas ou socialistas. Ele foi alimentado pelo descontentamento geral da população paulistana com a alta do custo de vida, o arroxo salarial e a extensão das jornadas de trabalho, até chegar ao máximo de tensão com a greve geral que paralisou a cidade em julho de 1917. [322] Nesse contexto, as críticas de anarquistas e sindicalistas contra o "divertimento burguês" do futebol, alienador da "consciência revolucionária", sempre estiveram presentes. [323] Entretanto, os jogos de futebol estavam incorporados de tal modo à cultura operária ao longo dos anos e exerciam tamanho efeito aglutinador fora das fábricas, que nem mesmo tais lideranças poderiam menosprezar sua importância. A inclusão de trabalhadores nos espetáculos havia chegado ao ponto de irreversibilidade. É verdade que a SSPI não tinha o típico perfil dos times operários saídos do futebol informal. Mesmo assim, o nacionalismo exacerbado pelo clima da guerra externa encenava uma falsa harmonia entre as massas trabalhadoras de origem imigrante, os empresários

[321] RIBAS, M. G. *História do Esporte Clube Pinheiros*. São Paulo: ECP, 1968, p. 20-22; VIANA, Alceu M. *Germania-Pinheiros*: IX décadas. São Paulo: Esporte Clube Pinheiros, 1992, p. 23-24.
[322] SIMÃO, Aziz. *Sindicato e Estado*: suas relações na formação do proletariado de São Paulo. São Paulo: Dominus, 1966, p. 107-114; FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: DIFEL, 1976, p. 192-211; HALL, Michael. O movimento operário na Cidade de São Paulo: 1890-1954. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 259-289.
[323] V. HARTMAN, Francisco F. *Nem pátria, nem patrão*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 38-43; DECCA, Maria A. G. *A vida fora das fábricas*: cotidiano operário em São Paulo, 1920-1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 120-123; SANTOS, Jorge A. *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: FFLCH/USP, 2000, p. 57-70; ANTUNES, F. M. R. F. (1994). *Op. cit*., p. 106.

italianos que apoiavam o clube e a elite governante encarnada pelo principal adversário, o CAP. Os sentimentos clubistas voltaram a arder com intensidade, os espetáculos de futebol chegaram a novo pico de popularidade.

A pedagogia dos espetáculos de futebol, simpática ao pacto social e ao nacionalismo, não foi interrompida no período da guerra, nem nos momentos de luto. No domingo de 8 de abril de 1917, três dias após o torpedeamento do navio Paraná, com a morte de três marinheiros, teve início o campeonato de futebol em São Paulo. A declaração de entrada do país no conflito aconteceu em outubro daquele ano e o campeonato seguiu sem interrupções até novembro. Ao longo de 1918 o torneio foi repetido normalmente e em novembro o Armistício de Compiègne suspendeu as lutas na Europa. Somente o alastramento da pandemia de gripe espanhola, que então chegou ao Brasil, atrapalhou os jogos finais daquele campeonato. Os poucos jogadores britânicos e alemães que permaneceram em São Paulo durante a guerra continuaram em atividade. Mesmo quando chegou a notícia da morte em batalha do inglês Withworth, ex-funcionário do *London and Brazilian Bank* em São Paulo e futebolista do SPAC, foi mantida a partida entre os escoceses do *Wanderers F. C.* e a *A. A. São Bento*, no dia 8 de agosto de 1915. [324]

As tragédias internas também não foram levadas em consideração. Basta lembrar um fato marcante, o assassinato do sapateiro anarquista Antonio Martinez, morto a bala por policiais durante um protesto no Braz, no dia 9 de julho de 1917. Nos três dias seguintes ao enterro dele a cidade ficou paralisada pelos choques entre policiais e trabalhadores. O prefeito Washington Luis teve que se esforçar para manter os serviços públicos em funcionamento. Mesmo assim, no feriado do dia 14 de julho os times da AAP e da *Santista S. A.* se enfrentaram em jogo amistoso que, cinicamente, comemorava a "liberdade e independência dos povos", em alusão à data da Queda da Bastilha. [325] O exemplo da grande greve de 1917 permite que se olhe também em outro sentido. A pedagogia disciplinar dos espetáculos de futebol pode ser eficiente para fingir a paz social e divulgar modelos de comportamento cívico em longos períodos, na tentativa de formatar um cidadão-modelo. Ela certamente tem efeitos na vida cotidiana, no dia a dia miúdo, mas nem por isso o futebol era "ópio do povo". Nos momentos em que o esfriamento das tensões acumuladas e o controle das turbas iradas eram cruciais

[324] *O Estado de São Paulo*, 8 ago. 1915, p. 6-7.
[325] *O Estado de São Paulo*, 13 jul. 1917, p. 7.

para os governantes, de pouco adiantou o estádio, a multiplicação de times, ligas e taças, nem a invenção das tradições esportivas.

A unificação do futebol nacional

A FIFA, semiparalisada pela situação de guerra, não respondeu aos pedidos de inscrição que recebeu em 1915 das duas federações brasileiras. [326] A FBF contava com o reconhecimento internacional, pois acreditava que a federação de Amsterdam não filiaria a rival, FBS, por ser uma entidade poliesportiva. Porém, a confirmação não veio para nenhuma delas.

Em abril de 1916 os futebolistas argentinos fizeram um novo apelo a favor da unificação do futebol brasileiro e apresentaram a proposta de realização em Buenos Aires do campeonato sul-americano no mês de julho seguinte, em comemoração ao centenário do Congresso de Tucumán. [327] A princípio a liga carioca não respondeu, havia suspeita de que os argentinos tutelavam a resistência da LPF para debilitar o nosso esporte. Entretanto, a federação uruguaia reforçou a proposta argentina e o chanceler brasileiro, Lauro Muller, cobrou da LMSA uma postura de conciliação para evitar que o caso se transformasse em novo incidente diplomático. Em junho a liga finalmente enviou a São Paulo o seu presidente, Joaquim Antonio de Souza Ribeiro, para tentar um acordo provisório que viabilizasse a participação brasileira. [328] As discussões, bem ao gosto do bacharelismo da época, mergulharam no emaranhado de estatutos, ofícios, memorandos e picuinhas jurídicas, acumulados pelas três ligas regionais (LMSA, LPF e APSA). Jornais cariocas denunciaram que os argentinos e os liberais paulistas da FBF conspiravam para protelar qualquer acordo, na expectativa de que FIFA concedesse o reconhecimento provisório e assim o torneio sul-americano poderia ser disputado sem a FBS. [329] Um jornalista clamava por uma intervenção oficial: "o governo deve intervir, por intermédio do ministério das relações exteriores, para que cesse esse estado de coisas, que tantos embaraços têm causado ao desenvolvimento do *sport* nacional". [330]

---

[326] *O Estado de São Paulo*, 1º. mar. 1916, p. 7.
[327] *O Estado de São Paulo*, 6 abr. 1916, p. 8.
[328] *Correio da Manhã*, 6 jun. 1916, p. 7; 14 jun. 1916, p. 6; 15 jun. 1916, p. 5; 16 jun. 1916, p. 4; *O Paiz*, 5 jun. 1916, p. 2; 14 jun. 1916, p. 8; *Jornal do Brasil*, 16 jun. 1916, p. 9; 17 jun. 1916, p. 11; *Gazeta de Notícias*, 15 jun. 1916, p. 5; 16 jun. 1916, p. 5; 17 jun. 1916, p. 5; *A Noite*, 4 jun. 1916, p. 3; 16 jun. 1916, p. 1; *A Época*, 16 jun. 1916, p. 4; *O Imparcial*, 15 jun. 1916, p. 8; 16 jun. 1916, p. 7; *O Estado de São Paulo*, 13 jun. 1916, p. 7.
[329] *Correio da Manhã*, 26 mai. 1916; p. 6; *O Paiz*, 14 jun. 1916, p. 6; *Jornal do Brasil*, 14 jun. 1916, p. 10.
[330] Cf. *O Imparcial*, 15 jun. 1916, p. 8. V. tb., *O Paiz*, 16 jun. 1916, p. 7; 19 jun. 1916, p. 5; *O Estado de São Paulo*, 19 jun. 1916, p. 5.

O apelo dirigido ao ministério continha sutilezas. O chanceler Lauro Muller havia endossado o pedido de inscrição da FBS junto à FIFA e ordenado ao representante brasileiro em Haia que movesse gestões nesse sentido, apesar dos protestos da FBF que exigia um tratamento equitativo e a neutralidade do governo nas questões do esporte. Essa não foi uma atitude desinteressada do ministro. A ala liberal do partido paulista (PRP) fazia oposição ao general Lauro Muller no jornal da família Mesquita, acusando-o de germanófilo e responsabilizando-o pela indefinição do governo brasileiro em relação aos dois blocos de países em guerra. Recém-promovido ao generalato, Muller era um potencial candidato à presidência da República nas eleições seguintes. O próprio PRP estava rachado, o secretário da agricultura Paulo de Moraes Barros – simbólico presidente da federação de futebol (FBF) – havia rompido com o governo estadual de Rodrigues Alves ao lado dos numerosos políticos que se agruparam em torno do programa liberal-nacionalista d'*O Estado de São Paulo*. Portanto, as escaramuças que envolviam a organização do futebol tinham raízes subjacentes. A FBF era mais uma frente de oposição, entre as tantas levantadas pelos republicanos históricos de São Paulo, desde a derrota da campanha civilista e do governo do general Hermes da Fonseca, responsável pela nomeação de Lauro Muller para a chancelaria. O ambiente de conflito internacional havia acentuado a preocupação militar com os esportes e o poder que oficiais de alta patente tinham sobre os clubes de aviação e de remo do Rio de Janeiro era imenso. Os liberais paulistas queriam impedir que, dentro da federação poliesportiva (FBS), a influência militar fosse estendida ao futebol e o controle acabasse centralizado pela burocracia castrense na capital do país.

A missão de Souza Ribeiro em São Paulo fracassou, justamente porque a LMSA pretendia conseguir a fusão entre as duas ligas paulistas sem incluir a FBF nas negociações e com isso manter intacta a estrutura organizada a partir do Rio de Janeiro. Ao convite do general Muller, Mario Cardim compareceu ao palácio do Itamaraty no dia 16 de junho de 1916. Ele apresentou ao ministro uma proposta de acordo provisório entre a FBF e FBS para compor o selecionado que representaria o Brasil no torneio de Buenos Aires. Porém, Muller exigiu um compromisso formal que resolvesse de vez a disputa que se arrastava por três anos. Voltaram a se reunir dois dias depois na casa do ministro com a presença de Alvaro Zamith, da FBS, e Souza Ribeiro, da LMSA. [331] Os três cederam à proposta feita pelo chanceler: assinaram um memorando onde previam o

[331] SARMENTO, C. E. (2006). *Op. cit.*, p. 11-13.

desaparecimento das duas federações rivais para dar lugar à *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD), cujos estatutos seriam definidos em outra oportunidade. [332] No dia 21 de junho um protocolo de intenções incluiu também as assinaturas dos representantes da LPF, Oscar Porto, e da APSA, Benedicto Montenegro. A ingenuidade por terem aceitado esse acordo sem que as bases estivessem definidas só seria percebida pelos rebeldes paulistas algum tempo depois.

Fig. 32. A assinatura do acordo no Rio de Janeiro. Da esquerda para a direita, Oscar Porto (LPF), Mario Cardim (FBF), Álvaro Zamith (FBS), Joaquim de Souza Ribeiro (LMSA) e Benedicto Montenegro (APSA). *Revista da Semana*, 1916.

O armistício permitiu que um selecionado brasileiro participasse do campeonato em Buenos Aires. [333] Ele foi formado às pressas por jogadores das três ligas, o time fez uma cansativa viagem de quatro dias por trem e teve atuação discreta. Terminou na terceira colocação, a frente apenas do Chile, e o título ficou com o Uruguai. Foi o suficiente para transmitir aos países vizinhos a imagem de que a pacificação brasileira estava assegurada. No mesmo encontro, as delegações dos quatro países acertaram as bases para organizar a *Confederação Sul-Americana de Futebol* e marcaram para 15 de

[332] *Correio da Manhã*, 17 jun. 1916, p. 4; *Jornal do Brasil*, 18 jun. 1916, p. 10; 19 jun. 1916, p. 9; 20 jun. 1916, p. 10; *O Imparcial*, 18 jun. 1916, p. 5; 19 jun. 1916, p. 6; *O Paiz*, 17 jun. 1916, p. 7; *O Estado de São Paulo*, 18 jun. 1916, p. 6; 22 jun. 1916, p. 2; 4 jul. 1916, p. 7; *Correio Paulistano*, 20 jun. 1916, p. 4.
[333] SANTOS, N. C. O. (2009). *Op. cit.*, p. 72-74; SARMENTO, C. E. (2006). *Op. cit.*, p. 14.

dezembro a realização de um congresso de fundação em Montevidéu. [334] Portanto, antes dessa data os brasileiros teriam que concluir a fundação da CBD.

A FBF convidou a FBS para discutir as bases da confederação nacional a serem formalizadas num congresso que reuniria representantes de vários estados no Rio de Janeiro. O mesmo fez a LPF em relação à APSA, com o objetivo de definir antes a unificação paulista. Os convites foram reiterados, mas sistematicamente ignorados. [335] O silêncio da aliança APSA/LMSA denunciava a estratégia de deixar os opositores paulistas esbravejando sozinhos. Dessa vez a FBS manobrou rápido, em 19 de agosto reuniu por sua conta representantes de seis estados no Rio e definiu a sua própria proposta dos estatutos para a CBD. Incluiu a APSA nas discussões, mas não convidou a oposição paulista. [336] Somente em outubro as bases foram oficialmente apresentadas à FBF e esta, constatando que estava alijada das discussões, retrucou com mais uma medida burocrática: formulou um "contra projeto". [337] Entre outras mudanças, ela defendia que a aviação fosse excluída das políticas esportivas para enfraquecer a influência dos militares.

Em 5 de dezembro de 1916 aconteceu no Rio o congresso, convocado somente pela FBS. Em nome do ministro Lauro Muller, Adolpho Kondler, deu o aval governamental ao encontro. A APSA foi oficializada como a representante de São Paulo, sem que um acordo de unificação regional houvesse evoluído. A aliança LPF/FBF não foi convidada e sequer tentou enviar delegados. [338] Os estatutos da CBD foram referendados em bloco pela assembleia composta por 25 membros de oito estados, considerando o "contra projeto" apresentado pela outra. A diretoria eleita era inteiramente ligada aos clubes do Rio de Janeiro: Arnaldo Guinle, major Ariovisto Rego, Joaquim de Souza Ribeiro, Honorio Netto Machado, Heitor Luz (com procuração da *Liga Mineira de Sports Athleticos*), Ubaldo Lobo e Lamartine Alves. Os dois últimos eram remadores cariocas com procuração para votar pela *Federação Paulista das Sociedades do Remo*. Ninguém falava pela APSA. Na prática, a federação poliesportiva (FBS) apenas formalizou a sua transformação na confederação (CBD). O documento

[334] *Correio da Manhã*, 1º. ago. 1916, p. 5; *Jornal do Brasil*, 10 ago. 1916, p. 11.
[335] *O Estado de São Paulo*, 13 ago. 1916, p. 8; 4 out. 1916, p. 6; 2 nov. 1916, p. 6; 24 nov. 1916, p. 8; *Gazeta de Notícias*, 16 ago. 1916, p. 6; *Correio da Manhã*, 5 dez. 1916, p. 3.
[336] *Correio da Manhã*, 31 jul. 1916, p. 5; *Gazeta de Notícias*, 21 ago. 1916, p. 4, *O Estado de São Paulo*, 11 set. 1916, p. 5.
[337] *O Estado de São Paulo*, 2 nov. 1916, p. 6.
[338] *Correio da Manhã*, 21 nov. 1916, p. 4; 5 dez. 1916, p. 3; 14 dez. 1916, p. 4; *Gazeta de Notícias*, 6 dez. 1916, p. 3; 15 dez. 1916, p. 5; *Jornal do Brasil*, 14 dez. 1916, p. 11; *O Estado de São Paulo*, 7 dez. 1916, p. 8.

aprovado deixou claro a simples troca de nome, pois considerava como membros fundadores "as sociedades que se fizeram representar na reunião que se realizou a 8 de junho de 1914". [339] Ou seja, a CBD nascia de uma história mal contada, como sucessora direta da entidade que as associações cariocas haviam organizado, só no papel, mais de dois anos antes.

O acordo orquestrado pelo ministro em junho fora rompido. A FBF tentou reagir no congresso sul-americano que se reuniu na semana seguinte, em Montevidéu. O delegado paulista contestou a legitimidade da CBD e pediu o reconhecimento formal da sua entidade pelo congresso. [340] Tarde demais, a confederação formada no Rio tinha o apoio do governo brasileiro e a adesão de ligas estaduais que antes apoiavam a FBF. O ato de fundação da *Confederação Sul-Americana de Futebol* referendou a poliesportiva CBD como representante oficial do futebol brasileiro e em seguida foi obtida a filiação provisória dela pela FIFA – a definitiva viria somente em 1923. [341] A LPF ficou isolada e se rendeu. Em 13 de janeiro de 1917, com a mediação de Washington Luis e de dois esportistas uruguaios, Mario Cardim e Oscar Porto assinaram um acordo permitindo que a LPF fosse absorvida pela APSA, sem pré-condições. [342] Foi uma derrota humilhante.

A CBD continuou a compartilhar os mesmos escritórios da liga municipal do Rio de Janeiro, na rua Buenos Aires, de forma que a atuação política de uma se confundia com o da outra. Esse seria motivo para o desdobramento de sucessivos buchichos regionalistas nos anos seguintes. [343] É bem verdade que, forçado pela longa crise, o processo de federalização havia ampliado a representação dos estados. Vale frisar esse detalhe. Quando a FBS foi fundada, em junho de 1914, somente algumas associações cariocas estavam presentes e a direção do futebol ficou só com a LMSA. Em novembro de 1915, quando foram aprovados os estatutos da FBS, estiveram reunidos representantes de quatro estados. E, finalmente, em dezembro de 1916, compareceram delegados de oito estados na assembleia de formalizou a CBD. A participação ficou geograficamente mais distribuída, pois o conselho que elegia a diretoria era formado por até três representantes de cada estado. Mesmo assim, seus membros eram quase sempre

---

[339] V. *Correio da Manhã*, 31 jul. 1916, p. 5.
[340] *Correio da Manhã*, 19 dez. 1916, p. 3; *Gazeta de Notícias*, 19 dez. 1916, p. 6; *Jornal do Brasil*, 19 dez. 1916, p. 10; *O Imparcial*, 2 jan. 1916, p. 9; *O Estado de São Paulo*, 20 dez. 1916, p. 8.
[341] SARMENTO, C. E. (2006). *Op. cit.*, p. 15-16.
[342] *O Estado de São Paulo*, 14 jan. 1917, p. 9; *O Imparcial*, 15 jan. 1917, p. 8; *Correio da Manhã*, 15 jan. 1917, p. 7.
[343] *O Estado de São Paulo*, 25 mar. 1918, p. 6; 6 jan. 1919, p. 4; 25 jan. 1919, p. 6.

esportistas cariocas, que votavam por procuração em nome de outras federações. Essas delegações de poderes poderiam ser rompidas ou traídas a qualquer momento.

A democratização adiada

Bem ou mal, com a estruturação da CBD havia se completado uma etapa histórica, após quase duas décadas de transcurso: a nativização e padronização dos espetáculos de futebol no país. A organização nacional permaneceu nas franjas do governo federal, assim como a paulista estava para o estadual. Clubes e ligas eram estruturas vulneráveis entre os dois polos de poder: o central, influenciado pela burocracia e pelos militares, e o regional, controlado pelas parentelas latifundiárias. O comando do futebol de espetáculos jamais deixou de ser elitizado, mesmo após a inclusão dos jogadores que vinham das classes trabalhadoras. O regionalismo da oligarquia paulista contrariou aquela que inicialmente prometia ser uma causa mobilizadora: a da descentralização geográfica e democratização da política esportiva.

É verdade que, após anos de conflitos, a organização ficou um pouco mais inclusiva do que antes da crise, mas muito aquém daquilo que os liberais da LPF prometiam fazer. Com a transferência para a APSA de diversos clubes que vieram do futebol informal ficou parcialmente mantida a estrutura em divisões da liga extinta. O clube mais popular entre esses era o SCCP, vencedor de dois campeonatos pela liga desaparecida (1914 e 1916). Ele finalmente foi incorporado à primeira divisão da APSA e, no ano seguinte, construiu arquibancadas em seu campo, no bairro da Ponte Grande, bem ao lado do estádio da esnobe AAP. Em 1917, o campeonato da capital paulista teve a duração de sete meses, com nove clubes na primeira divisão e jogos simultâneos em dois campos: no parque Antártica e na chácara da Floresta. Com isso aumentou a proporção do público masculino. O estádio do CAP, no Jardim América, começou a ser usado em 1918 e somente lá a presença feminina era mais numerosa.

Dez dos clubes transferidos da LPF foram excluídos pela comissão de sindicância da APSA e, dessa forma, foi desmontada a terceira divisão que chegou a existir na antiga liga. [344] Outros seis disputaram o campeonato da segunda divisão organizada pela APSA, cujos jogos aconteceram no campo do *Minas Geraes F. C.*, na rua Miller, no Braz. Não foi implantado o critério para ascenso e descenso, a inclusão na primeira divisão dependia inteiramente da vontade da diretoria. [345] O *Minas Geraes*, campeão da

[344] *O Imparcial*, 15 nov. 1917, p. 9.
[345] *O Estado de São Paulo*, 13 ago. 1919, p. 5; 5 jan. 1920, p. 4; 30 out. 1920, p. 6.

segunda naquele ano, foi convidado a participar da divisão principal em 1918. [346] Somente em 1921 se permitiu a ascensão de mais dois clubes através de disputas.

A espetacularização do futebol foi intensificada também no interior do estado, a partir do campeonato intermunicipal articulado pela antiga liga, embrião do futuro campeonato estadual. O trânsito de jogadores talentosos entre os clubes do futebol informal e os de espetáculos ficou facilitado pela via do amadorismo clientelista. Alguns conseguiam ascender, aqueles de maior mérito pessoal. Eram figuras emblemáticas, com quem o torcedor anônimo tendia a se identificar espontaneamente, pois se sentia representado por aqueles que venciam as barreiras e eram incluídos graças às qualidades individuais. Davam aparência democrática aos espetáculos, enquanto os clubes dominantes e as federações permaneciam sob a direção dos mesmos grupos.

Todos os times de espetáculos se tornaram mistos. Dos jogadores biografados por Leopoldo Sant'Anna, em 1918, 45% deles começaram a carreira de futebolista em times que o jornalista chamou de "suburbanos", "do arrabalde", ou de "secundários". Outros atletas (2%) vinham de times profissionais de outros países. Os demais tinham histórico mais próximo ao das classes média e alta. Boa parte destes (38,5%) começou a jogar em escolas particulares de ensino médio da capital e do interior paulista. Alguns (3%) aprenderam a jogar em escolas da Europa. Os restantes começaram nas equipes de base dos clubes de espetáculos mais tradicionais e então representavam uma parcela relativamente pequena (11,5%). [347]

O depoimento deixado pelo craque Luiz Matoso, o Feitiço, oferece um bom exemplo de jogador pobre com carreira ascendente, apesar dos baixos valores que ganhava. [348] Ele nasceu no vale do ribeirão Saracura (atual avenida Nove de Julho) em 1901, bem atrás do antigo velódromo. Jogou futebol nas ruas vizinhas desde menino. Em 1916 começou a jogar na várzea do Carmo pelo *Italo-Lusitano F. C.*, time ao qual pertenceu durante quase vida inteira. Recebia prêmios em dinheiro para atuar em jogos ocasionais do campeonato da segunda divisão. Isso não o impediu de se dedicar, ao mesmo tempo, aos espetáculos da primeira divisão, jogou pelo *Santos F. C.* e pela *A. A. São Bento*. Nessa época ganhava reembolsos do clube, suficientes apenas para contratar alguém para substituí-lo nos dias de jogos na empresa em que trabalhava como

[346] FIGUEIREDO, A. (1918). *Op. cit.*, p. 91.
[347] SANT'ANNA, L. (1918). *Op. cit.*, *passim*.
[348] V. *Memória urbana*: a Grande São Paulo até 1940, v. 1. São Paulo: Arquivo do Estado: Emplasa: Imprensa Oficial, 2001, p. 113-117; *O Estado de São Paulo*, 31 ago. 1980, p. 38.

caminhoneiro. Mais tarde jogou pela seleção brasileira, foi contratado pelo Peñarol do Uruguai, atuou pela seleção daquele país e depois pelo Vasco da Gama do Rio.

Fig. 33. O futebol de espetáculos passou a recrutar mais jogadores nos campos da várzea.

A direção inversa era até possível: os jogos de várzea também tendiam a se espetacularizar, ainda que de forma incipiente. O imigrante Caetano De Domenico, que estreou no pequeno *Flor do Ipiranga F. C.*, em 1912, e passou pelo *Oriente F. C.*, contou que às vezes os jogadores dos clubes de espetáculos aproveitavam os finais de semana com folga para se apresentar pelos informais, principalmente nos jogos decisivos. Domenico também disputou o campeonato da primeira divisão pela *A. A. São*

Bento, onde recebia "meio escondido" o suficiente para pagar um aluguel, e nos dias livres ele procurava "ganhar alguma coisa" na várzea. [349]

Segundo o jornalista Salathiel Campos, os times de várzea formados por trabalhadores imigrantes também se democratizaram nessa época. Entre 1917 e 1918 passaram a admitir negros com maior frequência. [350] Alguns jogadores negros apareceram em clubes da segunda divisão. No Rio de Janeiro a presença de negros no futebol sempre foi maior e, por isso mesmo, lá as reações racistas se manifestaram antes e de modo mais agressivo. Em São Paulo as polêmicas raciais sobre a inclusão de negros nos espetáculos de futebol começou após a Grande Guerra.

A caminho da profissionalização

A federalização de times organizados por trabalhadores manuais intensificou a discussão sobre o profissionalismo mascarado e a seleção social dos atletas. [351] O debate não teve grande relevo na primeira década dos espetáculos esportivos em São Paulo. Ele estava presente com maior intensidade no Rio de Janeiro, mais nas regatas do que no futebol. A partir da admissão dos clubes nascidos no futebol informal subiu à tona a difícil questão de compatibilizar as exibições com ingressos pagos com a participação de jogadores pobres, proibidos de receber qualquer remuneração ou pelo menos de confessar que de fato ganhavam para jogar.

A polêmica em torno da seleção social, entremeada pela discriminação de raça, esquentou no Rio de Janeiro a partir de fevereiro de 1916. O dirigente carioca Alberto Silvares apresentou ao conselho da LMSA um projeto conhecido como "lei do amadorismo" para separar os times formados por trabalhadores manuais em categoria à parte, o que os excluiria dos espetáculos. [352] Silvares participava da comissão de sindicância da liga poliesportiva e desejava estender a todas as modalidades os critérios de exclusão usados pela federação carioca de remo. O projeto sofreu modificações e a proposta de uma categoria a parte foi eliminada. Ele foi aprovado pela LMSA em abril, apesar das duras críticas que recebeu. [353] A tal "lei" discriminava diversos tipos de

[349] *O Estado de São Paulo*, 7 dez. 1980, p. 58; SANT'ANNA, L. (1918). *Op. cit*., p. 24.
[350] *Correio Paulistano*, 6 out. 1934, p. 11; 7 out. 1934, p. 12.
[351] V. PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 108-134.
[352] *O Imparcial*, 3 fev. 1916, p. 9; 11 fev. 1916, p. 9-10; 17 fev. 1916, p. 8; 29 mar. 1916, p. 9; *Gazeta de Notícias*, 18 fev. 1916, p. 5.
[353] *Gazeta de Notícias*, 7 fev. 1916, p. 5; 14 fev. 1916, p. 5; 27 abr. 1916, p. 3; *Correio da Manhã*, 14 fev. 1916, p. 5; 18 fev. 1916, p. 5; 23 fev. 1916, p. 5; 29 abr. 1916, p. 4.

trabalhadores comuns que não poderiam ser aceitos na condição de atleta amador. [354] Os clubes e as categorias profissionais atingidos reagiram. Com o apoio de alguns deputados e setores da imprensa, a discriminação foi reavaliada e abrandada. [355] Alteradas mais uma vez, as normas foram finalmente incorporadas aos estatutos da LMSA, sem citar profissões. Mesmo assim deram ao conselho da entidade um poder discricionário contra os atletas pobres:

> Artigo 65 – Não poderão ser registrados:
> a) os que a troco de dinheiro, tenham tomado parte em festas, partidas, campeonato ou concurso desportivos de qualquer natureza, dentro ou fora do país;
> b) os que tirem os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerada como tal e que dependa, exclusivamente de esforços físicos;
> c) aqueles que exerçam profissões humilhantes que lhes permitam recebimento de gorjetas;
> d) os que direta ou indiretamente, tirem proveito da prática do desporto;
> e) os que tenham tomado parte em qualquer festa, partidas de campeonato ou concursos desportivos, disputando-os com profissionais, sem o prévio consentimento da Liga;
> [...]
> j) os analfabetos e os que embora tendo posição, profissão e emprego, estejam, a juízo do conselho superior, abaixo do nível moral exigido pelo amadorismo. [356]

A discriminação imposta pela liga carioca deixou de ser um assunto municipal, pois os estatutos da FBS determinavam que todas as agremiações filiadas à federação nacional teriam que respeitar a "lei do amadorismo" ditada pela LMSA. [357] No confronto que mantiveram contra a aliança APSA/LMSA/FBS, os liberais paulistas criticaram a exclusão preconceituosa dos operários e alertaram que ela estava em flagrante contradição com a definição de amador adotada pela FIFA. [358] De fato, quando a CBD finalmente submeteu o seu pedido de filiação à federação internacional, foi obrigada a repensar o critério de exclusão. No dia 29 de janeiro de 1917 o seu conselho chegou à seguinte fórmula simplificada, na nova "lei do amadorismo":

> Artigo 2 – A Confederação não considera amadores:
> a) os que obtenham do exercício de qualquer desporto proventos pecuniários;
> b) os que tenham, no respectivo desporto, vantagens sobre os demais, pelo exercício de profissão que sirva de preparo físico a esse desporto;
> c) os expulsos ou eliminados de qualquer sociedade confederada;
> d) os analfabetos.

---

[354] *Correio da Manhã*, 8 mai. 1916, p. 5; *O Estado de São Paulo*, 25 mai. 1916, p. 5.
[355] PEREIRA, L. A. M. (2000). *Op. cit*., p. 119-20.
[356] Cf. *O Estado de São Paulo*, 14 fev. 1918, p. 7.
[357] *Jornal do Brasil*, 29 out. 1915, p. 10; 18 nov. 1915, p. 10.
[358] *O Estado de São Paulo*, 18 mai. 1916, p. 6; 25 mai. 1916, p. 5.

> Artigo 3 – Na realização de campeonatos nacionais as Ligas e Federações observarão rigorosamente as leis sobre o amadorismo, as quais, poderão exigir condições mais rigorosas do que acima são consignadas. [359]

Excluir os analfabetos num país em que eram maioria, foi suficiente para colocar grande parte dos trabalhadores fora dos espetáculos esportivos. Impedir também a filiação de profissionais com bom preparo físico eliminava, por exemplo, os marinheiros das regatas ou os professores de educação física do futebol. Mas parece que isso não era suficiente para contentar o preconceito dos dirigentes, o artigo três introduziu um artifício. Permitiu, sutilmente, que todas as instituições esportivas nacionais mantivessem escondidos critérios mais rigorosos e, com isso, a LMSA não precisou alterar os seus estatutos. A nova "lei" servia para as disputas externas, outras valiam para uso interno e barravam especialmente os trabalhadores negros.

A seleção social dos jogadores podia ser convenientemente empregada pelos clubes dominantes como arma para controlar a ascensão dos times pequenos. No Rio de Janeiro a quantidade de clubes recém-federalizados era bem maior do que a de São Paulo, eles estavam distribuídos em três divisões e já existia a possibilidade de acesso às divisões superiores. Como apenas uma vaga anual era aberta para a divisão dos espetáculos mais concorridos e ela dependia da disputa com o último colocado do ano anterior, os clubes novatos fizeram pressões pela democratização [360]. O combate ao profissionalismo era útil nesses momentos, aplicado a critério da comissão de sindicância para conter os insurgentes. Funcionava mais como filtro do que como barreira intransponível. O aparente aumento do rigor não significava que o moralismo das regras estabelecidas fosse seguido pelos clubes que controlavam a coligação. Na prática eles iam à contramão do endurecimento, pois a remuneração indireta dos jogadores se alastrava: reembolsos por despesas em viagens, pelas horas de trabalho perdidas em treinos e jogos, os prêmios por vitórias, luvas por transferências e empregos de fachada [361]. Assim dizia um jornalista:

> O profissionalismo já não anda mais disfarçado. Faz-se tudo às claras, com o conhecimento de todos, notoriamente. As maiores patifarias são praticadas às claras e os seus promotores abrem-se publicamente, contam quanto recebem ou quanto pagam. Discutem os preços, há até concorrência! Uma vergonha inominável! [362]

---

[359] Cf. *O Estado de São Paulo*, 5 fev. 1917, p. 8.
[360] PEREIRA, L. A. M. (2000). *Op. cit*., p. 120-122.
[361] MAZZONI, T. (1950). *Op. cit*., p.115.
[362] Cf. *O Estado de São Paulo*, 11 dez. 1918, p. 6.

A confederação tinha plena consciência disso e até utilizava alguns desses mecanismos, como recordou Arnaldo Silveira em depoimento: "Como capitão da seleção, em 1919, eu fui encarregado pela CBD de fazer a lista de salários dos jogadores. Fora do futebol, todos eles trabalhavam e a CBD queria reembolsar os que estavam a serviço. Além desse dinheiro, nada mais era dado ao jogador". [363] Os jogadores recebiam reembolsos desiguais, conforme os seus respectivos salários. Arnaldo lembrou também que era difícil para os clubes pequenos conseguir colocações profissionais, enquanto os grandes podiam selecionar bons atletas com as nomeações para cargos de melhor remuneração. Como ironizou um crítico da época, eles podiam se valer do apadrinhamento para posicionar os jogadores sem recursos: "pois o pistolão é ainda uma força poderosa, podendo até taxá-lo de quarto poder da República". [364] Uma circular da CBD chegou ao ponto de alertar os filiados sobre os exageros que cometiam na importação de jogadores do Uruguai e da Argentina. [365]

Os procedimentos estavam acomodados nesse estranho modelo de amadorismo clientelista de mão de obra barata, ou melhor, "pé de obra". As normas precisavam ser suficientemente severas para que as complacências pudessem ser concedidas aos aliados na medida adequada e no momento oportuno a alguns infratores. Negada aos adversários. Portanto, o mascaramento das compensações em dinheiro era conveniente, ela fortalecia os clubes de maior sucesso. Ao mesmo tempo, tirava dos jogadores pobres o direito de se manifestar sobre o assunto e de se organizar para exigir pagamentos regulares. Em pleno clima nacionalista, aguçado pelo clima da guerra, a confissão de ganhos e a reivindicação de respeito à profissão daqueles que se exibiam em público eram entendidas como traição ao dever cívico. Todos juravam amor desinteressado ao esporte e só os disciplinados ascendiam aos espetáculos.

Uma simples comunicação de reembolso foi causa de desentendimento entre a APSA e a CBD em dezembro de 1918. O informe de prestação de contas da liga foi usado para denunciar na imprensa carioca a "desonestidade" de três jogadores paulistas. O comunicado da APSA pedia que os valores adiantados a Arthur Friedenreich, Amilcar Barbuy e Manuel (Neco) Nunes, equivalentes a um mês de salário e passagens para o Rio, entrassem como despesa da confederação. O treinamento programado para a seleção brasileira havia sido cancelado dois meses antes por causa da epidemia de gripe

[363] Cf. *O Estado de São Paulo*, 29 jun. 1980, p. 50.
[364] Cf. *Gazeta de Notícias*, 14 fev. 1916, p. 5.
[365] *O Paiz*, 29 jun. 1918, p. 10.

espanhola, mas os três se recusaram a devolver o dinheiro adiantado pela APSA, alegaram gastos enquanto estavam à disposição da confederação em São Paulo. [366] O major Ariovisto de Almeida Rego, dirigente da CBD, interpretou o caso como insubordinação por interesses profissionais e anunciou a imediata suspensão dos jogadores por seis meses.

Amilcar e Neco pertenciam ao time de origem operária, o SCCP, e Friedenreich ao da elite, o CAP. Os três tinham histórias familiares modestas e, apesar da fama que alcançaram como futebolistas, levavam vida simples. Inclusive o grande astro do CAP. A trajetória familiar de Friedenreich é particularmente interessante e merece ser esclarecida. A mitologia construída em torno da memória histórica do célebre atleta mestiço afirmou com frequência que ele era filho de um rico comerciante alemão com uma lavadeira. [367] Na verdade ele pertencia a uma família de funcionários públicos subalternos. Arthur era filho de um catarinense de Blumenau, chamado Oscar Friedenreich. O avô do jogador, Karl Wilhelm (Carlos Guilherme) Friedenreich, nascido na Alemanha, era um veterinário e naturalista amador, que ocupou o cargo de delegado de polícia na cidade catarinense. Karl se transferiu com a família para São Paulo para assumir a função de naturalista assistente no museu do Ipiranga, em 1891. Como entomologista, pesquisava para a secretaria da agricultura as pragas que atacavam lavouras. [368] Esse contato facilitou uma colocação para o filho, Oscar, no funcionalismo público como desenhista técnico do departamento de obras, subordinado à mesma secretaria. [369] Oscar desenhava plantas de agrimensura e projetos para edificações públicas, por isso às vezes foi citado como "arquiteto". Essa foi a única ocupação profissional do pai do jogador ao longo de toda a vida. Portanto, era uma família de funcionários em setores dos serviços que na época se expandiam, perfil comum entre as camadas médias urbanas. A mãe de Arthur Friedenreich, Mathilde de Moraes e Silva, era professora de primeiras letras em escolas públicas, formada pela *Escola Normal* em 1879, bem antes de conhecer Oscar. [370]

---

[366] *O Paiz*, 16 dez. 1918, p. 6; 19 dez. 1918, p. 8; 29 dez. 1918, p. 4; *O Imparcial*, 22 dez. 1918, p. 13; 30 dez. 1918, p. 9; *O Estado de São Paulo*, 30 dez. 1918, p. 4.
[367] COSTA, Alexandre. *O tigre do futebol*. São Paulo: DBA, 1999, p. 13; GONÇALVES JÚNIOR, René D. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*: o futebol e a vitória na fundação da metrópole. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: FFLCH/USP, 2008, p. 51; WISNIK, José M. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 222; RISÉRIO, Antônio. A escola brasileira de futebol. In: *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34, p. 302.
[368] *O Estado de São Paulo*, 26 out. 1893, p. 1; 13 dez. 1900, p. 2.
[369] *Correio Paulistano*, 22 fev. 1929, p. 6.
[370] DUARTE, Luiz C. *Friedenreich*: a saga de um craque nos primeiros tempos do futebol brasileiros. São Caetano do Sul (SP): Casa Maior, p. 17-20.

Fig. 34. Arthur Friedenreich com o uniforme do *Club Athletico Paulistano*.

É provável que o equívoco de identificar Mathilde – mulher negra com marido branco – como sendo lavadeira e esposa de um estrangeiro rico tenha se originado numa opinião preconceituosa que tentava justificar a presença de um jogador mestiço no CAP. Mas a trajetória do futebolista oferece outra interpretação. Arthur Friedenreich estreou em 1909 no campeonato da LPF, aos 17 anos de idade, e teve uma carreira de 26 anos nos espetáculos de futebol. Ele jogou por muitos clubes: SCG (1909), *C. A. Ypiranga* (1910), de novo no *SCG* (1911), AAMC (1912), outra vez no *C. A. Ypiranga* (1913), *S. C. Americano* (1913), voltou ao *C. A. Ypiranga* (1914) e *Payssandu F. C.* (1916).[371] Quando foi convidado para o time do CAP, em 1917, era um craque de fama. O talento excepcional com a bola nos pés serviu de passaporte para o clube da elite e não a origem social. Ali atuou por mais de uma década. Terminou a carreira, como ele mesmo disse em carta que dirigiu à liga paulista, "completamente pobre a despeito de ser um profissional do futebol". [372] Após se aposentar do futebol, ele foi convidado a trabalhar como inspetor de vendas da *Companhia Antarctica*, no qual ficou até o final da vida. [373]

[371] SANT'ANNA, L. (1918). *Op. cit.*, p. 41.
[372] Cf. *Correio Paulistano*, 4 nov. 1934, p. 12.
[373] *Correio da Manhã*, 7 set. 1969, p. 9; *O Estado de São Paulo*, 7 set. 1969, p. 39.

A suspensão dada a Friedenreich e seus dois companheiros, anunciada pela CBD no final de 1918, não foi aceita pela APSA. Ela autorizou os atletas a jogar normalmente por seus clubes. A liga paulista retrucou num oficio, no qual deixou entrever como as vidas profissionais deles se entrecruzavam com as atividades de esportistas e as obrigações cívicas:

> Os jogadores paulistas não são profissionais, vivem de seu trabalho e, portanto, não podem ser afastados da labuta que lhes dá o pão, sem que sejam indenizados do que perdem no seu interesse pecuniário, por que nos outros interesses já sofrem eles, deixando de prosperar nos seus empregos pelas reiteradas saídas que constantemente fazem, para, a pedido dessa associação e dessa Confederação, irem defender as cores do nosso país aí e no estrangeiro, como se tem verificado de há três anos a essa parte. Amilcar, Neco e Friedenreich têm sido os defensores desinteressados das nossas cores na Argentina, no Uruguai e aí nessa capital, sempre que se precisar dos seus valiosos recursos. [374]

Aqueles que defendiam "as cores do nosso país" não deveriam ser punidos por receberem pagamentos pelos serviços prestados como esportistas. Afinal, era sabido que os selecionados da Argentina e do Uruguai incluíam profissionais encobertos e o time brasileiro teria que contar com os melhores jogadores disponíveis. Ainda assim, após o breve tiroteio de ofícios ofensivos, sucessivamente vazados para os jornais pelo presidente em exercício da CBD, o major Ariovisto Rego, o conselho da CBD decidiu expulsar a APSA, em 23 de janeiro de 1919, por se rebelar contra a decisão tomada. [375] Então, *O Estado de São Paulo* remoeu os fatos do passado, mostrou que os representantes dos clubes de regatas cariocas, como o major Ariovisto, foram decisivos para a expulsão e lembrou o "erro" da APSA ao se submeter à federação poliesportiva. O mesmo jornalista dizia que o futebol paulista era vítima de casuísmos e apontou as contradições: acusou a LMSA de aliciar jogadores em clubes do interior e citou diversos exemplos dos contratados que atuavam no Rio de Janeiro. [376]

Apenas dois meses depois da expulsão, em 15 de março, a APSA foi readmitida na confederação em clima de concórdia, os jogadores foram absolvidos e, mais uma vez, a bola rolou. As contradições entre os espetáculos pagos e o amadorismo clientelista continuaram misturadas às escaramuças. Confrontos e rompimentos desse tipo foram frequentes entre o poder central e o regional, em tom de extrema gravidade e sempre passageiros.

---

[374] Cf. *O Paiz*, 22 dez. 1918, p. 11.
[375] *O Estado de São Paulo*, 25 jan. 1919, p. 6; 9 mar. 1919, p. 6.
[376] *O Estado de São Paulo*, 11 fev. 1919, p. 5.

Sobre um futebol feito na raça

Quase um século separa o nascimento do Barão de Iguape (1788-1875), patriarca da família Silva Prado, e o do seu bisneto, Antonio da Silva Prado Junior (1880-1955). O bisavô foi homem de poucos estudos que fez fortuna no comércio tropeiro. Na juventude ele se embrenhou pelos sertões de Goiás para vender mulas, depois abriu um armarinho no vilarejo de Caiteté, no interior da Bahia. Aos 29 anos, estabelecido como negociante de gado, açúcar e escravos em São Paulo, arrematou do governo o direito de recolher impostos na feira de muares de Sorocaba. Enriquecido, virou banqueiro na maturidade, principal acionista da *Caixa Filial do Banco do Brasil*. Recebeu a honraria de barão aos 60 anos de idade, em 1848, pela lealdade demonstrada ao Imperador durante a revolução liberal. Como tantos outros senhores abastados de seu tempo, o barão estava habituado à vida rude dos sertões e às violências da sociedade escravista. Assim como a ditar condutas para todos da família: irmãos mais novos, esposa, cunhados, filhos, genros, noras, sobrinhos, netos e também para os criados.

O bisneto, Prado Junior, levou um estilo de vida muito diferente, entre o final do século XIX e a primeira metade do seguinte. Nascido em berço de ouro, era um engenheiro de cultura refinada, homem de sofisticada elegância, delicado no trato, afável, porém formal. Frequentou Paris em prolongadas estadias, ali estudou, praticou esportes e fez experiências com a aviação. Foi dirigente esportivo quase a vida inteira e presidiu o *Comitê Olímpico Brasileiro* entre 1935 e 1947. Na juventude trabalhou nos escritórios do *Banco do Commercio e Industria*, cujo controle acionário pertencia à família. Na maturidade dirigiu outros dos principais ramos de negócios dos Silva Prado, com destaque para a *Cia. Paulista de Estradas de Ferro* e a *Cia. Vidraria Santa Marina*. Nomeado pelo seu grande amigo, o presidente Washington Luis, ocupou o cargo de prefeito do Distrito Federal entre 1926 e 1930.

A mudança no modo de viver do patriciado paulista, dos negócios rurais para os urbanos, da casa na fazenda para o palacete na cidade grande, foi acelerada no último quartel do século XIX. O lar passou do núcleo produtor de bens, no campo, para unidade urbana de consumo de mercadorias. Inicialmente ele foi localizado na cidade mais

próxima à fazenda, depois transferido para um sobrado na área central da capital paulista. Um pouco mais tarde, o lar foi deslocado para outra casa, mais imponente, construída numa chácara recém-loteada na periferia paulistana, em estilo de arquitetura eclética para dar identidade diferenciada aos moradores. A cada mudança, aumentou a privacidade doméstica e a nuclearização da família fazendeira. Tios, sobrinhos e primos ficaram mais distanciados.

Cada membro da família se envolveu, mais e mais, com atividades pessoais em ambientes externos. Saiam à rua com horários programados: o trabalho no escritório, a festa de benemerência, a consulta ao dentista, o leilão de arte, a reunião dos acionistas, a regata, a missa, a visita ao compadre hospitalizado, o baile, o embarque do primo na estação, a prova do vestido na modista, a escola, o enterro do ilustre deputado, a opereta, o chá com as amigas, a convenção do partido, o casamento do sobrinho, o desfile cívico, o futebol no clube... A senhora da casa tinha poucos compromissos externos, o marido e os jovens muito mais. O relógio passou a reger o ritmo cotidiano, daí a sensação de passagem acelerada do tempo. Nos espaços públicos as ações tenderam às decisões individualizadas, as teias de contatos pessoais se emaranhavam e os encontros casuais com desconhecidos viraram corriqueiros. Aumentou a exposição individual fora de casa na mesma medida em que a família se recolheu à privacidade. Era a reprodução de um modo europeu de morar e conviver na cidade que crescia e se modernizava. Enfim, os lares deixaram de centralizar os acontecimentos sociais e políticos.

As famílias fazendeiras estavam em contato intenso com as culturas exógenas, quer pelos imigrantes e empresas estrangeiras instaladas em São Paulo, quer pelas constantes viagens de estudos, negócios e lazer que faziam. Elas assimilavam elementos da vida urbana estrangeira aos pedaços. O ambiente modernizador da grande cidade dava medo, tanto quanto fascinava. Diferente dos tempos da escravidão, as mudanças eram rápidas, as ameaças eram difíceis de serem previstas e controladas. São Paulo estava povoada por estrangeiros, livres para se organizar. Por toda parte se via gente estranha. Pela primeira vez o anonimato predominou nas ruas e as concentrações de pessoas se tornaram comuns. Mais do que em qualquer tempo as famílias fazendeiras detinham riqueza e, paradoxalmente, a sua identidade de classe dominante ficava menos evidente perante as multidões de recém-chegados.

O velho e o novo se entrechocavam sem parar, os valores culturais importados recebiam novas interpretações por aqui. É interessante notar como o estilo de fazer e

usar obrigou a readaptações durante o transplante das modas europeias, às vezes tomando sentidos inusitados. Outras forças atuavam em sentido contrário, para conservar a memória familiar trazida do interior e minimizar o sentimento de insegurança provocado pela conjugação de tantas novidades presentes em São Paulo, observadas no Rio ou então descobertas numa capital europeia. As instituições político-partidárias se contrapunham aos sinais de modernização que apareciam nas ruas. A valorização dos elos de parentesco, compadrios e clientelismos no controle dos aparelhos de Estado eram enormes obstáculos à ação individualizada na vida política. A velha ordem oligárquica continuou costurada através dos conchavos em gabinetes, entre as extensas parentelas de base fundiária, respeitando a ética contraída nos compromissos de honra familiar e não por indivíduos isolados. Nesse panorama contraditório era importante promover os espetáculos leigos de feição moderna (cívicos, teatrais e esportivos) e marcar presença em grupos familiares. Papel que nos tempos da escravidão era atribuído, em escala infinitamente menor, aos rituais religiosos (missas, procissões e festas).

Assim como tantas ideias importadas, o *club* – uma instituição inventada na sociedade civil britânica – chegou ao Brasil com várias conotações e foi remoldado na vida social dos paulistanos com o seu conteúdo original esvaziado em boa parte. Vale a pena comparar. A palavra *club* foi introduzida na Grã-Bretanha partir da Escandinávia com o significado etimológico de *clava* (cacete, porrete, maça, bordão). Tudo leva a crer que esse nome veio dos bastões usados pelos camponeses europeus para bater na bola nos jogos comunitários, dos quais o *cricket* é um sucessor moderno. Mas o uso do termo *club* para identificar agremiações de cidadãos é anterior aos esportes. Foi também o nome que se deu na Inglaterra às associações liberais masculinas com fins literários e científicos, organizadas por aristocratas e burgueses. O clube literário reunia homens para debater questões econômicas e políticas, editava boletins periódicos, algum tipo de jornal, para divulgar ideias ao público. Nesse caso, *club* (clava ou falo) ganhava um sentido distinto: arma ou grupo de combate. Esse tipo de grêmio masculino – vetado às mulheres – tinha como objetivo criticar as políticas públicas, fazer proselitismo e exigir reformas ao parlamento, independente das famílias, das empresas e dos partidos. Nessa mesma acepção a palavra continuou sendo usada durante a era vitoriana, paralela ao nascimento dos clubes esportivos ingleses. Tipos de clubes literários também funcionaram em São Paulo durante o Império, nos quais alguns fazendeiros se reuniam para conchavar. Foi mais um modismo importado e adaptado. Os clubes abrasileirados

nunca dirigiram ao povo propagandas políticas de oposição ao governo. Não atiçavam chamas contestatórias que não poderiam apagar.

Os primeiros clubes esportivos ingleses, fundados para organizar corridas de cavalos, guardavam a mesma característica de agrupamentos de cidadãos independentes. Os membros vinham de classes antagônicas, os aristocratas ingleses aceitaram disputar amistosamente entre si e com burgueses ascendentes. Anos mais tarde apareceu em São Paulo um tipo de clube esportivo que era um simulacro daquele britânico. Aqui o clube equestre foi formado por círculos familiares rivais, o primeiro foi fundado em 1875 por parentelas que se congraçavam e contratavam casamentos cruzados entre seus filhos. Na Europa o turfe era uma adaptação urbana dos antigos divertimentos aristocráticos do campo, intimamente relacionados com os jogos de azar. As apostas, no turfe sugeriam que a fortuna era predestinada, que a sorte bafejava apenas às linhagens de sangue nobre. Venceriam os animais com melhor pedigree e os poucos apostadores abençoados pelo destino. Essa ideia foi transplantada e ajustada ao cenário paulistano. As famílias latifundiárias, enriquecidas graças ao trabalho dos escravos, posaram como aristocráticas nas tribunas do hipódromo, depois no velódromo, herdeiras das fortunas acumuladas no berço bandeirante.

Na segunda metade do século XIX os clubes vestiram um novo figurino: o dos esportes atléticos burgueses. Na Europa foram formadas agremiações espontâneas de rapazes com estilo de vida esportiva, filhos da burguesia, jovens estudantes das escolas médias e superiores ou ex-alunos, em busca de distinção social. Divulgavam as atividades físicas amadoras em disputas igualitárias com os filhos da aristocracia, como complemento da vida escolar. Assim, sinalizavam a disposição das classes hegemônicas para o debate parlamentar. Doavam tempo e esforços pessoais para se preparar fisicamente, formar líderes e, se necessário, servir à pátria nos campos de luta. Essa forma de clube de educação física, com adornos de civismo, também foi travestida para o palco paulistano. Os filhos de fazendeiros mostravam através futebol que tinham educação diferenciada, muitas vezes adquirida no exterior, e capacidade pessoal para assumir cargos de comando. Que aceitavam as disputas em condições de igualdade, onde prevalecia o mérito, mas somente entre os pares. A aparente disposição para o diálogo não se traduzia em partilha de poder. Jogavam contra times de estrangeiros, compostos por funcionários de escritórios e filhos de pequenos empresários industriais, membros das camadas médias com força política inexpressiva. Nas arquibancadas as famílias davam provas de que as origens rurais não as impedia de modernizar os

costumes, assim como um fazendeiro podia se converter em industrial na cidade e liderar também a facção ascendente de capitalistas imigrantes.

Esse modelo de clube burguês, que apregoava a vitória pelo mérito, foi apresentado em São Paulo como amador, mas participou de outra encenação ao mesmo tempo. Adotou os espetáculos pagos como forma de divulgação dos esportes para o público em geral. Na Inglaterra a separação entre os clubes do futebol amador e do profissional aconteceu nas duas últimas décadas do século XIX. O clube profissional inglês oferecia espetáculos de entretenimento às massas operárias, com finalidades comerciais. Na França as exibições pagas só ganharam importância após à Grande Guerra. Embora o profissionalismo mascarado também existisse lá, a maioria dos clubes esportivos franceses estava integrada às atividades educativas para os jovens, complementares às escolas e fora dos espetáculos. No Brasil se adotou um amadorismo clientelista. Ele abriu oportunidades em times mistos para a participação de trabalhadores das camadas médias e, mais tarde, para os primeiros craques saídos da classe operária. Os interesses comerciais cresceram a partir da segunda década do século XX e permaneceram à sombra do discurso amador, numa mistura contraditória de práticas, até desembocar na plena profissionalização décadas depois. As famílias cafeicultoras posaram como democráticas nas tribunas. Aos poucos elas cederam espaços para o público apaixonado pelos símbolos do clube. Os fazendeiros se recolheram aos ambientes exclusivos e abriram participação nos espetáculos aos dirigentes e jogadores de origem italiana.

Esses diversos gêneros de clubes conviveram no tempo. Na Europa eles refletiam os antagonismos de classes, com disposição para o diálogo, mas em São Paulo todos foram introduzidos e readaptados pela mesma camada dirigente. O Turfe, o ciclismo, o remo ou o futebol, cada faceta esportiva poderia ser exibida e valorizada de modo alternado, conforme a conveniência de momento. No período aqui estudado, as famílias latifundiárias não perderam o controle dos espetáculos de futebol. Exceto no curto intervalo entre 1912 e 1914, quando as exibições de futebol sofriam com o baixo interesse do público. Então, o americano William Lee assumiu a direção da *Liga Paulista de Football* e o time do *Sport Club Americano*, de Henrique Vanorden, protagonizou os campeonatos. Ambos estavam ligados a setores do comércio importador e à nascente indústria local. Tentaram introduzir um modelo de clube aberto à participação de jogadores independentes, profissionalizados. Foram derrotados. Com a cisão desencadeada pela fundação da *Associação Paulista de Sports Athleticos* as

parentelas fazendeiras recuperaram o comando. Reestabeleceram a gestão conservadora e, nos anos seguintes, sob as pressões internas e externas, concederam tímidas aberturas para a democratização dos espetáculos.

Esse zelo no controle das exibições esportivas ao longo de tantos anos denota a importância que elas tinham para a distinção social. As apresentações públicas, em teatros ou estádios, são momentos em que as diversas identidades presentes na sociedade expressam as suas expectativas de futuro e as memórias que desejam selecionar e preservar do passado. A pequena elite que controlava o poder em São Paulo estava orgulhosa da riqueza material que alcançara e tinha amplas ambições políticas. Ela construiu uma imagem de si mesmo como raça genuinamente brasileira, forjada no cruzamento entre portugueses e os filhos da terra, os índios tupis. Dizia essa fábula histórica que a fusão de raças teria acontecido no isolado planalto de Piratininga por quase três séculos de sucessivos cruzamentos e resultou no bandeirante paulista. Uma raça genuinamente brasileira. A mitologia bandeirante, de cunho social-darwinista, foi seriamente acalentada por inúmeros autores paulistas – e mesmo de outras origens – desde o final do Império, até meados do século seguinte. Entre os quais estava o historiador Paulo Prado, um dos mais destacados. Em linhas gerais, a imaginada "raça bandeirante" teria um perfil psicológico rebelde, de empreendedora ousada, de líder indômita. Seria a responsável pela conquista do imenso território brasileiro, a verdadeira fundadora da nacionalidade. A identidade histórica inventada pelos descendentes dos sertanistas os diferenciava dos imigrantes enriquecidos e das oligarquias rivais. Portanto, mais do que tradição passadista, era um projeto de poder aberto para o futuro. As demonstrações de capacidade física e de liderança nos espetáculos esportivos eram preciosas para esses "bandeirantes" modernos. Nas cidades o estádio é um importante espaço público para a construção e transmissão de memórias coletivas pela celebração repetitiva dos pactos sociais.

Os clubes esportivos da elite paulista – que no futebol se limitavam de fato ao *Club Athletico Paulistano* e à *Associação Athletica das Palmeiras* – não foram agremiações espontâneas de rapazes que agiram por iniciativa independente. Pelo contrário, eram prolongamentos de extensas parentelas latifundiárias que detinham o poder e se entrecruzavam no domínio público. Enquanto o estilo de vida copiado da moda europeia recolhia a família à esfera íntima do lar, os laços de sangue perpassavam as entidades civis recém-formadas na esfera pública. Tios, sobrinhos e primos

valorizavam nos espaços comuns os vínculos de parentesco que foram afrouxados pela nuclearização das famílias em seus respectivos lares.

Nos primeiros anos os clubes atléticos de São Paulo eram essencialmente masculinos, com sócios muito jovens. As plateias do futebol eram predominantemente familiares e a presença feminina nas arquibancadas foi fundamental para o sucesso do esporte. Num segundo momento, a separação formal entre as arquibancadas e as "gerais" (*pelouse*) distinguiu o público familiar da coletividade mista, predominantemente masculina, que assistia em pé. Os parentes dos sócios esportistas (mulheres, crianças e velhos) passaram a frequentar os ambientes internos. O clube ganhou funções recreativas para momentos de sociabilidade excludente. Algumas associações esportivas formadas por estrangeiros acompanharam o mesmo processo: numa primeira etapa foram formados por grupos de rapazes, depois passaram a agregar famílias da comunidade que vivia no país adotivo. Esse era um modelo característico dos clubes de espetáculos, para os quais os espaços de sociabilidade familiar tinham fundamental importância. Não era o único modelo existente, outros tipos de clubes estavam espalhados pela cidade.

A proximidade de parentescos entre as lideranças dos clubes da elite e os governantes paulistas era nítida. Contudo, o Estado republicano não formulou políticas para estimular os esportes. A divulgação inicial dos jogos em equipes ficou delegada às iniciativas das agremiações atléticas recém-formadas. Como tantas outras instituições da incipiente sociedade civil que se constituía no país, as primeiras ligas esportivas eram estruturas instáveis, além de esnobes. A coligação em formato fechado inibiu as trocas com outros setores da sociedade. Não foram estabelecidas relações complementares entre o ensino escolar e a educação física em espaços abertos, nem com os jogos espontâneos das classes trabalhadoras. O futebol foi propagandeado na forma de espetáculos ou então pelas escolas particulares de maior tamanho. Apesar dessa falta de diretrizes, as exibições públicas desencadearam a divulgação do jogo de bola por outras camadas sociais. Eles reproduziam em todos os bairros da cidade as representações lúdicas dos espetáculos formais. Centenas de clubes, organizados para o lazer informal atuavam como equipes independentes, reunidas esporadicamente em áreas públicas ou em campos emprestados. As diferentes práticas do futebol coexistiram. Diversas ligas foram formadas e tiveram curta existência. A falta de relações estáveis entre os clubes mostra a indisposição da elite para incorporar os jogadores das classes subalternas como atores nos palcos esportivos.

Na época da Grande Guerra o Estado brasileiro interveio nos esportes e fez isso de modo atabalhoado. Não foi para incorporar os jogos ao currículo do ensino público, nem mesmo para apaziguar e favorecer as ligações entre as sociedades civis. Ele passou a tutelar a política federativa e estabeleceu relações clientelistas com os clubes de espetáculos. Com isso, se criou um campo de tensões e interesses. As disputas entre a estrutura montada no Distrito Federal e o regionalismo paulista se arrastaram. Elas contribuíram para perpetuar a cultura antidemocrática na gestão dos esportes brasileiros.

Raça e estilo de jogo

Quando morreu o antigo craque do *Club Athletico Paulistano*, Rubens de Moraes Salles, no dia 21 de julho de 1934, aos 43 anos de idade, um emocionado necrológio d'*O Estado de São Paulo* exaltou as suas qualidades de futebolista:

> Depois da sua retirada dos campos, surgiram vários rapazes, de compleição robusta, que igualmente se notabilizaram. Mas nenhum deles com aquela maneira, original e elegante, de praticar um esporte estranho, que se adaptara ao nosso meio graças às virtudes inatas da raça. [...]
>
> Com Arthur Friedenreich, Afrodisio Xavier, Irineu Malta, Sylvio Lagreca, todos paulistas, foi o fundador da "escola brasileira" de futebol, nascida espontaneamente em oposição à clássica, de origem britânica; essa consistia na excessiva lentidão dos movimentos, ao passo que aquela se distinguia pela agilidade, pela rapidez, pela improvisação. [1]

A ideia de que existiria uma "escola brasileira" de futebol não era nova. Em 1919 o jornalista Americo Netto já atribuía a conquista do campeonato Sul-americano pela seleção brasileira ao suposto estilo nacional de jogo. [2] Esse pensamento se fortaleceu a partir de 1925, quando o *C. A. Paulistano* fez a primeira excursão de um time brasileiro pela Europa. Naquela oportunidade, em jogos contra equipes amadoras da França, da Suíça e de Portugal, o CAP obteve nove vitórias nas dez partidas que disputou, com 38 gols marcados e 9 sofridos. Pela primeira vez os brasileiros foram chamados de "reis do futebol". O tal "estilo" dos jogadores nacionais começou, também, a ser comparado ao dos uruguaios, pois em 1924 os futebolistas do país vizinho haviam conquistado a medalha de ouro nas olimpíadas de Paris e impressionaram aos jornalistas europeus pela qualidade original de jogo. Na época, a vitória olímpica equivalia a um campeonato mundial e os uruguaios repetiram esse grande feito em 1928, nas olimpíadas

[1] Cf. *O Estado de São Paulo*, 24 jul. 1934, p. 8.
[2] V. *Sport*, 1, 1919, p. 7-8; *O Estado de São Paulo*, 14 ago. 1929, p. 12; 15 ago. 1929, p. 10.

Amsterdam. Depois venceram a primeira edição da Copa do Mundo organizada pela FIFA, em 1930, na cidade de Montevidéu.

Os comentaristas europeus passaram a elogiar o modo de jogar dos sul-americanos, caracterizado pelas jogadas pessoais, os dribles, a malícia corporal, a improvisação, a liberdade de deslocamento, o raciocínio rápido, as soluções inesperadas. Ou seja, os sul-americanos davam menor importância que os europeus aos esquemas táticos, à força física, à posição ocupada em campo, à cadência de jogo, à posse de bola, às trocas constantes de passes que os manuais europeus tanto recomendavam.

O personalismo dos jogadores sul-americanos foi sido notado desde as primeiras excursões de times europeus, nas décadas iniciais do século XX. Naquela época era muito criticado. Considerado como falta de esportividade, um comportamento deselegante que desrespeitava o adversário e feriam o *fair play*. Os visitantes estrangeiros – endossados por jornalistas locais – diziam que muitos dos futebolistas latino-americanos eram imaturos. Pareciam exibicionistas infantis, abusavam dos malabarismos para agradar ao público em prejuízo do jogo objetivo em equipe. O menosprezo à disciplina tática seria, segundo se dizia, o principal motivo das goleadas sofridas por brasileiros, uruguaios e argentinos diante de times ingleses.

Na década de 1920, aquilo que antes era defeito passou a ser avaliado como qualidade. Então alguns, aqui e acolá, começaram a identificar estilos diferenciados e a atribuí-los às características das "raças nacionais". A mesma tendência apareceu na Argentina e no Uruguai. Foi dito por lá que o futebol *criollo*, desenvolvido em campos informais (*fútbol de potrero*) por descendentes de latinos, filhos de espanhóis e italianos, era superior ao britânico pela criatividade, irreverência, malícia e habilidades pessoais com a bola no pé. Por isso o estilo latino teria superado e suprimido o anglo-saxão importado. Da mesma forma, alguns paulistas atribuíram a tal "escola brasileira" à raça regional, mistura de índios com portugueses.

No necrológio de 1934 citado acima é curioso notar que Rubens de Moraes Salles é identificado como portador das "virtudes inatas da raça" que nativizou o futebol no país. Mas qual "raça" teria feito isso? O grande craque do passado se enquadrava muito bem na tipologia da mítica "raça bandeirante". De fato, a família Moraes pertencia a antigo tronco familiar de mamelucos paulistas, estavam perfeitamente listados na *Genealogia paulistana*. Rubens era filho de um fazendeiro de Campinas e tinha ligações diretas de parentescos com as famílias Almeida Prado, Guimarães e Fernandes

Cantinho. Em grau mais afastado com os Campos Salles, Mesquita e Cerqueira Cesar. De fato, a expressão "futebol bandeirante" foi usada intensamente pela imprensa paulista entre as décadas de 30 e 50. Entretanto, aquele necrológio atribuiu as mesmas "virtudes inatas" a jogadores com origens diferentes. Sylvio Lagreca era de família italiana, Arthur Friedenreich descendia de alemães e africanos. Os tempos estavam mudados. Após as derrotas político-militares sofridas em 1930 e 1932, que centralizaram o poder na capital federal contra as pressões da oligarquia estadual, a ideia da raça bandeirante foi alargada, passou a incluir todos os nascidos no solo paulista, mesmo os filhos de estrangeiros.

Hoje, o distanciamento no tempo permite ao historiador olhar para o passado e reinterpretar a questão do "estilo brasileiro" independente das referências raciais tão em moda naquela época. Foi visto que os esportes nasceram na Europa como proposta de educação para os ambientes ao ar livre. Os estudantes europeus eram estimulados por pedagogos a formar equipes de jogos para o aprimoramento físico no tempo de lazer e a desenvolverem a autodisciplina em grupos de camaradagem. Os adolescentes ficavam monitorados à distância por professores e disputavam campeonatos regrados por ligas e federações. Desde os primeiros contatos com os esportes os jovens eram ensinados a evitar as atitudes "egoístas", a atuar em equipe com trocas de passes. Os improvisos eram censurados. Nos anos que antecederam à Primeira Guerra se acentuou a importância da prática esportiva como preparo para o combate, mais um motivo para elogiar os líderes de grupos e inibir o personalismo na formação dos jovens.

Na educação brasileira a preparação física dos adolescentes para a vida militar não era motivo de preocupação. O compromisso com os esportes esteve limitado às escolas particulares de maior porte e ausente das públicas. Os jovens que se apropriam do futebol nos campos informais visavam à diversão e não estavam sujeitos ao treinamento disciplinar, nem às orientações de qualquer entidade. Esses jogadores livres tinham os espetáculos como referência, eram incentivados a treinar lances de efeito e a desenvolver estilos pessoais que agradassem aos eventuais observadores. A transmissão dos valores importados via espetáculos, nos quais se exibiam os jogadores formados em escolas do exterior, esvaziou o conteúdo pedagógico original. Aqui a prática informal foi desconectada das vigilâncias censuradoras e isso abriu oportunidades para a criação de estilos locais.

Fontes

Livros e artigos

1o. Centenário do Conselheiro Antonio da Silva Prado. São Paulo: Grafica Revista dos Tribunaes, 1946.

AMARAL, Luiz F. *Minhas reminiscências no Club Athletico Paulistano*. São Paulo: Paulistano, 1977.

AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895–1915)*. 2.a ed. São Paulo: Carrenho Editorial, 2004.

BINZER, Ina von. *Os meus romanos*: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BREYER, Victor e COQUELLE, Robert. *Les rois du cycle*: comment sont devenus champions. Paris: E. Brocherioux, 1898.

CARDIM, Mário. *Guia do football*. 4ª. ed. São Paulo: Cardoso, 1906.

_____. A educação physica na Argentina e no Uruguay. *Annuario do ensino do Estado de São Paulo*, 1918, p. 186-211.

CHAVES, Maria P. *Os grandes esquecidos de um Brasil verdadeiro*. São Paulo: Liga Independente pela Liberdade, 1971.

CHAVES NETO, Elias P. *Minha vida e as lutas de meu tempo*: memórias. São Paulo: Alfa Omega, 1977.

CHÉRIÉ, Maurice. La vélocipédie. In: LEUDET, Maurice. *L'Almanach des sports, 1901*. Paris: Soc. d'Éditions Littéraires et Artistiques, 1901.

_____. Le cyclisme. In: LEUDET, Maurice. *L'Almanach des sports, 1899*. Paris: Paul Ollendorff, 1899.

CLUB ATHLETICO PAULISTANO. *Memorial sobre a reorganização do Club Athletico Paulistano, apresentado pela Directoria à assembleia geral extraordinária, dia 3 de abril de 1917*. São Paulo: CAP, 1917.

_____. *Relatório dos trabalhos sociaes correspondendo ao biênio 1917-1918*. São Paulo: CAP, 1918.

COUBERTIN, Pierre de. L'Education Anglaise. *La Réforme Sociale*, 13: 632-652, 1887.

_____. *L'Education en Angleterre:* collèges et universités. Paris: Hachette, 1888.

_____. *L'Education Anglaise en France*. Paris: Hachette, 1889.

_____. Notes sur le football. *La Nature*. 25 (1): 362-366, 1897.

_____. *Notes sur l'éducation publique*. Paris: Hachette, 1901.

_____. Une Olympie moderne: V. Les spectateurs. *Revue Olympique*, 50: 26-28, 1910.

_____. Décoration, pyrotechnie, harmonies, cortèges : essai de ruskinianisme esportif. *Revue Olympique*, 11 (64): 54-59, (65): 71-76, (67): 106-110, (68): 122-124, (70): 149-153, 1911.

_____. Le sport et la question sociale. *Revue Olympique*, 92: 120-123, 1913.

_____. La superiorité du football. *Revue Olympique*, 101: 67-69, 1914 (1872).

_____. *Pédagogie sportive*. Paris: Vrin, 1972 (1921).

_____. L'amaterisme. *Revue Olympique*, 116-117: 412-415, 1977.

_____. *Ideario Olimpico*: Discursos y Ensayos. Madrid: Instituto Nacional de Educacion Fisica, 1973.

_____. Le sport a-t-il besoin de spectateurs? *Revue Olympique*, 225: 382-384, 1986.

FIGUEIREDO, Antonio. *Historia do football em São Paulo*. Seção de Obras d'O Estado de São Paulo, 1918.

_____. *Memórias de um jornalista*. São Paulo: UNITAS, 1933.

LEME, Luiz G. S. *Genealogia paulistana*. São Paulo: Duprat & Comp., 1903. 9 v.

LOBATO, Monteiro. Futebol. In: *Literatura do minarete*. São Paulo: Globo, 2008, p. 159-164.

In Memorian: Martinho Prado Junior, 1843-1943. São Paulo: Elvino Pocai, 1944.

MATOSO, Luiz (Feitiço). Um pouco da história vivida. In: *Memória urbana*: a grande São Paulo até 1940, v.1. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2001, p. 119-121.

MOTTA, Heloisa A. L. *Uma menina paulista*. São Paulo: s. ed., 1992.

OTÁVIO, Laura. O. R. *Elos de uma corrente, seguidos de outros elos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

PINTO, Alfredo M. *A cidade de São Paulo em 1900*. São Paulo: Governo do Estado, 1979.

PENTEADO, Yolanda. *Tudo em cor-de-rosa*. São Paulo: Aurora, 1976.

PRADO, Maria N. *Antonio Prado no Império e na República*: seus discursos e actos colligidos e apresentados pela sua filha. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1929.

REICHEL, Frantz. Le football. In: LEUDET, Maurice. *L'Almanach des sports, 1901*. Paris: Soc. d'Éditions Littéraires et Artistiques, 1901, p. 363-380.

Resumo histórico do Club Athletico Paulistano. São Paulo: Seção de Obras do Estado de São Paulo, 1918.

SANT'ANNA, Leopoldo. *O football em São Paulo*. São Paulo: Piratininga, 1918.

_____. *Veteranos e campeões*. São Paulo: Idar, 1924.

_____. *Supremacia e decadência do futebol paulista*. São Paulo: Instituto D'Anna Rosa, 1925.

SOUSA, Everardo V. P. A Paulicéia há sessenta anos. *Revista do Arquivo Municipal*, 111: 53-65, 1946.

_____. Reminiscências acadêmicas, 1887-1891. In: MOURA, Carlos E. M. (org.) *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Ateliê Ed.: Ed. UNESP: Imprensa Oficial: Secret. Cultura, 1998, p. 203-220.

SOUSA, Pedro L. P. *Meus cinquenta anos na Companhia Prado Chaves*. São Paulo: Gráfica Revista dos Tribunais, 1950.

_____. *Casa Barão de Iguape*: recordação e revelação de São Paulo do século XIX. São Paulo: Carioca, 1959.

WEBER, Ernest. *Sports athleticos*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1910.

Periódicos

A Bicycleta (SP) – 1896.

A Cigarra (SP) – 1914-1917.

A Epoca (RJ) – 1912-1916.

A Noite (RJ) – 1911-1918.

A Platea (SP) – 1900-1906.

A Vida Moderna (SP) – 1907 e 1914-1916.

A Vida Paulista (SP) – 1903-1904.

A Vida Sportiva (SP) – 1903-1904.

Careta (RJ) – 1908.

Correio da Manhã (RJ) – 1914-1918.

Correio Paulistano (SP) – 1895-1918.

Fon-Fon (SP) – 1917.

Gazeta de Noticias (RJ) – 1910-1915.

Jornal do Brasil (RJ) – 1903-1914.

O Commercio de São Paulo (SP) – 1905-1906.

O Estado de São Paulo (SP) – 1895-1918.

O Imparcial (RJ) – 1912-1918.

O Malho (RJ) – 1906-1908.

O Paiz (RJ) – 1910-1918.

O Pirralho (SP) – 1913-1915.

Revista da Semana (RJ) –1907-1918.

Vida Paulista (SP) – 1903.

Manuscritos

NOBILING, Hans. *Primórdios e dados históricos da implantação do futebol em São Paulo*. Instituto Martius Staden, Pasta GIVfN19/137 (datilografado), s. d.

Planta do Velódromo Paulista. Arquivo Histórico de São Paulo Washington Luis. Obras particulares 81. São Paulo: PMSP, 1895, p. 88.

SOUSA, Pedro L. P. *Notas para o livro "História dos esportes em São Paulo"*, Instituto de Estudos Brasileiros, Acervo Caio Prado Júnior, Caixa 15, pacote 32.

Bibliografia

AGOSTINO, Gilberto. Nós e ellos, nosotros y eles. Brasil x Argentina: os inimigos fraternos. In: SILVA, Francisco C. T. e SANTOS, Ricardo P. (orgs.). *Memória social dos esportes. Futebol e política*: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2006, p. 55-80.

ANTUNES, Fátima M. R. F. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: FFLCH-USP, 1992.

_____. O futebol nas fábricas. *Revista USP*, 22: 102-109, 1994.

_____. Do velódromo ao Pacaembu: o movimento esportivo em São Paulo e a trajetória do futebol, de esporte de elite a paixão nacional. *Cidade*. São Paulo: DPH-PMSP, 5: 88-95, 1998.

ARAÚJO, José R. C. *Imigração e futebol*: o caso Palestra Itália. São Paulo: Sumaré: FAPESP, 2000.

ARCHETTI, Eduardo P. El potrero y el pibe. Territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. *Horizonte Antropológicos*, 14 (30): 259-282, 2008.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ARNAUD, Pierre (org.). *Les origines du sport ouvrier em Europe*. Paris: L'Harmattan, 1994.

_____. *Les athlètes de la République*: gymnastique, sport et idéologie républicaine, 1870/1914. Paris: L'Harmattan, 1997.

_____. Sport and international relations before 1918. In: ARNAUD, Pierre e RIORDAN, James (org.). *Sport and international politics*. London: Spon Press, 1998.

AZEVEDO, Fernando. *A evolução do esporte no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

BAKER, Norman. Whose hegemony? The origins of the amateur ethos in nineteenth century English society. *Sport in History*, 24 (1): 1-16, 2004.

BAKER, William J. The making of a working-class football culture in Victorian England. *Journal of Social History*, 13 (2): 241-251, 1979.

_____. *Playing with God*: religion and modern sport. Cambridge (MA): Harvard University Press, 2007.

BARBUY, Heloisa. *A cidade-exposição*: comércio e cosmopolitanismo em São Paulo, 1860-1914. São Paulo: EDUSP, 2006.

BERRIEL, Carlos E. O. *Tietê, Tejo e Sena*: a obra de Paulo Prado. Campinas: Papirus, 2000.

BLAY, Jean-Pierre. Les élites urbaines et le monde hippique dans le ville de Rio de Janeiro (1848-1932). *Revue D'Histoire Moderne et Contemporaine*, 46 (3): 514-531, 1999.

BOLSMANN, Chris. South African Football Tours at the Turn of the Twentieth Century: Amateurs, Pioneers and Profits. *African Historical Review*, 42 (1): 91-112, 2010.

BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. Do vazio à reforma escolar moderna: a história da educação como um fardo na Cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BORDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-153.

BRAILSFORD, Dennis. Sporting days in eighteenth century England. *Journal of Sport History*, 9 (3): 41-54, 1982.

BRANDÃO, Ignácio L. *Club Athletico Paulistano*: corpo e alma de um clube centenário, 1900-2000. São Paulo: CAP, 2000.

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*: a máscara e a vertigem. Lisboa: Cotovia, 1990.

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial*: memória do futebol brasileiro. São Paulo: IBRASA, 1990.

CAMPOS, Alzira L. A. População e sociedade em São Paulo no século XIX. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 15-55.

_____. Vida cotidiana e lazer em São Paulo oitocentista. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 251-305.

CAMPOS, Candido M. *Os rumos da cidade*: urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: SENAC, 2002.

CAMPOS, Eudes. São Paulo: desenvolvimento urbano e arquitetura sob o império. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 187-249.

_____. Chalés paulistanos. *Anais do Museu Paulista*, 16 (1): 47-108, 2008.

CATELLI, Rosana E. *A correspondência da família Pacheco e Chaves*: uma análise das práticas femininas da elite paulista, 1890-1930. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Campinas: IFCH-UNICAMP, 1997.

CECCHI, Ana V. Esfera pública y juegos de azar: del meeting contra el juego al allanamiento de domicilio privado. Prensa, parlamento y politicía em Buenos Aires (1901-1902). *Cuadernos de Antropologia Social*, 32: 169-194, 2010.

_____. *La Timba como rito de passaje*: la narrativa del juego em la construcción de la modernidade porteña (Buenos Aires, 1900-1935). Buenos Aires: Biblioteca Nacional: Teseo, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

Club Atlhetico Paulistano: um clube que cresceu com a cidade. São Paulo: CAP, 1970.

CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001.

COSTA, Cassio. *O turfe de outrora*. Rio de Janeiro: Vida Turfísta, 1961.

COSTA, Emília V. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. *Revista de História*, 142-143: 277-308, 2000 (1953).

COSTA, Lauro. *O alvorecer do automóvel em Piratininga*: breves notas sobre veículos e transportes de São Paulo. São Paulo: Gráfica Biblos, 1956.

CSERGO, Julia. Extensão e mutação do lazer citatino, Paris, século XIX: princípio do século XX. In: CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 139-202.

D' ÁVILA, Luiz F. *Dona Veridiana*: a trajetória de uma dinastia paulista. São Paulo: A Girafa, 2004.

D'INCAO, Maria A. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 223-240.

DA MATTA, Roberto et al. *Universo do futebol*: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DA MATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, 22: 10-17, 1994.

_____. *Carnavais, malandros e heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. *A casa e a rua*: espaço, cidadania e morte no Brasil. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DA MATTA, Roberto e SOÁREZ, Elena. *Águias, burros e borboletas*: um estudo antropológico do jogo do bicho. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DAVIS, Darién J. British football with a Brazilian beat: the early history of national pastime (1894-1933). In: MARSHALL, Oliver (org.). *English-speaking communities in Latin America*. London: MacMillan, 2000, p. 261-284.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEFRANCE, Jacques. Se fortifier pour se soumettre? In: POCIELLO, Christian. *Sports et société*: approche socio-culturelle des partiques. Paris: Vigot, 1981, p. 75-84.

_____. *L'Excellence corporelle*: la formation des activités physiques et sportives modernes (1770-1914). Rennes: Presses Universitaires, 1987.

_____. Sociologie du sport. Paris: La Découverte, 1995.

DELETANG, Bernard. Le mouvement sportif ouvrier: La République à l'épreuve du socialisme. In: ARNAUD, Pierre (org.). *Les athlètes de la République: gymnastique, sport et idéologie républicaine, 1870/1914*. Paris: L'Harmattan, 1997, p. 341-357.

DINE, Philip. *French rugby football*: a cultural history. New York: Berg, 2001.

DUARTE, Luiz C. *Friedenreich*: a saga de um craque nos primeiros tempos do futebol brasileiro. São Caetano do Sul (SP): Casa Maior, 2012.

DUNNING, Eric *Sport matters*: sociological studies of sport, violence, and civilization. London: Routledge, 1999.

DUNNING, Eric e CURRY, Graham. Escolas públicas, rivalidade social e o desenvolvimento do futebol. In: GEBARA, Ademir e PILATTI, Luiz A. (orgs.). *Ensaios sobre história e sociologia nos esportes*. Jundiaí (SP): Fontoura, 2006, p. 45-76.

DUNNING, Eric e MALCOM, Dominic (orgs.). *Sport*: critical concepts in sociology. London: Routledge, 2003. 4v.

DUNNING, Eric e SHEARD, Kenneth. *Barbarians, gentlemen and players, second edition*: a sociological study of the development of rugby football. London: Routledge, 1979.

_____. La séparation des deux rugbys. Actes de la Recherche em Sciences Sociales, 79 (1): 92-107, 1989.

ELAZARI, Judith M. *Lazer e vida urbana*: São Paulo, 1850-1910. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: FFCLH-USP, 1979.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina*: um ensaio de história comparada (1850-2002). São Paulo: Editora 34, 2004.

FARIAS, Cláudia M. A introdução dos esportes no Rio de Janeiro. *Recorde: Revista de História do Esporte*. 2 (1), 2009.

FERREIRA. Antonio C. *A epopeia bandeirante*: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: UNESP, 2002.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses*: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira*: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, Mary Del e MELO, Victor A. (orgs.). *História do Esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009, p. 107-131.

_____. Esporte, cidade e modernidade: São Paulo. In: MELO, Victor A. (org.). *Os sports e as cidades brasileira*s: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicui, 2010, p. 49-70.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Global, 2004.

GAMA, Annibal. *Turf*: hipódromos, carreiras, haras. Rio de Janeiro: s. ed., 1944.

GEBARA, Ademir e PILATTI, Luis A. (orgs.) *Ensaios sobre história e sociologia nos esportes*. Jundiaí (SP): Fontoura, 2006.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol*: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GIULIANOTTI, Richard e WILLIAMS, John. *Game without frontiers*: football, identity and modernity. Hants (UK): Arena, 1994.

GOLDBLATT, David. *The ball is round*: a global history os soccer. New York: Riverhead Books, 2008.

GONÇALVES, Vergniaud C. *A primeira corrida na América do Sul*. São Paulo: Empresa das Artes, 1988.

GUEDES, Claudia. Changing the cultural landscape: English engineers, American missionaries, and the YMCA bring sports to Brazil: the 1870s to the 1930. *The International Journal of the Sport*. 25 (17): 2594-2608, 2001.

GUTTMANN, Allen. *From ritual to record*: the nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 2004.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente! Futebol*: a maestria brasileira de um legado britânico. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

HARE, Geoff. *Football in France*: a cultural history. Oxford: Berg, 2003.

HARGREAVES, John. *Sport, power and culture*: a social and historical analysis of popular sports in Britian. Cambridge: Polity Press, 1986.

HELAL, Ronaldo et al. *A invenção do país do futebol*: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 6a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HOLLANDA, Bernardo B. B. *O clube como vontade e representação*: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

HOLT, Richard. *Sport and the British*: a modern history. Oxford: Clarendon Press, 1989.

_____. Women, men and sport in France, c.1870-1914: an introductory survey. *Journal of Sport History*, 18 (1): 121-134, 1991.

_____. The historical meaning of amateurism: an outline. In: DUNNING, Eric e MALCOM, Dominic (orgs.). *Sport*: critical concepts in sociology. London: Routledge, 2003, p. 270-285.

_____. The amateur body and the middle-class man: work, health and style in Victorian Britain. *Sport in History*, 26 (3): 352-369, 2006.

HOMEM, Maria C. N. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Higienópolis*: grandeza de um bairro paulistano. 2a. ed. São Paulo: EDUSP, 2011.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2008 (1938).

INGLIS, Simon. *The football grounds of Great Britain*. London: Willow Books, 1987.

JANTZEN, René. *Sport et sacré*. Bordeaux: Presses Universitaires, 1992.

JESUS, Gilmar M. São Paulo: a cidade e o futebol. *Revista Digital*, 8 (46), 2002.

JORGE, Clóvis A. *Consolação*: uma reportagem histórica. São Paulo: PMSP, s. d. (col. História dos Bairros de São Paulo, 22).

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública*: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

LANFRANCHI, Pierre. Exporting football: notes on the development of football in Europe. In: GIULIANOTTI, Richard e WILLIAMS, John (orgs.). *Game without frontiers*: football, identity and modernity. Hants: Arena, 1994.

LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LEVI, Darrell E. *A família Prado*. São Paulo: Cultura 70, 1977.

LOPES, José S. L. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista USP*, 22: 64-83, 1994.

LOVE, Joseph. *A locomotiva*: São Paulo na federação brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. Autonomia e interdependência: São Paulo e a Federação Brasileira, 1889-1937. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. v. 8, 4ª. ed. São Paulo: Difel, 1985 p. 53-76.

LUCENA, Ricardo F. *O esporte na cidade*: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Tese (Doutorado em Educação Física). Campinas: FEF-UNICAMP, 2000.

MacALOON, John J. *This great symbol*: Pierre de Coubertin and the origins of the modern olympic games. London: Routledge, 2008.

MANDELL, Richard D. *Historia cultural del deporte.* Barcelona: Bellaterra, 2006.

MARINHO, Inezil P. *História da educação física e dos desportos no Brasil*. v. 2. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

MARINS, Paulo C. G. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, Fernando A. e SEVCENKO, Nicolau (orgs.). *História da vida privada no Brasil*. v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 131-214.

MARIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. 4a.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003 (1947).

MARTINS, José S. O imigrante brasileiro na São Paulo estrangeira. In: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo*. v.3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 153-213.

MATOS, Maria I. S. Na trama urbana: do público, do privado e do íntimo. *Projeto Históri*a, 13: 129-149, 1996.

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). *Ciclismo para todos*. São Paulo: Brasil, 1949.

_____. *História do futebol no Brasil, 1894-1950*. São Paulo: Leia, 1950.

MELO, Victor A. Possíveis representações sobre o turfe na sociedade carioca do século XIX. *Educación Fisica y Desportos*. 3 (9), 1998.

_____. *História da educação física e do esporte no Brasil*: panorama e perspectivas. 2a. ed. São Paulo: IBRASA, 1999.

_____. *Cidade esportiva*: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Dumará: FAPERJ, 2001.

_____. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). *Revista Brasileira de História*, 27 (54): 127-152, 2007.

_____. O automóvel, o automobilismo e a modernidade no Brasil (1891-1908). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 30 (1): 187-203, 2008.

_____. *Os sports e as cidades brasileiras*: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri: FAPERJ, 2010.

MELO, Victor A. e SCHETINO, André. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. *Revista Estudos Femininos*, 17 (1): 111-134, 2009.

MILLS, John R. *Charles Miller*: o pai do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2005.

MINCIOTTI, Alessandra N. *A prática do turnen na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). São Paulo: EEFE/USP, 2006.

MORAES, Carmen S. V. *O ideário republicano e a educação*: uma contribuição à história das instituições. São Paulo: FAPESP: Mercado de Letras, 2006.

MORAES, José G. V. *Sonoridades paulistanas*: final do século XIX ao início do século XX. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.

MORFORD, W. Robert e McINTOSH, Martha J. Sport and the vitorian gentleman. In: INGHAN, Alan G. e LOY, John W. (orgs.). *Sport in social development*: traditions, transitions, and transformations. Champaign (IL): Human Kinetics, 1993, p. 51-76.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*: espírito do tempo 1: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

MOTTA FILHO, Cândido. *A vida de Eduardo Prado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

MOUTINHO, José G. N. *Jockey Club de São Paulo*: 1875-1985, 110 anos. São Paulo: JCSP, 1986.

MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.

NAZZARI, Muriel. *O Desaparecimento do dote*: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEGREIROS, Plínio J. L. C. *Resistência e rendição*: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: PUC-SP, 1992.

_____. A cidade excludente e o clube do povo. *Revista de História*, 163: 207-242, 2010.

NICOLINI, Henrique. *Tietê*: o rio do esporte. São Paulo: Phorte, 2001.

PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania*: uma historia social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PETRONE, Maria T. S. *O Barão de Iguape*: um empresário da época da independência. São Paulo: Nacional, 1976.

POCIELLO, Christian. *Sports et société*: approche socio-culturelle des partiques. Paris: Vigot, 1981.

PORTER, Roy. Os ingleses e o lazer. In: CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 21-58.

PRONI, Marcelo W. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp, 2000.

PRONI, Marcelo W. e LUCENA, Ricardo F. (orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.

QUEIROZ, Maria I. P. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. v. 8, t. 3. São Paulo: Difel, 1985, p. 153-190.

_____. Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário. *Revista da USP*, 13: 79-87, 1992.

RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo*. v.3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 387-435.

REIS FILHO, Casemiro. *A educação e a ilusão liberal*: origens da escola pública paulista. Campinas: Autores Associados, 1995.

REIS FILHO, Nestor G. *São Paulo e outras cidades*: produção social e degradação dos espaços urbanos. São Paulo: Hucitec, 1994.

REIS, Heloisa H. B. Lazer e esporte: a espetacularização do futebol. In: BRUHNS, Heloisa T. (org.). *Temas sobre lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 131-143.

RENSON, Roland. Fair play: its origins and meanings in sport and society. *Kinesiology*, 41 (1): 5-18, 2009.

RIBAS, M. G. *História do Esporte Clube Pinheiros*. São Paulo: ECP, 1968.

RICOEUR, Paul. A crise da consciência histórica e a Europa. *Lua Nova*, 33: 87-95, 1994.

_____. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas (SP): UNICAMP, 2007.

RISÉRIO, Antônio. A escola brasileira de futebol. In: *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 299-323.

RITCHIE, Andrew. *King of the road*: a illustred history of cycling. London: Wildwood House, 1975.

_____. The Origins of bicycle racing in England. *Journal of Sport History*, 26 (3): 489-520, 1999.

_____. The League of American Wheelmen, Major Taylor and the 'Color Question' in the United Satates in the 1890s. In: MANGAN, J. A. e RITCHIE, Andrew (orgs.). *Ethnicity, Sport, identity*: struggles for status. London: Routledge. 2005, p. 13-43.

ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: EDUSP: EDUNICAMP: Perspectiva, 1993.

SANTOS NETO, José M. *Visão de jogo*: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SANTOS, Newton C. O. *Brasil x Argentina*: histórias do maior clássico do futebol mundial (1908-2008). São Paulo: Scortecci, 2009.

SANTOS, Ricardo P. *Futebol e história*: uma jogada da modernidade. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2008.

SANTOS, Tarcyane C. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas*: paixão, rito e magia no futebol. São Paulo, Annablume, 2004.

SARMENTO, Carlos E. *A regra do jogo*: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2006.

SCHETINO, André M. Pedalando na modernidade: a bicicleta e o ciclismo no Rio de Janeiro e em Paris, na transição dos séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2004.

_____. A cidade dos cavalos de ferro. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 30: 24-27, 2008.

SETUBAL, Maria A. Famílias paulistas, famílias plurais. In: _____ (org.). *Terra paulista*: histórias, arte, costumes. São Paulo, CENPEC: Imprensa Oficial, 2004, p. 51-87.

SILVA, Marcelino R. *Mil e uma noites de futebol*: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SLIMANI, Hassen. La profissionnalisation du football française: un modèle de dénégation. Thése (Doctorat en Sociologie). Nantes: FLSH/UN, 2000.

SOARES, Carmen L. Imagens do corpo ”educado”: Um olhar sobre a ginástica do século XIX. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). *Pesquisa histórica na Educação Física*. v. 2. Vitória: UFES, 1997, p. 5-32.

_____. *Imagens da educação no corpo*: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 3a. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. *Educação Física*: raízes europeias e Brasil. 4a. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 2007.

_____. Da arte e da ciência de movimentar-se: primeiros momentos da ginástica no Brasil. In: PRIORE. Mary Del e MELO, Victor A. (orgs.) *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009, p. 133-178.

SOUZA, Rosa F. *Templos de civilização*: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.

SULLIVAN, Sean P. e MECHIKOFF, Robert A. A man of this time: Pierre de Coubertin's Olympic ideology and the via media. *Olympia: The International Journal of Olympic Studies*. 13: 27-52, 2004.

SZYMANSKI, Stefan. A theory of the evolution os modern sport. *Journal of Sport History*, 35 (1): 1-32, 2008.

SZYMANSKI, Stefan e ZIMBALIST, Andrew. *National pastime*: how americans play baseball and the rest of the world plays soccer. Washington: Brookings Institution Press, 2006.

TESCHE, Leomar. *O turnen, a educação e a educação física nas escolas brasileiras do Rio Grande do Sul*: 1852-1940. Ijuí (RS): Unijuí, 2002.

TOLEDO, Luiz H. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2002.

TRIGO, Maria H. B. *Os paulistas de quatrocentos anos*: ser e parecer. São Paulo: Annablume, 2001.

ULMANN, Jacques. *De la gymnastique aux sports modernes*. Paris: Vrin, 1982.

VAZ, Maria L. A. *Mulheres da elite cafeeira em São Paulo*: conciliação e resistência, 1890-1930. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: FFLCH-USP, 1995.

VIANNA, Alceu M. *Germania, Pinheiros*: IX décadas. São Paulo: E.C.P.: Alamenda, 1992.

VIGARELLO, Georges. O tempo do desporto. In: CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 231-262.

_____. *Du jeu ancien au show sportif*. Paris: Seuil, 2002.

_____. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 25 (1): 9-20, 2003.

VIGARELLO, Georges e HOLT, Richard. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain et al. (orgs.) *História do corpo*. v. 2, Petrópolis: Vozes, 2008, p. 375-478.

WAHL, Alfred. Le footballeur français: de l'amateurisme au saliriat (1890-1926). *Le mouvement social*, 135 (2): 7-30, 1986.

_____. *Les archives du football*: sport et societé en France, 1880-1980. Paris: Gallimard-Julliard, 1989.

_____. *Historia del fútbol*: del juego al deporte. Barcelona: Grupo Zeta, 1998.

WEBER, Eugen. Pierre de Coubertin et les débouts de l'organisation du sport em France. *Revue Olympique*, 34-35: 355-363, 1970.

_____. Coubertin et le sport en France. *Revue Olympique*, 36: 461-469, 1970; 40-41: 64-69; 42: 149-155, 1971.

_____. La gymnastique et le sport em France à la fin du siècle dernier. *Revue Olympique*, 52: 26-40; 53-54: 102-14; 55: 153-164, 1972.

_____. *França fin de siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WITTER, José S. e MEIHY, José C. S. B. (orgs.). *Futebol e cultura*: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.